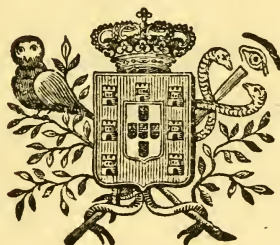
ANNAES
DA
MARINHA PORTUGUEZA

POR

IGNACIO DA COSTA QUINTELLA,

Vice-Almirante da Armada Real, Conselheiro d'Estado Honorario, Conselheiro do Real Conselho da Marinha, e Socio Honorario da Academia Real das Sciencias.

TOMO I.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1839.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA

SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1835.

Determina a Academia Real das Sciencias, que sejão impressos á sua custa, e debaixo do seu privilegio, os Annaes da Marinha Portugueza, *que lhe forão apresentados pelo seu Socio Honorario Ignacio da Costa Quintella.*

Joaquim José da Costa de Macedo,

Secretario Perpetuo da Academia.

PREFAÇÃO.

Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem
Cogitat.
Horacio.

Todos conhecem a necessidade de huma Historia completa da nossa Marinha, que tamanho brado deu no Mundo, e tamanhos serviços fez ao genero humano, reunindo as Nações habitadoras dos extremos do Globo, pela Navegação, e Commercio maritimo, e fazendo-as communicar-se humas ás outras os seus conhecimentos, e as suas riquezas; revolução admiravel, que mudou a face do Orbe!

Ainda que os Historiadores, que escrevêrão a Historia Geral da Marinha de todos os Povos, comprehendêrão a de Portugal, foi de hum modo tão resumido, ou tão defectivo em factos essenciaes, que deixárão muito a desejar: accrescendo a isto os aleives que alguns nos assacárão, copiando-os ás cegas de Memorias apaixonadas, e fallazes de Estrangeiros interessados em menoscabar a nossa gloria. Da Historia das Viagens emprehendidas por ordem da Companhia da Hollanda sahirão quasi todas estas imputações, humas atrozes, outras absurdas; mas quando eu tratar das

nossas admiraveis Conquistas na Asia, porei em toda a sua luz esta verdade servindo-me em parte para demonstra-la daquella mesma Historia, e então alguns celebres Navegantes do Norte, que os seus Compatriotas levantárão até ás nuvens, como se forão novos Gamas, e Albuquerques, descerão a occupar o lugar, que lhes pertencer.

Igualmente demonstrarei, que das tres Nações, Portugueza, Hollandeza, e Ingleza, que invadírão, e conquistárão huma boa porção da Asia; foi a Portugueza a que menos opprimio os Povos daquella riquissima parte do Mundo, ainda que commetteo vexames, e violencias, que a Justiça imparcial condemna.

Para dar algumas luzes a quem, com menos idade, melhor saude, e mais conhecimentos do que eu, intentar fazer a Portugal o relevante serviço de escrever a sua Historia Naval, reuni nestas Memorias quanto achei espalhado por huma multidão de Authores, que ex professo, ou accidentalmente tratárão dos fastos da nossa Marinha, confrontando huns com outros, e escolhendo nos pontos controversos (que não são poucos) o que me pareceo mais provavel.

Como não possuia a maior parte dos livros, que era forçoso consultar, vali-me de alguns amigos, e a estes, e mais que a todos ao meu erudito Consocio o Senhor Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá devo tributar justos agradecimentos; porque não só me emprestou quantos tinha, e quantos pôde adquirir, mas empregou nesta diligencia tal efficacia, e zelo, que se poderá igualar, porêm nunca exceder.

Dividi em tres Partes estas Memorias: na primeira Parte, que consta de tres Memorias, exponho as Guerras, Conquistas, e Viagens dos Portuguezes na Europa, na America, e na Africa Occidental até ao Cabo de Boa Esperança. Na segunda Parte, que con-

sta de quatro Memorias, comprehendo os mesmos objectos relativamente á Asia, e Africa Oriental. Na terceira explico o Governo Politico, Administrativo, e Economico da nossa Marinha em Portugal, e suas Conquistas.

ANNAES DA MARINHA PORTUGUEZA.

PARTE PRIMEIRA.

MEMORIA PRIMEIRA.

Desde o anno de 1095 *até* 1481. *Governo do Conde D. Henrique, e Reinado d'ElRei D. Affonso I.*

Pelos annos de 1095, ou 1096, começou o Conde D. Henrique, Principe da Casa de Borgonha, a governar o Estado de Portugal, que lhe cedeo, com independencia da sua Coroa, o Rei de Castella D. Affonso VI., havendo-o ja casado com sua filha a Rainha D. Tereja, em recompensa dos assignalados serviços, que lhe fizera nas guerras contra os Mouros. Coimbra, Lamego, Viseu, Porto, Braga, Guimarães, e as terras entre Douro, e Minho, Beira, e Tras dos Montes, arrancadas ao jugo Mahometano, compunhão este pequeno Estado, que espantou depois o Mundo com as suas Navegações, e Conquistas.

Posto que as nossas Historias não fallem de arma-

mentos navaes no Governo do Conde D. Henrique, e mui poucos refirão no de seu filho D. Affonso I., he comtudo evidente que estes dois grandes Principes armassem algumas Galés, para defenderem as Costas maritimas dos seus Estados, que devião ser de continuo infestadas dos Mouros da Barberia, e dos que occupavão a melhor parte do litoral da Peninsula. Qual fosse a força desta Marinha, e o systema do seu governo, he incerto. Hum dos nossos melhores Antiquarios (1) affirma que a Marinha fôra successivamente crescendo desde aquella primeira época, até ao Reinado de D. Diniz; e tivera neste meio tempo alguns Almirantes (que não noméa), anteriores a Manoel Paçanha, Fidalgo Genovez, o primeiro que obteve este Cargo de juro, e herdade, como direi quando chegar ao Governo daquelle celebrado Monarcha.

Antes de entrar na exposição dos factos historicos, creio indispensavel explicar a qualidade das embarcações, que se empregavão na guerra, e a Tactica Naval que dirigia as suas operações.

Anteriormente á invenção da polvora, e emprego da artilharia no mar, emprego que alguns affirmão se deve aos Portuguezes, os verdadeiros navios de guerra erão as Galés, e Galeotas, que se manobravão com remos, e vélas triangulares, ou Latinas. A construcção destas embarcações parece bem apropriada para o uso das armas, que então se praticava. Como os remeiros estavão descobertos aos tiros do inimigo, imaginarão-se dois castellos nos extremos da Galé (as Galeotas não os tinhão): no castello de popa accommodavão-se os primeiros Officiaes, e os segundos no de proa; e este era o mais forte. Em acção de combate, ambos se

(1) Manoel Severim de Faria, Noticias de Portugal, Discurso 2.º §. 13.

guarnecião de soldados, os melhores no castello davante, para arremessarem sobre os inimigos as armas missivas d'aquelle tempo, dardos, lanças, setas, pedras, e materias incendiarias para pegarem fogo no velame, e enxarcias do seu contrario. Na construcção do casco, a proa era tambem a parte mais forte, e armava-se o beque (mais baixo, á proporção da altura do castello) com hum talhamar, ou esporão de metal rijo.

A Galé tinha dois mastros, que se abatião, e huma véla Latina em cada hum, a que se dava o nome de *bastardos*; e era commummente de vinte cinco a trinta bancos, cada hum com dois ou tres remos, e dois ou tres homens a cada hum: tinha de duzentos a duzentos e cincoenta palmos de comprimento, trinta de bocca, e dez de pontal (1). A Galeota levava hum só mastro, e dezeseis bancos de remeiros.

As equipagens das Galés compunhão-se de soldados (que se chamavão *homens de armas*), de poucos marinheiros, e dos remeiros necessarios: estes forão no principio tirados da classe dos pescadores, e barqueiros, para o que estavão todos matriculados, com seus Officiaes, a que chamavão *Vintaneiros*, e quando as Galés se armavão, de cada vinte homens tomava-se hum para o remo (2). Depois empregavão-se tambem neste serviço os criminosos condemnados por sentença, e os prisioneiros de guerra, que naquelles seculos, e nos posteriores se chamavão cativos, e na realidade o erão, pois se resgatavão por dinheiro, ou dando outros cativos em seu lugar.

O modo mais usual de huma Galé combater contra outra, era apresentando-lhe constantemente a proa

(1) Antonio do Couto, Memorias Militares, tomo 1.°, pag. 278, e seguintes.

(2) Noticias de Portugal, Discurso 2.°, §. 14.

de maneira, que os seus remeiros ficassem á coberto dos tiros; e ás vélas estavão carregadas, para evitar a maior facilidade de serem incendiadas, e para poder investir, e abalroar o inimigo em algum momento opportuno, apezar de vento contrario: por quanto os combates erão quasi sempre a remos, e a chusma (nome que se dava aos remeiros) remava com extraordinario vigor nas occasiões em que importava fazer algum movimento decisivo, sobre tudo porque os Comitres não poupavão os castigos, e mesmo golpes mortaes naquelles em quem suspeitavão traição, ou má vontade, se a chusma se compunha de condemnados, ou prisioneiros, cujo interesse estava em serem tomados. A habilidade da manobra nestes combates singulares consistia em abalroar a Galé inimiga em huma linha obliqua, ou perpendicular ao meio do costado, de que no primeiro caso resultavão duas vantagens; huma de quebrar-lhe os remos d'aquelle lado, e destruir-lhe a chusma, que ficava exposta aos tiros mergulhantes dos castellos; a outra, de poder-lhe lançar logo gente no convés, onde não havia quem defendesse a entrada, por não terem armas os remeiros. No segundo caso, o choque do talhamar, ou esporão, arrombava o costado da Galé, e se não a mettia a pique, como ás vezes acontecia, tirava-se a mesma vantagem de lhe matar, e ferir os remeiros com os tiros do castello de proa, e de abordar pelo centro.

Tambem succedia ás vezes armarem-se em guerra os navios redondos, conhecidos pelo nome generico de Náos, fossem grandes, ou pequenos. A construcção destes era a mais torpe, e defeituosa: o casco mui curto, e alteroso, e o tombadilho, e castello de proa de bastante elevação; o mastro da mesena pouco maior que o mastro de huma lancha, com huma velinha triangular; o mastro grande, e o do traquete terião suffi-

ciente altura, se levassem mastareos de gavea, que nesses tempos ainda se não conhecião. O gurupés, quasi tão alto como o mastro do traquete, e fazendo com a quilha hum angulo de mais de 45°, sustentava huma verga pouco menor que a deste. Assim o velame destes navios reduzia-se a tres vélas redondas, e huma Latina. He evidente, que similhantes maquinas não podião ter a mobilidade necessaria para manobrar na presença das Galés, que pela sua agilidade, e auxilio dos remos, tomavão todas as direcções que lhes convinha, a despeito dos ventos, huma vez que o mar as não embaraçasse.

As Esquadras navegavão em huma, ou muitas columnas, segundo o numero das Galés de que se compunhão. O lugar do General, ou Almirante era no centro da linha, ou esta fosse linha de marcha, ou de batalha: se navegava em duas columnas, era a sua a de barlavento; e a do centro, se navegava em tres columnas. De dia trazia sempre a sua bandeira larga, e de noite farol na pôpa, como signaes constantes de direcção. Os combois navegavão a sotavento, ou a barlavento da Esquadra, segundo as circunstancias.

Na presença do inimigo, as Esquadras formavão-se em linha de travez, isto he, todas as embarcações ficando com as proas voltadas para o inimigo, deixando só entre si o intervallo necessario para que os remos de humas não embaraçassem os das outras, e para que as Galés inimigas não podessem introduzir-se no meio dellas; porque a Galé investida por ambos os lados, ou por hum lado, e ao mesmo tempo pela proa, ou pôpa, rarissima vez escapava de ser tomada.

Se huma Esquadra em linha de batalha igualava em extensão a sua contraria, a vantagem era igual, supposta a igualdade das embarcações, e equipagens: mas quando huma Esquadra excedia a outra em nume-

ro de Galés, destacava as que lhe erão desnecessarias na linha, para atacarem o inimigo pelos flancos, ou retaguarda, ou por ambas as partes ao mesmo tempo, e em qualquer destes casos, a Esquadra assaltada de frente, e de flanco, ou de revez, estava perdida.

Para obviar a tão graves inconvenientes, os Generaes collocavão sempre algumas Galés atrás dos seus flancos, que os cobrissem dos assaltos do inimigo; operação em que empregavão as mais pequenas.

A linha de batalha formava-se algumas vezes em meia lua; methodo bom quando a Esquadra excedia muito a sua inimiga, porque a cercava desde o principio da acção; ainda tinha seus inconvenientes, e era pessimo em forças iguaes.

O principio fundamental da Estrategia Naval, era o mesmo que hoje; cortar huma parte da linha inimiga, e cerca-la com forças superiores para a destruir facilmente; isto em quanto ao ataque, e na defensiva tomar huma posição, ou formatura tal, que evitasse aquella catastrofe, ou a fizesse reverter em damno do seu inimigo.

Algumas evoluções, que hoje são difficeis de executar na presença do inimigo, e pedem muito tempo, e circunstancias particulares, erão então faceis; porque as Galés, combatendo, e manobrando a remos, podião chegar-se ao vento, e tomar a direcção que quizessem.

Naquelle antigo modo de combater, erão quasi sempre desastrosas as retiradas feitas na presença de hum inimigo audaz, e vencedor, excepto quando hum vento favoravel dava meios ao vencido de retirar-se em columna cerrada, ou de dispersar-se em differentes direcções ao favor da noite. A razão era, porque em huma retirada feita a remos, a diminuição das chusmas não permittia que as Galés desbaratadas navegassem reunidas, e com a velocidade que cumpria; e assim ti-

nhão os inimigos tempo folgado para as cercar, e render.

Estes principios devião ser familiares aos bons Generaes daquelles seculos, por se deduzirem da boa razão, e dos exemplos das batalhas navaes dos Carthaginezes, Gregos, e Romanos, que pouco differião dos Portuguezes nas armas, e construcção dos navios antes da invenção da polvora, e do uso da artilheria, que fez perder ás Galés a sua importancia absoluta, como navios de guerra, e só lhes deixou alguma importancia relativa até certo tempo, segundo as Costas ou mares em que se empregavão.

Não sendo da minha intenção escrever hum Tractado de Tactica Naval antiga, creio ter dito quanto basta para se entenderem melhor os nossos Historiadores, e os factos narrados nestas Memorias.

No anno de 1112 falleceo o Conde D. Henrique, a quem succedeo seu filho D. Affonso I. (então menino), Principe igualmente Guerreiro, Politico, e Patrono dos homens de genio, cujo longo Reinado foi huma serie de conquistas, e victorias gloriosas, que não me pertence relatar; porêm não esquecerei, que em 1160 foi a celebre jornada do Judeo Hespanhol Benjamim Tudela, o qual partindo de Hespanha por terra, visitou muitas Provincias da Asia, e regressou á Europa no anno de 1173, enchendo de assombro os seus contemporaneos, e deixando espalhadas as sementes do gosto das viagens, que depois fructificarão tanto na Peninsula.

1180 — Achando-se em Coimbra o celebre D. Fuas Roupinho, hum dos mais intrepidos, e piedosos Cavalleiros do seu tempo, soube ElRei que andava huma Esquadra de Galés Mouriscas interceptando as communicações maritimas de Lisboa (1), e encarregando D.

(1) Para formar a relação destas tres batalhas, consultei a Monar-

Fuas do importante serviço de as expulsar das Costas do Reino, o mandou a esta Cidade com ordens para se aproptarem as embarcações necessarias, e com ellas partio D. Fuas a buscar os inimigos, que encontrou sobre o cabo de Espichel, onde cruzavão. A 15, ou 29 de Julho (nisto varião os Escritores) se atacárão as duas Esquadras, e abordando-se valorosamente as Galés de huma e outra Nação, segundo o systema daquelle tempo, forão tomadas, e trazidas a Lisboa todas as dos Mouros, com morte do seu Almirante, em cujo nome varião os mesmos Escritores.

Reparada a Esquadra victoriosa, e provavelmente augmentada com as Galés apresadas, segunda vez sahio D. Fuas Roupinho a correr as Costas de Portugal, e do Algarve, e não encontrando inimigos, que devião ficar escarmentados da antecedente derrota, embocou o Estreito de Gibraltar, e entrou na Bahia de Ceuta, onde se demorou dois dias, apresando quantas embarcações inimigas achou alli surtas, que conduzio a Lisboa.

1182 — Sahio D. Fuas do Porto desta Cidade a fazer terceira campanha contra os inimigos da sua Patria, e Religião, com huma Esquadra de vinte e huma Galés; e cruzando na Costa do Algarve, lhe deu hum Ponente rijo, que o forçou a entrar pelo Estreito, como de ordinario acontece naquella paragem em principios de Inverno, e a 17 de Outubro se achou defronte de Ceuta na presença de huma Armada de cincoenta e quatro Galés, que os Mouros com muita antecipação tinhão chamado de varios Portos, e reunido naquelle para o virem buscar; e a fortuna, a cujo imperio tudo

chia Lusitana, tomo 3.º, L.º 11, Cap.os 31, e 33 — Duarte Nunes de Leão, Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques — Viegas, Principios del Reino de Portugal, pag. 232 — Anno Historico, tomo 2.º, pag. 425 — Acenheiro, Chronicas dos Reis de Portugal, Capitulo 8.º

obedece, lhes poupava agora esse trabalho. D. Fuas, que não via Porto, em que recolher-se, nem outra alternativa, que a fuga, ou a peleja, escolheo esta, resoluto a morrer como até alli vivera. O combate foi desesperado, como devia esperar-se do caracter do General, e dos soldados Portuguezes daquelle seculo, onde o valor era a primeira, e quasi a unica qualidade que se exigia dos homens. He lastima, que se ignorem as circunstancias desta memoravel batalha! Nella acabou D. Fuas Roupinho, e se perdêrão onze Galés, salvando-se ainda as restantes para prova decisiva de que os vencedores ficárão tão derrotados como os vencidos.

He quanto pude descobrir de acções navaes no Reinado deste grande Monarcha, que falleceo no anno de 1185, deixando o Throno a seu filho D. Sancho I.

Reinado d'ElRei D. Sancho I.

Este Principe teve talentos, e virtudes dignas do Throno; e em hum seculo de calamidades, de fomes, guerras, e pestes, não só mostrou o animo de hum grande Soberano, mas tambem os talentos de hum consummado Economista Politico; tal he o elogio, que lhe faz hum sabio Escritor Inglez, que não he prodigo de elogios (1).

Não achei memoria de outra expedição naval em todo o seu Reinado, que o cerco, e tomada de Silves, de que vou tratar (2).

(1) Clarke, The Progress of Maritime Discovery, Cap.º 1.º

(2) Vede Duarte Nunes de Leão, Chronica d'ElRei D. Sancho I. — Historia Geral das Viagens, tomo 2.º, L.º 22 — Brandão, Monarchia Lusitana, tomo 4.º, Cap.º 7.º, ainda que este Escritor não falla da Esquadra Portugueza, de que não teve noticia. — Acenheiro, Chronicas dos Reis de Portugal, Cap.º 9.º mas conta este facto no anno de 1189.

1188 — Esta Praça, huma das mais fortes do Algarve, foi cercada por ElRei a 21 de Julho com hum Exercito por terra, e por mar com huma Armada de mais de cincoenta navios Hollandezes, Flamengos, Alemães, e Dinamarquezes, que indo para o Mediterraneo, aportára a Lisboa, aonde os seus Generaes se concertárão com ElRei em lhe prestarem todo o auxilio para aquella empresa, dando-se-lhes todo o despojo, no caso da conquista. A este grande armamento reunirão os Portuguezes outro de quarenta Galés, e Galeotas, com muitos transportes de viveres, e munições. Silves, depôis de huma vigorosa defensa de mais de dois mezes, em que se empregárão todas as maquinas de guerra então usadas, e se derão muitos, e sanguinosos assaltos, capitulou no mez de Setembro, sahindo os Mahometanos com as vidas, e liberdade, que a generosidade d'ElRei lhes concedeu, ficando os estrangeiros com os despojos na fórma do seu contrato.

Falleceo D. Sancho I. no anno de 1211, deixando por seu testamento tão abundantes legados, que a somma delles deitaria hoje a mais de tres milhões, e meio de cruzados (1).

Reinado d'ElRei D. Affonso II.

Não encontrei nas nossas Historias expedição alguma, em que entrasse a Marinha deste animoso Monarcha; porque na de Alcacer do Sal apenas apparecêrão Esquadras estrangeiras; ao mesmo tempo, que parece incrivel, que ElRei não ajuntasse a ellas as suas embarcações de guerra.

Até esta época, todos os effeitos salvos de algum

(1) Vede Brandão, Monarchia Lusitana, tomo 4.º, Cap.º 35 — Duarte Nunes de Leão na Chronica deste Rei, de que parece não vio o testamento.

naufragio acontecido nas Costas de Portugal, erão tomados para a Fazenda Real; barbaridade que este Principe prohibio por huma lei (1).

Falleceo D. Affonso II. no anno de 1223.

Reinado d'ElRei D. Sancho II.

1240 — No Governo deste infeliz Monarcha, cujo caracter tem sido pintado com cores demasiadamente escuras, não achei mais transacções navaes, que o cerco, e tomada de Ayamonte, aonde se diz empregou todas as forças de mar e terra. (2).

No anno de 1246 foi a jornada de Carpini, que passou á Asia por terra, visitou muitas Provincias, e accrescentou interessantes noticias ás que Benjamim havia communicado á Europa (3).

Falleceo D. Sancho II. em 1248.

Reinado d'ElRei D. Affonso III.

No Governo deste Monarcha, dotado de huma alma vigorosa, e de grandes talentos politicos, não achei outras expedições maritimas, que o cerco de Faro (4), e a jornada de Sevilha (5).

1250 — Esta Praça, a mais forte do Algarve, foi

(1) Vede Monarchia Lusitana, tomo 4.°, L.° 13, Cap.° 21.

(2) Dita tomo 4.°, Cap.° 19.

(3) Neste tempo havia o singular costume (ou tributo) de darem os Judeos huma ancora, e huma amarra para cada Não, ou Galé, que ElRei armava. Monarchia Lusitana, tomo 5.°, L.° 16, Cap.° 12.

(4) Monarchia Lusitana, tomo 4.°, L.° 15, Cap.° 6.° — Acenheiro, Chronicas dos Reis de Portugal, Cap.° 13. — Duarte Nunes, Chronica de D. Affonso III.

(5) Monarchia Lusitana, tomo 4.°, pag. 199.

cercada por terra pelo Exercito, que ElRei commandava em pessoa; e da parte do mar a Esquadra Portugueza, occupando a entrada do Porto, evitava os soccorros que da Barberia poderião vir aos sitiados, os quaes capitulárão depois de animosa defensa.

1254 — Querendo ElRei satisfazer certa divida ao Mosteiro de Alcobaça, assignou-lhe para seu pagamento as rendas dos Portos de Selir, e Atouguia, provenientes do *azeite de balea* (1); o que prova estarem então as Pescarias em estado florecente.

1266 — Partio para Sevilha, com grandes forças de mar, e terra o Infante D. Diniz, para auxiliar a seu avô o Rei de Castella D. Affonso o Sabio, contra os Mouros de Africa, que havião feito huma invasão na Hespanha.

Falleceo D. Affonso III. em 1279.

Reinado d'ElRei D. Diniz.

Este grande Monarcha applicou toda a sua actividade a promover a prosperidade publica, e a augmentar a povoação interior, e maritima do seu Reino; e no espaço de dez annos fez de novo ou reparou mais de cincoenta Cidades, Villas, e Castellos (2). Huma destas Povoações de nova creação foi a Villa de Paredes em hum Porto deserto, mas vantajoso para o commercio, e pescarias, duas leguas ao Norte da Pederneira, cuja Villa durou até aos tempos d'ElRei D. Manoel, em que as arêas acabárão de sumir as casas, e de entulhar totalmente o Porto (3).

As jornadas por terra ao Oriente de Rubriquis, de Marco Paulo, e de seu pai, e tio, praticadas entre

(1) Monarchia Lusitana, tomo 5.°, L.° 16, Cap.° 5.°.
(2) Acenheiro, Chronica deste Rei.
(3) Monarchia Lusitana, tomo 5.°, L.° 16, Cap.° 51.

os annos de 1253, e 1295, cujas noticias escritas, ou verbaes se espalhárão pela Europa, despertando o espirito mercantil adormecido, e o gosto das descobertas, devião obrar fortemente sobre os Portuguezes, e attrahir toda a attenção de hum Principe do caracter, e talentos politicos de D. Diniz: assim consta, que elle creou estabelecimentos navaes nos Portos principaes de Portugal, e fez plantar o Pinhal de Leiria (1); além do melhoramento, que no seu tempo adquirio a construcção dos navios redondos, e da regularidade, e boa ordem que se introduzio no serviço, e disciplina maritima; consequencia natural do continuado exercicio das suas Esquadras, que não só guardavão as Costas do Reino, infestadas das Galés Africanas, e Granadinas, mas hião insultar os seus Portos, e interceptar-lhes o Commercio; sem nunca em todo o seu Governo haver paz com os Mahometanos (2).

Cumpre dizer em obsequio da verdade, que D. Diniz achou ja o Arsenal da Marinha de Lisboa, de que se ignora a fundação, porêm existia no tempo de ElRei D. Sancho II.; e que nelle ja se construião grandes navios, prova-se pela doação, que no anno de 1260 fez D. Affonso III. de huma propriedade de casas ao Constructor João de Miona, por lhe haver construido huma Náo (3). O local deste estabelecimento era, pouco mais, ou menos, pelo sitio da Ribeira Velha, por dizer a nossa Historia, que as casas da Judiaria se edificárão junto ás *Taracenas*, termo que na linguagem antiga exprimia o mesmo, que Arsenal de Marinha; e sabe-se, que a Judiaria occupava huma parte do Bairro de Alfama fronteiro áquelle sitio.

(1) Historia Genealogica da Casa Real, tomo 1.º, pag. 202.

(2) Acenheiro, na Chronica deste Rei, Cap.º 14. — Monarchia Lusitana, tomo 6.º, L.º 18.

(3) Monarchia Lusitana, tomo 5.º, L.º 16, Cap.º 12.

Aproveitando ElRei a occasião de achar-se em Lisboa Manoel Paçanha, Fidalgo Genovez de grande reputação, e experiencia no serviço naval, o nomeou Almirante do Reino de juro, e herdade, por Carta passada em Santarem no 1.° de Fevereiro de 1222 (1), na qual assignou tambem a Rainha, e o Infante D. Affonso, herdeiro do Reino. Exaqui o extracto das principaes clausulas deste importante documento: Que ElRei, considerando ser do seu serviço, que Manoel Paçanha ficasse em Portugal, e mais os seus successores, por seu Almirante para o servir, e a todos os outros Reis seus successores, lhe dava para sempre em Lisboa o lugar da Pedreira, com todas as propriedades, regalias, e direitos que lhe pertencião. Que lhe daria mais em cada hum anno tres mil livras em dinheiro, moeda de Portugal (480$000 reis), pagas em tres pagamentos, no 1.° de Janeiro, no 1.° de Maio, e no 1.° de Setembro, a começar daquelle anno que hia correndo de 1317 (o que mostra ser o Contrato celebrado cinco annos antes da Carta). Que este ordenado duraria até lhe dar alguma Villa, Lugar povoado, ou Herdade que rendesse igual quantia.

Que Manoel Paçanha, ou seus successores, poderia vender o lugar da Pedreira, ou fazer delle o que quizesse; mas que o producto ficaria em Morgado na sua familia, em linha direita, passando do pai ao filho legitimo mais velho Secular, que podesse servir o Cargo de Almirante com as condições nesta Carta estabelecidas, de que lhe faria pleito, e homenagem.

Que Manoel Paçanha, e todos seus successores, serviria bem, e lealmente, nas Galés, sempre que fosse chamado; mas não seria obrigado a sahir ao mar com menos de tres Galés.

(1) Provas á Historia Genealogica, tomo 1.°, pag. 95.

Que sahindo ElRei pessoalmente em Campanha com Exercito, e mandando-o chamar, o acompanharia, e serviria em terra.

Que o Almirante, e seus successores, se obrigava a ter sempre promptos vinte Genovezes intelligentes na navegação, para servirem de Alcaides e Arraizes das Galés, pagando-lhes á sua custa quando não estivessem empregados no serviço Real; podendo porêm elle emprega-los neste intervallo de tempo, em utilidade sua propria, no Commercio naval para Paizes estrangeiros; obrigando-se a apromptа-los no caso de serem necessarios para o serviço Real.

Que quando estes vinte homens servissem nas Galés d'ElRei, venceriáo, o Alcaide doze livras e meia (2⌀000 rs.) por mez, e o Arraes oito livras (1⌀280), álem de pão, biscoito, e agua.

Que desertando, ou morrendo algum destes vinte homens, o Almirante mandaria vir outro á sua custa, no espaço de oito mezes.

Que adoecendo, ou envelhecendo alguns daqueles homens no serviço Real, o Almirante não seria obrigado a pôr outro para servir em seu lugar, senão no caso de fallecimento.

Que ElRei lhe concedia, e a seus successores, a quinta parte das presas, que elle no mar fizesse com as Galés Reaes, exceptuando cascos das embarcações, armas, e aparelhos, e *Mouro de mercê*, por serem coisas privativamente d'ElRei; mas quanto ao *Mouro de mercê*, se ElRei o quizesse tomar para sí, o pagaria pelo preço então corrente, que erão cem livras (16⌀000 rs.) de que o Almirante teria a quinta parte (1).

(1) Acenheiro, nas Chronicas dos Reis, Cap.º 13, pag. 86 diz que no anno de 1279, pondo ElRei D. Affonso III. casa a seu filho

Que o Almirante teria jurisdicção, e mando sobre todos os homens que com elle estivessem nas Galés d'ElRei, tanto em Frota, como em Armada (1), ou no mar, ou nos Portos onde entrasse, sendo todos obrigados a obedecer-lhe como se ElRei estivesse alli presente; e todos os que fossem nas Galés obedecerião aos seus Alcaides, como era de costume.

Que o Almirante poderia castigar nos corpos, sendo com direito e justiça, aos que lhe desobedecessem, como o proprio Rei faria se presente estivesse.

Que esta jurisdicção se entenderia desde o dia em que se armassem as Galés, até ao ultimo dia em que o Almirante desembarcasse.

Que acontecendo, que Manoel Paçanha, ou seus successores, que o Feudo herdassem, não deixasse filho varão legitimo, e Secular capaz de servir o Cargo de Almirante, ou não havendo outro herdeiro varão legitimo, e Secular que delle descendesse por linha direita, legitimamente nascido, tornasse o Feudo para a Coroa.

Em consequencia desta jurisdicção mixta de que gosava o Almirante, derão-se-lhe Officiaes de Justiça privativos, Ouvidores, Meirinhos, Alcaides, e Carcereiros, com appellação dos Alcaides para o Almirante, e deste para ElRei.

As ceremonias que se praticavão na posse deste alto Emprego, erão estas: Feita de noite a vigilia na Igreja, como era usual em todos os actos dos Cavalleiros, hia o Almirante no outro dia ao Paço, e ElRei em sala publica lhe mettia hum annel no dedo da mão direita, e na mesma huma espada curta, e na mão es-

D. Diniz, lhe dera 40$000 livras de renda, que erão iguaes a 16$ cruzados.

(1) Nos tempos antigos chamava-se Frota a hum pequeno numero de navios de guerra, e Armada a hum grande numero dos mesmos.

querda hum estandarte com as Armas Reaes; e feito isto, dava-lhe o Almirante homenagem com o juramento do costume (1).

1295 — Neste anno, ou no seguinte, mandou El-Rei de Castella contra Portugal huma Armada de Náos, e Galés, a qual entrando em Lisboa, tomou algumas embarcações mercantes, que estavão carregadas; mas o Almirante de Portugal (não diz o nome), que alli se achava, armou á pressa algumas Galés e seguio os Castelhanos; e alcançando-os no mar alto, lhes deu batalha, e os trouxe a Lisboa todos, juntamente com as presas, que levavão (2). Esta narração he suspeita, por inverosimil; porêm foi a unica transacção naval, que achei hum pouco explicada, por quanto as nossas Historias antigas são em geral silenciosas em objectos de Marinha.

Falleceo ElRei D. Diniz no anno de 1325.

Reinado d'ElRei D. Affonso IV.

Este Monarcha, que nas suas transacções militares, e politicas sustentou o caracter de hum Heroe, e chegou a fazer esquecer os indesculpaveis desvarios da sua mocidade, deu todo o seu desvelo á Marinha, e ao Commercio que a alimenta. Seguindo o systema de seu illustre Pai, conservou sempre huma Esquadra de guarda-Costa de tres Galés, e cinco navios grandes (3), para protecção do Commercio maritimo, que era então grande, principalmente em pescarias, tanto das Provincias do Norte de Portugal, como do Algarve, das quaes se provia o Reino todo, e se exportavão grandes quantidades deste genero para os Paizes estrangeiros,

(1) Severim, Noticias de Portugal, Discurso 2.°, §. 13.
(2) Duarte Nunes, Chronica de D. Diniz.
(3) Vede Severim, Noticias de Portugal, Discurso 2.° §. 15.

dentro e fóra do Mediterraneo. Nem os Pescadores Portuguezes se restringião a pescar nos seus mares, pois consta que os de Lisboa, e Porto fizerão hum Tratado com Eduardo III., Rei de Inglaterra, para pescarem nas Costas daquelle Paiz, e nas Provincias da França, que então dependião daquella Coroa (1). Estas uteis especulações, que hoje talvez pareção a muitos exaggeradas; erão faceis naquelles tempos, em que só Tavira tinha seus proprios setenta barcos de pesca, e muitos navios de navegação do mar alto, e as outras Cidades maritimas de Portugal o mesmo á proporção.

No Reinado deste Principe se começárão a introduzir em Portugal as Sciencias Mathematicas, envoltas nas quimeras da Astrologia Judiciaria (2); e o famoso Napolitano Flavio Gioia descobrio a Agulha Nautica, posto que muitos annos depois he que se achou a sua Variação, e se forão pouco a pouco inventando methodos mais ou menos faceis e seguros para a conhecer diariamente no mar. Mais tarde descobrio-se, que a mesma Variação tambem variava; e a pesar de milhares de observações, ignoramos ainda as leis, que produzem esta segunda Variação; e só sabemos, que em materia tão importante á Navegação, resta muito para descobrir.

1336 — Deu ElRei o commando de huma Esquadra de vinte Galés, guarnecidas com dois mil homens, a D. Gonçalo Camelo, que sahindo de Lisboa nos fins de Agosto, appareceo na Costa da Andaluzia, e foi surgir na bocca de hum riacho, quatro leguas (entendo

(1) Veja-se a Memoria sobre a Guaxima, de José Henriques Ferreira, no tomo 1.º, pag. 1.ª das Memorias Economicas da Academia das Sciencias de Lisboa; e tambem a outra interessante Memoria de Constantino Botelho de Lacerda Lobo, no tomo 4.º pag. 312 da citada Collecção Academica.

(2) Memorias de Litteratura da Academia das Sciencias de Lisboa, tomo 8.º, pag. 148, e seguintes.

sempre leguas de vinte ao grão) a Leste do Guadiana. O seu projecto era assaltar a Villa de Lepe, situada na margem occidental do mesmo riacho, e huma legua distante da sua foz. Para este fim, passou aos seus bateis os soldados, que nelles couberão, e foi desembarcar no lugar que bem lhe pareceo, ainda que não sem sangue, porque os Hespanhoes se oppozerão á desembarcação (1). Ganhada a Villa, e o seu pequeno Castello, talárão os Portuguezes a campanha por dilatado espaço, mas reunindo-se os Hespanhoes, capitaneados por D. Nuno Portocarreiro, Governador de Lepe, fórão rechaçados com perda, e obrigados a recolher-se aos seus navios, levando comsigo os despojos.

No dia oito de Setembro mandou D. Gonçalo Camelo desembarcar hum destacamento para cortar humas vinhas, e acudindo o Portocarreiro com muita gente, desembarcou D. Gonçalo em soccorro dos seus: depois de hum furioso combate, se retirárão os Portuguezes, deixando nas mãos dos inimigos o seu General prisioneiro, e levando do mesmo modo mortalmente ferido a D. Nuno, com outros dois Fidalgos, que trocárão por D. Gonçalo. Depois desta miseravel expedição, a Esquadra se fez á véla para Lisboa, e soffreo no caminho hum temporal, que a maltratou muito, bem como destroçou hum formidavel armamento de quarenta embarcações, que sahirão de Sevilha em busca da Esquadra Portugueza.

Neste mesmo anno fizerão os Hespanhoes huma entrada na Provincia do Minho, e ElRei D. Affonso, ou por fazer diversão a outra, ou por vingar-se desta, mandou sahir de Lisboa o Almirante Manoel Paçanha com huma Armada, de que se ignora a força, mas devia ser consideravel, porque a ella se reunio a Esqua-

(1) Duarte Nunes, Chronica de D. Affonso IV. — Monarchia Lusitana, tomo 7.º, L.º 8.º, Cap.º 12.

dra que voltára da expedição da Andaluzia. Correo o Almirante as Costas do Norte da Peninsula até aos confins das Asturias (1), entrou em todas as Rias, e Enseadas, e tomou, ou destruio todas as embarcações inimigas que por ellas encontrou; recolhendo-se por fim sem perder hum só navio.

1337 — No principio deste anno partio de Sevilha huma Armada Castelhana de quarenta Galés, com sete mil e quinhentos homens, commandada pelo Almirante Affonso Jofre Tenorio; e de Lisboa sahio o Almirante Paçanha com trinta Galés a encontra-la na Costa do Algarve; mas huma furiosa tormenta derrotou ambas, com perda de muitas Galés, e gente, recolhendo-se aos seus Portos as que se salvárão (2).

Reparados do modo possivel os estragos da tempestade, partio segunda vez no mez de Julho o Almirante Paçanha com vinte Galés, e no dia 21 encontrou em Cabo de S. Vicente a Armada Hespanhola, que o buscava com dobrado numero de Galés. Abordadas humas e outras, travou-se huma horrorosa batalha que durou largo espaço, em que os Portuguezes chegárão a render nove, porêm a immensa desigualdade de numero fez mudar a fortuna, declarando-se a victoria pelos Castelhanos, que tomárão a Capitania de Portugal, com algumas outras Galés, mettêrão duas a pique, e represárão as suas; levando em triunfo a S. Lucar (á custa de muito sangue) o Almirante Paçanha, e seu filho Carlos Paçanha. O resto da Esquadra Portugueza recolheo-se a Lisboa, ainda que vencida, com honra. (3)

(1) Monarchia Lusitana, tomo 7.º, L.º 8.º, Cap.º 12.

(2) Duarte Nunes relata este facto no anno de 1336, e dá a entender que a Esquadra Portugueza se perdeo. Vede a sua Chronica. Eu segui outra opinião, vede Monarchia Lusitana tomo 7.º, L.º 8.º, Cap.º 14.

(3) Monarchia Lusitana, tomo 7.º, L.º 8.º, Cap.ºs 12, e 14.

A perda das nove Galés Castelhanas no principio da acção (se he verdadeira), mostra que o seu Almirante ignorava os elementos da Tactica, sendo tal a sua superioridade numerica, que elle podia cercar logo a Esquadra Portugueza, e decidir a victoria; mas he inutil discorrer quando faltão dados certos, em que assente o raciocinio.

1340 — Neste anno foi a terrivel invasão dos Mouros, que se lhe mallogrou na batalha do Salado. Como elles havião de atravessar das Costas de Barberia para as de Hespanha fronteiras ao Estreito de Gibraltar, onde possuião esta Praça, e a de Algeziras, concordárão os Reis de Portugal, e Castella em reunirem huma armada, que cruzasse naquellas aguas, para interceptar a passagem dos Mahometanos. Este plano era judicioso, e de infallivel successo, mas falhou na execução. Escolheo-se Cadiz para o ponto de reunião das Esquadras de Portugal, Castella, Aragão, e Genova, de que devia compor-se a Armada. Chegou primeiro a Esquadra Portugueza, commandada pelo Almirante Manoel Paçanha, e alli achou a Castelhana de quinze Galés, e doze Náos, de que era General D. Affonso Ortiz; e tanto tempo tardárão as outras duas Esquadras, que quando a Armada a final sahio, tinha o Exercito Africano passado o Estreito, e se achava em Algeziras prompto a começar as suas operações militares; e a Frota de Galés que o comboiára, estava ja recolhida aos seus Portos.

Sahirão de Algeziras os Reis Mouros a cercar Tarifa, Praça então mui forte, e da maior importancia. A Armada Catholica estendeo-se por aquella face do Estreito, a fim de proteger a Praça, e obstar a algum ataque maritimo, se os inimigos o intentassem. Huma tormenta de vento Ponente, que sobreveio, propria daquella estação, a derrotou totalmente, espa-

lhando os navios por varios Portos do Mediterraneo, e fazendo naufragar muitos em que entrárão oito Galés Castelhanas, e quatro Náos Portuguezas. Assim acabou a campanha (1).

Ou neste mesmo anno, ou no seguinte de 1341, começando novamente o Rei de Marrocos a mandar tropas a Hespanha, a fim de que unidas ás de Granada, se tentasse segunda invasão, mandou ElRei D. Affonso o Almirante Paçanha com dez Galés bem armadas em soccorro do de Castella, e juntas no Estreito as duas Esquadras, interceptárão na passagem huma Esquadra Africana, que de Ceuta atravessava a Estepona; e dando-lhe batalha, a derrotárão.

Neste meio tempo, a Frota Mourisca, que havia ja desembarcado em Algeziras as tropas, que conduzira para esta nova invasão, achava-se ancorada no Rio de Palmones, huma legua ao Norte daquella Cidade. As Esquadras combinadas a forão ahi atacar, e depois de grande resistencia, tomárão vinte e seis Galés, e mettêrão muitas a pique, de maneira que poucas embarcações escapárão. Morrêrão na peleja os Almirantes de Granada, e Marrocos; e para maior fortuna, achou-se a bordo de huma Galé quantidade de dinheiro em ouro, e prata, que de Marrocos se enviava para pagamento do seu Exercito, e veio a servir para o de Hespanha. Estas duas victorias custárão aos inimigos mais de cem navios, e destruirão os seus projectos de invasão (2).

1342 — Determinado ElRei de Castella a cercar Algeziras, pedio auxilio aos Principes Christãos: D. Affonso mandou-lhe o Almirante Paçanha com dez Galés, as quaes unidas ás Esquadras de Castella, Aragão, e Genova, bloqueárão a Praça por mar, em quanto o Rei de Castella a sitiava por terra com hum

(1) Monarchia Lusitana, tomo 7.°, L.° 9.°, Cap.°ˢ 5, e 6.
(2) Idem, L.° 10, Cap.° 2.°.

poderoso Exercito, que abrio a trincheira a 25 de Junho: alli concorrêrão muitos Principes estrangeiros com tropas, em cujo numero se contou hum grosso destacamento de Portuguezes, commandado por D. Alvaro Gonçalves Pereira. O cerco foi trabalhoso, assim pela resistencia dos defensores, como pelas tempestades, e inundações dos invernos, pois durou vinte e dois mezes; e só depois da destruição de hum Exercito Granadino, que intentou soccorre-la, capitulou a Praça nos principios de Abril de 1344. He provavel que as Esquadras combinadas se recolhessem nos máos tempos a Cadiz, e tornassem ao bloqueio nas estações favoraveis.

1349 — Não foi tão feliz ElRei de Castella no cerco de Gibraltar, que este anno emprehendeo, como fora no de Algeziras. Mandou ElRei D. Affonso em seu auxilio hum corpo de tropas, e huma Esquadra de Galés: unirão-se a esta a de Aragão, e Castella, e bloqueárão a Praça por mar. Começou o sitio em Setembro, e durou até 27 de Março do anno seguinte, dia em que o Rei de Castella falleceo do contagio, que assolava, e quasi tinha destruido o seu Exercito. Com a sua morte se acabou o cerco (1).

Falleceo D. Affonso no anno de 1357.

Reinado d'ElRei D. Pedro I.

No Governo deste Monarcha, terrivel aos máos, e estimado dos bons, só encontrei duas expedições maritimas, ambas em consequencia de hum Tratado, que celebrou com ElRei D. Pedro o Cruel, para o auxiliar na guerra contra Aragão, com huma Esquadra de dez Galés, pagas á sua custa por tres mezes.

1359 — Partio em Abril de Lisboa o Almirante

(1) Monarchia Lusitana, L.º 7.º, tomo 10.º, Cap.º 11.

Lançarote Paçanha (a quem succedeo a triste aventura com Violante Vasques) commandando dez Galés, e huma Galeota bem guarnecidas (1). Na foz do Ebro encontrou elle a D. Pedro o Cruel com oitenta Náos *de castello davante*, trinta e huma Galés, e quatro navios pequenos. Encorporada a Armada, dirigio-se a Barcelona, onde o Rei de Aragão se achava, cujo Porto não ousou D. Pedro accommetter, por estar defendido por doze Galés atravessadas na sua entrada, e protegidas pelos tiros das fortificações. Abandonando pois aquella empresa, navegou para a Ilha de Iviça, e sitiou a Villa deste nome; mas sabendo que o Monarcha Aragonez era chegado a Malhorca com quarenta Galés, levantou o cerco, e mettendo-se em huma grande Galé, a que mandára fazer tres castellos, hum na popa, outro no centro, e outro na proa, guarnecidos de duzentos e oitenta soldados, foi abrigar-se em Porto Calpe, na Costa de Hespanha, com toda, ou parte da sua Armada. A Esquadra Aragoneza, que o seguia, commandada pelo Almirante D. Bernardo Cabreira (o seu Rei tinha ficado em Malhorca), veio á véla torneando a terra, da banda do Levante, e como a Costa alli bója muito, não vio os navios fundeados em Porto Calpe; mas duas Galés, que trazia diante, os descobrirão, e lhe fizerão signaes, o que o obrigou a recolher-se no Porto de Dénia, que lhe ficava atraz, onde surgio. ElRei D. Pedro, não o querendo hir atacar, pela estreiteza do canal, em que as Galés Aragonezas estavão, continuou a sua viagem para a Bahia de Alicante, que tinha proxima, onde o esperou seis dias, e dalli se recolheo a Carthagena. A Esquadra Portugueza, havendo completado os tres mezes de serviço, a

(1) Fernão Lopes na Chronica d'ElRei D. Pedro, Cap.° 24.

que estava obrigada, voltou para Lisboa. Esta expedição foi o parto da montanha.

1364 — Partio de Lisboa Lançarote Paçanha com dez Galés em auxilio de outra expedição contra os Aragonezes. Em Carthagena se reunio esta Esquadra com outra de Castella, compondo ambas huma Armada de trinta Galés, e quarenta Náos; mas os ventos Levantes não lhe permittirão sahir daquelle Porto a proteger o sitio, que ElRei D. Pedro tinha posto a Alicante; e neste meio tempo chegou o Rei de Aragão com hum Exercito em soccorro da Praça, e huma Esquadra de doze Galés, com outros navios carregados de munições; o que sabendo com anticipação D. Pedro, levantou o cerco, e foi tomar outra posição quatro leguas distante, o que fez entrar o soccorro na Praça. Doze dias depois appareceo a Armada combinada, á vista da qual os Aragonezes se recolhêrão a hum Rio visinho, onde D. Pedro os bloqueou; porêm hum vendaval de Levante, que poz em perigo as suas Náos, e sobre tudo a monstruosa Galé Real, que perdeo tres ancoras, e aguentou-se á mercê da quarta, o persuadio a tomar o caminho dos seus Estados, logo que o tempo abonançou, levando a mesma gloria, que da campanha antecedente. O Almirante Paçanha retirou-se para Portugal (1).

Falleceo ElRei D. Pedro I. no anno de 1367.

Reinado d'ElRei D. Fernando.

No Governo deste Monarcha soffreo Portugal tão rapida declinação da sua prosperidade interior, que poderia conduzi-lo á ultima ruina, se os acontecimentos successivos á sua morte, pondo em fermentação o mais

(1) Idem, Capitulo 35.

exaltado patriotismo, não dessem a conhecer hum novo, e inesperado caracter, que mudou inteiramente o systema politico da Europa, e fez com que Lisboa apresentasse d'ahi em diante huma scena de tal modo interessante, que attrahio sobre si a attenção de todas as Nações.

Na época do fallecimento d'ElRei D. Pedro I. era Portugal hum dos Paizes mais ricos, e florecentes, segundo os monumentos historicos que nos restão, por conter em si as duas fontes principaes das riquezas; huma boa Agricultura, e o Commercio maritimo, que transportava os seus productos aos outros Povos da Europa. Todos os Cereaes, e mais generos necessarios á sustentação dos homens, abundavão em Portugal (1). As suas Pescarias erão immensas, incluindo a da Balea, e na Costa do Algarve a do Coral, que ainda durava no tempo de D. Affonso V. (2). Os Portos de Vianna, Aveiro, e Villa do Conde, e os do Algarve não estavão areados, como depois ficàrão, e nelles se construirão navios que levavão a Galliza, e Biscaia, e aos Portos do Mediterraneo os productos das Marinhas de sal, e Pescarias. Só Aveiro empregava mais de cem embarcações no transporte daquelle primeiro genero, o que durou até 1550 (3); e Vianna possuia outras tantas, que navegavão para differentes partes (4).

Os navios estrangeiros affluião aos nossos Portos, por se haverem estabelecido em Lisboa opulentas casas de commercio de varias Nações; e achavão-se aqui muitas vezes mais de quatrocentos vasos a carregar de

(1) Fernão Lopes, Chronica d'ElRei D. Fernando, Cap.º 89.

(2) O mesmo na dita Chronica, Cap.os 90, e 91 — Vede a Memoria sobre a decadencia das Pescarias, nas Memorias da Academia de Lisboa, tomo 4.º, pag. 312.

(3) Corografia Portugueza, tomo 2., pag. 117.

(4) Idem, tomo 1.º, pag. 190.

sal, e vinho, sendo tal a exportação deste ultimo artigo, que affirma Fernão Lopes (1), *que hum anno chegou a doze mil toneis* (talvez toneladas, segundo o modo de fallar daquelles tempos), *fóra o que levarão depois os navios na segunda carregação de Março.* Por isso erão tão grandes as rendas das Alfandegas, como diz o mesmo Historiador (2); e assombra ver os thesouros que este Monarcha achou por morte d'ElRei D. Pedro seu pai, que só na *Torre do Aver do Castello de Lisboa* estavão 800$000 peças de ouro (ou dobras), e 400$000 marcos de prata (3); álem do *outro aver em grande quantidade, que em certos lugares pelo Reino era posto.*

O genio prodigo d'ElRei D. Fernando (que aliás possuia qualidades estimaveis), e as suas guerras sempre dispendiosas, e quasi sempre impoliticas, ou mal dirigidas, consumirão tantos thesouros, e o constrangêrão a recorrer ás tristes operações fiscaes, de que fallão nossas Historias, cujo resultado foi aniquilar-se por fim a Marinha Real, e ver-se Lisboa insultada, e invadida pelas Esquadras de Castella, que este Principe poderia fazer tremer dentro dos seus Portos.

Deve-se porêm dizer, em obsequio da verdade, que elle não se esqueceo de promover as vantagens do Commercio Portuguez, e augmento das construcções navaes no seu Reino; porque depois de publicar algumas Leis para restaurar a Agricultura, quasi arruinada pelos estragos da guerra, conhecendo os inte-

(1) No principio da Chronica d'ElRei D. Fernando.

(2) Ibidem.

(3) Ibidem. O marco de ouro de 22 quilates valia naquella época 7380 rs., e continha 50 dobras, o que daria hoje 4:600$000 cruzados, pouco mais ou menos. O marco de prata valia 972 rs., e assim estes 400$000 marcos produzirião hoje huma igual quantia. Vede a Historia Genealogica da Casa Real, tomo 4.º, livro 5.

resses que os Estrangeiros percebião dos fretes de conducção, e retorno dos seus navios, que vinhão a Lisboa, Ordenou: Que os Portuguezes, que construissem navios de cem toneladas para cima, podessem cortar nas Matas Reaes, e conduzir a Lisboa as madeiras, e mastros que quizessem, sem pagarem cousa alguma, nem mesmo os direitos dos materiaes, que lhes viessem de fóra. Que aquelles, que comprassem, ou vendessem navios feitos, não paguem por isso direitos. Que aos proprietarios de navios, da primeira viagem que sahissem carregados de Portugal, se lhes perdoarião todos os direitos das mercadorias que levassem, de qualquer natureza, que fossem, e ou suas, ou alheias: E que aos proprietarios destes navios se lhes abateria metade dos direitos de toda a qualidade de generos, que da primeira torna-viagem carregassem de Portos estrangeiros para Portugal, ou os generos fossem seus, ou alheios. Alem destes grandes favores, concedia-lhes tambem muitas isenções, e privilegios (1).

Após destas utilissimas providencias, creou ElRei huma Companhia de Segurança Naval (2), de que fallarei no seu competente lugar; e creio ser a primeira desta especie, que appareceo na Europa. Creou igualmente o Posto de *Capitão Mor da Frota*, que era como hoje o de Capitão General do Mar; ainda que parece não se estendia o seu commando ás Galés, cujo governo competia privativamente ao Almirante, excepto na falta deste; e só governava tudo quanto era relativo aos navios de alto bordo. Gonçalo Tenreiro foi o primeiro nomeado. Ignora-se o anno certo desta creação; mas sabe-se, que a 25 de Julho de 1373 lhe fez

(1) Fernão Lopes, Capitulo 90.
(2) Idem, Capitulo 91.

ElRei mercê de Alger, com a sua Ribeira, e outras terras, em remuneração de serviços (1).

1369. — Entrando ElRei por Galliza para fazer guerra a D. Henrique de Castélla (2), foi huma Esquadra de oito Galés, commandada por Nuno Martins de Góes, auxiliar por mar as suas operações militares, onde fez algumas presas; mas tendo ElRei ja tomado sem resistencia as Cidades de Tuy, e da Corunha, sobre o aviso de que D. Henrique chegava com grande Exercito em soccorro da Provincia invadida, fez recolher as suas tropas a Portugal; e elle, embarcando-se na Esquadra, veio para a Cidade do Porto.

Em Maio deste mesmo anno mandou ElRei D. Fernando huma Armada de trinta e duas Galés, e trinta navios redondos, todos bem armados: commandava em Chefe o Almirante Lançarote Paçanha, e os navios redondos João Focim, emigrado Hespanhol. Esta Armada fez grandes damnos na Costa da Andaluzia, sobre tudo em Cadiz, que foi saqueada, e quasi destruida, e dalli passou a bloquear Sevilha, estabelecendo-se as Galés dentro do Rio Guadalquivír, e os navios grandes fóra da sua entrada. Este activo serviço durou muitos mezes, revezando-se os navios por varias vezes, vindo huns ao Algarve, e Lisboa a refazer-se do necessario, para irem render os outros no bloqueio; onde, apezar de todos os soccorros, morreo muita gente de enfermidades, principalmente de escorbuto, e soffrêrão as equipagens fomes, e privações de toda a especie, não só pelo continuo trabalho, e inclemencia dos tempos, mas pelo atraso que soffrião as remessas, que de Lisboa se fazião para a Armada, de viveres, munições, e fardamentos, tudo procedido das estações, havendo durado este cerco mais de hum anno sem in-

(1) Monarchia Lusitana, tomo 8.º L.º 22, Cap.º 26.
(2) Fernão Lopes, Cap.os 31, e 32.

terrupção, e Escritor temos, que affirma, que durou vinte mezes (1).

Vindo neste meio tempo a Sevilha ElRei D. Henrique, fez armar vinte Galés, que estavão naquelle Arsenal, e entregou-as ao Almirante Ambrosio Bocca-Negra, habil marinheiro, que guarnecendo-as o melhor, que pôde, de soldados, e de remeiros (as Galés erão de trinta bancos, a tres homens cada hum, e devião ter cento e oitenta remos, mas por falta delles, levárão somente cem), se aprestou para pelejar com a Esquadra Portugueza; cujo Almirante, não julgando acertado combater dentro de hum Rio estreito, onde a corrente era a favor dos inimigos, pelo impulso que imprimia ás suas Galés, sahio ao largo a unir-se ao resto da Armada Portugueza. O astuto Bocca-Negra o seguio com pouca pressa algum tempo, como para ganhar espaço em que formar-se, e mettendo-se entre tanto a noite, fez voltar para Sevilha a sua Esquadra, menos sete Galés, com que se fez no bordo de Oeste, sem ser visto, e dobrando o Cabo de S. Vicente, foi buscar os Portos de Galliza, e Biscaia, onde armou, e reunio todas as forças maritimas, que por elles achou, á testa das quaes voltou a soccorrer Sevilha.

O Almirante de Portugal tinha occupado de novo a sua antiga posição dentro do Guadalquivir, e estava bem descuidado do perigo, que o ameaçava, quando appareceo Bocca-Negra com huma Esquadra formidavel, e surgindo na entrada do Rio lhe cortou a sahida para combater, ou retirar-se. Parece, que os navios d'alto bordo Portuguezes tinhão então largado o bloqueio, talvez para se irem prover ao Algarve, ou Lisboa, como costumavão; pois que este acontecimento

(1) Monarchia Lusitana, tomo 8.º, L.º 22, Cap.os 15, e 16. Vede tambem Fernão Lopes, Cap.os 42, e seguintes.

he ja do anno de 1371. Hum feliz estrategema salvou a Esquadra da ultima ruina: tinhão-se tomado duas embarcações inimigas carregadas de azeite, e o Almirante Paçanha, aproveitando-se de huma noite escura, e de huma forte corrente, as largou incendiadas pelo Rio abaixo, o que metteo os Hespanhoes em tal confusão, que cortárão, ou largárão logo as amarras, para as deixar passar; e as Galés Portuguezas, que as seguião de perto em linha mui cerrada, ganhárão o mar largo, e navegárão para Lisboa a salvamento.

1370 — Partio de Lisboa em Março para Barcelona huma Esquadra de sete Galés, para trazer a Infanta D. Leonor, filha de D. Pedro, Rei de Aragão, com a qual ElRei D. Fernando se contratára a casar, o que não teve effeito. Estas Galés hião soberbamente adornadas, com particularidade a Capitania; e toda a gente, que as guarnecia, incluindo os remeiros, vestidos de seda de varias cores. Ignoro o nome do Chefe, que commandava a Esquadra, senão era o Conde D. João Affonso Tello, a quem hia encarregada a commissão de conduzir a Infanta, e a distribuição do grande cabedal que ElRei mandava (1) para differentes despesas.

Na noite de 23 de Fevereiro deste mesmo anno houve tão grande tormenta em Lisboa, que naufragárão muitos navios mercantes, e a maior parte de huma Esquadra, que se estava armando, em que se affogou muita gente. (2).

(1) Fr. Manoel dos Santos no tomo 8.º da Monarchia Lusitana, L.º 22, Cap.º 16, diz, que a Esquadra levava quatro mil marcos de ouro, que hoje valerião 1:152$000 cruzados. Duarte Nunes de Leão na sua Chronica d'ElRei D. Fernando, diz que levava *desoito quintaes de ouro*; e Fernão Lopes na Chronica deste Rei, Cap.º 48, escreve, que erão *até quatro mil marcos de ouro*, *e prata nenhuma*.

(2) Fernão Lopes, Cap.º 39 — Duarte Nunes, Chronica do mesmo Rei.

1373 — Em Fevereiro deste anno cercou D. Henrique a Cidade de Lisboa com grande Exercito, e ElRei D. Fernando, que estava embetesgado em Santarem, expedio logo o Almirante Paçanha, João Focim, e Vasco Martins de Mello, para armarem os navios, que lhes fosse possivel, e defenderem o Rio a huma Esquadra de doze Galés, com que o Almirante Bocca-Negra vinha de Sevilha a bloquear o Tejo. Armadas com brevidade quatro Galés, e alguns navios redondos, se fez o Almirante á véla para ir encontrar os inimigos; e pouco se tinha affastado da Cidade, quando descobrio algumas Galés Castelhanas adiantadas da sua Esquadra, que ja vinha entrando. João Focim, que commandava as Náos, queria com razão, que se abordassem estas primeiras Galés, que serião infallivelmente rendidas, porêm o Almirante, por cobardia, ou ignorancia o não consentio; e assim vierão ellas a salvo dar fundo diante do Arsenal, e apôs d'ellas toda a Esquadra; fazendo o mesmo a Portugueza pouco arredada.

Os Hespanhoes reforçárão logo com muita gente as guarnições das suas Galés; e Paçanha, pelo contrario, abandonou as suas para ir ao Senado da Camara a pedir-lhe conselho. João Focim desembarcou tambem; e os soldados, vendo em terra os seus Generaes fizerão o mesmo, ficando a bordo das Galés, e navios os marinheiros, e as chusmas. Aproveitou-se Bocca-Negra de occasião tão opportuna, e investindo a Esquadra Portugueza, tomou alguns navios, mas as Galés escapárão fugindo pelo Tejo acima.

ElRei, indignado da conducta do seu Almirante, tirou-lhe o Posto, e o proveo no Conde D. João Affonso Tello, que tinha muito valor, e nenhuma pericia naval (1).

(1) Fernão Lopes, Cap.º 74.

1374 — Neste anno, ou no seguinte mandou El-Rei D. Fernando o Capitão Mor do Mar com cinco Galés bem armadas em auxilio do Rei de Castella, contra os Inglezes, as quaes reunindo-se a huma Esquadra Hespanhola, que commandava o Almirante Fernão Sanches de Tovar, forão ás Costas da Inglaterra, onde fizerão alguns damnos (1).

1381 — Para obstar ao mal, que poderião fazer ao Commercio, e Povoações maritimas de Portugal as forças navaes, que se preparavão em Sevilha, fez El-Rei D. Fernando aprestar huma Esquadra de vinte e huma Galés, huma Galeota, e quatro Náos, que sahio de Lisboa a 11 de Julho. Era seu Almirante o Conde de Barcellos D. João Affonso Tello, na Galé Real, e Capitão Mor Gonçalo Tenreiro, embarcado em outra: commandavão as demais Galés, Estevão Vaz Filippe, Gonçalo Vasques de Mello, Aires Pires de Camões, João Alvares Pereira, Affonso Esteves da Azambuja, Affonso Annes das Leis, Gil Esteves Fariseu, Ruy Freire de Andrade, Alvaro Soares, Fernão de Meira, Gil Lourenço do Porto, Estevão Vasques Filippe, e outros. A guarnição da Esquadra chegava a seis mil homens, incluindo soldados, marinheiros, e remeiros, porêm a maior parte destes ultimos compunha-se de camponezes, trazidos por força das Provincias (2): e

(1) Fernão Lopes, Cap.º 93.

(2) Fernão Lopes, Cap.º 124, 125, e 126. — Ignoro a razão, por que o Chronista Fr. Manoel dos Santos no tomo 8.º, L.º 22, Cap.º 46, se affasta aqui de Fernão Lopes (seguindo-o em todo o resto da descripção desta batalha), para dizer, que a nossa Esquadra *levava seis mil homens de armas, alem da chusma dos marinheiros*; quando Fernão Lopes affirma, que na Galé Real hião *cincoenta homens de armas*; e he evidente, que sendo esta a maior, não podião as outras levar maior numero de soldados; nem as Galés admittem muitos, como observei em huma, que se conservava em Carthagena para memoria, no anno de 1793.

como na Tactica antiga quasi todas as evoluções em huma batalha se fazião a remos, e o bom, ou máo resultado dellas dependia da pericia das chusmas, a estupida ignorancia das desta Esquadra a tornava mais formidavel na apparencia, do que na realidade.

Chegado o Conde de Barcellos ao Algarve, e sabendo que a Esquadra Castelhana, forte de dezesete Galés, e commandada pelo Almirante Tovar, havia pouco se retirára daquella Costa, o attribuio a terror panico, e sem mais conselho, nem disposição, ou plano anticipado, correu a buscar os inimigos em tanta desordem, que acontecendo estarem pelo mar espalhadas muitas boias das redes dos pescadores, a duas, e tres leguas de distancia, arriárão as velas oito Galés, e forão demanda-las a remos: as outras continuárão a navegar com vento escasso, e bonançoso; e as de Gil Lourenço, e de Gonçalo Vasques, por serem mais pesadas, e menos veleiras, ficárão á ré, como succedeo por iguaes razões ás quatro Náos; de maneira, que doze Galés se achárão avançadas a perder de vista. Ao meio dia de 17 de Julho descobrirão estas os mastros das Galés Castelhanas, que estavão surtas em hum lugar chamado então Saltes. Affonso Annes das Leis foi quem primeiro as vio, e communicou a noticia ao Conde, que carregou logo, fazendo o mesmo as mais Galés, porêm não quiz servir-se da Galeota para chamar o resto da Esquadra, como o Annes lhe aconselhava, e o senso commum estava ensinando. Tovar, observando a temeridade, e bisonharia do Conde, veio encontra-lo com a sua Esquadra em linha, elle no centro, e chegando a distancia conveniente, cada Galé das suas abalroou huma das Portuguezas, em quanto as cinco, que lhe restavão de vantagem, dobrando a nossa linha, a assaltavão de revez. A victoria não podia ser duvidosa, e a pesar da briosa resistencia individual dos

Officiaes, e soldados, que durou algumas horas, forão as doze Galés tomadas, havendo de ambas as partes poucos mortos, e muitos feridos.

As oito Galés, que andavão levantando redes (como se para isso houvessem sido mandadas) acudirão tarde, e em desordem ao combate; e atacadas por todas as forças do inimigo, soffrêrão igual destino. Escapou a Galé de Gil Lourenço, porque vendo de longe a perda da batalha, se poz em fugida, avisando de caminho as quatro Náos, que nada sabião da acção, e todas se recolhêrão a Lisboa. As Galés rendidas entrárão em Sevilha, onde se mettêrão barbaramente a ferros todos os prisioneiros, excepto o Conde, e Gonçalo Tenreiro (1).

Com esta batalha parece, que acabou a Marinha Portugueza, como se verá nos dous factos seguintes, em que ella deveria figurar, se ainda existisse.

Primeiro: Nos fins de Novembro, ou principios de Dezembro deste mesmo anno de 1381, achando-se em Lisboa a Frota Ingleza de quarenta e oito embarcações de guerra, e transporte, com que o Conde de Cambridge viera auxiliar a ElRei D. Fernando nesta guerra, que intempestivamente, e contra a opinião unanime de todo o seu Conselho declarára a D. João I. de Castella, entrou no Tejo para a tomar, ou destruir o Almirante Tovar com a sua Esquadra, ainda jactancioso da victoria antecedente. Mas ElRei, que teve anticipada noticia do objecto da expedição, fez recolher no Rio de Sacavem os navios Inglezes, e todos os mais que estavão em Lisboa, amarrando-se os maiores na bocca do Rio com as popas para o mar, bem guarnecidos de *trons*, e outros artificios, e engenhos usados naquelles tempos, defendida a entrada

(1) Fernão Lopes no lugar citado.

com duas grossas cadêas, que a atravessavão; e de huma, e de outra parte na terra proxima muita gente, com *trons*, *e engenhos* para os proteger. O Almirante Hespanhol chegou sem obstaculo a Sacavem, e reconhecendo a posição dos navios, e julgando-a inatacavel, sahio do Tejo; o que os Inglezes tambem fizerão a 13 de Dezembro (1). Admira, que hum Official tão intelligente, como Tovar, não tentasse queimar os navios amontoados em hum Rio estreito, aproveitando a occasião opportuna de maré e vento favoravel, que não padia faltar-lhe naquella estação!

1382 — Segundo: A 7 de Março entrou no Tejo huma Armada Castelhana de oitenta navios, entre grandes e pequenos, com muita gente de guerra. O seu intento era fazer huma diversão ás operações militares, qne se praticavão no Alemtejo entre o Exercito d'El-Rei D. Fernando, reforçado com as tropas Inglezas do Conde de Cambridge, seu alliado, e o Exercito Hespanhol. Demorou-se a Armada sobre Lisboa até Setembro, commettendo grandes hostilidades por huma, e outra margem do Tejo, sem a menor opposição (2). Mas se a nossa Marinha acabou neste Reinado infeliz, no seguinte a veremos renascer das suas cinzas, e tomar hum alto vôo, que só declinou com a morte d'ElRei D. Sebastião.

Falleceo ElRei D. Fernando no anno de 1383.

Reinado d'ElRei D. João I.

A época mais brilhante da Gloria Portugueza começa no Governo deste illustrado Monarcha, por terem nelle principio aquelles immortaes descobrimentos, que se forão successivamente dilatando, a par dos pro-

(1) Fernão Lopes, Cap.° 133.
(2) O mesmo Historiador, Cap.° 135.

gressos da Sciencia Nautica, e espirito mercantil, até a final penetrarem nas extremidades do Globo: habil Guerreiro, e consummado Politico, soube arrancar os seus Estados das mãos de inimigos estrangeiros, e domesticos, e fazendo constantes, e bem combinados esforços para restabelecer o Commercio, e a Marinha que achou destruida, obteve a satisfação de ver sahir dos Portos do Reino armamentos consideraveis, e de publica utilidade.

Os Portos de Lisboa, e Setubal estavão ainda abertos ás invasões dos navios inimigos, que entravão nelles quando bem lhes aprazia, tomando, ou destruindo as embarcações mercantes, que achavão surtas. Estas perniciosas visitas forão obviadas com a construcção da Torre Velha na margem do Sul do Tejo, e a do Outão em Setubal (1).

No seu Reinado houverão dois *Capitães Mores da Frota*, ou Generaes dos Navios de alto bordo; o primeiro foi Affonso Furtado de Mendonça, de cuja Mercê não achei a data, e o segundo o Conde de Abranches D. Alvaro Vasques de Almada por Carta passada em Cintra a 23 de Junho de 1423, em que se declara = Que será Capitão Mor pela maneira, por que o fôra Gonçalo Tenreiro em tempo de seu irmão El-Rei D. Fernando (e tambem no d'ElRei D. Pedro I.), e Affonso Furtado no seu proprio tempo; e que todos os *Patrões*, *Alcaides*, *Arraizes*, *e Pintitaes*, *Comitres*, *e Besteiros*, *Galeotes*, *mareantes*, *e marinheiros* por tal o reconheção, e lhe obedeção; e que possa *com elles fazer justiça*, ou *em cada hum delles*, ou como Elle Rei faria, se presente estivesse: e Ordena a todas as Justiças, que cumprão as suas Cartas, e mandados em todas as coisas, que elle lhes disser e

(1) Severim, Noticias de Portugal, Discurso 2.º §. 12.

mandar em seu Real Nome, e que pertencerem a seu Officio, sob pena de serem punidos como os que não cumprem os mandados de seu Rei = (1).

As clausulas desta Carta são notaveis, por comprehenderem grande parte da jurisdicção do Almirante do Reino, segundo a determinou ElRei D. Diniz na Carta da creação deste Cargo, que dei por extracto na Memoria do seu Reinado; e póde d'aqui concluirse, que o Officio de Almirante estava reduzido nas suas attribuições, o que explicarei melhor quando tratar da nossa Legislação Naval.

Antes de entrar em narração das viagens para descobrir novos Paizes, cumpre dizer alguma cousa do seu author o Infante D. Henrique (2).

Nasceo este magnanimo Principe a 4 de Março de 1394, e desde os primeiros annos mostrou inclinação aos exercicios militares, e estudo das Sciencias, a que se applicou desde logo, habilitado por hum juizo são, e excellente memoria. O seu genio meditativo, e indagador, em breve lhe deo a conhecer, que Portugal, encravado por hum lado no extremo Occidental da Péninsula, e cercado de mar pelo outro, nunca poderia tornar-se huma grande Potencia, se não achasse fóra do Continente os elementos de força, que lhe faltavão para ser nelle poderoso, creando hum Commercio maritimo com os Povos de Africa existentes alem dos limites, a que se estendia a navegação costeira da Barberia; dos quaes davão confusas noticias algumas antigas Viagens, mais, ou menos acreditaveis, e as jornadas realizadas por terra até á Asia nos dous seculos antecedentes.

Estas luzes lhe bastárão para ousar emprehender

(1) Provas á Historia Genealogica, tomo 1.º, de pag. 171 até 174.

(2) Vede Barros, Decada 1.ª, L.º 1.º, Cap.ºs 2, 16.

os primeiros descobrimentos, mandando pequenas embarcações á sua custa ao longo da Costa de Africa para o Sul, que não sendo ainda bem manobradas, e dirigidas, adiantárão pouco os conhecimentos praticos d'aquelles Paizes, como irei mostrando na ordem chronologica, que me propuz seguir.

Nas duas expedições de Ceuta em 1415, e 1419 ampliou o Infante as suas ideas nas frequentes conversações com os mercadores Mahometanos, que alli concorrião de Fez, de Marrocos, e de outros Reinos, e Provincias do centro de Africa, que estavão em relações commerciaes com os do Egypto, e da Arabia. Assim consta, que por elles soubera dos Jalofos, que confinão com as raias Austraes do vasto deserto de Sarah; e he provavel, que no discurso das suas indagações sobre a direcção, e posição daquelles differentes Povos, viesse a confirmar-se em que as Costas da Arabia erão banhadas pelo mar, bem como as da Africa, pela banda do Oriente, noticia de que o seu raro talento talvez conjecturasse, que continuando a correr para o Sul a porção da Costa Occidental d'Africa ja conhecida, se chegaria a hum ponto, mais ou menos remoto, onde forçosamente ella havia mudar de direcção para o Nordeste, e fazer hum Cabo, cuja descoberta seria da mais alta importancia aos Portuguezes, para abrirem caminho ás Regiões Orientaes tão cubiçadas.

Seria aqui o lugar conveniente para lembrar os dous celebres Mappas, de que fazem menção alguns Escriptores nossos: o primeiro trazido pelo Infante D. Pedro á volta das suas viagens no anno de 1428; e o segundo, que se diz achado no Cartorio de Alcobaça em 1528, desenhado mais de cento e vinte annos antes: ambos tenho por apócryfos (1), á vista do que moder-

(1) Vede as duas Memorias do Conselheiro Antonio Ribeiro dos

namente escrevêrão a favor, ou contra a sua authenticidade alguns Sabios de abalizado merecimento.

A fim de promover a execução do seu vasto plano de descobertas, e melhorar os conhecimentos das Sciencias necessarias á Navegação, escolheo o Infante para sua morada em 1419 depois que voltou de Ceuta, a posição vantajosa do Cabo de S. Vicente (o Sacrum Promontorium dos antigos), onde edificou a Villa a que deo nome de Terça-Nabal chamada hoje, Sagres, em huma pequena Enseada, que lhe serve de Porto, e offerece abrigo aos ventos dominantes no Verão. Alli erigio o primeiro Observatorio, que vio Portugal, e não sei se a Europa, e no seu proprio Palacio estabeleceo huma Escola de Mathematicas, de Nautica, e de Geografia, para organizar a qual chamou Sabios nacionaes, e estrangeiros com vantajosos partidos, entre elles o Mestre Jaime da Ilha de Malhorca, famoso pelos conhecimentos nas Sciencias auxiliares da Navegação, que vinha ensinar, e na construcção de Cartas Geograficas, que a Escola de Sagres converteo depois em Cartas Hydrograficas Planas, por não servirem aquellas para o uso da Navegação (1), as quaes durárão seculos (ainda ha menos de trinta annos não havia outras no Mediterraneo), até que Mercator des-

Santos, a primeira intitulada = Sobre alguns Mathematicos Portuguezes etc., e a segunda = Sobre os antigos Mappas Geograficos do Infante D. Pedro = E a Memoria do Academico Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, que tem por titulo = Sobre os Descobrimentos dos Portuguezes etc., e todas se achão no tomo 8.º das Memorias de Litteratura da Academia Real de Lisboa — Veja-se tambem a Obra do diligente Historiador James Stanier Clarke, intitulada = The Progress of Maritime Discovery, L.º 2.º, Cap.º 1.º, que nega a veracidade daquelles Mappas; e a Memoria do Tenente General Stockler, que vem no volume 1.º das suas Obras a pag. 345, onde destroe os argumentos a favor delles.

(1) Vede o Ensaio sobre a origem das Mathematicas, etc. do mesmo General.

cobrio os principios fundamentaes das Cartas Reduzidas. Fez-se tambem vulgar o uso da Bussola, e de outros instrumentos nauticos novamente inventados, posto que imperfeitos, de grande vantagem para os Navegantes, que até alli não levavão nem Agulha, nem Carta, nem instrumento algum.

Entre os muitos obstaculos, que este Sabio Principe teve a vencer, não foi hum dos menores a preoccupação do Povo, que cegamente se oppunha, sem o saber, á gloria, e prosperidade de Portugal; porque vendo-lhe commetter huma empresa tão nova, arriscada, e dispendiosa, na infancia da Navegação, murmurava insano, accusando de ruinosos os seus projectos, e agourando desgraças imminentes, segundo o acreditado proverbio = Quem passar o Cabo de Não, ou voltará, ou não (1). Dava mais calor a esta inquietação popular a opinião dos Filosofos do seculo, que apoiados em Escritores antigos, e em alguns máos principios de Fysica, sustentavão que as Regiões visinhas da Zona Tórrida não podião ser habitadas. O tempo, que só descobre os erros da Filosofia, e os da Politica, patenteou em poucos annos os destes Sabios; e então os mesmos, que tinhão assignalado o Infante como destruidor do Reino, o exaltárão acima de todos os Principes do Mundo. Ordinario resultado de empresas felizes!

O Infante tomou para sua divisa, como se vê na sua sepultura = *Talent de bien faire* = Isto he, *Vontade de fazer bem.*

1384 — A 6 de Maio do anno de 1384 ficou alojado no Lumiar ElRei de Castella com hum numeroso Exercito (2), para dar principio ao cerco de Lisboa

(1) Barros, Decada 1.ª L.º 1.º, Cap.os 14, e 8.

(2) Vede as Memorias d'ElRei D. João I., tomo 3.º, Cap.º 216, e seguintes. — Monarchia Lusitana, tomo 8.º, L.º 23, que segue em

logo que entrasse no Tejo a sua Armada, sem a qual não julgava prudente começa-lo.

ElRei D. João (que então só tinha o Titulo de Regedor, e Defensor do Reino) achava-se na Capital com poucas tropas, faltando-lhe as das Provincias do Norte, que marchavão a reunir-se na Cidade do Porto, para serem d'alli transportadas por mar a Lisboa. Esta operação carecia de mais tempo, do que tardaria a chegada do formidavel armamento naval, que se fazia em Castella. Em consequencia resolveo-se ElRei a armar promptamente todas as embarcações capazes de navegar, e expedi-las logo para o Porto, a fim de que reforçando-se com os navios daquella Cidade, embarcassem as tropas, e viessem forçar a todo o risco a entrada do Tejo; pois que deste soccorro dependia a conservação da Capital, e nella a de todo o Reino.

Existião apenas em Lisboa alguns desmantelados navios, faltos de reparos, e de aparelhos, e os Armazens quasi nada continhão; e comtudo era de imperiosa necessidade aprestar em poucos dias huma Esquadra. O zelo, e o patriotismo produzírão aqui os milagres, que costumão produzir, sendo bem dirigidos, em todas as Nações em que a Moral publica não está corrompida. Acudirão todos a obra tão necessaria: o Arcebispo de Braga D. Lourenço Vicente, Prelado cheio de actividade, e do espirito guerreiro do seculo, encarregado por Ordem Regia da superintendencia do armamento, com huma lança na mão, e o roquete vestido sobre a armadura, corria a cavallo por todas as partes em que havia trabalhos, empregando nelles Religiosos, Clerigos, e Seculares, de qualquer qualidade; e se alguns se aventuravão a querer-se escusar por motivo do seu caracter sagrado, respon-

tudo a Fernão Lopes — Chronica do dito Rei publicada pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha.

dia: Que tambem era Sacerdote, como elles; e Arcebispo, que era mais do que elles. A bordo dos navios havia igual actividade, calafetavão-se huns, apparelhavão-se outros, embarcava-se em todos lastro, mantimentos, aguada, e munições de guerra; e em breve tempo se aprestárão treze Galés, huma Galeota, e sete Náos.

Foi nomeado General das Galés, e da expedição Gonçalo Rodrigues de Sousa, Alcaide Mor de Monsarás, e erão Commandantes das outras, Ruy Pereira, tio de D. Nuno Alvares Pereira, Gonçalo Vasques de Mello, Vasco Martins de Mello, Affonso Furtado de Mendonça, Estevão Vasques Filippe, o Commendador Lourenço Mendes, Manoel Paçanha, João Rodrigues da Guarda, Aires Vasques de Almada, Antão Vasques de Almada, Gil Esteves Fariseo, e Aires Pires de Camões. A guarnição da Esquadra constava de oitocentos soldados, e mais de tres mil remeiros, e marinheiros. (1).

Benzeo-se na Sé com solemne pompa o Estandarte Real, entregando-o ElRei com a sua propria mão ao General, que o conduzio em procissão até á praia, onde embarcou, e foi arvora-lo a bordo da Galé Capitania; e estando para largar, entrárão pelo Rio huma Galé, e outros cinco navios Castelhanos carregados de viveres para o seu Exercito, que servirão para o nosso, sendo apresados todos, menos a Galé, que pôde fugir.

A 14 de Maio sahio a Esquadra, e ainda que o vento contrario fez no mesmo dia recolher as Náos, tornárão a sahir no seguinte. Na Atouguia quiz o General ter communicação com a terra, e sendo-lhe defendida dos moradores por ordem de João

(1) Sendo as Galés pequenas, necessitava esta Esquadra de 3300 homens de remo, e marinhagem.

Gonçalves Teixeira, Alcaide Mor de Obidos, que seguia o partido de Castella, a quem elles obedecião, mandou o General desembarcar algumas tropas, e saqueando a Villa, passou á Cidade do Porto.

Vio-se agora o bom resultado da prevenção d'ElRei em mandar sahir a tempo de Lisboa a sua Esquadra, porque a 26 entrou pelo Tejo a primeira divisão da grande Armada Castelhana, que erão treze Galés, e huma Galeota, e tres dias depois a segunda de quarenta Náos. Era seu Almirante Fernão Sanches de Tovar, e Capitão Mor, ou General dos Navios de alto bordo Pedro Afan de Ribera. Surgirão os inimigos em linha parallela á Cidade, cingindo toda a frontaria do Sul desde Santa Catharina até ás portas da Cruz; e por fóra desta linha espalhárão muitas embarcações ligeiras bem guarnecidas, estacionando duas Galés em Almada para vigiarem o Rio; de maneira, que ficou a Cidade perfeitamente cercada da parte do mar, a unica donde podia vir-lhe soccorro: e o Exercito, deixando os quarteis do Lumiar, veio no dia 28 (1) occupar os postos convenientes para começar as operações do ataque; cuja narração he alheia do objecto destas Memorias.

A entrada da Esquadra no Porto mallogrou o plano do Arcebispo de S. Tiago, que poucas horas antes chegára com muita gente para a sitiar, e foi vigorosamente assaltado, e expulso da posição, que occupava, pelos moradores reunidos ás tropas que desembarcárão dos navios.

Sendo aqui demittido Gonçalo Rodrigues de Sousa, por se tornar suspeita a sua lealdade, offereceo-se em nome d'ElRei ao Conde D. Gonçalo Coutinho, poderoso Fidalgo, irmão da Rainha D. Leonor Telles,

(1) Acenheiro diz, que foi no dia 30. Cap.° 21.

Governador, e Senhor de Coimbra, que se trocasse o partido de Castella pelo do seu legitimo Principe, se lhe daria o commando vago, com outras importantes mercês que pedio; o que elle acceitou, cedendo primeiro Ruy Pereira dos direitos que tinha áquelle Cargo.

A Cidade concorreo com as embarcações, soldados, e dinheiro que as circunstancias lhe permittião, e do todo se organisou huma Esquadra de dezesete Galés, e outras tantas Náos (1), aquellas completamente armadas, por metter nellas o Conde muita gente sua, e estas ainda faltas de algumas cousas.

Em quanto se reparavão os navios armados de novo, sahio a Esquadra a correr os Portos, e Rios de Galliza, saqueando humas Povoações, pondo em contribuição outras, e queimando as embarcações surtas, recolhendo-se a final sem perda, e com dinheiro que chegou para pagar tres mezes de soldo a toda a gente da guarnição.

No principio de Julho largou do Porto a Esquadra, sem esperar por D. Nuno Alvares Pereira (que corria do Alemtejo para ser da expedição), e a 17 veio surgir em Cascaes, que os inimigos occupavão. O Conde D. Gonçalo, que ignorava o verdadeiro estado das cousas em Lisboa, por não ter tomado lingua, mandou de aviso em hum batel ligeiro a João Ramalho, Cidadão do Porto, rico, intelligente, e corajoso, o qual entrou em Lisboa sem ser sentido das embarcações do bloqueio. Informado ElRei de tudo, ficou pesaroso da pouca gente, e armas com que vinhão as Náos, e sobre tudo de não trazerem D. Nuno Alvares; e na mesma noite despedio o mensageiro com ordem ao General, que em repontando a maré do dia seguinte, se fizesse á véla, e entrando pela Barra, vies-

(1) Manoel Severim numera dezesete Galés, e dezoito Náos. Discurso 2.º, §. 15.

se costeando a margem do Sul em demanda da Cidade, cobrindo as Náos com as Galés quanto possivel fosse, pondo todo o cuidado em evitar qualquer combate, que lhe retardasse a marcha; mas se os inimigos abalroassem, se defendesse com todo o valor, que elle em breve chegaria em seu soccorro.

Expedido João Ramalho com o mesmo segredo, e fortuna com que viera, nessa mésma noite fez ElRei guarnecer de gente alguns barcos grandes, e navios nacionaes, ou estrangeiros, que se achárão na Ribeira, e a pezar da honrada opposição do Povo, que não podia consentir se arriscásse huma vida, de que pendia a salvação do Reino, embarcou ao amanhecer em hum grosso navio Genovez com quatrocentos soldados, mas tendo pouco lastro, e tamanho peso de gente em cima, deitou-se á banda, e não pôde governar; o que obrigou ElRei a sahir delle. Alguns Fidalgos se mettêrão igualmente nas outras embarcações, que o vento, e maré de enchente levárão pelo Tejo acima.

Entretanto ElRei de Castella, sabendo por espias a sahida da Esquadra do Porto, convocou na Igreja do Mosteiro de Santos o Almirante Tovar, o General Ribera, e todos os Commandantes das suas respectivas Esquadras, com os Fidalgos principaes do seu Conselho; e assentando-se nos degráos do Altar Mor, e os mais em circulo á roda delle, tomado primeiro juramento de segredo, relatou as noticias que tinha das forças daquelle armamento, na falsa hypothese de se achar a bordo D. Nuno Alvares com as tropas do Alemtejo; e propoz á discussão, se seria mais conveniente dar-lhe batalha dentro do Rio, ou no mar alto.

O Almirante, abraçando o voto unanime dos Commandantes das Galés, sustentou que a Armada cruzasse sobre as Berlengas, para interceptar, e combater a de Portugal; porque dando-lhe batalha no Rio,

poderião vir de Lisboa algumas embarcações armadas, que tomassem de revez os Castelhanos no tempo em que combatião de frente com os Portuguezes, que entravão.

O General Ribera, ouvidos os Commandantes das Náos, foi de opinião contraria; fundando-se na impossibilidade de conservar no mar alto as Náos unidas com as Galés, e o perigo em que separadas incorrerião de serem successivamente tomadas pela Esquadra Portugueza, que vindo ao longo da terra com o vento da estação, que era a seu favor, as atacaria com toda a vantagem. E concluio propondo, que toda a Armada fosse dar fundo em linha acima de Belem, da banda do Norte, ficando as Náos na vanguarda; e quando a Esquadra Portugueza emparelhasse com ella, todos os navios se fizessem á véla, e a seguissem; pois terião então a seu favor o vento, e a maré, que lhes daria vantagem: e em caso de desgraça, tinhão os Castelhanos segura a retirada para huma, ou outra margem do Tejo, cujos pontos principaes occupavão as suas tropas; álem dos reforços de soldados, que lhes virião do Exercito. Com este parecer se conformou ElRei, e o seu Conselho.

He certo, que a Armada Castelhana, combatendo dentro do Rio, não podia padecer derrota; mas tambem não evitava, que a Esquadra Portugueza penetrasse até á Cidade, sacrificando alguns navios; e a entrada deste soccorro era justamente tudo o que huns querião obter, e que os outros devião embaraçar.

Em consequencia daquella resolução, destacou Tovar as duas melhores Galés, para cruzarem duas leguas ao mar do Cabo da Roca, e por ellas soube na tarde do dia 16 a chegada da Esquadra do Porto; o que causou grande alvoroço a bordo dos seus navios, onde embarcárão logo de reforço muitas tropas; e ao amanhe-

çer se fez á véla com toda a Armada, e foi ancorar defronte de Belem.

Pelas nove horas da manhã de 18, começando a encher a maré, assomou na ponta de S. Julião a Esquadra Portugueza, com vento fresco a hum largo, em columna cerrada. Formavão a vanguarda cinco Náos; na primeira, e maior de todas chamada Milheira, vinha o General dos Navios de alto bordo Ruy Pereira, com cem soldados de guarnição; seguião-se a ella a Estrella, Commandante Alvaro Pires de Castro; a Farinheira, Commandante João Gomes da Silva; a Sangrenta, Commandante Aires Gonçalves de Figueiredo; e outra commandada por Pedro Lourenço de Tavora: nestas Náos se achavão muitas pessoas principaes. Após esta divisão, que vinha hum pouco avançada, marchava o Conde D. Gonçalo com todas as Galés unidas prôa com pôpa; e logo sem intervallo as doze Náos restantes, humas e outras embandeiradas, e tocando os instrumentos de guerra usados naquelle tempo.

Logo que Ruy Pereira chegou á altura do flanco da Armada Castelhana, orçou para ella querendo reconhece-la, ou provoca-la, imitando o seu movimento as quatro Náos da sua divisão; e neste meio tempo as Galés hião passando á voga arrancada encostadas á parte do Sul acompanhadas das doze Náos: e Ruy Pereira, vendo immoveis os inimigos, arribou para reunir-se á sua Esquadra.

O Almirante Tovar, julgando opportuno o momento de largar, para se prolongar com a Esquadra Portugueza em linha parallela por barlavento, e interceptar-lhe o caminho de Lisboa, sarpou ao mesmo tempo, largando as amarras; e hia pôr-se em seu alcance, quando Ruy Pereira, que conhecia a importancia da entrada do soccorro naquella Cidade, e estava resoluto a sacrificar a vida por obter tão grande resultado,

metteo de ló no bordo do Norte com a sua divisão; e embaraçando, e cortando os navios Castelhanos, ainda desordenados da evolução, abordou a Náo S. João de Arena, em que vinha o Almirante, fazendo as quatro do seu commando o mesmo ás inimigas, que achárão mais adiantadas. Esta habil manobra espalhou a confusão entre as Náos Castelhanas, que por quererem acudir ao seu Almirante, se enredárão humas com as outras; e as que se resolvêrão a seguir a Esquadra Portugueza, o fizerão tão tarde, que não podérão travar com ella.

As cinco Náos Portuguezas entretanto, abalroadas por todas as partes por muitas Castelhanas, forão levadas em montão pela maré, e vento até ao Pontal de Cassilhas. Era a bordo de todas desesperada a peleja, sobre tudo na do intrepido Ruy Pereira, onde carregava a multidão dos inimigos, que elle tinha mais de huma vez rechaçado, quando huma frechada lhe deu pela testa, e o deixou sem vida. Assim acabou gloriosamente hum dos assignalados Varões do seu seculo, que occupa mui distincto lugar na guerreira familia do Condestavel!

Com a sua morte se rendeo a Náo Milheira, e mais duas, salvando-se porêm outras duas, que vierão surgir na Ribeira, onde se ajuntou o resto da Esquadra. ElRei sentio, como devia, a perda de Ruy Pereira no momento em que acabava de ganhar huma verdadeira victoria, mettendo em Lisboa o soccorro que a assegurava do perigo eminente, em que estava; e vendo-se agora com forças maritimas mais respeitaveis, determinou aproveitar-se (1) de alguma conjunção de vento, e maré favoravel para assaltar com vantagem a linha de ancoragem dos Castelhanos, o que não teve effeito pela chegada de hum reforço de navios

(1) Vede a Monarchia Lusitana, tomo 8.º, L.º 23, Cap.º 22.

de Sevilha, que elevou a sua Armada a dezeseis Galés, sessenta e huma Náos, e outras muitas embarcações de guerra mais pequenas. Em consequencia deste incidente, mudou ElRei o seu plano offensivo em defensivo, mandando abicar na praia os navios grandes, e amarrar as Galés com viradores em terra, e as proas ao mar, guarnecidas de espaldões que cobrírão das armas de arremeço a gente, que as defendia; e cada huma com seu Commandante, e alguns soldados, alem da marinhagem.

A experiencia mostrou em breve o acerto destas medidas, porque a 27 de Agosto (1), aproveitando-se os Hespanhoes de terem maré de cheio de aguas vivas ao nascer do Sol, sahírão com as suas Galés na direcção de Oeste, figurando nos movimentos hum exercicio de manobras; e chegando defronte do Arsenal, onde a nossa Esquadra estava disposta pelo modo que ja expliquei, voltárão de repente sobre ella, e vierão accommette-la; fazendo ao mesmo tempo ataques falsos da parte de terra, para attrahir alli a attenção dos cercados.

ElRei, a cujo cuidado não escapava movimento algum dos sitiantes por mar, ou por terra, estava naquella occasião observando do Palacio do Castello as evoluções das suas Galés, e logo que ellas virárão, penetrando-lhe o intento, correo a galope á Ribeira, onde achou ja muitos soldados, e moradores bem armados que vinhão soccorrer os navios, e a sua presença influio nelles tal valor, que quando os Castelhanos os abordárão, fórão rechaçados com muitos mortos, e feridos, e a perda de huma Galé, cujo Commandante Vasco Martins de Meira acabou na acção, a qual du-

(1) Monarchia Lusitana, ibi, Cap.° 24 — Nem Acenheiro, nem o Arcebispo D. Rodrigo fazem menção deste combate, que tem comtudo os caracteristicos de verdadeiro.

rou até que a vasante da agua obrigou os Castelhanos a retirar-se, sem poderem recobrar a Galé perdida.

Aqui esteve ElRei no perigo mais eminente, porque entrando pelo mar dentro a cavallo, lho matárão de hum tiro de arremeço, e ao cahir, o levou debaixo sem que pessoa alguma o visse; mas a Providencia permittio, que podesse desembaraçar-se, e sahir a salvo.

Durante o resto do tempo que durou este memoravel cerco de Lisboa, não achei outra alguma acção naval, que mereça lembrar-se.

1405 — Havendo-se desposado este anno em Lisboa a Senhora D. Brites, filha natural d'ElRei D. João, com Thomaz Fitz Alan, Conde de Arundel, a conduzio a Inglaterra seu irmão o Senhor D. Affonso, com João Gomes da Silva, Alferes Mor, e outras muitas pessoas de distincção, em huma Esquadra de tres Galés, e vinte e oito navios redondos, entre grandes e pequenos, que chegou aos Portos daquelle Reino nos fins de Novembro (1).

1412 — Não se conhece com certeza a epoca em que, por mandado do Infante D. Henrique, sahírão de Portugal os primeiros Descobridores a correr a Costa Occidental da Barberia; mas sabe-se, que neste anno de 1412 mandou huma embarcação a essa commissão, e talvez fosse a primeira que dobrou o Cabo de Não (2).

As embarcações empregadas nestas viagens erão grandes barços Latinos de coberta, demandando pouco fundo, e pequenas equipagens, systema bem adaptado ás circunstancias; porque os Descobridores partião

(1) Chronica de D. João I. pelo Arcebispo D. Rodrigo, Cap.° 104 — Vede a Historia Genealogica, tomo 5.°, pag. 38.

(2) O Cabo de Não está situado na Costa Occidental da Africa em 28° 30′ de Lat. N., e 6° 59′ 45″ de Long. Proximo a este Cabo ha huma boa Bahia, onde vem desaguar hum Rio.

no Verão, em que dominão na Barberia os ventos do primeiro quadrante, e sobre tudo os do quarto, com os quaes hião á popa, mas na volta para Portugal, como estes ventos ficavão ponteiros, era-lhes necessario vir bordejando para o Norte, até avistarem algum ponto da Costa ja conhecido, donde podessem atravessar em busca dos Portos do Algarve, sem risco de se desgarrarem para o Occidente. Tinhão de mais a vantagem de se poderem chegar bem a terra, ou para buscarem abrigo, ou para examinarem os Rios, Portos, e Bahias que descobrissem; e sendo as suas guarnições pequenas, achavão mais facilmente aguada, e refrescos.

Nestes descobrimentos empregava o Infante duas, e tres embarcações cada anno (1), e ás vezes mais; e assim porfiou com grandes despesas até ao anno de 1433, sem achar hum navegante, que se aventurasse a dobrar o Cabo Bojador, que parecia tão terrivel antes de o ser, como pareceo pouco formidavel depois (2).

Não pude descobrir o nome do Commandante desta primeira embarcação, que se diz ter chegado ao Cabo Bojador (3), nem as circunstancias da sua viagem. A cada passo se encontrão destas omissões nos nossos antigos Escriptores, até em materias de grande importancia.

1415 — Continuou o Infante a mandar outras embarcações a descobrir a terra alem do Cabo Bojador, sem nenhuma ousar dobra-lo, receando amarar-se tanto, que na volta não podesse tomar a Costa do Algarve, pois que ainda se não ousava perder a terra de vis-

(1) Vede Barros, Decada 1., L.° 1., Cap.° 2.

(2) Está situado na Lat. N. 26° 9′; e Long. 3° 42′ 45″; e he cercado de hum recife, que se estende mais de huma legua ao mar: da parte do Sul tem huma Bahia com ancoradouro.

(3) Faria e Sousa, Asia Portugueza, tomo 1., parte 1.

ta; e aquelle Cabo sahia mais de cincoenta leguas para o Occidente do Cabo de Espartel (1).

1415 -- Ajustada a Tregoa com Castella no anno de 1411, os valorosos filhos d'ElRei D. João, Principes na flor dos annos, de raros talentos, ávidos de glória, e cubiçosos da honra de serem armados Cavalleiros, que era a maior daquelles seculos, lembrárão a seu Grande Pai a conquista de Ceuta, Praça no Reino de Fez, da maior importancia pelo seu Commercio maritimo, ricas manufacturas, e situação topografica na bocca Oriental do Estreito, de que era huma das chaves, e Gibraltar a outra possuida então pelo Rei Mahometano de Granada. E ElRei, ou incitado por esta idea, que abonava o Vedor da Fazenda João Affonso, ou tendo-ja o mesmo pensamento, parece que formou logo o projecto de ampliar os seus Estados com algumas Provincias Africanas, para cuja conquista serviria de base de operação aquella Cidade; ao menos he certo, que conservou toda a sua vida o mesmo systema, como demonstra hum artigo do Tratado de Paz de 1431, de que adiante farei menção (2).

Approvado o plano dos Infantes, a despeito dos obstaculos que se oppunhão a tão dispendiosa expedição, no momento em que o Reino começava a respirar das calamidades da guerra, á sombra de huma Tregoa com os seus irritados visinhos, gastárão-se annos em completar os preparativos, por faltarem navios, munições, e sobre tudo dinheiro, nervo principal de todas as empresas, e muito mais das maritimas, por serem mui complicados, e falliveis os calculos das suas despesas. Tudo porêm vencêrão os talentos, e experiencia d'ElRei, coadjuvado da perspicacia, e acti-

(1) Faria e Sousa, Asia Portugueza, tomo 1., parte 1.

(2) O fundo da narrativa desta expedição he tirado das Memorias d'ElRei D. João I., tomo 3., Cap.º 289, e seguintes.

vidade dos Infantes, e do genio guerreiro da Nação.

Ajuntárão-se as sommas necessarias, independentes de novos tributos, que não se podião lançar, sem convocar Cortes, e descobrir por consequencia o segredo, que cumpria guardar-se inviolavel: supprio-se esta falta com alguns emprestimos, e huma severa economia na administração da Fazenda. Examinárão-se pelos Portos do Reino os navios de Guerra, e Commercio em estado de navegar: reparárão-se os que erão susceptiveis de fabrico, e fretárão-se alguns estrangeiros, e construírão-se de novo as Galés que faltavão para completar o numero de trinta, de que se queria compor huma Esquadra, cujo armamento se encarregou ao Almirante Carlos Paçanha; e a Gomes Loureiro a inspecção das munições e petrechos, e a compra dos mantimentos.

Alistou-se a gente de guerra sufficiente, cuja commissão se deu ao Infante D. Henrique nas Provincias do Norte, tendo por ponto de reunião a Cidade do Porto; e nas outras Provincias ao Infante D. Pedro, com o ponto de reunião em Lisboa.

Era de absoluta necessidade reconhecer o estado das fortificações de Ceuta, e os seus meios de defensa; mas de hum modo tão disfarçado, que não excitasse desconfiança nos Mouros. Huma e outra cousa obteve ElRei com este ardil: Chamou o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e o General do Mar Affonso Furtado de Mendonça, e instruindo-os em segredo da sua verdadeira commissão, os nomeou Embaixadores á Corte de Sicilia, para representarem á Rainha D. Branca, não ser possivel o seu matrimonio com o Infante D. Duarte, pelos graves inconvenientes que se seguirião da união das duas Coroas, e que em seu lugar lhe offerecessem o Infante D. Pedro. Partirão estes Fidalgos em duas magnificas Galés, e com pre-

texto de tomarem refrescos, surgírão em Ceuta, onde se dilatárão quatro dias (1), sondando de noite o Porto, e examinando de dia a Cidade. Seguindo dalli a sua viagem para a Sicilia, derão a embaixada á Rainha, e recebida a resposta negativa, que esperavão, voltárão a Portugal com escala por Ceuta, a fim de rectificarem as primeiras observações.

ElRei os ouvio em publico, com fingido sentimento do máo successo da negociação, e em particular foi bem informado do estado da Praça á vista de hum modelo, que na sua presença construio, e lhe explicou o Prior do Crato, em que representava a Cidade com a sua Bahia, e nesta os melhores pontos para ancoradouro, e desembarque. Com estas noticias se determinou de todo ElRei a emprehender a expedição, e a communicou logo á Rainha D. Filippa. O mesmo fez em segredo ao Condestavel, que estava no Alemtejo, indo para esse effeito encontra-lo, com pretexto de huma caçada a Monte Mor o Novo, onde ouvio da bocca daquelle Heroe a completa approvação do seu projecto. Era porêm necessario communicar este ao Conselho de Estado, o que fez em Torres Vedras: achárão-se presentes á discussão deste importante negocio (2), a Rainha, os Infantes, o Conde de Barcellos, o Condestavel, os Mestres das Ordens de Christo, S. Tiago, e Aviz, o Prior do Crato, o Marechal do Reino Gonçalo Vasques Coutinho, Martim Affonso de Mello, e o Alferes Mor João Gomes da Silva.

Parece que ElRei esperava opposição da parte de alguns Conselheiros, porque guardando-se ainda naquelle seculo o costume do Senado Romano, onde os votos se davão de maior para menor, e competindo

(1) Assim o diz Mattheus Pizano no seu Livro da Guerra de Ceuta, nem podia em menos tempo fazer-se similhante reconhecimento.
(2) Acenheiro, Capitulo 21, pag. 205.

por consequencia aos Infantes votar antes que os outros Conselheiros, ordenou elle ao Condestavel (com quem estava de intelligencia) que votasse primeiro, o que fez sustentando a opinião d'ElRei, e abraçada esta successivamente pelos Infantes, nenhum Conselheiro ousou contradize-los, e ficou o negocio por voto unanime approvado.

Restava huma difficuldade a vencer: Os Principes visinhos, inquietos nos armamentos de Portugal, trabalhavão por descobrir o seu verdadeiro objecto; Castella, Aragão, e Granada mandárão a Lisboa Embaixadores, que voltárão com respostas satisfactorias, menos os de Granada, que as recebêrão equivocas. Para engrossar mais o véo com que encobria este mysterio, mandou ElRei a Fernão Fogaça por seu Enviado ao Conde de Hollanda, para pedir satisfação de alguns insultos, que os Hollandezes commettêrão no mar contra a Bandeira Portugueza, ameaçando immediato rompimento no caso de lhe ser negada. O Conde, ja prevenido em segredo, ouvio a embaixada em sala publica, e deu tal resposta a Fernão Fogaça, que podia interpretar-se como huma declaração de guerra.

Este novo artificio persuadio a todos, que a expedição era contra as Provincias maritimas daquelle Principe, posto que ElRei não o declarasse, nem désse a entender que queria commanda-la em pessoa; havendo ja nomeado por Generaes aos Infantes D. Pedro, e D. Henrique.

A 10 de Julho entrou em Lisboa o Infante D. Henrique com a Esquadra do Porto, composta de sete Galés, e vinte Náos, humas e outras bem armadas, conduzindo a bordo muitas, e valorosas tropas (1). Erão Commandantes das Galés, o proprio Infante (na-

(1) Severim diz, que erão dezesete Galés, e cincoenta e tres navios. Noticias de Portugal, Discurso 2.º, §. 15.

quelle seculo o General em Chefe commandava o navio, em que hia a sua Insignia), o Conde de Barcellos, seu irmão natural, D. Fernando de Bragança, filho do Infante D. João, o Marechal Gonçalo Vasques Coutinho, o Alferes Mor João Gomes da Silva, Vasco Fernandes de Ataide, e Gomes Martins de Lemos. Commandavão as Náos, D. Pedro de Castro, Gil Vasques da Cunha, Pedro Lourenço de Tavora, Diogo Gomes da Silva, João Rodrigues de Sá, João Alvares Pereira, irmão do Condestavel, Gonçalo Annes de Sousa, Martim Affonso de Sousa, Martim Lopes de Azevedo, Fernão Lopes de Azevedo, Luiz Alvares Cabral, Fernão Alvares Cabral, Estevão Soares de Mello, Mendo Rodrigues de Refoios, Garcia Moniz, Paio Rodrigues de Araujo, Vasco Martins de Albergaria, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandes Mascarenhas, e Aires Gonçalves de Figueiredo, Fidalgo de noventa annos, que se veio offerecer ao Infante com taes instancias, que obteve o commando de huma Náo. Offerecêrão-se-lhe tambem doze Cavalleiros de Baiona quasi da mesma idade, que tendo servido em toda a guerra contra Castella, estavão aposentados comendo as tenças que ElRei lhes havia dado; e posto que o Infante procurasse dissuadi-los, vio-se obrigado a acceita-los. Tanto era o ardor, que animava a Nação!

A morte da Rainha D. Filippa, acontecida neste tempo; e a peste em que ardia Lisboa, pozerão ainda em contingencia a expedição; que talvez se não realisára, apesar de se acharem feitas todas as despesas, e o armamento prompto, sem a actividade, e resolução do Infante D. Henrique.

Finalmente no dia 23 de Julho, deixando encarregado o Governo do Reino, com Titulo de Vice-Rei, ao Mestre de Aviz Fernão Rodrigues de Siqueira (1), se

(1) Acenheiro, Cap.º 21, pag. 216.

embarcou ElRei na Galé Real, e no seguinte foi dar fundo na Enseada de Santa Catharina, para recolher alguma gente que faltava; e no outro dia 25 sahio a barra com toda a Armada. Hião nella embarcados, álem dos Fidalgos ja nomeados entre os Commandantes de navios, os Infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, o Conde de Barcellos, D. Affonso de Cascaes, filho do Infante D. João, o Condestavel, seu sobrinho D. Alvaro Pereira, o Mestre da Ordem de Christo D. Lopo Dias de Sousa, o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, o Almirante Carlos Paçanha (1), o Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, o General do Mar Affonso Furtado de Mendonça, e outros muitos Fidalgos, e pessoas notaveis, assim como muitos aventureiros illustres Inglezes, Francezes, e Alemães: hum Barão destes ultimos levava quarenta Cavalleiros seus; e hum rico Inglez chamado Mondo (talvez Mongo), trazia quatro navios á sua custa bem guarnecidos de frecheiros.

Não ha certeza sobre as circunstancias deste armamento, mas em geral se concorda em lhe dar cincoenta e nove Galés, trinta e tres Náos, e cento e vinte navios menores, com cincoenta mil homens (2), nos quaes se devem entender (a meu parecer) os soldados, remei-

(1) Acenheiro, no lugar citado, nomea aqui a Lançarote Paçanha; o mesmo segue Mattheus Pizano, e o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha no Cap.° 87; mas consta qve aquelle Almirante fóra assassinado em Beja no anno de 1383. Vede a Monarchia Lusitana, tomo 8.°, Cap.° 33.

(2) Segundo Mattheus Pizano (L.° da Guerra de Ceuta, pag. 43) constava a Armada de vinte e sete Galés (*triremium*), de trinta e duas Galeotas (*biremium*), e sessenta e tres navios redondos de transporte (*navium onerariarum*), e de outras cento e vinte embarcações — Segundo a Chronica do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha (Cap.° 87), compunha-se a Armada de trinta e tres Náos grandes, vinte e sete Galés de tres remos por banco, trinta e duas de dois remos cada banco, e cento e vinte navios pequenos — O Conde da Ericeira (Vi-

ros, e marinheiros, sendo vinte mil dos primeiros, e o resto das outras duas classes (1).

A 26 dobrou a Armada o Cabo de S. Vicente, e ancorou nessa noite em Lagos. No dia seguinte, Domingo, desembarcou ElRei com todas as pessoas principaes, e ouvio Missa na Cathedral; acabada a qual, leo Fr. João de Xira, Pregador Regio, a Bulla da Cruzada, que o Papa concedera em beneficio dos que se achassem na conquista de Ceuta, ficando deste modo patente o segredo da expedição. No dia 30 partio ElRei para Faro, e acalmando o vento, se demorou por alli até 7 de Agosto, que seguio viagem com Ponente; e avistando sobre a tarde o Cabo de Espartel, virou no mar, para vir entrar de noite no Estreito, como fez, surgindo em Tarifa.

Governava esta Praça Martim Fernandes Porto-Carreiro, Portuguez, e tio do Conde de Vianna; o qual sabendo que vinha alli ElRei, mandou a bordo seu filho com hum grande refresco de vacas, e carneiros, desculpando-se de não ir em pessoa, pelas obriga-

da de D. João I., L.º 5.º, pag. 373) affirma, que era de cincoenta e nove Galés Reaes, trinta e tres Náos grossas, e cento e vinte navios pequenos, e mais de cincoenta mil soldados; o que em substancia concorda com o epitafio do mesmo Rei, posto que este não indica o numero dos homens; porque diz = *Et ingenti suorum naturalium impavida potentia, cum maxima Classe plusquam ducenti viginti aggregata navigiis, quorum pars numerosior maiores naves, et grandiores extitere triremes, in Africam transportavit.* =

(1) Severim de Faria (Noticias de Portugal, Discurso 2.º §. 7) diz positivamente, que ElRei levava *vinte mil homens de Infanteria.* Com effeito, fazendo-se o calculo dos remeiros, e marinheiros necessarios para guarnecer as duzentas e doze embarcações Portuguezas, com attenção ás suas differentes classes, e ao systema de organisação das equipagens então usado, se verá serem precisos mais de vinte mil dos primeiros, e perto de sete mil dos segundos; e se o total era de cincoenta mil homens, segue-se que o Exercito pouco excederia a vinte mil.

ções do seu Cargo. Não acceitou ElRei o presente, respondendo, que a Armada vinha provida de tudo; de que sentido Martim Fernandes, fez matar os gados, e os deixou abandonados na praia. ElRei, que presava os homens de grande espirito, mandou-lhe varias joias de valor, e mil dobras em huma salva mui rica: os Infantes imitárão a generosidade Real (1).

De Tarifa foi a Armada ancorar a Algeciras (pertencente ao Reino de Granada), e os Mouros mandárão logo hum abundante refresco, que ElRei acceitou, por não lhes dar suspeitas de ir fazer guerra aos seus alliados. Determinava elle atacar Ceuta no dia 12, mas sobrevindo grande cerração, com calmaria, levou a corrente quasi até Malaga os navios grandes, em quanto as Galés, e mais embarcações pequenas se aproximárão tanto a Ceuta, que muitas dellas surgírão.

Esta Cidade, chamada antigamente Septa, tinha sido em parte construida, e fortificada pelo Imperador Justiniano, e era a melhor Praça da Mauritania; centro do Commercio de Damasco, da Libia, de Alexandria, e de outros Reinos, e Estados, com as Nações de Europa, que por ella exportavão, e recebião os productos da sua reciproca industria. A Bahia he desabrigada, com fundo pouco limpo, mas assás boa para as embarcações pequenas daquelle tempo, comparada com outras da Barberia, tirando grande importancia da sua situação, de maneira que em todas as invasões da Hespanha tinha servido como de ponte aos Exercitos Mahometanos; e o seu Porto de perpetuo ninho de Corsarios, que em tempo de guerra sahião a correr as Costas da Peninsula, e interceptavão a navegação dos Portuguezes, e Hespanhoes. Da-se o nome

(1) Acenheiro, no lugar citado, diz que estas dadivas tiverão logar quando Porto-Carreiro veio a Lisboa: o mesmo diz o Arcebispo Cunha no Cap.º 88; mas isto não parece verosimil.

de Almina a hum monte pouco alto, e longo de milha e meia, que constitue a ponta mais saliente daquella parte da Africa, e fica quasi separado do Continente pelo mar. Sobre este monte está construido o Castello moderno do Facho, situado na Latitude Norte de 35° 54′, e na Longitude de 12° 52′ 36″. A Cidade naquelle tempo estava situada na fralda do Almina da parte do Occidente, onde hoje chamão o Bairro. Pela banda do Nascente deste monte faz a Costa enseada até Cabo Negro, na qual podem ancorar os maiores navios abrigados dos Ponentes.

Era Governador, e Senhor de Ceuta Zalá-Benzalá, Mouro mui poderoso, e rico, que temendo-se da Armada Portugueza, tinha pedido auxilio ao Soberano de Fez, e a outros Potentados seus visinhos, dos quaes lhe acodio multidão de gente, que alguns avalião em cem mil homens. Este, vendo os navios surgirem dentro de alcance, lhes mandou atirar das muralhas, o que causou bastante damno, sobre tudo na Galé do Almirante, que estava mais perto de terra; mas longe de largar por isso o porto, fez desembarcar alguns soldados, que travárão com os Mouros huma renhida escaramuça, em que Estevão Soares de Mello se distinguio, rechaçando os inimigos.

No dia 14 determinou ElRei passar-se para a parte Oriental d'Almina, por ser lugar abrigado dos Ponentes, e dos tiros da Praça, e com a idéa de divertir a attenção dos Mouros, para que desguarnecessem o lado opposto, onde pretendia fazer o ataque; e como as Náos estavão longe, mandou busca-las pelo Infante D. Henrique com as Galés mais ligeiras; e a 16, vendo reunida a Armada, ordenou o desembarque para o dia seguinte. Estando tudo prestes, sobreveio hum Levante mui rijo, ainda que momentaneo, e como a enseada que faz alli a Costa he desabrigada com aquelle

vento, toda a Armada levou ferro, e se tornou a espalhar. ElRei, com as Galés, e navios pequenos tomou Algeciras, e as Náos, acalmando-lhe logo o vento, forão levadas da corrente para Leste. Este incidente, parecendo desgraçado, foi causa da perdição de Zalá-Benzalá, porque vendo dispersas as Náos Portuguezas, e que as Galés não apparecião, deu por concluida a expedição, e julgou acertado despedir os seus importunos auxiliares, tanto por estar agastado das suas desordens, como na esperança de os poder ajuntar com a mesma facilidade: assim ficou só na Cidade a guarnição ordinaria.

Entretanto partio segunda vez o Infante D. Henrique com as Galés a conduzir as Náos para Algeciras, o que fez com igual fortuna, ajudado do vento, e trouxe a reboque o navio de que era Commandante João Gonçalves Homem, que encontrou de noite quasi alagado, por haver abalroado com outro.

Reunida a Armada em Algeciras (1), chamou ElRei a conselho, e rejeitando a opinião dos que querião se abandonasse a empresa, sahio no dia 20, e ao anoitecer deu fundo defronte de Ceuta. Estavão dadas todas as ordens geraes para o desembarque, e ao amanhecer de 21, mettendo-se elle em hum escaler (onde ao entrar se ferio gravemente em huma perna), correo as embarcações das principaes pessoas, ordenando-lhes, que em vendo em terra o Infante D. Henrique, desembarcassem logo, por lhe haver permittido licença para ser o primeiro, que pisasse a praia Africana.

Feito o signal na Galé Real para o Infante desembarcar, houve nisso alguma demora, o que fez com que outros impacientes se lhe adiantassem, e d'entre

(1) O Anonymo, que escreveo a Chronica antiga do Condestavel, Cap.º 78 da edição de Lisboa de 1554, diz, que se reunio na *angra de Gibraltar*.

elles João Fogaça abordou primeiro na sua lancha, acompanhado de Ruy Gonçalves, e investindo com os Mouros, que os esperavão, fizerão praça para desembarcarem os que á voga arrancada os seguião. O Infante D. Henrique em breve tomou terra com as tropas do seu especial commando, e travou com elles huma rija peleja. O Infante D. Duarte, vendo seu irmão ja desembarcado, fez o mesmo, e estes dois Principes unidos, levárão os Mouros adiante de si até á porta chamada d'Almina, por onde os fizerão metter atropellados, sendo Vasco Annes Corte-Real o primeiro que entrou de envolta com elles, e o Infante D. Duarte o segundo. Este ataque foi feito com tanto vigor, que os Mouros recuárão sobre as portas da Cidade, diante das quaes resistirão a pé firme algum espaço; mas cahindo morto ás mãos de Vasco Martins de Albergaria, hum valente e agigantado negro, que servia de antemural aos seus, voltárão as costas, indo misturados com elles os dois Infantes, o Conde de Barcellos, e outros muitos dos principaes Cavalleiros. O Infante D. Henrique com summo acordo assegurou-se das portas, em que deixou hum destacamento, e foi tomar posição em hum lugar eminente, onde arvorou o seu estandarte, e esperou os reforços que lhe erão necessarios para penetrar na Cidade, e decidir a victoria, os quaes successivamente chegárão quando ElRei desembarcou com o Infante D. Pedro, e o Condestavel.

Depois de huma serie de combates furiosos dentro dos muros, e fóra delles, em que os Portuguezes sustentárão a sua bem provada bravura, o que seria mui longo referir aqui circunstanciadamente, foi Ceuta ganhada no mesmo dia do assalto (1), e Zalá Benzalá desanimado se pôz em salvo com a sua familia ao anoi-

(1) O Arcebispo Cunha diz (Cap.º 94), que foi ganha no dia 23.

tecer, largando o Castello; o qual, por ser o ponto mais forte, reservou ElRei para as suas armas.

Ignora-se o numero dos inimigos que morrêrão, ou ficárão cativos, porêm he incontestavel que devia ser mui crescido: dos Portuguezes dizem, que só faltárão oito, que parece incrivel. O despojo foi riquissimo, tanto em metaes preciosos, e objectos de commercio, como em artilharia, e munições navaes, e de guerra, alem de quatro Galés achadas no Porto.

Nomeou ElRei para Governador ao Conde de Vianna, que pedio este Cargo por se haverem escusado delle outros Fidalgos, a quem primeiro o offerecêra. Deixou-lhe de guarnição perto de tres mil homens (1), e algumas embarcações, com abundantes provisões de toda a especie; e a 2 de Setembro partio para Portugal, e foi desembarcar em Tavira.

Não apparece na relação desta grande expedição maritima huma só palavra, que denote o uso da artilharia a bordo dos navios Portuguezes, havendo-a ja nas baterias das Praças; e ainda que hum Escritor nosso, mui curioso indagador das cousas da Marinha, diz, que no tempo deste Monarcha se começou a usar de artilharia grossa nos navios (2), devia ser nos ultimos annos do seu Reinado.

1418 — Estando Ceuta cercada por terra de hum grande Exercito de Mouros (3), mandou o Rei de Granada huma Frota de sessenta e quatro vélas, em que entravão onze Galés, e vinte Galeotas, carregadas de tropas, e por Commandante de tudo Muley Çaide,

(1) Chronica do Conde D. Pedro, Cap.º 6.º

(2) Couto, Memorias Militares, Tratado 23, pag. 270.

(3) Vede a Chronica do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, cap.º 97. — A Chronica do Conde D. Pedro, por Azurara, L.º 1.º Cap.º 70 até 81 — Chronica do Principe D. João, por Damião de Goes — Memorias de D. João I., tomo 2.º, onde trata deste cerco de Ceuta.

seu sobrinho, para atacar a Cidade da banda do mar. ElRei D. João, que pelo aviso que recebêra, ja tinha mandado hum bom reforço áquella Praça, mal soube agora por Tarifa da sahida do armamento de Granada, não perdeo hum instante em concluir os aprestos de hum poderoso soccorro, capaz de mallograr as esperanças que os seus inimigos fundavão em hum plano de campanha tão bem combinado: e era tal a abundancia de munições navaes, e de guerra nos Arsenaes de Lisboa, que poucos dias depois sahio de Lisboa (em Agosto) o Infante D. Henrique por General da expedição, levando comsigo o Infante D. João; e para o Algarve expedio ElRei os Infantes D. Duarte, e D. Pedro para conduzirem dalli novas forças se necessario fosse. Não achei nos Escritores o numero de tropas, e navios que levou o Infante D. Henrique; o qual chegando á bocca do Estreito, encontrou huma Fusta, em que vinha Affonso Garcia de Queirós com Cartas do Conde de Vianna, participando ter Muley Çaide occupado ja com as suas tropas a parte oriental da Almina, combinando os seus ataques com os do Exercito sitiante, em quanto as Galés bloqueavão o Porto.

A' vista da Armada Portugueza, entrando vagarosamente com vento bonançoso pelo Estreito, o Rei de Granada, que se achava em Gibraltar prompto a embarcar para se ir unir a seu sobrinho, e gozar do triunfo que reputava facil, abandonou esta idea, e escolheo por mais seguro ser dalli espectador do successo.

A fortuna não quiz que o Infante D. Henrique tivesse a gloria de destruir o armamento naval de Granada; porque em quanto navegava a buscar a Praça, fazia o Conde de Vianna huma sortida á testa da sua valente guarnição contra as posições, que Muley Çaide occupava no monte. A acção foi disputada com desesperado valor por este intrepido Granadino, a quem

só restava hum de dois partidos, ou render-se, ou acabar pelejando; e este he o que elle briosamente escolheo. Para entender a razão desta cruel alternativa, cumpre saber, que no principio da batalha, as Galés de Granada estavão surtas na bocca da Bahia, e começando neste momento a descobrir-se a Armada Portugueza, de que os Mouros fazião repetidos signaes de ambas as Costas do Estreito, toda a sua Frota cortou as amarras, e cada embarcação fugio na direcção que melhor lhe pareceo. Muley Çaide, que não podia embarcar senão nas praias da Almina da parte opposta á Bahia, chamou a grão pressa as Galés, para salvarem as tropas que possivel fosse, mas huma unica obedeceo ás suas ordens, e recolheo apenas cincoenta homens: tudo o mais, que estava no monte, foi morto, ou cativo.

Estava concluida a acção, quando desembarcárão os Infantes, que só poderão ver os montes de mortos, que cobrião o campo de batalha. Tres mezes se detiverão em Ceuta, e neste meio tempo o grande espirito do Infante D. Henrique lhe suggerio a idea de tomar Gibraltar á escála; e ainda que contrariado pela opinião quasi geral dos que chamou a Conselho, deo principio á empresa, e provavelmente a levaria ao fim, se as ordens positivas d'ElRei não o chamassem a Lisboa.

1419 — No principio deste anno mandou o Infante D. Henrique continuar os descobrimentos ao longo da Costa occidental da Africa, e as embarcações destinadas para essa commissão corrêrão obra de sessenta leguas para o Sul do Cabo de Não; mas não ousárão dobrar o Cabo Bojador (1).

D.° anno — Neste anno descobrírão os Portugue-

(1) Damião de Goes, Chronica do Principe D. João.

zes por hum feliz acaso a primeira Ilha, das que hoje possuem no mar Oceano. Estava pesaroso o Infante de não ousarem os Commandantes das suas embarcações arrostar com os suppostos perigos do Cabo Bojador, quando se lhe offerecêrão para isso João Gonçalves, de alcunha o Zarco, e Tristão Vaz Teixeira, Cavalleiros da sua Casa, que servírão debaixo das suas ordens com grande valor nas duas expedições de Ceuta (1). Mandou elle aprestar-lhes huma embarcação, de que deu o commando a João Gonçalves (talvez por mais idoso) com instrucções para commetter a passagem do Cabo (2) e no caso de a conseguir, correr a Costa para o Sul até onde podesse chegar.

Partidos os dois Cavalleiros, antes de ferrarem a Costa d'Africa, lhes deu hum temporal de Levante, e não podendo bordejar, nem aguentar-se á capa, em razão da má construcção, e aparelho das embarcações daquelle tempo, e dos poucos conhecimentos da Nautica, ainda na infancia, corrêrão em popa com o tem-

(1) Colloquei o descobrimento de Porto Santo em 1419, seguindo a Damião de Goes (Chronica do Principe D. João, Cap.° 8.°), e a Soares da Silva (Memorias de D. João 1.°, tomo 1.°, cap.° 76). O Padre Antonio Cordeiro (Historia Insulana, L.° 6.°, Cap.° 1.°) diz, que sem duvida foi descoberta de 1417 até 1419, ainda que em outro lugar (L.° 3.°, Cap.° 1.) pôz este descobrimento em 1420, com equivocação manifesta, como facilmente se colhe da sua Historia. He certo, que Antonio Galvão (Tratado dos Descobrimentos, pag. 20), e Faria e Sousa (Asia Portugueza, tomo 1.°, parte 1.ª, cap.° 1.°, e seguintes) dizem que se descobrio em 1418. Mas esta opinião parece insustentavel, porque sendo constante da nossa Historia, que o Infante se estabeleceo em Sagres no anno de 1419, depois de voltar do soccorro de Ceuta nos fins de 1418, e que de Sagres, ou de Lagos expedio a João Gonçalves, fica evidente, que não podia este verificar o seu descobrimento no anno antecedente.

(2) A narração deste descobrimento he deduzida dos Escritores mencionados, e tambem do que diz João de Barros na sua Decada 1.ª, L.° 1.°, Cap.° 2.°.

po, quasi alagados, e perdidos; e guiados da Providencia, descobrírão huma pequena Ilha deserta, onde surgírão, e lhe derão o nome de Porto Santo, pelo abrigo que achárão. Havia nesta Ilha muito arvoredo, e tão grossos Dragoeiros, que delles se fizerão depois gamellas capazes de conter hum moio de trigo, e barcos que levavão seis homens (1).

Forão mui bem recebidos pelo Infante os dois Descobridores na sua volta a Portugal, e offerecendo-se para irem povoar a Ilha, fez-lhes armar a toda a pressa tres embarcações, de que os nomeou Commandantes, e a Bartholomeu Perestrello, Fidalgo da Casa do Infante D. João, a quem deu a Capitania da Ilha; e acompanhados de algumas pessoas, que para o mesmo fim se offerecêrão, levando sementes, e todos os instrumentos, e ferramentas necessarias, bem como alguns animaes domesticos, partírão de conserva, e chegárão com felicidade a Porto Santo, onde aconteceo, que largando no campo huma coelha, com seus filhos, que havia parido na viagem, foi tal a producção destes animaes, que chegárão a pôr quasi em desesperação os Povoadores, roendo, e destruindo quanto plantavão.

Perestrello, ou ja descontente da Ilha, ou por outra qualquer causa, voltou para Portugal, deixando nella os dous Descobridores, que a fortuna guardava para outra empresa de maior valia.

1420 — Descobrio-se de Porto Santo a huma consideravel distancia (2), hum perpetuo negrume cercado

(1) Cordeiro, L.º 3.º, Cap.º 2.º

(2) Na relação do descobrimento da Madeira, e anno em que succedeu, segui a Damião de Goes (Chronica do Principe D. João, Cap.º 8.º), a Soares da Silva (Memorias etc., tomo 1.º, cap.º 77), a Antonio Galvão (Tratado dos Descobrimentos, pag. 21), a João de Barros (Decada 1.ª, L.º 1.º, Cap.º 3.º) e a Duarte Nunes de [illegible]

de nevoeiros, mais ou menos espessos, que não deixavão enxergar bem o que era; e ainda que a razão dictava a alguns, que existia alli huma Ilha, a superstição figurava a outros cousas sobrenaturaes, e horrorosas. Nesta perplexidade resolverão-se os dois Descobridores João Gonçalves, e Tristão Vaz Teixeira a ir pessoalmente examinar aquelle fenomeno; e no 1.° de Julho deste anno, tendo vento favoravel, partirão ambos antes de amanhecer em dous barcos, dirigindo-se ao nevoeiro, chegados ao qual, e ja cercados delle, forão descobrindo por entre a nevoa huns picos altos, e logo huma ponta de terra, a que derão nome de S. Lourenço, e adiante da qual surgirão.

Ao amanhecer do dia seguinte, separárão-se os dois Descobridores, para ir cada hum por sua parte em busca de lugar proprio para desembarcar, o que Teixeira fez em huma ponta, que tomou o nome de Tristão, e João Gonçalves em huma lapa, cujo terreno estava sovado dos pés dos lobos marinhos, e lhe deu o nome de Camara de Lobos, que ainda conserva, tomando elle d'aqui o appellido de Camara para a sua familia.

Esta grande Ilha estava deserta, e coberta até ao mar de mui basto, e frondoso arvoredo (donde procedião as nevoas, que a cercavão), que não dava facil passagem a quem intentava penetra-lo, e por isso se chamou Ilha da Madeira, nem tinha outros habitado-

(Chronica de D. João I., pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, Cap.° 98). Ainda que Faria e Sousa (Asia Portugueza, tomo 1.°, parte 1.ª, cap.° 1.°) diz, que ella foi descoberta no anno de 1419, he isso em consequencia de haver marcado o descobrimento de Porto Santo em 1418; e o Padre Cordeiro (Historia Insulana, L.° 2.°, Cap.° 6.°) dizendo tambem, que a Madeira se descobrio em 1419, mostrou manifesta equivocação, como ja observei, pondo o descobrimento de Porto Santo em 1420, sendo este anterior ao outro, como elle mesmo affirma.

res, que immensas aves de varias especies tão innocentes, que se deixavão colher á mão.

Avisado logo o Infante D. Henrique da importante descoberta, e querendo remunerar os serviços dos dous benemeritos Cavalleiros, dividio a Ilha em duas Capitanias, e as repartio por elles.

Aqui occorreo hum facto, que seria inacreditavel, se o testemunho unanime dos Historiadores o não abonasse, e foi; que tratando os dous novos Donatarios de começar a cultura dos seus terrenos, com algumas familias, que para alli transportárão, mandou João Gonçalves da Camara roçar, e queimar algum mato no sitio do Funchal, e communicando-se o incendio aos bosques, de que a face da Ilha estava coberta, não foi possivel extingui-lo, senão no fim de sete annos, com perda irreparavel de preciosas madeiras proprias da construcção naval; por cuja razão sentio o Infante sobremaneira este desastre, como quem tinha todos os seus pensamentos applicados ao augmento, e prosperidade da Marinha. O Padre Cordeiro affirma, que com as madeiras desta Ilha se começárão a fazer *navios grandes de gavia, e castello d'avante não havendo d'antes mais que Caravelas do Algarve, e Barineis em Lisboa* (1).

Fez o Infante plantar na Ilha bacello de Malvasia, que mandou vir de Chipre, e cana de assucar que lhe veio da Sicilia, com Mestres para o fabricarem, sendo este genero naquelles tempos de grande preço, e estimação; e achou-se, que o assucar da Madeira excedia em qualidade a outro qualquer.

A Historia desta rica, e deliciosa Ilha he tão conhecida, que tenho por inutil ser mais extenso.

1424 — Como o Infante D. Henrique tinha com-

(1) L.° 3.°, Cap.° 6.°

prado a Maciote Betancourt o dominio das Ilhas de Lançarote, Forte Ventura, Gomeira, e Ferro, pertencentes ao grupo das Canarias, cuja historia melhor se poderá ver nos nossos Escritores, que largamente tratão desta materia, determinou conquistar as que restavão por submetter (1), e neste anno fez partir para esse fim huma Esquadra, com dous mil e quinhentos infantes, e cento e vinte cavallos, e por seu General em Chefe D. Fernando de Castro, Governador da sua Casa (2). Porêm os resultados deste armamento não correspondêrão ás suas esperanças, nem ás despensas que se fizerão; porque D. Fernando de Castro, depois de reduzir ao Christianismo alguns dos boçaes moradores

(1) Hum erudito Academico publicou ha poucos annos huma Memoria (Vede as Memorias para a Historia das Navegações, e Descobrimentos dos Portuguezes; no tomo 6.º, parte 1.ª das Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, pelo Senhor Macedo), sobre a antiguidade do descobrimento daquellas Ilhas, em que pretende serem já conhecidas dos Portuguezes no anno de 1434, ou no seguinte. Clarke faz menção (The Progress of Maritime Discovery, L.º 1.º, Cap.º 2.º) de huma embarcação Franceza, que por causa de naufragio aportou alli entre os annos de 1326, e 1334; e parece ser a mesma, de que com incertesa falla João de Barros (Decada 1., L.º 1.º, Cap.º 12), collocando com tudo este facto em época mais moderna.

Eu farei aqui duas unicas reflexões: 1.ª Não parece verosimil, que hum Monarcha de tantos talentos, como D. Affonso IV., em cujo Reinado se diz haver acontecido aquelle descobrimento, não procurasse tirar delle as importantes ventagens, que naturalmente devia esperar, se fizesse reconhecer todas aquellas Ilhas, que se avistão humas das outras, e estabelecesse relações com os seus habitantes; mas vemos, pelo contrario, que se perdeo até a memoria do seu descobrimento. 2.ª Observando a posição geografica das Canarias, e a navegação que fazem os navios na sua volta para as Costas de Portugal, ou de França, segundo os ventos dominantes nas differentes Estações do anno, he moralmente impossivel, que algum delles não descobrisse as Ilhas, Salvagem e da Madeira; o que não consta haver acontecido.

(2) Barros, Decada 1.ª, L.º 1.º, Cap.º 12 — Galvão, Tratado dos Descobrimentos, pag. 21 — José Soares da Silva, Memorias d'El-Rei D. João I., tomo 1.º, cap.º 86.

daquellas Ilhas, se recolheo a Portugal, e o Infante foi obrigado a mandar depois Antão Gonçalves com huma expedição de menos força, para proteger os novos convertidos contra a furia dos outros selvagens.

1429 — Recebida por Procuração nos Paços do Castello de Lisboa a 24 de Julho deste anno a Infanta D. Isabel, com o Duque de Borgonha Filippe o Bom (1), partio desta Capital em huma Armada de trinta e nove embarcações, e dia de Natal do mesmo anno chegou ao Porto da Ecluse, na Flandres, onde a esperava aquelle poderoso Principe. Acompanhou-a na jornada hum dos seus irmãos, que alguns dizem ser o Infante D. Henrique, e outros o Infante D. Fernando.

1431 — Partio de Sagres em hum navio, por ordem do Infante D. Henrique, Fr. Gonçalo Velho Cabral, Commendador de Almourol, com instrucções de navegar direito a Oeste, e se descobrisse alguma terra, voltar logo com a noticia (2). Com poucos dias de viagem avistou huns penedos, que examinou, e aos quaes deu o nome de Formigas (3), e dalli tornou para Sagres; provavelmente, porque algum máo tempo de cerração lhe obstou a fazer maiores progressos, aliás descobriria então a Ilha, que achou no anno seguinte, e não está longe daquelle Baixo.

A 30 de Outubro deste mesmo anno de 1431 se concluio em Medina del Campo o Tratado de Paz perpetua entre Portugal, e Castella; eis-aqui hum ex-

(1) Veja-se D. Antonio Caetano de Sousa, Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, tomo 2.º, cap.º 4.º — José Soares da Silva, Memorias de D. João I., tomo 1.º, cap.º 102.

(2) Historia Insulana, L.º 4.º, Cap.º 1.º

(3) O Baixo das Formigas, situado em 37° 17′ 10″ de Lat.e N. e 353 13′ 35″ de Long.e, tem cousa de huma milha de extensão de Norte a Sul, e dista da Ilha de Santa Maria dezoito milhas ao Nordeste.

tracto dos artigos mais notaveis deste celebre documento diplomatico.

Que os Navios de Portugal, e Castella, ainda que levem mercadorias de inimigos, não poderão ser buscados, logo que se veja que toda a sua equipagem he da sua Nação; exceptuando dous casos: O primeiro, quando estes Navios levarem a bordo *os corpos dos inimigos*. E o segundo, achando-se ancorados os taes Navios em Porto inimigo, e tendo a bordo mercadorias pertencentes a inimigos, porque então estas lhes poderão ser tomadas.

Que os Navios de Portugal não poderão tomar, nem saquear os Navios de Nações suas inimigas que estiverem nos Portos, Bahias, Enseadas, e ancoradouros pertencentes a Castella, nem ainda mesmo no mar até huma legua de distancia dos mencionados lugares: praticando reciprocamente as mesmas regras os Navios Castelhanos a respeito dos de Portugal.

Que nos Portos de Portugal, e Castella se não admittirião presas feitas aos seus respectivos Vassallos por Navios de outra Nação, com quem estiver em guerra hum destes dous Reinos, sob pena de pagar o Governo perdas, e damnos aos offendidos. Que acontecendo igualmente estar huma embarcação Portugueza em hum Porto de Castella, ou huma embarcação Castelhana em hum Porto de Portugal, em occasião de achar-se alli hum Navio pertencente a huma Nação inimiga da sua, e querendo a dita embarcação Portugueza, ou Castelhana seguir viagem, o Governo não deixará sahir em seu alcance o mencionado Navio seu inimigo, senão passados dous dias; debaixo das penas ja mencionadas.

Que os Vassallos de hum dos Reinos de Portugal, ou Castella, que commettessem roubos, e damnos contra os Vassallos do outro Reino nos Portos, Cos-

tas, e Mares a elle pertencentes, ou ainda no mar alto, serião presos, e entregues ás Justiças do mencionado Reino, cujos Vassallos offendêrão, para alli serem julgados, e punidos segundo as Leis particulares daquelle Reino: E que igual procedimento se teria com os Nacionaes, ou Estrangeiros que perpetrassem similhantes delictos contra qualquer dos dous Reinos, e aportassem a hum delles, d'onde serião remettidos ao outro Reino com os roubos, que se lhes apprehendessem.

Que os Reis de Castella promettião nunca perturbar, ou inquietar os Reis de Portugal na posse, e quasi posse em que estavão de todo o trato, e terras de Guiné, com as suas minas de ouro, e quaesquer outras Ilhas, Costas, e terras descobertas, e por descobrir, Ilhas da Madeira, Porto Santo, e Deserta, e todas as Ilhas dos Açores, e Ilhas das Flores, e assim as Ilhas do Cabo Verde (1) e todas as Ihas até agora descobertas, e quaesquer outras que existissem das Ilhas Canarias para baixo, para a parte de Guiné; porque tudo o que se conquistasse, ou descobrisse nos ditos espaços, álem do que ja estava sabido, occupado, e descoberto, ficaria aos Reis de Portugal, exceptuando as Ilhas Canarias, Lançarote, Palma, Forte Ventura, Gomeira, Ferro, Graciosa, Grão Canaria, Tenerife, e todas as outras Canarias, ganhadas, ou por ganhar, as quaes ficarião aos Reis de Castella. Promettião tambem estes não perturbar, nem molestar quaesquer pessoas, que no dito trato de Guiné, e nas ditas Costas, e terras descobertas, e por descobrir, em nome dos Reis de Portugal negociassem, ou conquistassem, por qualquer modo que fosse; e promettião mais não mandar, nem

(1) Estas Ilhas são a Goréa, e outras Ilhotas nas proximidades de Cabo Verde.

consentir, antes sim prohibir que, sem licença dos Reis de Portugal, fossem negociar ao dito trato, Ilhas, e terras de Guiné descobertas, e por descobrir, tanto os seus Vassallos, como outras quaesquer gentes estrangeiras, que estivessem nos seus Reinos, e Senhorios; nem que nos seus Portos se armassem, ou habilitassem para esse fim, nem darião a isso em occasião alguma favor, ou consentimento directa, ou indirectamente; nem consentirião armar, ou carregar para aquellas partes de maneira alguma. E assim, se alguns subditos do Reino de Castella, ou estrangeiros quaesquer, fossem tratar, impedir, damnificar, roubar, ou conquistar a dita Guiné, trato, resgate, minas, terras, e Ilhas della descobertas, ou por descobrir, sem licença, e consentimento expresso dos Reis de Portugal, serião os taes punidos pela maneira explicada no artigo antecedente. Por fim, promettião os Reis de Castella não se intrometterem, nem embaraçarem dalli por diante a conquista do Reino de Fez, a qual os Reis de Portugal poderião proseguir pelo modo, que bem lhes parecesse.

Que os Reis de Portugal promettião reciprocamente aos Reis de Castella, de não os perturbar na posse, e quasi posse em que estavão das Ilhas Canarias ja conquistadas, e por conquistar, etc. (1).

1432 — Tornou o Infante D. Henrique a mandar o Commendador Fr. Gonçalo Velho Cabral á mesma commissão, a que fôra no anno antecedente, e a 15 de Agosto vio huma Ilha, á qual por ser dia consagrado á Assumpção da Virgem, deo o nome de Santa Maria, onde desembarcou da banda de Oeste em huma pequena praia, que chamou dos Lobos, por haver nel-

(1) Memorias d'ElRei D. João I., tomo 4.º, pag. 270, e seguintes.

la muitos lobos marinhos; e depois de rodear toda a Ilha por mar, e de examinar o interior della quanto lhe permittio o basto arvoredo, de que estava coberta, voltou para Sagres, e o Infante alvoroçado com esta descoberta, lhe deo a Capitania (1).

1432 — No mesmo anno de 1432 mandou o Infante a Gil Annes, seu criado, natural do Algarve, commandando huma embarcação, para que tentasse dobrar o Cabo Bojador; mas elle, ou contrariado dos ventos, ou incitado da cubiça, sem porfiar no cumprimento da sua commissão, dirigio-se ás Ilhas Canarias, onde colheo alguns selvagens, com os quaes voltou para o Infante, que o recebeo mal, e como Gil Annes era homem animoso, offereceo-se a fazer nova tentativa, e ou dobrar desta vez o Cabo, ou acabar na empresa (2).

1433 — Obtida licença do Infante, partio segunda vez na mesma embarcação, e dobrando finalmente o suspirado Cabo, foi desembarcar em huma Bahia ao Sul delle; e reconhecido o Paiz, e não achando povoação, nem rasto algum de gente, levantou na praia huma Cruz de páo, e contentou-se com trazer dalli algumas plantas em hum barril cheio de terra, em prova de não ser aquella Região deserta, vindo assás satisfeito com tão grande descobrimento, segundo então se reputava a acção de dobrar aquelle Cabo, em que se trabalhava havia tantos annos.

Chegado Gil Annes á presença do Infante, recebeo este o presente daquellas hervas com alvoroço maior, do que receberia outra qualquer cousa de grande valor, premiando com honras, e mercês não só o Descobridor, porêm todos os individuos da sua embar-

(1) Historia Insulana, L.° 4.°, Cap.° 2.°
(2) Barros, Decada 1.ª, L.° 2.°, Cap.° 4.°

cação. Não sabemos em que dia dobrou elle o Cabo Bojador; mas he certo, que quando voltou a Sagres, estava ja no Throno ElRei D. Duarte, que mostrou igual prazer ao do Infante por aquelle descobrimento; o ultimo acontecido na vida de seu Grande Pai (1).

Faleceo ElRei D. João I. em 14 de Agosto de 1433.

Reinado d'ElRei D. Duarte.

Este Principe, cheio de valor, de talentos, e de instrucção, subio ao Throno na força da sua idade, dando aos Portuguezes bem fundadas esperanças de continuarem a gozar da torrente de prosperidades, a que estavão habituados de muitos annos. Mas o seu Reinado foi tão breve, como infeliz. Não he do objecto destas Memorias analysar as causas moraes, e politicas dos males que soffreo Portugal na vida deste virtuoso Monarcha, e dos que se seguirão do seu prematuro falecimento; os quaes certamente não existirião, se vivesse mais alguns annos.

Querendo mostrar quanto se interessava no proseguimento das Descobertas, foi huma das primeiras acções do seu Governo fazer Doação das Ilhas da Madeira, Porto Santo, e Deserta ao Infante D. Henrique, por Carta passada em Cintra a 26 de Setembro de 1433 (2); e no anno seguinte, por Carta datada de Santarem aos 26 de Outubro, cedeo o Espiritual das

(1) Faria, Asia Portugueza, no lugar ja citado — Goes, Chronica do Principe D. João, Capitulo 8.° — Galvão, Tratado dos Descobrimentos, pag. 22 — Soares da Silva, Memorias de D. João I., tomo 1.°, capitulo 83 — Barros, Decada 1.ª, Li.° 1.°, Capitulo 4.°

(2) Provas á Historia Genealogica, tomo 1.°, pag. 442.

mesmas Ilhas á Ordem de Christo, de que o Infante era Grão Mestre (1).

Confirmou tambem no Posto de Capitão Mor do Mar ao Conde de Abranches D. Alvaro Vasques (ou Vaz) de Almada (2) por Carta assignada em Almeirim a 5 de Janeiro de 1434.

1434 — Tornou o Infante D. Henrique a mandar Gil Annes, e com elle em outra embarcação maior, chamada então Barinel (creio que era hum Patacho), Affonso Gonçalves Baldaia, seu Copeiro, para proseguirem o exame da Costa de Africa alêm do Cabo Bojador, como fizerão; e favorecidos dos ventos, corrêrão obra de oitenta milhas para o Sul delle, até huma bella Enseada em que surgirão, e pelos muitos ruivos que alli pescárão, lhe chamárão *Angra dos Ruivos*, nome que ainda conserva em todas as Cartas (3). Examinando o Paiz, achárão rasto de gente, e de camelos em differentes direcções; com cujas noticias regressárão a Portugal (4).

1435 — Neste anno mandou o Infante os mesmos dous Navegantes, para continuarem os descobrimentos alêm da Angra dos Ruivos; e para que podessem examinar o Paiz a maior distancia do mar, fez embarcar dous cavallos no navio de Affonso Gonçalves Baldaia.

(1) Memorias de D. João I., tomo 1.°, Cap.° 82.

(2) Provas, tomo 1.°, pag. 371, e seguintes.

(3) Galvão, pag. 23. — Chronica do Principe D. João, Cap.° 8.° — Barros, Decada 1.ª, L.° 1.°, Cap. 5. — Memorias de D. João I., Capitulo 83. — Faria, Asia, Parte 1., tomo 1.

(4) A terra desde o Cabo Bojador para o Sul he montanhosa, mas vai progressivamente abaixando para a Enseada, ou Angra dos Ruivos, e não tem coisa notavel, que a faça conhecer de longe, se não hum monte alto, e piramidal, cousa de doze leguas alêm do Cabo, chamado *Penha Grande*. Esta Angra está em 24° 55′ de Lat. N., e 3° 37′ de Long. Tem quatro leguas de bocca, e fundo de arêa, com tres a duas braças de agua.

As suas instrucções erão, que procurassem chegar a terra povoada, e colher algum dos naturaes, que désse boa informação do estado daquellas Regiões (1).

Sahirão de Sagres os dous Descobridores, e dobrando o Cabo Bojador, seguirão a Costa, que da Angra dos Ruivos para o Sul he muito raza, com algum mato; e obra de quarenta milhas alêm della achárão huma Enseada, onde ancorárão (2). E como a terra era descoberta, mandou Affonso Gonçalves desembarcar os cavallos, e nelles partirão armados de espada, e lança, Heitor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, mancebos de nobre nascimento, educados no Palacio do Infante D. Henrique, de idade de dezesete annos, levando ordem para examinar o Paiz, sem nunca se apearem, nem apartarem hum do outro; e que achando algum dos naturaes, e podendo aprisiona-lo sem risco seu, o fizessem. Explorárão elles inutilmente a campanha quasi toda a manhã, e achando-se ja mui longe dos navios, encontrárão dezenove Mouros de medonho aspecto, cada hum com sua azagaia na mão; e tão de subito foi este encontro, que os moços houverão por melhor conselho acommette-los logo, que retirar-se depois de vistos, por lhes não dar mais ousadia. Porêm os Mouros, espantados de verem homens estranhos, de que não tinhão idéa alguma, refugiárão-

(1) Esta Enseada, ou Angra dos Cavallos, está situada na Lat. de 24° 8' N. e 3° 17' de Longitude. Tem sete braças de fundo limpo de arêa vermelha.

(2) Devo aqui advertir, que se acha grande variedade nas Cartas Hydrograficas modernas, sobre a posição dos Cabos, Portos, e Bahias da Costa occidental da Africa, desde Cabo Bojador até Cabo Verde; porque quasi todas são copiadas das Cartas antigas, e excepto em alguns pontos determinados por Observações Astronomicas, os seus Authores apenas lhes fazem algumas emendas deduzidas do que encontrão em Diarios de navios de Commercio: por consequencia não merecem inteira confiança.

se em huma caverna, que ficava debaixo de huns penedos, onde se defendêrão bom espaço, que durou a briga, á custa de algumas feridas dos seus, e de huma que hum dos moços tambem recebeo; sendo este o primeiro sangue Portuguez, que se derramou naquella barbara Região; e vendo os dous, que não lhes era possivel forçar a entrada da gruta, voltárão para os navios, onde chegárão na manhã seguinte.

Com esta noticia partio Affonso Gonçalves com gente bem armada em busca dos Mouros, de que só achou algum miseravel despojo, que por temor abandonárão na caverna; e recolhendo-se aos navios, sahio daquella Bahia, a que deo o nome de *Angra dos Cavallos*, e proseguio o seu descobrimento para o Sul.

Havendo navegado outras quarenta milhas, vio hum Rio, que entrava pela terra na direcção de N.E. (he o mesmo Rio do Ouro, de que adiante fallarei), e tinha na bocca huma Ilhota de arêa, em que havia tanta multidão de lobos marinhos, que os Portuguezes os avaliárão em cinco mil, e delles matárão muitos, para aproveitar as pelles, que naquelles tempos valião muito no Commercio. Affonso Gonçalves, que a todo o custo queria levar ao Infante algum natural daquelles Paizes, não se contentando de interesses mercantis, seguio quarenta leguas mais avante, e chegando a huma ponta, a que deo nome de *Pedra da Galé* (1), pela similhança que se lhe figurou ter com huma Galé, achou humas redes de pescadores, que parecião ser feitas das fibras de alguma arvore, e na esperança de tomar algum habitante, desembarcou varias vezes naquella Costa; mas não achando o que buscava, e tendo ja os mantimentos gastos, voltou para Portugal (2).

(1) Situada em 21° 50′ de Lat. N., e 1° 8′ de Long.

(2) Esta relação he tirada de João de Barros, de Faria e Sousa, de

1437 — No fim do anno de 1435, o Infante D. Fernando (o mais moço dos Filhos d'ElRei D. João I.) parecendo-lhe que as rendas que possuia da Atouguia, Salvaterra, e Mestrado de Aviz, não erão sufficientes para sustentar a sua Dignidade, comparadas com as dos Infantes seus irmãos, pedio licença a El-Rei D. Duarte para sahir do Reino (1), e ir servir a outro mais poderoso Monarcha, onde podesse ganhar honras, e Estados, que em Portugal, pela sua pequenez, nunca obteria.

Ficou ElRei descontente de similhante proposta, e procurando convence-lo com boas razões, que não aproveitárão, rogou ao Infante D. Henrique o persuadisse a pôr de parte aquelles pensamentos. Mas este Principe, affeiçoado por extremo ao plano de conquistas na Barberia, imaginado por seu Grande Pai, confessou-lhe que era da mesma opinião do Infante D. Fernando; e pedio-lhe ao mesmo tempo licença para com elle passar á Africa, levando os seus criados, e os Cavalleiros das Ordens de Christo, e de Aviz, de que erão Grão-Mestres (2).

A resistencia que ElRei oppôz por algum tempo á vontade de seus irmãos, foi vencida logo que o Infante D. Henrique teve a arte de interessar neste projecto a decisiva influencia da Rainha D. Leonor; e huma vez approvada a expedição, tratou-se dos preparativos necessarios. Combinou ElRei com os dous Infan-

José Soares da Silva, e da Chronica do Principe D. João, nos lugares ja citados.

(1) Vede Ruy de Pina, Chronica d'ElRei D. Duarte, Capitulo 10, e seguintes — Acenheiro, Chronica d'ElRei D. João I. — Soares da Silva, tomo 1.º, Capitulo 75.

(2) Duarte Nunes de Leão, na Chronica de D. Duarte, Cap.º 6., diz que o Infante D. Henrique era quem movia seu irmão a fazer estes requerimentos a ElRei, pelo muito que desejava fazer alguma conquista na Africa.

tes, que o armamento constaria de quatro mil cavallos, nove mil e quinhentos Infantes, e quinhentos Gastadores (1). Mandárão-se afretar navios aos Portos de Hespanha, Inglaterra, Alemanha, e Flandres, e fizerão-se aprovisionamentos de armas, viveres, e munições, para cujas despezas convocou ElRei Cortes em Evora a 15 de Abril de 1436, e nellas obteve hum donativo, que não foi pago sem murmurações, porque esta expedição tinha por unicos defensores os dous Infantes.

Os Fidalgos, que ElRei nomeou para ella, pertencentes á sua Casa, forão: O Conde de Arraiolos, seu sobrinho, que hia por Condestavel; o Bispo d'Evora D. Alvaro de Abreu; o Marechal Vasco Fernandes Coutinho; o Meirinho Mor João Rodrigues Coutinho, seu irmão; Diogo Soares; o Capitão Mor do Mar D. Alvaro Vaz de Almada; Gomes Nogueira; Ruy Gomes da Silva, Alcaide Mor de Campo Maior; Martim Vaz da Cunha; Lopo Dias de Lemos; D. Fernando de Menezes; Diogo Lopes de Sousa, e seu irmão Ruy Dias de Sousa; Lionel de Lima; João Falcão, D. Duarte, Senhor de Bragança, e Pedro Rodrigues de Castro. Da Casa do Infante D. Henrique forão: D. Fernando de Castro, Governador da sua Casa, com dous filhos, D. Alvaro, e D. Henrique de Castro; os quatro filhos de D. Alvaro Pires de Castro, D. Pedro, D. Alvaro, D. Fernando, e D. Fradique de Castro; Ruy de Sousa, Alcaide Mor de Marvão, e seu filho Gonçalo Rodrigues de Sousa; João Alvares da Cunha; Ruy de Mello, que depois foi Almirante; Gonçalo Tavares; Paio Rodrigues de Araujo, e mui-

(1) O mesmo Escritor, no Cap.° 7., acrescenta, *e quinhentos homens para marearem as Náos*; o que se deve entender dos navios de guerra, que comboiavão os transportes; mas parece-me mui pouca gente de marinhagem.

tos Commendadores, e Cavalleiros da Ordem de Christo, e outras pessoas nobres. O Infante D. Fernando levou os seus criados, e os Commendadores da Ordem de Aviz; e alêm destes, outros que se offerecêrão, como Fernão de Sousa, e João Telles da Casa do Infante D. Pedro; e Alvaro de Freitas, e João Fogaça da Casa do Infante D. João.

Neste tempo, sabendo ElRei que os Infantes D. Pedro, e D. João, e o Conde de Barcellos se queixavão de não terem sido consultados em negocio de tanta importancia, os chamou ao Conselho em Leiria no mez de Agosto de 1436, e expondo-lhes a materia, com a declaração de estar ja approvada a expedição, *não somente por muita parte dos do seu Conselho, mas ainda pelos seus Confessores*, votárão apesar disso contra ella os dous Infantes com grande espirito, e erudição; e o Conde de Barcellos seguio a mesma opinião. Tudo porêm foi baldado, e ElRei proseguio nos preparativos, dos quaes se fazião huns no Porto, onde o Conde de Arraiolos teve ordem de embarcar com as tropas das Provincias do Norte; e os outros em Lisboa, para onde elle foi assistir passada a Festa da Pascoa deste anno de 1437, a fim de dar mais calor á empresa, que os dous Infantes promovião zelosamente.

A 17 de Agosto foi ElRei á Sé acompanhado de toda a Corte, e com grande solemnidade se benzeo o Estandarte Real, que levado em Procissão á Náo Capitanea, se entregou alli ao Infante D. Henrique, ficando ElRei a bordo aquelle dia com os Infantes; e a Armada mudou o ancoradouro para Belem.

A 22 voltou ElRei a bordo da Capitanea a despedir-se de seus Irmãos, e entregou ao Infante D. Henrique hum Regimento escrito do seu proprio punho, o qual, copiado fielmente da Chronica deste Monarcha, he como se segue:

„ Irmão. Como, prasendo a Deos, chegardes a Cepta, logo me escree; porque por mar, e por terra poerey taaes paradas, perque cada dia possa haver boas novas, e recados de vós. E, como hy fordes, da frota, que levaaes, farees tres partes, e em cada hũa meterees a mais pouca gente que poderdes: a hũa destas partes enviarees sobre Alcacer, e a outra sobre Tanger, e a outra sobre Arzilla; por tal que hũs com receo della, por se segurarem nom ajam razom de socorrer aos outros. E como a afrota derdes este aviamento, ordenay logo toda a outra gente por terra, com aazes regradas, enviando diante quinhentos ginetes que, legoa ou mea, como melhor virdes, vaão diante pelos portos mais seguros que souberdes, atee serdes sobre este lugar; porque como fordes sobr'elle, segundo a muyta artelharia, e boõs aparelhos que levaaes, logo, com a graça de Deos, som seguro de vós, e de vossa gente. Outro sy poerees vosso arrayal sobre este lugar, com duas pontas que venhão beber ao mar: e se a gente nom for tanta, que pera isso abaste, toda via hũa das pontas do arrayal venha ao mar; pera da terra da aquem poderdes aver refresco, mantimentos, e socorro, e terdes seguro recolhimento, se vos comprir. E como assentardes vosso arrayal, dahy a tres dias vos trabalhaae de combater o lugar muy rijamente: e se deste primeiro ho nom poderdes tomar, dahy a outros tres dias o tornay, com todas as forças e aperto, a cometer: e se deste segundo combate se vos defender, e o nom tomardes, d'hy a outros dias que vos bem parecer, com muita força e grande determinaçom ho cometee; e se volo Deos der, como nelle espero, ficarees nelle com aquella gente, que razoadamente abastar para ho defenderdes, e a outra me enviae com a frota, por escusar a grande dispesa que faz com seus fretes. E se do terceiro combate o

nom poderdes tomaar, nom estees mais sobr'elle dia, ou ora, e recolhee-vos logo com toda a vossa gente áa frota, e vinde-vos a Cepta, onde me esperarees atee ho Março que vem; porque, prasendo a Deos, entom hyrey com quantos ha em meus Regnos (1). »

O Infante D. Henrique, lendo o Regimento, prometteo cumpri-lo; e a Armada fez-se logo á véla com bom vento. A 27 chegou a Ceuta, que ainda governava o Conde D. Pedro de Menezes, e alli estava ja o Conde de Arraiolos com a Esquadra do Porto. Passando o Infante mostra ao Exercito, achou quasi seis mil homens, metade Infantaria, faltando-lhe oito mil para o numero que deveria levar. Concorreo para este incidente a repugnancia do Povo para a expedição, a falta de dinheiro, e a dos navios afretados nos Portos estrangeiros, que não vierão, os de Flandres, e Alemanha por motivos de guerra, e os de Hespanha por obstaculos da parte do Governo Castelhano. Parece, que o Infante tinha sahido de Portugal com a esperança de que chegarião ainda a tempo as embarcações afretadas, ou talvez confiado em que lhe bastavão aquellas tropas para a conquista de Tanger; porque este Principe era de espirito guerreiro, e não cedia em audacia a nenhum do seu seculo. Assim, contra a opinião

(1) Estas judiciosas Instrucções mostrão, que ElRei queria prevenir o desastre que aconteceo, e de certo não aconteceria se fossem executadas. Como Zalá-Benzalá era Senhor de Tanger, Arzilla, e Alcacer, ordenava ElRei ao Infante, que mandasse bloquear por mar as duas ultimas Praças, para que aquelle Regulo não tirasse reforços com que augmentar a guarnição de Tanger: e antevendo igualmente, que dilatando-se o cerco, acudirião a elle todas as forças de Fez, e Marrocos, determinava hum praso sufficiente para se ganhar a Cidade; ou, conhecida a impossibilidade da empresa, embarcar o Exercito a salvo, o que não poderia deixar de realizar-se, construindo as Linhas de modo, que tivesse segura communicação com a Armada. A desgraça quiz, que nada disto se executasse.

de quasi todo o seu Conselho, que votava se participasse a ElRei o verdadeiro estado das coisas, e se esperassem as suas ordens, determinou elle proseguir a empresa.

Partio para Tanger com os navios o Infante D. Fernando, e no dia 9 de Setembro marchou por terra o Exercito, tomando o caminho de Tetuão, por não ser possivel forçar a passagem da serra dos Monos, ou Bulhões, cujos agrestes habitantes opposerão a mais desesperada resistencia a hum destacamento de mil homens, com que João Pereira tentou reconhecer os passos (1).

(1) Damião Antonio de Lemos, no tomo 6.º L.º 25, Cap.º 4 da sua Historia Geral de Portugal, faz desta marcha do Exercito de Ceuta para Tanger huma estranha narração; eis-aqui as suas palavras:

" A 9 de Setembro partírão (os dous Infantes) de Ceuta para Tanger, indo por terra o Infante D. Henrique, e por mar o Infante D. Fernando, que foi encontrando a Costa cheia de escolhos, e de perigos. D. Henrique destacou a João Pereira com mil homens para observar os passos, quaes serião os mais praticaveis para as náos de alto bordo. Elle encontrou na marcha, junto á Almeria, hum grosso esquadrão de Mouros, que lhe foi necessario combater. Ao ruido da peleja, D. Fernando a todo o panno demandou o lugar della para fazer o desembarque a favor da diversão, que entretinha os Mouros, mas não obstante a sua diligencia, elle não pode chegar se não depois da acção, que foi gloriosa para João Pereira pela fugida precipitada, em que pôz os inimigos. Deo elle parte aos Infantes da grande difficuldade, que haveria de expôr a armada a huma passagem tão perigosa, como elle vinha de observar; mas os Infantes, longe de se embaraçarem com esta reflexão, continuárão a derrota para Tetuão.

,, Desta Cidade, pouco antes destruida, fizerão todos por mar a breve navegação até Tanger, levando o Conde de Arrayolos a vanguarda da Frota, D. Duarte de Menezes o centro, e os Infantes cobrindo a retaguarda. Immediatamente chegárão a Tanger, desembarcárão as tropas etc. ,,

Para instrucção das pessoas, que não tiverem cabal conhecimento da Topografia daquelles Paizes, farei somente as observações seguintes: 1.ª Que os navios na derrota de Ceuta para Tanger, não tem *escolhos*, nem *perigos* que vencer; porque o Estreito he limpo, e se passa de

Marchou o Exercito quatro legoas no primeiro dia: no segundo foi alojar-se junto a Tetuão, abandonado dos seus moradores, e meio destruido: no terceiro e quarto dia marchou oito leguas, achando abundancia de agua, e mantimentos, e pouca opposição dos Mouros. A 13 chegou a Tanger, o Velho, ja naquelle tempo despovoado, e alli encontrou o Infante D. Fernando, que havia desembarcado com a gente da Armada; e juntos forão assentar o Campo em hum monte da parte occidental de Tanger (1), sitio abundante de hortas, e pomares.

dia, e de noite com todo o tempo; não havendo outro baixo, que huma pedra (a Perola) proxima a Cabo Carneiro. 2.ª Que João Pereira não foi com mil homens *observar os passos mais praticaveis para as náos de alto bordo*, porque essas não andão por cima de montes; foi examinar se seria possivel atravessar o Exercito a serra pedregosa de Bulhões. 3.ª Que Tanger está situado quatro milhas alem de Cabo de Espartel, que forma a bocca occidental do Estreito da banda da Africa: desta Praça contão-se nove leguas á Almina de Ceuta, extremo oriental do mesmo Estreito; e Tetuão dista perto de seis leguas para o Sul da Almina, ja dentro do Mediterraneo: d'onde resulta, que a Armada Portugueza, sahindo de Ceuta para Tanger, não podia fazer caminho por Tetuão. 4.ª Que Almeria não está na Costa de Africa, mas na de Hespanha.

Estou persuadido, que o nosso Historiador, vertendo esta narrativa de algum Escriptor Francez, tomou equivocadamente o substantivo *Armeé* por *Armada*, em vez de o tomar por *Exercito*; e cahido neste erro, foi tropeçando em outros.

De resto, seria necessario fazer huma Dissertação para notar todos os descuidos, que em materia de Geografia se encontrão na sua Historia Geral, aliás muito estimavel a outros respeitos; como v.g. pôr Cabo de Mastros ao Norte de Cabo Verde (tomo 7, L.º 27, Cap.º 2, pag. 102), e Alcacer Ceguer no Estreito de Gibraltar (ibi, L.º 28, Cap.º 2.º, pag. 184); e comprehender a Ilha do Ferro entre as de Cabo Verde (ibidem, pag. 111), com outras similhantes faltas.

(1) Esta Cidade está situada na Lat. N. de 35° 38′ 40″; e 12° 19′ 45″ de Long. A sua Bahia tem tres milhas de comprimento, milha e meia de saco, e he formada pelas pontas de Tanger, e Malabata; e desabrigada dos Levantes. Os Portuguezes tinhão construido hum bom

Era Senhor, e Governador desta Praça, huma das melhores de Africa, Zalá-Benzalá, que tinha sete mil homens de guarnição, em que entravão Granadinos afamados Bésteiros, e estava resoluto a defender-se até á ultima extremidade, confiado nos poderosos soccorros que esperava.

No momento em que o Exercito Portuguez tomava posição, espalhou-se voz de que os Mouros desamparavão a Cidade; e como facilmente se crê o que se deseja, correo muita gente de pé, e de cavallo a investir as portas de que forão rechaçados com perda pelos defensores.

Gastou o Infante D. Henrique até ao dia 20 em fortificar o seu Campo com hum entrincheiramento, a que se dava então o nome de *Palanque*, e em desembarcar viveres, artilharia, e munições; e neste mesmo dia se deo o primeiro assalto á Praça em cinco pontos ao mesmo tempo, conduzindo elle em pessoa hum dos ataques; porêm os meios de expugnação achárão-se inferiores á empresa, porque apenas existião quatro escadas, e essas tão curtas, que não chegavão aos parapeitos, o que mostra a ignorancia, ou malicia das pessoas a quem se encarregou a factura dos petrechos bellicos. Assim forão os Portuguezes rechaçados, depois de longos, e inuteis esforços, com perda de alguns mortos, e de quinhentos feridos, tanto na escalada, como no investimento das portas, que os Mouros tinhão murado por dentro.

Conheceo tambem o Infante por experiencia, que a artilheria das suas baterias, por ser de pequeno cali-

molhe, que os Inglezes arruinárão com minas quando abandonárão aquella Praça; e as pedras que voárão do molhe, inutilisárão o fundo nas vizinhanças da Cidade. Huma milha a Oeste da ponta de Tanger está a pequena Enseada, e Rio dos Judeos, onde embarcou o Exercito na sua retirada.

bre, não fazia brecha nas muralhas; e em consequencia mandou buscar a Ceuta duas peças grossas, e novas escadas.

Entretanto começavão a chegar do interior do Paiz algumas tropas de soccorro, e entre estas, e os forrageadores do Exercito havião frequentes escaramuças; em huma das quaes carregárão os Mouros em tanta multidão a hum destacamento de trezentos cavallos, que se avançou demaziado, que morrerão cincoenta dos Portuguezes, entre elles D. João de Castro, Fernão Vaz da Cunha, Gomes Nogueira, Fernão de Sousa, Martim Lopes de Azevedo, João Rodrigues Coutinho (que faleceo depois das feridas), todos Fidalgos, ou Cavalleiros de conhecido valor; o que causou geral sentimento no Exercito: e ainda seria maior a perda, se o Conde de Arraiolos não acudisse com huma reserva, que tinha prompta, com a qual cobrio a retirada até se ajuntar com o Capitão Mor do Mar D. Alvaro Vaz de Almada, e outros Fidalgos que havião sahido ao campo; e reunidos todos, afugentárão os inimigos.

A 30 appareceo á vista do arraial hum Exercito de Mouros, que se dizia ser de dez mil cavallos, e noventa mil homens de pé. O Infante, resoluto a dar-lhe batalha, sahio das Linhas, e foi tomar huma posição conveniente, onde fez alto, esperando ser atacado, mas sendo passadas tres horas sem que os Mouros se movessem, marchou a elles para os forçar a huma batalha; a cujo movimento se retirarão ás montanhas, d'onde havião descido; e o Infante, occupando logo o posto que elles largavão, se demorou hum espaço de tempo aguardando a sua resolução. Por ultimo, desenganado de que não querião pelejar, recolheo-se ás suas trincheiras.

No dia seguinte repetio-se a mesma manobra, sem outra differença, que huma escaramuça com pouco damno de ambas as partes.

O dia 3 de Outubro foi de maior perigo para os Portuguezes. Marchárão os Mouros com todo o seu Exercito contra os entrincheiramentos, sahio o Infante pára lhes dar batalha formado em duas linhas, de que elle conduzia a segunda, e vendo-os firmes, como que não querião combater, pôz em movimento a divisão da esquerda da primeira linha, que era a mais forte, a qual ganhou huma altura, que cobria o flanco dos Mouros, e estava guarnecida com muita gente; e avançando-se ao mesmo tempo da direita da primeira linha, recuárão os Mouros em confusão, e desordem, largando com perda notavel as posições, que occupavão. Mas durante a acção, fez-se da Praça huma sortida contra o Campo, onde ficára commandando Diogo Lopes de Sousa, que repellio valorosamente os Mouros, e os fez recolher á Cidade. Deve-se confessar, que o plano dos Mouros era bem combinado; porque qualquer dos dous ataques, que tivesse feliz resultado, destruiria o nosso Exercito.

No dia 5, achando-se reparadas as escadas, e construido hum Forte de madeira, guarnecido de espingardeiros, que se movia sobre rodas, para se emparelhar com as muralhas, e facilitar a escalada, expulsando dos parapeitos os sitiados, mandou o Infante dar segundo assalto á Praça por hum lugar, em que as baterias tinhão arrazado o alto da muralha. Este ataque foi dirigido por elle proprio, ficando o resto das tropas debaixo de armas, commandadas pelo Infante D. Fernando, o Conde de Arraiolos, e o Bispo de Evora, para fazerem face ao Exercito Africano, se durante a acção quizesse investir as Linhas.

O assalto foi tão infeliz, como o primeiro, e excepto huma escada, que se encostou á muralha, e os Mouros queimárão logo com damno dos que por ella subião, nenhuma das outras o pôde ser, nem menos o

Forte de madeira; por quanto, como se não fez outro nenhum ataque, nem falso, nem verdadeiro, acudio toda a guarnição ao ponto atacado, e com innumeraveis tiros de fogo, e de arremesso forçárão os Portuguezes a retirar-se com perda de alguns mortos, e de muitos feridos.

A 9, estando o Infante prestes para dar terceiro assalto, appareceo tão grande multidão de Mouros, que se dizia com toda a exaggeração, serem sessenta mil de cavallo, e setecentos mil de pé: he certo, que cobrião os campos, e os montes que a vista alcançava, e que vinhão no Exercito os Reis de Fez, e Marrocos, e outros Regulos visinhos; e atacando logo os postos avançados, abrirão communicação com a Praça, e tomárão as nossas baterias, com toda a artilharia, maquinas, e mais petrechos destinados para o cerco. O Infante D. Henrique esteve aqui perdido, porque retirando-se ás suas trincheiras, e fazendo a retaguarda, lhe matárão o cavallo, e ficou a pé no meio dos inimigos, donde milagrosamente sahio, sacrificando-se para o salvar Fernão Alvares Cabral, seu Guarda Mor.

Recolhidos os Portuguezes ao Campo, ahi forão assaltados pelos Mouros, que não os podérão forçar; e para maior desgraça, fugírão para bordo dos navios perto de mil homens, sendo muitos da Nobreza. Porêm D. Pedro de Castro, que estava commandando a Armada, se veio metter nas Linhas, com outros bravos soldados, que quizerão participar dos trabalhos de que se retiravão aquelles: tambem os viveres existentes no Campo apenas chegavão para alguns dias; e era impossivel agora desembarca-los dos navios. No dia seguinte assaltárão os Mouros novamente as trincheiras, que se havião melhor fortificado, e depois de quatro horas de peleja, forão rechaçados com immensa perda sua.

Achando-se a final consumidos todos os manti-

mentos, resolveo o Infante D. Henrique forçar de noite a passagem para as praias de Porto dos Judeos, que os Mouros interceptavão, e recolher-se ás suas embarcações com os que podessem romper; mas desertando para elles o Padre Martim Vieira, seu Capellão, reforçárão de maneira os postos, que se julgou impossivel abrir caminho para o mar. Então os Mouros offerecérão ao Infante deixar embarcar as tropas, ficando-lhes a elles o resto da artilharia, as armas, cavallos, tendas, e mais bagagens, sahindo os soldados Portuguezes só com os seus vestidos; e entregando-se-lhes Ceuta com todos os cativos nella existentes.

Quando se começava a negociar sobre estas bases, como o Exercito Mahometano se compunha de Nações varias, conduzidas por Chefes independentes, aos quaes não agradava o Tratado, rompérão estes as treguas, e os Portuguezes tiverão que resistir com o seu costumado valor a hum furioso assalto, que durou sete horas, e em que os inimigos forão repellidos com grande estrago.

Neste aperto, determinou o Infante reduzir a menor ambito o seu entrincheiramento, que era muito extenso para tão pouca gente, e aproxima-lo do mar, o que se fez em huma noite, cobrindo-se com huma nova trincheira, melhor que a antiga; operação a que os Mouros se não opposerão, contentando-se com occupar em força o caminho da marinha, e guardar os paços visinhos, do Campo, no qual ja se comião os cavallos, e bestas de carga, e ja morria alguma gente á sede; porque dentro das Linhas havia hum unico poço, que não chegava para dar de beber a cem homens; de maneira, que se não tivessem cahido algumas chuvas, todos terião perecido.

Renovou-se finalmente o Tratado, acrescentando-lhe, que haveria paz por cem annos entre Portugal,

e todos os Povos da Barberia. Para segurança da livre retirada do Exercito Portuguez, entregou Zalá-Benzalá seu filho ao Infante D. Henrique, ficando em refens por elle Pedro de Ataide, João Gomes de Avelar, Aires da Cunha, e Gomes da Cunha: e para certeza da entrega de Ceuta, e dos cativos, ficou em refens o Infante D. Fernando, contra vontade de D. Henrique, que queria ficar, mas os do Conselho não o consentírão.

Entregue o Infante a Zalá-Benzalá, que veio busca-lo ao Campo, seguio-se huma tregoa mal observada; em que os Mouros Enxovios assaltárão as trincheiras, porêm estando mais proximas do mar, forão defendidas com menos risco, e no dia 19 embarcárão as tropas á viva força, e só com perda de quarenta homens, no Porto dos Judeos, onde estavão os bateis da Armada para as receberem, sendo coberta a retaguarda naquella occasião critica pelo Capitão Mor do Mar D. Alvaro Vaz d'Almada, e pelo Marechal do Reino, que porfiárão ente si largo espaço sobre qual seria o ultimo, que se embarcasse. Trinta e sete dias esteve o Infante sobre Tanger, vinte e cinco sitiante, e doze sitiado: a perda do seu Exercito não excedeo a quinhentos mortos. Dalli expedio logo para Portugal o Conde de Arraiolos com quasi toda a Armada, e elle recolheo-se a Ceuta com o resto da gente.

Em quanto acontecia na Africa este desgraçado successo, tinha ElRei mandado ao Algarve o Infante D. João, para reunir gente, e mantimentos, e soccorrer com elles os Infantes seus irmãos, se necessario fosse, quando a 19 de Outubro teve noticia em Santarem (onde se refugiára por haver peste em Lisboa) de que os Infantes estavão cercados de Mouros, o que lhe causou gravissimo desgosto, e paixão. O Infante D. João, a quem primeiro chegou esta noticia, partio logo com todas as forças de mar, e terra, que pôde

aprestar, mas os ventos forão tão contrarios, que esteve quasi perdido na viagem, e sabendo por fim o resultado do cerco, foi a Arzilla, onde tentou inutilmente algumas negociações sobre a liberdade do Infante D. Fernando, que alli estava.

O Infante D. Pedro preparava tambem em Lisboa hum grande armamento para ir soccorrer seus irmãos, o qual não teve effeito, por chegarem de Tanger os navios da Armada, e Cartas do Infante D. Henrique, em que relatava o verdadeiro estado das cousas; por cujos motivos ElRei o mandou recolher de Ceuta, querendo-se aconselhar com elle.

O resto desta transacção pertence á Historia do Reino, e merece a attenção dos homens d'Estado.

Falleceo ElRei D. Duarte a 9 Setembro de 1438.

Reinado d'ElRei D. Affonso V.

Este Monarcha subio ao Throno com pouco mais de seis annos de idade, e começou a governar aos quatorze. A Rainha D. Leonor, sua mãi, exerceo primeiro a Regencia, que depois passou de hum modo pouco regular ao Infante D. Pedro; e esta mudança, ainda que vantajosa, produzio odios, e dissenções funestas entre grandes Personagens, cuja consequencia immediata (alem do que mais tarde se seguio) foi o combate de Alfarroubeira, a que se deo o nome de batalha, o qual se tornou memoravel por acabarem nelle o Infante D. Pedro, hum dos maiores Politicos de Portugal, e o Conde de Abranches D. Alvaro Vaz, ou Vasques de Almada, Capitão Mor da Frota, hum dos mais famigerados Guerreiros do seu seculo.

Estas discordias embaraçárão por alguns annos o proseguimento das uteis descobertas começadas; mas como ElRei era de espirito audaz, e affeiçoado ás con-

quistas da Africa, humas e outras continuárão quasi sem interrupção por todo o seu longo Reinado.

Ve-se com effeito, que elle nunca perdeo de vista este negocio, porque no Tratado da Paz com Castella, feito na Villa das Alcaçovas a 4 de Setembro de 1479, sendo Ministro de Portugal o Barão de Alvito D. João Fernandes da Silveira, e de Castella o Doutor Rodrigo Maldonado, se ajustou = Que o Senhorio de Guiné, que se estendia desde os Cabos de Não, e Bojador até *aos Indios inclusivamente*, com todos seus mares adjacentes, Ilhas, e Costas descobertas, e por descobrir, com seus tratos, pescarias, e resgates; e assim as Ilhas da Madeira, e dos Açores, e das Flores, e do Cabo Verde, e a conquista do Reino de Fez, ficasse *in solidum* aos Reis de Portugal, e seus Successores para sempre. E que as Ilhas das Canareas, com a conquista do Reino de Granada, ficasse *in solidum* aos Reis de Castella, e seus Successores para sempre, » (1).

Este Tratado foi ratificado, e confirmado no tempo d'ElRei D. João II. por huma Bulla do Papa Sixto IV.

Houverão neste Reinado em Portugal dous Generaes do Mar, ou Capitães Mores da Frota; o Conde de Abranches D. Alvaro, que tinha este Cargo desde 1423, e seu filho o Conde D. Fernando de Almada por Carta passada em Evora a 28 de Fevereiro de 1456.

1440 — Neste anno mandou o Infante D. Henrique duas Caravelas para proseguirem no descobrimento da Costa da Africa; mas por máos tempos, ou ou-

(1) Vede Duarte Nunes, Chronica de D. Affonso V., Capitulo 66; e Ruy de Pina, Chronica de dito Rei, Cap.° 206.

tra alguma causa, regressárão a Sagres, sem fazerem cousa alguma (1).

1441 — (2) Mandou o Infante a Antão Gonçalves, seu Guarda Roupa, em hum navio pequeno, com ordem de ir ao Porto, onde Affonso Gonçalves no anno de 1434 fizera a matança dos lobos marinhos, e carregar alli de pelles, o que elle executou; mas como ainda era mancebo, e cubiçoso de gloria, chamou Affonso Guterres, Moço da Camara do Infante, e Escrivão do navio, e a toda a equipagem (que pouco excedia a vinte pessoas), e lhes expôz de quanta vantagem seria explorarem o Paiz, para colherem algum habitante que levassem a Portugal. Convierão todos, depois de algumas altercações, em que fosse elle pessoalmente a esta perigosa expedição; e partindo de noite com oito homens, depois de caminhar tres leguas, encontrou hum natural nú, com duas azagaias na mão, que hia tangendo hum camelo. O primeiro, que travou delle, foi Affonso Guterres, ficando o Mouro tão cortado do subito pavor, que lhe causou a vista dos Portuguezes, que sem tentar fugir, ou defender-se, foi tomado. Voltava Antão Gonçalves alegre para o navio com o seu prisioneiro, quando se achou na presença de perto de quarenta naturaes, que assombrados da novidade, se acolhêrão a huma altura que ficava proxima, abandonando huma mulher, que foi tambem logo aprisionada. Querião os Portuguezes ataca-los, a pesar da desigualdade do numero, porêm Antão Gonçalves, mais prudente, os dissuadio do intento, por ser quasi posto

(1) Barros, Decada 1., L.º 1., Cap.º 6. — Soares da Silva, Memorias etc. tomo 1., Cap.º 83.

(2) Barros no lugar citado — Goes, Chronica do Principe D. João — Galvão, Tratado dos Descobrimentos, pag. 23 — Faria e Sousa, que erradamente põe este facto no anno de 1440; Asia Portugueza, tomo 1.º, Parte 1.

o sol, e consideravel a distancia a que estavão do mar. Assim continuárão seu caminho, sem serem seguidos dos contrarios.

Recolhido Antão Gonçalves ao seu navio, e estando no dia seguinte para se fazer á véla, chegou de Sagres, por Commandante de huma Caravela, Nuno Tristão, Cavalleiro da Casa do Infante, mancebo corajoso, que trazia instrucções para passar ao Sul da Pedra de Galé, e desembarcar em qualquer parte da Costa, a fim de tomar alguma lingua da terra.

Instruido do caso acontecido, instou Nuno Tristão com Antão Gonçalves para que marchassem logo em busca dos Mouros, e concordando elle, partírão ambos ao anoitecer com a gente mais escolhida, em que entravão Diogo de Valladares, que depois foi Alcaide Mor de Villa Franca, Gonçalo de Cintra, e Gomes Vinagre, Moço da Camara do Infante, todos homens do mais resoluto valor; e na mesma noite derão com aquelles, ou com outros Mouros, onde se travou huma furiosa briga, a pesar da escuridão, que não deixava distinguir amigos de inimigos, senão por andarem estes nús, e aquelles vestidos. Alli morrêrão tres dos Mouros, a hum dos quaes matou Nuno Tristão com assás perigo seu, e ficárão cativos dez, com que voltárão para os navios ja de dia; e em memoria de tão importante acontecimento, armou Cavalleiro Nuno Tristão a Antão Gonçalves, donde resultou dar-se então áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*, que depois veio a confundir-se com o de Rio do Ouro.

Achou-se entre os cativos hum, que fallava o Arabe, e pôde entender-se com hum Mouro, que Nuno Tristão levava por interprete; e persuadidos os dous Commandantes, que conseguirião por seu meio ter pratica com os naturaes, puzerão o Lingua em terra com a Moura, na esperança de que virião resgatar os prisio-

neiros, mas não aconteceo assim, porque passados dous dias, vierão ao Porto cento e cincoenta homens, huns em cavallos, outros em camelos, querendo attrahir os Portuguezes a huma cilada, que tinhão armado detrás de huns montes de arêa, e vendo que não sahião do batel, em que estavão, começárão a descobrirse, trazendo prezo o Lingua, o qual avisou logo aos Commandantes, que não desembarcassem. Os Mouros, desenganados, atirârão aos do batel algumas pedradas, que a elles custarião bem caras, se as ordens do Infante não fossem positivas, para que se não maltratassem desnecessariamente os habitantes, com os quaes só queria paz, e commercio. Em consequencia, Antão Gonçalves, e Nuno Tristão voltárão para bordo dos seus navios, sem lhes fazer damno; e consultando sobre o mais, que farião, voltou Antão Gonçalves para Portugal, trazendo metade dos cativos, de que o Infante ficou tão satisfeito, e contente, que, por este e outros anteriores serviços, o fez seu Escrivão da Puridade, e lhe deo a Alcaidaria Mor de Thomar, e huma Commenda.

Nuno Tristão, na conformidade das suas instrucções, espalmou naquelle Porto a Caravela, e seguio a Costa para o Sul, e chegando a hum Cabo, a que chamou *Cabo Branco* (1), em razão da côr do terreno,

(1) Este Cabo está situado na Lat. N. de 20°. 55′, e na Long. de 1° 1′, e forma como huma Peninsula, por detrás da qual entra para o Norte huma grande Bahia de dez leguas de saco, e oito de largo, cuja ponta do Sul he o Cabo de Santa Anna. Em toda ella se pode ancorar em bom fundo de arêa, mas ha por aqui muitos baixos. A' roda do Cabo Branco, vindo do Norte, se acha sonda a mais de cinco leguas de terra. Pouco ao Sul do Cabo, inclinando-se para o SE, corre hum parcel de mais de vinte e cinco leguas de comprimento, com desigual largura, que tem dezoito, e vinte braças nas suas proximidades.

Neste parcel naufragou lastimosa, e brutalmente a Medusa, Fragata Franceza, no dia 2 de Julho de 1816, pelas tres horas da tarde,

desembarcou algumas vezes, e posto que achou redes de pescadores, e vestigios de gente, não vio pessoa alguma. Por esta causa, e como os mantimentos se lhe acabavão, e a Costa mudava de direcção, encurvando-se muito para Leste, com grandes correntes de agua, temeo achar-se ensacado em alguma Enseada, de que não podesse sahir, e voltou para Portugal.

O Infante, concebendo maiores esperanças do bom resultado destas viagens, mandou a Roma Fernão Lopes de Azevedo, do Conselho d'ElRei, que depois foi Commendador Mor da Ordem de Christo, a representar ao Papa Eugenio IV. os grandes trabalhos, e despezas que lhe custavão aquelles descobrimentos, e o proveito que delles resultaria á Religião Catholica, pedindo-lhe para a Coroa de Portugal o Senhorio dos Paizes, que conquistasse, a Indulgencia plenaria para os

tempo excellente, havendo observado ao meio dia a Latitude de 19° 36'. Sondava-se de duas em duas horas, correndo com vento largo no rumo de SSE, que cruzava o banco, a agua tinha mudado de côr, passavão ao longo do costado muitas hervas de terra com raizes, e pescava-se immenso peixe. A primeira sonda foi de 18 braças, logo 15, 9, e 6, e encalhou em 15 pés e meio, quasi na preamar, e em occasião de grandes marés. Na baixamar ficou em 13 pés, e mais ao largo achárão-se em partes mais, em partes menos. Este parcel tem o nome de Banco do Cabo Branco, ou de Arguim.

Como o Continente Africano, chamado Deserto de Sahara, que começa em Cabo Cantim, e acaba em Cabo Mirick, se encurva aqui muito para Leste, fica huma especie de grande Enseada entre a Costa e este Banco, que se chama o Golfão de Arguim, cheio de corôa de arêa, mas com bom fundo nos lugares limpos. Aqui está situada a Ilha de Arguim proxima á terra, cousa de oito leguas ao Sul de Cabo Branco, e ao pé della ha outros Ilhotes. Doze, ou treze leguas ao Sul da Ilha de Arguim está a Ilha de Tider, que he maior, e ha outras mais de differentes grandezas. Por toda esta grande Enseada, que acaba em Cabo Mirick, ha muitos rilheiros, e correntes de agua, e infinito peixe, que os Mouros hião alli pescar; e hoje os habitantes das Canarias vem na Primavera alli a este Golfão, e fazem grandes salgações de peixe, a maior parte do qual pertence á especie do Bacalháo.

que acabassem naquella meritoria empresa; o que o Pontifice ampiamente lhe concedeo, por Bulla datada de Florença no anno de 1442; e o Infante D. Pedro, Regente do Reino, lhe fez doação dos quintos que pertencião a ElRei, e lhe passou Carta para que só elle podesse continuar os descobrimentos.

1442 — Enviou outra vez o Infante a Antão Gonçalves (1) para ir ao Porto do Cavalleiro, levando a bordo alguns dos Mouros, que dalli trouxera, os quaes dizião ser bem aparentados, e querião resgatar-se por Negros escravos, que não faltavão naquelle Paiz. Aproveitou-se desta occasião hum Fidalgo Alemão, por nome Balthesar, Gentil-Homem da Camara do Imperador Friderico III., que viera com cartas suas ao Infante, para que o enviasse a Ceuta, a fim de ser armado Cavalleiro; e pedio-lhe licença, que obteve, para fazer viagem com Antão Gonçalves, porque ja neste tempo dava tão grande brado pela Europa a fama dos descobrimentos dos Portuguezes, que os fazia contemplar como superiores aos outros Povos; e os homens de genio audaz, e aventureiro desejavão participar com elles da gloria destas empresas, avaliadas então por muito superiores ás dos antigos.

Partindo Antão Gonçalves para o seu destino, soffreo huma tempestade, que o forçou a arribar a Portugal, e foi ella tão furiosa, que Balthasar, indo com desejos de ver huma, se deo por satisfeito com esta, e só lhe restava pisar a terra Africana para saciar a sua nobre ambição.

Reparado o navio, volveo Antão Gonçalves á sua derrota, e com tempo favoravel ancorou no Porto, que buscava, onde a troco dos Mouros, que le-

(1) Barros, Decada 1., L.° 1., Cap.° 7. — Galvão, pag. 23, onde põe esta viagem em 1443. — Faria, Asia, tomo 1., parte 1. — Soares da Silva, Memorias etc. tomo 1., Cap.° 83.

vou, recebeo dez Negros de differentes terras, sendo alguns de Guiné, e consideravel quantidade de ouro em pó, o primeiro que veio a Portugal, bem como os Negros. Daqui ficou áquelle Porto o nome de Rio do Ouro, pelo qual he hoje conhecido em todas as Cartas (1). Cumprida assim a sua commissão, regressou Antão Gonçalves a Portugal, trazendo muitos ovos de Ema, e outras raridades, que o Infante estimou sobremaneira.

1443 — Com estas esperançosas noticias expedio o Infante a Nuno Tristão (2) para proseguir o seu anterior descobrimento de Cabo Branco, e com effeito passou para o Sul delle, e chegou a huma das Ilhas de Arguim, onde vio com extraordinaria surpreza mais de vinte Almadias (3), cada huma das quaes levava tres, ou quatro homens, que escanchados na borda remavão com as pernas: tão profunda era a ignorancia destes Povos, que ainda estavão na primeira infancia da Arte! Nuno Tristão mandou logo em seu alcance huma lancha com sete homens, que cativárão quatorze individuos; e fugindo os outros para a Ilha, não podérão ahi escapar, porque a lancha, deixando os prisioneiros a bordo do navio, foi buscar o resto.

Desta pequena Ilha passou Nuno Tristão a outra,

(1) Este Rio, ou antes braço de mar, entra pela terra dentro cousa de outo leguas, e he cheio de baixos, com alguns Ilhotes. A sua ponta do Norte fica perto de quarenta milhas ao Sul da Angra dos Cavalles, e está situada em 23° 42′ de Lat., e 2° 11′ de Long. A' roda della ha hum recife de pedra, como observou o Capitão Glass, Inglez em 1760.

(2) Galvão, pag. 23 — Faria na sua Asia, tomo 1., e 3. no fim. — Chronica do Principe D. João, Cap.° 8. — Soares da Silva, tomo 1., Cap.° 84.

(3) São o mesmo, que as Canoas do Brazil, embarcações construidas de hum só páo, cavado por dentro, e algumas tão grandes, que tem sessenta pés de comprido.

a que deo o nome de *Ilha das Garças*, pelas muitas que matou, colhendo-as á mão, e lhe servírão de refresco: e fazendo depois alguns desembarques na terra firme, sem achar outra alguma presa, voltou para o Reino.

1444 — Vendo os moradores de Lagos a prosperidade que começava a ter o Commercio maritimo, por meio destes descobrimentos, que ja produzião quantidade de ouro, e de escravos, e que todas as embarcações nelles empregadas vinhão descarregar áquella Cidade, pela habitual assistencia do Infante D. Henrique em Sagres, formárão, com sua licença, huma Companhia, que se obrigou a pagar-lhe o quinto de todos os generos, que exportasse daquelles Paizes: e em consequencia armou seis Caravelas, de que o Infante deo o commando geral a Lançarote, que fôra seu Moço da Camara, e a quem dera o Almoxarifado de Lagos; e os outros Commandantes erão Gil Annes, que primeiro dobrou o Cabo Bojadór, Estevão Affonso, Rodrigo Alvares, João Dias, e outro (1).

Chegou a Esquadra á Ilha das Garças, onde matou muitas, e querendo assaltar a Ilha de Nar (huma das de Arguim), por levarem informações de que poderião alli fazer boa presa nos naturaes do Paiz, resolveo-se em conselho mandar primeiro espiar a Ilha, e cerca-la depois com as lanchas, para lhes cortar a retirada para o Continente; e em consequencia deste accordo, partírão de noite Martim Vicente, e Gil Vasques, cada hum em sua lancha com quatorze soldados, e alguns marinheiros, mas as correntes, que por

(1) Vede Barros, Decada 1., L.° 1., Cap.° 8. — Soares da Silva, Memorias etc., tomo 1., Cap.° 84 — Faria, tomo 1., Parte 1., e tomo 3. no fim. — Chronica do Principe D. João, Cap.° 8, onde põe esta Viagem no anno de 1443. — Galvão, pag. 23.

alli são mui fortes, e variaveis, os detiverão de modo, que rompia o Sol quando chegárão á Ilha; e como se achavão defronte de huma Aldea, d'onde julgavão ter ja sido descobertos, determinárão-se a desembarcar logo, por não perderem tempo em dar aviso ás Caravelas; e pondo em pratica este acertado projecto, cativárão sem resistencia cento e cincoenta e cinco pessoas.

Estes cativos derão noticia de que na Ilha de Tider, que ficava proxima, havia tambem gente, porêm indo lá o Commandante Lançarote com todas as Lanchas, a achou ja despejada, e quasi o mesmo lhe acconteceo em outras, de maneira, que tanto nestas Ilhas, como em algumas entradas que fez pela terra dentro, apenas tomou mais quarenta e cinco individuos; e voltando para Portugal, por lhe faltarem viveres para tanta gente, colheo ainda quinze pescadores em Cabo Branco, e foi recebido do Infante com tantas honras, que pela sua propria mão o armou Cavalleiro, e fez outras mercês a elle, e aos outros Commandantes, e pessoas mais notaveis.

Havendo ja tratado do descobrimento da Ilha de Santa Maria, relatarei agora seguidamente o que pertence ás outras, que constituem o grupo chamado dos Açores, ainda que achadas em épocas differentes (1), e contestadas.

Ilha de S. Miguel — Neste anno de 1444 aconte-

(1) Ha huma grande variedade de opiniões entre os nossos Escritores sobre as verdadeiras épocas de muitos dos antigos descobrimentos: eu segui nestas Memorias os que me parecerão mais provaveis, sem entrar na discussão de cada huma dellas, por quanto isso me obrigaria a fazer quasi outras tantas Dissertações, e de resto a cousa seria de pouco intesesse; por ser evidente, que a gloria dos nossos descobridores he a mesma em todas as hypotheses; e só quando dous individuos reclamão a prioridade de huma descoberta, he que merece a pena de examinar-se a qual se deve attribuir.

ceo na Ilha de Santa Maria, que hum Negro fugido avistou do alto de hum monte (1) huma Ilha, que parecia ser grande, e alvoroçado com a descoberta, veio participa-lo a seu senhor, o qual indo com outras pessoas certificar-se do caso, e achando-o verdadeiro, o communicou ao Infante. Achava-se com este, no momento em que recebeo o aviso, o Commendador de Almourol Gonçalo Velho, Descobridor de Santa Maria, que partio logo por sua ordem a reconhecer a nova Ilha: a falta porêm de conhecimentos exactos sobre a sua posição, fez com que elle não a achasse; e voltando descontente a Portugal, o tornou a mandar o Infante á mesma commissão. Para segurar desta vez a viagem, aportou primeiro á Ilha de Santa Maria, e marcando dalli o rumo a que a outra lhe ficava, a foi buscar. A 8 de Maio, dia da Apparição de S. Miguel, desembarcou em hum lugar, que se chamou depois a *Povoação Velha*, e dando á Ilha o nome daquelle Archanjo, e examinando-a o melhor que pôde, veio informar de tudo ao Infante, que lhe deo a Capitania della, conservando ao mesmo tempo a que ja possuia de Santa Maria. Estas duas Ilhas tomárão o nome de Ilhas dos Açores, pelos muitos que se achárão nos densos bosques, que as cobrião, e depois se fez commum este nome ás outras daquelle grupo. Parece que S. Miguel prosperou em breve tempo, porque no anno de 1447 deo ElRei D. Affonso aos seus moradores o privilegio de não pagarem dizima dos productos, que trouxessem a Portugal.

(1) Vede a Historia Insulana, desde o Livro 5.º até ao Livro 9.º. — Faria, Asia Portugueza, tomos 1.º, e 3.º nos lugares ja citados — Soares da Silva, Memorias de D. João I., tomo 1., Capitulos 90, e 91 — Damião de Goes, Chronica do Principe D. João, Capitulos 8., e 9. — Galvão, pag. 25 — Clarke, tomo 1., L.º 1., Cap.º 2. — Anno Historico, tomo 2. pag. 34.

Terceira — Teve primeiro o nome de Ilha de Jesus Christo, por ser descoberta (não se sabe o anno) em dia dedicado á celebração de algum Mysterio: depois prevaleceo o nome de Terceira, que lhe pertencia na ordem dos descobrimentos destas Ilhas; tambem se ignora o seu Descobridor. Em 2 de Março de 1450 nomeou o Infante por seu Donatario a Jacome de Bruges, Fidalgo Flamengo, para a ir povoar, por estar *erma*, *e inhabitada*, segundo se explica a mesma Carta de Doação, o que prova de passagem não ser elle quem a descobrio, aliás faria menção deste justo motivo. Jacome de Bruges partio logo para a Ilha com dous navios á sua custa, em que levou familias, gados, sementes, e quanto era necessario para formar o primeiro estabelecimento.

S. Jorge — Deo-se-lhe este nome por ser descoberta a 23 de Abril, dia da Festa deste Santo. Se o seu Descobridor foi Vasco Annes Corte Real, he incerto, bem como o anno do descobrimento; sabe-se porêm, que o seu primeiro povoador foi Guilherme de Wandagara, ou Wanderberg, Fidalgo Flamengo, que depois mudou o appellido em Silveira.

Graciosa — O delicioso aspecto desta pequena Ilha lhe fez dar o nome de Graciosa. Corre a mesma incerteza sobre o seu Descobridor; mas o primeiro povoador foi Vasco Gil Sodré, segundo o Padre Cordeiro, que tambem assignala o anno de 1450 pelo do seu descobrimento.

Faial — Assim chamada pelas formosas, e altas faias de que se achou coberta. O seu primeiro Donatario foi Jorge de Ultra, Fidalgo Flamengo, que estava ao serviço de Portugal; porêm ignora-se o nome do Descobridor (se não foi o mesmo Ultra), e o anno em que se descobrio.

Pico — Mereceo este nome por huma alta monta-

nha volcanica, de figura conica, a qual occupa com a sua base quasi toda a Ilha, e tem de altura vertical sobre o nivel do mar, 1258 toesas (1). Teve por primeiro Donatario a Jorge de Ultra, e ha a mesma incerteza sobre o seu Descobridor, e a época do descobrimento.

Devo aqui observar, que estas ultimas quatro Ilhas estão á vista humas das outras, de maneira, que o primeiro individuo que desembarcasse em huma, forçosamente descobria as outras.

Flores — Não se sabe quando, nem quem a descobrio: deo-se-lhe este nome, pelas muitas flores, que a adornavão.

Corvo — Esta Ilha he tão proxima á das Flores, que ambas devião ser descobertas no mesmo dia. Em tempo d'ElRei D. Manoel, achou-se na sua parte do NO, no cume de hum penhasco, huma estatua equestre formada da mesma rocha, figurando hum cavalleiro montado em hum cavallo em osso, com a mão esquerda nas crinas do cavallo, o braço direito estendido, e os dedos da mão recolhidos, excepto o dedo index com que apontava para o Ponente. ElRei fez tirar o desenho por hum seu criado, e mandou hum Mestre intelligente para separar a estatua inteira, se fosse possivel o que se não pôde fazer, antes a quebrárão em pedaços, dos quaes trouxerão para Lisboa a cabeça, e o braço direito do homem, e a cabeça, e huma perna do cavallo, com outros fragmentos, que estiverão alguns dias no Paço, não se sabendo o destino que depois tiverão. Passados annos, indo áquella Ilha o seu Donatario Pedro da Fonseca, soube dos habitantes, que na mesma rocha, por baixo do lugar onde estivera a estatua, se achavão humas letras entalhadas na pe-

(1) Vede Tofino, Roteiro do Oceano, pag. 226.

dra, de que com grande trabalho fez tirar o molde em cera; mas não se podérão entender.

Este facto extraordinario tem a seu favor o testemunho de Damião de Goes, que alem de grandes talentos, e erudição, conheceo bem as cousas do seu tempo, e as do Paço. Não sei se isto basta para o acreditar.

1444 — Neste mesmo anno de 1444 (1) Diniz Fernandes, homem valeroso, que fôra Escudeiro d'ElRei D. João I., e vivia em Lisboa abastado de bens, querendo agradecer ao Infante algumas mercês que lhe fizera, armou á sua custa hum navio com determinação de passar alem dos ultimos descobrimentos, e assim o fez; porque chegando ao Rio Senegal, não quiz ter alli demora, e seguindo para o Sul, avistou humas Almadias de pescadores, ás quaes se dirigio logo na sua lancha, que levava atoada por popa, e alcançando huma, a tomou com quatro Negros Jalofos, que forão os primeiros colhidos na sua propria terra, que vierão a Portugal.

Daqui continuou a sua derrota examinando a Costa, sem perder tempo em desembarcar, até que chegou a hum grande Cabo, que se avançava muito para Oeste, ja conhecido dos antigos pelo nome de *Arsinarium Promontorium*, a que chamou Cabo Verde (2),

(1) Barros (Decada 1., L.° 1., Cap.° 9) póe esta descoberta em 1446 — O Padre Cordeiro (L.° 2., Cap.° 8) dá as Ilhas de Cabo Verde descobertas em 1445; e he bem sabido, que o Cabo foi descoberto antes — Galvão (pag. 24) diz, que o Cabo se descobrio em 1446. O Anno Historico (tomo 2., pag. 2) diz, que em 1445 — Faria, e Soares da Silva (nos lugaros acima citados), dizem, que foi descoberto em 1446 — Damião de Goes (Cap.° 8.) segue quasi a opinião de Cadamosto, e suppóe a descoberta em 1443 — Eu ponho o descobrimento em 1444, porque em 1445 foi a sua primeira viagem, e elle o dá por descoberto no anno antecedente.

(2) Cabo Verde, situado na Lat. N. de 14° 45′ e Long. 0° 35′ 45″,

pelo frondoso arvoredo, que o cobria; e vendo que a terra, alem delle, se encurvava muito para Leste, formando como huma peninsula, e que o vento lhe ficava ponteiro para continuar o seu reconhecimento, ancorou em huma Ilhota proxima do Cabo, onde matou muitas Cabras, que lhe servírão de refresco, e deixando nella arvorada huma Cruz de páo, regressou a Portugal, onde foi recebido pelo Infante com aquellas honras e mercês, que elle costumava fazer aos que tão bem o servião.

1445 — Neste anno mandou o Infante a Gonçalo de Cintra (1), seu Escudeiro, e homem valeroso, por Commandante de hum navio, para continuar os descobrimentos, o qual indo em demanda de Cabo Branco, para passar á Ilha de Arguim, em que hum Mouro Azenegue (2), que levava por interprete, lhe promet-

he o ponto mais Occidental da Africa, e he formado por huma peninsula, que sahe do Continente para Oeste mais de cinco leguas, sendo a sua menor largura de seiscentas toezas. Da parte do N.E. tem dous montinhos, a que chamão as *Mamas*, e servem de reconhecimento aos Navegantes. Segundo alguns Sabios, que modernamente examinárão aquelle terreno, estes dous montinhos são restos de hum antigo Volcão. Do extremo Occidental do Cabo se estende huma perigosa restinga de pedras, que entra muito pelo mar. A ponta do Norte do Cabo chama-se ponta da Almadia; e Cabo Manoel a sua ponta mais do Sul. Entre estas duas pontas estão tres pequenas Ilhas, chamadas da Magdalena, ou dos Passaros. Em huma dellas desembarcou Diniz Fernandes, se he certo, que o fez *em huma Ilhota que está pegada* no Cabo, como diz Barros; mas eu persuado-me, que elle desembarcou na Ilha Gorea, que tem abrigo, e fica só distante delle cousa de duas leguas.

(1) Vede Faria e Sousa, Asia Portugueza, tomo 1. no fim — Soares da Silva nas Memorias de D. João I., tomo 1., cap.° 84 — Barros, Decada 1., L.° 1., Cap.° 9 — Galvão, pag. 24 — Goes, Chronica do Principe D. João, Cap.° 8., onde colloca esta viagem no anno de 1444.

(2) Os antigos Portuguezes chamavão Azenegues aos Povos, que habitavão da margem do Rio Senegal para o Norte, os quaes parecem ser huma raça mixta de Arabes, e Mouros Barberescos, e são da cór de

tia boas presas, entrou em huma Bahia cousa de dezeseis leguas ao Norte daquelle Cabo onde o Azenegue lhe fugio: e sobre o desgosto deste acontecimento, teve outro, porque vindo hum Mouro velho pedir-lhe o levasse para Portugal, por estarem lá cativos, segundo dizia, alguns seus parentes, depois que examinou á sua vontade o navio (unico fim a que viera), desertou igualmente.

Agastado, e corrido Gonçalo de Cintra destes enganos, a que o arrastára a sua nimia boa fé, intentou vingar-se assaltando huma Aldea visinha; e guarnecendo a sua lancha com doze homens, entrou nessa noite por hum esteiro, onde na vasante ficou em seco, e sendo visto de manhã pelos naturaes, o atacárão mais de duzentos, e alli o matárão, com Lopo de Alvellos, e Lopo Caldeira, ambos Moços da Camara do Infante, o Piloto Alvaro Gonçalves, e outros quatro homens, salvando-se o resto delles a nado. Estes forão os primeiros Portuguezes, que acabárão naquelles descobrimentos. A Caravela voltou logo para o Reino só com alguns marinheiros, e dúas mulheres que havião cativado em terra, ficando áquelle lugar o nome de *Angra de Gonçalo de Cintra* (1). O Infante sentio por extremo este desastre.

Parece, que neste mesmo anno, por ordem do Infante, se começou a construir hum Forte na Ilha de Arguim, que era então o centro do Commercio da-

mulatos escuros. Entendião por Costa de Guiné o espaço comprehendido entre o Senegal (onde começão os Negros) e a Serra Leôa. A Costa da Malagueta estendia-se desde Cabo Ledo até Cabo de Palmas: a Costa dos Quáquás desde este Cabo até ao das Tres Pontas: a Mina desde este até Cabo Formoso: o Calabar desde este até Cabo de Lopo Gonçalves; e Costa de Loango deste para o Sul até Cabo Negro.

(1) Situada na Lat. de 22° 50′, e Long. 2° 6′.

quella Costa, o qual se concluio, ou ampliou muitos annos depois (1).

No mesmo anno de 1445 fez Luiz de Cadamosto a sua primeira viagem á Costa de Africa (2).

Achando-se em Veneza, sua patria, com quasi vinte dous annos de idade, e alguma pratica da navegação do Mediterraneo, determinou fazer huma segunda viagem a Flandres (onde ja estivera), para buscar a fortuna, que na Italia lhe faltava, e munido de mui pouco cabedal, embarcou-se em humas Galés Venezianas, que hião para aquelles Estados, commandadas por Marcos Zen. Sahio elle de Veneza a 8 de Agosto de 1444, e chegando ao Cabo de S. Vicente, e não podendo dobra-lo pela força do vento (provavelmente Norte), pairárão as Galés ao socairo do Cabo. Neste meio tempo veio a bordo Antonio Gonçalves, Secretario do Infante D. Henrique (3), cuja habitação esta-

(1) Eu sigo aqui a Cadamosto (Primeira Viagem, Cap.º 10), que diz positivamente, que neste anno de 1445, que elle correo aquellas Costas, se trabalhava no Forte por ordem do Infante. Manoel de Faria e Sousa (nos dous lugares da sua Asia ja citados) faz ir Soeiro Mendes a esta commissão no anno de 1449. Barros (na Decada 1., L.º 2.º, Cap.º 1.) diz, que foi em 1461, e Galvão (pag. 25) diz, que em 1462. Damião de Goes (Cap.º 8.) inclina-se á opinião de Cadamosto, e crê que em 1461 mandou ElRei acabar o Castello começado pelo Infante.

(2) Vede as Navegações de Cadamosto no tomo 2. da Collecção de Noticias para a Historia, e Geografia das Nações Ultramarinas, publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa — Soares da Silva (Memorias de D. João I., tomo 1., cap.º 84) põe esta Viagem no anno de 1444 — O mesmo faz Damião de Goes (se não me engano) na Chronica do Principe D. João, Cap.º 8. — Esta Viagem he muito curiosa, e merece ler-se inteira no seu Original, ou na Traducção acima citada: eu não faço aqui mais do que extracta-la, deixando de parte as suas prolixas descripções dos Povos Africanos.

(3) He mais provavel, que fosse Antão Gonçalves, seu Escrivão da Puridade.

va nas proximidades daquelle sitio, e em sua companhia o Consul de Veneza em Portugal, trazendo amostras de assucar da Madeira, sangue de Drago, e outros productos das Ilhas, de que o Infante era Senhor, e se povoavão então; e relatou aos seus compatriotas as grandes navegações, e descobertas de novos Paizes, que por ordem do mesmo Infante se fazião, e os interesses excessivos que tiravão dellas os que as emprehendião; de que Cadamosto ficou tão penhorado, que depois de certificar-se da honra, e bom gasalhado que o Infante fazia em geral aos Estrangeiros, e quanto folgaria de empregar alguns Venezianos, pela intelligencia que tinhão do Commercio das especiarias, se animou a ir com o Secretario, e o Consul á sua presença. O modo com que este Principe recebeo a Cadamosto, foi para elle tão lisongeiro, que voltando a bordo da sua Galé, dispoz dos effeitos que trazia, comprou outros que lhe serião necessarios para a viagem, que intentava, e estabeleceo-se logo em terra.

Passados alguns mezes, no decurso dos quaes sempre o Infante o tratou honradamente, mandou-lhe este armar huma pequena Caravela nova de 45 toneladas, com algumas peças de artilharia, de que era Commandante Vicente Dias; e nella partio de Sagres Cadamosto a 22 de Março de 1445, com vento N.N.E., em demanda da Ilha da Madeira, seguindo o rumo de S.O. 4 O., e a 25 ancorou na Ilha de Porto Santo, da qual era Governador Bartholomeo Perestrello, cuja distancia ao Cabo de S. Vicente avaliou com bastante, mas desculpavel erro, em seiscentas milhas (1); e sou-

(1) Cadamosto avalia sempre as distancias em milhas de Italia de 80 ao gráo, mas para evitar qualquer equivocação, tomei o expediente de reduzir as suas medições ao geral systema da Europa, dando 60 milhas a cada gráo: assim as 800 milhas de que elle falla neste lugar, são iguaes a 600 milhas ou duzentas leguas marinhas.

he haver sido descoberta em dia de Todos os Santos (1) de 1417.

Examinadas miudamente as producções desta Ilha, os seus artigos de Commercio, abundancia de peixe, e extraordinario numero de coelhos, sahio dalli Cadamosto a 28 de Março, e no mesmo dia surgio em Machico, pequeno Porto na Ilha da Madeira, que diz se povoára em 1420, e que tinha na época da sua chegada oitocentos homens, inclusos cem de cavallo.

Nesta Ilha fez as mesmas indagações, sobre a sua excessiva fertilidade, belleza de Clima, e abundancia de todas as cousas necessarias á vida.

Seguindo a sua derrota para o Sul, avistou as Canarias (2), e destas visitou Gomeira, Ferro, e Palma, e dirigindo o seu rumo para Cabo Branco, por evitar ensacar-se na grande Enseada que fórma a Costa de Africa para o Norte delle, o avistou em poucos dias. Alem deste Cabo a Costa se recolhe para o S.E., fazendo hum golfo bastante fundo, chamado a Furna de Arguim, que tem quatro Ilhas; a de Arguim, que tomou delle o nome, e a unica que tem agua doce, a Branca, a das Garças, e a dos Corações, todas pequenas, arenosas, e deshabitadas. Na de Arguim se construia então hum Forte por ordem do Infante, e ex-aqui o motivo: Os Portuguezes em outro tempo corrião as Costas desde Cabo Branco ao Senegal, desembarcávão

(1) Cadamosto attribue o nome de Porto Santo a ser descoberta a Ilha no dia de Todos os Santos; porêm he mais natural, que os seus Descobridores lhe dessem aquelle nome, por acharem nella o abrigo de que carecia a sua fragil, e destroçada embarcação. De resto, elle conta o que ouvio dizer. Eu creio, fóra de toda a duvida, que ella foi achada em outro dia.

(2) As Ilhas Canarias são onze, e Cadamosto conta somente sete, ou por serem estas as mais principáes, ou por não ter noticia das outras quatro, que na realidade são Ilhotes.

onde se lhes antolhava, assaltavão as Aldeas dos pescadores, e os levavão cativos; esta guerra durou treze, ou quatorze annos. O Infante mudou este systema, prohibio cativar os Azenegues, e contratou com algumas pessoas particulares concentrar-se todo o Commercio na Ilha de Arguim, por meio de huma Feitoria alli estabelecida, onde só as Caravelas dos interessados são admittidas. A Feitoria recebe os generos, que ellas trazem, que são tapetes, pannos, sedas, trigo, prata, e outras mercadorias, e os vende aos Arabes das Caravanas, que para este effeito vem á Costa do mar, a troco de ouro em palhetas, e de escravos Negros de que levão cada anno a Portugal de setecentos a oitocentos. Para proteger este trafego, he que se construio aquelle Forte.

Os Azenegues erão tão ignorantes na época em que os primeiros Portuguezes alli chegárão, que vendo os seus navios á véla, cuidárão que erão passaros com azas brancas; outros, vendo-os com o panno ferrado, os tiverão por grandes peixes, e outros finalmente por espectros nocturnos, porque na mesma noite os vinhão saltear em lugares distantes huns dos outros.

De Cabo Cantim para o Sul começa o deserto, a que os Arabes chamão Sahara, e confina desta parte com os Negros da Ethiopia, e pela do Norte com as montanhas que cercão a Barbaria. A Costa deste deserto he toda baixa, alva, e arenosa. Cabo Branco, assim chamado dos Portuguezes pela côr do seu terreno, he cortado em triangulo na sua frente, formando tres pontas, distantes huma da outra perto de huma milha. Toda esta Costa he abundantissima de peixe. No Golfo de Arguim ha pouco fundo, com muitos baixos de aréa, e alguns de pedra, e muitas correntes, por cuja causa se navega só de dia, e com a sonda na mão.

Na direitura de Cabo Branco pela terra dentro,

seis jornadas de camelo, ha huma Cidade sem muralhas chamada Guadem, que serve de escala ás Caravanas de Tombutu (1), e de outros Estados de Negros trazem para Barberia ouro, e malagueta, e levão em retorno prata, cobre, e outros generos. Seis jornadas de Guadem estão as minas de sal de Tagaza, d'onde partem muitas Caravanas carregadas deste precioso genero para Tombutu, que dista quarenta jornadas; e desta Cidade vão a Melli, distante outras trinta jornadas, e alli trocão o sal por ouro em pó (2).

De Cabo Branco seguio Cadamosto a Costa para o Rio Senegal (3), que extrema os Negros dos Aze-

(1) Esta Cidade, pela similhança do nome, parece ser a mesma a que Barros chama *Tungubutu*, e os Viajantes Estrangeiros *Timbonctou*, onde o Major Inglez Denham viveo muito tempo de 1819 em diante, e a situa no seu Mappa em 15° 8′ de Lat. N., e 19° 5′ de Long., distante mais de duzentas leguas da Bahia de Benim, na Costa Occidental de Africa, que he o ponto que lhe fica mais proximo. Estes Paizes interiores são ainda mui pouco conhecidos, a pezar das diligencias do Governo Britanico.

(2) Este Commercio durava ainda neste seculo, porque Mung Parker faz delle menção.

(3) Este grande Rio tem mais de meia legua de bocca: a ponta do Norte da sua entrada, chamada Ponta de Barberia, acha-se na Lat. N. 15° 52′, e na Long. de 1° 37′ 45″. A barra antiga era muito mais ao Sul, mas no anno de 1812 huma grande cheia abrio outra nova, que ainda se conserva. O canal da entrada tem 100 toezas de largo, e de nove até dezoito pés de fundo, o qual diminue muitas vezes, de modo que não he seguro passar a barra em navios, que demandem mais de doze pés de agua, porque o mar quebra sempre no banco: passado este, achão-se quatro braças de fundo. Os Navios podem subir seis, ou sete leguas pelo Rio acima, e as embarcações pequenas mais de sessenta. A Ilha de S. Luiz, Capital dos estabelecimentos Francezes, fica poucas leguas afastada da entrada; he pequena, toda de aréa, situada na Lat. de 16° 4′ 10″, e na Long. de 1° 41′ 45″, e divide o Rio em dous braços: o de Leste tem 500 toesas de largo, e o de Oeste 300; naquelle he que dão fundo os navios, proximo á Ilha de S. Luiz. O Rio tem outras Ilhas, todas cobertas de arvoredo. Na estação das chuvas (que de ordinario acaba em Outubro) cresce o Rio a vinte

negues; e as terras aridas destes, das terras ferteis daquelles. Este Rio tinha sido descoberto cinco annos antes (em 1440) por tres Caravelas do Infante, que nelle entrárão, e começárão logo a traficar com os Negros, e depois tem continuado a vir alli embarcações. A sua foz he de mais de huma milha de largo, com bastante fundo, e pouco mais ao Sul faz outra bocca, com huma Ilha no meio, e destas duas fozes sahem ao mar alguns bancos de arêa, e alguns parceis quasi huma milha. De Cabo Branco a este Rio são duzentas e oitenta e cinco milhas (1). As marés são por aqui regulares de seis em seis horas, e a enchente sobe mais de trinta e cinco milhas pelo Rio acima; e só com ella se pode entrar, por causa dos parceis. Todo o Paiz he mui viçoso, e cheio de arvoredo.

Na margem Austral deste Rio começa o primeiro Reino de Negros da Baixa Ethiopia, cujos Povos são mui azevichados, altos, membrudos, e bem apessoados, e se chamão Jalofos (2). Alguns são Mahometanos, outros sem Religião. A maior parte delles andão nús, apenas cingidos com huma pelle de cabra: os mais ricos vestem-se de algodão, que nasce no Paiz; são fallado-

pés de altura na barra, e entra tão furioso pelo mar, que a duas leguas de distancia da sua bocca se acha agua perfeitamente doce. Todo este Paiz he coberto a immensa distancia de bosques, e lagoas, que o fazem mui doentio, sobre tudo depois de passada a estação chuvosa, porque os calores são insupportaveis, e as aguas, que ficárão estagnadas, e cheias de plantas, e de animaes mortos arrastados pelas enxurradas, corrompendo-se logo, empestão os ares com emanações podres, que produzem febres da peior qualidade.

(1) Cadamosto conta trezentas e oitenta milhas de Italia, que dão duzentas e oitenta e cinco das nossas, como ja observei, e esta distancia entre Cabo Branco e o Senegal, he exacta com pouquissima differença. He pena, que elle não nos explique como media as distancias, nem nos dé as posições Geograficas dos Paizes que vizitou!

(2) O Rei dos Jalofos, quando alli chegou Cadamosto, chamava-se Zucholim, e era de vinte e dous annos de idade.

res, e mentirosos, porêm caritativos para recolherem nas suas casas (que todas são de palha) a qualquer forasteiro, que pede agasalho por hum dia, ou por huma noite. Os que habitão na Costa tem Almadias, em que vão pescar; e são os melhores nadadores do Mundo. As suas armas são azagaias de ponta comprida, e farpada, alfanges fabricados do ferro que tirão do Reino de Gambia, e rodellas de anta.

Do Senegal continuou a navegar até hum Paiz, cujo Senhor se chamava Budomel, distante oitocentas milhas Italianas (seiscentas Portuguezas) daquelle Rio (1), por ter boas informações das suas qualidades pessoaes, que lhe havião dado os Portuguezes; e surgio em hum lugar, que não he Porto, o qual tem por nome a *Palma de Budomel.* Aqui começou logo a negociar Cadamosto, que levava diversas mercadorias, e sete cavallos, animaes de muito valor naquellas Regiões. Para este effeito estabeleceo-se na Aldea do mesmo Regulo, que constava de cincoenta casas palhaças, e distava dezoito milhas do mar, onde foi mui bem tratado.

Succedeo, que estando a Caravela ancorada a mais de duas milhas de terra, e havendo grande mar, e vento, quiz elle mandar a bordo huma carta, com aviso de que se dirigia por terra ao Senegal, e em consequencia cumpria que ella fosse espera-lo naquelle Rio, por ser mais facil o embarque, e mais seguro o ancoradouro. Hum negro, a troco de hum pedaço de estanho do valor de quarenta reis, levou a carta a nado, atravessando os baixos da Costa, onde as ondas quebravão fu-

(1) Esta distancia he hum erro palpavel de impressão, ou de Copista, porque Cadamosto achava-se entre o Senegal e Cabo Verde, cuja distancia total não chega a cem milhas. O lugar onde elle ancorou, parece ficar hum pouco ao Norte da Bahia de Yeff, defronte de hum Palmar, distante pouco mais de sessenta milhas do Senegal; assim creio, que em vez de 800 milhas se devem ler oitenta.

riosas, e voltou com a resposta; sem que o desanimasse ver que o seu companheiro (porque partírão dous) não ousou passar a arrebentação do mar.

Concluida finalmente a sua negociação com Budomel no espaço de *vinte e oito dias do mez de Novembro* (1), e tendo recebido alguns escravos, foi-se embarcar ao Senegal na sua Caravela, determinado a dobrar Cabo Verde, para descobrir novas Regiões, por ter ouvido dizer ao Infante, que não longe do Senegal estava o Reino de Gambia, em que se dizia haver grande quantidade de ouro. Estando para partir, apparecêrão pela manhã duas Caravelas, e chegando á falla, soube que em huma vinha Antonio de Nolle, Cavalheiro Genovez, e habil Navegante; e na outra alguns Escudeiros do Infante, e ambas com intento de passarem o Cabo Verde, e fazerem algum descobrimento.

Reunidas as tres Caravelas, corrêrão a Costa para o Sul, e no dia seguinte avistárão Cabo Verde, que distava do ponto da sua partida obra de *trinta milhas Italianas* (2). Este Cabo tinha sido descoberto no an-

(1) He cousa admiravel, que sahindo de Sagres Cadamosto a 22 de Março, chegasse nos principios de Novembro ao Paiz de Budomel. Entrou elle em Porto Santo a 25, partio dalli a 28, e no mesmo dia ancorou na Madeira, onde a demora parece ter sido bem pouca: da Madeira passou ás Canarias, cuja viagem he sempre de poucos dias, visitou duas daquellas Ilhas, e na Palma não chegou a desembarcar, por consequencia tambem a detença havia de ser pequena. Da Palma foi *em poucos dias a Cabo Branco*, e daqui até ao Senegal não deo fundo em parte alguma, por quanto diz: *Depois que passamos o Cabo Branco, navegamos á vista delle por nossas jornadas até ao Rio chamado do Senegal.* Não declara tambem, que se demoraase neste Rio, antes dá a entender o contrario, e só menciona a sua ancoragem na Costa do Paiz de Budomel, e que se demorou nelle *vinte e oito dias do mez de Novembro.* Isto não se entende bem, mas em a Nota n.° 30 darei alguma explicação.

(2) Cadamosto sahia do Senegal, que fica pouco menos de cem mi-

no antecedente, e deo-se-lhe este nome por estar povoado de altas, e copadas arvores sempre verdes. Este Cabo tem dous montinhos sobre a ponta, a qual entra bastante pelo mar dentro, e deita recifes a quasi meia milha de distancia. Apparecião sobre o cabo, e á roda delle muitas casas palhaças de habitação dos Negros; e este territorio ainda pertence ao Reino do Senegal. Dobrado o Cabo, vírão tres Ilhas pequenas não muito longe da terra, deshabitadas, e cobertas de arvoredo; e ancorando em huma para fazerem agua, não a achárão, mas pescárão muito peixe. Era isto em Junho (1).

Sahindo da Ilha no dia seguinte, navegárão á vista da terra, que he baixa, e sombreada de mui basto, e frondoso arvoredo até proximo ao mar, e alem do Cabo se encurva, e mette hum golfo para dentro; passado o qual, a Costa he habitada por Negros Barbecinos, e Serreres, todos independentes, e Idolatras, que não reconhecem Rei, nem superior algum: são homens

lhas distante de Cabo Verde; por consequencia deve aqui ler-se, cento e oitenta milhas Italianas, e não trinta.

(1) Esta data he visivelmente errada, pois estando Cadamosto *coisa de vinte, e oito dias do mez de Novembro* com Budomel, e indo dalli embarcar por terra ao Senegal, d'onde logo á sahida encontrou as duas Caravelas de Portugal, não podia achar-se em Junho do anno seguinte sobre Cabo Verde, antes seria nos principios de Dezembro. Mas ainda que se queira substituir este mez ao de Junho, cahe-se em outra difficuldade, por quanto neste caso Cadamosto só poderia voltar a Portugal no anno de 1446, e emprehender a segunda viagem no de 1447. Ora elle diz (no capitulo 1.) que no anno seguinte, isto he, no subsequente ao da sua primeira viagem de 1445, *fez armar novamente*, de accordo com Antonio de Nolle, *duas Caravelas*, a que o Infante ajuntou huma sua; o que prova, que as Caravelas da primeira viagem tinhão desarmado. Por consequencia não pode admittir-se, que elle regressasse desta primeira viagem, e reparando em poucos dias as suas embarcações, tornasse logo a sahir para a segunda. Parece-me, que o erro está em dizer, que passou com Budomel o mez de *Novembro*, em vez de dizer o mez de *Maio*. Com esta facil correcção, ficará clara, e verosimil toda a narrativa de Cadamosto.

fortes, mui crueis, e usão de setas envenenadas: o Paiz he coberto de bosques, lagoas, e ribeiras.

Correndo com vento largo para o Sul, descobrírão hum Rio, a que puzerão o nome de Barbecim (1). Navegavão elles só de dia, e ao Sol posto surgíão em dez, e doze braças, afastados da terra tres, ou quatro milhas; e ao nascer do Sol, levavão ancora, sempre com bôas vigias na gavea, e na proa, para observarem se o mar arrebentava; e assim chegárão á foz de outro Rio tão largo como o Senegal (segundo se lhes figurou), e vendo-o tão bello, e o Paiz coberto de arvoredo até á agua, largárão ancora, e mandárão examinar a terra por hum Negro interprete, de que todos os navios Portuguezes trazião alguns. Porêm logo que huma lancha o deitou em terra, lhe sahírão de huma emboscada muitos Negros armados, que o matárão. Por este incidente, que demonstrava a crueldade daquelle Povo, se fizerão á véla, e continuando a costear huma terra baixa coberta de arvores viçosas, chegárão á bocca de hum Rio, que não tinha menos de seis milhas de largo, e ancorárão, na persuasão de ser aquelle o Gambia, como realmente era (2).

(1) O Rio Barbecim está situado na Latitude Norte de 14°, e na Long. de 1° 25'.

(2) Este grande Rio he navegavel por espaço de cento e sessenta leguas até á Cataracta, ou Queda de Faraconda, onde chega a maré e podem ir embarcações de cento e cincoenta toneladas: a sua maior largura he de dez milhas, e em Joar, distante cincoenta leguas da entrada, tem huma milha de largo, e fundo para navios grandes. A Ilha de James, em que está o Forte dos Inglezes, dista vinte e cinco milhas da barra. A melhor estação para entrar no Rio he de Dezembro até Junho, porque nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro cresce muito com as chuvas, e corre com grandissimo impeto. O Cabo de Santa Maria, que he a ponta do Sul da entrada, está situado na Lat. N. de 13° 24', e na Long. de 1° 20'.

A Nação dos Mandingas, dividida em varios Reinos, povôa as margens deste Rio por mais de duzentas leguas de distancia: são Ne-

No dia seguinte, com a idea em que estavão os Navegantes, de que haveria alguma grande Povoação proxima da barra, em que acharião muito ouro, mandárão entrar no Rio a Caravela pequena, acompanhada das lanchas das outras duas. Esta embarcação, achando braça e meia de agua dentro dos bancos da barra, surgio, segundo as ordens que levava, e enviou as lanchas pelo Rio acima, as quaes subindo cousa de milha e meia, achárão sempre fundo de mais de cinco braças; e observando que o Rio dava muitas voltas,

gros mui guerreiros, traidores, e ladrões, sobre tudo os da margem Austral; os seus trajos, armas, e leis são as mesmas dos Jalofos, e as suas caras são redondas. O Rio he abundante de peixe, e tem muitas, e mui frescas Ilhas de arvoredo, com huma, e duas leguas de extensão; e ao longo das suas margens tudo são bosques, e mais longe planicies immensas de pastagens; aqui os elefantes, bufalos, antas, e outros muitos animaes são em numero excessivo.

O principal lugar, em que os Portuguezes fazião o seu commercio, era chamado Porto do Cação, a setenta leguas da entrada; e fabricava-se alli muito sal, que os Negros transportavão pela terra dentro a longuissimas distancias. Os Portuguezes exportavão deste Rio escravos, algodão em rama, e tecidos, cera, marfim, e pedaços de ferro forjado, que levavão a vender ao Rio Grande, e ao de S. Domingos; e tambem ouro mui fino em pó, e pedacinhos, que compravão em huma Aldea chamada Satuco, a cento e oitenta leguas da barra, cujo ouro os Negros Mandingas hião comprar aos Cafres, a troco de manilhas de cobre, em Caravanas de tres mil homens armados, que gastavão seis mezes na jornada, e julgava-se que hião ao Reino de Monomotapa.

No anno de 1578 trouxe huma Caravana cinco arrobas, e oito arrateis deste ouro, que os Portuguezes não comprárão por falta de mercadorias proprias daquelle trafico. E em fim no anno de 1584 deixárão de todo este importante commercio. O Capitão André-Gonçalves (ou Alvares) de Almada, de cuja Obra (Descripção de Guiné etc. Lisboa 1733) tirei o que relato do commercio deste Rio, não explica as causas deste infeliz abandono, ou, se as explicou, foi mutilado o seu Manuscrito; pois o Abbade Barbosa (Bibliotheca Lusitana, tomo 1., pag. 136) nos informa, que seu irmão D. José Barbosa tinha huma copia, que parecia original, desta Obra, a qual sahio impressa *totalmente diversa do estilo, e ordem, que lhe deo seu Author.*

e era coberto de espesso arvoredo, tornavão para a Caravela quando lhes sahírão de hum regato, que nelle desaguava, tres Almadias com vinte e cinco, ou trinta Negros, que as vierão seguindo até pouca distancia da Caravela, a qual se puzerão a concíderar, e depois se retirárão, sem corresponder aos signaes que os Portuguezes lhes fazião para virem a bordo.

Na manhã seguinte fizerão-se á vela as duas Caravelas, e entrando no Rio, unirão-se com a pequena, e continuárão a navegação, indo esta diante, e as outras na sua esteira; e tendo andado tres milhas alêm do banco, apparecerão-lhes pela popa quinze grandes Almadias, remando para ellas á voga arrancada. As Caravelas voltárão logo sobre ellas, postas em armas, e cobertas com os seus toldos, e pavezes, com receio das setas hervadas, de que se dizia usavão estes Negros. As Almadias dividirão-se em duas esquadras, e cercárão a Caravela de Cadamosto, que era testa de columna: trazião ellas mais de cento e trinta Negros, bellissimos homens, vestidos de camisas de algodão branco, com chapeos da mesma côr, e por penacho huma penna; e na proa de cada huma vinha hum Negro em pé, coberto de huma rodella. Chegando perto, arvorárão as pás, que lhes servem de remos, e ficárão contemplando a Caravela, maravilhados de tamanha novidade; e passado algum espaço, vendo aproximarem-se as outras duas, largárão as pás, e começárão a atirar frechadas. As Caravelas dispararão então quatro peças juntas, a cujo estrondo estupefactos os Negros, deixárão cahir os arcos, e puzerão-se a olhar em roda para todas as partes onde cahião as pedras. Não notando porém outros effeitos destes tiros, e de outros mais que se seguirão, tomárão os arcos, e continuárão a tirar furiosamente, avisinhando-se mais e mais aos navios. Os marinheiros, vendo-os tão perto, usárão das suas béstas,

e hum filho natural de Antonio de Nolle matou logo hum Negro: os seus companheiros, depois de lhe arrancarem a seta da ferida, e de a examinarem com attenção (as setas das béstas erão maiores, que as dos arcos), proseguirão o ataque, mas em breve forão muitos mortos, e feridos, sem sangue dos Portuguezes. Vendo-se os Negros tão maltratados, afastárão-se, e forão investir pela popa a Caravela pequena, que tendo poucos homens, e esses mal armados, esteve em grande aperto, a que acudio Cadamosto, que a recolheo no meio das outras, e com o seu fogo obrigou os Negros a pôrem-se ao largo.

Acabada a peleja, a Caravela da vanguarda deo fundo a huma ancora, e as outras duas amarrárão-se a ella, passando huma cadêa de ferro de huma para a outra (1); e por meio de signaes, e exhortações dos interpretes, diligenciárão attrahir os Negros a bordo. Veio com effeito huma Almadia á falla, e propondo-se-lhe paz, e commercio, respondêrão os Negros, que ja sabião o que se havia passado no Senegal; que os Portuguezes comião carne humana; e que só para esse fim compravão os Negros, e por isso não querião amizade com elles, antes os matarião a todos, se podessem, e levarião o despojo ao seu Rei, que assistia dalli tres jornadas. Neste instante, refrescando o vento, velejárão as Caravelas sobre as Almadias, que fugírão para terra.

Cadamosto, e as principaes pessoas daquella expedição, querião proseguir o descobrimento do Rio, que ja sabião ser o Gambia, porêm os marinheiros instárão

(1) Vê-se por esta passagem, e por outras muitas da nossa Historia, que não he invenção moderna (como alguns cuidão) talingar as ancoras em cadêas de ferro, para ancorar com segurança em maos fundos. Nos principios deste seculo hum Official Inglez aperfeiçoou aquella antiga idêa, construindo excellentes cadêas de gonzos, a que se dá hoje o nome de *amarras de ferro*.

por voltarem para o Reino; e não os podendo reduzir á obediencia, sahírão do Rio no dia seguinte, e costeando do Cabo Verde, seguirão viagem para Portugal.

Em quanto Cadamosto esteve no Gambia, observou alguns fenomenos, que hoje deixão de o ser por triviaes, e sabidos, mas que naquelles tempos erão difficeis; v.g. admirou-se de ver a estrella do Norte mui baixa, e de descobrir o Cruzeiro, que cuidou ser a Ursa Maior do Hemisferio Austral, assim como de nascer o Sol sempre coberto de hum nevoeiro (1).

(1) Observo que Cadamosto, sendo tão prolixo em descrever usos, e costumes, não dá a posição Geografica de nenhum dos Cabos, Rios, e Portos que avistou, ou vizitou, e não menciona huma só Observação Astronomica em todo o decurso da sua viagem; nem ao menos a Latitude, e Longitude estimada de hum ponto qualquer. Observo mais, que dá a torna-viagem por concluida, logo que montou Cabo Verde para o Norte, ao mesmo tempo que expendeo toda a derrota que seguio na ida para o Sul; sendo indubitavel, que na volta para Portugal não podia ser a sua viagem de simples Cabotagem; assim parece que o seu Livro está truncado, e este defeito he igualmente visivel na Segunda Viagem, como adiante se verá.

He lastima, que não tenhamos hum Diario Nautico Original dos nossos antigos Navegantes, havendo-se publicado Historias das suas Viagens debaixo do nome de Roteiros, que não contêm senão collecções de notas, mais ou menos amplas, adornadas de algumas noticias Geograficas; o que não basta para constituir hum verdadeiro Diario Nautico; eu me explico melhor: Todo o Navegante tem hum Livro, em que escreve dia por dia não só os acontecimentos que vão occorrendo, e fórmão a parte historica da viagem; mas tambem todos os que são relativos á Arte Nautica, e estes são sempre os que elle explica com maior cuidado, e miudeza, por depender disso a sua responsabilidade pessoal. Deste genero não me lembra de ter lido nenhum em Portuguez.

Ninguem crêa, que só os Navegantes modernos fazem similhantes Diarios: he certo, que hoje se organizão com maior perfeição; mas o senso commum dictava aos antigos, que para darem conta das suas Commissões, lhes cumpria escrever hora por hora quanto succedia a bordo dos seus navios, e a maneira por que dirigião a derrota, o que exigia mencionar o estado do tempo, e dos ventos, a posição do navio,

1446 — Neste anno Luiz de Cadamosto, e Antonio Nolle armárão novamente duas Caravelas (1), para irem completar o descobrimento do Rio Gambia, obtendo primeiro a indispensavel licença do Infante, que folgou tanto com esta determinação, que mandou em companhia delles huma Caravela sua.

No principio de Maio sahírão de Lagos as tres Caravelas, e em poucos dias vîrão as Canarias, onde não quizerão demorar-se, para aproveitarem o bom vento que trazião; e seguindo a sua derrota, reconhecêrão Cabo Branco, do qual se amárarão hum pouco, e na noite seguinte as assaltou huma tempestade de S.O., com que se puzerão á capa no bordo de O.N.O. por tres dias, e duas noites, e ao terceiro dia vírão com espanto duas Ilhas, de que muito folgárão por saberem, que erão ainda desconhecidas; e dirigindo-se a huma, que era grande, rodeárão alguma parte della, até descobrirem hum local, que lhes pareceo bom surgidouro; e abonançando o tempo, enviárão huma lancha bem armada a examinar se havia povoação.

Desembarcárão os Portuguezes, e não vendo caminho, nem vestigio algum de gente, voltárão para bordo; e na manhã seguinte mandou Cadamosto á mesma diligencia doze homens armados, com ordem de subirem a hum monte mais alto, e observarem se havião outras Ilhas. Estes homens achárão muitos pombos, que se deixavão tomar á mão, e do monte descobrírão outras tres Ilhas grandes, huma das quaes ficava para

o panno com que navegavão etc., fossem estas cousas escriptas com bom methodo, ou não.

Eu estou persuadido, que ainda existem alguns Diarios Originaes dos nossos antigos Navegantes; oxalá que saião á luz para honra da Nação!

(1) Vede a Segunda Viagem de Cadamosto nas Memorias da Academia ja citadas.

o Norte, e lhes pareceo verem para o Sul a modo de outras; assim as Ilhas agora descobertas erão quatro.

Desta primeira Ilha se dirigírão as Caravelas ás outras duas, que não ficavão tanto a sotavento da derrota, que devião seguir para a sua commissão, e rodeando huma dellas, que parecia cheia de arvoredo, descobrírão a boca de hum Rio, que julgárão seria de boa agua, e surgírão para se proverem della. Aqui desembarcárão alguns homens da Caravela, e caminhando pela margem do Rio, achárão algumas lagoas de excellente sal; daqui embarcárão muito, e os navios renovárão a sua aguada. Colheo-se quantidade de grandes tartarugas, cuja carne era tão branca, como a de vitella, e de optimo gosto, e por isso salgárão muitas para a viagem; e o peixe era innumeravel, algum de especies novas, e muito saboroso. O Rio tinha de largo hum tiro de seta, e podia entrar nelle qualquer embarcação de 75 toneladas. Nesta Ilha se demorárão dous dias, matando infinitos pombos, e puzerão o nome de Boa Vista á primeira que descobrírão; e a esta segunda o de S. Tiago, por ter ancorado nella dia de S. Filippe, e S. Tiago (1).

Partírão as Caravelas na volta de Cabo Verde, e em poucos dias avistárão terra em hum lugar chama-

(1) Acho aqui huma contradicção manifesta: Cadamosto conta, que sahio de Lagos *no principio do mez de Maio*, e que deo o nome de S. Tiago a esta Ilha, por haver ancorado nella *no dia de S. Filippe, e S. Tiago*, que he justamente no primeiro daquelle mez. Creio por tanto haver erro de impressão, ou de copista na data da sua sahida de Lagos, escrevendo-se *Maio* em lugar de *Abril.* Concorda isto com a narração de Goes (Chronica do Principe D. João, Cap.º 8.º, em que colloca esta Viagem no anno de 1445), onde diz: *Desta vez descobrirão estes Cavalleiros as Ilhas de Cabo Verde, levando dezeseis dias de viagem; e á primeira que virão chamarão da Boa Vista, e á outra S. Filippe, por chegarem a ella no 1.º de Maio; e á terceira chamarão do Maio pela mesma razão.*

do as Duas Palmas (1), entre o Cabo e o Senegal; e correndo a Costa, na manhã seguinte dobrárão o Cabo, e chegando ao Gambia, entrárão logo por elle, navegando de dia com a sonda na mão. As Almadias dos Negros andavão ao longo das margens, sem ousarem chegar-se. Cousa de oito milhas da barra achárão huma Ilhota, em que surgírão, e lhe chamárão de São Thomé, por ser o nome de hum marinheiro, que alli sepultárão (2).

Deixando a Ilha, continuárão a sua navegação pelo Rio seguidos das Almadias dos Negros, que a final, attrahidos com mostras de alguns pannos, e seguranças de paz, e amizade, vierão á Caravela de Cadamosto, a que subio hum, que fallava a lingua do interprete, e se mostrou maravilhado de ver a grandeza do navio, e sobre tudo das vélas, porque elles não as usão nas suas Almadias; e igualmente se espantava da côr branca, e do trajo dos Portuguezes. Estes acariciárão muito o Negro, e elle disse que estavão no Paiz do Gambia, cujo principal Senhor se chamava Forosangoli, que habitava a nove ou dez jornadas de distancia pela terra dentro para a parte do Sueste, e dependia de Melli, o grande Imperador dos Negros; mas que havião outros muitos Senhores menores, que vivião junto das margens do Rio, e que elle os levaria a hum destes por nome Battimansa, com quem poderião tratar amizade.

Acceitou-se-lhe a offerta, e sendo bem recompensado, ficou a bordo, e as Caravelas continuárão a subir o Rio, levando a proa sempre ao Nascente, até que chegárão ao Estado de Battimansa, que ficava per-

(1) Não achei este ponto notado em Carta alguma; e creio que só foi reconhecido de Cadamosto, por haver alli notado aquellas duas Palmeiras na sua primeira Viagem.

(2) He provavel que esta Ilhota de S. Thomé seja a Ilha de James dos Inglezes.

to de cincoenta milhas da foz; e aqui a largura do Rio não chegava a huma milha, e era o ponto mais estreito delle, em que desaguavão muitas ribeiras. Surtas as Caravelas, mandou-se com hum dos interpretes o mesmo Negro a Battimansa, com hum presente, e proposições em nome d'ElRei de Portugal, para estabelecer boa amizade, e correspondencia commercial, o que o Regulo acceitou, e por seu mandado vierão Negros a bordo, com quem os Portuguezes vantajosamente trocárão grande somma dos generos, que levavão, por escravos, e huma boa porção de ouro, ainda que inferior á quantidade que desejavão. E havendo-se demorado onze dias, como a gente começou a adoecer de febres agudas, se fizerão á véla.

Segundo as poucas noticias, que podérão obter, alguns destes Negros são Mahometanos, outros Idolatras; e os seus costumes, e governo similhantes ao do Senegal, porêm vestem-se melhor. As suas Almadias não tem vélas, nem toletes; os remeiros vão em pé, remando com humas pás quasi redondas, fazendo o ponto de apoio em huma das mãos, e na pôpa vai hum homem tambem governando com huma pá. Como estas embarcações são muito estreitas, e mergulhão pouco, movem-se com extraordinaria rapidez. Neste Rio faz maior calor, que no mar, por causa do alto arvoredo, que assombra as suas margens, onde se achão arvores tão corpulentas, que se medio huma, não das maiores, e tinha no pé cento e setenta palmos de circumferencia. São muitos os elefantes, que cria este Paiz, os quaes os Negros não sabem domesticar, e os matão com azagaias, e setas hervadas; e de hum pequeno, que elles matárão nesta occasião (que teria tanta carne, como cinco, ou seis touros) trouxe Cadamosto ao Infante hum pé, e parte da tromba salgada, com hum dente de outro grande, que tinha doze palmos de comprido;

cujo presente o Infante estimou sobremaneira, e mandou tudo á Duqueza de Borgonha. Ha tambem neste Rio muitos cavallos marinhos, e infinito peixe.

Sahidos do Rio, navegárão a Oeste para se afastarem da Costa, que he mui baixa, e depois continuárão ao Sul, navegando só de dia, com boas vigias, e pouca véla, dando fundo todas as noites. As Caravelas hião huma na esteira da outra, e cada dia por escala tomava huma a vanguarda. Ao terceiro dia vírão hum Rio (1), que teria de largo meia milha; e logo adiante hum pequeno golfo, que mostrava ser embocadura do Rio (2); e por ser ja tarde, surgírão. Na manhã seguinte se fizerão á véla, e engolfando-se algum tanto, descobrírão outro grande Rio, cujas margens estavão revestidas de bellissimas arvores. Aqui derão fundo, e mandárão duas lanchas armadas com os interpretes a tomar lingua da terra, as quaes voltárão com a noticia, de que este Rio se chamava de Casamansa, nome do Senhor daquelle Paiz, que habitava cousa de sete legoas por elle acima, e não se achava então alli, por haver ido á guerra: por esta causa se partírão no dia seguinte, avaliando a distancia do Rio ao Gambia em setenta e cinco milhas (3).

(1) Parece que seria o Rio de S. Pedro, oito ou nove legoas ao Sul do Gambia.

(2) Devia ser o Rio de Santa Anna, ou a boca do Norte do Rio das Ostras, que ambos ficão ao Sul do Rio de S. Pedro.

(3) O Rio de Casamansa está situado (a ponta do Norte) na latitude de 12° 28′, e longitude de 1° 30′, e dista do Gambia sessenta milhas, com pouca differença. Podem entrar nelle embarcações medianas, porque tem duas milhas de largo, e de tres a quatro braças de fundo. Toda a Costa, entre elle e o Gambia, he guarnecida de recifes, a que he perigoso aproximar-se. Da banda do Norte da sua entrada fica huma Ilha pequena, chamada dos Mosquitos. Este Rio communica-se por dous braços com o Gambia, e por quatro, ou cinco com o de Cacheo. Habitão o Paiz entre elle e o Gambia os Arriates, e Falupos,

Continuando a sua viagem, vírão mais adiante cousa de quinze milhas hum Cabo, cujo terreno era mais alto, e avermelhado, e por isso lhe puzerão o nome de Cabo *Roxo* (1); e além delle achárão outro Rio, que lhes pareceo ter de largura hum tiro de bésta, e denominárão Rio de Santa Anna; e mais adiante outro da mesma grandeza, a que chamárão de S. Domingos (2); de Cabo Roxo a este ultimo Rio arbitrárão a distancia em quarenta e cinco milhas, pouco mais ou menos.

Continuando a seguir a Costa por outra singradura, chegárão á boca de hum grandissimo Rio, que primeiro cuidárão ser hum golfo (3), cuja largura reputárão ser de mais de quinze milhas; e dobrando a ponta do Sul da sua foz, descobrírão algumas Ilhas ao mar; e desejando saber algumas noticias do Paiz, derão fundo. No dia seguinte vierão duas Almadias, huma muito grande com trinta Negros, e outra com dezeseis, e

Negros mui azevichados, e boçaes, que cultivão arroz, milho, e outros mantimentos, e muito gado, e são bons pescadores; as armas de que usão, são frechas, e facas.

(1) Cabo Roxo está situado na latitude N. de 12° 17', e longitude 1° 22'. A traducção diz *Cabo Vermelho*, mas eu não adoptei este nome, por não confundir este Cabo, que se acha hum pouco ao Sul da Bahia de Rufisco, em 14° 37' de latitude, e 0° 56' de longitude, com o Cabo de que falla aqui Cadamosto, o qual ainda conserva a denominação de Roxo.

(2) Passado Cabo Roxo, o primeiro Rio, a que Cadamosto chamou de Santa Anna, he o Rio de S. Domingos, ou de Cacheo; e o segundo, a que elle deo este nome, he o braço do Norte do Rio chamado das Ancoras nas Cartas Inglezas. Os Navegantes, que se lhe seguírão, restituírão ao de Cacheo o seu verdadeiro nome, e esquecêrão o de Santa Anna. Este Rio de Cacheo está na latitude N. de 12° 15', e longitude 1° 23'.

(3) Talvez seria este Rio o braço do Sul do das Ancoras, ou antes o Rio de Bissau, que pela curvatura da terra se figuraria a Cadamosto muito maior.

depois de fazerem reciprocos signaes de paz, abordou a primeira á Caravela de Cadamosto, que tinha a sua gente em armas. Os Negros mostravão-se pasmados de ver gente branca, e da fórma, e mastreação das Caravelas; porêm como nenhum dos interpretes os pôde entender, não souberão os Portuguezes nada do que desejavão; e só comprárão alguns pequenos anneis de ouro.

Dous dias se demorárão as Caravelas, e conhecendo os Commandantes que estavão em Paizes novos, onde não podião ser entendidos, e que o mesmo lhes succederia d'alli por diante, regressárão a Portugal. Neste Rio tornou Cadamosto a notar, que a estrella do Norte apparecia muito baixa; e vio hum fenomeno, para elle novo, e foi; que a enchente da maré durava quatro horas, e a vasante oito, e no principio da enchente era tal a força da corrente, que ainda surtas a tres ancoras não se podião as Caravelas aguentar, e algumas vezes forão obrigadas a fazer-se á véla com bastante perigo.

Partindo deste Rio, fizerão-se na volta do mar para reconhecerem as Ilhas (1), que ficavão sete, ou oito legoas da terra firme, e chegando a ellas, achárão duas grandes, e outras pequenas: as duas grandes erão razas, com frondosos arvoredos, e habitadas de Negros, cuja linguagem não entendêrão.

Daqui *tomarão rumo para as partes dos Christãos, para as quaes tanto navegarão, até que Deos por sua misericordia os conduzio a bom Porto.*

1446 — Neste anno (se não foi no antecedente) partírão por ordem do Infante Antão Gonçalves, e Diogo Affonso (2) em duas Caravelas, e com elles Gomes

(1) Indo do Rio de Cacheo para o Sul, ficão da parte de Oeste muitas Ilhas, humas povoadas, e outras não.

(2) Vede Barros, Decada 1.ª, L.º 1., Cap. 9. — Soares da Silva, tomo 1.º, Cap.º 84. — Faria e Sousa, Asia Portugueza, tomo 1.º, Parte 1.ª, e tomo 3.º no fim. — Antonio Galvão, pag. 24.

Pires em huma do Infante D. Pedro, com instrucções para entrarem no Rio do Ouro, e darem principio á introducção do Christianismo entre aquelles Povos, ou estabelecerem algumas relações commerciaes. Mas como regeitárão humas e outras proposições, os tres Commandantes regressárão para Portugal, trazendo só hum Mouro velho, que voluntariamente os quiz acompanhar (e o Infante mandou restituir á sua patria), e hum Negro que comprárão. Aqui ficou entre os Barbaros hum Escudeiro por nome João Fernandes, com o projecto de examinar o interior do Paiz habitado pelos Azenegues, para informar depois o Infante do que visse, ajustando com Antão Gonçalves a época em que havia tornar por elle.

1446 — Partio do Algarve Nuno Tristão (1) por Commandante de huma Caravela, e desembarcando ao Sul do Rio do Ouro, assaltou huma Aldêa, em que cativou vinte pessoas; e com ellas voltou a Portugal.

1446 — Neste anno expedio o Infante (2) a Antão Gonçalves por Commandante de tres Caravelas, sendo os outros dous Garcia Mendes, e Diogo Affonso, com ordem de ir buscar João Fernandes (por serem passados sete mezes que lá estava), objecto este do seu maior interesse, pelos desejos que tinha de saber por elle noticias exactas daquelles Povos, e dos recursos commerciaes do Paiz, por ser homem que entendia bem o idioma dos Azenegues.

Hum temporal espalhou os navios, e Antão Gonçalves foi o primeiro que chegou ao Cabo Branco, onde arvorou huma grande Cruz de páo, para servir ás

(1) Vede os Escritores acima citados, menos Galvão, que não faz menção desta pequena viagem.

(2) Vede Barros, Cap.º 10. — Soares da Silva, Cap.º 85. — Faria e Sousa nos mesmos lugares citados, onde põe esta viagem no anno de 1447. — Galvão não faz menção della.

outras Caravelas de signal de haver alli aportado; e por fazer alguma presa, que lhe compensasse os trabalhos da viagem, depois de desembarcar sem fructo em alguns pontos da Costa, demandou a Ilha de Arguim, a que a abundancia da pesca attrahia quantidade de pescadores (1), a pesar do risco a que os expunhão os frequentes assaltos dos Portuguezes.

Nesta Ilha se lhe reunírão as outras duas Caravelas, e como os Mouros havião desamparado a Ilha, por terem descoberto os navios, desembarcou Antão Gonçalves na terra firme, e dando em huma Aldea, se bem que os Mouros se puzerão a tempo em fuga, como costumavão, cativárão os Portuguezes no alcance vinte e cinco, dos quaes Lourenço Dias de Setuval tomou nove, por ser mui ligeiro. Quando voltavão mui alegres desta especie de caçada, encontrárão João Fernandes, que havia dias os andava esperando por aquella Costa, e posto que muito queimado do Sol, vinha *bem pensado e gordo*, e acompanhado de alguns Azenegues, tanto para o defenderem dos pescadores, como para traficarem com os Portuguezes; e com effeito Antão Gonçalves lhes comprou nove Negros, e algum ouro

(1) Segundo o testemunho positivo de Cadamosto, que ja referi, começava-se a construir nesta Ilha hum Forte no anno de 1445 por ordem do Infante, e concentrava-se alli o Commercio daquella Costa, cessando em consequencia toda esta guerra de assaltos, e cativeiro dos naturaes do Paiz; mas esta viagem, e as outras emprehendidas neste anno, e no seguinte, desmentem aquella asserção, e a difficuldade não póde resolver-se, senão ou negando a authoridade de Cadamosto, que he mui grande pelo credito que lhe dá Damião de Goes, ou suppondo erro nas datas destas Viagens. Com effeito, os nossos Historiadores são inconcordaveis nas épocas dos descobrimentos da Africa! Eu não decido a questão, siga cada hum a opinião que lhe parecer mais provavel; só advirto, que não falta quem duvide da veracidade de Cadamosto.

em pó, e por esta causa chamou áquelle lugar *Cabo do Resgate* (1).

Para celebrar este feliz encontro com João Fernandes, armou Antão Gonçalves Cavalleiro a Fernão Tavares, homem de nobre nascimento, que havendo-se achado em brilhantes acções militares, não quiz nunca receber similhante honra, senão neste Paiz, por ser novamente descoberto; e fazendo-se á vela para Portugal, veio correndo a Costa, e em Cabo Branco assaltou huma Aldea, em que cativou cincoenta e cinco pessoas, depois de hum combate, em que morrêrão alguns Mouros; e chegou ao Reino a salvamento.

O Infante folgou muito mais de ver João Fernandes, que o ouro, e os escravos que as suas Caravelas trazião, e delle soube: Que os Azenegues do interior daquelle Paiz erão pastores, que vivião em Aduares, ou Tribus, e se nutrião de hervas, sementes dos campos, e gafanhotos seccos ao Sol, ou de leite do seu gado, que tambem ás vezes lhes servia de bebida, por se não achar agua, senão de poços, quasi salôbra, e ainda em poucos lugares, para onde transportavão os rebanhos, segundo as estações do anno; e só comião carne de alguma caça que matavão. Que os habitantes da Costa erão pescadores, cujo alimento consistia em peixe fresco, ou secco, sem sal. Que o Paiz era todo de planicie, parte areal, parte charneca, onde de longe em longe crescião algumas palmeiras, e figueiras bravas; e assim, por falta de pontos de direcção, quando os naturaes querião fazer huma jornada para mudar de pastos, governavão-se pelos ventos, estrellas, e vôo daquellas aves que costumão frequentar os lugares povoados. Que as suas habitações erão tendas, em que

(1) Não achei este Cabo marcado nas Cartas; mas sem duvida he alguma ponta de terra fronteira á Ilha de Arguim.

vivião humas Tribus independentes das outras, e muitas vezes em guerra pela posse de hum pedaço de terra de hervagem, ou de hum poço. E que o seu idioma era quasi identico ao dos Mouros da Barberia.

De resto, João Fernandes, ainda que foi logo despojado dos vestidos por estes Azenegues, não recebeo delles outro damno, e habituando-se em breve ao seu modo de vida, e de sustento, mereceo a confiança de Huade Meimom, hum dos principaes Azenegues, que vivia com mais commodidades que os outros; e foi quem o mandou com alguns dos seus a esperar os navios (1).

1446 — Neste anno Gonçalo Pacheco, Thesoureiro da Casa de Ceuta, rico Cidadão de Lisboa, armou huma embarcação á sua custa, com a necessaria licença do Infante, para a mandar á Costa de Africa (2), cujo commando deo a Diniz Annes da Grã, Escudeiro do Infante D. Pedro; e em sua conserva forão Alvaro Gil, Ensaiador da Moeda, e Mafaldo (não se lhe sabe o nome), por Commandantes de duas Caravelas. Chegados a Cabo Branco, achárão hum escrito de Antão

(1) A narração de João Fernandes, ainda que tão antiga, concorda com a do Inglez Mungo Parker, que visitou aquelles Paizes no seculo actual.

(2) Vede os Authores ja citados: Faria põe esta Viagem em 1447. Vede Soares da Silva, Capitulos 85, e 87. — Faria e Sousa nos lugares citados, que colloca esta expedição em 1447. — Barros no lugar ja indicado, pag. 87, diz que as Caravelas sahírão de Lagos a 10 d'Agosto de 1445, no que ha engano, pois noméa entre os Commandantes a Diniz Fernandes, *o que primeiro passou á terra dos Negros*, isto he, a Cabo Verde; e no Cap. 9., pag. 73, e 74 o faz descobridor deste Cabo em 1446. Creio que devem trocar-se estas datas.

N.B. A edição de Barros, de que trato, he a de 1778. — Goes tambem põe esta Viagem (Cap. 8) em 1445, na Chronica do Principe D. João.

Gonçalves, em que avisava a todos os navios se poupassem ao trabalho de desembarcarem alli, por quanto elle deixava destruida a Aldea dos Mouros. Com esta noticia, e por conselho do Piloto João Gonçalves Gallego, dirigírão-se á Ilha de Arguim, em que cativárão sete individuos; e Mafaldo, instruido por hum dos cativos, desembarcou na terra firme, e atacando huma Aldea, tomou quarenta e sete pessoas: depois executárão outros desembarques inuteis.

Desconfiados de fazerem desta vez mais prezas; pela cautela com que os Mouros se vigiavão, navegárão oitenta legoas de costa para o Sul, e dalli voltárão á Ilha das Garças a fazer carnagem; e nesta ida, e na volta desembarcárão algumas vezes, e cativárão cincoenta pessoas, com perda de sete homens, que os Mouros lhe matárão em huma das outras Ilhas de Arguim, por metterem a lancha em paragem tal, que ficou em secco. Na Ilha das Garças achárão Vicente Dias, Commandante de huma Caravela, que se desgarrára da conserva de outras, que vinhão de Portugal pelo motivo seguinte:

Os moradores de Lagos (obtendo licença do Infante para mandarem navios á Africa) armárão huma Esquadra de treze Caravelas, e huma Fusta, de que elle nomeou Commandante em Chefe a Lançarote, ja conhecido pelas suas navegações. Alguns dos Commandantes erão Fidalgos, como Soeiro da Costa, sogro de Lançarote, e Alcaide Mor de Lagos, que na sua mocidade fôra Moço da Camara de ElRei D. Duarte, e tinha servido com gloria nas mais famosas batalhas daquelle seculo, tanto na França, como na Hespanha; e Alvaro de Freitas, Commendador de Aljezur, prático na guerra Africana: hião mais por Commandantes Rodrigo Annes Travassos, Criado do Infante D. Pedro, Palançano, que quasi toda a sua vida servíra contra os

Mouros, Lourenço Dias, Gomes Pires Picanço, Vicente Dias, Gomes Pires, Patrão d'ElRei, e outros.

Ao mesmo tempo sahião com igual destino da Ilha da Madeira Tristão Vaz, Capitão Mor de Machico, e Alvaro de Ornellas, cada hum em sua Caravela, os quaes, antes de chegarem a Cabo Branco, se retirárão maltratados do tempo; e em outra Caravela da mesma Ilha Alvaro Fernandes, sobrinho do Capitão Mor do Funchal João Gonçalves da Camara, que não arribou, antes seguindo sua derrota, passou mais longe que todos, como logo se verá.

Alem destas Caravelas, partírão outras de varios Portos, em que forão Diniz Fernandes, Descobridor de Cabo Verde, por Commandante de huma de D. Alvaro de Castro, João de Castilha Commandante de outra de Alvaro Gonçalves de Ataide, Camareiro Mor d'ElRei; e dos outros Commandantes se ignorão os nomes, mas erão por todas vinte e seis Caravelas, e huma Fusta.

A Esquadra de Lançarote sahio de Lagos a 10 de Agosto deste anno de 1446, e teve logo hum tempo, que separou os navios; porêm havendo elle dado a Ilha das Garças por ponto de reunião, todos se dirigírão a ella, e o primeiro que alli ancorou foi Lourenço Dias; e estando a fazer aguada, chegou Diniz Annes da Grã com as suas tres Caravelas, e sabendo da vinda da Esquadra, aguardou por ella, para se vingar dos Mouros, que lhe matárão os sete homens. Dous dias depois appareceo Lançarote com nove Caravelas, e preparando-se para o assalto, que projectava dar, fugírão entretanto os Mouros para o Continente, de maneira que só achárão doze na Ilha de Arguim, de que cativárão quatro, morrendo oito na peleja com os Portuguezes, e destes hum unico. Soeiro da Costa quiz ser aqui armado Cavalleiro por Alvaro de Freitas, havendo en-

geitado esta honra em outros Paizes depois de acções sem comparação mais importantes. Diniz Annes, tambem armado Cavalleiro nesta occasião, achando-se com falta de víveres, partio com as suas tres Caravelas para Portugal.

Reunidas agora todas as Caravelas de Lançarote, poz elle em conselho atacar a Ilha de Tider; e approvado o plano, destacou tres Caravelas, que de noite se mettêrão no canal, que separa aquella Ilha do Continente, para evitar a fuga dos Mouros; os quaes, apezar disso, favorecidos das trévas, passárão todos á terra firme; e ao amanhecer, vendo que as Caravelas se querião retirar, começárão a dar-lhes grandes apupadas, o que ouvindo Diogo Gonçalves, Moço da Camara do Infante, que se achava em huma dellas, convidou a Pedro Alemão, natural de Lagos, para saltar com elle em terra; e tomando ambos algumas armas offensivas, lançárão-se a nado. Os Mouros, julgando teríão delles facil victoria, porque a praia era toda de vasa solta, os vierão receber á borda d'agua com tal gritaria, que incitados os da Caravela, saltárão logo ao mar quantos sabião nadar, sendo os primeiros Gil Gonçalves, Escudeiro do Infante, e Leonel Gil, e todos juntos accommettêrão os Mouros tão corajosamente, que doze delles ficárão sepultados no lodo, em que se mettêrão para embaraçar aos Portuguezes de tomarem pé no chão firme; outros morrêrão em terra pelejando, e cincoenta e sete vierão cativos para bordo. Não contentes os Portuguezes desta victoria, marchárão no mesmo dia a huma Aldea distante sete legoas, cuidando achar nella os que havião escapado da acção, porêm tudo estava ja deserto; e apenas colhêrão cinco Mouros em outra correria, que fizerão no dia seguinte.

Depois deste acontecimento, chamou Lançarote os Commandantes da sua Esquadra, e lhes expoz que, se-

gundo as instrucções do Infante, estava cumprida a primeira parte da sua commissão, que era destruir os Mouros das Ilhas de Arguim, o que acabavão de conseguir; e restava só executar a segunda parte, que se reduzia a que cada hum delles podia desde logo seguir livremente o destino que bem lhe parecesse. Que em quanto a elle, hia correr a Costa para o Sul com a sua Caravela, se alguem queria fazer-lhe companhia.

Soeiro da Costa, Vicente Dias, Rodrigo Annes, e Gomes Pires Picanço, por terem as Caravelas mais pequenas, e recearem o inverno, que se aproximava, determinárão regressar a Portugal. Gomes Pires, Alvaro de Freitas, Rodrigo Annes Travassos, Lourenço Dias, e outros Commandantes quizerão acompanhar Lançarote.

Soeiro da Costa, constituindo-se Commandante das quatro Caravelas pela authoridade que lhe dava o seu cargo de Alcaide Mor de Lagos, a cuja Cidade pertencião, foi buscar Cabo Branco, onde surgio, e com as lanchas entrou sete legoas por hum braço de mar até huma Aldea, em que cativou só nove Mouros, por fugirem os outros. E pouco satisfeito de tão diminuta preza, despedio para o Reino as tres Caravelas, e voltou á Ilha de Tider, esperando ainda fazer bom negocio com huma Moura, e hum Mouro pequeno, que tinha cativado, e promettião dar por isso grande preço. Chegado á Ilha, em quanto se ajustava o resgate, derão os Mouros em refens hum dos seus maioraes, e Soeiro da Costa deo o Mestre da Caravela, e hum Judeo que levava comsigo. Entregou-se primeiro aos naturaes o Mouro pequeno, e quando Soeiro da Costa esperava o resgate para lhes entregar a Moura, fugio esta a nado, e ficou elle sem o resgate, e sem os cativos; e para recolher os seus dous refens, foi obrigado a soltar mais tres Mou-

ros dos que cativára. Com o sentimento deste máo resultado, voltou para Portugal.

Entretanto os Commandantes das tres Caravelas partírão de Cabo Branco com intenção de fazerem algum desembarque na Ilha da Palma, e encontrando a Caravela de João de Castilha, que se dirigia a Arguim, o persuadírão a acompanha-los na sua premeditada expedição, no que elle consentio. A primeira Ilha a que aportárão foi a Gomeira, onde os Capitães Canareos Piste, e Brucho, que a governavão, os recebêrão bem, confessando-se por muito obrigados ao Infante do tempo que estiverão em Lisboa. Os Commandantes das quatro Caravelas, aproveitando-se da sua boa vontade, lhe pedírão auxilio para atacarem a Ilha da Palma, da qual os da Gomeira erão inimigos; e em consequencia embarcárão-se os dois Capitães Canareos nas Caravelas com alguma gente sua, por fazerem serviço ao Infante.

Ao amanhecer surgírão os Portuguezes no Porto da Palma, e desembarcarão logo. Os primeiros habitantes, que encontrárão, forão huns pastores com muito gado ovelhum, os quaes fugírão com elle por penhascos, e rochedos, que trepavão com extraordinaria agilidade; mas seguidos com igual presteza pelos da Gomeira, e mesmo dos Portuguezes, de que alguns cahírão, e hum se fez em pedaços. Neste perigoso alcance se distinguio Diogo Gonçalves, que já se havia assignalado em Arguim. Aos pastores acudírão muitos dos naturaes, que escudados com os penedos, fazião tiros de arremesso aos invasores, que por fim se retirárão com dezesete prisioneiros, em que entrava huma mulher de estranha corpulencia.

Da Palma forão as Caravelas desembarcar os dois Capitães da Gomeira no lugar em que os recebêrão a bordo; e aqui João de Castilha teve a arte de per-

suadir aos outros Commandantes, que lhes seria mais util fazerem alguma preza nesta mesma Ilha; e ainda que elles bem conhecêrão a infamia de similhante procedimento, dominados por huma sórdida cubiça, convierão no projecto. Julgando porêm faze-lo menos odioso; sahírão daquelle Porto, e forão entrar em outro, onde aprisionárão vinte e hum individuos, que conduzírão a Portugal. O Infante, irritado desta traição, punio os aggressores, fez vestir á custa delles os Canareos, e os mandou depois transportar á Gomeira, satisfeitos, e contentes com as mercês, que lhes distribuio.

Despedido Lançarote de seu sogro Soeiro da Costa, seguio ao longo da terra para o Sul até chegar ao Rio Senegal; e entrando nelle, mandou Estevão Affonso em huma lancha a descobrir o que podesse. Desembarcou elle sem armas em hum areal, onde vio huma cabana, na qual tomou hum Negro, e huma Negra, ambos de pouca idade; e sentindo pancadas em hum arvoredo visinho, foi reconhecer o que era, e deo com hum Negro robusto (pai dos dois da cabana), que estava cortando hum páo, e tão attento no que fazia, que não vio a Estevão Affonso, senão quando este lhe pôz a mão. Vindo ambos a braços, o Negro, que era grande, e forte, o levou debaixo; porêm acudindo alguns homens da lancha, fugio por entre o arvoredo, e em quanto o buscavão, sahio por outra parte sem ser descoberto, e correo á sua cabana. Não achando os filhos, seguio-lhes o rasto até á praia, na qual passeava mui seguro, abordoando-se com hum bicheiro, Vicente Dias, proprietario da Caravela a que pertencia a lancha. O Negro o investio com desesperada furia, dando-lhe primeiro com huma azagaia de arremesso pelos queixos, o que Vicente Dias retribuio, fazendo-lhe huma boa ferida na cabeça com o bicheiro; e tra-

vados ambos corpo a corpo, acudio ao Negro outro filho seu, já homem; e com difficuldade escaparia de ambos Vicente Dias, se não chegasse Estevão Affonso com outros companheiros, a cuja vista os Negros se pozerão em salvo tão ligeiros, que não foi possivel alcança-los.

Galanteou-se abordo das Caravelas com esta aventura, e Lançarote conveio com os outros Commandantes, em penetrarem no Rio, para o reconhecer todo; mas hum vento furioso, que se levantou, os obrigou a sahir, separando-se Rodrigo Annes Travassos, e Diniz Dias, que se recolherão a Portugal.

Lançarote com as cinco Caravelas restantes, seguio a derrota para Cabo Verde, e foi surgir em huma Ilhota proxima á terra firme (1), em que matárão muitas cabras, que salgárão para seu uso; e achárão gravada nos troncos das arvores a divisa do Infante, *Talent de bien faire*. Era isto obra de Alvaro Fernando, que na sua viagem veio ter a esta Ilha, e pelejou com seis Almadias de Negros, de que tomou uma com dois delles; e passando avante descobrio o Cabo *dos Mastros* (2) a que deu este nome, por ter humas palmeiras seccas, que de longe parecião mastros de navios; donde voltou para o Reino.

Lançarote, depois de estar dois dias na Ilha para se prover de agua, passou á terra firme, e mandando Gomes Pires na lancha a tratar amizade com os Negros, este não obteve delles, senão frexadas, de que escandalizados os Commandantes das Caravelas, resolvêrão assaltar no dia seguinte as Aldeias; porêm sobreveio hum temporal, que os forçou a fazer á vela, e a tomar cada hum o bordo que melhor lhe convinha. Lourenço Dias

(1) Suspeito ser a Goréa, situada em Lat. N. 14° 40′ 10″, e Long. 0° 45, distante 1200 toezas da terra mais proxima.

(2) He huma ponta da terra pouco ao Sul da Bahia de Rufisco.

correo até ao Senegal, onde não ouzou deter-se, por falta de armas, e viveres, e voltou a Portugal. Lourenço Pires veio ao Rio do Ouro: alli comprou hum Negro, e recebeo huma porção de pelles de lobos marinhos, que os Mouros lhe derão, dizendo, que se voltasse no anno seguinte, terião para lhe vender quantidade de escravos, e ouro em pó; e com isto se recolheu ao Reino.

Lançarote, Alvaro de Freitas, e Vicente Dias, conservando-se unidos durante a tormenta, fôrão de commum acordo á Ilha de Tider, em que captivárão cincoenta e nove pessoas, com que voltárão a Portugal.

Diniz Fernandes, e Palaçano, que havendo-se extraviado na viagem das quatorze Caravelas, tinhão navegado em conserva um do outro, quando chegárão a Arguim, souberão que os Mouros havião abandonado as Ilhas, e em consequencia determinárão hir ao Senegal, porque Diniz Fernandes já conhecia aquella Costa do tempo que alli veio. Dobrando o Cabo Mirick para o Sul (1), e estando o tempo de calmaria, quizerão elles mandar alguem, que a nado fosse tomar terra, e examinasse se naquellas proximidades existia alguma Aldeia; e posto que o mar andasse banzeiro, e de grandes vagas, doze homens da Fusta de Palaçano se lançárão a nado, levando armas offensivas, e ganhando a praia, a fôrão seguindo, até encontrarem doze Mouros, de que captivárão nove, e com elles tornarão ao navio. No mesmo instante sobreveio tanto tempo, que a Festa

(1) Ainda que Barros (Cap. 13, pag. 116) nomêa aqui *a ponta de Santa Anna*, não me parece isto exacto; porque Diniz Fernandes, e Palaçano vinhão de Arguím, cujas Ilhas ficão ao Sul d'aquella ponta, ou Cabo de Santa Anna, situado na Lat. N. 20° 33′, e Long 1° 29′. Ora na posição em que estavão as duas Caravelas, só tinhão que dobrar o Cabo Mirick (cuja Lat. são 19° 17′, e a Long. 1° 20′) distante mais de vinte, e cinco leguas ao Sul do Cabo de Santa Anna, para hirem ao Senegal.

abrio, e encalhou na Costa, salvando-se a guarnição na Caravela, que correndo com o vento, chegou a Cabo Verde; e querendo Diniz Fernandes desembarcar, não pôde, pelos Negros lhe defenderem a praia com setas hervadas. Aqui fez o tempo outra mudança, de que Diniz Fernandes se servio para voltar ao lugar do naufragio da Fusta, e como o casco ainda existia, desembarcou em terra com Palaçano e a sua melhor gente, a fim de aproveitar o que podesse; e sahindo-lhe de repente setenta Mouros detrás de huns montes de arêa, onde os aguardavão escondidos, fôrão de tal maneira recebidos dos Portuguezes (suspeitosos da cidade), que a maior parte alli morreo, escapando só os que fugírão. Depois desta acção, que fez honra aos dois Commandantes, se fez Diniz Fernandes á vela, e chegou a Portugal a salvamento.

Assim, de tantas embarcações, que sahirão este anno para esta expedição só se perdeo huma Fusta.

1446 — Deo o Infante o commando de huma Caravela a Nuno Tristão (1), com ordem de passar álêm do Cabo dos Mastros, ultimo termo do descobrimento de Alvaro Fernandes, o que elle executou, descobrindo hum grande Rio, em cuja boca surgio; e mettendo-se na lancha com vinte e dous homens, em que entravão os principaes do navio, entrou com a maré pelo Rio a buscar alguma Povoação, e foi encontrar-se com treze Almadias guarnecidas de oitenta robustos Negros, que o esperavão em sitio apropriado, por terem já visto o navio, e a direcção que trazia a lancha.

Chegado Nuno Tristão a certa distancia das Alma-

(1) Barros no lugar citado, Cap. 14 — Galvão pag. 24, põe esta viagem no anno de 1447 — Faria, nos lugares citados, a collocou no mesmo anno de 1447 — O mesmo segue Soares da Silva, Cap. 88 — Goes Cap. 8.º, em 1446.

dias, notou que se dividião, e cuidou ser para fugirem, não supponđo combinação de ideas militares em gente barbara; mas enganou-se, porque os Negros de repente, apresentando-se-lhe na frente com uma divisão da sua esquadrilha, o atacárão pela pôppa com a outra, cortando-lhe ao mesmo tempo a retirada, e mettendo-o entre dois fogos; e como lhes não convinha abalroar a lancha, conservavão-se sempre a alcance das suas armas missivas, lançando sobre elle huma chuva de setas hervadas. Debalde Nuno Tristão fazia remar vigorosamente os marinheiros para abordar já huma, já outra Almadia, a fim de escarmentar os Negros com a morte d'aquelles, a quem podesse chegar: as Almadias, que manobrárão com admiravel rapidez, evitavão o choque, e continuavão o mesmo genero de peleja. A vasante da maré veio a tempo salvar a lancha, e ao favor d'ella chegou Nuno Tristão a sua Caravela, com dezenove homens mortos, ou mortalmente feridos, em cujo numero entrou elle, com João Corrêa, Duarte de Hollanda, Estevão de Almeida, e Diogo Machado, todos de distincto nascimento, educados de meninos na Camara do Infante, alêm de outros Escudeiros, e Criados seus; e para completar a desgraça, ao atracar a lancha ao navio, esbarrou de modo com a ancora da roça, que morrêrão mais dois homens.

Tinhão ficado unicamente na Caravela o seu Escrivão Aires Pinoco, Moço da Camara do Infante, e quatro grumetes; e cortando logo a amarra, se fizerão á vela, e vierão ter a Lagos no fim de dois mezes de huma viagem á tôa, por nenhum delles saber dirigir a embarcação. Deste desastre ficou áquelle Rio o nome de Nuno Tristão. (1)

(1) O Rio de *Nuno Tristão* está ao Sul do Rio Grande, na Lat. N. 10.° 17′, e Long. 4° 28′. Este Rio he largo, e rapido na entrada,

O Infante sentio sobre maneira este funesto accidente, e com a generosidade, que lhe era natural, premiou os filhos, e as viuvas dos que nelle acabárão.

1446 — Foi mais feliz neste mesmo anno Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves da Camara, porque tornando segunda vez ao descobrimento de Guiné, passou mais de cem leguas álem do Cabo Verde (1), onde desembarcando, assaltou huma Aldeia; cujo Chefe matou pela sua propria mão, o que poz em fuga os outros Negros, de que não foi possivel alcançar nenhum, e apenas se recolhêrão duas Negras, que mariscavão pelas praias.

Daqui passou ao Rio de Tabite, (2) e indo reconhece-lo na sua lancha, o vierão receber cinco Almadias, huma das quaes lhe lançou algumas setas hervadas dentro da lancha, de que elle ficou ferido; mas curou-se com antidotos de que já hia munido; e tentando desembarcar em um areal, o achou defendido por cento e

onde tem hum baixo: o menor fundo no canal he de tres braças. Parece impossivel que Nuno Tristão passasse, sem os ver, por tantos Rios mais consideraveis do que este! Em fim, não se podem ler as viagens d'aquelles intrepidos Navegantes, sem lastimar a perda, ou sumisso actual dos seus Diarios, onde achariamos muitos factos que os Historiadores não trazem.

Da margem Austral do Rio Grande até á margem Boreal do Rio de Nuno, occupavão naquelles tempos a Costa maritima os Negros Nalús; e do Rio de Nuno para o Sul até ao Cabo da Verga, os Begas; e pelo Sertão vivião os Cocolins. Os Nalús erão intrataveis, e selvagens; os Begas mais domesticos; porêm traidores. Os Portuguezes fizerão grande commercio por este Rio em anil (cuja planta levárão d'aqui para as Ilhas de Cabo Verde, onde prosperou), marfim, e mantimentos; e tambem aqui vinhão Caravanas do Sertão com algum ouro.

(1) Barros, Cap. 14 — Soares da Silva, Cap. 88, onde põe esta viagem em 1447 — Faria nos lugares citados, segue o mesmo — Galvão não falla nella.

(2) Este Rio (de que não achei o nome nas cartas, que possúo) he certamente algum dos que existem entre os Rios de Nuno, e Serra Leôa.

vinte Negros. Alvaro Fernandes, não querendo arriscar as vidas dos seus em hum desembarque de viva força, por assim lhe ser muito recommendado nas instrucções do Infante, e satisfeito de haver adiantado os descobrimentos d'aquella Costa mais, que os outros Navegantes, regressou a Portugal, onde recebeo honras, e mercês tanto do Infante D. Henrique, como do Infante D. Pedro, Regente do Reino.

1446 — Neste anno partírão de Lagos dez Caravelas (1), de que era Commandante em Chefe Gil Annes, e os outros Commandantes Fernão Valarinho, mui pratico nas guerras dos Mouros, Estevão Affonso, Lourenço Dias, João Fernandes Piloto, Diogo Gonçalves, Gomes Pires, quasi todos Criados do Infante, e outros. Das Caravelas pertencia huma ao Bispo do Algarve, e tres aos moradores de Lagos. Esta Esquadra dirigiu-se á Ilha da Madeira, por ordem do Infante, para receber alguns viveres, e ajustar-se com outras duas Caravelas, huma de Tristão Vaz, e outra de Garcia Homem, genro de João Gonçalves da Camara.

Daqui foi á Gomeira entregar os Canareos, que João de Castilha, e os outros Commandantes da sua conserva havião d'alli trazido, como já se disse. Gil Annes quiz aproveitar-se do auxilio destes Canareos, para dar um assalto na Ilha da Palma, o que não produzio o effeito que esperava, pela vigilancia dos habitantes; e as duas Caravelas da Madeira, que só a isto vinhão, retirárão-se para a sua Ilha.

A Esquadra seguio a sua derrota para Cabo Verde, onde não foi mais feliz, porque os Negros se defendião com vantagem a favor dos bosques, de que o Paiz he coberto; e de huma vez morrêrão cinco Portuguezes

(1) Barros Cap. 14 — Faria, nos lugares citados, colloca esta viagem em 1447 — Soares da Silva segue o mesmo.

feridos das setas hervadas, e a Caravela do Bispo naufragou em um baixo.

Descontente Gil Annes destes máos successos, foi a Arguim, e no Cabo do Resgate atacou huma Aldeia, em que captivou quarenta e oito pessoas; e sem outra maior facção se recolheu a Esquadra a Portugal, menos Estevão Affonso, que veio á Ilha da Palma, e colheu duas mulheres, o que o poz em perigo de morrer com todos os que com elle desembarcárão, porque acudindo muitos naturaes, se desordenárão os Portuguezes na retirada. Porêm Diogo Gonçalves, tirando huma bésta das mãos a hum dos seus companheiros, que não sabia, ou não queria servir-se d'ella, derribou successivamente sete dos contrarios, sendo hum d'elles o seu maioral, o que fez desapparecer os outros; e os Portuguezes podérão então embarcar-se, e voltárão para o Reino.

1447 — Para aproveitar a boa vontade, que os habitantes das margens do Rio do Ouro mostrárão a Gomes Pires quando ultimamente alli esteve, lhe deo o commando de duas Caravelas (1), e o mandou a estabelecer com elles hum commercio regular. Chegou elle ao Rio, e em breve conheceo, que os Mouros só buscavão engana-lo, armando-lhes ciladas para o surprehender; de que irritado, assaltou as suas Aldeias, e captivando oitenta pessoas, recolheo-se a Portugal.

1447 — Não sendo possivel; em consequencia deste acontecimento, organizar o commercio dos escravos com os Mouros do Rio do Ouro, e sabendo o Infante que os de Meca (ou Meissa), Cidade situada entre os Cabos de Guer, e de Não, na Lat. N. 30° 5′ e Long. 8 50′, desejavão a amizade, e commercio dos Portu-

(1) Faria, tomo 1.° da sua Asia, Parte 1.ª — Barros, Cap. 15 da Decada 1.ª, L.° 1.°

guezes, mandou a essa commissão Diogo Gil (1) homem experimentado, por Commandante de huma Caravela, e com elle por intreprete João Fernandes, celebre pela sua habitação voluntaria entre os Azenegues. E como em Portugal se achavão dezoito Mouros captivos naturaes de Meca, que offerecião por si huma certa quantidade de Negros, os entregou o Infante a Diogo Gil, para que os resgatasse.

Chegado elle ao Porto do seu destino, e tendo recebido cinconta Negros pelos dezoitos Mouros, sobreveio tamanha travessia, que se fez á vela, deixando em

(1) Barros (a quem seguem Faria, e Soares da Silva nos lugares já citados) colloca esta viagem, e a seguinte de Fernão Affonso a Cabo Verde no anno de 1448; mas parece-me que ha nisto manifesto engano, pois diz (pag. 30), que *neste anno* (1448.) *El-Rei D. Affonso sahio da tutoria do Infante D. Pedro seu tio, e houve inteiramente posse de seus Reinos em idade de dezasete annos.* Eis aqui este acontecimento, segundo Ruy de Pina na Chronica d'El-Rei D. Affonso, Capitulo 86. Cumprindo El-Rei quatorze annos no mez de Janeiro de 1446, celebrárão-se no dito mez Cortes Geraes em Lisboa, e alli lhe entregou o Infante D. Pedro *mui livremente, e sem cautela o Regimento.* Concluido este Acto, e achando-se El-Rei na sua Camara com seu irmão o Infante D. Fernando, e os Infantes D. Pedro, e D. Henrique, e outras Personagens, *pedio* ao Infante D. Pedro, *que até ver o que nisso poderia fazer, elle inteiramente mandasse, e fizesse em seu nome o que dantes fazia.* Tres dias depois fez o Doutor Diogo Affonso, em nome, e na presença d'El-Rei, em outra Sessão das Cortes, huma Declaração solemne desta Real resolução.

Continuou o Infante segunda vez na Regencia do Reino, e occorrendo os memoraveis successos, que as Historias referem, e não são do objecto destas Memorias, largou de todo o Governo a El-Rei em Maio do anno seguinte de 1447, senão foi antes; porque neste mez he que El-Rei *em Santarem tomou sua casa, e sua mulher juntamente*, e já o Infante se tinha de facto dimittido de todos os negocios da Regencia, não querendo assignar Diploma algum.

A' vista desta passagem de Ruy de Pina fica evidente, que a data das viagens de Diogo Gil, e Fernão Affonso, que Barros, e os seus seguidores põem no anno de 1448, devem recuar-se ao anno antecedente pelos seus proprios fundamentos.

terra a João Fernandes, e voltou para Portugal, trazendo ao Infante o primeiro Leão, que veio daquelle Paiz, o qual Infante enviou de presente a hum Fidalgo Inglez seu amigo, que assistia no Principado de Walles.

1447 — A fama dos descobrimentos das novas Regiões, e extranhos Povos, que os Portuguezes successivamente fazião, attrahia a Portugal muitos homens notaveis, curiosos de cousas tão extraordinarias; e entre estes veio hum Gentil-Homem da Camara d'ElRei de Dinamarca, e por elle recommendado ao Infante; os nossos Historiadores lhe chamão Balart, corrompendo talvez o nome. Este Fidalgo ardia em desejos de viajar na Costa d'Africa, para examinar de perto as maravilhas, que entre os gelos da sua patria ouvia relatar daquelles climas, em que as arvores nunca se despojão da sua folhagem, e as producções da natureza são totalmente diversas.

O Infante mandou logo armar hum navio, cujo commando dêo a Fernão Affonso, Cavalleiro da Ordem de Christo, que levava huma mensagem ao Soberano de Cabo Verde; e com elle se embarcou Balart, cuja curiosidade obrigou Fernão Affonso a fazer huma viagem costeira até ao Cabo, para lhe ir mostrando todas as Bahias, Portos, Rios, e Promontorios já descobertos; e por esta causa, e por alguns ventos contrarios gastou seis mezes na jornada.

Chegando ao Cabo, logo que os Negros vírão o navio, sahírão a reconhece-lo, em som de guerra, nas suas Almadias; mas explicando-lhes os interpretes o verdadeiro objecto da viagem, e informados dos presentes destinados para o seu Principe, forão avisar o Governador da terra, por estar o Rei dalli oito jornadas occupado em huma guerra no sertão. Veio elle á praia receber em ceremonia a João Affonso, e a Balart; e

justa a paz, se derão huns aos outros refens, e começou a estabelecer-se o trafico.

Entre os generos, que os Negros venderão, forão alguns dentes de elefante, dos quaes maravilhado o Dinamarquez, offereceo-lhes grande preço, se lhe mostrassem hum destes animaes vivos, ou lhe trouxessem a pelle, ou a ossada de algum. Os Negros, cubiçosos do premio, prometterão tudo; e tres dias depois o vierão chamar, para que fosse a hum certo lugar, onde tinhão hum elefante vivo. Balart, sem mais consideração, nem receio, partio na lancha (unica embarcação do navio), só com os marinheiros que a remavão; e chegando a terra, onde as ondas andavão de levadío, cahio hum marinheiro ao mar no momento de tomar huma cabaça de vinho de palma, que lhe dava hum Negro; e querendo os companheiros recolhe-lo, foi tal a revolta, que se atravessou a lancha, e foi á costa. Os Negros vendo os Portuguezes em estado de não poderem defender-se, nem ser soccorridos, derão sobre elles, e os matárão a todos, excepto hum, que se salvou a nado.

Assim acabou este illustre Estrangeiro ás mãos de barbaros traidores, sem que Fernão Affonso podesse tomar delles justa vingança, porque nem elles tornárão mais a bordo, nem tinha outra embarcação, em que desembarcasse. Esta desgraça fez com que se recolhesse a Portugal.

1451 — A 19 de Agosto deste anno se celebrou em Lisboa, no Palacio do Duque de Bragança junto á Igreja de S. Christovão, o casamento da Infanta D. Leonor (1), irmã d'ElRei D. Affonso, com o Imperador de Allemanha Frederico III.; e como esta Princeza de-

(1) Rui de Pina, Chronica de D. Affonso, Capitulos 131 e 132. — Itinerario desta Viagem, escrito por Nicoláo Walckenstein, Provas á Historia Genealogica, tomo 1. pag. 601.

via ser conduzida por mar á Italia, mandou ElRei aprestar huma Esquadra de duas grandes Náos, cinco mais pequenas, e duas Caravelas, alêm de dois transportes, que sahírão primeiro com familias, e trem dos passageiros. Os Commandantes das embarcações, os seus Officiaes de Guerra, e de Mar, bem como os soldados, e marinheiros forão escolhidos entre os melhores; e a artilheria, e munições de guerra erão sufficientes para qualquer occurrencia imprevista: as guarnições chegavão ao numero de tres mil homens, de que a Capitania levava quinhentos. Nomeou ElRei para Conductor da Imperatriz, e Capitão General de Mar e Terra da Esquadra, durante a sua viagem de ida, e volta, o Marquez de Valença. As outras pessoas nomeadas para a acompanhar, alêm do Marquez, e dos Embaixadores do Imperador, erão a Condeça de Villa Real, com muitas *Donas*, e outras Criadas; o Bispo de Coimbra, Lopo de Almeida, Lopo Vaz de Mello, Regedor das Justiças, Alvaro de Sousa, Mordomo Mor, Affonso de Miranda, Gomes de Miranda, Gomes Freire, João Freire, D. Diogo de Castello, Fernão da Silveira, Martim Mendes de Berredo, e outros muitos Cavalleiros.

A 25 de Outubro foi ElRei á Sé com a Imperatriz, a Familia Real, e toda a Corte; e depois de celebrados os Officios Divinos, a conduzio ao Caes da Ribeira, do qual sahia huma comprida ponte sobre toneis até á Capitania, que estava soberbamente adornada. A Imperatriz ficou muitos dias a bordo, esperando vento opportuno, e em todos a visitou ElRei: e em hum delles, achando-se assistido das pessoas do seu Conselho, vierão chamados á sua presença os Commandantes, e mais Officiaes da Esquadra, e alli derão novo juramento de cumprir o que lhes fosse ordenado, ainda com risco da sua vida; e mandou ElRei, sob pena de

morte, que todos obedecessem a quanto determinasse o Capitão General.

No dia 12 de Novembro sahio a Esquadra com bom vento, acompanhando-a ElRei com algumas embarcações ligeiras mais de huma legoa fóra da barra.

Para evitar o perigo talvez de haver de continuo a bordo dos navios muitos fogões accesos, regulou o Marquez de Valença as horas de comer por esta maneira: Ao nascer do Sol jantavão os marinheiros; elle, os Fidalgos, e todos os Militares antes do meio dia; e a Imperatriz, sua familia, e os Embaixadores ao meio dia. As cêas constavão de conservas, e pão torrado no forno, ou peixes pequenos salgados. A mesma ordem se seguia em toda a Esquadra.

Navegou esta sempre com bom tempo até embocar o Estreito de Gibraltar, e a 22 surgio em Ceuta, onde a Imperatriz desembarcou, e se demorou alguns dias, por vir incommodada do mar: a 29 partio com vento favoravel. Na Costa de Valença mandou o Marquez huma Caravela (talvez a Alicante) a buscar carnes, pão fresco, agua, e fructas,

Passou a Esquadra á vista de Malhorca, e a 6 de Dezembro entrou no Golfo de Leão. Sahindo delle, sobreveio-lhe vento contrario, com que se aproximou de Marselha, onde estavão tres Náos, e duas Galés de Piratas. A Esquadra achava-se então dispersa, mas reunida por meio de signaes, atacou os Piratas, queimou-lhes huma das Náos, metteo outra a pique, e tomou outra, escapando as duas Galés, em que os Piratas tinhão recolhido o mais precioso dos seus muitos roubos.

A Esquadra ancorou em Marselha, e logo o Governador veio a bordo, com as principaes pessoas, e hum presente de refrescos; e mostrando-se receoso á vista da grandeza dos navios, e quantidade de tropa que levavão, perguntou de que Nação erão, e para on-

de navegavão? Disse-se-lhe sómente ao principio, que erão Christãos, e amigos; mas depois se lhe declarou, que erão Portuguezes, e elle expressou a sua satisfação com outro presente.

A 8, estando ainda neste Porto a Náo da Imperatriz, se levantou huma horrivel tempestade, em que perdeo todas as amarras, e esteve em risco de naufragar; porêm largando a ancora, que lhe restava, com ella se aguentou. As outras embarcações, que soffrêrão o tempo sobre a véla, espalhárão-se. Abonançando a final o vento, e rocegadas as ancoras, sahio a Imperatriz de Marselha a 12, e encorporados todos os navios, seguírão sua viagem.

O Marquez, sabendo que em hum Porto proximo de Niza estavão reunidos muitos Piratas com intento de o atacarem, fez metter trezentos Soldados em huma Caravela, e mandou-a a reconhecer o Porto. Levava o Commandante os Soldados escondidos, apparecendo só elle em cima sem armas; e mandando pedir seguro ao Chefe dos Piratas para entrar, não só lhe foi negado, porêm mais de cem homens bem armados saltárão a bordo da Caravela; e depois de furiosa peleja, os Portuguezes matárão huns, e precipitárão o resto no mar. A estes acudírão logo outros muitos, e chegando a este tempo as Náos, o fogo da sua artilheria obrigou todos a fugir; e fazendo o Marquez desembarcar alguma gente, se retirárão os moradores, que vinhão tambem concorrendo em auxilio dos Piratas. Tomou-se aqui hum bello navio, que elles tinhão aprezado. Nesta acção tiverão os Portuguezes nove mortos e dezeseis feridos. Os habitantes mandárão por ultimo dois Cavalleiros a saber quem erão os Estrangeiros, e conhecendo serem Portuguezes, ficárão amigos.

A Esquadra, depois de fazer aguada, seguio viagem, avistou a Corsega, e ancorou em Liorne a 2 de

Fevereiro do anno seguinte, onde a Imperatriz desembarcou.

1458 — No anno de 1457 veio a Portugal o Bispo de Silves por Legado do Papa Callisto III., trazendo a ElRei a Cruzada contra os Turcos, que elle aceeitou, e se offereceo a servir naquella guerra com doze mil homens pagos á sua custa por hum anno, como já tinha promettido, e feito construir navios, com os aprovisionamentos de armas, e munições necessarias. E persuadido de que os outros Soberanos concorrerião de boa fé para a Cruzada, mandou Martim Mendes de Berredo, Fidalgo da sua Casa (1), a ElRei de Napoles D. Affonso seu tio; para tratar aquelle objecto, e pedir-lhe a faculdade de comprar nos seus Estados os víveres de que carecesse, por serem alli mais baratos; mas em breve o desenganou o seu Ministro, de que não havia em Napoles, nem na Italia disposições, ou vontade de concorrer para a empreza. Esta mesma incerteza experimentou ElRei quando communicou a sua intenção aos outros Potentados da Europa: e assim, conformando-se com a opinião do seu Conselho, resolveo intentar a conquista de Tanger, para cuja expedição se calculou serem necessarios vinte e cinco mil homens de tropas, além da marinhagem, e gente de serviço.

Esta expedição devia fazer-se antes do fim do anno; porém a peste, que se declarou em Lisboa, a fez prorogar para melhor tempo, e ElRei passou ao Alemtejo. Alli lhe chegou noticia de que os Francezes, não obstante a paz em que estavão com Portugal, fazião mil roubos no mar aos seus navios; e determinado a punir

(1) Vede Ruy de Pina, Chronica de D. Affonso V., Capitulos 138, e 140. — Duarte Nunes de Leão, Chronica do dito Rei. — Damião de Goes, Chronica do Principe D. João, Cap. 10. até 16. — Acinheiro, Cap. 23. e seguintes.

tão infame pirataria, fez aprestar huma Armada de vinte Náos grossas, e outros Navios menores, guarnecidos de muita, e boa gente, ás ordens do Almirante do Reino Ruy de Mello; e estando este a ponto de partir, recebeo ElRei cartas do Conde de Odemira, Governador de Ceuta, em que lhe pedia soccorro para resistir ao cerco, que esperava do Rei de Fés. ElRei lhe enviou logo algumas tropas, com o pensamento de ir em pessoa dar batalha ao Monarca Africano, o que não chegou a effeito, porque este apenas avistou a Praça, retirou-se.

Nesta correspondencia, que ElRei teve com o Conde de Odemira, descobrio-lhe o projecto da conquista de Tanger; mas o Conde lhe escreveo, aconselhando-o que fosse antes sobre Alcacer Seguer (1), cuja opinião ElRei abraçou. E como a peste continuava em Lisboa, escolheo embarcar-se em Setubal, mandando o Marquez de Valença a fazer o mesmo no Porto, e o Infante D. Henrique no Algarve.

A 30 de Setembro de 1458 embarcou ElRei em Setubal na Náo Santo Antonio, e com elle seu irmão o Infante D. Fernando, o Mestre de Aviz D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, o Marquez de Villa Viçosa, com seus filhos D. Fernando, e D. João, D. Alvaro de Castro, Pedro Vaz de Mello, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Constava a Armada de noventa embarcações, e na manhã de 3 de Outubro chegou a Sa-

(1) Povoação maritima na Costa Occidental do Reino de Fés, edificada sobre o Rio de Larache, situada na latitude N. 35° 10, e longitude 11° 55'. No Rio só podem entrar embarcações pequenas; as outras dão fundo em huma Bahia aberta, em 10 braças d'agua. Esta Villa era em parte povoada de homens do mar, e dalli sahião muitos Corsarios a insultar as Costas da Peninsula, e a embaraçar o Commercio; esta a razão, por que ElRei preferio a sua conquista a de Tanger, alias Praça maior, e mais importante.

gres, onde o esperava o Infante D. Henrique, e o Conde de Odemira, que veio de Ceuta com quatro navios. No dia seguinte foi ElRei a Lagos, e se demorou oito dias, aguardando as Esquadras do Porto, e do Mondego, que neste intervallo de tempo se lhe reunírão. A 10 embarcou, e no outro dia sahio a ouvir Missa em terra acompanhado de toda a Nobreza da Armada, e acabada ella, declarou publicamente, que hia atacar a Villa de Alcacer; e agradeceo a todos a diligencia, e lealdade com que o vinhão servir, promettendo-lhes as honras, e mercês de que se fizessem dignos; a cujo discurso respondeo, como cumpria, em nome de todos o Infante D. Fernando.

A 12 partio ElRei de Lagos com toda a Armada, que constava de duzentas e vinte vélas (1), e a 14 por ser o vento ponteiro, surgio na Bahia de Tanger, onde se demorou aquelle dia, e o seguinte para reunir os navios, que as correntes tinhão espalhado; e examinando a situação da Cidade, se debateo em Conselho se a devia accommetter, a que se oppôz o Infante D. Henrique, com cujo voto ElRei se conformou; e fazendo-se logo á véla, ancorou a 16 ao meio dia em

(1) Ruy de Pina diz, que ElRei levou 220 navios, e não declara a força do Exercito; mas já tinha sido determinado em Conselho, que este constaria de vinte e cinco mil homens. Goes diz, que a Armada era de 280 vélas, com vinte e seis mil homens. O antigo manuscrito do Prior do Crato D. Vasco de Almeida traz 280 navios, e vinte e dous mil homens de tropas, com a circunstancia notavel de custar este armamento cento e quinze mil dobras Severim de Faria (Noticias de Portugal, Discurso 1. §. 15) concorda com Ruy de Pina no numero das embarcações, e não menciona o das tropas. Duarte Nunes (Cap. 28.) segue a Ruy de Pina, dando 220 vélas a esta Armada, e em quanto ao Exercito só diz, que no Conselho se determinára ser de vinte mil homens. Nesta diversidade de opiniões cada hum seguirá a que lhe parecer mais authorizada; em quanto a mim, creio que o Exercito era de vinte e cinco mil homens; e a Armada, pelo menos, de 250 navios.

Alcacer com os navios mais pequenos, que venciāo melhor a corrente.

Sem perda de tempo se preparou tudo para começar o desembarque; mas como os dois navios, em que hiāo os Infantes, haviāo fundeado a duas legoas de distancia, com outras quarenta embarcações, os mandou ElRei chamar; e quando chegárāo o achárāo á testa de huma linha de escaleres, e lanchas carregadas de tropas. Apenas ElRei vio o Infante D. Henrique, pôz a sua flotilha em movimento, e á voga arrancada tomárāo terra ao mesmo tempo todas as embarcações. Estavāo formados na praia quinhentos Mouros de cavallo, e muitos mais de pé, que querendo-se oppôr ao desembarque, forāo rechaçados, e carregados com tanto vigor, que rotos, e desbaratados, huns fugírāo para Alcacer, outros para as montanhas, deixando bastantes mortos no campo, Dos Portuguezes ficárāo muitos feridos, e mortos o Commendador Ruy Barreto, e Ruy Gonçalves de Marchena; e no alcance dos inimigos se adiantou tanto Joāo Fernandes da Arca, Fidalgo valoroso, e celebre Cortezāo daquelle tempo, que chegou ao pé das muralhas, e ahi o matárāo de huma pedrada, com geral sentimento de toda a Corte.

Naquella noite desembarcou a Artilheria, e todos os petrechos, e instrumentos da expugnaçāo; e no dia seguinte assaltárāo os Portuguezes as trincheiras avançadas, que os Mouros tinhāo levantado para cobrir, e defender as proximidades da Praça; e apezar de grande resistencia, as entrárāo, forçando-os a recolher-se dentro das muralhas. O Infante D. Henrique tentou quebrar as portas, o que lhe nāo foi possivel, pela sua fortaleza, e pela quantidade de tiros de arremesso, e materias incendiadas que os defensores lançavāo sobre as tropas, o que as obrigou a afastar-se do pé das muralhas, sendo já posto o Sol, em quanto nāo chegavāo

algumas mantas, e outros engenhos com que renovarem o assalto.

ElRei, que corria a cavallo com o Infante D. Fernando por todas as partes onde se pelejava, picado da resistencia dos Mouros, foi ao Quartel do Infante D. Henrique, para ordenar que proseguisse, e fosse geral o assalto, a tempo que este Principe já começava a escalada, a qual durou até á meia noite, defendendo-se os Mouros com valor indomito. Então o Infante, não querendo sacrificar os seus soldados, mandou retirar as tropas; e havendo entretanto construido huma bateria em sitio vantajoso, em que se collocou hum grosso canhão, a poucos tiros cahio hum lanço de muralha, de que desanimados os Mouros, capitulárão no dia 18.

Concedeo-lhes ElRei, por generosidade, sahirem todos livremente com as suas familias, e effeitos, deixando os Christãos cativos que tivessem; cuja Capitulação se cumprio á risca. Despejada a Villa, consagrou-se logo a Mesquita, e nella deo ElRei graças ao Omnipotente pela victoria. Dilatou-se elle em Alcaçar cinco dias, e deixando por seu Governador a D. Duarte de Menezes, com a gente, Artilheria, e munições de guerra necessarias, e víveres para tres mezes, entrou no dia 23 em Ceuta, cuja grandeza comparada com a pequenez de Alcaçar, lhe deo motivos de sentimento, e o accendeo em desejos de emprehender maiores conquistas.

O Rei de Fés, sabendo do cerco de Alcaçar, partio a soccorre-la, e sabendo no caminho estar tomada, recolheo-se a Tanger, a fim de reunir o seu Exercito para a sitiar, de que avisado em Ceuta ElRei por D. Duarte de Menezes, chamou as pessoas do seu Conselho, em que se resolveo, que devia voltar a Portugal, mas que por não dar a entender que fugia, enviasse huma Carta ao Rei de Fés, desafiando-o para huma batalha campal, visto achar-se com forças sufficientes

para isso. A esta commissão partírão em duas embarcações Martim de Tavora, e Lopo de Almeida, acompanhados de hum Rei de Armas, e levando huma *Carta de desafio notada com toda a cortesia, que a Reis convem* (1). O Mouro, instruido do objecto da Embaixada, em os navios entrando na Bahia de Tanger, lhes mandou atirar; e com este desengano tornou Lopo de Almeida para Ceuta, e Martim de Tavora seguio para Alcaçar, onde chegárão outros muitos Fidalgos, e alguns soccorros de Ceuta.

A 13 de Novembro appareceo o Rei de Fés sobre esta Praça com trinta mil homens de cavallo, multidão de gente de pé, e muita artilheria, começando logo a formar os seus ataques.

ElRei sabendo do cerco, e que a Praça estava mal provída de víveres, attendendo á estação invernosa, partio de Ceuta com a sua Armada, e a 20 chegou a Alcaçar, intentando metter-lhe soccorro, o que pareceo impossivel, por estar já completamente cercada, e as baterias inimigas descobrirem a praia, em que só se podia desembarcar. Nestas circunstancias escreveo a D. Duarte, promettendo-lhe que em breve tornaria a soccorre-lo; e voltando para Portugal, desembarcou em Faro, donde passou a Evora, tentando logo de se refazer para a nova jornada da Africa.

O cerco durou cincoenta e tres dias, e a 2 de Janeiro do anno seguinte de 1459 se retirárão os Mouros com immensa perda de gente. E considerando ElRei a vantagem que resultaria áquella Praça de ter hum Molhe para nelle se recolherem as embarcações pequenas, como lhe havia representado D. Duarte de Menezes, e elle mesmo o experimentára quando de balde a quiz soccorrer, resolveo-se a manda-lo fazer, para cujo fim

(1) São as formaes palavras de Damião de Góes no Cap. 16.

se preparárão vinte e seis embarcações carregadas dos materiaes, artifices, e trabalhadores necessarios. Chegada esta Frota a Alcaçar, começou D. Duarte a construcção do Molhe a 12 de Março daquelle mesmo anno, e o deixou concluido no fim de Junho, não obstante a contínua guerra, que os Mouros lhe fizerão para embaraçar os trabalhos (1).

1460 — A 13 de Novembro deste anno falleceo em Sagres, com sessenta e sete annos de idade, o Infante D. Henrique, cujos gloriosos trabalhos lhe tem merecido huma fama, que só acabará com o Mundo. Os Escritores de todas as Nações são unanimes nos elogios, que fazem aos seus raros talentos, á sua magnanimidade, e aos seus conhecimentos mui superiores ao seculo em que viveo; e o collocão a par dos melhores, e mais beneficos Principes da Europa moderna (2).

1461 — Mandou ElRei a Soeiro Mendes, Fidal-

(1) Ruy de Pina (Cap. 141) falla em termos geraes da construcção deste Molhe (a que se chamava então Couraça); mas no Manuscrito de D. Vasco de Almeida achei as particularidades, que refiro, e vem a observação de que custou dez mil dobras.

(2) Barros (Decada 1., Parte 1. Cap. 16.) diz, que falleceo a 13 de Novembro de 1463, com sessenta e sete de idade. — Ruy de Pina (Chronica de D. Affonso V., Cap. 144) póe a sua morte em Novembro de 1460, com cincoenta e sete de idade, o que he equivocação, ou erro de impressão. — Antonio Galvão (Tratado dos Descobrimentos, pag. 25) a colloca em 1462. — Acinheiro (Chronica de D. Affonso) diz, que foi em 1461. — Damião de Goes (Chronica do Principe D. João, Cap. 17., e na Chronica d'ElRei D. Manoel, Parte 1., Cap. 23.) affirma, que o Infante morreo a 13 de Novembro de 1460, com sessenta e sete annos de idade. — Duarte Nunes de Leão segue a mesma opinião, assim como Joze Soares da Silva no tomo 1. das suas Memorias de D. João I. — D. Antonio Caetano de Sousa produzio hum Documento decisivo, que he a Carta de Doação, que ElRei D. Affonso V. fez ao Infante D. Fernando das Ilhas dos Açores, Madeira, e Cabo Verde, datada de Evora a 3 de Dezembro de 1460, na qual, fallando do Infante D. Henrique, diz: *meu Tio, que Deos haja.* Historia Genealogica, tomo 2. Liv. 3. Cap. 3. pag. 111.

go da sua Casa, á Ilha de Arguim, para construir hum Castello (se não foi para acabar o que se diz estar já começado), a fim de proteger o Commercio do ouro, e dos escravos, que neste tempo concorria áquellas Ilhas, o qual era mais vantajoso a Portugal, do que o systema até alli seguido (1).

1462 — Neste anno (ou talvez no antecedente) mandou ElRei duas Caravelas para continuarem o descobrimento da Costa de Africa: era Commandante de huma Pedro de Cintra, seu Escudeiro, e da outra Soeiro da Costa (2).

Chegados ás duas Ilhas habitadas, que Cadamosto reconheceo na sua segunda Viagem, defronte do Rio a que chamou Rio Grande, surgírão em huma dellas, e tratárão com os Negros por acenos, por não entenderem a sua linguagem; observárão tambem, que habitavão em cabanas miseraveis, e tinhão Idolos de madeira, que adoravão. Fazendo-se daqui á véla, e navegando cousa de quarenta milhas alêm do Rio Grande, vírão outro, que teria tres, ou quatro milhas de largo, e se chamava Rio de Bessegue (3), nome de hum Régulo, que dominava na sua entrada. E proseguindo no reconhecimento da Costa, descobrírão hum Cabo,

(1) Barros, Decada 1. Liv. 2. Cap. 1. — Galvão (pag. 25) põe esta expedição em 1462. — Faria e Sousa a colloca em 1449.

(2) Como não achei nos nossos Escritores as particularidades desta Viagem de Pedro de Cintra, sigo a narração de Cadamosto, que escreveo as noticias que lhe deo hum Portuguez seu amigo, que parece fazia parte da guarnição da Caravela de Pedro de Cintra; e assigno a esta Viagem o anno de 1462, por me parecer mais provavel, attendendo a que este Descobridor estava de volta em Portugal no 1.º de Fevereiro de 1463, epoca da sahida de Cadamosto. Vejão-se as Memorias da Academia já citadas, onde vem as Viagens deste Veneziano. Faria diz, que foi em 1463.

(3) Este Rio parece ser o de Nuno Tristão já descoberto.

a que pozerão o nome de Cabo da Verga (1), que distaria do Rio de Bessegue cousa de cento e quarenta milhas; e toda a Costa entre estes dous pontos era hum pouco montuosa, e coberta de alto e verdejante arvoredo.

Perto de oitenta milhas adiante do Cabo da Verga achárão outro mais alto que todos os antecedentes, com hum pico no meio, e sombreado de grandissimas arvores, a que pozerão o nome de Cabo de Sagres de Guiné (2), em memoria do Castello de Sagres, que o Infante D. Henrique construíra. Os habitantes daquelle Rio tinhão a côr menos preta, que os outros Negros, e erão Idolatras; andavão quasi nús, homens, e mulheres trazião furadas as orelhas, e cartilagem do nariz, em que enfiavão alguns anneis de ouro; e os rostos, e corpos marcados com varias figuras: não possuião armas de ferro, e mantinhão-se de arroz, milho, e legumes. Ao mar do Cabo estavão duas Ilhas pequenas, huma em distancia de seis, e outra de oito milhas, ambas deshabitadas, e bastecidas de arvoredo. As Almadias destes Negros erão grandes, e capazes de conter de trinta a quarenta homens cada huma; não conhecião o uso dos toletes, e por consequencia remavão em pé.

Quarenta milhas alêm do Cabo de Sagres vírão hum Rio, a que chamárão de S. Vicente (3), com perto de quatro milhas de largura na boca; e cinco milhas mais adiante outro ainda mais largo, que appellidárão Rio Verde, por serem estes os nomes das duas Caravelas. Toda esta Costa era montuosa, e com bons sur-

(1) Este Cabo está situado na latitude N. 10° 4'; e longitude 4° 51'.

(2) Não he possivel saber-se hoje a que ponta de terra se deo o nome de Cabo de Sagres.

(3) O Rio de S. Vicente, e o Rio Verde talvez que sejão os Rios das Pedras, e de Capor.

gidouros, e bom fundo. Correndo mais vinte e quatro milhas, descobrírão hum Cabo, a que derão o nome de Cabo Ledo, por ser mui viçoso, e alegre (1); e adian-

(1) Cabo Ledo (chamado pelos Inglezes Cabo da Serra Leôa, e pelos Francezes Cabo Tagrim) he a ponta do Sul da entrada do Rio Mitomba, ou de Serra Leôa, situada na latitude N 8° 30′, e longitude 5° 6′. A ponta do Norte da mesma entrada chama-se ponta de Eulame, ou Ilha dos Leopardos. Este Rio, hum dos mais formosos da Africa Occidental, corre de Oeste para Leste, com huma foz de cinco legoas de largo até á Cidade de Freetown, Capital dos estabelecimentos Inglezes, construida na margem Austral, a duas legoas e meia da entrada. Neste ponto diminue o Rio quasi metade da sua largura, e assim continúa sete legoas alêm da Cidade, onde se divide em dois braços. Ha neste Rio varias Ilhas, e na entrada hum baixo de arêa, que toma dois terços da sua largura.

Os Portuguezes fazião antigamente hum vantajoso Commercio neste Rio, em que se achavão mantimentos de toda a especie, ouro em pó, que vinha do sertão, ferro, algodão, cana de assucar, marfim, cera, malagueta, madeiras, e huma fructa como castanhas, chamada Cóla, que se carregava para differentes Portos, e Ilhas, por ser muito estimada dos Negros. Por estes motivos fizerão alli hum estabelecimento, dirigidos por Bento Correa da Silva, natural da Ilha de S. Thomé, que levou comsigo hum irmão, e outros seus parentes, e amigos com as suas familias, e no anno de 1590 continha a sua povoação quinhentos Portuguezes; e ainda hoje existem restos das plantações de arvores fructiferas, que fizerão. Forão porêm desamparando a terra a pouco e pouco, ou pelo abandono em que os deixou o Governo, a pezar das suas reclamações, ou pela insalubridade do clima, que he matador para os brancos, e até para os negros de outras Nações.

Como o Paiz ficou abandonado dos Portuguezes, e era já mui conhecido, e frequentado de navios Estrangeiros, Henrique Sharp, Inglez, começou a criar alli hum pequeno estabelecimento em 1786, a fim de reúnir nelle os Negros miseraveis, que havia em Londres. Posto em pratica este projecto, destruírão os Francezes a povoação em 1790; mas restaurou-se em breve, porque no anno seguinte hum Bill do Parlamento mandou formar alli huma Colonia, e em consequencia construio-se a pequena Cidade de Freetown, que tem Governador, Guarnição Militar, e Officiaes Civis necessarios. A Companhia Africana está senhora deste Commercio; e em 1820 chegava a população da Colonia a quatro mil seiscentos e tres brancos, e oito mil e setecentos negros de ambos os sexos, estes quasi todos tomados nos navios de Escravatura.

te delle pela Costa se levanta huma montanha altissima de mais de cincoenta milhas de extensão, coberta de grandes e viçosas arvores; e oito milhas ao mar da extremidade desta Serra ficavão tres Ilhotas, a maior das quaes teria dez milhas de circumferencia, a que chamárão as Selvagens, e á montanha Serra Leôa, pelo continuado rugido das trovoadas, que se ajuntão no seu cume, sempre coroado de nuvens.

Passada a Serra Leôa, toda a Costa era raza, com muitos bancos de arèa, que entrão pelo mar dentro; e cousa de trinta milhas da sua ultima ponta achárão outro Rio caudaloso, com perto de tres milhas de largo, a que denominárão Rio Vermelho (1), cujas aguas, reflectindo a côr do fundo, parecião avermelhadas. Alêm deste Rio estava hum Cabo, que recebeo o nome de Cabo Vermelho, por ser o seu terreno avermelhado; e huma Ilhota deshabitada, que distava dalli oito milhas, teve o da Ilha Vermelha.

Dobrado este ultimo Cabo, fazia-se como hum golfo, em que desembocava hum Rio consideravel, a que chamárão de Santa Maria das Neves (2), por ser descoberto no seu dia (5 de Agosto); e de fronte da ponta do Sul deste Rio, hum pouco ao mar, havia outra Ilhota. Deste golfo, ou Enseada sahião muitos baixos de arêa, que seguião a Costa por dez,

A estação das chuvas começa nos fins de Maio, e acaba em Setembro, e nella he que grassão as mais perigosas doenças, pela excessiva humidade, e calor, que reinão nesta quadra.

Os generos de exportação actual são: arroz, madeira de Mogne para obras de marcineria, páo came, que tinge de vermelho, excellente carvalho proprio de construcção naval, marfim, e algum ouro.

(1) Rio Vermelho, Cabo Vermelho, &c. não se achão nas Cartas; e como entre Serra Leòa e o Cabo de Santa Anna ha muitos Rios, baixos, e Ilhas, he impossivel determinar hoje os pontos de que elle falla; mas suspeito que o Rio Vermelho he o Rio das Gamboas.

(2) Não se encontra nas Cartas o nome deste Rio.

ou doze milhas, e nelles quebrava o mar, e era grandissima a corrente, com fortes marés de enchente, e vasante: chamárão Ilha dos Baixos áquella Ilhota; e além della cousa de vinte e quatro milhas ha hum Cabo, que nomeárão de Santa Anna, por ser descoberto a 26 de Julho. Este intervallo da Costa he de pouco fundo, e praias de arêa.

Setenta milhas além do Cabo de Santa Anna achárão outro Rio, que denominárão das Palmas (1), por haverem nelle muitas palmeiras: a sua barra, ainda que parecia larga, era toda cheia de baixos, e de parseis, e por isso perigosa. Do Cabo de Santa Anna a este Rio he tudo praia seguida, e outras setenta milhas mais avante vírão hum Rio pequeno, a que pozerão nome dos Fumos, porque quando o dercobrírão se não via outra cousa em terra, senão fumos (2), que fazião os naturaes do Paiz. Mais além vinte e quatro milhas pelas praias descobrírão hum Cabo, que entrava muito pelo mar, e sobre elle apparecia hum monte alto, e assim lhe chamárão Cabo do Monte (3). Cousa de sessenta milhas mais adiante estava outro pequeno, e baixo, o qual tam-

(1) O Cabo de Santa Anna acha-se na latitude N. 7° 14′, e longitude 6° 42′, e he a ponta Occidental da Ilha chamada pelos Portuguezes o Farulho, e pelos Inglezes Sherbero, cuja Ilha he mui comprida, e o seu extremo Oriental fórma a bocca do Rio das Palmas. Ora como o Cabo de Santa Anna fica para o Sul do Rio, a que os Descobridores chamárão de Santa Maria das Neves, primeiro havião elles descobrir aquelle, do que este; mas o contrario apparece nesta narração, pois vírão o Rio em 5 de Agosto, e o Cabo em 26 de Julho. Não nos deve admirar similhante confusão, porque o individuo, que deo as noticias a Cadamosto, nem era homem do mar, nem podia conservar na memoria as epocas dos descobrimentos, as distancias dos lugares, e outras mil circunstancias, que se escrevem hora por hora a bordo dos navios, para não esquecerem.

(2) He hoje o Rio das Gallinhas na latitude N. 7° 5′. Este Rio he proprio só para lanchas.

(3) Situado na latitude N. 6° 55′, e longitude 7° 24′.

bem mostrava em cima hum pequeno monte, e a este pozerão o nome Cabo Cortez, ou Mezurado (1). Aqui vírão muitos fogos naquella primeira noite, tanto em cima das arvores, como pelas praias, feitos pelos Negros quando houverão vista dos nossos navios, nunca até então por elles conhecidos.

Continuando a costear a praia por espaço de dezeseis milhas, observárão hum grande bosque de arvores mui verdes, que se estendia até ao mar, e lhe chamárão Mata de Santa Maria (2); e no socairo della surgírão as Caravelas, ás quaes vierão algumas pequenas Almadias com dous, ou tres Negros cada huma, todos nús, armados de páos agudos, rodelas de couro, cutellos, e arcos, com as orelhas, e narizes furados, e alguns com enfiadas de dentes ao pescoço, que parecião ser de homens. Os interpretes fallárão-lhes differentes linguas, mas não se poderão entender huns aos outros. De tres Negros, que subírão a huma das Caravelas, retiverão os Portuguezes hum, e deixárão os dous, segundo a ordem que levavão d'ElRei, na qual lhes determinava, que na ultima terra a que chegassem, e não querendo passar mais avante, se por ventura os seus interpretes não fossem entendidos dos naturaes, trouxessem alguns destes por bem, ou por mal; porque aprenderião no Reino a fallar Portuguez, ou serião entendidos por alguns dos muitos Negros de varias Nações, que alli se encontrão, e darião informação do seu Paiz.

Em consequencia destas ordens, como os Commandantes determinárão voltar para Portugal, conduzírão comsigo aquelle Negro, que em Lisboa achou huma escrava, que o entendeo não na sua propria lingua, mas

(1) Situado na latitude N. 6° 25′, e longitude 7° 57′.

(2) Esta Mata de Santa Maria ainda conserva o nome, e era lugar mui conhecido dos Portuguezes, por começar aqui o Commercio da Malagueta, que se estendia quarenta legôas pela Costa.

em outra que ambos fallavão; e ElRei o mandou transportar alguns mezes depois em huma Caravela ao mesmo Rio, onde fôra tomado, e bem satisfeito das dadivas que levava.

1463 — Sendo ElRei D. Affonso avisado (1), que a Cidade de Tanger podia ser surprehendida por hum lugar, onde a muralha era mui baixa, e pouco vigiada, determinou achar-se em pessoa naquella facção, contra a opinião do Conde de Vianna D. Duarte de Menezes, Governador de Alcaçar, que sobre isso lhe escreveo, pedindo que com dissimulação lhe mandasse algum reforço de tropas, sem alvoroçar os Mouros com a sua ida, e que elle se obrigava a conseguir a empreza. As intrigas, e artificios do Conde de Villa Real, inimigo do de Vianna, fizerão regeitar os seus conselhos, e entregar áquelle a direcção do negocio, recebendo logo adiantado, *á custa dos bens da Coroa*, o premio dos serviços que promettia fazer.

Em consequencia deste arranjamento, passou o Conde de Villa Real a Ceuta, e desta Cidade a Tarifa, onde se embarcou para Tanger, e por algumas pessoas que mandou desembarcar de noite, soube que a muralha estava ainda no mesmo estado. Com esta noticia, que participou a ElRei, foi a Gibraltar (que os Hespanhoes havião tomado aos Mouros no anno antecedente), e alistando alli gente de guerra, voltou a Ceuta com cento e cincoenta cavallos, e quatrocentos homens de pé. O concerto entre ElRei e elle era este: Que no dia em que ElRei apparecesse no mar defronte de Tanger, chegaria o Conde por terra sobre a Cidade, para auxiliar a escalada, e impedir os soccorros.

(1) Vede Ruy de Pina na sua Chronica desde Cap. 146 até Cap. 156 — Acenheiro nas suas Chronicas, Cap. 23, que concorda nos factos principaes. — Damião de Goes na Chronica do Principe D. João, Cap. 15.

Porêm ElRei tardou tanto em partir de Lisboa, que o Conde, não podendo conservar mais tempo a gente estrangeira, sem perigo de se descobrir o segredo, a despedio.

ElRei, cuja passagem á Africa era já publica, sahio finalmente de Lisboa com seu irmão o Infante D. Fernando a 7 de Novembro de 1463, e a 9 chegou a Lagos, onde achou o Conde de Odemira, e o Almirante do Reino; e contra o parecer de todos os Officiaes de Nautica, se fez á véla com máo tempo, o qual carregou tanto, que foi aconselhado se recolhesse a Silves, para salvar a sua pessoa, o que não quiz fazer. Sobre a noite dobrou tanto o vento, que todos os navios corrêrão grande risco de se perder, e os mais delles alijárão tudo ao mar, excepto o navio em que hia ElRei, que não consentio se alijasse cousa alguma. Perdeo-se nesta tormenta o navio de D. Affonso de Vasconcellos, salvando-se por milagre a gente, e soçobrou huma Caravela, em que morrêrão Lourenço de Guimarães, e João Vogado, Escrivães da Fazenda d'ElRei, Gonçalo Cardoso, Escrivão da sua Camara, e o Rei de Armas Portugal. No dia 10, abonançando o tempo, achou-se ElRei só com o Infante D. Fernando diante de Alcaçar, e conhecendo o Conde de Vianna o navio pelo Estandarte Real, lhe veio fallar ao mar, e dalli seguio ElRei para Ceuta, em cuja Bahia se ajuntárão no dia seguinte os navios da sua Armada, todos destroçados; e para agradecerem a Deos o terem escapado do naufragio, que crião infallivel, forão em procissão descalços a Nossa Senhora de Africa o Duque de Bragança com seus filhos, e todos os mais Fidalgos.

De Ceuta voltou ElRei a Alcaçar, havendo primeiro declarado a intenção com que vinha de tomar Tanger; e de Alcaçar destacou doze Galés com gente escolhida, para irem tentar a escalada, e por Chefe desta

expedição Luiz Mendes de Vasconcellos, Fidalgo muito intelligente nas cousas maritimas; e elle marchou por terra com o Infante D. Fernando, o Mestre d'Aviz D. Pedro, o Duque, e todos os outros Fidalgos, e o resto das tropas. O Conde de Vianna contradisse o ataque por mar, pela incerteza, e perigos que tem similhantes combinações; mas não foi attendido. ElRei chegou a Tanger huma hora antes de amanhecer, sem ser sentido, porêm as Galés não podérão realizar o desembarque, pela furia do mar; e sendo a final vistas pelos Mouros, disparárão estes a sua artilheria, e accendêrão muitos fachos. ElRei, crendo que a Cidade era entrada, por ser aquelle o mesmo signal que neste caso tinha ordenado a Luiz Mendes, que fizesse, marchou para ella, e em breve se desenganou do seu erro; e voltando-se para as pessoas que o acompanhavão, disse: *Não me deixastes crer ao Conde D. Duarte, por ventura se o fizera, esta vinda se empregára melhor.* E retirou-se logo para Alcacer, donde partio para Ceuta com o Infante D. Fernando. Este passou outra vez, com licença d'ElRei, para Alcacer, levando comsigo todos os Fidalgos, menos o Duque de Bragança, e o Conde de Villa Real, a fim de se achar em huma entrada que o Conde de Vianna hia fazer no interior do Paiz, a qual teve lugar no dia 4 de Dezembro; e ainda que custou algum sangue, recolherão-se com duzentos e vinte cativos, e grande quantidade de gado, de cuja preza o Infante tomou para si o quinto, que pertencia ao Conde como Governador da Praça; ElRei o satisfez depois pela Fazenda Real.

Durante a demora de ElRei em Ceuta, emprehendeo o Infante, sem seu consentimento, o assalto de Tanger, e para este effeito sahio de Alcacer a 19 de Janeiro de 1464, sem levar comsigo o Conde de Vianna, porque lhe contrariava o projecto, e foi escalar a

Praça com mais valor, que intelligencia. E posto que os Portuguezes a entrárão logo pelo lugar da muralha já reconhecido, sobreveio tal desordem entre elles, que forão expulsos com perda de duzentos mortos, e cem prisioneiros, em que entrárão muitas pessoas da primeira Nobreza, como se póde ver nas nossas Historias.

Dilatou-se ElRei ainda algum tempo em Africa, até que em huma entrada imprudente, que fez na serra de Benecofú, esteve quasi perdido, e salvou-se á custa da vida do Conde de Vianna, hum dos Heroes do seu seculo, que por acaso tinha vindo fallar-lhe a Ceuta. Depois deste infausto successo voltou para Portugal, e desembarcou em Tavira.

1469 — Neste anno passou a Africa o Infante D. Fernando com huma Armada, em que levava muita e boa gente, e foi desembarcar em Anafe, que já tinha mandado reconhecer por Estevão da Gama (1), Fidalgo da sua Casa, o qual esteve alli disfarçado em mercador com huma pequena embarcação carregada de figos, e passas do Algarve. Os Mouros, quando vírão o numero dos navios Portuguezes, não ousárão oppor-se ao desembarque, e desampárárão a Cidade e o Castello. O Infante, não julgando acertado conservar esta conquista, mandou queimar a povoação, depois de saqueada, e desmantelar as fortificações; e feito isto, regressou a Portugal (2).

Neste mesmo anno de 1469 arrendou ElRei o Commercio de Guiné (3) a Fernão Gomes, Negociante de Lisboa, por duzentos mil réis cada anno, devendo du-

(1) Anafe, grande povoação arruinada na Costa Occidental de Africa, situada na latitude N. 33° 43′, e longitude 10° 43′. Tem huma Bahia de pouco abrigo, em que se póde surgir por 18 até 25 braças.

(2) Ruy de Pina, Cap. 110. — Damião de Goes, Chronica do Principe D. João, Cap. 17.

(3) Barros, Decada 1. Liv. 2. Cap. 2.

rar o seu Contracto cinco annos, obrigando-se elle a descobrir á sua custa cem legoas de Costa em cada anno, a começar da Serra Leôa para o Sul.

1470 — Neste anno descobrio Soeiro da Costa o Rio, a que deo o seu nome (1), o qual se conserva ainda em todas as Cartas.

1470 — Partírão de Lisboa por ordem de Fernão Gomes, em duas Caravelas (2) João de Santarem, e Pedro Escovar, Cavalleiros da Casa d'ElRei, e por seus Pilotos Martim Fernandes, e Alvaro Esteves, reputado pelo mais habil do seu tempo; e correndo a Costa de Africa além dos pontos já conhecidos, descobrírão em Janeiro do anno seguinte o lugar, a que se deo o nome da Mina, pelo muito ouro que alli concorria; e não longe do qual mandou depois ElRei D. João II. construir o Castello da Mina.

1471 — Depois de muitos Conselhos, que ElRei fez em Lisboa no anno antecedente, e nos principios deste de 1471 sobre a conquista de Tanger (3), se decidio por ultimo ser mais conveniente a de Arzila (4); e para certificar-se do seu verdadeiro estado de defesa, a mandou reconhecer por Pedro de Alcaçova, seu Escrivão da Fazenda, e Vicente Simões, abalisado mari-

(1) O mesmo Barros no lugar citado. Este Rio está situado na Costa Occidental da Africa na latitude N. 5° 13', e longitude 15° 13', obra de trinta legoas áquem do Cabo de Tres Pontas

(2) Não achei a epoca em que estes dous Descobridores partírão para a sua commissão. Vede Barros no lugar acima citado. — Galvão pag. 25.

(3) Vede a Chronica do Principe D. João, Cap. 18 até 31. — Ruy de Pina, Cap. 162 até 167. — Acenheiro, Cap. 23.

(4) Arzila, distante quasi seis legoas ao Sul do Cabo de Espartel, está situada na latitude N. 35° 30', e longitude 12° 12'. O seu Porto he pequeno, e não admitte embarcações grandes; hum recife de pedra divide a entrada em dous canaes, de que tem mais fundo o do Norte.

nheiro, os quaes disfarçados em mercadores, cumprírão esta commissão, e com as boas informações, que derão, acabárão de resolver ElRei a tentar a empreza.

Começárão-se logo a reparar, e afretar navios dentro, e fóra do Reino, e a fazer aprovisionamentos de munições de guerra, e de bocca para hum Exercito de trinta mil homens; e achando-se quasi tudo prompto, teve ElRei noticia de haverem os Inglezes roubado no Canal doze grandes navios Portuguezes mercantes; pirataria exercida por Falconberg, General do Conde de Warvic, que então dirigia despoticamente aquelle Estado. E tomando sobre isso conselho com as principaes pessoas, foi quasi unanime o voto de que se empregasse o armamento actual contra aquella Nação, para tomar a justa vingança que tamanho insulto pedia. Em consequencia desta opinião, escolherão-se os melhores navios, e a melhor gente, e nomeou ElRei por General a D. João, filho do Duque de Bragança, para commandar esta nova expedição, que se não verificou, porque no momento de partir, soube ElRei, que o Conde de Warvic, e o Principe seu protegido tinhão morrido em huma batalha (1), e o Rei Eduardo se achava senhor pa-

(1) O Conde de Warvic, famoso Chefe de Partido nas guerras civís de Inglaterra entre as Casas de York, e de Lancaster, morreo na batalha de Barnet, ganhada a 14 de Abril de 1471 pelo Rei Eduardo IV., e a 4 do mez de Maio seguinte foi novamente derrotado pelo mesmo Monarca o Partido Lancastriano na batalha de Teukesbury, e alli assassinado a sangue frio, por ordem sua, o Principe Eduardo, que pertendia a Coroa daquelle Reino. O bastardo de Falconberg, sendo tomado prisioneiro pouco depois desta victoria, acabou degolado. Talvez que ElRei D. Affonso tivesse algumas intelligencias secretas com Eduardo IV., por meio do Duque de Borgonha, e por isso os Lancastrianos fizessem o roubo dos navios Portuguezes.

Cumpre observar, que nesta epoca não havia na Inglaterra hum só navio da Coroa; os Principes, quando querião fazer hum armamento, afretavão, ou apenavão embarcações de particulares. Henrique VII. foi

cifico da Inglaterra; successo que reduzia o negocio a huma transacção diplomatica com a Corte de Londres, para obter a restituição das prezas, como a final se obteve (1).

Desvanecida deste modo a expedição de Inglaterra, tornou ElRei ao primeiro projecto; e como o Principe D. João, á força de instancias, obteve licença para a acompanhar (ainda que contra a opinião do Conselho), não querendo acceitar a Regencia em que queria deixa-lo, nomeou ElRei ao Duque de Bragança D. Fernando, por Carta Patente dada em Lisboa a 2 de Agosto deste anno, por seu Lugar-Tenente, para governar o Reino com a mesma authoridade, que Elle teria, se presente estivesse, durante a sua ausencia, e a do Principe (2).

No principio de Agosto entrou em Lisboa o Duque de Guimarães, Commandante da Esquadra do Porto, e das tropas das Provincias do Norte, por quem ElRei esperava para sahir, mas sobrevindo ventos contrarios, partio de Belem a 15 de Agosto, e dois dias depois ancorou em Lagos, onde achou prompta a Es-

o primeiro, que mandou construir hum navio de guerra. Vede Hume, tomo 3. Cap. 26.

(1) Duarte Nunes de Leão (Cap. 40) relata este successo de outro modo, dizendo, que ElRei se vingou dos Inglezes, dando Cartas de Marca, para que os Portuguezes podessem fazer preza nos effeitos a elles pertencentes; e que esta medida produzio tal consternação, que Eduardo IV. mandou Embaixadores a Portugal, de que *se seguio total restituição dos bens roubados, e paz, e amizade com Portugal; até que se unio com os Reinos de Castella.*

(2) Vede a Historia Genealogica da Casa Real, tomo 5. Liv. 6. pag. 162, onde vem esta notavel Carta, e por ella se demonstra, que não ficou governando o Conselho de Regencia, de que falla Damião de Goes na Chronica do Principe D. João; nem podia a Princeza D. Leonor ficar na Regencia, por contar nessa epoca mui pouco mais de treze annos.

quadra do Algarve, e o aguardava tambem o Conde de Valença, que elle mandára chamar a Alcacer. Constava a Armada de trezentas e trinta e oito vélas, entre Náos, Galés, Fustas, e outras embarcações de carga, e vinte e quatro mil homens de tropas, fóra a gente do mar (1).

Em Lagos dilatou-se ElRei só aquelle dia, e no seguinte ouvio Missa em terra, no fim da qual declarou, que o objecto da expedição era a conquista de Arzila; e fazendo-se logo á véla, chegou a 22 a avista-la, e surgio já sobre a tarde, estando os Mouros noticiosos da sua vinda.

Nessa noite se ventilou em Conselho a maneira de verificar o desembarque, que era perigoso, por estar o mar muito agitado, rebentando em flor no recife, e nos outros pontos, em que podia tentar-se. Depois de varios pareceres, decidio-se, que em amanhecendo, o Conde de Monsanto D. Alvaro de Castro, e o de Marialva D. João Coutinho, desembarcarião com duas Divisões de tropas; e que no momento em que chegassem á praia, sahisse ElRei dos navios com outra Divisão, e os petrechos, e ferramentas necessarias, para que n'aquelle dia se occupassem os postos de tal sorte, que a Praça não podesse receber soccorro algum. Os dois Condes, que erão Generaes de grande experiencia, fizerão

(1) Os nossos Escritores varião muito na força desta Armada. Ruy de Pina (Cap. 163) lhe dá quatrocentas e setenta e sete embarcações, e trinta mil homens. O Manuscrito de D. Vasco de Almeida diz, que constava de trezentas e trinta vélas, e vinte e tres mil homens; e que a despeza deste armamento fôra de cento e trinta e cinco mil dobras. Manoel Severim de Faria (Noticias de Portugal, Discurso 1. § 15) falla somente em duzentas e vinte vélas. Duarte Nunes de Leão (Chronica d'ElRei D. Affonso V., Cap. 40) numera trezentas e oito vélas, e vinte e quatro mil homens de guerra escolhidos. Nesta diversidade de opiniões escolhi a de Damião de Goes; mas não duvido, que as tropas fossem em maior numero.

tão boas disposições, que ao romper da alva, estavão abarbados com a terra, ainda que não poderão logo desembarcar, pelo muito vento, e mar, que estorvava os remeiros, e atravessava as embarcações carregadas de soldados.

ElRei, observando o perigo em que estavão os Condes, quiz ser delle participante, e embarcou com o Principe nos vasos destinados para a sua Divisão, fazendo remar com tanta força, que em breve se achou no rolo da praia; o que visto da Armada, não ficou soldado, que ou em Caravelas, e Fustas pequenas, ou em lanchas, e escaleres não seguisse o seu exemplo; e assim todas as embarcações combatendo, e resistindo á furia dos ventos, e das ondas, trabalhárão com tal esforço, que tomárão terra, posto que com perda; porque se alagárão, ou soçobrárão muitas, em que se affogárão mais de duzentos homens, em que entrárão oito Fidalgos, e outros Cavalleiros, e Escudeiros.

Tanto que ElRei desembarcou, sem esperar o Palanque, e a grossa artilheria, que vinha na Armada, e não podia desembarcar por causa do tempo, formou o seu campo, cobrindo-o com foço, e trincheiras, no que se gastou o resto do dia, sem que os Mouros ousassem sahir a defender o desembarque, ou a perturbar estes trabalhos, a pezar de terem dentro dos seus muros muita gente de guerra.

Sem perda de hum instante, mandou ElRei bater a Praça com as unicas duas peças, que por mais pequenas se conseguio desembarcar, e entre tanto os besteiros, e espingardeiros atiravão de continuo aos sitiados, que apparecião nos parapeitos. Depois de tres dias de incessante fogo, achava-se em dois lugares arruinada a muralha, quando a 24, ao amanhecer, os da Divisão do Conde de Monsanto, que estava de guarda á trincheira da banda do Castello, virão bandeira branca em

huma das Torres, e respondendo o Conde ao signal, lhe veio recado da parte do Alcaide, pedindo seguro para tratar de capitulação, o que o Conde communicou logo a ElRei, que respondeo, lhe désse todas as seguranças, a fim de que o Alcaide viesse á sua presença.

Andando nesta diligencia, suspeita-se que algumas pessoas de consideração, querendo antes victoria com sangue, do que paz, incitárão os soldados a darem immediatamente o assalto, o qué fizerão com tanta furia, servindo-se de algumas escadas, e engenhos, que para isso estavão apercebidos, que penetrárão na Praça por varias partes, se bem que os Mouros se defendêrão com o maior valor. ElRei, sabendo que a Praça era entrada, acodio com o Principe ao lugar do conflicto; e vendo que as brechas erão estreitas, e não davão facil subidá, e que a grita, e rumor erão grandes dentro da povoação, pedio outras escadas, pelas quaes subírão muitos soldados, de que alguns abrírão as portas, e elle pôde entrar com o Principe. Os Mouros, não podendo resistir mais, recolhêrão-se á Mesquita, e ao Castello.

Ganhada a Villa, ordenou ElRei ao Conde de Monsanto, que embaraçasse aos Mouros a sahida do Castello, e elle dirigio-se á Mesquita, cujas portas estavão fechadas, e trancadas de maneira, que só com vaivens se podérão arrombar, e a entrada foi defendida pelos Mouros com tanta coragem, que mui poucos homens ficárão cativos, sendo os mais destes mulheres, e meninos, que alli se havião recolhido; e nesta occasião morreo o Conde de Marialva, que ElRei, e todo o Reino sentírão muito, por ser hum dos mais completos Fidalgos, que então havia em toda a Hespanha; e este Monarcha, para honrar a sua memoria, armando Cavalleiro ao Principe na Mesquita, em que estava ainda patente o cadaver ensanguentado do Conde,

lhe disse: *Filho, Deos vos faça tão bom Cavalleiro, como este que aqui jaz.*

Restava só tomar o Castello, que era forte, e bem guarnecido de gente, e munições. ElRei mandou logo commetter á escala, e correndo os Portuguezes ao assalto com grande ímpeto, montárão a muralha, e forçárão os defensores a buscar abrigo nas Torres, onde poucos se recolhêrão, porque os de dentro fechárão as portas, para evitar que os Portuguezes entrassem de mistura com elles; e sem quererem render-se, oppozerão tão desesperada resistencia, que os mortos, e feridos de ambas as Nações estavão em montes; e aqui acabou o Conde de Monsanto, de cuja morte irritados os soldados, não derão quartel a ninguem.

ElRei, e o Principe entrárão no Castello, na maior força do ataque das Torres, e se comportárão com destemido valor, combatendo o Principe (que tinha dezeseis annos) como se fosse hum simples soldado, de maneira que trazia a espada torcida dos golpes, e ensanguentada. Os Mouros, que ainda occupavão algumas Torres, vendo tudo perdido, renderão-se á discrição.

O numero dos cativos passou de cinco mil, em que entravão duas mulheres, e hum filho, e huma filha do Moley Xeque, senhor de Arzila (que depois subio ao Throno de Fés) ambos de tenra idade, cuja filha, e mulheres se trocárão pelos ossos do Infante D. Fernando: e o filho mandou-o ElRei graciosamente a Moley Xeque. Morrêrão dos Mouros mais de dois mil. Dos Portuguezes ignora-se o numero dos mortos, que de certo foi grande. O despojo desta Praça, que ElRei cedeo todo em beneficio do seu Exercito, avaliou-se em oitenta mil dobras (1); e para seu Governador nomeou

(1) Damião de Goes, e Garcia de Rezende (Chronica de D. João II., Cap. 5.) dizem oitocentas mil dobras; Ruy de Pina, e Acenheiro dizem oitenta mil, o que me pareceo mais provavel.

Conde de Valença D. Henrique de Menezes, filho do illustre Conde de Vianna D. Duarte de Menezes.

Moley Xeque, que neste tempo andava occupado na guerra civil de Fés, avisado que ElRei D. Affonso estava sobre Arzila, marchou a soccorre-la; mas chegando a Alcacer Quibir, soube que estava tomada; e receando, que ElRei quizesse proseguir na guerra, e lhe obstasse ao projecto, que tinha formado de se fazer Rei de Fés, lhe mandou offerecer treguas, as quaes se concluírão por vinte annos, com as clausulas que contão as nossas Historias.

Os moradores de Tanger, aterrados com a tomada de Arzila, e sem esperança de soccorro pela guerra civil em que ardia toda a Mauritania, abandonárão a Cidade, e passárão-se com os seus bens para differentes partes, de que avisado ElRei, mandou a grão pressa marchar o Marquez de Monte-Mor com hum grosso destacamento para occupar aquella Praça, como fez no dia 28, achando nella muita artilheria, e munições de guerra; e com o Principe, e o resto do Exercito o seguio de perto. Alli nomeou para Governador a Ruy de Mello, que depois foi Conde de Odemira; e deixando-lhe huma boa guarnição; sahio a 17 de Setembro com toda a Armada, e entrou em Lisboa a salvamento.

1472 — Continuando a correr a Costa d'Africa os descobridores mandados por Fernão Gomes, descobrio Fernão do Pó (1), Cavalleiro da Casa Real, huma Ilha, que ainda hoje conserva o seu nome, não obstante elle chamar-lhe Ilha Formosa (2), pelo aspecto que apresentava o viçoso, e copado, que a cobria toda.

(1) Vede Barros, Decada 1. Liv. 2. Cap. 2. — Antonio Galvão, pag. 25. — Faria, Asia Portugueza, tomo 1. Parte 1. — As noticias de todos estes Escritores são muito escaças.

(2) Esta Ilha he muito alta, e tem o ancoradouro em huma Bahia da banda do N.O. com fundo de vinte braças. A sua latitude S. to-

Outros Navegantes Portuguezes, de quem se ignorão os nomes, descobrírão neste mesmo anno as Ilhas de S. Thomé, Principe (1), e Anno Bom (2); e hum F. de Siqueira, Cavalleiro da Casa Real, descobrio neste anno, ou no seguinte o Cabo de Santa Catharina (3), ultimo termo a que chegárão os descobrimentos no Reinado de D. Affonso V., que falleceo em Cintra a 28 de Agosto de 1481.

mada na Bahia he de 3° 34', e a longitude de 26° 50'. Outros assignão-lhe differente posição. Em tempos antigos tiverão os Portuguezes alli hum Forte.

(1) A Ilha de S. Thomé está Leste Oeste com o Rio de Gabão, pouco mais ou menos. O Porto he da banda de Leste, e tem pouco fundo; mas surge-se fóra delle em cinco, e seis braças, arêa, com abrigo dos ventos, menos da banda de Leste, que he perigoso. No Forte a latitude N. he de 27', e a longitude de 25° 20' 40'. A Ilha do Principe está na latitude N. de 1° 22', e longitude de 25° 57' 40". Tem hum bom Porto da banda de E. N. E., com fundo de cinco e meia até seis braças e meia na entrada, todo limpo. Antes de chegar ao Porto tem duas Enseadas com bom fundo, e capazes de muitos navios; e mais outra da parte de Oeste com quinze braças de fundo limpo, e boa agoada. Em outro tempo tirava-se grande interesse destas duas Ilhas, como direi adiante.

(2) Esta Ilha he mui fertil, e alta. Tem o ancoradouro da banda do Norte, com fundo de arêa branca, e de seis braças para cima. Latitude S. 1° 25', e longitude 23° 45'.

(3) Latitude do Cabo 2° 7' S., e longitude 28° 25'.

PARTE PRIMEIRA.

SEGUNDA MEMORIA,

COMPREHENDENDO DESDE O ANNO DE 1481 ATE' AO ANNO DE 1521.

Reinado d'Elrei D. João II.

Na epoca em que este Monarcha subio ao Throno, a fama das viagens dos Portuguezes fazia esquecer as dos Fenicios, Carthaginezes, Gregos, e Romanos, em quanto as vantagens commerciaes, que ellas produzião, erão inferiores ao alto conceito, que tinhão formado as Nações da Europa. Achava-se descoberta huma grande extensão da Costa Occidental da Africa, mas faltavão nella estabelecimentos permanentes, á excepção do Castello de Arguim, em que se concentrasse o trafico, que alguns navios soltos entretinhão com os Portos, e Rios mais conhecidos: nem mesmo o Castello de Arguim se achava agora em situação capaz de preencher similhantes fins, por se haverem ampliado tanto os descobrimentos posteriores á sua fundação, que distava muitos centos de leguas do Cabo de Santa Catharina, ultimo termo a que chegou a bandeira Portugueza no Reinado antecedente.

ElRei D. João, que era dotado de huma alma grande, capaz de conceber, e combinar os mais vastos projectos; que possuia assaz conhecimentos scientificos, e sobre tudo o raro talento de conhecer os homens, de

os saber premiar, e empregar, segundo o seu merecimento; e que tinha idéas exactas dos verdadeiros interesses politicos da sua Nação, abalançou-se a completar o plano de seu Tio o Infante D. Henrique, que tendia a attrahir a Portugal o Commercio da Africa, e da Asia.

Para assegurar, e adquirir todo o Commercio da Africa, era preciso empregar maiores esforços, e mais bem dirigidos não só na continuação dos descobrimentos, porêm no reconhecimento completo dos Portos, Bahias, Rios, e Cabos, para depois, com conhecimento de causa, se elegerem os pontos mais importantes em que se estabelecessem os depositos do Commercio, de maneira, que concorressem a elles as Caravanas das Cidades do interior daquelles Paizes, com o ouro, e mais generos preciosos da sua producção; e pelos mesmos canaes lhes entrassem as manufacturas, e effeitos de Portugal.

Consistião os generos, que se exportavão da Africa, alêm de extraordinaria abundancia de ouro, em escravos, marfim, couros de varias especies, assucar, cera, gommas, almiscar, e malagueta; em troco dos quaes davão os Portuguezes missangas, quinquelherias, ferro, e pannos, com outros varios artigos, de que tiravão immensos beneficios; e este trafico, prosperando muito no Reinado actual, cresceo ainda mais nos successivos.

Até este tempo contentavão-se os Navegantes Portuguezes com darem nomes aos Cabos, Rios, e Portos que descobrião, e só algumas vezes levantavão Cruzes de páo em lugares notaveis, que no fim de poucos annos deixavão de existir: e como não determinavão a posição geografica dos pontos que reconhecião, vinhão outros Navegantes, que lhes impunhão differentes nomes, cuidando terem feito novas descobertas; o que

não causou pequena confusão nas Historias dos Descobrimentos.

Conhecendo ElRei a importancia de formar hum systema, que contestasse a certeza, e legalidade das descobertas, pois que, segundo os principios de Direito Publico praticados na Europa, o simples acto do descobrimento de hum Paiz conferia ao descobridor certos direitos de propriedade territorial, ou ao menos de monopolio exclusivo do Commercio; ordenou, que os Commandantes dos navios commissionados para fazerem descobrimentos, levassem a seu bordo, para os collocar nos lugares que descobrissem, huns grandes marcos de pedra (a que se deo o nome de Padrões), que tinhão na frente as Armas Reaes, e nas costas hum letreiro em Portuguez, e Latim, em que se relatava o nome do Soberano, o do Commandante do navio, e o anno da descoberta, rematando o Padrão com huma Cruz no alto. Alguns destes tem sido achados modernamente, como em seu lugar direi.

Tão occupado andava este Principe com o pensamento de regular, e ampliar o Commercio Africano, que subindo ao Throno nos ultimos dias de Agosto de 1481, fez partir nos principios de Dezembro do mesmo anno a Diogo da Azambuja com huma Esquadra para ir fundar o Castello da Mina. E quando depois conheceo melhor a configuração daquella Costa, e a qualidade dos seus Portos, percebendo a vantagem que a Ilha de S. Thomé tirava da sua posição proxima ao Rio de Gabão, fez toda a diligencia pela povoar, e nomeou por seu Governador em 1493 a Alvaro Caminha (1), a quem entregou os filhos menores de ambos os sexos, que se tirárão aos Judeos Hespanhoes refugiados em Portugal no anno antecedente. Com effeito, aquella Ilha

(1) Ruy de Pina, Chronica de D. João II., Cap. 68.

em breve encontrou em si o Commercio da Costa da Africa fronteira (1), e chegou no Reinado seguinte a hum ponto de prosperidade quasi incrivel.

(1) O clima de S. Thomé, por mui quente, e mui humido he nocivo aos brancos, sobre tudo nos mezes de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, que são os de maiores calores: nos de Março, e Setembro costuma chover muito; e nos de Maio, Junho, Julho, e Agosto, em que reinão os ventos do segundo, e terceiro quadrante, he o tempo mais fresco, e saudavel. Em geral he raro o homem branco, que passa de cincoenta annos de idade. As doenças usuaes são febres agudas, e dysenterias; e os Europeos, quando alli se estabelecem, tem quasi sempre no principio huma grave enfermidade, de que muitos morrem.

No anno de 1520 continha a Capital de S. Thomé perto de setecentas familias de Portuguezes, Hespanhoes, Francezes, e Genovezes, a maior parte casados, alguns delles com negras livres naturaes da terra, e alguns com mulatas; porque a todo o Europeo, que hia estabelecer-se na Ilha, assignava o Feitor d'ElRei por via de compra, e a preço commodo, aquella porção de terreno inculto, que elle podia cultivar, segundo os meios que tinha para comprar os escravos necessarios, pois que estes fazião todos os trabalhos ruraes.

O genero principal desta Ilha (bem como da do Principe) era o assucar, cuja cana tardava cinco mezes a amadurecer; e não obstante achar-se em cultura só a terça parte della, existião em plena actividade sessenta Engenhos, huns movidos por agua, outros por cavallos, e outros á força de braço, importando o dizimo da Fazenda Real de doze a quatorze mil arrobas de assucar cada anno; por onde póde calcular-se a colheita em cento e cincoenta mil arrobas, attendendo aos descaminhos e fraudes. Este assucar não era tão seco, nem tão alvo como o que naquelles tempos se fabricava na Ilha da Madeira.

Alêm do assucar, fazia esta Ilha hum grande Commercio em escravos, porque nella vinhão reunir-se quasi todos os que os Portuguezes compravão pelos Portos de Guiné, de Benin, e Manicongo: assim os moradores provião-se dos que necessitavão para o seu serviço domestico, e para a Agricultura, e erão tantos, que muitos Lavradores possuião de cem até trezentos de ambos os sexos; o resto delles passava para a Ilha de S. Tiago, onde concorrião a compra-los os navios Hespanhoes, que commerciavão com as Indias Occidentaes. Esta ultima Ilha servia de escala, e deposito entre S. Thomé e Lisboa: as embarcações Portuguezas, que transportavão a S. Thomé os generos da Europa, tocavão em S. Tiago, deixavão alli ás vezes parte dos seus effeitos, e hião a S. Thomé carregar de assucar para Portugal. Os Negocian-

Attrahir a Portugal o Commercio da Asia era empreza mais difficil, e que exigia vastos preliminares. Antes da tomada de Constantinopla por Mahomet II. em 1453, as ricas drogas do Oriente erão conduzidas áquella Capital; e os Navios de Veneza, de Genova, e de outras Republicas Italianas as transportavão aos Portos do Mediterraneo. Depois daquella conquista, que produzio huma total revolução nas relações politicas, e mercantís da Europa, buscou o Commercio da Asia nova direcção; e entrando pelo Mar Roxo no Egypto, concentrou em Alexandria o seu principal deposito (1), de que os Feitores de Veneza se apoderárão, á sombra de hum Tratado feito com o Sultão daquelle Estado. Esta Republica foi tão poderosa no seculo decimo quinto, e parte do seguinte, que no anno de 1420 possuia perto de tres mil embarcações mercantes com sete mil marinheiros de equipagens, mais setecentos navios grandes, guarnecidos de oito mil homens, e outros quarenta e cinco vasos de maior força, que levavão onze mil homens; e occupava nos seus Arsenaes publicos, e particulares dezeseis mil Artifices (2).

Apezar da apparencia de força naval, e grandeza que dava aos Venezianos o monopolio das riquezas do

tes da mesma Ilha de S. Tiago tinhão navios seus, que se empregavão no mesmo trafico; e por essa razão esta Ilha era então rica, e florecente.

Vede o N.º 2. intitulado = Navegação de Lisboa para a Ilha de S. Thomé =, no tomo 2. da Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. He huma Memoria summamente curiosa, escrita por hum Piloto Portuguez, que fez cinco viagens de Lisboa a S. Thomé, em Navios de Commercio, sendo a primeira no anno de 1520.

(1) Eu não pretendo fazer aqui a Historia do Commercio da Asia, o que pediria huma longa narração; mas somente dar huma idêa geral, e succinta da direcção que este Commercio seguia para chegar a Europa no tempo d'ElRei D. João II.

(2) Vede Clarke, tomo 1. Liv. 1. Cap. 1.

Oriente, era visivel, que se os Portuguezes descobrissem huma facil communicação por mar com a Asia, e alli fizessem bons estabelecimentos nos pontos mais convenientes, todas aquellas riquezas reverterião para as suas mãos, e Portugal viria a ser o centro do Commercio, não só da Europa, mas de todo o Mundo, como aconteceo no seculo seguinte.

Duas cousas parecião necessarias para pôr em execução este vasto plano: adquirir noções mais exactas sobre a Hydrografia do Oriente, de que quasi nada se sabia, e aperfeiçoar a Construcção Naval, e a Sciencia Nautica, de que dependia a segurança de viagens tão remotas por mares desconhecidos.

Para achanar o primeiro obstaculo, mandou ElRei por terra á India no anno de 1487 a Pedro da Covilhã, Cavalleiro da sua Casa (1), e Affonso de Paiva, homens intelligentes, capazes de observar, e de explicar o que vissem, os quaes visitárão os principaes Portos do Oriente, que servião de escalas ao Commercio, como largamente tratão os nossos Historiadores; mas as noticias, que por este meio tarde se obtiverão, não abrírão aos Portuguezes o caminho da India; outros principios produzírão este feliz resultado.

A Astronomia, e a Geografia vierão em soccorro da Arte Nautica, e destruírão o segundo e maior obstaculo. Achava-se neste tempo em Lisboa o Astronomo Martim *Bohemus*, digno discipulo do celebre João Muller (2), com o qual, e os Mestres Rodrigo, e José,

(1) Ruy de Pina (no Cap. 21 da Chronica de D. João II.) chama lhe *João da Covilhã*, e colloca esta jornada no anno de 1486; a sua narração he mui differente da de João de Barros (Decada 1. Liv. 3. Cap. 5.), onde se póde ver toda esta importante transacção, que eu só indico.

(2) Vulgarmente chamado *Regio Montano*, que falleceo em 1476, depois de publicar hum novo Calendario, e humas Ephemerides para trinta annos, com Taboas das Declinações dos Astros.

ambos Medicos da Real Camara, o Bispo de Ceuta Diogo Ortiz, e o Licenciado Calçadilha, Bispo de Vizeu, formou ElRei huma Junta de Mathematicos, cujas Sessões se tinhão em casa de Pedro de Alcaçova. Parece que aos trabalhos destes Sabios se deveo a invenção do Astrolabio, o melhoramento da Bussola, e Cartas Maritimas-Planas (já inventadas na escola de Sagres), e a formação, ou aperfeiçoamento de novas Taboas de Declinações dos Astros.

Estes conhecimentos Nauticos, vulgarizados entre os Navegantes Portuguezes, os habilitárão para emprehender quaesquer viagens, afastando-se da rotina antiga, que era sufficiente para descobrir a Costa da Africa Occidental; porque sendo esta seguida do Norte para o Sul, logo que huma embarcação via hum ponto já conhecido, bastava que seguisse por hum rumo parallelo; e se perdia a terra de vista, mettendo a prôa a Leste, a achava outra vez. Agora porêm que os Navegantes tinhão instrumentos, e principios scientificos para determinarem cada dia a posição dos Navios no alto mar, e dirigi-los para hum ponto qualquer, podião rodear toda a Africa até descobrir alguma passagem para a India.

Trabalhou-se igualmente em melhorar a Architectura Naval: construirão-se navios mais fortes, com huma mastreação mais bem entendida, e com maior porão para receberem víveres, e aguada sufficientes a huma longa jornada; e andava ElRei tão embebido nestas idéas, que quando Bartholomeu Dias voltou da trabalhosa viagem, em que descobrio o Cabo de Boa Esperança, o encarregou do córte das madeiras, e construcção dos navios, que intentava mandar ao descobrimento do Oriente, julgando com razão, que hum Official, que acabava de experimentar as tempestades, e perigos daquelles mares incognitos, era quem podia mar-

car a força, e qualidade das embarcações capazes de os arrostar e vencer (1).

A morte não deo o tempo necessario a este Grande Monarcha para começar aquella gloriosa expedição, que a Providencia reservava para o seu feliz Successor.

Foi Capitão Mor da Frota, durante o seu Reinado, o Conde de Abranches D. Fernando de Almada, por Carta passada em Béja a 14 de Março de 1489, em confirmação de outra d'ElRei seu Pai, datada de Evora a 28 de Fevereiro de 1456.

Nos ultimos annos da sua vida mandou ElRei construir huma Náo de mil toneladas, a maior que até alli se tinha visto, tão forte de costado, que as balas não a podião passar; a qual fez huma só viagem, com outros navios ao Mediterraneo (2). Foi tambem obra sua a Torre de Caparica (Torre Velha), que guarneceo de muita artilheria; e tinha determinado levantar huma boa Fortaleza na ponta de Belem, onde depois se fez a Torre de S. Vicente; de cuja Fortaleza desenhou a planta Garcia de Rezende. Estes dous Castellos erão para defender a passagem do Rio de Lisboa para a Cidade, e entre elles devia collocar-se aquella grande Náo, como bateria fluctuante, que já com esse intento foi construida.

Considerando ElRei, que para guardar o Estreito, e as Costas de Portugal contra os Corsarios de Barberia, despendia muito nas Esquadras de Náos, que todos os annos armava, ideou guarnecer as Caravelas de canhões de grosso calibre, que atirassem tiros razantes; e como era engenhoso em todas as Artes, e muito instruido na artilheria, achando-se em Setubal, fez varios

(1) Segundo Castanheda (Liv. 1. Cap. 1.) a madeira foi cortada, e levada para Lisboa no anno de 1494.

(2) Vede a Chronica de D. João II. por Garcia de Rezende, nos Capitulos 147, e 181.

ensaios, e experiencias; e por fim pôz em pratica o seu novo plano; e as Caravelas pequenas e ligeiras achárão-se em estado de combater, e resistir aos navios de alto bordo, e muitas vezes os rendêrão; porque as balas destes, alêm de serem de pequeno calibre (ainda se não usava então de artilheria grossa no mar), passavão por alto, e as balas das Caravelas furavão os navios ao lume da agua, e os mettião a pique.

Forão por muitos annos tão temidas as Caravelas Portuguezas, que nenhuns navios, por grandes que fossem, as ousavão esperar, até que as outras Nações mudárão de systema.

1481 — Na conformidade do plano, que já tinha formado para se assegurar do Commercio da Africa Occidental, determinou ElRei mandar construir huma Fortaleza na Costa da Mina (1); e pondo este negocio em Conselho, votárão contra elle muitos Conselheiros, tendo a empreza por arriscada, e até por impossivel, mas as suas razões não fizerão impressão no animo Real; e apezar de tudo, fez preparar, a grão pressa, huma expedição composta de dez navios de guerra, duas grandes Urcas (ou Charruas), e outras embarcações de transporte, em que se embarcárão quinhentos soldados, e cem Mestres pedreiros, e carpinteiros, muitos mantimentos, e artigos de Commercio, munições, madeiras, cantaria lavrada, ferragens, cal preparada, ferramentas, e todos os materiaes que se julgárão necessarios para construir hum bom Castello, com as suas officinas, e accommodações competentes.

Para General deste Armamento nomeou ElRei a Diogo da Azambuja, Cavalleiro da sua Casa, de grandes talentos, e experiencia: erão Commandantes dos

(1) Vede Ruy de Pina, Chronica deste Rei, Cap. 2. — Galvão, Tratado dos Descobrimentos, pag. 26. — Barros, Decada 1. Liv. 3. Cap. 1. — Faria e Sousa, Asia Portugueza, tomo 3. no fim.

outros navios de guerra Gonçalo da Fonceca, Ruy de de Oliveira, João Roiz Gante, João Affonso, João de Moura, Diogo Roiz, Bartholomeu Dias, Pedro de Evora, e Gomes Ayres, todos homens nobres; e das Ursas Pedro de Cintra, e Fernão Affonso.

A 12 de Dezembro deste anno de 1481 sahio de Lisboa Diogo da Azambuja com a sua Esquadra, tendo feito partir adiante Pedro de Evora, combοiando os navios de transporte, com ordem de fazer pescaria na grande Enseada, que fica ao S. E de Cabo Verde, para provisão da Esquadra, e aguardar alli por elle. Pedro de Evora não só cumprio o que lhe era encarregado, mas assentou pazes com o Regulo Bezeguiche, Soberano daquella Bahia, que por muitos annos conservou o nome de Angra de Bezeguiche, e parece ser a da Ilha da Goréa, cujas pazes confirmou Diogo da Azambuja, que a 24 de Dezembro re reunio á Esquadra.

Levava elle instrucções, para que na Costa da Mina, comprehendida entre o Cabo das Tres Pontas e o Cabo das Redes (1), construisse hum Castello no local, que lhe offerecesse melhores proporções para ampliar, e proteger o Commercio naquelles Paizes ricos de ouro, e de outros artigos preciosos.

Não querendo por consequencia confiar de pessoa alguma hum objecto de tanta importancia, qual a escolha de similhante ponto, adiantou-se da Esquadra, e foi reconhecendo, e examinando toda a Costa até chegar á Aldea das Duas Partes, em que surgio a 19 de Janeiro de 1482; e aqui achou a João Bernardes, Commandante de hum navio d'ElRei, que estava negociando com os Negros, de quem já tinha recebido boa porção de

(1) Este Cabo chama-se hoje Monte do Diabo, situado na latitude N. 5° 28', e longitude 18° 23', obra de vinte legoas a leste de S. Jorge da Mina.

ouro em pó, e era conhecido de Caramansa, senhor daquelle Districto.

Das observações que praticára em toda aquella Costa, concluio Diogo da Azambuja, que este Porto preenchia os fins para que ElRei lhe mandava construir a Fortaleza, por ser o terreno alto, e defensavel, com bom ancoradouro, e o Paiz bem povoado, e abundante de pedra de alvenaria; não podendo temer-se falta de subsistencias, huma vez que se achasse agua doce em distancia conveniente, como succedeo.

Firme nesta resolução, desembarcou no outro dia 20 de Janeiro, e ao pé de huma arvore mandou celebrar a primeira Missa, que se disse naquellas barbaras Regiões.

Caramansa veio logo visita-lo, e com alguma difficuldade lhe concedeo a licença, que pedia, para construir huma casa na boca do Rio, em que se guardassem com segurança os objectos destinados para o Commercio, que dalli por diante os Portuguezes querião fazer em maior escala com os seus Vassallos. Os ricos presentes, que Diogo da Azambuja fez a Caramansa, a cubiça dos ganhos que o trafico promettia de futuro aos Negros, e o apparato de força que apresentava a Esquadra, vencêrão alguns obstaculos, que se offerecêrão no proseguimento da obra, que Diogo da Azambuja emprehendeo com tanta actividade, que no espaço de vinte dias poz as muralhas em boa altura, bem como o Cavalleiro, ou Torre de Homenagem, e se acabárão muitas casas interiores, apezar das doenças, e mortes de algumas pessoas (1).

(1) S. Jorge da Mina está situado na latitude N. 5° 10', e longitude 17° 20'. Tem bom ancoradouro da banda do Sul em nove e dez braças, fundo de arêa, mas com pouco abrigo. Os Hollandezes tomárão este Castello no anno de 1637, e construírão hum Forte no monte de S. Tiago, que domina o Castello, o que era de absoluta necessidade.

A esta Fortaleza chamou então Diogo da Azambuja *Castello de S. Jorge da Mina* (constituida depois Cidade por Carta de 15 de Março de 1486), ficando nelle por Governador sómente com sessenta homens de guarnição, despedio o resto da Esquadra para Portugal.

Passados dois annos e sete mezes do seu Governo, o chamou ElRei a Lisboa, e sem esperar que elle lhe requeresse, premiou os seus relevantes serviços com a magnanimidade, que costumava.

1484 — Neste anno mandou ElRei a Diogo Cam, Cavalleiro da sua Casa, a proseguir o reconhecimento da Costa Occidental da Africa, dando-lhe tres dos novos Padrões para os collocar nos lugares mais notaveis que descobrisse (1).

Sahio Diogo Cam de Lisboa, não se sabe em que dia, ou mez daquelle anno, com derrota ao Castello da Mina, para se prover do que necessario lhe fosse, e seguindo delle para o Sul, dobrou o Cabo de Lopo Gonçalves (2), que conserva o nome do seu Descobridor, e alèm do Cabo de Santa Catharina continuou a seguir a Costa, desembarcando em alguns pontos, até que chegou a hum largo Rio, em que entrou, e surgio hum pouco dentro da sua boca, onde da parte do Sul assentou hum dos Padrões, que levava, chamado S. Jorge (3).

(1) Vede Faria, Asia, tomo 1. Parte 1. — Barros, Decada 1. Liv. 3. Cap. 3. — Ruy de Pina, Cap. 57, põe esta viagem no anno de 1485.

(2) Este Cabo está situado na latitude S. de 0° 56′, e longitude 27° 47′; e he tão raro, que as arvores parecem sahir do mar; á roda delle he o fundo mui limpo. Da parte de Leste tem huma Enseada, onde se póde ancorar em oito, ou dez braças; e da banda do Norte ha outra grande Bahia com bom fundo, mas tem hum baixo na entrada.

(3) Naquelle tempo davão-se nomes aos Padrões, talvez para que ficassem aos lugares onde se assentavão.

Este Rio era o Zaire (1), assim nomeado pelos naturaes: os Portuguezes lhe chamárão Rio do Congo, por atravessar o Reino deste nome; e por muitos annos foi tambem conhecido pela denominação de Rio do Padrão.

Diogo Cam, vendo as margens do Rio mui povoadas, não ousou aventurar-se a penetra-lo, e procurou tirar informação dos habitantes, que erão Negros azevichados, e em tudo o mais similhantes aos outros daquella Costa; porêm os Linguas, que tinha a bordo, mesmo os que colhêra naquella viagem, não os entendêrão, e por acenos se percebeo, que tinhão Principe poderoso, que habitava tantos dias de jornada pela terra dentro. E como ElRei lhe ordenava nas suas Instrucções, que procurasse ganhar a confiança daquelles Povos, a fim de os persuadir a abraçarem o Christianismo, e a estabelecerem algumas relações commerciaes com os Portuguezes, e ao mesmo tempo lhe parecêrão homens pacificos, e de tão boa fé, que vinhão sem receio a bordo do seu navio, escolheo alguns Portuguezes intelligentes, pelos quaes mandou ao Rei hum presente, indo acompanhados de alguns naturaes, ganhados por dadivas que lhes fez, para os conduzirem á Cidade em que assistia; e marcou-lhes certo numero de dias para tornarem ao navio. Entretanto continuou a viver na melhor harmonia com os Negros, que o vinhão visitar, e fazer trocas de alguns generos.

(1) O Zaire, ou Rio do Congo tem mais de duas legoas de largo na boca, e traz tanta copia de agua, que entra doce pelo mar dentro o espaço de tres legoas. A ponta do Norte da sua entrada chama-se Ponta da Palmeirinha, e está situada na latitude S. de 6° 8′, e longitude 29° 5′. A ponta do Sul chama-se da Mouta Seca, porêm todas as Cartas lhe dão hoje o nome de Ponta do Padrão, ainda que Diogo Cam assentou o seu Padrão mais de huma legoa distante della pelo Rio dentro. O Capitão Inglez Maxuall subio por este Rio quarenta e cinco legoas, e diz que he navegavel por mais quinze, ou vinte; e que os maiores navios podem entrar nelle.

Passando-se porêm dobrados dias, sem os seus mensageiros voltarem, nem havendo noticia delles, determinou regressar a Portugal, e colhendo quatro dos naturaes para os levar a ElRei D. João, sahio do Rio, dizendo por acenos aos outros Negros, que dalli a quinze Luas os tornaria a trazer, e que em refens delles, lhes deixava os que levárão o presente.

Succedeo que estes quatro Negros erão homens principaes, e mais civilizados, e assim aprendêrão com tanta facilidade a lingua Portugueza, que quando chegárão ao Reino, podérão dar boa informação do seu Paiz, o que causou a ElRei grandissimo prazer; e para que não houvesse falta na promessa, que Diogo Cam fizera de os reconduzir á sua patria dentro daquelle lapso de tempo, o fez partir segunda vez para Congo.

1485 — Sahio de Lisboa Diogo Cam (1) por Commandante em Chefe de alguns navios (2), levando hum Embaixador, que ElRei D. João mandava ao de Congo com ricos presentes, para estabelecer entre ambos amizade, e commercio, e o persuadir a abraçar o Christianismo. Levava igualmente bem vestidos, e tratados os Negros, que trouxera; e chegado ao Zaire, foi o Embaixador de Portugal recebido com grande alvoroço pelo Soberano, vendo que se lhe restituião os

(1) Vede Faria no lugar citado. — Ruy de Pina, Capitulos 57, e 58. — Galvão parece confundir estas duas Viagens em huma só; pag. 26. — Barros no lugar citado diz, que Diogo Cam chegou a Lisboa, de volta da sua primeira viagem, no anno de 1486; por consequencia só neste he que poderia emprehender a segunda.

(2) Ruy de Pina (Cap. 57) diz, que ElRei *enviou sua frota armada, e provida para muito tempo*; e no mesmo sentido falla em outros lugares. Barros, e Faria não lhe dão mais de hum navio: eu segui a opinião de Ruy de Pina, não só por ser hum Escritor da maior authoridade nos successos do seu tempo, mas por me parecer natural, que ElRei mandasse huma força naval capaz de fazer a sua Bandeira tão respeitada, como desejada a sua amizade por aquelles Povos.

seus Vassallos, os quaes contavão as maravilhas que tinhão visto, e as honras, e mercês que ElRei lhes fizera; e lisongeado com a amizade que lhe offerecia hum Monarcha tão poderoso, e remoto, não sabia de que modo o satisfizesse, nem se fartava de ver, e praticar com o Embaixador, e mais Officiaes Portuguezes.

Parece que Diogo Cam, deixando aqui os seus navios com o Embaixador, para negociar o Tratado de Commercio, proseguio só o reconhecimento da Costa, e em 13° de latitude Sul assentou outro Padrão chamado Santo Agostinho, que deo nome áquelle lugar (1). E continuando a navegar para o Sul, poz terceiro Padrão em hum Cabo, a que se ficou chamando Cabo do Padrão. (2). Desembarcou elle algumas vezes por esta Costa, em que colheo Negros, que trouxe comsigo, para aprenderem a lingua Portugueza, e serem depois empregados em reconhecimentos, como forão.

Deste ultimo termo a que chegára, voltou Diogo Cam para o Zaire, cujo Principe lhe entregou, para o conduzir a Portugal, o seu Embaixador Caçuta, hum dos quatro Negros que trouxera da primeira viagem, encarregado de hum presente de dentes de elefante, varias peças de marfim lavrado, e muitos pannos de folhas de palmeira, e Cartas para ElRei D. João, nas quaes lhe pedia Sacerdotes, e Religiosos para o instruirem na Fé Catholica, e juntamente Pedreiros, e Carpinteiros para fazerem Igrejas; e Lavradores para ensi-

(1) Não encontrei este nome em Carta alguma; e ainda que Barros diz, que o Padrão Santo Agostinho foi assentado em 13° de latitude S., quem sabe se haverá aqui algum erro de impressão? He certo, que ainda ha poucos annos existia em Cabo Negro (situado em 16° 5′ de latitude S.) huma columna de jaspe com as Armas de Portugal; e por isso algumas Cartas lhe chamão Cabo do Padrão.

(2) Talvez foi collocado este Padrão na Angra de Santo Ambrosio, em 21° 6′ de latitude Sul.

narem os Negros a servir-se dos bois na cultura das terras. Com este Embaixador enviou a Portugal muitos mancebos de boas familias, rogando a ElRei os mandasse baptizar, e ensinar tudo quanto fosse necessario para poderem doutrinar os Povos quando voltassem a Congo.

Com isto se recolheo Diogo Cam a Portugal, onde chegou no anno de 1489, e foi recebido d'ElRei com as honras, e mercês, que costumava liberalizar aos Vassallos benemeritos.

1486 — Neste anno (1) descobrio João Affonso de Aveiro o Reino de Benim, situado alêm da Mina, cuja Capital estava sobre hum dos braços, em que se divide o Rio do mesmo nome, em que elle surgio, e parece que antes havia entrado no Rio dos Escravos (2). Deste Paiz trouxe João Affonso a primeira pimenta de Guiné, que appareceo em Portugal. O Rei enviou com elle hum Embaixador a D. João II., que o tratou com grande magnificencia, e o tornou a mandar a Benim com ricos presentes, e cartas para aquelle Principe, convidando-o a abraçar a Fé Catholica; e com elle forão Sacerdotes, e tambem Feitores para crearem huma Feitoria, que abrangesse o Commercio da pimenta, e o dos escravos, de que havia quantidade.

Mas o Christianismo não prosperou naquelle Reino, porque o seu Soberano só buscava aproveitar-se da amizade dos Portuguezes, para se fazer temido dos seus

(1) Barros, Decada 1. Liv. 3. Cap. 3. — Ruy de Pina, Cap. 24.

(2) O Rio de Benim, chamado geralmente Rio Formoso, está situado na latitude N. 5° 38', e longitude 23° 5'. Este Rio tem mais de duas milhas de largo, mas não he capaz de embarcações grandes, porque a sua altura não excede a treze pés. Pouco alêm da sua entrada divide-se em differentes braços, e penetra muito pelo Paiz. O Rio dos Escravos fica cinco legoas para o Sul do de Benim, e a sua entrada he perigosa.

visinhos; e por caso nenhum queria abandonar os absurdos da sua Religião. Accresce a isto ser o clima mui doentio, e assim forão os Ecclesiasticos obrigados a retirar-se, bem como os Officiaes da Feitoria da pimenta, e ficou unicamente continuando o trafico dos escravos, que durou até o Reinado d'ElRei D. João III., que o prohibio. João Affonso, que tinha dirigido o estabelecimento de Benim, foi hum dos que alli fallecêrão.

1486 — Pelas noticias, que João Affonso de Aveiro (1) trouxe de Benim, e as que o Embaixador deste Reino deo em Portugal ácerca da existencia de hum poderoso Monarcha chamado Oganá, que ficava ao Oriente de Benim por vinte Luas de marcha (o que equivalia a duzentas e cincoenta legoas), a quem os Principes deste Estado, quando succedião no Throno, mandavão seu Embaixador a pedir-lhe confirmação, e em signal della, recebião certas Insignias, entre ellas huma Cruz de latão, como a de Malta, para trazerem ao pescoço, e outra mui pequena para o Embaixador; e que o dito Monarcha não era visivel, e apenas o Embaixador via as cortinas, que o encobrião; e se lhe mostrava hum pé no acto de despedir: suspeitou ElRei, que este Potentado poderia ser o Preste João, em que tanto se fallava, e se dizia ser Christão, e andar mettido em cortinas de seda. Accrescião a isto algumas outras noticias, que recebêra por via de Jerusalem, as quaes asseguravão, que os seus Estados ficavão sobre o Egypto, e se estendião até ao mar do Sul.

A Junta dos Mathematicos, que ElRei consultou, combinando todas estas relações com a descripção da

(1) Barros, Decada 1., Liv. 3. Cap. 4. — Faria, Asia, tomo 1. Parte 1. — Parece impossivel, que Ruy de Pina não relatasse o descobrimento do Cabo de Boa Esperança, que mudou o Commercio do Mundo! Talvez se perdesse esta parte da sua Chronica.

Africa de Ptolomeu, e os descobrimentos dos Portuguezes na Costa Occidental, inclinou-se á opinião de ser aquelle Principe incoguito o Preste João; e foi de parecer, que continuando-se a reconhecer a Costa para o Sul, se chegaria a hum ponto, em que ella forçosamente devia mudar de direcção para Leste. Esta conclusão era evidente, e em consequencia determinou ElRei enviar logo pessoas intelligentes, que por mar, e por terra tentassem resolver aquelle importante problema. Como eu já fallei dos que commettêrão a jornada por terra, direi agora o que fizerão os que forão por mar.

Nomeou ElRei para Chefe desta expedição, composta de dous navios de guerra de cincoenta toneladas (1), e hum pequeno Transporte carregado de mantimentos, a Bartholomeu Dias, Cavalleiro da sua Casa, e abalizado Navegante: por Piloto do seu navio foi Pedro de Alemquer, e por Mestre N. Leitão. Commandava o segundo navio João Infante, tambem Cavalleiro da Casa d'ElRei; e era seu Piloto Alvaro Martins, e Mestre João Grego. No Transporte hia de Commandante Pedro Dias, irmão do Chefe; por Piloto João de S. Tiago, e por Mestre João Alves; todos estes Officiaes de Nautica forão escolhidos entre os mais habeis.

Bartholomeu Dias, sahindo de Lisboa pelo meado de Julho de 1486, dirigio a sua derrota ao Rio Zaire, e seguindo dalli para o Sul a Costa já reconhecida por Diogo Cam, chegou a Angra do Salto (ignoro a posição desta Bahia), nome que lhe ficou por haver nella colhido este Descobridor dous Negros, que ElRei entregou a Bartholomeu Dias, para os desembarcar naquel-

(1) Parecem-me estas embarcações de porte demasiadamente pequeno, se as toneladas naquelle tempo erão do mesmo peso, que são hoje, o que não pude averiguar.

le lugar, como fez; e para o mesmo fim levava elle quatro Negras de Guiné, das quaes deixou huma (1) na Angra dos Ilheos (2), onde parece que tambem deixou o Transporte dos mantimentos; e hum pouco ao Sul delle assentou em Serra Parda o primeiro Padrão chamado S. Tiago, e foi depois surgir na Bahia das Voltas (3), denominação que lhe deo, porque fazendo

(1) O fim politico, por que ElRei mandava introduzir nos Paizes ainda incognitos estes Negros, e Negras, todos bem vestidos, e com amostras de ouro, prata, e especiarias, era para darem idéa da riqueza de Portugal, e das suas Armadas, e espalharem fama de que trabalhava por descobrir a India, e os Estados de hum Principe chamado Preste João, que se dizia occuparem o centro da Africa; pois que desta maneira talvez lhe chegasse lá a noticia destas cousas, e mandasse alguns mensageiros á Costa do mar, onde os navios Portuguezes, que por ella traficavão, terião communicação com elles. Estes Negros hião bem instruidos no que havião de perguntar, e dizer, e com promessa de os irem depois buscar de Portugal, por serem estrangeiros naquella Região. Vede Barros no lugar citado.

(2) Esta Bahia está hum pouco ao Norte da Serra Parda, ou Rosto de Pedra (como os Portuguezes lhe chamavão), onde Bartholomeu Dias collocou o Padrão S. Tiago. Serra Parda fica na latitude S. 23° 37', e longitude 32° 10'. Barros identifica a Bahia dos Ilheos com a Serra, sendo lugares mui distinctos; porque talvez se cria no seu tempo, que a Serra Parda era a ponta do Sul daquella Bahia, de que dista mais de tres legoas.

Ha outra equivocação neste judicioso Escritor. Diz elle, que Serra Parda (Cap. 4. pag. 186) estava situada em 24° de latitude e cento e vinte legoas distante do ultimo Padrão, que deixou Diogo Cam na Manga das Arêas, a qual põe em 22° de latitude (Cap. 3. pag. 175); de modo que a differença entre estes dous Padrões seria de dous gráos em latitude, ou trinta e seis legoas daquelle tempo. Persuado-me haver aqui erro de impressão.

No anno de 1786 Sir Home Popham, e o Capitão Thompsom, andando examinando a Costa Occidental da Africa, achárão huma Cruz de marmore em hum rochedo junto á Angra Pequena, na latitude S. 26° 37', a qual tinha as Armas de Portugal, e huma inscripção, que já se não podia ler; e mostrava ser hum dos antigos Padrões. Clarke, tomo 1. Cap. 2.

(3) A sua latitude S. 29° 20', e longitude 34° 10'. Ha por aqui recifes ao longo da Costa, que tem sido pouco examinada.

muitos bordos para montar a ponta mais Austral da Bahia (que se chama ainda o Cabo das Voltas), e não o podendo conseguir, foi obrigado a entrar na Bahia, em que largou outra Negra, e se demorou cinco dias.

Sahindo dalli, deo-lhe hum N. O. rijo, com o qual correo ao Sul treze dias com as vergas arreadas a meio mastro, levando grande receio dos mares, que lhe parecião mais soberbos que os das Costas de Portugal, e quasi affogavão os navios, que erão pequenos, e razos. Abonançado o tempo, navegou com a prôa a Leste a buscar a terra, cuidando que ainda corria do Norte ao Sul, mas passados alguns dias sem haver vista delle, tomou o rumo do Norte, não suspeitando ter já dobrado o grande Cabo, que procurava, e foi dar com huma Bahia, a que chamou *Angra dos Vaqueiros*, e hoje se chama das Vaccas (1), pelo muito gado vaccum que apascentavão alguns pastores Negros, como os de Guiné, os quaes fugírão levando o gado apôs de si; e como ninguem entendia a sua linguagem, não se pôde tirar delles noticia alguma.

Continuando Bartholomeu Dias a navegar parallelamente a Costa, vio huma terra alta, que fazia duas pontas de aréa talhadas a pique sobre o mar, e proximo a ella hum Ilheo pequeno, e parecendo-lhe o lugar accommodado ao seu intento, assentou nelle o Padrão chamado da Cruz (2), de que resultou ficar-se-lhe cha-

(1) Esta Bahia das Vaccas fica da banda de Leste do Cabo do mesmo nome, situado em latitude S. 34° 30′, e longitude 39° 55′. A Bahia tem huma legoa de seio, com 8 e nove braças de fundo, e abriga dos Ponentes.

(2) O Ilheo da Cruz, situado na latitude 33° 38′, e longitude 45° 2′, he onde Bartholomeu Dias levantou o Padrão chamado da Cruz, ainda que Manoel de Mesquita Perestrello lhe chama de S. Gregorio. As duas pontas de arêa, que lhe ficão fronteiras na terra firme, chamão-se ainda Pontas do Padrão.

mando o *Ilheo da Cruz*, e *Pontas do Padrão* as duas pontas de arêa.

Aqui as guarnições dos navios começárão a queixar-se dos trabalhos de tão longa navegação, e representárão a Bartholomeu Dias, que os víveres apenas chegarião para os conduzir ao Porto, em que ficára o Transporte; e que esta Costa, correndo quasi a Leste, bem indicava ficar-lhes atrás algum Cabo, que seria do maior interesse descobrir. Vendo elle atalhado o projecto que tinha, de continuar a reconhecer aquelles Paizes, desembarcou em terra com todos os Officiaes, e alguns marinheiros mais experimentados, e debaixo de juramento lhes pedio o seu voto sobre tão importante materia, por ser este hum dos Artigos das suas Instrucções. A opinião unanime foi pela volta a Portugal, de que se lavrou termo; mas a rogos seus lhe concedêrão os votantes, que continuasse a navegação por mais dous ou tres dias; nos quaes chegárão a hum Rio pouco mais de vinte legoas distante do Ilheo da Cruz, que recebeo o nome de Rio do Infante (1), porque João Infante, Commandante do navio S. Pantaleão, foi o primeiro que nelle desembarcou.

Com grande sentimento deo Bartholomeu Dias por concluido o seu descobrimento, e voltando ao longo da Costa, descobrio finalmente o famoso Cabo, a que chamou *Tormentoso*, em razão dos perigos, e tormentas que passára em o dobrar; porêm ElRei D. João mudou este nome infausto no de Boa Esperança, pela que lhe promettia do descobrimento da India.

Feitas as demarcações do Cabo, que julgou necessarias para ser conhecido dos outros Navegantes, assentou alli Bartholomeu Dias o Padrão S. Filippe (igno-

(1) O Rio do Infante, que não he capaz de receber grandes navios, está situado na latitude S. 33° 5′, e longitude 46° 6′.

ra-se em que lugar), e seguio em demanda do Porto em que deixára o Transporte, a que chegou nove mezes depois que delle se separára. De nove individuos, que compunhão a sua equipagem, havião morrido seis, e dos tres que restavão vivos, falleceo de gosto, á chegada dos dous navios, o Escrivão João Colasso, que se achava em muita debilidade. As mortes dos outros forão causadas pela imprudencia de se confiarem dos Negros da terra, com quem fazião algum commercio, os quaes se aproveitárão d' huma occasião opportuna para os assassinarem.

Bartholomeu Dias, recolhidos os mantimentos, queimou o Transporte, que estava comido do gusano (1), e continuando a sua derrota, ancorou na Ilha do Principe, onde achou doente a Duarte Pacheco, Cavalleiro da Casa d' ElRei, que tendo sido mandado por Commandante de hum navio a descobrir os Rios da Costa, ficára naquella Ilha por não se sentir em estado de ir executar a sua commissão; e enviando entre tanto o navio a fazer algum trafico, naufragou este, salvando-se parte da gente, que tambem alli se achava. Bartholomeu Dias, recebendo todos a seu bordo, passou pelo Rio do Resgate, e Castello da Mina, cujo Governador João Fogaça lhe entregou o ouro que tinha negociado; e seguindo seu caminho para Portugal, entrou em Lisboa em Dezembro de 1487, havendo dezeseis mezes e dezesete dias que daqui partíra (2).

(1) Os navios Portuguezes não erão forrados naquelles tempos, e só o forão depois da descoberta da China, onde achárão aquella invenção; e a outra do sahimento da pôpa, que nas Náos se chama *Jardim*.

(2) Deve sentir-se, que não exista o Diario desta celebre Viagem tão superior a todas as antecedentes! E que João de Barros, que parece o teve presente, não fiasse delle hum mais extenso, e mais bem ordenado extracto! Com effeito custa a acreditar (e he com tudo verdade), que devendo Portugal á sua Marinha a melhor parte da gloria, da riqueza, e da grande consideração a que chegou, desde este Reinado

1487 — Em Agosto deste anno sahio de Lisboa huma Armada de trinta navios, levando mil homens de Infanteria, e cento e cincoenta de Cavallaria, alguns destes ultimos Criados d'ElRei, e os outros *bons Fidalgos*, *e Cavalleiros*. Estas embarcações armárão-se em Povos, e Villa Franca, por causa da peste em que ardia a Capital. Foi por General da expedição o Monteiro Mor D. Diogo de Almeida; e por seu successor no commando, em caso de vagar, D. João de Ataide, filho do Conde da Atouguia. Ignora-se o fim secreto deste armamento (1), porque o Chronista só diz, que era *para hum certo ardil na Costa da Barbaria*; e que este *ardil se desacertou*.

Chegando a armada defronte de Anafe (2), mandou D. Diogo espiar a terra, e sabendo que a duas legoas de distancia estavão alguns Aduares de Mouros da Enxovia, fez desembarcar de noite hum forte destacamento de todas as Armas, que surprehendeo os Aduares por tal maneira, que quasi sem perda sua, cativou quatrocentos individuos, entre homens, e mulheres, matou novecentos, e tomou muitos cavallos, e outros despojos, com que D. Diogo se recolheo a Portugal.

1488 — Andava ElRei com intentos de passar em pessoa á Africa (ou assim o dava a entender), e para isso fazia grandes preparativos; e querendo enviar primeiro huma Esquadra forte, que levasse mil homens de Infanteria, e quinhentos de Cavallaria, todos Nobres, e escolhidos, para a qual havia nomeado por Generaes ao Capitão dos Ginetes Fernão Martins Mascarenhas, e ao Camareiro Mor Aires da Silva, estando a Esquadra prompta a partir, veio-lhe aviso da Barbaria, que esta-

até ao de D. Sebastião, seja a Historia da Marinha a parte que se acha escrita com menos conhecimentos professionaes!

(1) Vede Ruy de Pina, Cap. 27.

(2) Já fiz menção em outro lugar desta Cidade, hoje arruinada.

vão os Mouros sabedores da expedição. Mandou logo desarmar a maior parte dos navios, e fez sahir Fernão Martins com trinta Caravelas, e cento e cincoenta Cavalleiros, Fidalgos da sua Guarda, com os quaes desembarcou em Arzilla neste anno de 1488; e unido com as tropas da sua Guarnição, e as de Tanger, fez huma entrada até alêm da ponte de Alcacer-Quibir, onde os Portuguezes ainda não tinhão penetrado, de que se recolheo com muitos cativos, e despojos (1).

Esta pequena expedição parece que foi emprehendida com o fim de esconder o verdadeiro objecto do grande Armamento, que se preparára.

1488 — Por este tempo corria mui prospero o Commercio, que os Portuguezes conservavão com os Negros Jalofos, que povoão o espaço comprehendido entre os dous Rios Senegal, e Gambia, cujo Soberano era Bemoy (2) homem prudente, e sagaz, que conhecendo as vantagens que poderia colher do auxilio de Portugal, para realizar alguns projectos politicos, deo-se a cultivar a sua amizade. Para este fim abandonando o sertão, veio estabelecer-se na Costa maritima, onde concorrião as embarcações Portuguezas com cavallos, e outros generos de muito valor; e tratava os Officiaes, e Feitores com o favor, e verdade, principalmente se erão de navios d'ElRei, a quem mandava alguns presentes de cousas curiosas, que este Monarcha acceitava, e retribuía com outros. E como ouvio dizer, que Bemoy tinha hum juizo claro, enviava-lhe mensageiros para o persuadirem a deixar o Mahometismo, e abraçar a Religião Catholica, de que elle até alli se escusára, posto que dando sempre algumas esperanças de mudança.

(1) Ruy de Pina, Cap. 36.

(2) Ruy de Pina, Cap. 37. — Barros, Decada 1., Liv. 1. Cap. 6. — Faria, Asia tomo 1. Parte 1.

Tal era o estado das cousas, quando Bemoy se achou envolvido em huma perigosa guerra civil, em que a fortuna lhe foi contraria; e querendo valer-se do favor d'ElRei, mandou hum sobrinho a Lisboa, a pedirlhe auxilio de armas, e soldados, a cuja proposta respondeoElRei, que não o podia ajudar, senão no caso de fazer-se Christão; e ao mesmo tempo lhe remetteo hum presente de cavallos por Gonçalo Coelho, Commandante de hum navio da Coroa, com o qual se retirou o Embaixador.

Passado mais de hum anno, voltou Gonçalo Coelho a Portugal, trazendo comsigo o mesmo Embaixador, que Bemoy tornava a mandar com hum presente de cem escravos escolhidos (Ruy de Pina diz, que tambem trouxe muito ouro), instando novamente pelo soccorro, e prorogando a sua mudança de Religião para depois da ruina dos seus inimigos. Mas perdendo agora huma nova batalha, ficou tão derrotado, que tomou por ultimo expediente fugir ao longo do mar para o Castello de Arguim, onde se embarcou em hum navio mercante com alguns seus parentes, e sequazes; e neste anno de 1488 entrou em Lisboa, estando a Corte em Setubal.

ElRei, avisado desta inesperada vinda, o mandou hospedar em Palmella, e a toda a sua comitiva com a maior magnificencia; e no dia que entrou em Setubal, o sahio a receber, e acompanhar o Conde de Marialva, com os Fidalgos, e pessoas Nobres da Corte, vestidos de gala. Estavão ricamente armadas as casas da Alfandega, em que ElRei pousava, e as da Rainha, que erão junto a estas. Achava-se com ElRei o Duque de Béja, e muitos Titulares, Fidalgos, e Prelados; e com a Rainha estava o Principe D. Affonso.

Entrando na Sala Bemoy, que parecia de quarenta annos, alto, e bem apessoado, a barba mui comprida,

e a presença agradavel, sahio ElRei dous ou tres passos do Throno, com *o barrete hum pouco fóra*, e assim o levou ao estrado, em que havia huma cadeira, na qual se encostou em pé para o ouvir. Bemoy, e todos os seus se lhe lançárão aos pés, fazendo acção de tomar a terra debaixo delles, e de a lançar por cima das cabeças. ElRei o levantou, e por meio de Negros interpretes lhe disse, que fallasse. O Principe Jalofo, com muita discrição, e gravidade, fez hum longo discurso, em que lhe pedio soccorro, e justiça, usando de termos, e sentenças tão apropriadas, que não parecião de hum barbaro; concluindo a final, que se a esta sua pertenção era obstaculo ser Mahometano, como Sua Alteza por vezes lhe insinuára, elle, e todos os seus que estavão presentes, vinhão a Portugal receber o Baptismo.

Respondeo-lhe ElRei em termos breves, mas de tanta satisfação, que Bemoy bem a mostrou no semblante; e despedindo-se, passou a visitar a Rainha, e o Principe D. Affonso, aos quaes em poucas palavras pedio a sua intercessão para com ElRei; e dalli o acompanhárão todos os Grandes até á casa em que estava aposentado.

Seguirão-se a esta recepção festas de touros, e Canas, e no Paço *saráos de momos*, e danças, a que assistio Bemoy sentado em cadeira defronte d'ElRei; e depois de instruido na Fé Catholica, foi baptizado a 3 de Novembro na camara da Rainha, e recebeo o nome de D. João, por ser ElRei seu padrinho. No dia 7 o armou ElRei Cavalleiro, e lhe deo por Armas huma Cruz de ouro em campo vermelho, e o escudo orlado com as Quinas de Portugal; com elle se baptizárão outros vinte e quatro dos seus. Neste mesmo dia, em acto solemne, fez homenagem a ElRei dos seus Estados.

Nas conversações particulares, que este Monarcha

teve com elle, lhe deo Bemoy muitas noticias do interior da Africa, que attrahírão a sua attenção, como dizer-lhe, que para o Oriente dos Jalofos se estendião os Povos Mozes, cujo Principe nem era Pagão, nem Mahometano, e em algumas cousas se conformava com os costumes dos Christãos; o que deo a ElRei fundamento para crer, que seria o Preste João. Além desta razão, desejava ElRei construir huma Fortaleza no Senegal, para proteger o Commercio que os seus Vassallos fazião, e para o futuro poderião ampliar muito mais, servindo-se daquelle grande Rio para penetrarem no centro do Paiz, principalmente conseguindo-se a conversão dos Jalofos; em cujo caso seria facil aos Portuguezes apoderarem-se de todo o trafico do ouro, que do vasto Reino de Mandinga concorria ás feiras de Timbouctore, e Guenná, onde o vinhão buscar as Caravanas do Cairo, de Tunes, e de outros Estados da Mauritania.

Para deliberar sobre esta materia com a madureza, que cumpria, fez ElRei varios Conselhos, em que se assentou, que mandasse huma Esquadra de vinte Galés bem armadas, para transportar, e restabelecer o Principe Jalofo nos seus Estados, para promover logo a conversão daquelles Povos ao Christianismo, e fazer a Fortaleza na bocca do Senegal.

Em consequencia armarão-se a toda a pressa vinte Caravelas, guarnecidas de muita e bem luzida gente, e foi nomeado por General Pedro Vaz da Cunha, e se embarcou muita cantaria, e madeira lavrada, e os Artifices necessarios para a construcção da Fortaleza. Hião nesta expedição, alêm de Bemoy com todos os seus, alguns Religiosos debaixo da direcção do Mestre Alvaro, Dominicano, Prégador Regio, encarregados da conversão dos Negros.

Chegado Pedro Vaz da Cunha ao Senegal com to-

da a Esquadra, que pôz espanto naquelles Povos, começou a trabalhar na Fortaleza (de que havia de ficar Governador), cujo terreno escolheo mal, por ser submettido ás inundações periodicas do Rio, e lhe começou a adoecer a gente. Nestes termos, dizendo que Bemoy lhe armava traição, o matou ás punhaladas dentro do seu proprio navio; mas he provavel que o fez por temer as doenças do Paiz, e querer voltar para Portugal, como logo fez, mal-logrando-se com este horroroso attentado o fim de huma tão dispendiosa expedição.

Mui ponderosas devião ser as causas, que obrigárão hum Soberano do caracter de D. João II. a deixar impune hum similhante crime.

1489 — Neste anno (1) determinou ElRei mandar construir huma Villa, com seu Castello, dentro do Rio de Larache, para fazer dalli maior guerra aos Mouros de Barberia, e obrigar talvez algumas Provincias a sujeitar-se a pagamento de tributo. Preparou-se huma Esquadra, em que se embarcou a gente, que pareceo sufficiente; e os Artifices, artilheria, pedra lavrada, madeira, e mais materiaes proprios para similhante obra. No principio do mez de Junho partio Gaspar Juzarte, nomeado General da expedição, com instrucções para começar logo a Villa, que teve o nome da *Graciosa*; e não levou maiores forças, porque estava ElRei persuadido, segundo a informação das pessoas por quem mandou reconhecer o terreno, que em todo o tempo do anno podião entrar, e subir pelo Rio, Caravelas, e navios; o que não era exacto. E para remediar qualquer incidente imprevisto, foi assistir em Tavira com a Rainha, o Principe D. Affonso, e toda a Corte, onde recebia avisos diarios do que se fazia em Larache.

(1) Ruy de Pina, Cap. 38. — Garcia de Rezende, Capitulos 81 e 82.

Começou-se a obra com actividade, sendo parte de alvenaria, e parte de madeira, e palissadas, para com maior brevidade se pôr em estado de defensa; mas avisado desta novidade o Rei de Féz, na raia de cujos Estados se construia a Fortaleza, convocou os seus Vassallos, e Comarcãos, e enviou adiante seu filho a ataca-la com hum Exercito, ainda que tumultuario, immenso, pois se diz ser de quarenta mil de cavallo, e maior numero de gente de pé, com o qual cercou as novas fortificações, e guarneceo as margens do Rio, para evitar os soccorros por mar.

Instruido ElRei deste cerco, e da doença de Gaspar Juzarte, como tinha prevenido hum grande armamento naval para o que podesse occorrer, expedio logo a D. João de Sousa, valente Cavalleiro, e do seu Conselho, com hum reforço de luzida gente, nomeando-o Governador da Praça sitiada, em que se reunírão agora mil e quinhentos Fidalgos, e Cavalleiros da Casa Real, a flor de toda a Corte.

Crescendo porêm mais o poder dos Mouros, e noticioso ElRei das desvantagens do Rio, de que pendia a conservação da Fortaleza, mandou, nesta perplexidade, a Fernão Martins Mascarenhas, Capitão dos Ginetes, e da sua Guarda; a D. Martinho de Castello Branco, Vedor da Fazenda (depois Conde de Villa Nova); e a D. Diogo de Almeida (que passou a Prior do Crato), homens de muita representação, e bravos Cavalleiros, que lhe erão muito acceitos, para examinarem as localidades, e voltarem a informa-lo da verdade, a fim de resolver se devia largar, ou sustentar a Graciosa. Entrados nella estes Fidalgos, chegou o Rei de Féz com o resto das suas forças; e tendo elles por deshonra sahir da Praça, em occasião similhante, encorporárão-se na Guarnição, e escrevêrão a ElRei o succedido. Neste tempo adoeceo perigosamente D. João

de Sousa, e como era forçoso vir curar-se a Portugal, ajustou com os tres Fidalgos mencionados, que deitassem sortes, para se decidir a qual havia entregar o commando; e cahindo a sorte em D. Diogo de Almeida, lha entregou logo, e partio para o Reino.

Os Mouros, animados á vista do pequeno numero dos Portuguezes, e do máo estado das fortificações da Villa, a combatêrão fortemente por varias partes; mas recebendo grande damno da artilheria, e de outros artificios de fogo, retirárão-se fóra d'alcance de canhão, e empregárão todo o esforço em atalhar a navegação do Rio. Para obterem este resultado, o atravessárão de huma a outra margem, em hum lugar abaixo da Fortaleza, onde dava váo, com duas boas estacadas parallelas entre si, guarnecendo os seus flancos de trincheira, em que cavalgárão muita artilheria grossa, que batia o canal todo, e as proximidades das estacadas.

Esta obra causou algum susto aos Portuguezes, principalmente quando souberão, que o Camareiro Mor Aires da Silva, General de huma Esquadra de soccorro ancorada na foz do Rio, querendo forçar a entrada, achou taes obstaculos, e resistencia nos Mouros, que não conseguio chegar ás estacadas, para as destruir, como intentava. Porêm nada disto fez esfriar os cercados da resolução em que estavão de se defenderem até á ultima extremidade, ou até chegar hum poderoso soccorro capaz de dar batalha aos Mouros, o qual não duvidavão que ElRei conduziria. De tudo isto foi elle avisado em Tavira, e sem perder hum instante, expedio hum reforço de navios a Aires da Silva, com ordem, que commettesse de novo a entrada do Rio, e ao menos retirasse a Guarnição da Villa, que era o que mais desejava; porque pelas ultimas informações que a este tempo já tinha das enfermidades endemicas do Paiz, e de não ser o Rio sempre navegavel, estava re-

solvido a mandar desmantelar a Fortaleza, se não estivesse de todo concluida. Partido este soccorro, fez Conselho sobre passar pesoalmente á Africa; e sendo unanime a opinião contraria, seguio o parecer de D. João de Abranches (1), que chegou por acaso no fim do Conselho, e que lhe disse, não confiasse a empreza, senão de si proprio.

Determinado pois a passar a Larache, o communicou logo aos cercados por meio de alguns Mouros peitados; e fazendo chamamento de gente por todo Portugal, se lhe offerecêrão todos, velhos, e moços com a melhor vontade.

O Rei de Féz, sabedor destas disposições, vendo por hum lado, que lhe começava a desertar a gente, atormentada, e descontente dos trabalhos do cerco; e temeroso pelo outro de ser destruido em huma batalha campal, mandou propor a Aires da Silva, que tinha poderes de Lugar-Tenente d'ElRei, que elle deixaria sahir livremente os Portuguezes com as armas, artilheria, cavallos, e mais effeitos que tivessem, se lhe entregassem a Villa, e ElRei quizesse confirmar-lhe o Tratado, que seu Pai D. Affonso V. com elle fizera no tempo da tomada de Arzilla. Aires da Silva, parecendo-lhe isto bem, por ser conforme ás intenções d'ElRei, concluio huma Tregua com o Monarcha Africano, até á volta de hum expresso que mandou a Tavira.

Acceitou ElRei a proposta, e para a conclusão do Tratado enviou a Larache Ruy de Sousa, D. Affonso de Monroi, e Diogo da Silva de Menezes, todos do seu Conselho, e da sua confiança, os quaes juntamente com Aires da Silva confirmárão tudo por hum Tratado feito em Xames a 27 de Agosto deste anno: e dados

(1) Ruy de Pina não faz menção deste Conselho, que refere Garcia de Rezende, que me parece mui verosimil que houvesse.

de parte a parte os necessarios refens, levantárão os Mouros o cerco, e os Portuguezes se recolhêrão á Esquadra com tudo quanto tinhão na Graciosa, e chegárão a salvamento a Tavira, onde forão recebidos d' ElRei, e da Corte com grande prazer, e honra.

1490 — Neste anno determinou ElRei D. João mandar huma Esquadra (1) com tropas de desembarque a Ceuta, para auxiliar huma surpreza, que se intentava fazer ao celebre Alcaide Baraxa, e deo o commando a D. Fernando de Menezes, filho do famoso Marquez de Villa Real. Constava a Esquadra de cincoenta navios, alguns de guerra, e os outros de transporte, com muita e boa gente, munições, e cavallos.

D. Fernando ancorou de noite em Gibraltar, e tendo alli aviso de seu irmão D. Antonio de Menezes, que governava interinamente Ceuta, de que era então impraticavel a projectada surpreza de Baraxa, conveio com elle em ir atacar a Villa de Targa (2); e reforçado com algumas embarcações de Ceuta, e outras de Hespanha, achou-se com dous mil homens, em que entravão cento e trinta de cavallo.

Chegado a Targa, desembarcou logo, e tomou a Villa, sem perder hum soldado, porque os moradores a desampárárão apenas avistárão a Esquadra. Aprezárão-se no Porto vinte e cinco embarcações, entre grandes, e pequenas, e nos armazens muitos canhões, armas, polvora, e munições navaes; e libertárão-se alguns Christãos cativos. Destruida por ultimo a Villa, e talados os campos, se recolheo a Esquadra a Ceuta carregada de despojos.

Mas D. Fernando de Menezes, não satisfeito des-

(1) Ruy de Pina, Cap. 41. — Garcia de Rezende, Cap. 111.

(2) Targa, edificada a cousa de oito legoas ao Sueste de Tetuão, a qual se chama hoje Tagaza, e Rio dos Alamos ao que banha os seus muros. Nos tempos antigos sahião dalli muitos Corsarios.

ta victoria, combinou-se com os Governadores de Tanger, e de Alcacer para irem assaltar Comice, lugar grande, e aberto, situado nas mais asperas, e altas serras da Barberia, ao qual os Mouros chamavão o *Encantado*. Para esta empreza se reunírão todos em Alcacer, d'onde partírão com quatrocentos homens de cavallo, e mil e duzentos de pé. Chegados a Comice, e tendo occupado os passos mais difficultosos da serra, atacárão o lugar, e o ganhárão com assás resistencia dos Mouros, que querendo salvar-se pelas brenhas, se achárão cortados. Morrêrão delles quatrocentos, e ficárão cativos cem. Os Portuguezes queimárão as casas, e com muito gado, cavallos, e outros despojos, se recolhêrão a Alcacer, perdendo alguns soldados na retirada; e D. Fernando voltou para Portugal.

1490 — O Embaixador de Congo, que Diogo Cam conduzio a Portugal no principio do anno de 1489, recebeo o Baptismo, e os da sua comitiva, com grande solemnidade em Béja, com o nome de D. João de Sousa. Achando-se agora já todos bem doutrinados nos Mysterios da Fé Catholica, determinou ElRei mandalos restituir á sua patria, e nomeou Gonçalo de Sousa, Fidalgo da sua Casa, por seu Embaixador, e ao mesmo tempo Commandante de huma pequena Esquadra de tres navios bem armados, nos quaes se embarcárão, alêm do Embaixador de Congo, muitos Religiosos, de que era o principal Fr. João, Dominicano, para começarem a instruir aquelles Povos (1), levando todos os Ornamentos, e mais cousas necessarias para a fundação de huma Igreja Cathedral; e munidos de huma Instrucção preparada em hum Conselho de Theologos, e Cano-

(1) Ruy de Pina, Capitulos 57 até 63. — Barros, Decada 1. Liv. 3. Capitulos 9 e 10. — Faria he quem traz os nomes dos dous Commandantes.

nistas, que ElRei convocou para esse effeito, e cujas sessões se fazião na sua presença. Conduzia tambem Gonçalo de Sousa hum rico e magnifico presente ao Rei de Congo, e aos Principes da sua Casa.

Erão Commandantes dos dous outros navios (naquelles tempos o Chefe, ou General de huma Esquadra commandava o seu proprio navio) Fernando de Avelar, e Affonso de Moura; e Pilatos Pedro de Alemquer, que o fôra de Bartholomeu Dias, e Pedro de Escobar.

Esta Esquadra partio de Lisboa a 19 de Dezembro de 1490, e proximo ás Ilhas de Cabo Verde fallecèrão de peste (que havião contrahido naquella Cidade) Gonçalo de Sousa, o Embaixador de Congo D. João de Sousa, o Escrivão da Esquadra, e outras pessoas, o que causou grande terror e consternação; e assim arribárão á Ilha de S. Tiago, onde, por intervenção do seu Governador Fernão de Goes, se elegeo por Commandante da Esquadra a Ruy de Sousa, primo, ou sobrinho de Gonçalo de Sousa, que hia por passageiro.

Seguindo dalli viagem, depois de muitos perigos e trabalhos, chegárão a 29 de Março de 1491 a huma Bahia, que fica por detrás da ponta do Padrão, no Rio Zaire. Era Senhor desta Provincia hum Principe chamado Mani-Sono, tio e vassallo do Rei de Congo, que assistia a duas legoas de distancia; o qual acompanhado de tres mil frecheiros veio logo visitar os Portuguezes, com grandes festas e contentamento. Ruy de Sousa o recebeo na praia á testa da melhor gente da sua Esquadra; e achou nelle tal desejo de ser Christão, antes que seu sobrinho o fosse, que a 3 d'Abril, que era dia de Pascoa, foi baptizado, e hum seu filho ainda menino, em huma Igreja de madeira tosca, que para esse effeito se construio, e adornou do melhor modo possivel; tomando elle o nome de D. Manoel, e o menino o de D. Antonio.

Concluidas estas cousas, marchou Ruy de Sousa por terra para a Corte de Congo, distante cincoenta legoas, escoltado por muitos centos de Negros, huns armados, e outros para conduzirem a bagagem, achando por toda a parte abundancia de víveres.

Entrou em Congo a 29 d'Abril, sendo recebido com a maior pompa e apparato. Começou-se a edificar a primeira Igreja (depois Sé Cathedral com Bispo natural do Paiz) no dia 3 de Maio, e concluio-se no 1.º de Junho. O Rei quiz ser baptizado no mesmo dia 3 de Maio, com o nome de D. João; e com elle se baptizárão os seis principaes Grandes da sua Corte: a Rainha o foi no dia 4 de Junho, e recebeo o nome de D. Leonor.

Depois destes Baptismos, partio o Rei para ir sujeitar á sua obediencia humas Ilhas situadas em hum grande Lago, d'onde se diz, que sahe o Zaire, as quaes se lhe havião rebellado, para cuja expedição era fama que levava oitocentos mil homens. Os Portuguezes o auxiliárão nesta campanha, em que houverão combates sanguinolentos, até que por ultimo o Chefe dos rebeldes se entregou á discrição. Acabada a guerra, voltou a Esquadra para Portugal, havendo perdido alguma gente naquella trabalhosa expedição.

Esta foi a ultima acção do Reinado memoravel de D. João II., que trabalhou constantemente não só por explorar as Costas, mas por conhecer as Provincias centraes daquella vasta Região, e estabelecer com ellas relações amigaveis, de que tirasse vantagens o Commercio de Portugal; talvez com o projecto, se o descobrimento da India não podesse realizar-se, ou ainda realizado, se se encontrassem naquella navegação obstaculos taes, que tornassem nullos os proveitos do trafico, de empregar então as suas forças em occupar os pontos principaes da Africa, de maneira que se fizesse senhor de todo o Commercio della.

A Esquadra mandada ao Senegal, posto que se tornasse inutil ao restabelecimento de Bemoy, produzio uteis effeitos, dando aos Negros mui differentes idéas das que formavão da força naval de Portugal; porque não tendo até alli visto nos seus Portos, senão pequenas embarcações costeiras (1), vírão então huma Esquadra de vinte navios de guerra bem guarnecidos de gente, e de artilheria, que podião em poucas horas arrazar as suas Povoações, e invadir o Paiz. Assim começárão as varias Nações de Negros a procurar a amizade dos Portuguezes, tanto pelas utilidades que achavão no seu Commercio, como para obter a sua protecção nas guerras e disputas, que de continuo tinhão humas com outras, como accontece entre gentes barbaras e confinantes; servindo de exemplo a cada huma o soccorro enviado a Bemoy.

Por estas razões começou ElRei D. João a ser obsequiado dos Principes Africanos com recados, e presentes, e com favores aos Portuguezes, que o Commercio conduzia aos seus Portos; de que elle habilmente se aproveitou para entabolar correspondencias com os Regulos das Costas maritimas, e por meio destes com os Soberanos mais poderosos do interior, como o dos Mandingas, dos Moses, dos Fullos, de Turucól, e Timboucton, servindo-se para estas mensagens de Portuguezes, e de estrangeiros intelligentes nas linguas, e costumes dos Povos, cujas relações de amizade crescêrão tanto, que já este Monarcha influia nos negocios, e contendas particulares daquelles Potentados, e creava Feitorias no interior do Paiz, como erigio huma na Cidade de Huadem, setenta legoas ao Oriente do Castello de Arguim. E tão respeitados forão no seu Reinado, e ainda muitos annos depois os Portuguezes, que mandando o

(1) Barros, Decada I. Liv. 3. Cap. 12.

grande Historiador João de Barros no anno de 1534 hum mensageiro ao Rei de Mandinga, sobre o Commercio do Gambia, lhe respondeo, gloriando-se de que seu avô recebêra huma similhante mensagem do outro Rei D. João de Portugal.

1493 — A 6 de Março deste anno (1) entrou em Lisboa Christovão Colombo, vindo do descobrimento das Antilhas; e como esta grande novidade obrigou ElRei D. João a armar huma Esquadra, cumpre-me dar aqui huma breve explicação deste negocio, posto que o seu objecto seja alheio destas Memorias.

Colombo, Genovez de Nação, tendo navegado no Mediterraneo, e no Oceano, e muito instruido na Arte Nautica, e na lição dos antigos Geografos, veio a Portugal, onde adquirio mais amplos conhecimentos (2) na sociedade, e conversação dos habeis Pilotos daquelle tempo, e provavelmente no estudo dos Diarios dos nossos celebres Descobridores, que devião ser então communs, e hoje por desgraça não apparecem.

Comparando pois o que achava escrito nos antigos, com os descobrimentos modernos dos Portuguezes na Africa Oriental e Occidental, e Ilhas do mar Oceano, crêo firmemente que existião terras consideraveis ao Occidente da Africa; e destes principios mui provaveis tirou consequencias falsas, capacitando-se, que navegando naquella direcção, acharia outro caminho para a India (porque suppunha os limites desta Região pouco distantes das Ilhas situadas a Oeste da Costa d'Africa), sem

(1) Ruy de Pina, Cap. 66. — Barros, Decada 1. Liv. 3. Cap. 11. — Faria, Asia tomo 1. Parte 1. — Clarke, tomo 1. Liv. 1. Cap. 2.

(2) Parece que nesta mesma Escola aprendia seu irmão Bartholomeu Colombo, o qual levou de Portugal a Inglaterra o conhecimento das Cartas Geograficas (alli ignoradas); e em 1489 imprimio em Londres, dedicando-o a Henrique VII., o primeiro Mappa-Mundi, que appareceo naquelle Paiz. Vede Clarke no lugar citado a pag. 197.

continuar os descobrimentos alêm do Cabo de Boa Esperança, cujas tormentas tinhão assustado hum dos mais ousados Navegantes, Bartholomeu Dias.

Armado destas hypotheses, importunou a ElRei D. João para que lhe confiasse navios, em que tentasse o descobrimento da India pelo caminho do Occidente. Mandou-o ElRei conferir com a sua Junta de Mathematicos, que reprovou o projecto, por ser fundado em meras conjecturas, e na existencia quimerica da Ilha de Cipango de Marco Paulo.

Escandalizado desta decisão, passou Colombo a Castella, onde obteve o commando de tres embarcações, com que se fez á véla a 3 de Agosto de 1492, e a 12 de Outubro descobrio a primeira das Antilhas, e depois algumas outras, d'onde regressou á Europa, ainda persuadido de que estas Ilhas estavão proximas a hum grande Continente, que cria ser a India; de cujo erro só o desenganárão ulteriores descobrimentos, passados annos.

Entrou elle em Lisboa jactando-se de haver achado a Ilha de Cipango, e mostrando ouro, e alguns naturaes do Paiz, que tinhão a côr, o aspecto, e o cabello não á maneira dos Negros, mas como se dizia que os tinhão os Povos Indianos; e ao mesmo passo exaggerava a grandeza, e riqueza das novas terras; o que pôz ElRei em grande cuidado; e chamando Colombo á sua presença, ouvio da sua bocca a relação da viagem. Esta narrativa, e o estranho aspecto dos homens que trazia, lhe derão suspeitas de que seria aquelle descobrimento huma usurpação dos seus direitos á conquista do Oriente. Mas por não descobrir o seu pensamento, nem se mostrar sentido de haver engeitado os seus serviços quando elle lhos offerecêra, o recebeo graciosamente, e com algumas mercês o despedio.

Convocou muitas vezes ElRei o seu Conselho, no qual prevaleceo a opinião, sobre tudo entre os Geogra-

fos que assistírão a elle, de que as Ilhas descobertas por Colombo pertencião ás Conquistas de Portugal. Em consequencia deste parecer, mandou armar huma Esquadra, de que nomeou Commandante em Chefe a D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, para ir explorar, e tomar posse daquelles novos Paizes, o que não chegou a ter effeito pelos requerimentos, e protestos da Corte de Hespanha; até que depois de varias Embaixadas, se concluio o famoso, e conhecido Tratado da divisão do Globo entre os dous Monarchas; Tratado fundado em bases arbitrarias, e abusivas, que produzio os resultados que devião esperar-se, porêm que naquelle momento evitou huma guerra.

Falleceo ElRei D. João II. a 25 d'Outubro de 1495.

Reinado d'ElRei D. Manoel.

O Governo deste feliz Monarcha foi a verdadeira Idade de Ouro de Portugal: a sua Marinha descobrio a India, conquistou as melhores Praças maritimas daquella vasta Região, e lançou os fundamentos do grande Imperio da Asia, que durou até á epoca em que a força, e a traição unírão á Coroa de Castella a Coroa de Portugal, suffocando os inalienaveis Direitos da Casa Real de Bragança; catástrofe, que attrahio sobre esta segunda Monarchia (que gozava das doçuras da paz desde mais de hum seculo) a furiosa tempestade,

que começava a alagar a Hespanha, e acabou destruindo a sua preponderancia na Europa.

Navegantes celebres, guerreiros afamados, homens de Letras, e de Estado forão communs neste Reinado; e mostrárão bem ter aprendido na Escola d' ElRei D. João II., filho do Infante D. Henrique (1).

Como ElRei conhecia que a prosperidade actual, e futura da Nação Portugueza dependeria sempre das suas forças navaes, pôz todos os seus cuidados em augmentar a Marinha. A experiencia das viagens antecedentes ensinou a construir melhores navios de Guerra, e de Commercio. Forão animadas em varias partes do Reino as plantações do linho canhamo, que não erão insignificantes, pois havião Feitores em Santarem, Coimbra, e Moncorvo; e delle se fabricavão amarras de qualidade superior ás de todos os outros Paizes (2), o que durou até ao Governo dos Hespanhoes, em que se aniquilou este ramo importante da Agricultura Nacional. Tambem se estabelecêrão Fabricas particulares de armas brancas, e de fogo de toda a qualidade; e huma por conta da Fazenda Real na Ribeira de Barcarena, cujos Mestres vierão de Biscaia, trabalhava por engenhos movidos por agua; e em Lisboa creou-se huma Fabrica Real de polvora (3). Os navios de Guerra erão construidos nesta Capital (que continha dous Arsenaes de Marinha), no Porto, e em S. Martinho; e os de Commercio fazião-se nos estaleiros particulares destes mesmos Portos, e nos de Aveiro, e Vianna (4). Toda a artilheria de bronze (quasi a unica usada naquel-

(1) Bruce diz nas suas Viagens (não me recordo em que lugar), que os Exercitos Portuguezes na Asia erão iguaes, ou superiores a tudo quanto a antiguidade nos apresenta.

(2) Severim de Faria, Noticias de Portugal, Discurso 1. §. 14.

(3) O mesmo, Discurso 2. §. 11.

(4) Couto, Memorias Militares tomo 1. pag. 287.

les tempos, e nos seguintes) era construida em Fundições Reaes e particulares (1).

Os Arsenaes da Marinha, e do Exercito estavão tão provídos de tudo, e era tal a copia de embarcações em Portugal, que quando ElRei no anno de 1508 foi a Tavira, querendo passar em pessoa a soccorrer o Castello de Arzilla, reunio em cinco dias hum Exercito de vinte mil homens, e os navios sufficientes para transporta-los á Africa (2).

No tempo deste Monarcha houverão sempre tres Esquadras empregadas em fazer guerra a Piratas, e Corsarios, que infestavão o Commercio: huma Esquadra, chamada do Estreito, cruzava pelas Costas do Algarve, e Barberia, e compunha-se ordinariamente de Fustas, e Caravelas; outra de navios maiores corria as Costas do Norte de Portugal; e outra (que se augmentou depois) cruzava sobre as Ilhas dos Açores (3). Para promover, e vulgarizar os conhecimentos Mathematicos, creou ElRei na Universidade de Coimbra em 1518 huma Cadeira de Astronomia, de que foi o primeiro Lente Filippe, seu Medico (4); e com o Raby Abraham Zacuto, seu Astronomo, consultava elle as cousas relativas á Navegação (5).

No seu Reinado teve o Officio de Capitão Mor da Frota D. Antão de Abranches, por Carta passada em Monte Mor o Novo, no 1.º de Março de 1466.

(1) Assim consta de hum Manuscrito anonymo, que examinei, e parece ser redigido pelos annos de 1635, no qual se encontrão varias Certidões authenticas, extrahidas dos Livros de Receita, e Despeza dos Armazens Reaes, o qual hei de citar algumas vezes nestas Memorias.

(2) Goes na Chronica deste Rei, Parte 2. Cap. 29; e Severim de Faria, Discurso 2. §. 15.

(3) O mesmo no lugar acima citado.

(4) Ensaio Historico sobre a origem das Mathematicas em Portugal, etc., pag. 26.

(5) O mesmo, pag. 27.

A fim de animar, e recompensar os homens, que se dedicavão ao serviço da Marinha, deo ElRei amplos Privilegios aos Pilotos, Carpinteiros de machado, e Calafates, de que fallarei quando tratar da Legislação Maritima: e para melhor defensa do Tejo, construio a Torre de Belem, que era para aquelle seculo de respeitavel força.

O augmento rapido da Marinha em numero, e grandeza de navios de Guerra, que se seguio ao descobrimento da India (consequencia forçosa do alto vôo, que tomou o Commercio) produzido pela necessidade de mandar alli todos os annos muitos navios, huns para voltarem com carga, a que por esta razão se dava o nome de *Náos da carreira*, outros para ficarem servindo naquelles Estados, onde se conservavão Esquadras permanentes, de que por ultimo se formou hum Departamento separado; tornou indispensavel a organização das lotações, e vencimentos das equipagens dos navios (1). Porêm a Disciplina Militar, ainda que não

(1) Eis-aqui o que achei (e só nelle o achei) no citado Manuscrito. A guarnição determinada para as Náos da carreira da India foi primeiro de 120 praças, classificadas deste modo: dezeseis Officiaes; quarenta e dous marinheiros, inclusos dous Estrinqueiros, que servião de Cabos de marinheiros, e de Patrões de lanchas, e escaleres; cincoenta Grumetes; quatro pagens; e oito Artilheiros. Os criados do Commandante não erão incluidos na lotação. Tinhão o nome de Officiaes, alêm do Commandante, o Escrivão, o Capellão, o Mestre, o Contra-Mestre, o Guardião, o Primeiro, e o Segundo Piloto, o Carpinteiro, o Calafate, o Tanoeiro, o Barbeiro (que servia de Cirurgião), o Condestavel, o Meirinho (que pertencia ao Corpo dos Artilheiros, e tinha a seu cargo a guarda dos prezos, a policia dos fogões, e as armas, e munições), o Cosinheiro, e o Marinheiro-Dispenseiro. Acrescentou-se depois esta lotação com hum segundo Carpinteiro, e hum segundo Calafate, e dezoito Artilheiros, completando o numero de 140 praças: e passados annos teve novo augmento, com dezoito marinheiros, e dez grumetes, sommando 168 praças; e assim se conservava em 1634. Quando as Náos levavão Commandante em Chefe (Capitão Mor), em-

menos indispensavel, caminhou com passos mui vagarosos, talvez por se lhe opporem alguns prejuizos daquelle seculo; e só muitos annos depois chegou a hum

barcavão a seu bordo seis Trombeteiros, ou Charameleiros, que não se incluião na lotação.

A ração diaria consistia em arratel e tres quartas de biscouto, hum arratel de vacca, ou meio arratel de porco, e meia canada de vinho, isto em dia de carne; e em dia de abstinencia, o mesmo biscouto, e vinho, e meio arratel de arroz, ou de bacalháo, ou de queijo. Agua huma canada para beber, e cozinhar, mas cozinhava-se huma só vez no dia. Dava-se huma canada de azeite para 60 praças, e huma de vinagre para trinta. Alêm destes mantimentos, levava cada Náo hum moio de farinha, sal, vinte alqueires de legumes, oito de amendoas, outros tantos de ameixas, e huma certa porção de mostarda, assucar, e mel, tudo entregue ao Commandante para o distribuir como quizesse. Para os doentes embarcavão-se conservas, e outras dietas, e huma ou duas boticas. As luzes fixas em huma Náo erão só tres de azeite. Os víveres calculavão-se para quatro mezes de dias de carne, e outros tantos de abstinencia, e o biscouto para dez mezes.

Os vencimentos erão regulados da maneira seguinte: O Capitão-Mor vencia 600$000 rs. de viagem redonda, e concedião-se-lhe doze criados (não inclusos na guarnição), tendo cada hum mensalmente dez tostões. O Commandante de huma Náo vencia 200$000 rs. de viagem redonda; e tinha seis criados a dez tostões por mez. O Escrivão 40$000 rs. de viagem redonda, e 12$000 rs. de emolumentos. O Capellão 2$000 rs. mensaes. O Mestre 120$000 rs. de viagem. O Contra-Mestre 50$000 rs. O Guardião 1$400 rs. por mez, e 2$800 rs. de *quintalada*, que era certa gratificação que se pagava em Lisboa adiantada. O Primeiro Piloto 120$000 rs. de viagem. O Segundo Piloto 1$200 rs. por mez, e 2$800 rs. de *quintalada*. Os Carpinteiros, e Calafates 1$600 rs. por mez cada hum, e 3$900 rs. de *quintalada*. O Tanoeiro 1$200 rs. mensaes, e igual *quintalada*. O Meirinho dez tostões mensaes. O Barbeiro o mesmo. Os Estrinqueiros o mesmo, e 2$800 rs. de *quintalada*. Os marinheiros os mesmos soldos, e *quintaladas*. Os grumetes 666 rs. por mez, e 1$800 rs. de *quintalada*. Os pagens 400 rs. por mez, e 1$200 rs. de *quintalada*. O Condestavel 1$600 rs. mensaes. Os Artilheiros dez tostões por mez.

Alêm destes vencimentos, concedião-se aos que andavão nas Náos da India certas gratificações, e *liberdades*. Ao Capitão-Mor quinze caixões do valor de 300$000 rs. cada hum, de cujos direitos se lhe perdoavão quinze por cento, e de Obra Pia 3$000 rs., e mais doze escra-

gráo de perfeição toleravel, como mostrarei com bastantes exemplos nestas Memorias.

Nem podia deixar de ser assim, em quanto se não

vos livres de frete, e direitos. A cada hum dos seus doze criados huma caixa do valor de 120$000 rs., perdoando-se dez por cento, e de Obra Pia 1$200 rs. Ao Commandante de huma Náo seis caixões do valor de 250$000 rs., abatendo-se-lhe quinze por cento de direitos; e de Obra Pia 2$500 rs. A cada hum dos seus criados, que lhe pertencião, huma caixa de 120$000 rs., perdoando-lhe dez por cento, e 1$200 rs. de Obra Pia. Ao Escrivão duas caixas de 200$000 rs. cada huma, abatendo-se-lhe quinze por cento de direitos, e 2$000 rs. de Obra Pia; e mais dous escravos livres de frete. Ao Capellão huma caixa de 120$000 rs., perdoando-lhe dez por cento de direitos, e 1$200 rs. de Obra Pia, e mais hum escravo livre de direitos. Ao Barbeiro o mesmo, excepto escravo, que não se lhe concedia. Ao Primeiro Piloto duas caixas de 200$000 rs. cada huma, com o abatimento de quinze por cento, e de Obra Pia 2$000 rs., e mais dous escravos livres de direitos. Ao Segundo Piloto huma caixa de 200$000 rs., com o abatimento de vinte por cento de direitos, e de Obra Pia 2$000 rs., e mais (por huma Provisão de Sua Magestade) dous escravos livres de frete, e de direitos. Ao Mestre duas caixas de 200$000 rs. cada huma, com o abatimento de quinze por cento, e de Obra Pia 2$000 rs., e mais dous escravos livres de direitos. Ao Contra-Mestre huma caixa de 200$000 rs., com o abatimento de quinze por cento, e 2$000 rs. de Obra Pia. Ao Guardião huma caixa de 120$000 rs., abatendo-se-lhe dez por cento, e tinha mais de Obra Pia 1$200 rs. Aos Carpinteiros, Calafates, Tanoeiros, Marinheiros-Despenseiros, e Estrinqueiros o mesmo que ao Guardião. Aos Marinheiros o mesmo, que a estes. Aos Grumetes, assim dos que pertencião aos Officiaes, como aos do serviço da Náo, huma caixa a cada hum de 80$000 rs., de que se lhe perdoavão dez por cento, e de obra Pia 800 rs. Aos Pagens hum fardo a cada hum do valor de 53$333 reis, de que se lhe abatião dez por cento. A cada Artilheiro huma caixa de 120$000 rs., de que se lhe abatião quinze por cento, e 1$200 rs. de Obra Pia.

Estes regulamentos soffrêrão alteração pelo decurso dos tempos, como se colhe da narração de Linschot, que no anno de 1583 passou á India na Náo Portugueza S. Salvador (Vede a Historia da Navegação de João Hugues de Linschot, Hollandez, ás Indias Orientaes, Amsterdam 1638), aggregado á familia do Arcebispo de Goa D. Fr. Vicente da Fonceca, e assistio naquelle Estado até o anno de 1588, em que regressou á Europa; o qual relata por extenso todos os vencimentos dos

creasse hum Corpo de Officiaes da Marinha Real, instruidos nas Sciencias Nauticas, applicadas logo á pratica da Navegação, e da Tactica Naval; sem os mancebos, destinados a seguir aquella carreira, perderem annos em estudar nas Aulas o que lhes hade esquecer no mar, onde se carece de poucas, e solidas theorias, e de muita experiencia, que nunca he demasiada.

1497 — ElRei D. Manoel, logo que sobio ao Throno (1), determinou proseguir o descobrimento do Oriente; e para este fim, achando se em Monte Mor o Novo no anno de 1496, teve sobre esta materia alguns conse-

individuos, que compunhão a guarnição do S. Salvador, onde se encontra alguma differença nos seus vencimentos, e rações.

Quero pôr aqui, por curiosidade, a lotação de huma pequena Fragata, ou Corveta (nadava em treze pés de agua), chamada Galanáo, que no anno de 1757 foi mandada cruzar na Costa do Algarve contra os Mouros, cujo Mappa tenho á vista: Hum Capitão de Mar e Guerra, dous Capitães Tenentes, hum Mestre, hum Contra Mestre, hum Guardião, tres Pilotos, dous Capellães, hum Escrivão, hum Despenseiro, dous Carpinteiros, dous Calafates, dous Tanoeiros, dous Cirurgiões, dous Sangradores, dous Cozinheiros, dous Trombeteiros, hum Timbaleiro, sessenta marinheiros, trinta grumetes, e vinte pagens. Tropa de Artilheria: Dous Condestaveis, hum Meirinho, hum Serralheiro, e trinta Artilheiros. Tropa de Infanteria: Hum Capitão, hum Tenente, hum Alferes, dous Sargentos, hum Tambor, e cincoenta e quatro Soldados.

(1) Vede Barros, Decada 1. Liv. 4. Capitulos de 1 até 4. Ainda que eu seguirei em geral a este Escritor, serei com tudo obrigado a recorrer algumas vezes a Fernão Lopes de Castanheda (Liv. 1. Capitulos de 1 até 5) para encher os vacuos, que se encontrão naquelle grande Historiador, que parece não teve noticias tão individuaes dos acontecimentos desta primeira Viagem de Vasco da Gama, como obteve Castanheda, talvez pela leitura de algum dos Diários da sua Esquadra, ou informação de pessoas a ella pertencentes. Então se deve acreditar, que Barros, sabendo as mesmas particularidades, as desprezasse, sendo tão sollicito, como era, em aproveitar todas as circunstancias, que podião relevar as suas bellas descripções, como sabem os que tem lição das suas Obras.

lhos (1), em que se derão differentes votos, sendo o maior numero, de que a India se não devia descobrir, fundando esta opinião em que, além de trazer comsigo muitos encargos, por ser Paiz mui remoto para se poder conquistar, e conservar, enfraqueceria tanto as forças de Portugal, que ficaria este sem as necessarias para a sua conservação. Em segundo lugar, que descoberta a India, cobraria este Reino novos competidores, de que já tinhão experiencia nas contestações entre ElRei D. João II. e ElRei D. Fernando de Castella pelo descobrimento das Antilhas; chegando ao ponto de repartirem entre si o Mundo em duas partes iguaes, para o poderem descobrir, e conquistar. E por ultimo, se esta ambição de Paizes incognitos produzira aquella repartição só á vista de algumas amostras dos generos, que se tiravão de Guiné, o que seria, se viesse a Portugal quanto se dizia das Regiões Orientaes?

A estas razões se oppozerão outras mais acceitas a ElRei, por serem conformes a seu desejo; e as principaes, que o movêrão, forão: ter herdado a obrigação daquella Conquista com a herança do Reino, e o Infante D. Fernando seu Pai haver concorrido para este descobrimento quando mandou descobrir as Ilhas de Cabo Verde, e mais pela singular affeição que conservava á memoria do Infante D. Henrique seu Tio, que fôra o author do novo Titulo do Senhorio de Guiné; resumindo-se a final na esperança de que Deos facilitaria os meios, que convinhão a bem do Reino.

Determinado ultimamente em continuar neste descobrimento, declarou, passado tempo, em Estremós a

(1) Damião de Goes (Parte 2. Cap. 23 da sua Chronica d'ElRei D. Manoel) diz, que estes Conselhos forão feitos no mez de Dezembro de 1495; e que determinado ElRei a continuar o descobrimento da India, mandou logo preparar os navios, no que se gastou mais de hum anno.

Vasco da Gama, Fidalgo da sua Casa, por Capitão Mor da Esquadra, que queria mandar (1), tanto pela confiança que delle fazia, como por ter direito a esta viagem; por quanto, segundo se diz, seu pai Estevão da Gama, já defunto, estava destinado para esta commissão por ElRei D. João, o qual, depois de Bartholomeu Dias regressar do descobrimento do Cabo de Boa Esperança, fez cortar as madeiras proprias para navios mais capazes; e por esta razão encarregou ElRei D. Manoel ao mesmo Bartholomeu Dias do cuidado de os acabar, segundo sabia que convinhão para soffrer os mares do Cabo da Boa Esperança; que na opinião dos Navegantes começava a crear outra fabula de perigos, como antigamente fôra a do Cabo Bojador. E assim pelo trabalho que Bartholomeu Dias levou no apercebimento destes navios, como para ir acompanhando a Vasco da Gama até o pôr em tal paragem, que lhe facilitasse a sua derrota, lhe deo o commando de huma das

(1) Segundo Goes (no lugar acima citado), ElRei fez Conselho sobre quem mandaria ao descobrimento da India, e assentou-se que fosse Vasco da Gama, Fidalgo da sua Casa, natural de Sines, homem solteiro, e de idade para soffrer os trabalhos da viagem: e que quando ElRei lhe declarou em publico a sua nomeação, Vasco da Gama lhe pedio o deixasse levar por companheiro a seu irmão Paulo da Gama, o que ElRei lhe concedeo; e nomeou depois tambem a Nicoláo Coelho, Cavalleiro da sua Casa.

Castanheda diz, que ElRei offereceo o commando da expedição a Paulo da Gama, que se escusou pela sua má saude, pedindo-lhe o conferisse antes a seu irmão mais moço Vasco da Gama, já experimentado nas cousas do mar, onde fizera muitos serviços a ElRei D. João II., e por ser homem de grandes espiritos; e que ElRei lhe deo logo huma Commenda, e dinheiro para se aperceber.

Eu desejaria, que Castanheda individuasse aqui os serviços anteriores de Vasco da Gama, que não achei em Escritor algum; ao mesmo tempo que me parece evidente, que elle os tinha feito; porque não he provavel, que ElRei escolhesse para commandar similhante expedição, em que todo Portugal tinha os olhos, a hum homem noviço nas Artes Nauticas, existindo hum Bartholomeu Dias.

embarcações, que de ordinario hião a S. Jorge da Mina.

Entrado já no anno de 1497, em que a Esquadra se achava prompta, mandou ElRei chamar a Monte Mor o Novo a Vasco da Gama, e aos outros Commandantes, que erão Paulo da Gama seu irmão, e Nicoláo Coelho (1); e ainda que lhe tinha já explicado a sua intenção, e lhe havia mandado fazer as suas Instrucções, quiz agora praticar isto com maior solemnidade, fazendo-lhe huma falla publica na presença de algumas pessoas notaveis, para isso chamadas; na qual expoz as razões que tivera para emprehender o descobrimento da India, deduzidas dos beneficios resultantes da propagação da Fé Catholica no Oriente, e do augmento de gloria, e de riqueza, que esperava de tamanha empreza, sendo esta confiada a hum homem de tanto merecimento como elle.

Acabada a pratica, todos os assistentes beijárão a mão a ElRei; e posto Vasco da Gama de joelhos, apresentou o Escrivão da Puridade huma bandeira de seda branca, tendo no meio a Cruz da Ordem de Christo (2),

(1) Goes (no lugar citado) diz, que isto foi no mez de Janeiro de 1497.

(2) As bandeiras da Esquadra de Vasco da Gama erão como esta; e quando, passados annos, houverão na India Esquadras pertencentes áquelle Estado, as suas bandeiras tinhão no meio as Armas Reaes, e por baixo dellas a Cruz da Ordem de Christo; costume, que durou até aos principios do seculo passado. Couto, Memorias Militares, tomo 1. pag. 251. Tambem parece, que as Náos da India trazião pintadas nas gavias humas grandes Cruzes vermelhas, pois, segundo Castanheda, por este signal conheceo Affonso de Albuquerque a Esquadra de Diogo Mendes de Vasconcellos, que hia de Portugal; mas ignoro quando se introduzio este costume Castanheda, Liv. 3. Cap. 34.

Devo advertir aqui, que o Capitão Mor, ou Commandante em Chefe de huma Esquadra, ou Divisão de Náos da Carreira da India, trazia bandeira no tope grande, como General; e ainda que se encontrasse com outra Esquadra qualquer, não recebia ordens do seu Chefe. Esta

sobre a qual Vasco da Gama deo em voz alta o seguinte juramento, por modo de homenagem: « Eu Vasco
» da Gama, que ora por mandado de Vós, mui Alto,
» e mui Poderoso Rei meu Senhor, vou descobrir os
» mares, e terras do Oriente da India, juro em o signal
» desta Cruz, em que ponho as mãos, que por serviço
» de Deos, e vosso, eu a ponha esteada, e não dobrada
» ante a vista de Mouros, Gentios, e de todo o
» genero de Povo aonde eu for: e que por todos os
» perigos de agua, fogo, e ferro sempre a guarde, e
» defenda até á morte. E assim juro, que na execu-
» ção, e obra deste descobrimento, que Vós, meu Rei
» e Senhor, me mandais fazer, com toda a fé, lealda-
» de, vigia, e diligencia eu Vos sirva, guardando, e
» cumprindo vossos Regimentos, que para isso me fo-
» rem dados, até tornar onde ora estou ante a presen-
» ça de Vossa Real Alteza, mediante a Graça de Deos,
» em cujo serviço me enviaes. »

Feito este juramento, foi-lhe entregue a mesma bandeira, com hum Regimento, em que se continha o que devia fazer na viagem, e algumas Cartas para os Principes Indianos, a que propriamente era enviado, assim como ao Preste João, e ao Rei de Calecut, com todas as informações, e documentos, que ElRei D. João tinha havido daquellas partes.

Concluido este acto, partio Vasco da Gama para Lisboa com os outros Commandantes; e na entrada de Julho, achando-se os navios prestes, mandou recolher a gente abordo para sahir, sem attender á eleição dos mezes, porque naquelle tempo não se conhecião ainda as monções. Estavão os navios surtos em Belem, e na vespera da sua partida foi Vasco da Gama ter *vigilia* com

preeminencia durava até ao seu regresso a Portugal, ainda que se reduzisse a Esquadra ao seu unico navio.

todos os Commandantes na Ermida de Nossa Senhora, que o Infante D. Henrique fundára naquelle sitio, em que estavão alguns Freires do Convento de Thomar para administrarem os Sacramentos aos navegantes. No dia seguinte 8 de Julho concorreo alli muita gente, huns por devoção, outros para se despedirem dos que partião; e Vasco da Gama embarcou-se acompanhado de huma devota Procissão, que os Freires ordenárão, seguida de toda a gente da Cidade, entoando a Ladainha, até chegarem á praia, onde estavão os escaleres da Esquadra; e ajoelhados todos, o Vigario da Casa os absolveo na fórma das Bullas, que o Infante D. Henrique obtivera para os que fallecessem nestes descobrimentos, e conquistas; acto que se concluio com lagrimas, como era natural acontecer em tal occasião.

Constava a Esquadra de tres navios de Guerra (1),

(1) Castanheda affirma, que ElRei, aproveitando-se das Instrucções e Regimentos feitos pelo seu antecessor, mandou construir dous navios das madeiras já cortadas, hum de cento e vinte toneladas, por nome S. Gabriel, e outro de cem toneladas, chamado S. Rafael; e comprou huma Caravela de cincoenta toneladas a hum Piloto chamado Bérrio, de quem ella conservou o nome. E que como nos navios da Esquadra não cabião mantimentos para tres annos, comprou mais outra embarcação de duzentas toneladas, para ir carregada de mantimentos até á Aguada de S. Braz, e ser alli despejada, e queimada. A guarnição da Esquadra, segundo o mesmo Historiador, era de cento e quarenta e oito pessoas; e Bartholomeu Dias só a devia acompanhar até ás Ilhas de Cabo Verde.

Pedro Barreto de Rezende no seu Epilogo manuscrito dos Vice-Reis da India, escrito em 1635 (Obra de que Barbosa não teve noticia), diz, que a guarnição dos tres navios de Guerra era de cento e sessenta homens, entre soldados e marinheiros.

Faria e Sousa (Asia Portugueza, Tomo 1. Parte 1. Cap. 14.) diz, que a guarnição da Esquadra se compunha de cento e sessenta pessoas de mar e guerra, e parece excluir a equipagem do navio dos mantimentos, a que chama hum *Barco*: que Vasco da Gama levava por Confessor a Fr. Pedro de Cobilhões, Religioso da Santissima Trindade, o primeiro Sacerdote que passou ao Oriente: que Fernão Martins, e Mar-

e hum Transporte de mantimentos: no primeiro, chamado S. Gabriel, hia Vasco da Gama, levando por Piloto a Pedro de Alemquer, que se achára no descobrimento do Cabo da Boa Esperança, e por Escrivão Diogo Dias, irmão de Bartholomeu Dias: do segundo navio, por nome S. Rafael, era Commandante Paulo da Gama, Piloto João de Coimbra, e Escrivão João de Sá: commandava o Bérrio Nicoláo Coelho, era seu Piloto Pedro Escolar, ou Escobar, e Escrivão Alvaro de Braga; o Transportes levava só alguns marinheiros, e commandava-o Gonçalo Nunes. O total da guarnição destes navios era de cento e setenta homens, entre marinheiros, e homens de armas (soldados armados offensiva e defensivamente); e o porte de cem até cento e vinte toneladas (1).

tim Affonso erão Pilotos, e servião de interpretes; e que entre os soldados se distinguião Fernão Veloso, Alvaro Velho, e os dous irmãos Pedro de Faria e Figueiredo, e Francisco de Faria e Figueiredo, que fallecêrão no Cabo das Correntes, o ultimo dos quaes era hum illustre Poeta Latino.

He preciso saber, que Vasco da Gama levava dez ou doze degradados para deixar nos Portos, que bem lhe parecesse, os quaes não erão incluidos na guarnição da Esquadra.

(1) O celebre Historiador Robertson achou que os tres navios, de que se compunha a Esquadra de Vasco da Gama, erão em demasia pequenos, e sem a força necessaria para aquella commissão. (Clarke, Tomo 1. Cap. 2.)

Eu creio, pelo contrario, que estes navios, relativamente ás circunstancias do tempo, erão mui adequados para preencherem os fins, que ElRei D. Manoel se propunha nesta primeira expedição, os quaes se reduzião a marcar a linha da navegação para o Oriente; a examinar o estado Commercial e Politico daquella vasta Região, quasi desconhecida, sem espantar os seus Reis com hum apparato de força, que os obrigasse a ligarem-se desde logo para mal-lograr qualquer tentativa, que os Portuguezes depois arriscassem para se firmar no Paiz; e a explorar, e reconhecer os Portos mais opportunos para arribadas, e estabelecimentos mercantís.

Accresce a estes motivos a facilidade, que dava a Vasco da Gama

No mesmo dia 8 de Julho de 1497 sahio Vasco da Gama com a Esquadra, e o navio da Mina de Bartholomeu Dias, dando aos Commandantes por ponto de reunião a Ilha de S. Tiago, no caso de occorrer alguma separação. Aos oito dias de viagem avistou as Canarias, e com a cerração e máo tempo que sobreveio, se apartárão de noite os navios, reunindo-se no fim de oito dias, menos o de Vasco da Gama, que encontrárão na tarde de 27, e o salvárão com tiros de artilheria, e toques de trombeta (costume daquelle tempo); e no dia seguinte (1) seguio toda a Esquadra na Ilha de São

a mesma pequenez dos seus navios, para evitar os riscos de huma navegação, que alêm do ponto a que chegou o famoso Bartholomeu Dias, era desconhecida; e até se ignorava se os navios grandes de quilha acharião Portos, Rios, e Bahias em que se abrigassem das tempestades, e podessem refazer-se de víveres, e aguada. E da experiencia do passado se deduzia, que se devião encontrar naquelles mares virgens muitas Ilhas, e baixos, huns occultos, outros descobertos; circunstancias em que as embarcações pequenas tem toda a vantagem sobre as grandes, não só pela rapidez com que virão, e manobrão, mas por passarem a salvo por cima de bancos, e parceis, em que os grandes naufragão; e acharem tambem guarida em Portos, e Rios, onde estes não tem fundo sufficiente para ancorar.

De resto a observação critica de Robertson converte-se em louvor de Vasco da Gama, porque sendo certo, que merece mais louvor quem com poucos meios obtem grandes resultados, se se compararem os escassos auxilios que as Artes, e as Sciencias, ainda infantís naquelle seculo, derão a Vasco da Gama para completar a sua viagem; com os immensos soccorros de toda a especie, que as mesmas Artes, e Sciencias em todo o seu vigor no seculo passado fornecêrão a Cook, Vancower, e La Peyrouse, persuado-me, que todo o homem intelligente, e desapaixonado escolheria ser antes hum Vasco da Gama, do que qualquer destes illustres Navegantes.

Porêm esta materia pedia huma Dissertação, que por não caber nos estreitos limites de huma Nota, deixo para outro tempo.

(1) Segundo Barros, Vasco da Gama chegou com treze dias de viagem á Ilha de S. Tiago, isto he, a 21 de Julho; mas Castanheda, e Damião de Goes (Parte 1. Cap. 35) dizem que foi a 28, opinião que eu segui fundado na particular individuação, que faz Castanheda desta viagem.

Tiago, onde gastou sete dias em fazer aguada, e reparar as avarias da tormenta passada.

A 3 de Agosto partio desta Ilha Vasco da Gama, despedindo-se de Bartholomeu Dias, que seguio viagem para a Mina, e elle para o Cabo de Boa Esperança, navegando mais amarado, em cuja derrota consumio os mezes de Agosto, Setembro, e Outubro, com muitas tormentas de ventos, chuvas, e cerrações; até que achando-se na altura, que julgou sufficiente para ir demandar a Costa da Africa, virou no bordo de Leste, e a 4 de Novembro descobrio terra com tanto prazer de todos, que os Commandantes o salvárão com os navios embandeirados. Porêm aproximando-se da Costa, e não a conhecendo, virou no mar, e seguio o bordo por tres dias; e virando outra vez na terra, foi entrar em huma grande Bahia, a que pôz o nome de Santa Helena (1), com intento de fazer aguada. Os habitantes vestião-se de pelles, erão pequenos de corpo, mais baços que os Negros de Guiné, de aspecto feroz, e fallando parecia que soluçavão.

Surta a Esquadra, e observando Vasco da Gama, que em toda a Bahia não desembocava ribeira alguma, em que podesse fazer agua, enviou Nicoláo Coelho ao longo da Costa na sua lancha, o qual descobrio hum Rio de agua doce dalli quatro legoas, a que pôz nome de S. Tiago, e delle se provêrão os navios (2).

No dia seguinte ao da sua chegada, desembarcou Vasco da Gama com todos os Commandantes, e Pilotos para tomar a altura do Sol com hum grande

(1) A Bahia de Santa Helena está (a sua ponta do Norte) em 32° 25′ de latitude Sul, e 36° de longitude. Os Povos desta Bahia são hoje chamados Hotentotes.

(2) O bom juizo de Vasco da Gama lhe fez ver a necessidade de renovar a aguada, sempre que o podia fazer. Era huma das maximas de Cook para conservar a saude da sua gente.

Astrolabio de madeira de tres palmos de diametro, o qual, posto que mais exacto do que os outros Astrolabios pequenos de metal que levavão, não podia ter uso a bordo de embarcações tão pequenas, que arfavão muito com o mar, por ser necessario suspende-lo em huma especie de cabrilha. Alêm disso desejava colher alguma lingua de terra, e saber a distancia a que lhe ficava o Cabo de Boa Esperança, de que o Piloto Mor Pedro de Alemquer se fazia trinta legoas (1), ainda que não conhecia a terra, por haver passado de largo quando foi ao descobrimento do Cabo com Bartholomeu Dias.

Entre tanto alguns Portuguezes, que andavão espalhados pelas praias e matos, derão com dous Negros, que estavão apanhando mel aos pés das moutas com tições de fogo na mão, dos quaes segurárão hum. Vasco da Gama, porque não havia quem o entendesse, e elle de assombrado não acodia aos acenos, mandou vir dous grumetes, de que hum era negro, e estes o provocárão a comer e beber; e a final mostrou por acenos humas serras, que serião duas legoas, dando a entender que junto dellas estava a sua Povoação. Vasco da Gama o mandou soltar, dando-lhe cascaveis, contas de vidro, e hum barrete vermelho, acenando-lhe que se fosse, e tornasse com seus companheiros, para lhes dar outro tanto; o que elle fez logo, trazendo aquella tarde dez ou doze, que recebêrão iguaes presentes; e apresentando-lhes amostras de ouro, prata, e especiaria, de nenhuma derão noticia.

No outro dia já com estes vierão mais de quarenta tão familiares, que hum soldado chamado Fernão Ve-

(1) Este calculo de Pedro de Alemquer, hum dos melhores Pilotos daquelle tempo, era sufficientemente exacto, e por isso mesmo deve parecer hoje extraordinario.

loso pedio licença a Vasco da Gama para ir com elles ver a Povoação, o que lhe foi concedido.

Partindo Fernão Veloso com os Negros, e recolhendo-se Vasco da Gama ao seu navio, ficou Nicoláo Coelho ainda em terra para dar guarda á gente, em quanto huns apanhavão lenha, e outros mariscavão lagosta, por haverem alli muitas. Paulo da Gama vendo andar entre os navios muitos balcatos atraz do cardume do peixe, foi com dous escaleres a elles, e ferindo hum, como o cabo do harpão estava amarrado aos toletes do escaler em que elle hia, esteve quasi virado com o barafustar do baleato, de cujo perigo escapou por ser o cabo comprido, e o fundo tão pouco, que o baleato deo em seco, e não pôde mais nadar, o qual servio de refresco.

Sendo já sobre a tarde, appareceo Fernão Veloso descendo por hum monte mui apressado. Vasco da Gama, como tinha os olhos em sua tornada, mandou bradar ao escaler de Nicoláo Coelho, que se recolhia de terra, que tornasse a ella para o recolher, porque Fernão Veloso nunca deixava de fallar em valentias, quando o vírão descer á praia, a acinte se detiverão em o soccorrer: a qual detensa deo suspeita aos Negros, que estavão emboscados, de que Veloso fizera algum signal que não desembarcassem. E querendo elle entrar no escaler, arremetêrão dous Negros a elle pelo entreter, da qual ousadia sahírão castigados, a que acodírão os outros; e foi tanta a pedrada, e a frechada sobre o escaler, que quando Vasco da Gama chegou, foi ferido em huma perna, assim como Gonçalo Alvares, Mestre do Navio S. Gabriel, e dous marinheiros. Vendo Vasco da Gama, que com elles não havia meios de paz, mandou remar para os navios, e á despedida alguns Besteiros empregárão nelles a sua munição, por não ficarem sem castigo. Passados quatro dias, deo Vas-

co da Gama á véla a 16 de Novembro (1), com vento S.S.E., sem levar informação da terra, como desejava, porque Fernão Veloso não vio cousa que contar, senão o perigo que dizia passar entre os Negros; os quaes tanto que se apartárão da praia, o fizerão tornar como querendo-o ter por negaça, para quando o fossem recolher commetterem alguma maldade, como intentárão.

Na tarde do dia 18 vio Vasco da Gama o Cabo de Boa Esperança, e como o vento lhe era contrario para o dobrar, foi de dia no bordo do mar, e de noite na terra até ao dia 20 (2), que com menos perigo do que se esperava, o dobrou, indo ao longo da Costa com vento em pôpa, com grandes folias, e tanger de trombetas; e dia de Santa Catharina (25 de Novembro) chegou á Aguada de S. Braz (3), sessenta legoas alêm do Cabo. E posto que achou Negros de cabello revolto, como os passados, estes sem receio algum chegárão aos escaleres a receber as cousas, que lhes lançavão na praia, e por acenos começárão logo a entender-se com os Portuguezes, e derão carneiros em troca de outras cousas;

(1) Segundo Castanheda, e Goes (Cap. 36), que trazem esta precisa data da sahida de Vasco da Gama da Bahia de Santa Helena.

(2) O Cabo de Boa Esperança he o mais famoso, e conhecido de toda a Africa, por isso julgo inutil a sua descripção; só advertirei, que a Bahia da Meza he a verdadeira Aguada de Saldanha, onde os Cafres matárão ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida, com a flor dos Officiaes da India, que o acompanhárão na imprudente correria, que fez naquelle Paiz, então selvagem. A ignorancia dos Navegantes Hollandezes deo o nome de Bahia de Saldanha a outra grande Bahia, cuja ponta do Norte está em 33° 5′ de latitude Sul, e 36° 1[illegible] de longitude. A situação do Cabo de Boa Esperança, no ancoradouro da Cidade, he a seguinte: latitude Sul 33° 54′ 24″, e longitude 36° 34′ 25″.

(3) A Aguada, ou Bahia de S. Braz, tem na ponta de Oeste 34° 32′ de latitude Sul, e 40° 10′ de longitude. Esta Bahia tem tres legoas de boca, com fundo limpo, e ha nella hum Ilhote: abriga muito dos ventos Ponentes. Chamão-lhe os Inglezes Flesh-Bay.

mas de gado vaccum nunca podérão haver delles huma só cabeça; parece que o estimavão, porque alguns bois mochos, que trazião, andavão limpos, e bem pensados, e vinhão as mulheres montadas nelles com albardas de tabúa. Em tres dias, que Vasco da Gama se deteve, tiverão os Portuguezes muito prazer com elles, por ser gente prazenteira, dada a tanger, e bailar, entre os quaes havia alguns, que tocavão em huma especie de frautas pastorîs, que em seu modo parecião bem. Desta Bahia se mudou Vasco da Gama para outra dalli perto, porque entre os Negros e a gente da Esquadra houverão algumas contestações, indo elles ao longo da praia caminhando sempre á vista dos navios, até ancorarem. E porque quando chegárão hia já grande numero de Negros mais em modo de guerra, que de paz, mandou-lhes atirar alguns tiros de peça por alto, sómente pelos assombrar, e foi tomar outro ancoradouro a duas legoas de distancia, onde recolheo os mantimentos que levava no Transporte, e o queimou.

Partindo deste lugar a 8 de Dezembro, no dia 12 lhe deo hum temporal em pôpa, com o qual correo a arvore seca; e ainda que Nicoláo Coelho se separou, logo na noite seguinte se tornou a reunir. Abonançando o tempo, vírão a terra no dia 16, onde chamão os Ilheos Chãos (1), cinco legoas avante do Ilhéo da Cruz, em que Bartholomeu Dias deixou o derradeiro Padrão. A terra era graciosa, com muito gado e arvoredo, o que se percebia dos navios, por irem mui perto della; e fazendo-se já com o Rio do Infante, capeárão de noite, e no dia seguinte saltou o vento ao Levante, com o qual andárão bordejando. No dia 20 passou o vento ao Ponente, e indo reconhecer a terra, achárão-se no outro dia com o Ilhéo da Cruz, sessenta legoas a ré do ponto

(1) Já tratei delles na Viagem de Bartholomeu Dias.

em que se fazião, de que erão causa as grandes correntes; mas crescendo muito o Ponente, vencêrão a corrente da agua, e dia de Natal avistárão a Costa, a que chamárão (1) deste mesmo nome.

A 10 de Janeiro de 1498 (2) indo a gente a quartilho d'agua, cosinhando-se já com agua salgada, ancorárão defronte do Rio, a que derão o nome de Rio de Cobre, onde comprárão aos Negros muitas manilhas deste metal, e marfim, e mantimentos, tendo tanta communicação com elles, por Vasco da Gama os satisfazer com dadivas, que Martim Affonso, pratico em muitas linguas de Negros, e que entendia a destes, foi á sua Aldea, cujo Chefe não só o recebeo com grande festa, mas quando tornou ao navio, pelo honrar mandou com elle mais de duzentos homens. Depois elle e outros vierão visitar os navios, e em seu tratamento mostravão habitar em terra fria, por virem alguns vestidos de pelles; e por causa da muita familiaridade, que tiverão com os Portuguezes em cinco dias que a Esquadra se deteve neste ancoradouro, lhe pôz Vasco da Gama o nome de Aguada da Boa Paz. E sahindo a 15 de Janeiro (3), começou a afastar-se da terra, com que de

(1) A terra do Natal começa em latitude Sul 32° 17', e 47° 2' de longitude, e acaba na latitude de 30°, e longitude 48° 58'. O Rio do Natal entra no Oceano Indico em 30° de latitude, e he o maior daquelle Paiz: tem na boca huma barra com dez ou onze pés d'agua, e dentro mais fundo.

(2) Barros diz, que foi a 6 de Janeiro, dia de Reis, e por isso derão este nome ao Rio. Castanheda, e Goes (Cap. 36) dizem, que fôra no dia 10, cuja data combina com as circunstancias, que relata o primeiro destes dous ultimos Escritores. Este Rio dos Reis, ou do Cobre he o mesmo, que a Aguada da Boa Paz: he hum Rio pequeno, em que não podem entrar navios, os quaes são obrigados a dar fundo por fóra dos recifes. Está na latitude Sul 24° 45', e longitude 51° 43'. Em todas as Cartas tem o nome de Rio do Cobre.

(3) Barros não traz as epocas da sahida de Vasco da Gama da Agua-

noite passou o Cabo das Correntes (1); porque começava a Costa a encurvar-se para Oeste, e sentindo que as aguas o apanhavão para dentro, temeo ser alguma Enseada penetrante, d'onde não podesse sahir.

Este temor lhe fez dar tanto resguardo, por fugir da terra, que passou sem haver vista de Sofalla (2), Cidade tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro, que os Mouros alli recebem dos Negros da terra por via do Commercio, segundo depois soube: e a 24 chegou á boca de hum Rio mui grande, alêm delle cincoenta legoas, vendo sahir delle alguns barcos com vélas de palma, equipados de Negros de boa estatura, cingidos de pannos de algodão azul, que sem medo algum entrárão nos navios. Entre estes e outros que concorrêrão depois, havião alguns fulos, que parecião mestiços de Negros, e de Mouros. Muitos trazião turbantes brancos, e de seda de varias cores, e alguns tambem entendião palavras do Arabe, que lhes fallava Fernão Martins, marinheiro, ainda que o seu idioma proprio ninguem o entendeo. Por estas palavras, e por acenos disserão, que para o Nascente havia gente branca, que navegava em navios como aquelles, os quaes vião passar por aquella Costa em differentes direcções.

Todas estas circunstancias derão grande animo aos Navegantes, com a certeza de se irem aproximando á India, e por esta causa chamou Vasco da Gama a este Rio dos Bons Signaes (3). E vendo a segurança, e boa

da da Boa Paz, nem da sua chegada ao Rio dos Bons Signaes; porêm achão-se em Castanheda, e Damião de Goes, d'onde as copiei; porque as datas das sahidas, e entradas de Portos são essenciaes na Historia de huma Viagem.

(1) Situado na Costa da Africa Oriental, latitude Sul 23° 40', longitude 54° 50'.

(2) Cidade mui rica pelo seu Commercio do ouro, situada na Costa Oriental da Africa, na latitude Sul 20° 22', e longitude 53° 21'.

(3) Este Rio he o Zambése, que penetra cento e oitenta legoas pe-

fé dos Negros no trafico que tinhão com os seus, vendendo-lhes mantimentos da terra, carenou, e concertou os navios, por virem já mui çujos, e comidos do gusano (1), em que gastou trinta e dous dias; e neste meio tempo, com auxilio dos naturaes, pôz hum Padrão por nome S. Rafael, dos que levava para este descobrimento.

Mas para não ficar sem desconto de trabalhos este prazer das boas novas, adoeceo aqui muita gente, de que morreo alguma; a maior parte de inchações de pernas, á maneira de erisípolas, e de lhes crescer tanto a carne das gengivas, que quasi não cabia na boca aos homens (era o escorbuto, ainda então mal conhecido), e assim como crescia, apodrecia, e cortavão nella como em carne morta (2). A qual doença vierão depois a perceber,

lo Imperio de Monomotapa, e entra no mar por varias bocas, a mais conhecida das quaes he a de Quilimane, cuja ponta do Norte está em latitude S. 17° 47', e longitude 56° 30'. Chama-se-lhe vulgarmente Rio de Sena.

(1) O gusano (supposto que este seja o mesmo que o do Brazil), róe, e consome todas as madeiras, excepto as mui amargosas, como a Tapinhoan, ou as que tem alguns succos em certo gráo venenosos, como o páo de Arco do Pará, cuja serradura mata alguns insectos. As madeiras que não tem estas propriedades, e só tem a de serem mui compactas, resistem mais ou menos tempo, mas por ultimo são destruidas. O pinho he de todas as madeiras a que elle desfaz mais de pressa. Eu vi no Rio de Janeiro o forro do fundo da Náo S. Sebastião (que era de pinho) ficar em menos de hum anno em estado, que muitas taboas se achavão reduzidas a poucos filamentos, que formavão como huma renda; e nesta occasião he que se colheo hum gusano, que tinha duas pollegadas, e algumas linhas de comprido, a côr esbranquiçada, e em tudo similhante á minhoca, excepto a cabeça, que era mais grossa, do que deveria ser, segundo a grandeza do corpo, e terminava em huma boca redonda, e atrombetada. Morreo logo que se expoz á acção do ar.

Algumas pessoas tem-lhe dado o nome de Cupim do Mar, porêm elle não tem a menor similhança com o Cupim, que he hum bichinho de côr fusca, do tamanho, e feitio dos bichos das fructas.

(2) Refere Castanheda, que Paulo da Gama visitava os doentes de dia, e de noite, consolando-os, e repartindo com elles da sua matalotagem.

que procedia das carnes, pescado salgado, e biscouto corrompido de tanto tempo. Tiverão mais dous grandes perigos: hum foi, que estando Vasco da Gama á borda do navio de seu irmão em hum bote pequeno, só com dous remeiros, e tendo as mãos pegadas nas cadêas da batocadura, em quanto fallava com elle, descia a agua tão teza, que lhe furtou o bote por baixo, e elle, e os marinheiros ficárão pendurados nas cadêas até que lhes acodírão. O outro perigo aconteceo a este mesmo navio o dia da sua partida, que foi a 24 de Fevereiro: sahindo do Rio, foi encalhar em hum banco de arêa, onde esteve em termos de ficar; mas vindo a maré de cheio, sahio do perigo, com que Vasco da Gama seguio seu caminho, indo na volta do mar aquelle dia e noite (1), por se afastar da Costa; e no dia seguinte á tarde descobrio tres pequenas Ilhas (2), não mui distantes humas das outras, duas com arvoredo, e huma escalvada. Vasco da Gama continuou por cinco dias a sua derrota, navegando de dia, e pairando de noite; e na tarde do 1.º de Março vio huma Ilha pequena perto da Costa, e tres Ilhéos mais fóra. Receoso de topar de noite com elles, virou no mar; e como amanheceo, tornou a buscar as Ilhas, desejoso de passar entre ellas; e mandou diante Nicoláo Coelho para ir sondando, por ser o seu navio o mais pequeno da Esquadra; mas Nicoláo Coelho errou o canal, e achando pouco fundo, virou, a tempo que sahião da Ilha mais chegada á terra alguns barcos com vélas de esteira, que lhe ficavão em distancia de mais de huma legoa; e chegando á falla de Vasco da Gama, lhe disse:

(1) Barros não individúa circunstancia alguma da viagem de Vasco da Gama, desde o Rio dos Bons Signaes até Moçambique; as que eu refiro são tiradas de Castanheda.

(2) Erão as Ilhas do Fogo, das Arvores, e a Rasa, chamadas as Ilhas Primeiras. Vasco da Gama passou sem ver as de Angoxa.

Que vos parece, Senhor? Já esta he outra gente. E elle lhe respondeo mui contente, que seguissem o bordo do mar, para poderem tomar aquella Ilha, d'onde sahírão os barcos; e que surgirião para saberem que terra era, e se acharião noticias da India.

Entre tanto os barcos os seguião sempre, capeando-lhes que esperassem; e nisto deo fundo a Esquadra junto a dous Ilhéos, apartados mais de huma legoa da Ilha, a hum dos quaes deo Vasco da Gama o nome de S. Jorge, por ser este o de hum Padrão, que alli metteo. Os barcos chegárão logo cantando, e tocando seus instrumentos, em signal de festa: os homens, que nelles vinhão, erão baços, e alguns brancos, de boa estatura, vestidos de algodão listrado de varias cores, com turbantes, alfanges, e adagas, e fallavão Arabe.

Entrados nos navios, hum dos mais bem vestidos perguntou o que buscavão? Vasco da Gama respondeo, por meio de Fernão Martins, que erão Portuguezes, e elle queria saber, que Ilha era aquella? Ao que o Mouro (que depois se soube ser natural do Reino de Féz) satisfez dizendo, que se chamava Moçambique (1), de que era Xeque Çacoeja, que mandava por costume visitar os navios, que chegavão, para saber se vinhão commerciar na Ilha, ou sómente prover-se para continuarem a viagem. Vasco da Gama então lhe disse, que elle vinha áquelle Porto a buscar hum Piloto, que o levasse á India, para onde era o seu destino, e não trazia generos para negociar, excepto os precisos para a troco delles comprar o que lhe fosse necessario. Com isto o despedio, dando-lhe hum presente para o Xeque, assegurando-lhe o astuto Mouro, que havia na Ilha quantidade de Pilotos, que sabião a Navegação da India.

(1) Esta Ilha he bem conhecida, está na latitude Sul 15° 3′, e longitude 58° 27′.

Pouco depois voltou com algum refresco da terra, e hum recado do Xeque, que moveo Vasco da Gama, com parecer dos Commandantes, a entrar no Porto de Moçambique, o que fez, indo Nicoláo Coelho diante sondando, cujo navio tocou da pôpa em huma restinga da Ilha, onde deitou o leme fóra; porém dando logo em maior fundo, foi surgir junto da Povoação; e após elle toda a Esquadra. Esta Povoação era de casas palhaças, excepto a Mesquita, e as do Xeque. Os habitantes erão Mouros estrangeiros, que alli se estabelecêrão, e commerciavão com Quilôa, e Sofalla; e os naturaes do Paiz erão Negros, que moravão na terra firme.

Nas Memorias relativas á Asia, e Africa Oriental exporei o resto desta interessante Viagem; e agora por antecipação direi a conclusão que teve.

Vasco da Gama na sua torna-viagem para Portugal perdeo o navio S. Rafael no mesmo baixo, entre Quilôa e Mombaça, em que tocára á ida; e por então lhe ficou o nome do Baixo de S. Rafael, salvando-se toda a gente, que se repartio pelos outros dous navios. A 20 de Março de 1499 dobrou o Cabo de Boa Esperança. Proximo ás Ilhas de Cabo Verde se apartou delle com tempo Nicoláo Coelho, que a 10 de Julho chegou á barra de Lisboa; e sabendo que o seu General ainda não era chegado, quiz tornar a busca-lo, o que ElRei não consentio.

Vasco da Gama ancorou na Ilha de S. Tiago, e entregando o navio a João de Sá, seu Escrivão, afretou huma Caravela, e foi á Ilha Terceira, na qual falleceo seu irmão Paulo da Gama, que vinha mui doente, e ficou sepultado no Mosteiro de S. Francisco. Desta Ilha partio Vasco da Gama para Lisboa, onde chegou a 29 de Agosto, sendo recebido d'ElRei, e de toda a Corte com as maiores honras, festas publicas, e demonstrações

de alegria. As mercês que então, e depois lhe fez ElRei, forão dar-lhe o Dom para elle, e seus irmãos, o Officio de Almirante dos Mares da India, e trezentos mil réis de renda, o Titulo de Conde da Vidigueira, e a faculdade de empregar cada anno na India duzentos cruzados em mercadorias, livres de direitos, o que no tempo de João de Barros produzia em Lisboa sete mil cruzados, tudo isto de juro, e herdade. E ordenou mais ElRei, que ao escudo das Armas da sua familia *acrescentasse huma peça das Armas Reaes do Reino* (Barros, Cap. 11.).

1500 — Com a volta de Vasco da Gama a Portugal mudárão os discursos, que os homens até alli fazião sobre as vantagens da descoberta, e conquista do Oriente, vendo em Lisboa especiaria, aljofar, e pedraria, producções daquelles ricos Paizes, que antes olhavão com admiração quando os Venezianos as trazião a este Reino. E como pela viagem de D. Vasco da Gama, se conheceo, que o tempo proprio para sahir de Lisboa era em Março, e o espaço de tempo que restava da epoca da chegada de D. Vasco da Gama até Março do anno seguinte de 1500, era mui curto, fez ElRei Conselho sobre o modo que teria no proseguimento daquella conquista, attentas as informações que dava D. Vasco da Gama, e assentou-se em se mandar huma grande fôrça naval, que désse áquelles Povos huma alta idéa de Portugal; e igualmente foi logo determinado o numero de Náos, e de soldados, e o Chefe da expedição, para que foi escolhido Pedro Alvares Cabral.

A 8 de Março de 1500 foi ElRei com toda a Corte ouvir Missa á Ermida de Nossa Senhora de Belem, defronte da qual ancorou naquelle dia a Esquadra. Esteve arvorada no Altar, em quanto se disse a Missa, huma bandeira da Ordem de Christo, que o Bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz (que prégou nesta occasião) ben-

zeo no fim da Missa, e ElRei a entregou da sua mão a Pedro Alvares Cabral com grande solemnidade de palavras, tendo-o com sigo dentro da cortina, por honra do Cargo que levava, em quanto durárão os Officios Divinos. Concluido este acto, foi levada a bandeira com solemne Procissão, que ElRei acompanhou até á praia, onde Pedro Alvares, e todos os outros Commandantes lhe beijárão a mão, e se despedírão delle. A maior parte do Povo de Lisboa cobria neste momento as praias, e campos de Belem; e muitos em bateis embandeirados rodeavão os navios, augmentando esta festividade o som de toda a qualidade de instrumentos musicos (1).

Constava a Esquadra de doze navios de Guerra, entre Náos, e navios menores, e hum Transporte carregado de mantimentos (2), todos bem aparelhados,

(1) A narração desta famosa Viagem foi feita á vista dos seguintes Escritores: Barros, Decada 1. Liv. 5. Capitulos 1. e 2. — Castanheda, Liv. 1. Cap. 30 e seguintes. — Goes, Parte 1. Capitulos 54, 55, e 57. — Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, etc. Tomo 2. N. 3, que contêm a *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escrita por hum Piloto Portuguez, que hia na sua Armada*, Capitulos 1., 2., e 3. — A mesma Collecção, Tomo 3. N. 1, onde se acha a *Noticia do Brazil*, Cap. 34. — Corografia Brazilica do Padre Manoel Alvares Cabral, impressa no Rio de Janeiro em 1817, na Introducção da qual (pag. 12 e seguintes) vem huma Carta escrita a ElRei D. Manoel, datada de Porto Seguro no 1.º de Maio de 1500, por Pedro Vaz Caminha, que hia embarcado na Náo de Pedro Alvares Cabral. — Epilogo Manuscrito dos Vice-Reis, e Governadores da India, etc., por Pedro Barreto de Rezende, Secretario do Vice-Rei Conde de Linhares. — O Padre Fr. Manoel Homem na sua Memoria da Descripção das Armas Castelhanas, etc., Cap. 29. — Além de outros varios Escritores, que foi necessario consultar, pela diversidade de opiniões, que se encontra em alguns factos, e datas.

(2) Os nossos Escritores são unanimes em comporem esta Esquadra de treze navios de Guerra, sem fazerem menção do Transporte de mantimentos; porém Pedro Vaz Caminha, e o Piloto Portuguez da mesma Esquadra, cujas Relações vão citadas, dizem, que se compunha

armados, e providos para dezoito mezes de viagem. Erão Commandantes dos navios de Guerra (alêm do Chefe) Sancho de Tovar, que hia nomeado por segundo Commandante da Esquadra, Simão de Miranda, Aires Gomes da Silva, Vasco de Ataide, Pedro de Ataide, Nicoláo Coelho, Bartholomeu Dias, Diogo Dias seu irmão, Nuno Leitão, Luiz Pires, e Simão de Pina. Commandava o Transporte Gaspar de Lemos. A Guarnição desta Esquadra era de mil e duzentos homens (1), entre Soldados, e marinheiros, toda gente escolhida. Hia por Feitor da Esquadra Aires Correa, e por Escrivães do seu Cargo Gonçalo Gil Barbosa, e Pedro Vaz Caminha. Embarcárão tambem nella oito Religiosos de S. Francisco, e por seu Guardião Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Ceuta; e mais hum Vigario, e oito Capellães para ficarem na Fortaleza, que ElRei mandava fazer.

Por hum dos artigos do seu Regimento mandava ElRei a Pedro Alvares Cabral, que procurasse ganhar a boa vontade de ElRei de Calecut, e persuadi-lo a dar-lhe licença para construir huma Fortaleza na sua Capital; e em caso de a negar, lhe declarasse a guerra. Por outro artigo lhe ordenava, que tocasse em Melinde, para entregar ao Rei o presente, que conduzia, e o seu Embaixador; e que lhe offerecesse a sua amizade para tudo o que precisasse. Levava tambem ordem para enviar a Sofala Bartholomeu Dias, e seu irmão Diogo Dias, a fim de negociarem as mercadorias, de que hião carregados, a troco de ouro, de que havia alli muita

de doze navios, e outra embarcação carregada de mantimentos, opinião que me pareceo mais segura, por ser apoiada com o testemunho de dois homens, que hião naquella Esquadra.

(1) Castanheda, Goes, e Fr. Manoel Homem dizem mil e quinhentos homens; Barros, Faria, e Pedro Barreto mil e duzentos. He mais provavel, que este fosse o numero da gente, attendendo a que os navios ainda não erão mui grandes.

quantidade, de cujo Commercio estavão então senhores os Mouros.

No dia seguinte 9 de Março sahio Cabral de Lisboa com toda a Esquadra. A 14 vio a Grão Canaria a tres ou quatro legoas de distancia, e passou o dia em calma. A 22 dobrou Cabo Verde, e nessa noite se separou o navio, de que era Commandante Luiz Pires (1), que arribou a Lisboa maltratado. Pedro Alvares o esperou pairando por espaço de dous dias, e como não appareceo, continuou a sua derrota. E querendo esquivar-se ás calmarias de Guiné, empenhou-se tanto no bordo do S.O., que a 24 de Abril descobrio terra para Oeste por 16° 30′ de latitude Sul, suppondo-se a 450 legoas ao Occidente da Africa (2).

O primeiro ponto que se descobrio foi hum mon-

(1) Pedro Vaz Caminha, na sua Carta a ElRei D. Manoel, já citada, diz que Vasco de Ataide foi quem se apartou da Esquadra; mas he equivocação.

(2) Esta he a opinião geral dos nossos Historiadores, contando nesse numero o Piloto da Esquadra de Cabral (já citado), testemunha ocular; ainda que Pedro Vaz Caminha, outra testemunha ocular, diz que a terra se vio na tarde de 22 de Abril, quarta feira depois da Pascoa, com as circunstancias de encontrarem na vespera muitas hervas, e naquella manhã de 22 muitos passaros, como era bem natural que succedesse: concorda porêm com o Piloto, em que a Missa foi celebrada em Porto Seguro no dia 26, acrescentando, que era Domingo de Pascoela; e o Piloto diz ser no Oitavario da Pascoa.

Barros affirma, que a terra foi descoberta na latitude de 10°, e que Cabral a costeou dalli para o Sul até achar Porto Seguro, onde se celebrou a Missa no Domingo de Pascoela, o qual, pela sua narração, cahio a 29 daquelle mez. A viagem costeira de Cabral até Porto Seguro he mais que inverosimil, tanto porque neste longo caminho de cento e cincoenta legoas havia de descobrir a Bahia, e oútras abas mais ao Sul, em que procuraria abrigar-se; como porque sendo o vento S. E., (assim o dizem as duas testemunhas oculares), e estando elle proximo á terra, não podia costear aquella parte do Brasil, que desde 10° até 13° corre ao S. O., e depois ao Sul, com pouca differença.

Francisco de Brito Freire copiou cegamente este lugar de Barros, na sua Historia da Guerra Brasilica, Parte 1. pag. 12.

te alto, e redondo, a que deo Cabral o nome de *Monte Pascoal* (1), por ser então o Oitavario da Pascoa, e depois forão apparecendo terras mais baixas para o Sul com grandes arvoredos. De tarde, aproximando-se a Esquadra a meia legoa da Costa, deo fundo defronte de hum pequeno Rio, e Pedro Alvares mandou o Mestre da sua Náo em hum escaler, para ver que gente era a que andava pela praia: achárão alguns naturaes de côr parda, bem dispostos, os cabellos pretos, e compridos, armados de arcos, e frechas, e todos absolutamente nús, homens, e mulheres. Como ninguem os entendia, e as vagas rebentavão nas praias, não podérão desembarcar, e apenas lhes podérão dar dous barretes vermelhos, e receber delles algumas obras de pennas de varias cores; e feito isto, recolheo-se o Mestre a bordo.

De noite ventou S.E. rijo de aguaceiros, com que garrárão os navios, e pela manhã se fez Pedro Alvares Cabral á véla ao longo da Costa para o Norte, em busca de algum Porto, em que fizesse agua, e lenha, e podesse ter melhor communicação com os habitantes, indo os navios com as lanchas por pôpa; e ordenou, que as embarcações pequenas navegassem mais á terra, e que se achassem bom ancoradouro para as Náos, surgissem. Com effeito, tendo navegado cousa de dez legoas desde o ponto da partida, achárão huma aberta no fim dos recifes, pela qual entrárão, e vírão que dentro se fazia hum Porto grande, e mui seguro (2), por cuja causa derão fundo.

Affonso Lopes, Piloto da Capitânia, que Cabral

(1) Este monte ainda conserva o mesmo nome, e está situado em 17° 22' de latitude. E não faça duvida ser differente a que lhe derão os Pilotos da Esquadra, attendendo aos instrumentos, e Taboas daquelle tempo.

(2) O Rio de Santa Cruz, em que ancorou Cabral, e a que deo o

mandára a bordo de hum dos navios pequenos, por ser homem mui habil, sahio logo em hum escaler a sondar o Porto, e nesta occasião tomou dous indigenas, que estavão pescando, e já de noite os conduzio a Pedro Alvares, que havia entrado com o resto da Esquadra em seguimento dos primeiros navios, vendo que estes davão fundo. Os dous prisioneiros passárão a noite a bordo, sem quererem comer, e sem responderem aos acenos, que se lhes fazião. Pela manhã, vindo a bordo da Capitânia todos os Commandantes, ordenou Cabral a Nicoláo Coelho, Bartholomeu Dias, e Pedro Vaz Caminha, que os levassem para terra, já provídos de camizas, barretes, campainhas, cascaveis, e outras quinquilharias, com que forão mui contentes. Na praia estavão mais de duzentos naturaes, todos nús, com o beiço inferior furado, e no buraco mettido hum osso, ou huma pedra azul; em fim erão em tudo iguaes aos que antecedentemente tinhão visto.

Estes Selvagens recebêrão os Portuguezes com grandes festas, o que observando Pedro Alvares Cabral, determinou que naquelle dia 26 de Abril se celebrasse Missa, para a qual se armou huma barraca em huma coroa de arêa, que na vasante ficava em seco (chama-se hoje Coroa Vermelha), e Fr. Henrique disse a Missa, e prégou, assistindo o General com a bandeira Real, e todos os Commandantes, e pessoas principaes da Esquadra. Os naturaes, que estavão pela praia, consideravão mui attentos as ceremonias Religiosas, e acabadas ellas, can-

nome de Porto Seguro, fica coberto com os recifes, que o abrigão do mar, e cabem dentro muitos navios com toda a segurança, tendo nove e dez braças de fundo; mas a Povoação antiga, que se havia erigido neste local, foi depois abandonada pelos seus moradores, por ser o sitio doentio, e se acha estabelecida onde hoje se chama Porto Seguro, mais para o Sul; e por consequencia este Porto Seguro moderno não he o mesmo, em que Cabral ancorou, e a que deo este nome. Esta Costa do Brasil era habitada naquelle tempo pelos Indios Tupiniquins.

tárão, e bailárão com grande alegria, e vierão acompanhando o General até se embarcar, mettendo-se alguns pela agua, e outros nadando atraz dos escaleres.

Na mesma tarde voltou Pedro Alvares a terra, e achando-se hum Rio de agua doce, se começou a fazer aguada, e lenha, ajudando os naturaes nestes trabalhos aos marinheiros; e tão familiares se mostravão, que alguns Portuguezes forão á sua Aldea, situada dalli huma legoa, d'onde trouxerão papagaios, inhames, e arroz em troca de quinquilharias, que lhes derão. As casas destes Selvagens erão de madeira, cobertas de ramos de arvores; e em todas se vírão redes de algodão, em que dormião. Não se lhes vio ferro, nem outro algum metal, e servião-se de machados de pedra para cortarem as madeiras. Todo o Paiz era abundante de aguas, e arvoredo; de milho, inhames, e algodão; e as aves immensas, e de mui vistosas cores.

Deteve-se Cabral cinco, ou seis dias neste Porto, e por conselho dos Commandantes expedio para Portugal o Transporte já descarregado dos mantimentos, que repartio pela Esquadra; e escreveo a ElRei D. Manoel os acontecimentos da sua viagem, e lhe mandou dous naturaes, que quizerão ir por sua vontade; esta embarcação sahio de Porto Seguro a 2 de Maio, e a sua chegada a Lisboa causou grande prazer a ElRei, e a todo o Reino. Pedro Alvares deo a este Porto o nome de Porto Seguro, onde deixou dous degradados (hum dos quaes veio depois a Portugal), e mandando levantar na praia huma grande Cruz de madeira (1), como em si-

(1) Barros diz, que mandou arvorar huma Cruz mui grande no cimo da arvore, ao pé da qual se celebrou a Missa. Pedro Vaz Caminha diz, que mandou levantar na praia huma grande Cruz de páo com as Armas Reaes. O Piloto da Esquadra (a quem segui) não falla das Armas Reaes. Castanheda diz, que era hum Padrão com huma Cruz; e Goes, que foi huma Cruz de pedra, como por Padrão.

gnal de posse que tomava para a Coroa Portugueza, chamou a todo aquelle vasto Continente *Terra de Santa Cruz*, que depois se mudou em Brasil.

No mesmo dia 2 de Maio sahio a Esquadra (1), e a 12 appareceo hum Cometa para a parte de Leste, que se vio oito noites a fio. A 20, navegando a Esquadra toda junta com vento mui fresco, em gavias arriadas a meio mastareo, e sem traquetes, com o mar ainda agitado de huma trovoada do N.E., que tivera no dia antecedente, com a qual havia corrido toda a noite a arvore seca; das 11 para o meio dia se formou huma arrumação mui negra da parte do N.O., que de todo sorveo o vento, ficando as gavias encostadas aos mastareos. E como os Pilotos não conhecião ainda bem as consequencias daquelle fenomeno, não se acautelárão, cuidando que era verdadeira calmaria; mas de repente sobreveio hum tufão de vento Sul, que tomando os navios com o panno sobre, não lhes deo tempo de arriar, e carregar as gavias, e em hum instante soçobrou quatro, sem delles escapar cousa viva; e os sete restantes estiverão quasi soçobrados, de que escapárão por se lhes fazerem as vélas em pedaços, e quebrarem algumas vergas, e mastareos. Erão os Commandantes dos quatro navios perdidos Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Ataide, e o celebre Bartholomeu Dias, cujo nome durará tanto, como o do Cabo de Boa Esperança, que descobrio. O mar cresceo então de tal maneira, que humas vezes parecia querer lançar os navios fóra de si para a região do ar, e outras vezes sepulta-los nos abismos do Oceano. Succedeo aqui acharem-se as Náos de Pedro Alvares, e de Simão de Miranda no cimo de duas grossas vagas, que se deslisárão rapidamen-

(1) Eu sigo esta opinião, fundado no dito das duas testemunhas oculares já citadas; ainda que Castanheda, e Barros dizem, que foi no dia 9 de Maio.

te em sentido opposto, e no momento em que se hião abordar, para se fazerem em pedaços, outra ondulação inversa do mar milagrosamente as separou. O vento passou depois com furia ao S. O., e assim podérão os navios seguir caminho a arvore seca, apartados huns dos outros, cada qual como melhor se aguentava. Cabral, e outros dous navios (em hum dos quaes hia o Piloto, que escreveo esta viagem) tomárão hum rumo; a Náo Rei, e outros dous seguírão outro; e o de Diogo Dias outro: logo tratarei deste.

O máo tempo durou por vinte dias, com poucos intervallos, e sem avistar terra alguma, se achou Cabral com os seus tres navios a 16 de Julho no parcel de Sofala, onde com effeito descobrio a terra, sem a conhecer, e correo ao longo della com bom vento, e aprazivel tempo, distinguindo grandes arvoredos, e muito gado. Chegando ás Ilhas Primeiras, vio dous navios de Mouros, que intentárão fugir, mas forão tomados sem resistencia, deitando-se ao mar a maior parte da gente (de que alguma se affogou) para salvar-se nas Ilhas. Destas embarcações era dono, e Capitão Xeque Foteima, tio do Rei de Melinde, que vinha de Sofala com muito ouro. Pedro Alvares, sabendo quem elle era, pezou-lhe muito deste acontecimento, e fazendo-lhe muitas honras, lhe mandou entregar os navios com tudo quanto tinhão. Xeque Foteima o informou das minas de Sofala, e de que pertencião ao Rei de Quiloa (1), e lhe advertio, que o parcel de Sofala já lhe ficava muito longe.

Continuando Pedro Alvares a sua viagem, ancorou em Moçambique a 20 deste mez de Julho; e passando poucos dias depois a Quiloa, como direi na segunda

(1) Pequena Ilha situada em huma Bahia na Costa da Africa Oriental, na latitude S. 8° 37', e longitude 58° 57'.

parte destas Memorias, se lhe reunio alli a Náo Rei com as outras duas da sua conserva, que se havião separado no temporal.

Diogo Dias, correndo com a tormenta, foi ter ao Estreito da Arabia, e Cidade de Magadaxo (1), e aqui perdeo a lancha com toda a sua equipagem, em consequencia de huma traição dos Mouros; e ficando só com sete homens, e sem Piloto, voltou para Portugal, e em Cabo Verde se veio encontrar com Pedro Alvares Cabral na sua torna-viagem, o qual tendo dobrado o Cabo de Boa Esperança a 22 de Maio de 1501, surgio por acaso na Bahia de Bezenegue, onde estava fazendo aguada a Esquadra commandada por Americo Vespucio (2), e entrou depois em Lisboa a 31 de Julho, havendo-se-lhe perdido o navio de Sancho de Tovar (de duzentas toneladas) em hum baixo na Costa de Melinde, de que se salvou unicamente a Guarnição.

1500 — No começo do Verão deste anno de 1500 (3) partio de Lisboa Gaspar Corte Real, homem valoroso, e amigo de ganhar honra, em hum navio armado, parte á sua propria custa, parte á custa d'ElRei D. Manoel, com o projecto de fazer descobrimentos ao Noroeste de Portugal, e ver se achava por alli passagem para os mares Orientaes: projecto atrevido, e quasi incrivel para aquelle seculo!

Desta viagem não se sabe mais nada, senão o que consta dos dous citados Escritores, isto he, que Corte

(1) Cidade da Africa Oriental, situada na latitude 2° 10 N., e longitude 63° 50'.

(2) O facto he extraordinario, porêm assim o relata o proprio Piloto da Esquadra de Cabral; e ou aqui estava tambem Diogo Dias, ou tinha partido pouco antes para Lisboa. Barros falla do encontro de Cabral com Diogo Dias como acontecido na *Ilha de Cabo Verde.*

(3) Damião de Goes, Parte 1. Cap. 66. — Vede a excellente Memoria do Snr. Trigoso no Tomo 8. das Memorias de Literatura Portugueza, pag. 305.

Real descobrio hum Paiz, cuja face do N.E. costeou por duzentas legoas (1), sem poder passar mais para o Norte, por causa dos gelos, e neves, e regressou a Portugal com quasi hum anno de viagem, deixando o nome de Terra Verde áquelle Paiz, que era mui fresco, e de grandes arvoredos, e os seus habitantes (de que trouxe alguns) de estatura mediana, alvos, mui barbaros, ligeiros na carreira, e habeis frecheiros.

1501 -- Neste anno mandou ElRei aprestar tres Náos, e huma Caravela grande (2), para cujo commando em Chefe nomeou a João da Nova, Nobre Gallego, a quem havia dado a Alcaidaria de Lisboa, que

(1) Se Corte Real vio a terra da America por 50° de latitude N., como diz Galvão, era forçosamente a Ilha da Terra Nova, mas parece que não chegou ao seu extremo do Norte, situado em 52° de latitude, aliás veria o Estreito chamado hoje de Belle-Isle, que dá passagem para o Golfo de S. Lourenço, e o grande Rio do mesmo nome, por entre a Costa do Lavrador, e a mesma Ilha da Terra Nova; e era natural que elle commettesse o exame daquelle Estreito, segundo o plano da sua viagem; ou, se vio o Estreito, a falta de víveres, e o receio dos frios do Inverno o persuadírão a regressar a Portugal, para no anno seguinte proseguir o seu descobrimento.

A Ilha da Terra Nova tinha já sido descoberta por Sebastião Caboto, Veneziano, que achando-se em Inglaterra, se offereceo a Henrique VII. para ir fazer descobrimentos de novos Paizes para a parte de Oeste; e sahindo de Bristol com dous navios no Verão de 1697, chegou a ver terra por 56° de latitude; e observando que corria para o Norte, temeo os frios daquella Região, e voltou para o Sul. Nesta derrota descobrio a Ilha da Terra Nova, de cujos agrestes habitantes metteo tres a bordo. Seguio depois o rumo do Sul até 38° de latitude; e achandose já mui falto de víveres, voltou para Inglaterra, onde os Selvagens vivêrão muito tempo. Os Inglezes não tornárão a emprehender esta navegação, senão passados muitos annos. Vede Clark, Tomo 1. Appendix B.

(2) Vede Faria, Asia Portugueza Tomo 1. Parte 1. Cap. 6. — O mesmo no Tomo 3. no fim. — Fr. Manoel Homem, na sua Obra já citada, Cap. 29. — Galvão, Tratado dos Descobrimentos. — Pedro Barreto de Rezende, já citado. — Goes, Parte 1. Cap. 63. — Barros, Decada 1. Liv. 5. Cap. 10.

então andava em homens Fidalgos, pelos muitos serviços que lhe fizera na Marinha: esta Esquadra levava quatrocentos homens, entre soldados, e marinheiros. Erão Commandantes dos outros tres navios Diogo Barbosa, criado de D. Alvaro (irmão do Duque de Bragança), dono do navio; Francisco de Novaes, criado d'ElRei; e Fernão Vineti, Florentino, por ser esta embarcação de Bartholomeu Marchioni, da mesma Nação, e hum dos mais ricos Negociantes de Lisboa. Cumpre aqui advertir, que ElRei tinha permittido, em beneficio do Commercio, que os particulares armassem navios para a India, tanto para carregarem por sua conta, como a fretes; isto debaixo de certas condições, huma das quaes era, que elles apresentarião os Commandantes, os quaes ElRei confirmaria; e daqui se seguio, que talvez propunhão homens mais aptos para a Navegação, e Commercio, do que para a guerra; pois raras vezes o interesse particular coincide com o interesse publico.

Sahio João da Nova de Lisboa a cinco de Março, e seguindo sua viagem, descobrio huma Ilha pequena em oito gráos de latitude, a que chamou da Conceição, a qual tomou depois o nome de Ilha da Ascensão (1). A 7 de Julho ancorou na Aguada de S. Braz, e achou huma Carta de Pedro de Ataide, Commandante de hum dos navios da Esquadra de Pedro Alvares Cabral, em que relatava o estado dos negocios na India, cujo aviso servio de governo a João da Nova, como se dirá na segunda parte destas Memorias; e concluida a sua aguada, e provido de algum gado, que comprou aos Negros, partio para Moçambique, onde chegou nos principios de Agosto.

(1) Esta Ilha está situada na latitude S. 8°, e longitude 3° 48'. Tem cousa de quatro legoas de comprido, e huma de largo; he escalvada, e achão-se alli muitas e grandes tartarugas. O Porto fica da banda do N. O., com bom fundo de arêa limpa.

Na sua torna-viagem para Portugal descobrio a Ilha de Santa Helena (1), em que fez aguada, de maneira que nesta viagem deixou descobertas tres Ilhas, as duas já mencionadas, e outra no Canal de Moçambique, que conserva o seu nome (2). A 11 de Setembro de 1502 ancorou em Lisboa, e foi recebido d' El-Rei com grande honra.

1501 — Movido ElRei D. Manoel pela reputação de habil Navegante, que tinha adquirido Americo Vespucio, natural de Florença (onde nascera em 1451, e que acabava de fazer duas viagens ás Indias Occidentaes), lhe escreveo a Sevilha convidando-o para vir a Portugal, a fim de ser empregado no seu Real Serviço, o que elle acceitou; e chegando apressadamente a Lisboa, achou já tres navios promptos, em que se embarcou, e sahio deste Porto a 10 de Maio de 1501 (3).

Ignora-se o nome do Chefe desta pequena Esquadra, cuja commissão era examinar, e reconhecer as Costas do Brasil (4). Seguio elle o rumo para as Canarias; avistou-as, e atravessou para a Africa, que foi costeando, demorando-se por alli dous ou tres dias em fazer pescaria de pargos, até chegar á Bahia de Bezenegue, que situou na latitude N. de 14° 30′ com bastante exactidão; e nella se encontrou com Pedro Alvares Cabral, que voltava da India. Gastárão onze dias em fazer agua, e lenha, e partírão em demanda do Brasil, navegando ao S. O. 4 S.

(1) Esta Ilha tornou-se tão celebre, que he inutil dizer della cousa alguma.

(2) A Ilha de João da Nova, situada no mar da India, está na latitude 16° 58′ S, e longitude 61° 9′.

(3) Vede a Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, já citada, Tomo 2. N. 4 pag. 141.

(4) O Author da Corografia Brasilica, na Introducção do Tomo 1; pag. 37, duvida da verdade destas Viagens, que me parecem sómente cheias de exagerações.

No fim de sessenta e sete dias de navegação, sempre com grande trabalho, e ventos contrarios, soffrendo por espaço de quarenta e seis dias trovoadas, chuvas, e cerrações, vírão terra no 1.° de Agosto pela latitude S. de 5° (1), e julgárão que distaria setecentas legoas do ultimo ponto da sua partida (2). Surgírão a meia legoa da Costa, e desembarcando, achárão o Paiz alegre e viçoso, onde só vírão vestigios de gente, e tomárão posse delle por ElRei de Portugal. No dia seguinte tornárão para fazer agoa e lenha, e então vírão no cume de hum monte alguns naturaes todos nús, que não quizerão descer, por mais diligencias que se fizerão. Estes homens erão da mesma côr, e feições dos que Vespucio tinha visto nas Indias Occidentaes; e sendo já no fim da tarde, se recolhêrão para bordo, deixando-lhes na praia alguns cascaveis, espelhos, e outras quinquilharias; o que tudo elles vierão buscar logo que as lanchas se alargárão da terra, mostrando-se maravilhados á vista daquelles objectos tão novos.

Na manhã seguinte, observando-se dos navios, que os naturaes fazião muitos fumos, julgou-se que era para os chamar, e desembarcando, vírão muitos reunidos a certa distancia, que lhes acenavão para que entrassem pela terra dentro, o que ousárão fazer dous Portuguezes, obtida primeiro huma repugnante licença do Chefe da Esquadra; e assim partírão com intento de examinarem, se aquella gente possuia alguma riqueza, especiaria, ou drogas, e levárão logo comsigo alguns

(1) Parece que seria o Cabo de S. Roque, que está em latitude S. 5° 7'; e mais provavelmente algum ponto da Costa ao Sul delle; aliàs se perderião nos baixos do mesmo nome, que correm desde o Cabo para o Norte.

(2) Esta distancia he excessiva, e o são todas as de Americo Vespucio, por isso não copiarei mais nenhuma; e advirto, que os Italianos contavão quatro milhas por cada legoa; e assim o gráo tinha oitenta milhas.

generos de trafico; tendo porêm ordem de se não dilatarem mais de cinco dias, porque outros tantos se esperaria por elles.

Partidos estes dous homens, recolheo-se a gente a bordo, e dalli vião todos os dias virem os naturaes á praia, mas sem quererem deixar-se communicar. Ao setimo dia desembarcárão os Portuguezes, e observárão que os Selvagens tinhão trazido comsigo as mulheres, e as mandárão para elles apenas os escaleres se aproximárão da terra; e vendo-os tão desconfiados, enviárão-lhes hum moço mui gentil, e galhardo, ficando elles nos escaleres para lhes mostrar maior confiança. O moço foi sem suspeita alguma ter com as mulheres, que formárão hum circulo á roda delle, e apalpando-o, e examinando-o attentamente, se espantavão sobre maneira. Entretanto desceo do monte huma mulher com hum grande páo na mão, e chegando-se por detrás a elle, lhe deo tão forte pancada na cabeça, que o estendeo morto: as outras o tomárão logo pelos pés, e o arrastárão para o monte, e os homens corrêrão á praia, e começárão a atirar com as suas settas, o que pôz a gente dos escaleres em tal confusão, que estando surtos sobre os bancos de arêa junto a terra, nenhum atinou a tomar as armas, por causa das muitas frechadas que sobre elles chovião. Disparárão-se quatro tiros de canhão contra os Selvagens, que não acertárão; mas ao ruido delles, fugírão para o monte, onde as mulheres estavão fazendo o cadaver em pedaços, e assando-os em huma grande fogueira, os mostravão aos Portuguezes, e os comião; e os homens lhes dizião por acenos, que o mesmo havião feito aos outros seus dous companheiros. Mais de quarenta homens querião desembarcar, para vingarem similhante barbaridade; porêm o Chefe não o quiz consentir, e se fez á véla.

Seguindo a sua derrota entre o Leste e o Sueste,

que he como corre a Costa, fizerão varias escalas, sem acharem gente com quem podessem tratar; e assim navegárão até verem que a terra voltava para o S. O.; e em dobrando hum Cabo, a que pozerão nome de Santo Agostinho (1), que suppozerão na latitude S. de 8º principiárão a seguir a direcção da terra, e vírão hum dia muita gente, que corria pela praia a ver os navios, os quaes por isso se aproximárão, e mandárão alguns escaleres a reconhece-la. Achando bom ancoradouro, e homens de melhor condição, derão fundo, e se detiverão cinco dias commerciando com os naturaes, que tinhão muita canafistula; e tres delles se embarcárão voluntariamente para Portugal.

(1) O Cabo de Santo Agostinho está na latitude S. 8º 22', e longitude 342º 45'.

Bernardo Pereira de Berredo na sua Historia do Maranhão, Liv. 1., diz, que Vicente Annes Pinçon, sahindo de Palos em 13 de Novembro de 1499 com quatro navios armados á sua custa, e de outro seu parente, tendo licença dos Reis Catholicos D. Fernando, e Dona Isabel para ir fazer descobertas, tocou na Ilha de S. Tiago, d'onde sahio em Janeiro de 1500; sendo o primeiro Hespanhol que passou a Linha, descobrio em altura de 8º S. o Cabo de Santo Agostinho, a que chamou da Consolação, onde desembarcou, e escreveo nos troncos das arvores os nomes daquelles dous Monarchas, e o seu proprio, com a data da sua chegada. Voltando dalli para o Norte, foi correndo a Costa, entrou no Amazonas, que appellidou Mar Doce; e cortando a Linha, descobrio hum Cabo, a que pôz nome de Cabo do Norte, em 2º 40' de latitude. Dalli seguindo para Oeste cousa de quarenta legoas, entrou em hum Rio, a que deo o seu proprio nome, que ainda conserva, e que os Francezes chamão Wiapóc. Em hum alto junto á sua fóz mandou depois o Imperador Carlos V. levantar hum Padrão, para marcar os limites entre as Possessões de Portugal e de Hespanha, cujo Padrão foi descoberto no anno de 1723 por João Paes do Amaral, Capitão de huma das Companhias da Guarnição do Pará.

Galvão concorda com Berredo no descobrimento do Cabo de Santo Agostinho, e Rio das Amazonas por Pinçon. Porém o Author da Corografia Brasilica (em a Nota da pag. 34, Tomo 1. da Introducção) sustenta, que Pinçon não vio o Cabo de Santo Agostinho antes de Pedro Alvares Cabral o descobrir, mas sim o Cabo do Norte.

Sahindo deste Porto, tomárão o rumo do S. O., fazendo muitas escalas, e fallando com muitas gentes, que os recebião benignamente, por cuja causa se demoravão alguns dias por aquelles Portos. Assim forão até chegarem á altura de 32° S. Todo o Paiz era muito povoado, e os naturaes mui domesticos; tinhão a côr avermelhada, os cabellos negros, e corredios, andavão todos nús, erão bem feitos de corpo, e o aspecto seria gentil, mas tornavão-se feios, porque tinhão as faces, o nariz, as orelhas, e os beiços cheios de furos, em que mettião pedaços de varias pedras, e de cristal, e ossos lavrados com primor. Não vírão entre elles ouro, ainda que tiverão noticia de que o havia no Paiz, bem como perolas, e pedras preciosas.

Dez mezes tinha consumido a Esquadra neste reconhecimento, quando o Chefe encarregou Vespucio de dirigir a derrota: em consequencia mandou este fazer agua, e lenha para seis mezes, tempo que os Officiaes dos navios dizião que elles poderião navegar ainda. Aos 15 de Fevereiro de 1502 tomou a Esquadra o rumo do S. O. (1), e por elle navegou até se achar na latitude Sul de 52°. Neste dia lhe deo huma tormenta de S. S. O. com muito mar, e cerração, e correo com ella em arvore seca por quatro dias, em que vio huma terra desconhecida, a qual costeou cousa de vinte legoas, e achou tudo costa brava, sem Porto, nem Povoação; o frio era insupportavel, o mar muito grosso, e a cerração grande. Nestes termos, sendo impossivel aguentar-se mais, conveio Vespucio com o Chefe em regressar a Portugal, e feito signal de reunião á Esquadra, deitárão a pôpa; e a noite, e dia seguinte cresceo tanto a tempestade, que estiverão em riscos de

(1) O original tem o rumo de E. S. E., mas he hum erro palpavel e por isso substituí o rumo do S. O., que he a direcção da Costa.

irem a pique. Assim corrêrão cinco dias só com traquetes arriados a menos de meio mastro, navegando sempre ao N. N. E., porque querião reconhecer a Costa da Ethiopia; e a 10 de Maio vírão Serra Leôa, onde estiverão quinze dias a refrescar-se. Dalli se dirigírão aos Açores (não declara a qual destas Ilhas foi), a que chegárão no fim de Julho; e demorando-se outros quinze dias, partírão para Lisboa, e entrárão nesta Cidade a 7 de Setembro de 1502, com dois navios, tendo queimado o outro em Serra Leôa, por estar incapaz de navegar, contando dezoito mezes e vinte oito dias de viagem.

1501 — A 15 de Maio sahio segunda vez de Lisboa Gaspar Corte Real (1) para completar o seu descobrimento da *Terra Verde* com dous navios; e chegando á vista della com boa viagem, se separou o outro navio, que de balde o procurou depois para se lhe reunir, porque nunca mais o vio; e assim voltou para Portugal.

1501 — Neste anno determinou ElRei D. Manoel, apezar da opposição do seu Conselho, e da Rainha, passar pessoalmente á Africa, para cuja empreza aprestou hum Exercito de vinte e seis mil homens escolhidos, em que se contavão seis mil e oitocentos de Cavallaria (2), e huma Armada de quatrocentas embarcações (3) de Guerra, e de Transporte. Mas esta expedição não teve effeito, porque neste mesmo tempo ameaçavão os Turcos os Dominios de Veneza na Grecia com huma poderosa Armada, e aquella Republica, e o Papa implorárão o soccorro d'ElRei D. Manoel,

(1) Vede Goes no lugar acima citado, e a Memoria tambem citada.

(2) Goes, Parte 1. Capitulos 47, 51, e 52.

(3) Fr. Manoel Homem na sua Memoria já citada, Cap. 29.

que convocando o concelho, pareceo a todos se enviasse huma Esquadra de trinta navios em auxilio de Veneza, por serem mui grandes os males que se poderião seguir, se os Turcos realizassem a invasão que projectavão.

Na conformidade deste voto, partio de Lisboa a 15 de Junho deste anno o Conde de Tarouca D. João de Menezes, com trinta navios de Guerra, entre grandes e pequenos, escolhidos dos melhores de toda a Armada, guarnecidos com tres mil e quinhentos soldados: era segundo no commando geral Ruy Telles de Menezes. Encorporada com esta, e debaixo das suas ordens, sahio outra Esquadra, em que hia muita gente Nobre, para ficar de guarnição no Castello de Mazalquivir, no caso de se poder ganhar de passagem, objecto que El-Rei tinha em vista; e em segredo encarregou o Conde de Tarouca de o tentar; por quanto, tomado este Castello, lhe seria facil apoderar-se de Orão.

As duas Esquadras dirigirão-se ao Cabo de Santa Maria no Algarve, onde se lhe reunírão algumas embarcações armadas nos Portos daquelle Reino, que alli as esperavão.

Seguindo a sua derrota, chegárão as Esquadras á vista de Mazalquivir a 19 de Julho, e por ser já tarde, se fez o Conde na volta do mar, com intenção de commetter o desembarque no dia seguinte; porêm os ventos contrarios lhe embaraçárão tomar o Porto antes de 23, o que deo tempo aos Mouros de se reforçarem.

Desembarcárão a final as tropas, ficando o Conde no seu escaler a requerimento dos Fidalgos, que o acompanhavão; e sem opposição chegárão ás muralhas do Castello, e começavão a arrumar-lhe as escadas, quando de repente sahírão de dentro quatrocentos cavallos, e alguma gente de pé, e carregárão os Portuguezes com tanto vigor, que estes cheios de terror panico, fugírão

em desordem, e se recolhêrão ás lanchas, deixando alguns mortos no campo.

Descontente deste desastre, fructo da pouca Disciplina daquelles tempos, deo o Conde de Tarouca, com o parecer dos seus Officiaes, por acabada a empreza, e despedio para Portugal a Esquadra auxiliar; e proseguindo a sua derrota, fez escala em Alicante, e nas Ilhas Baleares; e por ultimo entrou em Cálheri, Capital da Sardenha, para refazer-se de víveres, em que se demorou pouco; e tornando a seu caminho, encontrou pelo travéz de Tunes huma Carraca, e dous Galeões Genovezes, que hião para Orão carregados de mercadorias, entre as quaes havião muitas pertencentes a Turcos, Mouros, e Judeos. Com estas prezas voltou o Conde a Cálheri, e tomou por perdidas todas as fazendas, que não erão de Genovezes, ou de outros proprietarios Christãos, carregando-as nos navios da sua Esquadra; largou porêm a Carraca, e deo liberdade a sessenta Mouros, e Turcos, e alguns Judeos, que achou abordo das prezas, das quaes levou os Galeões, por ter necessidade delles para a sua commissão.

Navegando de Cálheri para a Costa da Grecia, encontrou tres Galés Venezianas, que o acompanhárão á Ilha de Corfú, onde o veio receber tres legoas ao mar o General da Armada de Veneza, com vinte e cinco grandes Galés, e cinco Galeões. Dilatou-se algum tempo o Conde de Tarouca em Corfú, e sabendo-se que os Turcos havião abandonado o projecto, que tinhão contra a Grecia, e recolhido já o seu Armamento, voltou para Portugal, seguindo quasi a mesma derrota, que fizera á ida, e chegou a Sagres dia de Natal, d'onde passou a Lisboa, havendo-se perdido no caminho com tormenta os dois Galeões Genovezes. Os generos aprezados repartirão-se pela gente da Esquadra; e do quinto, que lhe tocava, fez ElRei mercê ao Conde.

1502 — Com a chegada de Pedro Alvares Cabral foi ElRei D. Manoel informado do estado de guerra, em que ficavão os Portuguezes na India com o Rei de Calecut, e assim determinou mandar huma grande força naval, capaz de fazer respeitar a sua Bandeira nos mares Orientaes (1). Em consequencia fez trabalhar com tanta actividade nos Arsenaes, e era tal a abundancia de munições, e petrechos, que nos fins de Janeiro deste anno de 1502 se achavão promptos quinze navios, dos vinte destinados para aquella viagem. Dividio-os ElRei em duas Esquadras: a primeira das maiores dez Náos, e a segunda de cinco, ficando o resto para se formar huma terceira Esquadra, que devia partir logo que estivesse completamente armada.

Offereceo ElRei o Commando em Chefe a Cabral, mas sabendo este, que Vicente Sodré estava nomeado para Commandante da segunda Esquadra, com hum Regimento, que quasi o isentaria da sua jurisdicção, porque hia ficar estacionario na India, para fazer a guerra aos inimigos do Estado; *como era homem de muitos primores ácerca do ponto de honra, teve sobre este negocio alguns requerimentos, a que ElRei lhe não satisfez*; de que resultou ser nomeado em seu lugar D. Vasco da Gama.

Erão Commandantes dos navios da primeira Esquadra D. Luiz Coutinho, Francisco da Cunha, João Lopes Perestrello, Pedro Affonso de Aguiar, Gil Matoso, Ruy de Castanheda, Gil Fernandes, Diogo Fernandes Correa, e Antonio do Campo. Commandava a segunda Esquadra Vicente Sodré, tio de D. Vasco da Gama, e os outros Commandantes erão Braz Sodré, seu irmão, Alvaro de Ataide, Fernão Rodrigues Bardaças,

(1) Vede Barros, Decada 1. Liv. 6. Cap. 2. — Faria, Europa Portugueza. — Castanheda, Liv. 1. Cap. 14. — Goes, Parte 1. Cap. 68. — Rezende no Epilogo já citado.

e Antonio Fernandes. Elegeo ElRei a Estevão da Gama, primo do Almirante, para commandar a terceira Esquadra, cujos Commandantes erão Lopo Mendes de Vasconcellos, Thomaz de Carmona, Lopo Dias, e João de Bonagracia, Italiano (1). Em todas estas tres Esquadras hião mil e oitocentos Soldados.

A 30 de Janeiro foi ElRei á Sé ouvir Missa, e depois de acabada, relatando em huma solemne falla os merecimentos de D. Vasco da Gama, o declarou Almirante dos Mares da Arabia, Persia, e India. Concluido este acto, entregou-lhe a bandeira do Posto que levava, e dalli foi conduzido por todos os Grandes, e mais Fidalgos, que estavão presentes, com grande pompa até ao Caes da Ribeira, em que embarcou.

A 10 de Fevereiro partio de Belem o Almirante D. Vasco da Gama, fazendo derrota para Cabo Verde, e no ultimo do mez ancorou no Porto de Ale (2), em que esteve seis dias completando a sua aguada, e alli veio ter huma Caravela, que vinha da Mina, de que era Commandante Fernão de Montearroio, o qual trazia duzentos e cincoenta marcos de ouro em manilhas, e outras joias que os Mouros usão. O Almirante, como transportava comsigo os Embaixadores dos Reis de Cananor, e Cochim, mostrou-lhes o ouro, para que soubessem que ElRei D. Manoel era Senhor daquelle Paiz da Mina, d'onde lhe vinhão cada anno doze e quinze embarcações, cada huma com igual quantidade de ouro. Os Embaixadores, estupefactos, lhe descobrírão então,

(1) Os nossos Historiadores poucas vezes concordão nos nomes dos Commandantes, não só por falta de boas noticias, mas porque tambem succedia não ir o Commandante primeiro nomeado para hum navio, por qualquer causa occorrente, e nomear-se outro na vespera da partida, de que não ficava, ou se perdia a lembrança.

(2) Barros sitúa equívocadamente o Porto de Ale no *rosto de Cabo Verde*, de que está quinze legoas distante para o S. E.

que algumas pessoas da familia do Embaixador de Veneza em Lisboa (que viera pedir auxilio contra os Turcos) lhes confiárão em segredo, que este Ministro tinha dado soccorros em dinheiro, e munições para se preparar aquella Esquadra, por ser a Senhoria de Veneza a maior Potencia da Christandade, e Portugal hum Reino mui pequeno, e pobre, que não podia sustentar só o trafico das especiarias; acrescentando outras muitas razões para os persuadir, que lhes seria a elles mais vantajoso o Commercio com Veneza, do que com Portugal. Porém a vista daquelle ouro, que, por ser em obra, fazia maior vulto, capacitou estes Embaixadores Indianos da grande riqueza de Portugal.

O Almirante avisou de tudo a ElRei pela mesma Caravela; e a 7 de Março proseguio a sua viagem, na qual, até ao parcel de Sofala, teve alguns temporaes, que lhe desaparelhárão alguns navios. Dalli expedio Vicente Sodré com a maior parte da Esquadra para Moçambique, e elle foi a Sofala, onde fez o que direi na segunda parte destas Memorias; e desta Cidade passou a Moçambique, em cujo Porto ancorou a 4 de Junho de 1503, e achou Vicente Sodré, que chegára quinze dias antes.

No 1.° de Abril partio de Lisboa Estevão da Gama com a sua Esquadra de cinco navios (1). A 4 vírão a Ilha de Porto Santo, e no mesmo dia as Desertas: no seguinte passárão as Ilhas da Palma, e Ferro, e a 15 as de Cabo Verde.

(1) As unicas noticias circunstanciadas, que temos desta Viagem, são as que nos deixou Thomé Lopes, Escrivão do navio, que commandava João de Bonagracia. A sua relação he muito interessante na parte historica, pela minuciosa singeleza com que narra muitos factos curiosos, e interessantes; mas no que respeita á Nautica, não tem igual merecimento, por ser desta mui alheia a sua profissão, de que se seguio referir sinceramente o que ouvia a pessoas pouco instruidas naquella Arte. Vede o Tomo 2. N. 5 pag. 159 da Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas.

A 18 de Maio, estando ainda distantes da Linha, vírão (1) huma Ilha alta, e frondosa, que lhes pareceo da grandeza da Madeira, e julgárão não ter sido ainda descoberta; á qual tentárão chegar-se, e não lho permittio o Vento. Parece que a derrota desta Esquadra foi muito a Oeste, porque a quatrocentas legoas do Cabo de Boa Esperança começárão a sentir grandes frios, que forão augmentando á proporção que se aproximavão do Cabo, por estarem na estação do Inverno do Hemisferio Austral.

A 7 de Junho os assaltou huma furiosa tormenta de Oeste, que nessa noite espalhou os navios, de sorte que pela manhã se achou só a Náo, de que era Commandante João de Bonagracia, com a Náo Julia. No quarto das oito para o meio dia, indo os navios em papafigos arriados, cresceo tanto o vento, que se quebrou a verga grande do de Bonagracia, e rendeo hum mastro da Julia; e assim corrêrão em arvore seca aquelle dia, e noite com grande susto, e trabalho, pelo muito mar que entrava nas Náos, sobre tudo na Julia, que aguentava menos. No dia 9 abonançou a tempestade, e tornou a reverdecer a 11, seguindo sempre os navios o rumo de Leste. Nos dias 12 e 13, em que julgavão ter já navegado quatrocentas e cincoenta legoas naquelle rumo, vírão nas aguas alguns limos, taninhas, lobos marinhos, e muitas aves de varias especies, que são signaes de terra; e como estavão mui longe do Continen-

(1) A existencia desta grande Ilha he fabulosa; eu suspeito, que Thomé Lopes vio talvez o Penedo de S. Pedro, que está quasi hum gráo ao Norte da Linha, e lhe pareceo de longe muito maior do que realmente he; ou que algum curioso ignorante adulterou no Original de Thomé Lopes a descripção, que fazia daquelle Ilhote, acrescentando-lhe, para fazer o caso mais verosimil, a sua posição relativa á Ilha dos Papagaios Vermelhos, e outros absurdos, que supprimi, por serem até irrisorios.

te Africano, pareceo-lhes que se achavão nas visinhanças de alguma Ilha não descoberta.

A 7 de Julho, sendo o vento ainda mui forte, começárão a navegar para o Norte, e depois ao N. O. até ao dia 10, em que vírão terra distante algumas legoas, e por ser já no fim da tarde, atravessárão, e ás onze horas derão fundo. Ao amanhecer forão reconhecer a terra, e não podendo tomar lingua, voltárão a ella no outro dia, e souberão que estavão no Cabo Primeiro, do qual sahe huma ponta mui aguda pelo mar dentro, e ha por alli algumas Ilhotas, e restingas de arêa. Deste lugar navegárão cincoenta legoas ao N. E. e N. N. E., e chegárão defronte da Alagoa, afastados della vinte e cinco legoas. Continuando no rumo de N.E. 4 N., achárão-se quinze legoas ao mar do Cabo das Correntes; e navegárão depois ao Norte sessenta e cinco legoas, com grandissima falta de víveres.

A 15 de Julho acharão-se na boca do Rio de Sofala, e por ser calmaria, surgírão em onze braças, e assim se conservárão por espaço de dous dias, em que negociárão algum ouro com os habitantes, que para isso os rogárão. Neste ancoradouro concertárão o mastro da Julia, e continuando a sua derrota, entrárão a 18 em huma Bahia de pouco fundo, e muitos parceis, que tinha sete ou oito legoas de extensão. Sahírão della, e corrêrão ao N. E. 4 N., mais hum dia, e huma noite, e vírão o Rio dos Bons Signaes, e depois as Ilhas Primeiras, das quaes no dia 21 estavão já cinco ou seis legoas distantes. Vinte legoas antes de Moçambique encontrárão hum baixo mui comprido, que seguia a direcção da Costa por sete ou oito legoas, e entrava duas pelo mar. No dia seguinte ancorárão ambas as náos em Moçambique.

1502 — Miguel Corte Real, Porteiro Mor d'ElRei D. Manoel, partio de Lisboa a 10 de Maio de 1502,

com tres navios (1), para procurar a seu irmão Gaspar Corte Real. Chegado á Costa já descoberta, e querendo examinar os Rios, Canaes, e Bahias que se lhe offerecião, entrou por hum delles, e mandou entrar os dous navios restantes por outros dous Canáes, determinando-lhes hum ponto, em que deverião reunir-se até 20 de Agosto; porêm não appareceo mais, e os Commandantes das duas embarcações, havendo-o aguardado por mais tempo que o praso assignado, voltárão para Portugal. Desde então se ficou chamando áquelle Paiz a Terra dos Cortes Reaes.

1502 — Neste anno mandou ElRei huma Armada (2) composta de Náos, Caravelas, e Galés, dividida em duas Esquadras, de que erão Commandantes Jorge de Mello, e Jorge de Aguiar, para atacarem a Villa de Targa, d'onde voltárão com perda de gente, e sem fazerem cousa alguma.

1503 — Vasco Annes Corte Real, irmão de Gaspar, e de Miguel Corte Real, Vedor da Casa d'ElRei D. Manoel, e do seu Conselho, Capitão, e Governador das Ilhas Terceira, e S. Jorge, e Alcaide Mor de Tavira, intimamente lastimado do desapparecimento de seus dous irmãos (3), pedio licença a ElRei para ir em pessoa procura-los, a qual lhe não concedeo; porêm á custa da sua Real Fazenda mandou neste anno dous navios a essa diligencia, de que voltárão sem noticia alguma daquelles dous Navegantes (4).

(1) Vede a Memoria já citada ácerca destas Viagens dos Cortes Reaes, e tambem Goes no mesmo lugar citado.

(2) Goes, Parte 1. Cap. 62.

(3) Vede a Memoria já citada na Collecção das Memorias de Litteratura da Academia das Sciencias, Tomo 3. — Goes, parte 1. Cap. 66, differe em algumas circunstancias.

(4) Estas frequentes Viagens á Terra Nova derão a conhecer aos Portuguezes, de que vantagem lhes seria a pescaria do Bacalháo, e assim cresceo tanto a Navegação para aquelle Paiz, que Pimentel affirma no

1503 — Confiado ElRei D. Manoel, que o Almirante D. Vasco da Gama, com a forte Esquadra que levou á India, teria restabelecido a paz, e boa harmonia entre os Portuguezes e as Potencias Asiaticas, mandou aprestar este anno tres Esquadras (1).

Compunha-se a primeira dos Navios S. Tiago de 300 toneladas, Espirito Santo de 350, S. Christovão de 150, e Catharina Dias de 100: era seu Chefe Affonso de Albuquerque, e Commandantes de navios Duarte Pacheco Pereira, Fernão Martins de Almada, e outro de que se ignora o nome. Hum destes navios era armado por conta da Casa Marchioni, e nelle hia embarcado por Feitor João de Empoli, Florentino (2); Francisco de Albuquerque, primo de Affonso de Albuquerque, commandava a segunda Esquadra de tres navios, e os outros dous Commandantes erão Nicoláo Coelho, e Pedro Vaz da Veiga. Estas duas Esquadras devião ir á India carregar de especiarias, e voltar logo para Portugal, sem ficarem alli servindo.

Commandava a terceira Esquadra Antonio de Saldanha, Fidalgo Castelhano, e os outros Commandantes forão Ruy Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira, que servia tambem de Mestre da mesma Náo.

seu Roteiro (pag. 376), que antigamente hião todos os annos dos Portos de Aveiro, Vianna, e outros, mais de cem Caravelas áquella pesca, e ainda no seu tempo (elle nasceo em 1650, e falleceo em 1719) se lião nas Cartas Francezas, e Inglezas os nomes Portuguezes de quasi todos os Cabos, Portos, e Bahias da Terra Nova, de que hoje restão alguns, posto que alterados; como v. gr. as Bahias da *Trepessa*, e da Grão *Presença*, convertidas em Bahias de *Trepassas*, e de *Pleisande*.

(1) Barros, Decada 1. Liv. 7. Capitulos 2., e 4. — Castanheda, Liv. 1. Cap. 55., e 64. — Goes, Parte 1. Capitulos 77., e 80.

(2) Author da unica Historia conhecida desta Viagem, a quem seguirei, por ser testemunha ocular dos factos que narra. Vede a Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, Tomo 2. N.º 6.

Levava elle por commissão examinar, e reconhecer o Estreito da Arabia (1), e cruzar em quanto a estação lho permittisse, sobre o Cabo Guardafui, para interceptar o Commercio dos Mouros.

A 6 de Abril partio de Lisboa Affonso de Albuquerque, dirigindo-se a Cabo Verde, á vista do qual fez conselho com os Pilotos sobre a melhor derrota que deveria seguir para o Cabo de Boa Esperança, evitando a navegação, que commummente se fazia ao longo da Costa de Guiné, perigosa pelos seus muitos baixos, correntes, e calmarias; e determinou-se, que a Esquadra se engolfasse de setecentas a oitocentas legoas. Navegando pois nesta volta vinte e oito dias, avistou-se huma tarde a Ilha da Ascensão, debaixo da qual estiverão toda a noite em risco de se perderem com temporal de travessia. Apartados da Ilha, seguírão o bordo do S.O. tanto tempo, que se achárão abarbados com a Costa do Brasil, onde ancorárão (não se sabe em que Porto), e tiverão communicação com os naturaes, que erão anthropofagos. Do Brasil continuárão a sua derrota para o Cabo de Boa Esperança, e soffrêrão huma grande tormenta, com que corrêrão a arvore seca, e nella se espalhárão os navios, e foi a pique o chamado Catharina Dias.

O navio, em que hia embarcado João de Empoli,

(1) O Estreito da Arabia he formado de huma parte pela Africa Oriental, e da outra pela Arabia. Passa-se d'aqui ao Mar Vermelho, que não he realmente senão a continuação do mesmo Estreito, o qual faz em certo ponto huma garganta mais estreita de communicação, a que se deo o nome de Estreito de Babel-Mandel. Por meio deste extenso Canal se tinhão os Arabes senhoreado do Commercio da India, antes da Viagem de D. Vasco da Gama, e continuárão a commerciar por muitos annos, ainda que á custa de grandes perdas e riscos. Na segunda parte destas Memorias explicarei mais diffusamente esta materia, analysando o plano, que o Grande Albuquerque tinha formado para a conquista total da India.

vio a 6 de Julho o Cabo de Boa Esperança, que dobrou, e seguindo a Costa, foi ancorar na Aguada de S. Braz, onde fez agua, e se proveo de vaccas a troco de huma campainha por cabeça, por ser este o artigo que os Negros estimavão mais; andavão elles vestidos de pelles, erão mui brutos, e ninguem entendeo a sua linguagem. Sahindo desta Aguada, continuou a correr a Costa, e tendo soffrido algumas tormentas, chegou a Sofala, e d'aqui seguio para Melinde, onde devia esperar por Affonso de Albuquerque, segundo as instrucções que levava, mas não pôde ferrar o Porto, ainda que nisso trabalhou muito, a fim de tomar hum Piloto, que o levasse á India; porêm as correntes o arrastárão até Pate. Aqui foi obrigado a dar fundo em quatro braças entre parceis; e vendo a estação avançada, deliberou-se o Commandante a atravessar para a India; e tendo navegado quinze dias, encontrou Affonso de Albuquerque com os outros dous navios da sua Esquadra, com grande alegria de todos; e navegando de conserva, forão avistar Monte Deli, e chegárão a Cananor a 11 de Setembro.

Francisco de Albuquerque sahio no dia 14, e fez mais breve jornada, porque ancorou em Anchediva no mez de Agosto; mas perdeo-se-lhe no caminho, sem saber-se como, o navio de Pedro Vaz da Veiga.

Apôz estas duas Esquadras partio Antonio de Saldanha, e o seu Piloto dirigio tão mal a derrota, que o levou á Ilha de S. Thomé, havendo-se já separado da sua conserva o navio de Diogo Fernandes Pereira.

Desta Ilha o conduzio a huma Bahia ao Norte do Cabo de Boa Esperança, assegurando-lhe que já o tinha passado. Aqui ancorou Antonio de Saldanha, que se achava só com o seu navio, por se ter igualmente apartado delle Ruy Lourenço: e na incerteza do lugar em que estava, subio a huma montanha mui alta, acha-

tada por cima (1); e estendendo os olhos para todas as partes, vio o Cabo, e alêm delle o mar para a banda de Leste, onde se fazia huma grande Enseada (2).

Nesta Bahia, em que Antonio de Saldanha estava, e a que deixou o seu nome, foi onde depois matárão os Cafres ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida. Dobrou finalmente o Cabo de Boa Esperança: na segunda parte fallarei do resto da sua viagem.

Diogo Luiz Pereira foi ter a Melinde, e Ruy Lourenço Ravasco a Moçambique.

1503 — Neste anno de 1503 mandou ElRei D. Manoel huma Esquadra de seis navios (3), commandada por Gonçalo Coelho, ou fosse para ir descobrir Malaca, ou para examinar, e reconhecer a Costa do Brasil já descoberta por Cabral (4). Americo Vespucio commandava huma das embarcações desta Esquadra.

Partírão de Lisboa a 10 de Maio (5), em direitura ás Ilhas de Cabo Verde, em que tomárão toda a casta de refrescos, demorando-se nisto treze dias. Continuárão

(1) Chama-se hoje *Montanha da Mesa.*

(2) He a Bahia Falsa.

(3) Vede a segunda Carta de Vespucio no Tomo 2. pag. 50 da Collecção já citada; e Goes, Parte 1. Cap. 65.

(4) Goes diz positivamente, que Gonsalo Coelho era o Chefe desta Esquadra, e que o seu destino era para a *Terra Santa Cruz.* Vespucio, a quem sigo na Historia desta Viagem, diz, que a Esquadra partio de Lisboa com o projecto de ir descobrir *huma Ilha chamada Malaca*, mas parece haver aqui algum erro, porque a sua propria narração dá bem a entender o contrario. Em primeiro lugar o rumo, que a Esquadra seguio quando os ventos forçárão o seu Chefe a abandonar o plano insensato de reconhecer Serra Leôa, só a podia conduzir ao Brasil. Em segundo lugar o ponto de reunião, que elle deo aos seus navios, em caso de separação, foi *a terra descoberta na viagem passada*; isto he, o Brasil. Em ultimo lugar vemos que Vespucio construio hum Forte no Porto, que descobrio em 18° de latitude Sul; e deixando nelle guarnição, voltou para Portugal, o que se não combina com o destino da Esquadra para Malaca.

(5) Goes dá a sahida da Esquadra a 10 de Junho.

depois a sua derrota com a prôa a E. S. E., porque como o Chefe era homem presumptuoso, e obstinado, quiz reconhecer Serra Leôa, sem ter necessidade disso, e contra vontade de todos os Commandantes. Quando porêm se aproximárão a ella, forão taes as tormentas, e ventos contrarios, que em quatro dias que estiverão á sua vista, não podérão tomar Porto, e forão obrigados a seguir a sua verdadeira navegação.

Desta paragem navegárão ao S. O., e tendo caminhado trezentas legoas, estando já na latitude S. de 3°, vírão huma Ilha extremamente alta, de que poderião estar distantes vinte e duas legoas, e não tinha mais de duas de comprido, e huma de largo (1).

Este descobrimento foi fatal á Esquadra, porque se perdeo aqui a Capitânia, que era de trezentas toneladas, por máo governo do Chefe, que deo com ella em hum baixo, onde se abrio na noite de 10 de Agosto, e foi ao fundo, salvando-se a gente; e nella hião todos os mantimentos de sobreselente da Esquadra. O Chefe mandou o navio de Vespucio á Ilha em busca de ancoradouro, em que surgissem todos, e ficou-lhe com o escaler guarnecido de nove homens, que tinha ido acudir ao naufragio da Capitânia. Partio Vespucio, levando só metade da sua guarnição em demanda da Ilha, que lhe ficava em distancia de quatro legoas, e achou hum Porto, em que podião ancorar os navios. Nelle esperou oito dias sem apparecer embarcação alguma: ao oitavo descobrio hum navio, e receoso de que este o

(1) Eu inclino-me a que esta Ilha era a de Fernando de Noronha, situada na latitude S. 3° 56′, e longitude 345° 31′, tanto porque a descripção de Americo Vespucio se parece bem com a que outros fazem daquella Ilha, como porque o rumo que seguio d'alli para a Bahia de Todos os Santos, e a distancia que navegou, não concordão mal com o verdadeiro rumo, e distancia entre a Bahia e a Ilha de Fernando, attendendo a que Vespucio conta por legoas mais pequenas, que as nossas legoas maritimas.

não visse, fez-se logo á véla a encontra-lo, pensando que lhe traria o escaler e a gente; mas chegando á falla, e perguntando-lhe as novidades, só lhe respondeo, que a Capitânia fôra a pique, salvando-se apenas a guarnição, e que a sua gente, e o escaler havião ido na Esquadra. Neste aperto voltárão os navios para a Ilha, e se provêrão de agua e lenha, servindo-se do batel do ultimo que veio. Esta Ilha era despovoada, tinha muitas aguas doces e correntes, infinitas arvores, e innumeraveis aves maritimas e terrestres, que se deixavão apanhar á mão, e nenhuns outros animaes vírão, senão ratos mui grandes, lagartos de duas caudas, e algumas cobras.

Partírão dalli navegando ao S. 4 S. O., porque trazião regimento para que, em caso de separação, se dirigisse o navio extraviado á terra descoberta na viagem antecedente. Continuando a navegar com bom tempo, aos dezesete dias de viagem descobrírão hum Porto, a que pozerão o nome de Bahia de Todos os Santos (1), que distaria da tal Ilha trezentas legoas. Não achando alli o seu Chefe, nem outro algum navio da Esquadra, esperárão os dous Commandantes dous mezes e quatro dias; e vendo que não havia noticia delles, determinárão correr a Costa para o Sul; e sahindo da Bahia, navegárão mais duzentas e sessenta legoas, e entrárão em hum Porto, em que levantárão hum Forte, onde deixárão vinte e quatro homens dos que vinhão no outro navio, e pertencião á Capitânia. Neste Porto, que Vespucio situou na latitude S. de 18° (2), e longitude Oeste de

(1) A Bahia está situada na latitude S. 13°, e longitude 339° 22'.

(2) Esta latitude he a de Caravelas, porêm a distancia da Bahia a este Porto he de cem legoas ao rumo de Sul, com pouca differença, e não de duzentas e sessenta, como diz Vespucio; a sua longitude tambem está errada, porque Caravelas fica 31° a Oeste de Lisboa pouco mais ou menos; mas este erro não admira naquelle tempo.

Lisboa 37°, segundo os seus instrumentos; estiverão cinco mezes construindo o Forte, que guarnecêrão de doze canhões, muitas armas, e víveres para seis mezes. E despedindo-se dos companheiros, e dos naturaes do Paiz, que erão tão pacificos, que Vespucio penetrou quarenta legoas pela terra dentro, acompanhado só de trinta homens, se fizerão á véla ao rumo de N. N. E., e em setenta e sete dias chegárão a Lisboa a 18 de Junho de 1504, e forão muito festejados pelos supporem já perdidos. As outras Náos da Esquadra nunca mais apparecêrão.

1504 — Neste anno mandou ElRei á India Lopo Soares de Alvarenga (1), com huma bella Esquadra de treze navios, os maiores que até áquelle tempo lá tinhão ido, guarnecidos de mil e duzentos Soldados, em que entravão muitos Fidalgos e Cavalleiros, e abundantemente providos de munições de guerra. Erão Commandantes Leonel Coutinho, Pedro de Mendonça, Lopo Mendes de Vasconcellos, Manoel Telles Barreto, Pedro Affonso de Aguiar, Affonso Lopes da Costa, Filippe de Castro, Tristão da Silva, Vasco da Silveira, Vasco de Carvalho, Lopo de Abreu, e Pedro Dias.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 22 de Abril, e a 2 de Maio chegou a Cabo Verde. Chamou Lopo Soares a seu bordo todos os Commandantes, Mestres, e Pilotos, e lhes advertio, que havendo partido tão tarde de Portugal, não devião fazer os desmanchos, que até alli fizerão, e sempre por descuidos, como foi abalroarem humas Náos com outras, em que corrêrão grande perigo; como tambem não seguirem alguns navios de noite o seu farol, e huns irem pela sua proa, outros pela pôpa, e alguns a seu barlavento. Para evitar estas desor-

(1) Vede Barros, Decada 1. Liv. 7. Cap. 9. — Castanheda, Liv. 1. Cap. 90. — Goes, Parte 1. Cap. 96. — Faria, Asia Portugueza.

dens, mandou lavrar hum Termo pelo Escrivão, assignado por elle, e por todos os Commandantes, no qual ordenava: « Que todos os navios seguissem de noite o farol da sua Náo, e navegassem nas suas aguas. Que em nenhum navio houvesse de noite outra luz, senão a da bitácula, e a da camara do Commandante. Que os Mestres, e Pilotos tivessem muito cuidado em que os navios se não abordassem; e que respondessem aos signaes, que elle lhes fizesse. Que os navios o salvassem de dia, e não lhe passassem adiante de noite. E que quem fizesse o contrario, pagasse dez cruzados, e fosse prezo até á India, sem vencer soldo. » Como alguns Mestres, e Pilotos erão negligentes, e por sua culpa se abalroavão os navios, contentou-se Lopo Soares com os mudar de humas embarcações para outras (1). Deste dia em diante navegou a Esquadra em boa ordem.

No mez de Junho, indo a Esquadra na volta do Cabo de Boa Esperança, teve hum temporal, com que correo dous dias e huma noite em arvore seca, com tanta cerração, que passados dous dias, vírão-se signaes de terra proxima, que se não pôde descobrir; e Lopo Soares ordenou, que a cada ampulheta se dessem dous tiros de canhão na sua Náo, e todos os navios respondessem com outros tantos. Abonançando o tempo, achou-se de menos a Náo de Lopo Mendes de Vasconcellos; e

(1) Este breve Regimento de Disciplina Naval, que o bom juizo dictou a Lopo Soares, prova que até alli não havia nenhum, governando-se cada Chefe de huma Esquadra pelo seu proprio discurso, ou pelos conselhos dos seus Officiaes de Nautica; e os Commandantes dos navios pelo mesmo modo. Nestas Memorias se verá, que as Esquadras Portuguezas navegavão quasi sempre espalhadas desde que partião do Reino, separando-se voluntariamente os navios huns dos outros; porque cada Commandante á ida trabalhava por chegar primeiro á India; e na volta a Lisboa; d'onde se seguião immensas perdas ao Estado, e ao Commercio; consequencias inevitaveis da falta de hum bom Regulamento para o serviço Naval.

poucos dias depois deo huma Náo tamanha pancada em outra, que abrio pela roda de prôa, fazendo tanta agua, que estava em termos de ir a pique. Lopo Soares arribou sobre ella, e disse-lhe, que trabalhassem afoitamente, porque lhes acodiria, como logo fez com a sua lancha, ainda que o mar andava grosso. Ao anoitecer achava-se tomada metade da agua, e para se acabar de tomar o resto, determinou Lopo Soares, que esta Náo levasse farol toda a noite, e as outras a seguissem, a fim de a soccorrerem, sendo necessario, e acalmando mais o vento no dia seguinte, vedou-se de todo a agua; e no dia 25 de Junho ancorou a Esquadra em Moçambique.

1504 — Larache era hum ninho de Corsarios; achavão-se alli tomadas quatro Caravelas Portuguezas, de que D. João de Menezes, Governador de Arzilla (cinco legoas de Larache) estava muito irritado, e mais o ficou hum dia, vendo passar por diante dos seus olhos huma Galé do Alcaide de Tetuam Almandarim, e cinco Galeotas, que todas hião para Larache. Nessa mesma noite mandou elle espiar o Porto, e soube que as Galeotas estavão abicadas em terra entre as Caravelas aprisionadas (1), e que a Galé estava surta junto a huma bateria guarnecida de artilheria, que defendia a entrada do Rio. Andava então de guarda-costa no Estreito de Gibraltar Garcia de Mello, Anadel Mor dos Besteiros, com tres Caravelas, e armando D. João de Menezes outras tres, que estavão em Arzilla, combinou-se com Garcia de Mello para darem hum assalto em Larache.

Na noite de 24 de Julho de 1504 sahio de Arzilla D. João de Menezes com esta pequena Esquadra de seis Caravelas, e foi amanhecer sobre a barra de La-

(1) Goes, Parte 1. Cap. 83.

rache, mas sendo os Navios conhecidos pelos Mouros, rompêrão contra elles hum grande fogo de artilheria. D. João, que hia na vanguarda, fez cobrir o costado de huma Caravela de colxões, e saccas de lã (que já trazia prevenidas) sobrepostas humas ás outras, e na enchente da maré ordenou ao Commandante, que fosse ancorar defronte da bateria, o que elle fez. Á' sombra desta Caravela entrárão todas as outras, apezar do fogo da bateria, e da Galé Real, e surgírão hum pouco mais acima, onde logo desembarcárão, e se travou huma furiosa peleja com os Mouros, que acudírão em numero crescido a defender as suas embarcações, principalmente a Galé, que apezar de tudo foi queimada, assim como tres das Caravelas aprezadas, que os Portuguezes não podérão pôr a nado; porêm trouxerão comsigo huma dellas com as cinco Galeotas, e dous Bergantins, sem perderem mais que hum homem, á custa das vidas de muitos Mouros. E como a maré começava a vasar, D. João, e Garcia de Mello se embarcárão, e sahírão do Rio, conduzindo as oito prezas a seu salvo, que forão ancorar em Arzilla, e Garcia de Mello continuou a guardar o Estreito.

ElRei estimou sobre maneira esta victoria, e ficou então fazendo o maior conceito dos talentos, e valor de D. João de Menezes.

1505 — Sabendo ElRei pelas ultimas noticias do Oriente (1), que longe de achar-se terminada, continuava mais furiosa a guerra, convocou o seu Conselho, e debatida nelle a questão, assentou-se que cumpria mudar o systema até alli seguido, e mandar huma forte Esquadra, parte da qual voltasse com carga de especiaria, e o resto, comprehendendo as embarcações mais

(1) Barros, Decada 1. Liv. 8. Cap. 3. — Castanheda, Liv. 2. Cap. 1. — Pedro Barreto de Rezende, Epilogo dos Governadores. — Goes, Parte 2. Capitulos 1, e 2.

pequenas, ficasse servindo na India; que se construissem Fortalezas nos Portos mais vantajosos á segurança das Esquadras, e concentração do Commercio; e que se estabelecesse hum Governo permanente naquelle Paiz, para dirigir os negocios Civís, e Militares, segundo as Instrucções, e Regimentos que se lhe dessem.

Para preencher estes diversos fins elegeo ElRei a Tristão da Cunha, que estando prompto a partir, teve huma molestia, de que por então cegou, e em seu lugar foi nomeado D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, que acceitou facilmente o Cargo, e ElRei lhe assignou hum grande ordenado, a contar do dia que sahisse de Portugal até regressar a elle; e lhe concedeo mais ter na India huma Guarda de cem Alabardeiros, Capella, e outras preeminencias, para que representasse a sua Real Pessoa; e a seu filho D. Lourenço de Almeida, mancebo das maiores esperanças, que o acompanhava, fez tambem varias mercês. D. Francisco de Almeida devia ter titulo de Governador, e Capitão General, e tomar o de Vice-Rei logo que construisse Fortalezas em Cochim, Cananor, e Coulão; por quanto ElRei mandava fazer não só estas, e a de Anchediva na India, mas outras em Sofala, Quiloa, Mombaça, e Moçambique na Africa Oriental, onde os Mouros continuavão o trafico do ouro, que era da maior importancia vedar-lhes. Estes, e outros artigos se continhão em hum amplo Regimento, que lhe deo para governo, o qual copiarei por extenso em outra parte.

Compunha-se a Esquadra de dezeseis Náos e seis Caravelas (1), com mil e quinhentos soldados de guarni-

(1) Barros conta vinte e dous navios, e só nomea dezenove Commandantes. Faria diz que a Esquadra constava de dezeseis Náos, e quatro Caravelas, e traz os nomes de dezenove Commandantes. Castanheda conta quinze Náos, e seis Caravelas, e nomea outros tantos Comman-

ção, tudo gente limpa, em que entravão muitos Fidalgos, e moradores da Casa Real, os quaes hião destinados para ficarem servindo na India por tres annos, na fórma de hum Regulamento, que ElRei então fez, determinando o mesmo tempo de serviço para todos os Empregos Civís, e Militares daquelle Estado. Por este Regulamento se estabeleceo o soldo de oitocentos réis mensaes para os soldados durante a viagem, e quando estivessem desembarcados mais quatrocentos réis por mez de comedorias, como equivalente da ração do mar; acrescentando a estes vencimentos as *liberdades*, e *quintaladas* de que já fallei, das quaes gozavão todos os individuos que servião na Asia.

Erão Commandantes das Náos (não contando o Governador), D. Francisco de E'ça, Fernão Soares, Ruy Freire de Andrade, Vasco Goes de Abreu, João da Nova, Pedro de Anaia, Sebastião de Sousa, Diogo Correa Fogaça, Lopo Sanches, Hespanhol, Filippe Rodrigues, Lopo de Deos, que era igualmente Piloto, João Serrão, Antão Gonçalves, e Fernão Bermudes, Fidalgo Hespanhol. Commandavão as Caravelas Gonçalo Vaz de Goes, Gonçalo de Paiva, Lucas da Fonceca, Lopo Chanoca, João Homem, e Antão Vaz.

Em quanto se acabavão de aprestar os navios, foi a pique no rio de Lisboa a Náo de Pedro de Anaia, pelo descuido do Mestre em mandar examinar as bombas, de maneira que de repente abrio tanta agua, que se não pôde salvar; e por isso Pedro de Anaia partio depois, como adiante direi.

Nas vesperas da sahida da Esquadra veio ElRei ouvir Missa á Sé, e alli com grande solemnidade entregou a D. Francisco de Almeida a Bandeira Real; e

dantes. Goes escreve, que erão dezeseis Náos, e seis Caravelas, e não omitte nenhum Commandante; por isso o segui.

sahindo este da Sé com os Commandantes, e Fidalgos da sua Esquadra, toda a Nobreza da Corte o acompanhou até ao Caes da Ribeira, onde embarcou.

A 25 de Março de 1505 se fez á véla a Esquadra com quinze Náos e seis Caravelas, indo ElRei ao mar para a ver sahir, e navegando com bom tempo, avistou a 30 a Ilha da Madeira, e depois a da Palma; e seguindo a sua derrota para Cabo Verde, a 6 de Abril ancorou no Porto de Ale, em que se achava fazendo escravatura huma Caravela Portugueza, e sendo por esta via sabedor o Regulo do Paiz da chegada do Governador, mudou-se com a sua familia para huma Aldea fronteira ao ancoradouro, á qual D. Francisco de Almeida o mandou visitar com hum presente, e elle lhe correspondeo com outro de refrescos da terra. Aqui completárão a sua aguada os navios, huns nesta Bahia, outros na de Besenegue, que fica pouco distante, em que consumírão nove dias.

A 15 de Abril continuou o Governador a sua viagem, soffrendo antes da passagem da Linha alguns dias de calmaria: e como havião navios ronceiros, que fazião atrazar os outros, convocou os Commandantes, e Pilotos, e com o seu parecer organizou duas Esquadras (1): huma, que tomou para si, de treze Náos, e a Caravela de Gonçalo de Paiva, para navegar de noite com farol na sua prôa; e a outra composta das Náos de Sebastião de Sousa, e Lopo Sanches, e das cinco Caravelas restantes, entregue a Manoel Paçanha, que hia embarcado de passageiro na Náo Conceição com seu genro Sebastião de Sousa. Os motivos, que teve o Governador para lhe fazer semelhante honra, forão ter ElRei nomea-

(1) Barros faz esta divisão de Esquadras no Porto de Ale; mas Castanheda diz, que foi na occasião da passagem da Linha, o que me pareceo mais provavel, pelo receio que devião causar as calmarias de ser prolongada a viagem.

do Manoel Paçanha por Governador da Fortaleza de Anchediva, e suspeita que tambem hia nomeado em segredo seu successor no Governo da India.

Passada a Linha no dia 5 de Maio, achando-se a outra Esquadra fóra da vista do Governador, e havendo calma podre, e mar muito banzeiro, a Náo Bella, Commandante Pedro Ferreira, que era velha, abrio pela segunda vez huma agua tão grossa, que foi a pique: salvou-se unicamente a gente, e hum caixote de prata da Capella do Governador, nos escaleres da Esquadra, sendo Pedro Ferreira o ultimo individuo, que sahio da Náo, como devia fazer.

Os Pilotos por segurarem a passagem do Cabo, empenhárão-se tanto no bordo do Sul, que chegárão a 40° de latitude, onde o frio era intoleravel, e achárão ventos mui fortes, e trovoadas. A 26 de Junho dobrárão finalmente o Cabo, julgando-se distantes delle cento e setenta e cinco legoas.

A 2 de Julho sobreveio huma trovoada com tanto vento, que fez em pedaços as vélas das Náos do Governador, e de Diogo Correa, e levou desta tres homens ao mar, de que ainda podérão colher hum, apezar do grosso mar, por ser grande nadador. Abonançando o tempo, e dissipada a cerração, achou-se de menos a Náo de João Serrão, pela qual esperou o Governador, e não apparecendo, seguio seu caminho. A 19 de Julho vio as Ilhas Primeiras, e expedindo a Caravela de Gonçalo de Paiva para Moçambique, a saber as novidades da India, foi surgir em Quiloa no dia 22. O resto para a segunda parte das Memorias.

1505 — Desejando ElRei que fosse quanto antes construida a Fortaleza de Sofala, de que já tinha encarregado Pedro de Anaia, que não pôde sahir com D. Francisco de Almeida, pelo desastre acontecido á sua Náo, fez armar a toda a pressa tres boas Náos, e ou-

tros tantos navios menores, de que lhe deo o commando em Chefe para ir cumprir aquella commissão, devendo ficar por Governador da Fortaleza, que fizesse, com os tres navios para sua guarda; e remetter para a India as tres Náos, a fim de tornarem a Portugal com carga de especiaria. Os Commandantes que hião debaixo das suas ordens erão Pedro Barreto de Magalhães na Náo Santo Espirito; João Leite na Náo Santo Antonio; Francisco de Anaia, filho de Pedro de Anaia, no navio S. João; Manoel Fernandes em outro, e João de Queirós no navio S. Paulo.

A 18 de Maio de 1505 sahio a Esquadra de Lisboa, e seguindo sua viagem, sendo pela altura de Serra Leôa, querendo João Leite fisgar do gorupés hum dourado, cahio ao mar, e afogou-se. Os Pilotos, que parece se havião combinado com os da Esquadra de D. Francisco de Almeida, forão buscar 45° de latitude, onde o frio era tão intenso, que se gelava a agua, e o vinho, e a gente não podia trabalhar por falta de bom vestuario proprio de similhante temperatura.

Virando depois no bordo do N. E., tiverão ventos furiosos, e tempos escuros, com que os navios se espalhárão, ficando Pedro de Anaia com o de Francisco de Anaia, e Manoel Fernandes; e a 4 de Setembro dobrou o Cabo das Correntes (1), e foi ancorar na barra de Sofala.

Aqui veio ter a Náo Santo Antonio, e o navio São Paulo, cujo Commandante, chegando ao Rio da Alagoa com necessidade de agua, desembarcou acompanhado de vinte homens, tendo o desacordo de levar comsigo o Piloto, e o Mestre; e mettendo-se meia legoa pela ter-

(1) O Cabo das Correntes está situado na Costa Oriental da Africa, no Canal de Moçambique, na latitude S. 23° 40′, e longitude 54° 55′.

ra dentro movido da cubiça de colher algum gado, foi assaltado dos naturaes, de cujas mãos apenas escapou o Escrivão João de Gá, e mais quatro homens, todos feridos. O navio ficando sem Official algum, que entendesse da Navegação, hia perder-se, quando o acaso trouxe João Vaz de Almada, a quem Pedro de Anaia dera o commando da Náo Santo Antonio, e provendo o navio do necessario, o levou em sua conserva; bem como a lancha de Pedro Barreto de Magalhães, que encontrou perto de Sofala, em que este enviava seu irmão Antonio de Magalhães a participar a Pedro de Anaia, que ficava com a Náo Santo Espirito no Cabo de S. Sebastião (1), e pedia hum Piloto, que o levasse a Sofala, por quanto o seu não se atrevia a isso, por ser novo naquella carreira.

Antonio de Magalhães trazia comsigo na lancha cinco Portuguezes, que achou no Rio de Quilimane, que os Mouros lhe entregárão quasi mortos, e erão da companhia de outros, que tinhão passado adiante, todos da Náo de Lopo Sanches, pertencente á Esquadra de D. Francisco de Almeida. Pela confissão destes homens constou, que julgando-se quarenta legoas do Cabo das Correntes, hia a Náo já fazendo tanta agua, que foi forçoso encalhar, onde se salvou a gente, os mantimentos, muita madeira que levava, pregadura, e aparelhos, com que construírão hum Caravelão para passarem a Sofala. Porêm como Lopo Sanches era Hespanhol, a guarnição não quiz mais obedecer-lhe (2), e dividida em

(1) O Cabo de S. Sebastião está vinte e oito legoas ao Norte do Cabo das Correntes, na latitude S. 22° 6', e longitude 54° 50'.

(2) Parece que naquelles tempos quasi todos os individuos a bordo de hum navio estavão persuadidos que perdido elle, ficavão desligados da obediencia do seu Commandante, e podião eleger outro a seu arbitrio; ao menos na pratica succedeo isto muitas vezes, como mostrarei com exemplos nestas Memorias. Tão perniciosa desordem era a conse-

bandos, huns embarcárão com Lopo Sanches no Caravelão, outros resolvêrão ir por terra. Estes cinco, que escapárão, erão do numero de huns sessenta, que seguírão seu caminho ao longo do mar, assim como outros vinte, que o Rei de Sofala entregou a Pedro de Anaia, o resto acabou na jornada, e o Caravelão nunca mais appareceo.

1505 — Neste mesmo anno (1) mandou ElRei dous navios, de que forão por Commandantes Cide Barbudo, e Pedro Quaresma, para examinarem a Costa d'Africa Oriental desde o Cabo de Boa Esperança até Sofala, e algumas daquellas Ilhas, a fim de obterem noticias de Francisco de Albuquerque, e Pedro de Mendonça, que se sabia terem desapparecido naquella paragem.

Estes dous navios partírão de Lisboa no mez de Setembro, e seguindo sua viagem, quando cuidavão ter dobrado o Cabo de Boa Esperança, achárão-se na Angra das Areas, situada na Costa d'Africa Occidental, áquem do Cabo cento e cincoenta legoas; e bordejando trabalhosamente, chegárão á Aguada de Saldanha, onde comprárão alguns mantimentos aos Cafres, e aqui passou Cide Barbudo para o navio de Pedro Quaresma, por ser elle quem hia encarregado da commissão, e Pedro Quaresma passou para o seu.

Dobrado o Cabo, porque os tempos o não deixárão reconhecer a Costa á sua vontade, principalmente no lugar da suspeita, que era na Aguada de S. Braz, estando a este tempo já separado de Pedro Quaresma, tornarão-se a ajuntar na paragem em que o Piloto affirmava ter visto encalhada a Náo de Pedro de Mendon-

quencia de não haver hum Corpo fixo de Officiaes da Marinha Real, que tivessem huma authoridade deduzida dos seus Postos, e independente de Commissões precarias, para se fazerem sempre respeitados, e obedecidos dos que lhes fossem inferiores em graduação.

(1) Barros, Decada 1. Liv. 10. Cap. 6. — Goes, Parte 2. Cap. 9.

ça, vindo elle por Piloto da Náo de Pedro de Abreu. E por ser este o lugar da suspeita, deitou Cide Barbudo dous degradados em terra, para irem ao longo da Costa, e saberem dos Cafres se havia alguma gente branca no sertão. Os degradados voltárão dahi a sete dias áquelle lugar, onde os navios não podião chegar com os ventos contrarios, e derão noticia de acharem parte do casco da Náo queimada, como que viera á Costa, sem os Cafres lhes saberem dar razão da gente. Por estes signaes julgárão que a Náo era perdida, e que o fogo fôra posto pelos Cafres para se aproveitarem da sua pregadura. O maior mal, que elles fizerão a estes degradados, foi despoja-los dos vestidos.

Dalli partírão os dous Commandantes para Sofala, onde achárão fallecido Pedro de Anaia, e a maior parte da sua gente; por cuja causa Cide Barbudo, deixando na Fortaleza alguma da sua, e a Pedro Quaresma com o seu navio, partio para a India em Junho de 1506.

1506 — Tinha ElRei determinado mandar á India Tristão da Cunha (1) por Commandante das Náos da carreira, e Affonso de Albuquerque por Chefe de outra Esquadra, para andar cruzando na Costa da Arabia; mas com as noticias que lhe deo Diogo Fernandes Pereira da Ilha de Socotorá (2), que descobrio, e Antonio de Saldanha, que por alli andára cruzando, e dizia que os moradores erão Christãos, Vassallos do Rei Mahometano de Fartaque, que possuia huma Fortaleza na Ilha; resolveo que estas duas Esquadras reünidas debaixo da bandeira de Tristão da Cunha, fos-

(1) Vede Barros, Decada 2. Liv. 1. Cap. 1. — Faria, na Asia Portugueza, Tomo 3. no fim; e Europa Portugueza. — Castanheda, Liv. 2. Cap. 31. — Goes, Parte 2. Cap. 21.

(2) A Ilha de Socotorá tem trinta legoas de comprido; está situada defronte do Cabo Guardafui, na boca do Estreito da Arabia. A sua ponta de Leste acha-se na latitude N. 12° 20', e longitude 72° 50.

sem tomar aquella Fortaleza, e a deixassem guarnecida, no caso de ser capaz disso; e não o sendo, construissem outra de novo. E para que os Portuguezes em qualquer incidente podessem fortificar-se logo ou naquelle lugar, ou em outro mais vantajoso, fez embarcar huma Fortaleza de madeira, que se guardava no Arsenal desde o tempo em que intentou passar em pessoa á Africa; porque ElRei dava grande importancia a possuir em Socotorá hum Porto, em que podessem invernar, e prover-se os seus navios de guerra, para sahirem dalli a cruzar nos Estreitos da Arabia, e da Persia, e embaraçarem assim a navegação dos Mouros para a Costa do Malabar.

A peste em que então ardia Lisboa, onde morrião cento e vinte pessoas por dia, obstou ao recrutamento necessario, por não ousar ninguem vir das Provincias á Capital, e foi forçoso mandar embarcar alguns presos já condemnados a degredo para outras partes. Em fim a 6 de Abril de 1506 sahírão de Lisboa as duas Esquadras (1). A de Tristão da Cunha compunha-se de oito Náos, e tres navios menores, de que erão Commandantes, elle na Náo S. Tiago; Leonel Coutinho na Leitôa Velha; Alvaro Telles Barreto na Garça; Ruy Dias Pereira, Alferes Mor, no S. Jorge; Ruy Pereira no S. Vicente; João Gomes de Abreu na Ajuda; Job Queimado em huma Náo sua; Alvaro Fernandes na Náo de Lagos; João da Veiga em hum navio; Tristão Roiz em outro navio; e Tristão Alvares no navio Santo Antonio. Muitos destes navios erão de particulares, afretados por ElRei. A segunda Esquadra constava de quatro Náos, e huma Taforéa, ou Setía, de que erão Com-

(1) Barros diz, que as Esquadras sahírão juntas a 6 de Março; Castanheda, e Goes dizem a 6 de Abril, e Faria, que Affonso d'Albuquerque sahio a 28 de Março.

mandantes Affonso de Albuquerque na Náo Cirne; Francisco de Tavora no Rei Grande; Manoel Telles Barreto no Rei Pequeno; Antonio do Campo no Santo Espirito; e Affonso Lopes da Costa na Taforéa. A guarnição destas duas Esquadras era de mil e trezentos soldados (1).

As Instrucções geraes d'ElRei determinavão, que Tristão da Cunha se dirigisse com ambas as Esquadras á Ilha de Socotorá, conservando-se Affonso de Albuquerque debaixo das suas ordens, até se conquistar a Fortaleza da Ilha, ou se fazer outra de novo, se esta não se julgasse sufficiente para defender-se de qualquer irrupção dos inimigos; e concluido este negocio, devia passar á India com a sua particular Esquadra, para voltar dalli com carga a Portugal.

As Instrucções de Affonso de Albuquerque (em quem ElRei tinha a maior confiança), lhe ordenavão, que ficasse encarregado de fazer guerra aos Mouros, que ousassem continuar a navegação da India, sahindo pelo Mar Vermelho, ou Estreito Persico; *com poder de mero, e mixto Imperio*, excepto que no caso dos Commandantes dos seus navios commetterem algum crime digno de morte, não a faria executar, mas os remetteria presos a Portugal, com os autos das suas culpas, onde serião castigados; e que obedeceria ao chamamento do Vice-Rei, se este lho requeresse para objectos do seu Real serviço. Deo-lhe tambem dous Alvarás: hum de successão do Governo da India para quando D. Francisco de Almeida acabasse os tres annos, que devia go-

(1) Barros dando a ambas as Esquadras quatorze navios, nomea com tudo quinze Commandantes, além de Tristão da Cunha, o que faz dezeseis embarcações. Castanheda conta só quinze navios. Goes, e Faria dizem, que erão dezeseis, e põem os nomes de outros tantos Commandantes. Fr. Manoel Homem, na sua Obra já citada, concorda com estes dous ultimos Historiadores.

vernar, ou se fallecesse antes disso; cujo Alvará hia sellado, e no sobrescrito dizia: *Este se abrirá quando Affonso de Albuquerque o requerer*, e no mesmo sobrescrito estava assignado ElRei. O outro era para que podesse mandar assentar no Livro das Moradias as pessoas, que bem lhe parecesse.

Estas Esquadras hião inficionadas de peste, que antes da sua sahida morrerão alguns homens a bordo da propria Náo de Tristão da Cunha, que seguindo a sua derrota, foi fazer aguada a huma Ilha, que fica no rosto de Cabo Verde (1), então chamada Ilha da Palma; e para sepultar as muitas pessoas, que fallecêrão, se construio huma Ermida de pedra e barro, na qual se disse Missa, e enterrárão os mortos; porêm tanto que Tristão da Cunha chegou á Linha, todos os enfermos se restabelecêrão. De Cabo Verde forão as Esquadras avistar a terra do Cabo de Santo Agostinho; e atravessando para o Cabo de Boa Esperança, metterão-se em tanta altura, que os homens mal enroupados soffrêrão muito do frio, e alguns delles morrêrão.

Nesta travessia descobrio Tristão da Cunha as Ilhas, que se chamão do seu nome (2), e com hum temporal se espalhárão todos os navios, indo elle ancorar em Moçambique no mez de Dezembro, onde se reunírão quasi todos.

Alvaro Telles correndo com o tempo, sem saber

(1) No rosto de Cabo Verde ha tres pequenas Ilhotas insignificantes, chamadas Ilhas da Magdalena, ou dos Passaros. Não he possivel que Tristão da Cunha aqui ancorasse com a sua Esquadra, e creio que se elle com effeito desembarcou em alguma Ilha, seria na Goréa (talvez naquelle tempo chamada da Palma), que tem agua nativa, e huma excellente Bahia. Castanheda diz, que fez aguada na Enseada de Besenegue, e que alli deixou os doentes.

(2) Estas Ilhas de Tristão da Cunha são tres: a maior he a que está mais ao Norte, cuja latitude S. he de 37° 5', e a longitude de 5° 48'.

bem por onde hia, passou por fóra da Ilha de S. Lourenço, foi ver a Sumatra, cuidando ser o Cabo Guardafui; e conhecendo a final o seu erro, voltou para o mencionado Cabo, onde se deixou ficar cruzando, e fez boas prezas.

Leonel Coutinho foi invernar a Quiloa, e Ruy Pereira entrou em huma Enseada da Ilha de S. Lourenço (1), chamada Matatana (2), onde veio a seu bordo huma canoa com alguns Negros, cuja linguagem se não entendia, mas por acenos pareceo dizerem, que no Paiz havia prata, (de que alguns trazião manilhas) cravo, e gengivre que lhe mostrárão; por cuja causa Leonel Coutinho tomou dous delles, que levou a Moçambique, e os apresentou á Tristão da Cunha; e daqui nasceo a fabula de haver naquella Ilha muita prata, e especiaria.

Job Queimado, que se havia separado huma noite das Esquadras antes de sahirem da Costa de Guiné, não pôde dobrar o Cabo de Santo Agostinho, e virando no bordo de Leste, foi avistar a Costa da Africa Occidental, e dalli foi ter á Ilha de S. Thomé, d'onde proseguio a sua viagem ao longo da Costa, navegando com terraes, e virações; dobrou o Cabo de Boa Esperança, e chegou a Moçambique depois de Tristão da Cunha.

1507 — Este anno mandou ElRei aprestar quatorze navios (3), divididos em quatro Esquadras. A primeira de duas Náos, commandada por Jorge de Mello Pereira, embarcado na Náo Belem, a maior que até este dia tinha passado á India, e Commandante da outra Henri-

(1) A Ilha de S. Lourenço foi descoberta no 1.º de Fevereiro de 1506 por Fernão Soares, na sua torna-viagem da India para Portugal.

(2) Enseada situada na Costa Oriental da Ilha de S. Lourenço na latitude S. de 22° 8', e longitude 66° 10'.

(3) Barros, Decada 2. Liv. 1. Cap. 6. — Goes, Parte 2. Cap. 14. — Castanheda, Liv. 2. Cap. 72.

que Nunes de Leão, partio de Lisboa a 12 d'Abril de 1507, com destino á India, para dalli voltar com carga de especiaria. A segunda de quatro Náos, com igual destino, commandada por Fernão Soares, e Commandantes das outras tres Ruy da Cunha, Gonçalo Carneiro, e João Colaço, partio a 13. A terceira de duas Náos, tambem da carreira, commandada por Filippe de Castro, e Commandante da segunda Náo, Jorge de Castro, seu irmão, sahio a 15.

A ultima Esquadra partio a 20, composta de seis navios mais pequenos, commandada por Vasco Gomes de Abreu; nomeado Governador de Sofala, que levava ordem d'ElRei para construir huma Fortaleza na Ilha de Moçambique, a qual devia ficar comprehendida no seu Governo: os Commandantes erão Lopo Cabral no navio S. Romão, em que hia embarcado Vasco Gomes de Abreu, Ruy Gonçalves de Valladares no S. Simão; Pedro Lourenço no S. João, e Lopo Chanoca em huma Caravela; Martim Coelho, e Diogo de Mello em outros dous navios, os quaes erão destinados a servir na India por tres annos.

Vasco Gomes de Abreu achando-se na Costa de Guiné a 3 de Maio, mandou navegar de noite com farol pela prôa da Esquadra a João Chanoca, por ser a sua Caravela pequena, e mui veleira, mas por falta de ir sondando, encalhou em hum parcel da Costa ao Norte do Rio Senegal, salvando-se em terra toda a gente. Os outros navios, que seguião a sua pôpa, não vendo o farol, cuidárão que a Caravela se teria adiantado, pois não fizera signal algum, e continuárão a derrota, estando a noite de cerração, até que sentindo a arrebentação do mar, derão fundo, e pela manhã souberão da perdição da Caravela. Vasco Gomes não se quiz arriscar a enviar hum escaler a terra, tanto por ser a Costa perigosa, como porque receou que os Negros o aprisionas-

sem; e suspendendo as ancoras, foi fazer aguada a Besenegue, que lhe ficava perto, onde vierão ter os naufragados, menos João Chanoca, o Escrivão; e alguns marinheiros, que o Rei dos Jalofos reteve por quinze dias, e finalmente restituio á força de presentes, depois de roubados.

Partio daqui Vasco Gomes, e havendo soffrido muito máo tempo, chegou a Sofala a 8 de Setembro.

Os navios das outras Esquadras entrárão em Moçambique, huns em Outubro, outros ainda mais tarde, de modo que nenhum delles passou neste anno á India.

1508 — ElRei D. Manoel illudido com hum projecto que lhe offerecêrão (o qual a experiencia lhe fez depois sabiamente abandonar), dividio em dous os Estados da India: hum comprehendendo desde Sofala até Diu, cujo Governador se recolheria de Inverno na Ilha de Socotorá, e se intitularia Capitão Mor dos Mares da Ethiopia, Arabia, e Persia; ao segundo desde Diu ao Cabo Comorim, residindo o seu Governador, chamado Capitão Mor dos Mares da India, na Cidade de Cochim durante o tempo da carga das Náos: ambos estes Governadores erão independentes hum do outro, e tinhão Regimentos separados; devendo-se auxiliar porêm nos casos de urgente necessidade. E como ElRei mandava retirar este anno para Portugal o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e nomeára Affonso de Albuquerque para lhe succeder no Governo, ficando assim devoluta a Capitanía Mor do Mar da Arabia, que este occupava, elegeo para ella a Jorge de Aguiar, Fidalgo da sua Casa, assignando-lhe huma Esquadra de cinco navios do toque de cento e cincoenta a cento e oitenta toneladas, a qual devia ser augmentada com algumas embarcações da India: erão Commandantes destes navios Duarte de Lemos da Trofa, sobrinho de Jorge de Aguiar, e nomeado seu successor, em caso delle fallecer; Vasco da Silveira,

Diogo de Ataidé, Pedro Correa, e Diogo Correa, seu irmão (1).

Fez ElRei tambem aprestar oito Náos grandes para carga de especiarias, e determinou que Jorge de Aguiar as levasse debaixo das suas ordens até Moçambique, onde se devião apartar para seguirem a derrota da India, e elle a de Socotorá; e para mais o authorizar, quiz que entre tanto fosse embarcado na Náo S. João, que era a maior de todas, da qual passaria depois em Moçambique para hum dos navios da sua Esquadra: erão Commandantes das outras sete Náos Tristão da Silva, na Magdalena; Francisco Pereira Pestana, na Leonarda; Vasco de Carvalho, no Castello; Alvaro Barreto, na Santa Martha; João Rodrigues Pereira, no Bota Fogo; João Colaço, na Judia; e Gonçalo Mendes de Brito em outra.

Alêm destas duas Esquadras, preparou-se outra de quatro navios medianos, de que ElRei nomeou Commandante a Diogo Lopes de Siqueira, Almotacé Mor; e os outros forão Jeronymo Teixeira, Gonçalo de Sousa, e João Nunes. A commissão de Diogo Lopes era para descobrir Malaca, de que se fallava muito em todo o Oriente (2), e da qual ElRei queria ter noticias individuaes; e na sua passagem devia entrar em alguns Portos da Ilha de S. Lourenço (3), e certificar-se se

(1) Vede Castanheda, Liv. 2. Cap. 92. — Goes, Parte 2. Cap. 20; e Parte 3. Cap. 1. —— Barros, Decada 2. Liv. 1. Cap. 6.; e Liv. 4. Cap. 3.

(2) Barros diz, que os navios erão desesete, e nomea deseseis Commandantes. Faria concorda no numero dos navios, e traz os nomes de outros tantos Commandantes. Castanheda, numerando só treze Commandantes, não declara quantos erão os navios. Goes conforma-se com Faria na quantidade dos navios, e dos Commandantes.

(3) A Ilha de Madagascar, ou S. Lourenço, tem trezentas legoas de comprido, e cem na sua maior largura; e he habitada por varias Nações, ou Tribus de Negros: tem muitos Portos, e Bahias espaçosas, e em ge-

com effeito tinha minas de prata, ou produzia especiaria; e se era conveniente fazer-se nella huma Fortaleza.

Esta ultima Esquadra partio de Lisboa a 5 de Abril de 1508, e seguindo sua viagem, a primeira terra que vio, foi Cabo Talhado (1), onde fez agua, e lenha; e estando na altura dos Medãos do Ouro (2) a 20 de Julho, se encontrou com Duarte de Lemos; e sobrevindo hum tempo, este seguio para Moçambique, e Diogo Lopes de Siqueira correo com elle até huma Enseada na Ilha de S. Lourenço, em que entrou a 4 de Agosto com a sua Esquadra, menos o navio de Jeronymo Teixeira, que se apartou. Sahindo desta Bahia, chegou a 10 do mesmo a hum Cabo pela parte de Leste da Ilha, ao qual chamou Cabo de S. Lourenço, por ser o dia deste Santo. Avante deste Cabo achou humas Ilhas, onde vierão ter com elle dous grumetes, hum Portuguez, e outro Genovez, da equipagem de João Gomes de Abreu, que por alli se perdêra. Entrou depois no Porto de Turubaia (3), no qual communicou com o Rei, e recolheo outro Portuguez da mesma equipagem.

Daqui passou a humas Ilhas, a que pôz nome de Santa Clara (4), pelas descobrir no seu dia; e desembarcando em huma dellas, negociou com os Negros al-

ral he mui fertil, e productiva. A sua ponta mais do Sul he o Cabo de Santa Maria, situado na latitude S. de 25° 40′, e longitude 63° 10′. O Cabo de Ambre fórma a ponta mais do Norte, situado na latitude 12° 5′, e longitude 67° 50′.

(1) Situado oitenta legoas alêm do Cabo de Boa Esperança, na Costa Oriental da Africa. Latitude S. 34° 16′, e longitude 41° 14′

(2) Dá-se este nome a hum Rio na Costa Oriental da Africa. Latitude S. 27° 45′, longitude 50° 58′.

(3) Nome de hum Reino, que naquelle tempo, segundo parece, occupava a face do Sul da Ilha de S. Lourenço: talvez será o mesmo a que se chama hoje Porto Delfim.

(4) São duas Ilhas sobre a Costa Oriental da Ilha de S. Lourenço: a do Sul está na latitude 24° 59′ S. e longitude 65° 36′.

gum gado, e outros mantimentos, e se demorou até 12 de Outubro, que proseguio a sua viagem, e foi ancorar em huma Povoação do Reino de Matatana, onde chegárão os dous homens, que por serem praticos na lingua Arabe, tinha desembarcado no Cabo de S. Lourenço, para virem por terra examinando o Paiz, e informando-se das suas producções. Estes lhe contárão, que em toda a sua jornada não virão, senão algum gengivre nascido espontaneamente; e que achárão dous Mouros de Cambaia, que alli naufragárão havia trinta annos, os quaes lhe affirmárão não haver na Ilha outra alguma especiaria.

Deste lugar foi Diogo Lopes ao Rio de Matatana, em que recolheo mais tres Portuguezes do navio de João Gomes de Abreu; e continuando a sua navegação ao longo da Costa, vio muitas Povoações, e chegou a huma grande Bahia, que chamou de S. Sebastião, por ser descoberta a 20 de Janeiro de 1509. Sahindo desta Bahia, se pôz a caminho para Malaca; mas pelo tempo lhe não servir arribou a Cochim, onde ancorou a 12 de Abril, sendo bem recebido pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

A 9 de Abril sahio de Lisboa Jorge de Aguiar com as duas Esquadras; e a poucos dias de viagem teve hum tempo, por cuja causa Francisco Pereira Pestana arribou a Lisboa com o mastro grande rendido; e tornando a partir a 18 de Maio, dobrou o Cabo de Boa Esperança, e foi invernar nas Ilhas Primeiras. Jorge de Aguiar arribou á Ilha da Madeira, por se lhe quebrar o mastaréo de gavia, e com elle outros navios; e reparados das avarias, pozerão-se em derrota, porêm na Costa de Guiné se dispersárão todos com as trovoadas; e Jorge de Aguiar, indo depois na volta do Cabo de Boa Esperança, só com a Náo de Alvaro Barreto, e achando-se huma noite muito escura na altura das Ilhas

de Tristão da Cunha, sendo no quarto da prima, se levantou hum vento rijo, com o qual Alvaro Barreto diminuio de panno, e atrazou-se hum pouco da Capitânea, que por ser huma Náo grande, e possante, continuou com a mesma véla. Ao amanhecer se achou Alvaro Barreto com as Ilhas, e não vio mais a Náo São João, de que inferio ser perdida, por quanto segundo o rumo, e força de véla que levava, devia esbarrar com alguma das Ilhas á meia noite, ou pouco depois (1).

Os outros navios desta Esquadra forão a Moçambique a salvamento; e o que soffreo mais incommodos foi o de Vasco de Carvalho, por se pôr em 47° de latitude, onde todos padecêrão frios intoleraveis, e morrêrão oito homens gelados.

1508. — Como ElRei D. Manoel não perdia de vista a guerra contra os Mouros de Barberia, seguindo o antigo systema de occupar todas as suas Praças maritimas, a fim de não armarem Corsarios contra o Commercio Portuguez, nem os que sahissem do Mediterraneo acharem alli guarida, mandou no anno de 1507 a D. João de Menezes com quatro embarcações pequenas a sondar, e reconhecer os Portos de Azamor (2), Mamora (3), e Salé (4), em cuja commissão o accompa-

(1) Assim se verificou depois; e Jorge de Aguiar pagou bem cara a sua temeridade, ou a do seu Piloto, em correr de noite ás escuras no parallelo destas Ilhas com vento fresco, ainda que fosse em pôpa.

(2) Cidade na Costa Occidental da Africa: o ancoradouro he máo pela qualidade do fundo. Latitude N. 33° 24′, e longitude 9° 55′.

(3) Mamora Velha he huma Bahia na Costa Occidental de Africa, situada na latitude N. 34° 55′, e longitude 11° 57. Dista cinco legoas de Larache para o Sudoeste. Desta antiga Cidade restão só hoje dous tumulos de Santões. A Nova Mamora, distante da Velha perto de quarenta milhas, he huma Cidade grande estendida por hum monte acima: pode-se ancorar a meia legoa de distancia da terra por 14 braças, fundo de arêa.

(4) O Porto de Salé, no Reino de Féz, dista trinta e oito legoas.

nhou Sebastião Rodrigues Berrio, hum dos maiores Pilotos, e mais valentes homens do seu tempo, com outros habeis Marinheiros, e Duarte Darmas, grande Pintor, que desenhou as vistas da terra, e as plantas que se levantárão: sobre cujos documentos, e as informações que derão, resolveo-se ElRei ao ataque de Azamor, confiado nas promessas que lhe fizera em Lisboa Moley Zeyão, Rei que fora de Mequinez, e ainda posssuia alguns Estados, com cujas forças promettia auxiliar a empreza, o que não cumprio.

Nomeou ElRei ao mesmo D. João de Menezes por General deste Armamento, que constava de cincoenta navios, huns de guerra, e os mais de transporte (1), em que se embarcárão quatrocentos homens de cavallo, e dous mil de gente de Ordenança (a primeira que se vio em Portugal) dividida em dous corpos, de que erão Commandantes Christovão Leitão, e Gaspar Vaz. Accompanhavão a D. João de Menezes o Conde de Tentugal, D. Pedro de Noronha, Luiz da Silveira, depois Conde da Sortelha, D. João Mascarenhas, Capitão dos Ginetes, D. Nuno Mascarenhas, seu irmão, João Rodrigues de Sá e Menezes, D. Luiz de Menezes, D. Antonio de Almeida, Pedro Mascarenhas, D. Henrique de Menezes, Simão Correa, Simão de Sousa Ribeiro, D. Tristão de Menezes, Francisco de Mendonça, João Homem, Simão de Sousa Docem, João Brandão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Era Piloto Mor da Esquadra Sebastião Rodrigues Berrio.

A 26 de Julho de 1508 sahio D. João de Menezes

ao Sudoeste do Cabo de Espartel, e cinco de Mamora: pode-se ancorar defronte delle desde 30 até 16 braças de fundo limpo; o Rio he de difficil entrada.

(1) Vede Barros, Parte 2. Capitulos de 27 até 29. — Fr. Manoel Homem, na sua Obra já citada diz, que forão perto de tres mil homens, e cincoenta navios.

de Lisboa, e demorando-se em Lagos alguns dias para recolher a gente, e navios do Algarve, foi dalli com bom tempo surgir diante do Rio de Azamor, pelo qual entrou com enchente de aguas vivas já sobre a noite a 12 de Agosto, e no dia seguinte começárão os navios de guerra a bater a Cidade, a que os Mouros respondêrão vigorosamente com a sua artilheria, e pelo Rio abaixo lançárão balsas de fogo, que pozerão as embarcações em perigo, por ser o Canal estreito, e estarem apinhoadas.

Neste meio tempo Moley Zeyão enviou hum emissario a D. João de Menezes com offerecimento dos seus serviços; mas soube-se logo, que na Praça havia mais de oito mil homens, e que o mesmo Moley andava no campo em seu auxilio com outros deseseis mil. Apezar de tudo, D. João de Menezes determinou desembarcar, e assaltar a Cidade da banda da terra, d'onde se deve inferir, que o fogo da Esquadra produzia pouco, ou nenhum effeito.

Os Mouros, não ousando disputar o desembarque, dispozerão tres ciladas de mil e duzentos cavallos entre a Cidade e a praia, na esperança de cercarem os Portuguezes, e cortar-lhes a retirada. Desembarcou D. João de Menezes sem opposição, e formando a sua Infanteria em columna, poz-se na sua frente com cento e cincoenta cavallos, e do resto formou dous esquadrões: hum de cem cavallos, que entregou ao Conde de Tentugal, e outro de cento e cincoenta a D. João Mascarenhas, para cobrirem a retaguarda. Nesta ordem marchou direito á Cidade, d'onde sahio grande numero de gente ao seu encontro, que elle rechaçou, e perseguio até ás portas, as quaes os Mouros fechárão, deixando os seus de fóra.

Travou-se aqui huma furiosa peleja, que não durou muito, porque os Mouros das ciladas vierão atacar

os dous esquadrões, que cobrião a retaguarda da columna da Infanteria, a que acodio logo D. João de Menezes; e vendo que os inimigos erão muitos, e se reforçavão com as tropas de Moley, que tinhão chegado, marchou para o lugar do desembarque, rompendo pela multidão dos inimigos, e conseguio recolher-se ás suas embarcações sem mais perda, que deseseis Cavalleiros, em que entrárão D. Pedro de Noronha, Simão Fogaça, Diogo Barreto, D. João Henriques, Henrique Rodrigues Alcoforado, e Christovão Marques; e seis soldados de pé. Os Mouros perdêrão mais de mil e trezentos homens. Nesta perigosa retirada hum Alcaide Mouro matou o cavallo a João Rodrigues de Sá, e o mataria a elle, se não lhe acudíra João Homem, e Diogo Fernandes de Faria, que matando o Alcaide, deo occasião ao Sá de montar no cavallo deste.

No dia seguinte sahio do Rio a Esquadra, com perda de algumas embarcações, pela desordem que houve na occasião de fazer-se á véla.

D. João de Menezes foi cruzar no Estreito, segundo as ordens d'ElRei, e em poucos dias tomou tres Fustas de Tetuam; e mandando para Alcacer a maior parte dos seus navios, ancorou em Tanger, que governava D. Duarte de Menezes, e avisou o Conde de Borba, Governador de Arzilla, para vir conferir com elle, e D. Duarte sobre objectos importantes ao Real Serviço. Chegado o Conde, consultavão todos tres o modo com que atacarião Larache, quando veio noticia de que o Rei de Féz marchava a sitiar Arzilla, por cuja causa o Conde de Borba se recolheo logo. Com effeito a 19 de Outubro appareceo aquelle Monarcha com hum Exercito de mais de cento e vinte mil homens, muita artilheria, munições, e petrechos de guerra para atacar a Praça, o que começou a fazer no mesmo dia, e continuou no seguinte, em que tendo picado, e derribado

hum lanço de muralha, ganhou a Villa depois de huma desesperada e matadora resistencia, que fez o Conde de Borba com os quatrocentos soldados, que unicamente tinha, conseguindo por ultimo retirar-se ao Castello.

Ao favor do tumulto, e confusão de hum similhante assalto, se embarcárão em duas Caravelas João Martins de Alpoem, e Antonio Cordovil. O primeiro ficou sobre ancora, batendo com a sua artilheria o campo dos Mouros; o segundo partio para Tanger a dar aviso a D. João de Menezes, que já tinha chamado de Alcacer os seus navios, e o encontrou no caminho.

A 23 ancorou D. João de Menezes fóra do recife de Arzilla, onde ficou surto tres dias, porque os Mouros havião construido baterias, que enfiavão o lugar do desembarque, e o mar andava alterado, e quebrava muito no recife; e além disso não sabia se o Castello estava ou não tomado. Para sahir deste cruel embaraço mandou a Ruy Garcia, e João de Mendonça, homens valorosos, em huma lancha bem guarnecida, com ordem de entrarem a todo o risco no recife, e tomarem falla do Castello, ou verem algum signal de estar ainda por ElRei de Portugal. Entrou a lancha, apezar das balas da artilheria Mourisca, e os que hião nella distinguírão huma janella aberta, da qual lhes mostrárão bandeira Portugueza; e huma mulher, tendo hum menino nas mãos, bradou: « Portugal, Portugal. » Com estas boas noticias voltou a lancha para bordo da Esquadra, e immediatamente fez D. João de Menezes passar dos navios grandes aos mais pequenos algumas peças de artilheria, e munições.

Neste tempo vierão a nado com cartas do Conde de Borba dous Mouros, que se havião tornado Christãos, hum chamado João Vaz Gaibão, e outro João de Mendonça, pelas quaes soube D. João de Menezes o verdadeiro estado das cousas; e veio tambem pela mes-

ma maneira hum Cavalleiro por nome Pedro da Costa, famoso nadador, que o informou do modo com que poderia desembarcar com menos risco, e introduzir no Castello gente, e mantimentos, que lhe faltavão.

Com estas noções se preparou D. João de Menezes a soccorrer a Praça, escolhendo para isso as embarcações que demandavão menos fundo; e publicou, que perdoava em nome d'ElRei a todos os homisiados a bordo dos navios, que no dia seguinte desembarcassem, e daria quinhentos cruzados ao primeiro homem, que pozesse os pés em terra. Prompto tudo, fez-se á véla para o recife, e quando vio hum signal convencionado, que lhe fez o Conde de Borba, de que hia fazer huma sortida, mandou desembarcar as tropas, que já estavão nas lanchas, e escaleres, e rompeo huma furiosa canhonada contra a multidão de Mouros, que inundavão a praia, e a despejárão em breve.

D. João Mascarenhas foi o primeiro que desembarcou o Corpo do seu commando, mas D. Tristão de Menezes ganhou o premio, porque a embarcação em que hia abordou primeiro a terra. Os Mouros vendo que os Portuguezes desembarcavão, corrêrão á praia, onde forão tratados de maneira pelos que sahião das lanchas, e os da sortida, que recuárão por todas as partes, e abandonárão huma bateria de seis canhões, á custa das vidas de muitos delles, e de alguns dos nossos, hum dos quaes foi Manoel Coutinho.

No maior ardor do conflicto introduzio-se no Castello D. João Mascarenhas com duzentos homens, e algumas munições de guerra, e boca; e no dia seguinte entrárão outros duzentos, posto que com muito perigo.

Com este soccorro ficou o Castello capaz de defender-se, o que não faria se tardasse o soccorro mais hum dia, por se achar todo minado, e a gente ser tão pouca, e tão cançada, que já não podia resistir ao trabalho.

No mesmo dia em que entrou o segundo soccorro, despachou D. João de Menezes huma Caravela de aviso a ElRei, e outra a pedir auxilio aos Governadores dos Portos da Andaluzia, e ao Conde D. Pedro Navarro, General de huma Armada Hespanhola, que estava em Gibraltar. O primeiro que chegou foi o Corregedor de Gerez em huma Caravela bem artilhada, com trezentos Besteiros, a qual fez grande damno aos Mouros, ancorando em posição d'onde descobria o seu campo, e o quartel do Rei de Fez; e mudando de ancoradouro quando percebia que os Mouros assestavão contra ella hum canhão de grosso calibre, que havião tomado na Villa; de maneira que nunca lhe podérão acertar tiro algum, a pezar do muito dinheiro que o Rei promettia a quem a mettesse no fundo; de que affrontado, mudou o seu quartel para lugar mais seguro.

Poucos dias depois do Corregedor chegou o Conde Navarro com muitos navios, e tres mil e quinhentos soldados. Queria elle que as tropas combinadas desembarcassem no mesmo instante, e dessem batalha aos Mouros; mas ou por ser isto em huma terça feira, que D. João de Menezes tinha por dia aziago, ou por lhe não parecer a occasião opportuna, como he de presumir, convierão em prorogar o desembarque para o dia seguinte; e nessa noite levantou o Rei de Féz o cerco, e retirou-se para Arzilla.

Em Evora teve ElRei D. Manoel a primeira noticia do investimento de Arzilla, e logo fez escrever para todas as Comarcas do Reino ás pessoas notaveis, que o podião servir; e quatro dias depois, que era hum Domingo, havendo já expedido muita gente para o Algarve, recebeo o aviso de haverem os Mouros ganhado a Villa, estando então no Convento de S. Francisco para ouvir huma Missa de Festa, e ordenou ao Deão da Capella Real, que fosse a Missa rezada, e não houves-

se Sermão. Em quanto ella se celebrava fez apromptar o seu jantar, e sellar huma faca mui andadeira, e depois de comer á pressa, e se despedir da Rainha, partio só com sete, ou oito pessoas com tanta pressa, que na serra do Algarve lhe rebentou a faca, e alli soube ser o Castello já soccorrido, pelo que foi com mais vagar até Tavira. E resoluto a passar em pessoa á Africa, se ajuntárão em Tavira, e outros Portos do Algarve mais de vinte mil homens com artilheria, munições, e víveres, e navios que vierão de Lisboa para transportar todo o Exercito.

Estando ElRei prompto a fazer-se á véla, soube haver o Rei de Féz levantado o sitio, e por parecer do seu Concelho desistio da jornada, remettendo comtudo a Arzilla alguns navios carregados de tropas, munições, e Artifices para repararem as fortificações. Ao Conde D. Pedro Navarro mandou seis mil cruzados, que elle não aceitou: ao Corregedor de Gerez (que perdeo oitenta homens naquella expedição), e a outros Cavalleiros da Andaluzia deo Habitos com tenças em duas vidas, em reconhecimento da presteza com que acodírão a soccorrer Arzilla.

D. João de Menezes conservou-se diante desta Praça até chegar todo o soccorro, que lhe foi do Algarve, e voltou depois a Portugal, sendo recebido d'ElRei como merecião os seus relevantes serviços.

1509 — Pelas noticias que ElRei teve da guerra, que lhe fazia o Çamorim (1), e da Armada que o Sultão do Egypto preparava em Suéz para invadir a India, e unir-se áquelle Principe, e a outros seus confederados, determinou mandar huma fórte Esquadra a destruir a Cidade de Calecut; e para esta expedição escolheo o

(1) Vede Barros, Decada 2. Liv. 3. Cap. 9. — Damião de Goes, Parte 2. Cap. 40. — Castanheda, Liv. 2. Cap. 122.

Marechal do Reino D. Fernando Coutinho, e fez aprestar quinze Náos guarnecidas de tres mil soldados (1), em que se contavão muitos Fidalgos, e Moradores da Casa Real. Embarcou o Marechal na Náo Nazareth, grande e formoso navio; e os outros Commandantes erão Francisco de Sá na Náo S. Vicente; Pedro Affonso de Aguiar na Gallega; Sebastião de Sousa no S. Jorge; Francisco de Sousa na Boa Ventura; Ruy Freire de Andrade na Garça; Gomes Freire de Andrade no Bretão; Jorge da Cunha na Magdalena; Rodrigo Rebello na Sebastiana Velha; Francisco Marrecos em outro Bretão; Leonel Coutinho na Flor da Rosa; Braz Teixeira no Ferros; Luiz Coutinho em hum navio seu; Francisco Corvinel no S. Tiago, de que era Armador; e Jorge Lopes na Santa Cruz, de que era igualmente Armador.

Estava ElRei prevenido, segundo parece, de que haveria alguma difficuldade da parte do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, sobre entregar o Governo da India a Affonso de Albuquerque; e este aviso lhe veio de Gaspar Pereira, Secretario do Vice-Rei, *que era homem, que tudo sabia ser, author, juiz, e réo.* He certo que o Marechal recebeo instrucções publicas, e secretas para todos os casos; e hia independente da jurisdicção dos Governadores da India.

A 12 de Março de 1509 sahio de Lisboa a Esquadra; e ainda que teve alguns tempos contrarios, chegou toda a Moçambique a 26 d'Agosto do mesmo anno.

1509 — Tendo o Corsario Francez Mondragon (2) roubado no mar dos Açores a Job Queimado, Com-

(1) Barros, e Faria dizem, que o Marechal levou tres mil soldados: Goes, e o *Nobiliario* manuscrito *das Familias de Portugal* só lhe dão mil e seiscentos: Fr. Manoel Homem concede-lhe dois mil. Quasi todos os Historiadores trazem a sahida da Esquadra a 12 de Março; mas Castanheda a põe a 20, e Faria a 12 d'Abril.

(2) Goes, Parte 2. Cap. 42.

mandante de hum navio Portuguez, que vinha da India no anno de 1508, sobre a restituição de cuja preza fez ElRei D. Manoel inuteis representações á Corte de França; soube-se que o mesmo Mondragon armava de novo quatro navios para vir esperar as Náos da India na sua torna-viagem a Portugal, e em consequencia mandou ElRei sahir de Lisboa a Duarte Pacheco Pereira com algumas embarcações, para o interceptar na passagem para os Açores; o que com effeito conseguio, encontrando-o a 18 de Janeiro de 1509 sobre o Cabo de Finisterræ; e depois de huma furiosa peleja, o tomou com tres dos seus navios, metteo outro a pique, e os conduzio a Lisboa.

1510 — Este anno partírão de Portugal duas Esquadras (1) para a Asia, e huma para a Ilha de S. Lourenço.

A 12 de Março sahio a primeira com destino a Malaca, composta de quatro navios ás ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos; e os outros Commandantes Balthazar da Silva, Pedro Quaresma, e Diniz Carniche, Armador do mesmo navio. Todos chegárão a Goa a salvamento.

A segunda Esquadra sahio quatro dias depois desta, e constava de sete Náos da carreira, que devião voltar com carga de especiaria. Era seu Commandante Gonçalo de Siqueira; e os dos outros seis Navios Manoel da Cunha, Diogo Lobo de Alvalade, Jorge Nunes de Leão, Lourenço Lopes, Lourenço Moreno, e João de Aveiro, que servia tambem de Piloto. Perdeo-se na viagem perto de Moçambique a Náo de Manoel da Cunha, salvando-se toda a gente: os outros navios forão á India a salvamento.

(1) Castanheda, Liv. 3. Cap. 34. — Barros, Decada 2. Liv. 5. Cap. 8., e Liv. 6. Cap. 10. — Goes, Parte 3. Cap. 10.

A 8 de Agosto partio João Serrão, Cavalleiro da Casa d'ElRei, com outra Esquadra de tres navios, sendo os outros dois Commandantes Paio de Sousa, e Fernão Cavalleiro. Levava João Serrão instrucções para ir á Ilha de S. Lourenço estabelecer pazes, e trato mercantil com os Reis de Turubaia, e Matatana.

Forçado dos ventos, ou por má navegação, foi ter á Ilha de S. Thomé com os navios destroçados, onde se reparou; e seguindo a sua viagem, chegou ao Porto de Antepára (parece ser a Bahia chamada dos Galeões, na face do Sul da Ilha), só com dois navios, por se haver separado o de Fernão Cavalleiro, em que comprou víveres, e algum gengivre. Dalli passou ás Ilhas de Santa Clara, e a outros Portos, pelos quaes perdeo dois escaleres; e depois de gastar o Inverno correndo a Costa, sem achar mais gengivre, ou outra especiaria, partio para Goa, onde chegou; e Paio de Sousa foi arribado a Moçambique.

Neste mesmo anno mandou ElRei para Governador de Çafim ao famoso Nuno Fernandes de Ataide, com hum Comboi de trinta navios carregados de tropas, e munições, e muita gente nobre, para ficar de guarnição naquella Praça.

1511 — Neste anno mandou ElRei á India huma Esquadra de seis Náos (1), de que deo o commando a D. Garcia de Noronha, sobrinho do Grande Affonso de Albuquerque, o qual embarcou na Náo Ajuda (2); e os outros Commandantes erão Pedro Mascarenhas na Senhora da Luz; Manoel de Castro Alcoforado na Santa Eufemia; Jorge de Brito no S. Pedro; Christovão de Bri-

(1) Catanheda, Liv. 3. Capitulos 71 e 80. — Barros, Decada 2. Liv. 6. Cap. 10. e Liv. 7. Cap. 2. — Goes não faz menção desta Esquadra.

(2) Não achei o numero de Soldados que levava esta Esquadra, mas como Barros nos diz, que a Náo Belem conduzia quatrocentos, po-

to na Belem, huma das melhores Náos daquelle tempo; e D. Aires da Gama na Piedade.

Por algum incidente que ignoro, sahio primeiro D. Garcia de Noronha a 12 de Abril de 1511 com as quatro primeiras Náos; e a 20 D. Aires da Gama, e Christovão de Brito. Estes dois ultimos Commandantes navegárão unidos até á altura do Cabo de Santo Agostinho, onde hum tempo os apartou. Christovão de Brito dobrou o Cabo de Boa Esperança a 23 de Julho, chegou a Moçambique nos principios de Agosto, e á India em Setembro. D. Aires da Gama chegou pouco depois.

D. Garcia de Noronha seguindo sua viagem, sotaventeou-se tanto, que não pôde montar o Brasil (1); e virando no bordo de Leste, foi huma noite topar com hum Ilhote, que sendo primeiro visto por Jorge de Brito, Commandante da Náo S. Pedro, que hia na vanguarda, fez signal aos outros navios, que assim escapárão de se perder (2). Deo-se a este penhasco o nome de Penedo de S. Pedro. Por ultimo ancorou D. Garcia na Ilha de S. Thomé, onde o seu Governador Fernando de Mello o provêo do necessario; e daqui escreveo a ElRei os acontecimentos da sua viagem.

Partindo de S. Thomé no 1.º de Agosto, o seu

demos avaliar o total em mil e seiscentos homens pouco mais ou menos.

(1) Não havia ainda naquelles tempos hum systema fixo, e conhecido das derrotas que se devião fazer de Lisboa para o Cabo de Boa Esperança, segundo as estações do anno; e por isso muitos Pilotos, por fugirem das calmarias de Guiné, onde alguns voluntariamente se hião metter, corrião tanto para Oeste, que não podião montar o Cabo de Santo Agostinho, e erão forçados a virar no bordo de Leste em mui pequena latitude, o que os levava á mesma Costa de Guiné, que querião evitar, fazendo assim hum rodeio immenso, até se metterem novamente em caminho. Mas he preciso tambem confessar, que os navios daquelle tempo não andavão, nem bolinavão como os de hoje.

(2) O Penedo de S. Pedro está na latitude N. de 55′, e longitude 35° 55′.

Piloto, por segurança, foi buscar a latitude de 40°, onde as equipagens soffrêrão terriveis frios; e vindo depois demandar a terra, e cuidando (não sei porque) levar dobrado o Cabo de Boa Esperança, veio embetesgar a Esquadra em huma Enseada muito ao Norte do Cabo, cheia de baixos, e correntes, que arrastavão os navios para dentro; e milagrosamente sahio a salvo para continuar a navegar bordejando ao longo da Costa, em que gastou mez e meio antes que montasse o Cabo. Tantos trabalhos, e tantas mudanças de climas tinhão ralado as guarnições de maneira, que todos os dias se lançavão quatro, e cinco mortos ao mar; e os doentes erão tantos, que não chegavão os sãos para marear os navios; e assim andou D. Garcia á tôa meio perdido, até que vio a Costa da Africa, a qual os Pilotos atarantados não conhecêrão.

Partio então Pedro Mascarenhas na sua lancha para tomar lingua em terra, e saber onde se achavão; e como o mar quebrava muito, enviava elle hum Negro, e hum marinheiro a nado, que voltárão com resposta de que estavão trinta legoas distantes áquem de Moçambique; mas infelizmente não pôde Pedro Mascarenhas recolhe-los a bordo da lancha, e mandou-lhes que fossem adiante a huma ponta de terra, que mostrava fazer abrigo, e ahi os tomaria, como tentou fazer, porêm não apparecêrão, e depois se soube que os Mouros os matárão.

A 11 de Março de 1512 entrou finalmente a Esquadra em Moçambique (1).

1512 — Sabendo ElRei, pelas Cartas que da Ilha de S. Thomé lhe escreveo D. Garcia de Noronha, que não lhe era possivel passar aquelle anno á India, mandou

(1) O mesmo diz Faria e Sousa, porêm Castanheda dá a sua chegada no mez de Fevereiro.

immediatamente aprestar doze Náos com dois mil soldados de guarnição (tanta era a abundancia de navios, e munições navaes naquelles tempos felizes!), de que formou duas Esquadras, huma de oito, outra de quatro Náos (1).

Commandava a primeira Jorge de Mello Pereira na Náo Senhora da Serra; e erão os outros Commandantes Jorge de Albuquerque na Nazareth; Jorge da Silveira no Bota-Fogo; D. João de Eça na Magdalena; Lopo Vaz de S. Paio na Santa Cruz; Gonçalo Pereira na Conceição; Simão de Miranda na Virtudes; e Francisco Nogueira no Santo Antonio. Da segunda Esquadra era Commandante Garcia de Sousa na Náo São João; e os outros Pedro de Albuquerque na Sebastiana; Gaspar Pereira, que hia servir de Secretario com Affonso de Albuquerque, no Santo Espirito; e Roque Raposo de Béja em outra Náo.

Tinha ElRei ordenado, que os navios partissem a dois e dois logo que estivessem promptos, e se fossem reunir em Moçambique, onde esperarião pelos seus respectivos Chefes até hum certo tempo, passado o qual deverião seguir para a India debaixo das ordens do primeiro delles, que chegasse; mas a 25 de Março de 1512 sahírão de Lisboa quasi todos os navios.

Estas duas Esquadras surgírão em Moçambique pelo mez de Junho, excepto Jorge da Silveira, que passando por fóra da Ilha de S. Lourenço, chegou á barra de Goa a 8 de Julho; e não ousando entrar por serem os tempos mui verdes, foi ancorar em Anchediva; e Francisco Nogueira, que se perdeo nos baixos das Ilhas de Angoxa (2), em que morreo quasi toda a gen-

(1) Barros, Decada 2. Liv. 7. Cap. 2. — Faria, Asia Portugueza Tomo 1. Parte 1. Cap. 2. — Goes não faz menção desta Esquadra. — Castanheda falla com assás confusão no Liv. 3. Cap. 88.

(2) São quatro pequenas Ilhas situadas sobre a Costa Oriental da

te, e elle, por não saber nadar, ficou na parte superior do casco da Náo com dois filhos seus; e quando a maré vasou, descobrindo-se o parcel, passárão a pé enxuto para huma daquellas Ilhas, onde ficárão cativos dos Mouros, mas pouco tempo depois se resgatárão.

1513. — Neste anno partio para a India huma Esquadra de tres Náos, commandada por João de Sousa de Lima na Náo Piedade; e os outros dois erão Henrique Nunes de Leão no S. Christovão, e Francisco Correa no Santo Antonio (1).

A 14 de Março de 1513 sahio de Lisboa esta Esquadra, e sobre o Cabo de Boa Esperança se dispersárão os navios com hum temporal. João de Sousa de Lima chegou a Moçambique a 22 de Junho; e nos principios de Julho Henrique Nunes de Leão. Francisco Correa tomou por fóra da Ilha de S. Lourenço, cuidando que entrava pelo Canal; mas conhecendo depois a terra, seguio a sua viagem, e dobrando a Ilha pela cabeça do Norte, atravessou a Costa da Africa para vir buscar Moçambique, e perdeo-se no baixo de S. Lazaro sessenta legoas ao Norte desta Ilha. Teve porêm occasião de fazer jangadas, e com estas, e a lancha, e o escaler salvou toda a gente, e foi ter a Melinde, onde achou felizmente as duas Náos da sua conserva.

1513. — Agastado ElRei D. Manoel do quebrantamento das pazes que fizera, e renovára com Moley Zeyão, Senhor da Cidade de Azamor, determinou conquista-la; e para esta commissão nomeou ao Duque de

Africa, pouco distantes de Moçambique, e fronteiras a hum Rio, de que ellas tomárão o nome. A Ilha mais do Sul está situada na latitude S. 16° 33′; e longitude 58° 10′.

(1) Barros, Decada 2. Liv. 8. Cap. 6. — Faria, Asia Portugueza. — Castanheda, Liv. 3. Cap. 115. — Esta Esquadra falta em Damião de Goes, e na Memoria de Fr. Manoel Homem.

Bragança D. Jaime, seu sobrinho, por seu *Capitão Mor General*, com poderes mui amplos (1).

Constava a Armada de mais de quatrocentas e trinta embarcações, entre navios de guerra, e de transporte, na qual embarcárão (2), além da Marinhagem necessaria, dois mil e duzentos homens de cavallo, tudo gente nobre, de que duzentos erão acobertados, e quinze mil homens de Infanteria, pagos á custa d'ElRei; e o Duque alistou nas suas terras quatro mil homens escolhidos, a seu soldo; e dos seus Vassallos, e creados quinhentos e cincoenta de cavallo, em que entravão cem acobertados. Destes quatro mil Infantes formou o Duque quatro Corpos, de que nomeou Coroneis Gaspar Vaz, Pedro de Moraes, Christovão Leitão, e João Rodrigues, os quaes tinhão servido na Italia com boa reputação; e tanto os Officiaes, como os Soldados, forão fardados á sua custa, com *gibão*, *e gorra* de panno branco, com huma Cruz vermelha no peito, e outra nas costas; o fardamento dos Coroneis, Alferes, Sargentos, e Cabos era de seda da mesma côr. Estes quatro Regimentos (fallando na frase moderna) estavão bem disciplinados, e instruidos em todas as evoluções militares.

Nomeou ElRei a D. João de Menezes por Capitão

(1) Por huma Carta Regia datada de Lisboa a 3 d'Agosto de 1513, dirigida a todos os Fidalgos, Officiaes, e pessoas de que se compunhão as Forças de Mar, e Terra, empregadas na expedição; em cuja Carta dizia ElRei estas formaes palavras: " Com a qual Capitania lhe damos ,, (ao Duque) todo o nosso comprido poder, e alçada sobre toda a gen- ,, te da dita Armada, e Exercito, de qualquer estado, e condição que ,, seja, para d'elle usar, como Nós pessoalmente o fariamos, se presen- ,, te fossemos, assim no Civel, como no Crime, até morte natural in- ,, clusivè, sem d'elle em caso algum haver outra mais appellação, nem ,, aggravo, porque tudo queremos, e nos praz que faça nelle fim. ,,

(2) Vede Goes, Parte 3. Capitulos 46 e 47. — Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, Tomo 5. Liv. 6. pag. 503 e seguintes; e a Carta do Duque de Bragança a ElRei D. Manoel no Tomo 4. das Provas á mesma Historia, a pag. 32.

General da Armada, e Exercito na ausencia do Duque de Bragança. Os principaes Fidalgos, que acompanhavão a este, erão: o Conde de Tentugal, depois Marquez de Ferreira; D. Fernando de Faro; D. Affonso de Portugal, depois Conde de Vimioso; D. Fernando de Noronha; Ruy Barreto, Alcaide Mor de Faro, nomeado Governador de Azamor; o Conde de Borba; D. Bernardo Coutinho; D. Luiz de Menezes; D. Henrique de Menezes; João da Silva, que commandava as tropas do Algarve; D. Aleixo de Menezes (depois Ayo d'ElRei D. Sebastião); Aires Telles de Menezes; Diogo Lopes de Lima, Alcaide Mor de Guimarães; D. Bernardo Manoel, Camareiro Mor; D. Luiz da Silveira, depois Conde da Sortelha; João Rodrigues de Sá e Menezes, Alcaide Mor do Porto; Ruy de Mello; D. João Mascarenhas, Capitão dos Ginetes; D. Manoel Mascarenhas, seu irmão; Henrique de Bitancourt; Francisco de Abreu; Antonio de Abreu, seu irmão; João de Ornellas; Luiz da Atouguia; João Esmeraldo; e Christovão Esmeraldo, seu irmão, todos Fidalgos da Ilha da Madeira; D. Alvaro de Noronha; D. João de Eça; João Gonçalves da Camara, Donatario da Ilha da Madeira, que levou vinte navios, e seiscentos homens de pé á sua custa, e duzentos de cavallo, de que oitenta erão seus parentes, e amigos, ou creados, e deo meza franca a todos; D. João Lobo; Martim Vaz Mascarenhas; Alvaro de Brito; Antonio da Cunha; Jorge Barreto; D. Rodrigo d'Eça, Alcaide Mor de Moura; João Soares; D. Jorge Henriques, senhor de Barbacena; Alvaro de Carvalho, senhor de Carvalho; D. João de Castello Branco, Alcaide Mor da mesma terra; Diogo de Mendonça, Alcaide Mor de Mourão; Pedro de Mendonça, seu irmão; Christovão de Mello; Simão de Sousa Docem; João Brandão; Leonel de Abreu, senhor de Regalados; Gonçalo Pinto, Alcaide Mor de Chaves; Ruy Vaz Pinto, seu filho, Alcaide

Mór de Monforte; Garcia de Mello, Anadel Mor, e Capitão dos Besteiros, Alcaide Mor de Castro Marim; Martim Teixeira de Villa Real, Alcaide Mor de Villa Pouca de Aguiar; João Affonso de Beja, Commendador de Santa Maria de Beja; Fernão de Mesquita de Guimarães; Francisco de Pedrosa, Adail Mor; Francisco Coelho, Anadel Mor dos Espingardeiros; Pedro Affonso de Aguiar, Provedor dos Armazens de Lisboa, a quem hião encarregadas as cousas da Armada; Ruy Dias Pam; Martim Calado; Lopo Vaz Vogado; Aires Coelho; João Patalim, senhor do Morgado do mesmo nome; Ruy Palha, que hia por Commandante dos Besteiros de cavallo do Duque; Sebastião de Sousa, e Pedro de Castro, Capitães da Guarda do Duque; Henrique Pinheiro, depois Alcaide Mor de Barcellos; João Roiz Bérrio; Pedro Bérrio, e João Martins de Alpoem, seus sobrinhos, todos tres habeis Marinheiros.

Em quatro mezes e meio se aprestou este grande Armamento, pela summa actividade do Conde de Villa Nova de Portimão, Vedor da Fazenda; e estando tudo prompto, foi ElRei ouvir Missa á Sé, onde o Arcebispo D. Martinho da Costa benzeo o Estandarte Real, que ElRei entregou ao Duque, com honradas, e discretas expressões, na presença de todos os Officiaes, e pessoas notaveis do Exercito, e Armada. Na tarde do mesmo dia entrou o Duque no Paço, acompanhado das mesmas pessoas, a despedir-se d'ElRei, e da Familia Real, e se embarcou logo, ainda que por alguns incidentes, que occorrêrão, se demorou alguns dias no Rio, dormindo sempre a bordo da sua Náo.

A 15 de Agosto de 1513 ancorou toda a Armada em Belem: no dia seguinte veio ElRei a bordo visitar o Duque; e fazendo-se os navios á véla, tornárão a surgir na Enseada de Santa Catharina, por acalmar o vento. Tinha o Duque dado hum Regimento aos Comman-

dantes do modo com que havião navegar, e a 17 sahio a barra com toda a Armada. Na manhã seguinte dobrou o Cabo de S. Vicente, e havendo calmaria, foi no seu escaler á Bahia de Lagos, e sem desembarcar, fez largar algumas embarcações do Algarve, que achou surtas, e as encorporou com a sua Armada, a que pertencião. A 19 chegou ao Cabo de Santa Maria, e mandou recolher os navios, que estavão em Faro, e Tavira, em que se demorou até 29. Aqui chamou a bordo os Commandantes, e lhes fez varias advertencias; e pondo-se em derrota para Azamor (1), foi surgir defronte desta Praça a 28 já de noite: e como o tempo não dava jazigo para entrar no Rio, assentou-se em Concelho, que o Exercito desembarcasse em Mazagão (2), que dista quasi tres legoas de Azamor, e marchasse dalli por terra a atacar esta Praça; o que se fez.

Desembarcou o Duque em Mazagão, sem resistencia, e organisado o Exercito, se poz em marcha para Azamor, indo a Armada costeando a terra. Moley Zaião tinha dado o governo desta Cidade a Cide Mançor, de quem fazia grande confiança, com boa guarnição; e fi-

(1) Azamor era quadrangular, e cercada de muralhas: constava de mais de cinco mil familias de Mouros, e quatrocentas de Judeos; os seus habitantes erão assás civilizados, e fazião grande commercio em peixe seco; entre elles vivião muitos Negociantes Portuguezes. A Provincia de Duccalla, em que ella está situada, continha quatro Cidades muradas: Azamor, Çafim, Tite, e Almedina; o seu terreno he fertil em grãos, e gado de toda a especie. Os Mouros Barbarescos moravão todos nos lugares fortificados; e os Arabes, mais guerreiros do que elles, na campanha, divididos em Tribus, e estas em acampamentos chamados então Aduares, de que se contavão naquella Provincia seiscentos e noventa, cuja população total se avaliava em cento e quarenta mil homens.

(2) Mazagão, Praça maritima na Costa de Barberia, latitude N. 33° 18', e longitude 9° 43'. Tem huma Enseada perigosa pelo seu máo fundo, e por huma restinga de pedra. Naquelle tempo era Povoação aberta, que os Portuguezes convertêrão depois em Praça forte.

tou no campo com todas as forças que pôde reunir, para dar batalha aos Portuguezes, segundo dizia. Tinha o Duque ordenado a Pedro Affonso de Aguiar, que com os navios de guerra entrasse no Rio de Azamor, e queimasse as balsas incendiarias, que os Mouros havião fabricado para deitarem fogo aos navios; o que elle cumprio, a pezar da opposição da artilheria da Cidade.

O Exercito foi assaltado na marcha pelos Mouros, que intentárão embaraça-la, mas sendo rechaçados, se alojou o Duque aquella noite ao longo do Rio, em que a Armada estava já ancorada. No dia seguinte se começou a desembarcar a artilheria, e munições para bater as muralhas, e os Mouros tornárão a apparecer, e a retirar-se. Alguns Generaes erão de opinião de os atacar, porêm o Duque de Bragança regeitou este parecer, julgando mais prudente tomar primeiro a Cidade, para depois obrar segundo as circunstancias.

Desembarcada a artilheria, e posta alguma della em bateria, mandou entretanto o Duque encostar mantas á muralha para a picar, visto que a Cidade não tinha fosso, nem obra alguma exterior, que o embaraçasse, e assim se fez debaixo da direcção de D. João de Menezes, que provia em tudo. Este ataque durou até ao fim da tarde, defendendo-se os cercados o melhor que podião, com tiros, e armas missivas, lançando sobre as mantas quantidade de fogo, quando huma bala de artilheria matou Cide Mançor, de cuja vida parece que dependia a defesa da Praça; porque nessa noite a desampararão os Mouros com tanta precipitação, que morrêrão mais de oitenta affogados no meio da multidão, que se vasava pelas portas.

Antes de amanhecer veio hum Judeo Portuguez dar esta noticia ao Duque, que tomou posse da Cidade, na qual só achou alguma artilheria, e mantimentos. A fa-

ma desta conquista fez despovoar as Cidades de Tite, e Almedina, de que os Portuguezes se apoderárão.

Fez depois o Duque huma entrada na Provincia, para castigar os Arabes, que havendo assentado com elle pazes, as quebrárão logo; mas não achou mais que hum pobre Aduar com duzentos individuos, a que deo liberdade. E começando a adoecer de hum tumor, que lhe vedava andar a cavallo, deixou em Azamor toda a sua casa, e tropas, e partio para Portugal a 21 de Novembro com dois unicos navios; desembarcou em Tavira, e apresentou-se em Almeirim a ElRei, que o recebeo com grandes honras.

1514. — A 20 de Março de 1514 partio para a India Christovão de Brito, commandando huma Esquadra de cinco Náos; sendo os outros Commandantes (1) Manoel de Mello, João Serrão, Francisco Pereira Coutinho, e Luiz Dantas: este chegou primeiro a Goa, e depois delle em Setembro o resto da Esquadra.

Em Julho do mesmo anno sahio de Lisboa Luiz Figueira por Commandante de dois navios, e o outro era Pedro Annes Francez. Levava Luiz Figueira ordem para ir ao Porto de Matatana, na Ilha de S. Lourenço, estabelecer huma Feitoria, para negociar o gengivre, que produzisse o Paiz; o que não teve effeito, porque depois de estar alli seis mezes recolhido em hum Reducto, que construio, na falsa esperança que lhe davão os habitantes da colheita do gengivre, se levantárão contra elle, por cuja causa se retirou a Moçambique; onde já achou Pedro Annes, que mandára naquelle meio tempo a reconhecer a Costa de Leste da Ilha, e com effeito entrou em alguns Portos, e no ultimo comprou muita

(1) Barros, Decada 2. Liv. 10. Cap. 2., e Decada 3. Liv. 1. Cap. 1. — Goes, Parte 3. Capitulos 66 e 67. — Castanheda, Liv. 3. Cap. 135, conta só quatro Náos nesta Esquadra.

quantidade de ambar; e como o vento era contrario para voltar a Matatana, foi-se para Moçambique.

1515. — Affonso de Albuquerque, depois de conquistar Goa, Ormuz, e Malaca, tres das principaes chaves do Commercio da India, pedio a ElRei D. Manoel o Titulo de Duque de Goa, e licença para acabar nella a sua vida, mais gasta de trabalhos, que de annos; mas os seus inimigos tiverão a arte de insinuar no animo sincero d'ElRei algumas suspeitas contra a sua fidelidade, exagerando a affeição que lhe tinhão os Portuguezes, que servião na Asia, e os Reis, e Povos daquelles ricos Paizes, que todos folgarião de o ter por seu Governador, ou seu alliado; d'onde concluião, que pertendia por aquelle meio tornar-se independente de Portugal.

Estas perfidas suggestões, attribuidas naturalmente pelo Monarcha ao zelo do Real serviço, o fizerão resolver a mandar por Governador da India (1) Lopo Soares de Alvarenga, que não sendo amigo de Affonso de Albuquerque, parecia por isso mesmo mais capaz de o fazer embarcar para o Reino, a pezar de qualquer obstaculo que occorresse (2). Levava elle Instrucções sobre dous artigos da maior importancia: o primeiro para arrazar a Cidade de Goa, e abandonar a Ilha, se assim parecesse bem ás principaes pessoas, que servião na India (3); e o segundo para não occupar a Cidade de Adem (4) quando fosse ao Mar Roxo (5). Este projecto era talvez o resultado das intrigas dos inimigos de

(1) Barros, Decada 3. Liv. 1. Cap. 1. — Goes, Parte 3. Cap. 77. — Castanheda, Liv. 3. Cap. 152.

(2) Damião de Goes o diz positivamente no lugar citado.

(3) Goes, Parte 4. Cap. 2.

(4) Esta Cidade está situada na Costa do Estreito da Arabia, e era naquelles tempos mui celebrada em todo o Oriente.

(5) Goes, Parte 4. Cap. 12.

Affonso de Albuquerque, para menoscabarem os seus planos da conquista do Oriente, que devião immortalizar o seu nome (1).

Felizmente para Portugal foi o abandono de Goa impugnado por todos os homens, que Lopo Soares ali consultou; porêm Adem escapou então de completar a linha de defensa tão necessaria aos Estados da India.

Constava a Esquadra de Lopo Soares de Alvarenga de treze Náos, guarnecidas de mil e quinhentos soldados, em que entravão muitos Fidalgos, e pessoas Nobres. Commandavão as Náos Christovão de Tavora, D. Guterres de Monroy, Hespanhol, Simão da Silveira, D. Garcia Coutinho, Francisco de Tavora, Alvaro Telles Barreto, D. João da Silveira, Jorge de Brito, Alvaro Barreto, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Cabral, e Simão da Alcaçova em huma Náo de Armadores destinada para a China. Com Francisco de Tavora hia embarcado Fernão Peres de Andrade, seu cunhado, que ElRei mandava á China com huma pequena Esquadra, a qual o Governador da India lhe havia de fornecer. Conduzia tambem Lopo Soares a Mattheus, Embaixador de Helena, mãi do Imperador da Ethiopia, Rei da Abissinia (o chamado antes Preste João), que voltava á sua patria; e a Duarte Galvão, Fidalgo da Casa d'ElRei, e do seu Conselho, hum dos abalisados Diplomaticos do seu tempo, como Embaixador de Portugal junto áquella Soberana.

A 7 de Abril partio de Lisboa Lopo Soares de Alvarenga; e sem lhe acontecer cousa notavel, ancorou

(1) Affonso de Albuquerque tentou duas vezes apoderar-se de Adem, que entrava na sua linha de defensa da India, porque fechava o Estreito da Arabia, e a passagem deste para o Mar Vermelho, e cortava assim o Commercio aos Mouros, e aos Arabes, e evitava que os Turcos ali se estabelecessem.

em Moçambique, e seguindo d'ali a sua viagem, chegou a Goa nos principios de Setembro.

Affonso Lopes da Costa levava Cartas d'ElRei para Affonso de Albuquerque, concedendo-lhe licença para ficar na India (1) em qualquer Fortaleza que escolhesse, isento da jurisdicção do Governador Lopo Soares; e que na sua vagancia tomaria o Governo com o Titulo de Vice-Rei. He certo, que ElRei sentio a morte de tão grande homem, e fez muitas mercês a seu filho, como elle lhe tinha requerido na hora da morte.

1515. — Determinado ElRei D. Manoel a fazer construir huma Fortaleza em Mamora, nomeou por Capitão-General desta expedição a D. Antonio de Noronha, depois Conde de Linhares, seu Escrivão da Puridade; e para lhe succeder no commando, se fallecesse, a D. Nuno Mascarenhas. Constava o Armamento de mais de duzentos navios de todas as grandezas, e oito mil homens de tropas, divididos em tres corpos, de que erão Coroneis Tristão da Silva, Ruy de Mello, e Christovão Leitão (2).

Os Officiaes, e pessoas mais notaveis desta expedição erão D. Affonso de Ataide, D. Alvaro de Noronha, D. Bernardo Manoel, Camareiro Mor, D. Gaspar, e D. João de Noronha, da Ilha da Madeira, Garcia de Mello, Anadel Mor dos Besteiros, Pedro da Fonceca, Lançarote de Mello, Antonio de Saldanha, D. Rodrigo de Noronha, D. Pedro de Azevedo, D. Antonio de Azevedo, seu irmão, Duarte de Lemos, Pedro Moniz, D. Antonio de Sousa, Tristão da Silva, Ruy de Mello, Simão Gelez, Senhor da Torre de Chamor, Francisco Lopes Girão, Jorge Corrèa; Christovão Leitão, Fernão Vaz Corte Real, Vicente de Mello, An-

(1) Assim o affirma Damião de Goes na Parte 3. Cap. 80.
(2) Damião de Goes, Parte 3. Cap. 76.

tonio Real, Gaspar de Paiva, João Serrão, Ignacio de Bulhões, Diogo Berrio (1), e seus sobrinhos Pedro Berrio, e João Martins de Alpoem, Estevão Barroso, João da Costa, Balthasar de Siqueira, Ruy Varella, Ruy de Faro, Pedro Vieira, Pedro Gonsalves de Tavora, Diogo Butaca, Architecto encarregado da construcção da Fortaleza, Pedro Bentes, e Garcia Caînho.

Embarcárão tambem na Armada os Artifices necessarios para a obra da Fortaleza, e muitos homens casados, com as suas familias para a ficarem habitando.

ElRei confiava tanto no bom successo da empresa, que deo Instrucções a D. Antonio de Noronha, para que, concluida a Fortaleza, destacasse D. Nuno Mascarenhas com tres mil homens para ir edificar outra em Anafe: o resultado porêm não correspondeo ás suas esperanças.

A 13 de Junho de 1515 sahio de Lisboa D. Antonio de Noronha, e no Cabo de Santa Maria esperou até 20 por D. Alvaro de Noronha, e as tropas do Algarve; e reunidas as forças, chegou na tarde de 23 á barra de Mamora, onde surgio. Nessa noite entrou a Armada no Rio, e Diogo Berrio mostrou a D. Antonio o local em que se devia construir a Fortaleza, o qual, na opinião dos tres Coroneis, e dos mais Officiaes, pareceo mal escolhido; e em consequencia marcou-se outro mais perto da foz do Rio, de melhor desembarque, e com agua proxima. Apôs isto desembarcárão antes de amanhecer dois Corpos de Infanteria, e hum Forte de madeira, que hia lavrado de Lisboa, e começou-se a pôr em terra a artilheria, e munições; tudo isto sem obstaculo dos Mouros, que parece não terem noticias, ou suspeitas desta invasão.

(1) Vê-se por esta lista, que Goes não separou os nomes dos Commandantes dos navios, dos nomes das pessoas de grande qualidade, que servião nas tropas.

No dia seguinte armou-se o Forte de madeira, e começou-se a construcção da Fortaleza, em que todos trabalhavão, sem excepção, e com tal actividade, que em breves dias se abrio hum fosso de vinte palmos de largo, e quatorze de fundo, em que entrava a maré, e se fechava á vontade para o conservar cheio d'agua.

Entre tanto os Reis de Féz, e Maquinez acudírão a estorvar a obra com hum numeroso Exercito, que cobria duas legoas de terreno, e sitiárão o campo dos Portuguezes, que sem descontinuarem os seus trabalhos, fazião frequentes sortidas, com perda de muita gente de parte a parte; e huma dellas tornou-se tão sanguinosa, que posto os Mouros fossem rechaçados, tiverão os Portuguezes mil e duzentos homens fóra de combate. A pezar destes obstaculos, a Fortaleza estava quasi concluida nos fins de Julho.

Como os Mouros recebião muito damno dos navios Portuguezes, que além de conduzirem mantimentos, e munições para o Exercito, batião os seus quarteis com artilheria, construírão logo no principio do sitio á entrada do Rio huma bateria mui forte, em que montárão muitos canhões, para lhes vedar a passagem, e cortarem assim todos os soccorros aos sitiados; que a final devião achar-se reduzidos a capitular, ou a fazer huma retirada desastrosa, pois que não tinhão forças sufficientes para arriscar huma batalha.

D. Antonio de Noronha, vendo que a bateria dos Mouros o punha em perigo eminente de se perder, mandou ancorar diante della hum navio grande, cujo costado se reforçou com hum forro de vigas, coberto de sacas de lã, estopa, e algodão, para resistir ás balas de artilheria, e com a sua destruir a bateria, do qual navio deo o commando a Gaspar de Paiva; mas no fim de trinta dias o mettêrão os Mouros no fundo; e D. Antonio perdeo de todo a esperança de conservar-se ali mais tempo.

Tinha elle escrito a ElRei, expondo-lhe o verdadeiro estado das cousas, e recebido já ordens para abandonar a Fortaleza, e retirar-se, no caso de serem da mesma opinião os seus Officiaes, como forão. Em consequencia, a 10 de Agosto se embarcárão as tropas com a desordem, e confusão inseparaveis de similhantes operações, e das localidades do campo, e do Rio. Naufragárão mais de cem embarcações á sahida, encalhando pelas praias, em que morreo muita gente, e outra restou cativa, sem contar a perda da artilheria, e munições; de modo que apenas D. Antonio de Noronha conduzio a Portugal metade do seu Exercito.

ElRei soffreo este desastre com o maior animo, e resignação; e a pezar de tamanha perda, intentou mandar no mez seguinte o Conde de Borba com outro Exercito a fazer a Fortaleza de Anafe; o que se não verificou por motivos, que nos são desconhecidos.

1516. — A 22 de Março de 1516 partio de Lisboa para a India João da Silveira (1) commandando huma Esquadra de cinco Náos, e os outros Commandantes erão Affonso Lopes da Costa, Garcia da Costa, seu irmão, Antonio de Lima, e Francisco de Sousa.

João da Silveira chegou a Quiloa com os mastros rendidos, onde invernou. Affonso Lopes da Costa, e seu irmão passárão á India; os outros dous Commandantes perderão-se nos baixos de S. Lazaro, salvando-se Francisco de Sousa com toda a sua gente.

A 24 de Abril sahio de Lisboa Diogo de Unhos por Commandante, e Piloto de hum navio, que ElRei mandava de aviso ao Governador da India, sobre a Armada que preparava em Suez o Sultão do Egypto.

(1) Barros, Decada 3. Liv. 1. Cap. 2. —— Goes, e Fr. Manoel Homem não fallão nesta Esquadra; mas Faria e Sousa faz della menção.

Este Official chegou á India hum mez antes dos navios da Esquadra de João da Silveira.

1517. — Querendo ElRei D. Manoel aproveitar-se dos talentos de Antonio de Saldanha, o mandou este anno de 1517 a fazer hum rigoroso cruzeiro no mar da Arabia contra os Mouros, que por ali passavão á Costa do Malabar; e como similhante serviço exigia algumas embarcações Latinas, que não podião ir de Portugal, ordenou ao Governador da India lhe désse as que fossem necessarias.

Aprestou-se em Lisboa huma Esquadra (1) de oito Náos, de que elle tomou o commando, embarcado na Náo Senhora da Serra; os outros Commandantes erão D. Tristão de Menezes, Manoel de Lacerda, no S. Tiago, Pedro Quaresma, Rafael Catanho, Fernão de Alcaçova, nomeado Vedor da Fazenda da India, com poderes que o izentavão do Governador, os quaes não pôde executar, Affonso Henriques de Sepulveda, e outro. Antonio de Saldanha sahio primeiro com cinco navios, e pouco depois partírão os outros tres, que se lhe reunírão em Moçambique, e chegárão todos á India em Setembro.

1517. — Em Junho de 1517 (2) mandou ElRei D. Manoel huma Armada de setenta navios de guerra, e de transporte, com muita gente de pé, e cem de cavallo, commandada por Diogo Lopes de Siqueira, com ordem de embarcar cincoenta Cavalleiros em Arzilla, e outros tantos em Tanger, e d'ali passar a Ceuta, cujo Governador D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, devia reunir-se a elle com toda a sua Guarnição, para marcharem de commum accordo sobre Targa. O genio altivo do Conde, e a desconfiança em que ficou por se

(1) Vede Barros, Decada 9. Liv. 1. Cap. 10. — Castanheda, Liv. 4. Cap. 26.

(2) Goes, Parte 4. Cap. 22.

lhe não dar o commando da expedição, a fez mallograr; e Diogo Lopes regressou a Portugal.

1518. — Nomeado Governador da India Diogo Lopes de Siqueira, Almotacé Mor, lhe mandou ElRei D. Manoel preparar huma Esquadra de dez Náos, de que erão Commandantes Garcia de Sá, Ruy de Mello, D. João de Lima, D. Aires da Gama, Gonçalo Rodrigues de Almada (1), João Gomes, Pedro Paulo, João Lopes Alvim, e Pedro Cabreira (2). Embarcárão nesta Esquadra mil e seiscentos Soldados, entre elles muitos Fidalgos, e pessoas Nobres.

A 27 de Março de 1518 sahio de Lisboa Diogo Lopes, e seguindo viagem com bons tempos, succedeo na altura do Cabo de Boa Esperança esbarrar hum peixe Agulha com a Náo de D. João de Lima com tal violencia, que enterrou pelo costado o bico, ou ponta que lhe sahe do focinho; e forcejando, e estrabuxando para arrancalla, quebrou-lhe dentro; o que causou grande susto na gente, que cuidou, no estremecer do navio, haver tocado em algum baixo; mas carenando depois em Cochim, se lhe achou a ponta de comprimento de dous palmos e meio, preta, aguda, e mui rija, e aspera (3).

(1) Vede Goes, Parte 4. Cap. 31. — Castanheda, Liv. 4. Cap. 44. — Barros, Decada 3. Liv. 3. Cap. 1.

(2) Barros, e Faria dão nove Náos a esta Esquadra; Castanheda, e Goes dão-lhe dez, e referem os nomes de todos os Commandantes. Igual variedade se observa sobre a época, em que elle chegou á India, dizendo Castanheda, que foi a 7 de Setembro; Barros, e Goes a 8; e Faria a 18.

(3) No meu tempo succedêrão dois factos similhantes: o primeiro em hum navio (creio se chamava Santa Rosa), o qual carenando no Rio de Janeiro, se lhe achou no fundo huma similhante ponta, que passava até ao forro de dentro, e tinha furado hum barril de azeite. O segundo, que he muito mais moderno, em hum Bergantim, de que era Mestre Antonio da Cunha Moreira (que morreo Official da Marinha Real), que vindo do Maranhão, achou se de repente com muita agua no porão, sem saberem a que attribuir a causa, por ser a embarcação

Diogo Lopes demorou-se pouco em Moçambique, e chegou á India a 8 de Setembro.

1519. — Neste anno se armou (1) huma Esquadra de quatorze Náos (2), commandada por Jorge de Albuquerque, embarcado na Náo Guadalupe; os outros Commandantes erão Lopo de Brito, Pedro da Silva, João Rodrigues de Almada, Francisco da Cunha, Christovão de Mendonça na Náo Graça, Rafael Perestrello na Rosa, Rafael Catanho, Diogo Fernandes de Beja, Gonçalo Rodrigues Corrêa na Náo Santo Antonio, D. Diogo de Lima, o Doutor Pedro Nunes (3), Manoel de Sousa em hum Galeão (4), e D. Luiz de Gusmão, Fi-

nova, até que andando o Carpinteiro por fóra examinando as costuras, vio a cousa de meia braça abaixo do lume da agua, hum pedaço de ponta como de boi cravada no costado. O Bergantim chegou a Lisboa tocando sempre á bomba, e o Constructor do Arsenal cortou hum pedaço da taboa, em que estava mettida a ponta, que tinha mais de dous palmos de comprido, de côr escura, mui rija, e a superficie escamosa: persuado-me que foi conduzida para o Real Museo.

(1) Vede Barros, Decada 3. Liv. 3. Cap. 9. — Goes, Parte 4. Cap. 36. — Castanheda, Liv. 5. Capitulos de 15 até 18.

(2) Assim o diz Barros no lugar citado, Faria na Asia Portugueza, e o Nobiliario manuscrito das Familias Portuguezas, no Tomo 3. pag. 612. Damião de Goes conta desaseis Náos, e Castanheda desasete. Eu creio, que a differença consiste nos dous navios destinados para a China, que huns excluírão, e outros incluírão na Esquadra.

(3) Pedro Nunes hia com o Cargo de Vedor da Fazenda nos Estados da India, vencendo 400$000 réis annuaes, e outras muitas vantagens, alêm de ElRei lhe pagar vinte homens para o acompanharem. Levava elle hum Regimento, que o isentava da jurisdicção dos Governadores nos casos Civeis, e Crimes, e lhe conferia toda a administração da Fazenda, que elles até ali tinhão, segundo refere Castanheda no lugar acima citado. Succedeo o que era bem natural, hum conflicto de jurisdicções entre os dois Chefes do Estado, cuja consequencia foi voltar Pedro Nunes para Portugal.

(4) Daqui por diante começa a nossa Historia a fallar em Galeões, e assim cumpre dizer, que ás vezes os Escritores chamão com indifferença aos navios grandes, Galeões, ou Náos; mas na realidade os Galeões começárão a ser naquelles tempos os navios propriamente de guerra, e

dalgo Hespanhol, em outro, que era o mais formoso; e bem armado navio de toda a Esquadra.

Partírão este mesmo anno mais dois navios com destino para a China, de que erão Commandantes Diogo Calvo, e Garcia Cainho.

A 23 de Abril de 1519 sahio a Esquadra de Lisboa, menos Francisco da Cunha, que, por algum incidente, partio a 7 de Junho, e com tal fortuna, que entrou em Cochim a 10 de Outubro.

A Esquadra navegou derramada: Diogo de Lima arribou a Portugal, e não pôde tornar a sahir. Jorge de Albuquerque invernou em Moçambique com oito Náos; Lopo de Brito, Pedro da Silva, e João Rodrigues de Almada forão á India a salvamento. Manoel de Sousa, separado da Esquadra, soffreo máos tempos, e chegando á altura de Moçambique nos fins de Setembro, não quiz entrar no Porto, a pezar de ter muita falta de agua; e na esperança de poder passar á India, proseguio a sua derrota, em que achou levantes rijos, que lhe não deixavão adiantar caminho. A final quiz buscar o Cabo Guardafui, para fazer agua, que já por falta della levava muitos doentes, e hia deitando mortos ao mar. Não podendo ferrar o Cabo, foi avistar a Ilha de Socotorá, que tambem não tomou, por ser o vento por sima della. Nesta extremidade arribou a buscar a terra da Africa mais proxima, e navegou ao lon-

por isso se construião mais fortes da linha d'agua para sima, e montavão mais artilheria As Náos erão de mais toneladas, com grande porão, e menos fortes de costado. Na torna-viagem da India os Galeões vinhão carregados como as Náos, de que se seguírão alguns naufragios, porque soffrião mais dos golpes de mar, e dos balanços, em razão da nimia altura dos Castellos de pôpa, e proa, representando cada Galeão o perfil exacto de huma cortina flanqueada por duas Torres. Houverão depois alterações neste systema, e construirão-se Galeões mui grandes, ainda que o numero de canhões, que montavão, era inferior ao que hoje se pratica.

go della, caminho de Melinde, determinado a ancorar em qualquer lugar, onde achasse agua. Assim chegou a Matua, e dando fundo, desembarcou na lancha com o Piloto, e quarenta homens armados, para fazer aguada por força, ou por vontade.

Achou-se com effeito huma fonte afastada hum pouco do desembarque, em que se começárão a encher os barrís; e os naturaes, longe de se opporem, acudirão em som de paz a vender gallinhas, e outros comestiveis, o que infundio tão desleixada confiança nos Portuguezes, que na vasante da maré ficou a lancha em secco a grande distancia da praia. Manoel de Sousa, conhecendo tarde o erro que commettêra em não deixar o seu Piloto na lancha com alguns marinheiros, cahio em outro maior; porque devendo reunir logo toda a gente em hum corpo, para resistir a qualquer assalto dos Mouros, e ganhar algum tempo até a maré tornar a encher, metteo-se pela vasa com todos os seus, para á força de braços pôr a lancha em nado. Os Mouros, que escondidos espreitavão alguma boa occasião de mostrarem o odio que tinhão aos Portuguezes, vendo-os atolados na vasa, sem se poderem formar, nem mesmo usar das armas, corrêrão sobre elles em grande numero, matárão todos, e tomárão a lancha.

A gente do Galeão, estupefacta de se ver sem Commandante, nem Piloto, deo a direcção da derrota ao Contra-Mestre, que mui pouco entendia de Navegação; e fazendo-se á véla, seguio a Costa, e foi surgir em Oja, Cidade dezoito legoas ao Norte de Melinde. Os habitantes recebêrão bem os Portuguezes, que se detiverão aqui seis dias, fazendo víveres, e aguada; mas como os desastres nunca vem sós, aconteceo que o Regulo do Paiz deteve o Mestre, e seis homens que estavão com elle em terra para os festejar; e os do Galeão, cuidando que erão mortos, ou cativos, e vendo-se

reduzidos a seis homens sãos, e alguns enfermos, de duzentas pessoas que compunhão a guarnição, cortárão as amarras, e seguírão a sua derrota para Melinde, que o Contra-Mestre varou por ignorancia, e foi dar á costa em huma coroa junto a Quilôa, onde os Mouros os matárão a todos, excepto hum rapaz, que cativárão.

Dos acontecimentos desta Esquadra resta-me contar o facto extraordinario, e unico de hum navio de guerra convertido em Pirata (1).

Era Commandante de hum Galeão D. Luiz de Gusmão, casado em Portugal, que separando-se do seu Chefe, navegou só, e ao Sul das Canarias encontrou huma Caravela Portugueza; e sabendo pela pratica, que com ella teve, que vinha da Costa da Mina, e trazia ouro, disse em particular ao Piloto do seu Galeão, a fim de o sondar: Para que querião mais India, do que tomalla, e passando o Estreito de Gibraltar, irem para o Levante, onde se farião mais ricos? O Piloto, que era Portuguez, não se deo por entendido, e só lhe respondeo, que não tomasse a Caravela. Parecendo-lhe porêm isto muito mal, o communicou a quatro irmãos do appellido de Galvão, que hião com elle embarcados, naturaes de Evora, homens de muito espirito, e valor, os quaes lhe promettêrão oppor-se a qualquer attentado, que D. Luiz ousasse commetter. Em consequencia affastarão-se desde logo da sua conversação, e não comêrão, nem jogárão mais com elle, como costumavão. D. Luiz, percebendo que se penetravão as suas intenções sinistras, tratou de ganhar partidistas, e examinando o numero de Hespanhoes que tinha no Galeão, achou cincoenta,

(1) Na relação do caso de D. Luiz de Gusmão segui a Castanheda, com preferencia a João de Barros, porque a miudeza com que o refere mostra que estava bem informado de tudo; e talvez que Barros tivesse algumas razões de circunstancia para não dizer quanto sabia na materia, como de si confessa Damião de Goes.

e lhes mandou distribuir do vinho, e agua que bebia; dizendo que o fazia por serem homens Fidalgos; e começou a tratar com altivez os Portuguezes. Quiz tomar huma pipa d'agua, e outra de vinho a Francisco Fernandes, Ourives, de quem fôra hospede em Lisboa, e a quem devia singulares favores, e para lhos remunerar, segundo dizia, o levava comsigo para a India: e como elle se queixou de lhe tomar a agua, e vinho que embarcára para algum caso de necessidade, o metteo na arca da bomba, a que se oppôz o Piloto, e os Galvões, protestando que não podião consentir similhante violencia; e D. Luiz, receando alguma sublevação, deixou solto o Ourives, sem lhe apprehender as pipas. Observando então que o Piloto trazia sempre hum punhal (desde o dia em que lhe fallou em tomar a Caravela da Mina), quiz saber a causa, e respondendo elle, que o seu punhal não causava prejuizo a ninguem, ficárão d'ahi por diante pouco amigos.

Chegados á altura do Cabo de Boa Esperança, tiverão hum temporal, em que se quebrou a cabeça do leme, e ainda que se tentou em certo modo remediar o damno, o Galeão governava tão mal, que o Piloto declarou, que não se atrevia a dobrar o Cabo com aquelle leme; e fazendo sobre isso D. Luiz concelho, concordou-se em arribar ao Brasil para fazer hum leme novo.

Em consequencia dirigio-se a derrota para o Brasil, e depois de trinta dias de navegação vio-se a terra. Tocou D. Luiz em alguns Portos, sem achar madeira de que se podesse fazer o leme, e por ultimo entrou em huma grande Bahia (talvez a de Todos os Santos), onde desembarcando com o Piloto, o Carpinteiro, e trinta homens achárão muitas arvores capazes para a obra que se pertendia. Aqui, parecendo a D. Luiz occasião opportuna de se vingar do Piloto, lhe disse algumas pa-

lavras más, lembrando-lhe as differenças passadas; e o Piloto, ainda que só tinha da sua parte hum primo seu, e o Carpinteiro, enrestou a lança contra elle. D. Luiz metteo mão á espada, e todos os da sua parcialidade, fazendo o mesmo os outros dois. Travou-se entre elles hum bravo jogo de cutiladas; e o Piloto, que era valente, fazia praça com a lança, em quanto o primo, e o Carpinteiro lhe guardavão as costas. Vendo o Hespanhol que não acabava o negocio tão azinha, como cuidára, offereceo a sua amizade ao Piloto, chamando-lhe irmão, o que elle aceitou; e feitas as pazes, jurárão todos guardar segredo, o que não foi possivel, por estar ferido o Carpinteiro.

Passado isto, mandou D. Luiz a terra o Mestre, e o Carpinteiro para se fazer o leme, e com elles dois Artilheiros, com duas peças de artilheria pequenas, que montárão em huma trincheira, a fim de se premunirem contra os assaltos dos Indios, que já sabião serem anthropofagos. Começada a obra, concorrêrão muitos delles com mantimentos do Paiz, que trocavão por anzoes, alfinetes, e outras bagatellas, entendendo-se por acenos. Esta concorrencia sendo cada vez maior, e sempre de hum modo pacifico, animou alguns Portuguezes a irem a huma Aldea, quasi huma legoa distante, na qual forão bem recebidos. Oito dias depois levou o Piloto a terra o leme velho, para lhe tirar as ferragens, que havião servir para o novo; e não podendo os marinheiros arrastallo pela praia, que atolava muito, os ajudárão no trabalho duzentos Brasileiros.

Recolhido o leme ao abrigo da trincheira, partio o Piloto com alguns homens para a Aldea, e levou comsigo huma mulher, em torno da qual se ajuntárão os Indios, que a contemplavão maravilhados, quando chegou hum, que parecia ser o Chefe da Aldea, e os fez assentar em silencio, talvez para evitar as consequencias dos senti-

mentos, que a presença da mulher tinha excitado nelles. Este Brasileiro, que trazia por distinctivo huma espada de osso de peixe, e huma cutella de ferro mui velha, deo ao Piloto comestiveis, e em troca recebeo delle outras cousas. Acabada assim em paz esta imprudente visita, voltou o Piloto para o lugar onde se trabalhava no leme, e estando comendo, chegou o Carpinteiro com outro homem, e lhe contou que os Indios os tinhão expulsado da Aldea, apontando-lhes mais de cem arcos armados de frechas; e que lhe parecia bom conselho não irem mais á Aldea. O Piloto, longe de acreditar o que elle dizia, marchou para a Aldea acompanhado de algumas pessoas, e passada huma hora, veio hum grande numero de Indios correndo, e gritando, trazendo como troféos as armas do Piloto, e dos seus companheiros, e atacárão logo sessenta e tres Portuguezes, que estavão na trincheira, sem que as balas das duas peças lhes fizessem damno (1), porque se baqueavão no chão quando vião o clarão da escorva. Finalmente os Indios entrárão a trincheira, que parece não tinha fosso, nem altura sufficiente, e ali os defensores se defendêrão ás cutiladas espaço de huma hora; porêm mortos cincoenta e tres, os dez restantes se salvárão a nado a bordo da lancha, que chegou nesta conjuncção. No numero dos mortos entrou o Contra-Mestre, e o Carpinteiro, alêm do Piloto.

D. Luiz folgou com a morte dos Galvões, do Pi-

(1) Naquelles tempos ainda não havia metralha: annos depois começou-se na India a carregar as peças com saquinhos de seixos redondos, que em pequeno alcance fazião algum effeito. Todas as Artes tem a sua infancia.

Os sessenta e tres Portuguezes, que guarnecião a trincheira, de certo não tinhão mosquetes; se os tivessem, nunca os Indios forçarião a entrada; mas as espadas erão fracas armas contra as frechas (talvez envenenadas) dos Brasileiros. Isto prova a ignorancia, ou a malicia do traidor Gusmão.

loto, e dos outros qûe com elles acabárão, todos Portuguezes, vendo-se agora desabafado para o que determinava, e foi a terra com quarenta homens bem armados a buscar os lemes, já que não o fez a soccorrer os seus. Tres dias se gastárão em acabar o leme a bordo, e em o calar, e neste meio tempo repartio o fato do Piloto pelos Hespanhoes, tomando para si huma vestia escarlate, de que mandou fazer outra pela feição da que via no retrato de Amadiz pintado em hum livro, dizendo que no Mundo houverão dous Amadizes, hum que estava já morto, e elle o segundo; e outras muitas fanfarronadas. Calado o leme, e dizendo-lhe o marinheiro João Velho, que o levaria a Moçambique, deo-lhe a pilotagem do Galeão, e se fez á véla. Aos cinco dias de viagem nomeou Meirinho a San-Torreno, Hespanhol, havendo morrido no Brasil o do Galeão; e no mesmo dia o novo Meirinho deo busca a todas as caixas, com o pretexto de descobrir alguma fazenda pertencente aos fallecidos, porêm só para tomar todas as armas aos Portuguezes, como fez, deixando-as aos Hespanhoes.

Ao amanhecer do dia seguinte appareceo D. Luiz na tolda armado com a espada na mão, cercado de cincoenta Hespanhoes, e de outros estrangeiros, todos armados, e mandou ali vir o Ourives Francisco Fernandes, a quem se deitárão grilhões, e disse-lhe que se confessasse, que o hia matar, por assim o ter determinado fazer, e mais ao Piloto, e aos Galvões, pelas disputas que com elles tivera. E desprezadas as humildes supplicas do Ourives, o confessou hum Clerigo, passeando elle entretanto pela tolda, e dizendo a miudo ao Padre, que acabasse a confissão. Os Portuguezes vião do convez este espectaculo, mas como não tinhão armas, não se lhe podião oppor. Concluida a confissão, correo D. Luiz para o Ourives, que estava de joelhos com as mãos levantadas pedindo o não matasse, e deo-lhe huma

cutilada, com que lhe cortou huma das mãos, e logo huma estocada, de que cahio morto; e foi deitado ao mar.

Feito isto, chamou toda a guarnição, e fez-lhe huma longa pratica, querendo justificar o assassinio do Ourives com o fundamento de que este projectava matallo, ainda que disso não tinha prova sufficiente, e concluio dizendo: Que como ElRei de Portugal não perdoava ao homem, que matava a outro, elle não ousava tornar á sua presença, nem menos apparecer na India diante do seu Governador, e queria ir a outra India mais segura, que era o mar do Levante, onde andarião a toda a roupa, e ficarião todos ricos no espaço de hum anno, levando ao mesmo tempo boa vida; e quem não quizesse acompanhallo, o dissesse, porque lhe dava a fé de Fidalgo de não lhe ter por isso má vontade, e o desembarcaria na primeira terra que tomasse. Desaseis Portuguezes recusárão dar o juramento exigido dos que havião servir com elle, a pezar das grandes diligencias que para isso fez, por cuja causa forão postos em grilhões, e dormião no convez ao sereno; e mesmo nos outros Portuguezes, que se alistárão para ser Piratas, tinha elle tão pouca confiança, que publicou hum edital, para que qualquer Portuguez, que fosse ao fogão em quanto lhe fizessem de comer, seria açoutado, e a mão direita pregada no mastro grande: tanto era o receio que tinha de ser envenenado!

Depois disse ao Mestre Fernão Affonso, que o levasse ao Estreito de Gibraltar, porque d'ali bem sabia para onde havia de ir, ameaçando-o de lhe cortar a cabeça, se não o fizesse; e pedindo-lhe o Mestre hum attestado d'isso, para sua resalva, lho deo logo. Seguio-se o rumo para a Europa, e D. Luiz disse hum dia, que estava informado de que os prezos o intentavão matar, e por isso devião ser enforcados, e os fez confes-

sar. E para achar alguma prova, deo tratos de polé a hum delles, o qual obrigado da dor, disse era verdade, e que os conjurados erão trinta; mas como os Portuguezes presos não excedião a dezaseis, e ninguem tinha communicação com elles, crêo que entrarião no conloio alguns dos seus parciaes, e mandou chamar hum João Esteves, Portuguez, que cuidando ser para lhe darem tratos, se deitou ao mar, e affogou-se; o que o confirmou nas suas idéas, e quiz enforcar cinco dos presos, e mais o Carpinteiro, porêm rogando por este os Hespanhoes, em attenção a ter feito o leme, perdoou a todos.

Chegado á altura dos Açores, disse o Mestre a D. Luiz, que em certa Povoação daquellas Ilhas poderião fazer aguada, e carnagem, de que tinhão necessidade, em que elle conveio; e entretanto foi surgir na Ilha das Flores, e antes de communicar com a terra, chegou huma Caravela Portugueza, em que vinha hum Negociante da Terceira, que era seu dono, a comprar trigo. Logo que D. Luiz a vio, metteo-se no escaler com alguns homens armados, deixando o Galeão entregue a hum Hespanhol chamado Bezerril, e abordando a Caravela, disse ao Negociante, que D. Luiz de Gusmão, Commandante daquelle Galeão d'ElRei de Portugal, lhe mandava aquella carta, a qual lhe deo, e nella relatava, que hindo para a India, arribára ao Brasil para fazer hum leme em lugar do seu, que se quebrára com hum temporal, e que os Brasileiros lhe matárão o Piloto, e outra muita gente, e por isso voltava para Portugal mui destroçado, e lhe pedia da parte d'ElRei, que viesse com elle a bordo. O Negociante, acreditando tudo, foi logo a bordo do Galeão com o seu Piloto, e alguns marinheiros, a todos os quaes prendeo D. Luiz, e tomou ao Negociante o dinheiro, que levava; e passando a equipagem da Caravela para o Galeão,

deo o commando daquella a Bezerril, e lhe metteo artilheria, e a gente necessaria, e por Mestre e Piloto hum Portuguez, que fugíra de Portugal, por ser casado tres vezes, por cuja razão se confiava muito delle.

Perguntando depois ao Mestre do Galeão pela Povoação, que lhe dissera, este o levou a Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel, onde determinava fugir, já que não o podéra fazer nas Flores. D. Luiz mandou hum Hespanhol a terra para dizer aos habitantes, que quem quizesse trocar carnes por azeite, e vinho, fosse a bordo do Galeão; e com effeito vierão logo tres dos principaes moradores com hum grande presente de refrescos, e elle os prendeo, declarando-lhes, que não os soltaria, sem que cada hum lhe désse dez, ou doze bois. Neste tempo appareceo outra Caravela, e querendo D. Luiz tomalla, mandou o seu escaler, mas estando dentro delle sete marinheiros todos Portuguezes, fugírão á voga arrancada para terra, dando aviso á Caravela novamente chegada, que tambem se pôz em salvo.

Chegados os marinheiros á Povoação, requerêrão se prendesse o Hespanhol, que lá andava, como se fez, porque D. Luiz estava levantado com o Galeão. Após isto appareceo huma Naveta, que vinha de S. Thomé, e D. Luiz mandou a ella Bezerril na Caravela, com ordem de a metter no fundo, se não amainasse; porêm amainou logo, e o Mestre, o Piloto, e o Contra-Mestre forão trazidos a D. Luiz, que os ameaçou com tratos, se não declarassem o que trazião. Constou do seu depoimento trazerem escravos, algalia, marfim, e páo vermelho, e pertencer a carga a Duarte Bello, Commerciante de Lisboa. Por ordem de D. Luiz se baldeárão no Galeão os mantimentos, e mercadorias da Naveta, e se mettêrão a seu bordo todos os presos.

Em quanto se andava nesta faina, pedio-lhe o Mestre licença para ir a terra ver huma irmã, que ali ti-

nha, e elle o mandou no bote da Caravela com dois marinheiros Hespanhoes, e ordem de não o deixarem desembarcar; mas chegando perto da praia, o Mestre deitou os dois ao mar, e fugio a nado para terra. D. Luiz em sabendo isto, enviou a terra hum cunhado do mesmo Mestre, com hum seguro seu para poder voltar para bordo; porêm o mensageiro ficou tambem com elle.

Quatro dias se deteve ainda D. Luiz, e a final partio para Canarias: no caminho tomou huma Caravela carregada de pastel, que hia para Flandres, e outra carregada de peixe secco, e assim chegou ao Porto da Gomeira com cinco embarcações, onde vendeo os roubos que levava. Seguio-se depois huma disputa entre o Commandante da Povoação e D. Luiz: o Galeão fez fogo á Fortaleza, e esta respondeo, quebrando-lhe a verga grande com huma bala. O Hespanhol vendo-se impossibilitado de navegar, e já assombrado dos seus proprios crimes, mudou o seu fato, e alguma artilheria para a Caravela de Bezerril; e deixando no Porto o Galeão, e as embarcações aprezadas (que se restituírão aos proprietarios) navegou para Sevilha, onde foi logo prezo na Torre da Cidade, em consequencia de representações, que a Corte de Lisboa havia feito á de Madrid; e querendo descer da Torre por huns lençoes, cahio, e quebrou ambas as pernas. Hum homem, que os seus gemidos ali attrahírão, o levou ás costas a hum Convento de Religiosos, do qual conseguio fugir para a Italia, e nella acabou desgraçadamente.

1519. — Fernão de Magalhães (1), pertencente a

(1) Os principaes Escritores, que consultei para escrever esta Viagem, forão: 1.º João de Barros, Decada 3. Liv. 5. Capitulos 8, 9, 10, que teve na sua mão documentos originaes, e mui preciosos, de que tirou o que escreveo; e oxalá os tivera copiado todos, porque hoje desgraçadamente já não existem. 2.º Damião de Goes, Parte 4. Cap.

huma illustre familia, dotado de grande valor, e constancia, e bem instruido na Arte Nautica, segundo os conhecimentos do teu tempo, depois de militar na India, passou a servir em Azamor, onde sobre a repartição do despojo ganhado em huma entrada, se lhe suscitárão taes accusações, que foi obrigado a justificar-se judicialmente, sem conseguir por isso ficar na graça d'ElRei D. Manoel, que lhe negou o augmento de duzentos réis mensaes na sua Moradia.

Descontente deste máo successo, passou a Hespanha em 1517, desnaturalizando-se de Portugal, e levou comsigo ao Bacharel Ruy Faleiro, habil Astronomo, e a outros Officiaes de mar. Em Sevilha achou estabelecido o seu parente Diogo Barbosa, em cuja casa se recolheo, e casou com sua filha D. Beatriz Barbosa; e igualmente encontrou outros Portuguezes aventureiros, e descontentes, todos, ou quasi todos de profissão mari-

37, que publicou o summario do Contrato passado entre o Imperador Carlos V. Fernão de Magalhães, e o Astronomo Ruy Faleiro.' 3.° O Resumo Historico do Doutor D. Casimiro de Ortega, impresso em Madrid em 1769, que examinou todas as Historias, que tratão de Magalhães, ainda que ás vezes não escolheo o melhor; e nos deixou (copiada de Herrera) a lista nominal de todos os individuos, que voltárão daquella celebre expedição á Europa; na qual se deve notar, que se não acha o nome de Pigafetta, senão o de hum *Antonio Lombardo*, que se diz ser elle. 4.° A Viagem á roda do Mundo, do Cavalheiro Antonio Pigafetta; e a Carta de Maximiliano Transilvano, seu copista, publicadas no Tomo 1. da Collecção de Ramusio. Pigafetta misturou com a narração dos acontecimentos nauticos muitas fabulas absurdas, e risiveis de sua invenção. Não obstante isso, tem servido de texto aos Escritores estrangeiros, que fallárão daquella Viagem; e he digno de attenção, por ser testemunha ocular dos successos, ainda que ignorante em Navegação. 5.° A Noticia das Expedições ao Estreito de Magalhães, incluida na Relação da Viagem da Fragata Hespanhola Santa Maria da Cabeça, impressa em Madrid em 1788. O Anonymo, que por Ordem d'ElRei Catholico a escreveo, he hum Critico judicioso, que reveo, e analysou quanto achou em Obras impressas, e manuscritas naquella materia; posto que alguma vez se enganou em citações, como mostrarei.

tima, e capazes por estas circunstancias, de emprehenderem qualquer expedição arriscada.

Magalhães, e Faleiro offerecerão-se ao Imperador Carlos V. (que o foi pouco depois) para tentarem descobrir huma nova derrota para as Malucas (Ilhas, que affirmavão estarem fóra dos limites das Conquistas Portuguezas na Asia), sem seguirem o caminho do Cabo de Boa Esperança, mas achando alguma passagem do mar do Norte ao do Sul, pois que a existencia deste havia já verificado Vasco Nunes de Balboa em 1513.

A protecção, e diligencias do Cardeal Cisneros, e a boa informação do Concelho vencêrão todas as difficuldades que se oppunhão á accepção do projecto, e mallográrão os esforços de Alvaro da Costa, Embaixador de Portugal, que procurava arredar Magalhães de huma empresa tão prejudicial á sua verdadeira patria; e parece o havia já persuadido a voltar para Portugal (1); mas ficou sem effeito esta utilissima negociação, que pouparia muitas inquietações, e despesas.

Por ultimo Magalhães, e Faleiro contratárão com o Imperador huma licença para poderem navegar, e fazer descobrimentos no mar Oceano, nos limites, e demarcações de Castella; e para praticarem o mesmo no mar do Sul, sempre dentro dos mencionados limites, sem infringirem as demarcações de Portugal, ou fazerem cousa alguma em seu prejuizo; com outras varias clausulas, humas a favor dos dois Descobridores, outras da Fazenda Real, de que se lavrou escritura em Valhadolid a 22 de Março de 1518. E no anno seguinte, já condecorados ambos com o Habito de S. Tiago, e Postos de Capitães, deo o Imperador em Barcelona hum Re-

(1) Damião de Goes no Capitulo acima citado affirma ter visto a propria Carta de Magalhães a ElRei D. Manoel; talvez este Grande Monarcha não tinha então idéas precisas do merecimento de Magalhães, illudido por más informações dos seus inimigos.

gimento a Magalhães para a sua viagem, datado de 8 de Março deste anno, nomeando-o Capitão General da Esquadra, *com authoridade de nomear, e depôr Commandantes, e Officiaes, como lhe parecesse mais vantajoso ao Real Serviço; e para executar justiça civil, e criminalmente em todos os individuos embarcados na Esquadra, de qualquer classe que fossem.*

Constava esta Esquadra de cinco navios: no primeiro, chamado a Trindade, embarcou Fernão de Magalhães (1), com seu cunhado Duarte Barbosa, e seu sobrinho Alvaro de Mesquita, levando por Piloto Estevão Gomes, e por Contra-Mestre Francisco Alvo, ambos Portuguezes, e o total da equipagem sessenta e dois homens. Commandava o segundo, chamado Santo Antonio, João de Carthagena; e os seus Pilotos o Astronomo André de S. Martin, e João Rodrigues Mafra, Portuguez; e de equipagem cincoenta e cinco homens. Gaspar de Quezada era Commandante do terceiro navio, appellidado a Conceição; Piloto João Lopes de Carvalho, Portuguez, e Mestre João Sebastião de Elcano; e o total quarenta e quatro pessoas. Do quarto, chamado a Victoria, era Commandante Luiz de Mendonça, Piloto Vasco Gallego, e total quarenta e cinco homens. Do ultimo navio, por nome S. Tiago, era Commandante, e Piloto Mor da Esquadra João Serrano, com 31 pessoas; sendo o total dos individuos embarcados duzentos e trinta e sete homens, em que entravão outros muitos Portuguezes. Destes cinco navios erão dois de cento e trinta toneladas, dois de noventa, e hum de sessenta, com víveres para dois annos.

No 1.º de Agosto de 1519 sahiò a Esquadra de Sevilha, e a 21 de Setembro de S. Lucar de Barrame-

(1) Ruy Faleiro não embarcou, por ficar doente de accessos de loucura.

da, com rumo a Canarias. Deo fundo em Tenerife, e demorou-se quatro dias fazendo agua, e lenha: ali chegou de Hespanha huma Caravela, que lhe levava differentes effeitos; por ella recebeo Magalhães avisos particulares, segundo se disse, de que os Commandantes dos navios hião com proposito de lhe não obedecer.

Partio de Tenerife a 3 de Outubro, dirigindo-se á Costa de Guiné, que avistou, onde soffreo muitas calmarias, e trovoadas; e tomando a volta do S.O. descobrio terra do Brasil a 8 de Dezembro, julgando-se em 19° 59′ de latitude S. e a 13 entrou no Rio de Janeiro, a que deo nome de Bahia de Santa Luzia, e se deteve até 27. Neste intervallo determinou o Astronomo S. Martin a latitude do Porto em 23° 45′ (1); e fez outra observação para achar a longitude, que ainda que delicada para aquelle tempo, deo hum grande erro, que elle percebeo, mas não soube a que o attribuir.

Os Indios recebêrão bem os Hespanhoes, trocavão os seus mantimentos por bagatellas da Europa, e offerecião hum escravo por hum machado; Magalhães prohibio este ultimo trafico, por não augmentar bocas, que lhe gastassem os víveres.

A Esquadra sahindo do Rio de Janeiro, navegou para o Sul, e a 10 de Janeiro de 1520 chegou ao Cabo de Santa Maria, já descoberto por Soliz (2), alêm do qual vírão hum monte fazendo em cima a figura de hum chapeo, a que derão o nome de Monte Vidi (hoje Monte Video), que ficava na entrada do Rio da Prata. Surgírão em cinco braças, e Magalhães destacou o

(1) A posição do Rio de Janeiro, no Observatorio de S. Bento, deduzida de muitas Observações, he a seguinte: Latitude S. 22° 53′ 50″; Longitude 334° 51′.

(2) João Dias de Soliz, habil Piloto Portuguez, refugiado na Hespanha, foi o descobridor do Rio da Prata, que por muitos annos conservou o seu nome. Ali foi morto, e devorado pelos Indios em 1515.

navio S. Tiago, para examinar se o Rio dava alguma passagem para o mar do Sul, estando persuadido, que a Natureza abriria algum canal de communicação entre ambos os mares; e bem resoluto, em caso de não descobrir nenhum, a rodear todo aquelle vasto Continente, de que se não conhecião os limites, até dobrar o ultimo Cabo. Regressou o S. Tiago passados quinze dias, tendo só corrido vinte e cinco legoas, com a noticia de que o Rio se dirigia para o Norte. Magalhães foi então pessoalmente a bordo do navio Santo Antonio examinar a largura do Rio na sua boca, e tornando ao ancoradouro, se fez á véla a 3 de Fevereiro. No dia seguinte surgio para tomar huma agua que fazia o Santo Antonio. Seguindo a sua viagem ao longo da terra, de dia a huma legoa de distancia, e de noite a cinco, ou seis, tocou em hum baixo a Victoria, ainda que sem receber damno. Chegados a 40° de latitude, começárão a achar muitos frios, e máos tempos; e a 24 de Fevereiro, fazendo-se por 42° 30′, descobrírão huma grande Bahia, a que chamárão de S. Mathias (1). Registou-a Magalhães, para se certificar se dava passagem ao mar do Sul; e não achando Canal, seguio a Costa, e por ultimo ancorou a 2 de Abril na Bahia de S. Julião, que suppôs em 50° de latitude (2); achando-se a estação tão avançada, que os marinheiros não podião marear as vélas com frio.

Já nesta época tinha havido violentas disputas entre elle e alguns dos Commandantes, por cuja causa tirou o commando do Santo Antonio a João de Car-

(1) Esta Bahia tem de abertura vinte e cinco legoas, e quasi outras tantas de seio: a sua ponta do Norte está na latitude 41° 3′, e a do Sul em 42° 4′.

(2) A ponta do Sul desta Bahia está na latitude 49° 25′, e longitude 310° 50′.

thagena, mettendo-o preso a bordo da Conceição, e pondo em seu lugar Alvaro de Mesquita.

Resoluto a passar nesta Bahia os mezes de Maio, Junho, Julho, e Agosto, em que he a força do Inverno, chamou a concelho os Officiaes, e Pilotos da Esquadra para ouvir os seus pareceres sobre a navegação, que restava a fazer; de que se originárão novas paixões, porque elle não recebeo bem nenhum dos inconvenientes, que lhe opposerão para que não proseguisse o descobrimento; e declarou, que em entrando o Verão, seguiria a sua derrota em demanda do Cabo, ou Estreito até 75°; allegando, que se os mares da Norwega, e Islandia, situados em maior altura, erão tão faceis de navegar no seu respectivo Verão, como os da Hespanha, assim o serião aquelles. E como nesta pratica se mostrou isento, e independente dos votos dos Commandantes, e Pilotos, houve entre estes murmurações, dizendo os principaes, que aquelle descobrimento não era proveitoso a Hespanha; por quanto ainda que naquelle Porto, em que estavão, fosse o Cabo, ou o Estreito procurado, já não era clima para se navegar de tão longe; e se os mares da Norwega, e Islandia se navegavão, era por naturaes do Paiz, ou tão visinhos delle, que em quinze dias podião chegar ao seu extremo: mas vir de Hespanha passar a Linha, e correr a Costa do Brasil, exigia seis, ou sete mezes de viagem, e em Climas tão diversos, tudo isto era perdição de gente, e de riquezas, que valião mais do que todo o Cravo das Malucas, quando fosse tão facil o caminho que restava a fazer pelo outro mar, que ainda tinhão por descobrir.

A outra gente commum dizia, que Magalhães, por se restituir na graça d'ElRei de Portugal, a quem offendêra naquella empresa, os queria ir metter em parte, onde morressem todos, e depois tornar-se a Portugal.

Finalmente conspirarão-se os tres Commandantes

João de Carthagena, Gaspar de Quesada, e Luiz de Mendonça para prender, ou matar Magalhães, e voltar para Hespanha; e attribuir depois todo o mal á sua violenta conducta.

Magalhães, suspeitoso desta maquinação, enviou hum escaler a bordo do navio Santo Antonio, e por elle soube que se achava ali Gaspar de Quesada, Commandante da Conceição, o qual, havendo soltado a João de Carthagena, tinha preso a Alvaro de Mesquita, e apunhalado ao Mestre João Elorriaga, que seguia o partido da lealdade. Ao mesmo tempo teve noticia, que Luiz de Mendonça, Commandante da Victoria, surto na boca da Bahia, estava tambem levantado; de maneira, que de toda a Esquadra sô lhe restavão fieis o seu proprio navio Trindade, e o S. Tiago, Commandante João Serrano, que ainda ignorava este successo.

Magalhães, que não gastava em deliberações o tempo em que cumpria obrar com vigor, pôz logo o seu navio prompto para dar batalha aos rebeldes; e como sabia que na Victoria havia muitos homens honrados incapazes de fazerem huma sublevação, mandou a seu bordo a lancha, e o escaler com trinta e cinco homens escolhidos, ordenando ao Cabo, que os commandava, que em quanto Luiz de Mendonça lêsse huma carta, que lhe levava Gonçalo Gomes de Espinosa, Meirinho da Esquadra, o matassem; o que cumprírão, reduzindo o navio sem outro esforço á obediencia do seu General.

O Santo Antonio vinha arriando a amarra, como para abalroar a Trindade, a cuja insolente manobra respondeo Magalhães com a sua artilheria; mas observando que só apparecia na tolda Gaspar de Quesada, armado de lança, e rodela, cessou o fogo, e abordou o navio, onde sem resistencia forão presos Quesada, e alguns seus apaniguados, e postos a bom recado a bordo da

Trindade. Restava a Conceição, cujo Mestre João Sebastião de Elcano, honrado Biscainho, quando Magalhães lhe mandou perguntar por quem estava aquelle navio? Respondeo, entregando preso João de Carthagena. Assim se restabeleceo o socego, e obediencia em toda a Esquadra. Restava punir os principaes culpados, não sendo prudente castigar todos.

Gaspar de Quesada foi esquartejado vivo, e Luiz de Mendonça já morto. E porque na Esquadra não havia algôz, deo Magalhães a vida a hum creado de Quesada, cumplice na traição do amo, para exercer este officio. Perdoou-se a João de Carthagena a morte natural, commutando-a em outra civil de perpetuo degredo naquella terra; e com elle ficou tambem hum Clerigo, que tinha a mesma culpa (1), com algum biscouto para seu sustento.

Durante a invernada neste Porto de S. Julião passárão as equipagens grandes incommodos, empregadas, a despeito dos frios, em reparar os navios destroçados de tão comprida navegação. Aqui tratárão a primeira vez com os naturaes, porque mandando Magalhães entrar pela terra dentro alguns homens a descobrir, e obser-

(1) O Author da Noticia das Expedições ao Estreito de Magalhães, já citado, diz na nota 3.ª a pag. 189, que com João de Carthagena ficou abandonado em terra *hum Clerigo Portuguez chamado Pedro Sanches de Reyna*: e cita os testemunhos de Pigafetta, e de João de Barros. Eis-aqui as palavras de Pigafetta no Tomo 1. de Ramusio, pag. 391: „ Ma Giouanni di Cartagenia lo fecero smontare in terra, e in„ sieme con un prete lo lasciarono in quella terra di Patagoni. „ João de Barros, no lugar citado por aquelle Author, explica-se deste modo: „ E a João de Carthagena foi perdoada aquella morte natural, e hou„ ve outra civel de perpetuo degredo naquella erma terra; e com elle „ ficou tambem hum Clerigo, que tinha a mesma culpa, com trinta „ arrates de pão a cada hum para se manter. „ Transilvano, relatando o acto de justiça, que fez Magalhães, não falla da ultima circunstancia particularisada pelo Author Hespanhol. O Doutor Ortega, na sua Obra já mencionada, pag. 13, diz que o Clerigo era Francez: mas parece que o seu appellido he Hespanhol.

var se se ouvia da outra parte algum tom do mar, promettendo mercês a quem trouxesse boas novas; penetrárão estes vinte legoas pelo sertão, em que gastárão dez dias, e conduzírão huns Indios corpulentos, vestidos de pelles (1), aos quaes deo Magalhães alguns presentes, e reteve dois dias a bordo com intenção de os trazer a Hespanha; mas durárão pouco, por serem costumados a outros alimentos; os Hespanhoes derão-lhes o nome de Patagões.

Neste mesmo tempo o navio S. Tiago, Commandante João Serrano, enviado por Magalhães a ver se achava algum Cabo, ou Estreito, descobrio cousa de vinte legoas ao Sul de S. Julião hum formoso Rio, a que chamou de Santa Cruz (2), onde se demorou seis dias, matando muitos lobos marinhos; e vendo que não havia por ali canal de communicação, sahio para o Sul; porêm apenas teria navegado tres legoas, deo-lhe hum vento mui rijo de travessia, que lhe rasgou todo o panno, e deo com o navio á costa, salvando-se toda a gente: os mais bem dispostos vierão por terra buscar a Esquadra, no que gastárão onze dias, padecendo tantos frios, e fomes, que quando chegárão a S. Julião, quasi os não conhecião os companheiros; e Magalhães mandou promptamente buscar os outros em huma lancha.

A 24 de Agosto se fez Magalhães á véla com os quatro navios, que lhe restavão, deixando enterrados

(1) A existencia dos Gigantes Patagões está hoje demonstrada por fabulosa, pelo unanime testemunho dos melhores Navegantes, reduzindo-se a verdade do facto a que estes Indios são em geral membrudos, e apessoados. Pigafetta foi o primeiro inventor desta fabula, copiada, e ornada por Transilvano, e acreditada por Authores faltos de criterio, e de boas noticias.

(2) A ponta do Sul do Rio de Santa Cruz, na Costa Patagonia, está situada na latitude S. 50° 18′ 30″, e longitude 309° 48′.

alguns homens, que fallecêrão de frio, e de trabalho, e costeando a terra, entrou no Rio de Santa Cruz, por achar os tempos mui verdes. Tornou a sahir a 18 de Outubro, e a 21 descobrio hum Cabo, a que chamou das Virgens, por ser o dia da sua Festa, o qual situou em 52° de latitude, e de longitude 52° 30′, e ao Sul em distancia de cinco legoas se via outra ponta formando a boca de hum Estreito (1), que pelas fortes marés, e outros signaes inferio ser hum Canal, que poderia dar passagem para o outro mar; e mandou por isso fazer grandes festas em os navios. E porque entre a gente havia rumor sobre os poucos viveres, que existião, publicou hum bando prohibindo com pena de morte, que se fallasse em falta de mantimentos; e embocou o Estreito, que em partes tinha huma legoa de largura, e em outras mais ou menos, cercado de huma e outra banda de terras altas, algumas escaldadas dos ventos, e outras com arvoredo; e nos cumes das montanhas via-se jazer a neve, como que ali ficára sem se derreter, e alguma declinava a côr celeste.

Tendo já navegado pelo Estreito obra de cincoenta legoas, achando pelas margens Enseadas, Rios, e esteiros, que entravão pela terra, passou huma garganta mais estreita entre duas serras altas, e alêm della vio Magalhães, que o Canal se dividia em dois braços; mas não podendo saber qual delles o conduziria ao mar, destacou pelo braço do Sul a Alvaro de Mesquita no navio Santo Antonio, para o examinar; e pelo outro huma lancha, que logo regressou, tendo reconhecido somente doze legoas de Canal. Mesquita levava ordem de tornar em tres dias com as noticias do que achasse,

(1) A boca do Estreito de Magalhães he formada por dois Cabos: o do Norte chama-se das Virgens, situado na Latitude S. de 52° 20′, e longitude 309° 44′ 30″; e o do Sul he o Cabo do Espirito Santo, latitude 52° 45′ 30″, e longitude 309° 39′.

e sendo já passados seis, mandou outro navio a buscallo; e voltando este dahi a tres dias sem noticia alguma delle, disse Magalhães ao Astronomo S. Martin, que *prognosticasse pela hora da partida*, *e a sua interrogação*; o qual respondeo, que achava ser o navio tornado para Hespanha, e que o Commandante hia preso (1). E posto que Magalhães não désse muito credito a isto, todavia assim aconteceo; porque o Piloto Estevão Gomes, Portuguez, e o Thesoureiro Jeronymo Guerra, com o favor da gente já enfadada de tão trabalhosa viagem, maltratárão, e prendêrão o Commandante em ferros, e erigindo-se o Guerra em Commandante, navegárão para a Europa: passárão de caminho por onde havião deixado João de Carthagena, e o Clerigo, e nos fins de Março de 1521 chegárão a Hespanha estes fracos desertores, inimigos da gloria do seu Soberano, e da sua patria.

Magalhães vendo-se sem aquelle navio, em que hia seu sobrinho com outros Portuguezes, e que só tinha agora a seu favor Duarte Barbosa, e alguns poucos de que se poderia ajudar, pois toda a gente Hespanhola estava delle escandalizada, além do aborrecimento que lhe causava aquella viagem, ficou tão confuso, que se não sabia determinar; e para justificar-se com estes de que se receava, passou dois mandados de hum theor para os dois navios, sem querer que as pessoas principaes delles viessem a seu bordo, como homem que não folgava de ver ajuntamentos no seu navio; e a copia do

(1) Naquelle seculo confundia-se a Astronomia com a Astrologia Judiciaria; mas no caso presente era facil conjecturar o que succedeo, porque sendo Alvaro de Mesquita sobrinho do General, e por isso interessado na gloria deste, e na sua propria, não podia abandonallo, senão forçado pelos seus Officiaes, e guarnição, cujo descontentamento, e pouco zelo do serviço do Imperador erão bem sabidos, e provados pelos factos antecedentes.

que foi á Victoria, de que era então Commandante Duarte Barbosa, e a resposta de André de S. Martin, que alli se achava embarcado, são da maneira seguinte:

Mandado.

» Eu Fernão de Magalhães, Cavalleiro da Ordem » de S. Tiago, e Capitão General desta Armada, que » Sua Magestade enviou ao descubrimento da Especia- » ria, &c. Faço saber a Vós, Duarte Barbosa, Capi- » tão da Náo Victoria, e aos Pilotos, Mestres, e Con- » tra-Mestres d'ella, como eu tenho sentido, que a to- » dos vos parece coisa grave estar eu determinado de ir » adiante, por vos parecer que o tempo he pouco para » fazer esta viagem, em que himos. E por quanto eu » sou homem, que nunca engeito o parecer, e conselho » de ninguem, antes todas minhas coisas são pratica- » das, e communicadas geralmente com todos, sem que » pessoa alguma de mim seja affrontada, e por causa » do que aconteceo no Porto de S. Julião sobre a mor- » te de Luiz de Mendonça, e Gaspar de Quesada, e » desterro de João de Carthagena, e Pedro Sanches, » Clerigo, vós outros com temor deixais de me dizer, » e aconselhar tudo aquillo, que vos parece que he ser- » viço de Sua Magestade, e bem, e segurança da dita » Armada, e não mo tendes dito, e aconselhado: errais » ao serviço do Imperador Rei Nosso Senhor, e îs con- » tra o juramento, e pleito, e homenagem que me ten- » des feito. Pelo qual vos mando da parte do dito Se- » nhor, e da minha rogo, e encommendo, que tudo » aquillo que sentis, que convem á nossa jornada, as- » sim de ir adiante, como de nos tornar, me deis vos- » sos parceceres por escrito cada hum per si: declarando » as causas, e razões porque devemos ir a diante, ou nos » tornar, não tendo respeito a coisa alguma, porque

„ deixeis de dizer a verdade. Com as quaes rasões, e
„ pareceres direi o meu, e determinação para tomar
„ conclusão no que havemos de fazer. Feito no Canal
„ de todos os Santos defronte do Rio do Ilhéo, em
„ quarta feira 21 de Novembro, em 53°, de 1520 annos.
„ Foi notificado por Martim Mendes, Escrivão da di-
„ ta Náo em quinta feira 22 dias de Novembro de
„ 1520 annos. „

Resposta.

„ Ao qual dito Mandado eu André de S. Martin
„ dei, e respondi meu parecer, que era do theor se-
„ guinte:

„ Mui magnifico Senhor, visto o Mandado de Vos-
„ sa mercê, que quinta feira 22 de Novembro de 1520
„ me foi notificado por Martim Mendes, Escrivão desta
„ Náo de Sua Magestade chamada Victoria, pelo qual
„ com effeito manda que dê meu parecer ácerca do que
„ sinto, que convem a esta presente jornada, assim de
„ ir adiante, como tornar, com as razões que para
„ hum, e para o outro nos moverem, como mais largo
„ no dito Mandado se contem, digo: Que ainda que
„ eu duvide, que por este Canal de Todos os Santos,
„ onde agora estamos, nem pelos outros que dos dois
„ Estreitos para dentro estão, que vão na volta de Les-
„ te, e Lesnordeste haja caminho para poder navegar
„ a Maluco, isto não faz, nem desfaz ao caso, para
„ que não se haja de saber tudo o que se poder alcan-
„ çar, servindo-nos os tempos, em quanto estamos no
„ coração do Verão. E parece que Vossa mercê deve
„ ir adiante por elle agora, em quanto temos a flor do
„ Verão na mão; e com o que achar, ou descubrir até
„ meado do mez de Janeiro, primeiro que virá de 1521
„ annos, Vossa mercê faça fundamento de tornar na

» volta de Hespanha, porque d'ahi adiante os dias min-
» goão ja de golpe, e por razão dos temporaes hão de
» ser mais pezados, que os de agora. E quando agora
» que temos os dias de dezasete horas, e mais o que
» he de alvorada, e depois do Sol posto, tivemos os
» tempos tão tempestuosos, e tão mudaveis, muito mais
» se espera que sejão quando os dias forem descendo
» de quinze para doze horas, e muito mais no Inver-
» no, como ja no passado temos visto. E que Vossa
» mercê seja desabocado dos Estreitos a fóra para de
» todo o mez de Janeiro; e se puder neste tempo, to-
» mada a agua, e lenha que basta, ir de ponto em
» branco na volta da Bahia de Calez (Cadix), ou Por-
» to de S. Lucar de Barrameda, donde partimos. E fa-
» zer fundamento de ir mais na altura do Polo Austral
» do que agora estamos, ou temos, como Vossa mercê
» o deo em instrucção aos Capitães no Rio da Cruz,
» não me parece que o poderá fazer por a terribilida-
» de, e tempestuosidade dos tempos; porque quando
» nesta, que agora temos, se caminha com tanto tra-
» balho, e risco, que será sendo em 60°, e 75°, e mais
» adiante, como Vossa mercê disse, que havia de ir
» demandar Maluco na volta de Leste, e Lesnordeste,
» dobrando o Cabo de Boa Esperança, ou longe d'elle,
» por esta vez não me parece; assim porque quando lá
» formos seria ja no Inverno, como Vossa mercê me-
» lhor sabe, como porque a gente está fraca, e desfa-
» lecida de suas forças; e ainda que ao presente tem
» mantimentos que bastem para se sustentar, não são
» tantos, e taes, que sejão para cobrar novas forças,
» nem para comportar trabalho demasiado, sem que
» muito o sintão em o ser de suas pessoas; e tãobem
» vejo dos que cahem enfermos, que tarde convalescem.
» E ainda que Vossa mercê tenha boas Náos, e bem
» aparelhadas (louvado Deos), comtudo ainda fale-

„ cem amarras, em especial a esta Náo Victoria; e
„ alem disso a gente he fraca, e desfalecida, e os man-
„ timentos não são bastantes para ir pela sobredita via
„ a Maluco, e de ali tornarem a Hespanha. Tãobem
„ me parece que Vossa mercê não deve caminhar por
„ estas costas de noite, assim por a seguridade das Náos,
„ como porque a gente tenha lugar de repousar algum
„ pouco: cá tendo de luz clara desanove horas, que
„ mande surgir por quatro, ou cinco horas que ficão de
„ noite. Porque parece coisa concorde á razão surgir
„ por quatro, ou cinco horas que ficão de noite, por
„ dar (como digo) repouso á gente, e não tempestear
„ com as Náos e aparelhos: e o mais principal por
„ nos guardar de algum revez, que a contraria fortuna
„ poderá trazer, de que Deos nos livre. Porque quando
„ em as coisas vistas, e olhadas sóem acontecer, não he
„ muito temellos em o que ainda não he bem visto,
„ nem sabido, nem bem olhado, senão que faça surgir
„ antes de huma hora de Sol, que duas leguas de ca-
„ minho adiante, e sobre noite. Eu tenho dito o que
„ sinto, e o que alcanço por cumprir com Deos, e com
„ Vossa mercê, e com o que me parece serviço de Sua
„ Magestade, e bem da Armada: Vossa mercê faça
„ o que bem lhe parecer, e Deos lhe encaminhar: ao
„ qual praza de lhe prosperar vida, e estado, como
„ elle deseja. „

Magalhães recebendo este parecer, e os dos outros Officiaes, como sua intenção não era tornar atraz por cousa alguma, e só fizera este cumprimento por sentir que a gente andava descontente, e assombrada do castigo que dera aos rebeldes, fez huma longa réplica, em que deo largas razões para irem avante; e que jurava pelo Habito de S. Tiago, que assim lhe parecia, e que todos o seguissem, porque esperava na piedade de Deos, que os trouxera áquelle lugar, e lhes tinha

descoberto aquelle Canal tão desejado, os levaria ao termo da sua esperança. Ao outro dia, com festas, e salvas de artilheria, mandou levar ancora, e proseguio seu caminho; e sem ter visto Indio algum, mais que alguns fogos na Costa do Sul, a que por esta causa deo nome de Terra do Fogo, desembocou a 26 de Novembro com os seus tres navios no mar do Sul, a cuja ultima ponta chamou Cabo Desejado (1).

Entrado no mar do Ponente, a que deo o nome de Pacifico, afastou-se da terra, navegando ao N.O. Em 51° 30′ correo ao Norte, para se aproximar da Equinocial, fazendo varios rumos entre N.O. e N.N.E. até 16 de Dezembro, que estando em 36° 30′, arribou para o N.O. A 4 de Janeiro, em 18° de latitude seguio o caminho de Oeste até ao dia 18, que tornou ao N.O. A 20, estando em 15°, navegou 30 legoas a O.S.O. e depois correo a O.N.O. A 24, achando-se em 16° 15′ de latitude Sul, vio huma pequena Ilha deshabitada, a que deo o nome de S. Paulo, ou a Desaventurada (2). A 31 tornou ao rumo de N.O. e a 4 de Fevereiro em 11° 5′ achou outra Ilha, a que chamou dos Tubarões, pelos muitos que ali havia.

A 13 cortou a Linha, e continuou a navegar com a proa ao N.O. o que foi a causa de não achar as Malucas, as quaes de certo encontraria, se desde então seguisse para Oeste (3).

(1) A boca do Estreito no Oceano Pacifico he formada da banda do Norte pelo Cabo Victoria, situado na latitude 52° 25′, e longitude 303° 15′; e da parte do Sul pelo Cabo Pilares, situado na latitude S. 52° 46′, e longitude 303° 18′. O Cabo Desejado he huma Ponta de terra proxima ao Cabo Pilares.

(2) Esta Ilha acha-se na latitude S. 15° 15′.

(3) Magalhães não tinha noções exactas das Malucas; sabia somente pelas cartas do seu intimo amigo João Serrão, que ficavão debaixo do Equador (estão alguns minutos ao Norte); mas em quanto á sua longitude, era maior a incerteza, e tanto mais, quanto Serrão havia exage-

A 6 de Março em 13° de latitude Norte achou muitas Ilhas bem povoadas, cujos habitantes erão tão inclinados ao roubo, que furtavão quanto podião alcançar, e por isso ficárão com o nome de Ilhas dos Ladrões. Aqui se refizerão de alguns víveres, de que tinhão extrema necessidade.

Continuando a navegação, descobrírão hum Archipelago de Ilhas, que denominárão de S. Lazaro (são as Filippinas); e em huma dellas chamada Mazaguá fez Magalhães amizade com o Regulo, entendendo-se por meio de huma sua escrava natural da Sumatra. Delle recebeo víveres, e praticos, que o levárão á Ilha de Zebut, situada em 10° de latitude, tendo dez legoas de contorno, onde Magalhães ancorou a 7 de Abril, e achou nella ouro, e tanto gazalhado no Regulo, que o quiz fazer Christão, o que elle acceitou, baptizando-se debaixo do nome de Fernando, com sua mulher, e filhos, e mais de oitocentas pessoas; porêm foi mais por artificio, que por devoção. Por quanto andava em guerra com o Regulo da Ilha de Matan, visinha da de Zebut, contra o qual lhe pedio auxilio, e Magalhães, pelo comprazer, sahio a atacar Matan com tres lanchas, em que levava sessenta homens, e desembarcando na Ilha, ainda que duas vezes rechaçou os inimigos, que erão mais de tres mil, na ultima acção a 27 de Abril

rado a distancia a que estavão de Malaca. Accrescia a esta difficuldade outra talvez maior; Serrão tinha ido ás Malucas partindo de Malaca, navegando assim dentro do hemisferio Oriental, e Magalhães vinha buscallas pelo Occidente, atravessando immenso espaço de mar inteiramente desconhecido, que a sua propria opinião figurava muito menos extenso; e em hum seculo, em que faltavão os meios para se determinar a longitude a bordo de hum navio com alguma segurança. Em consequencia, passado certo tempo, e vendo elle sem resultado o plano da viagem, que concebêra, crêo ter já despassado as Malucas, e achar-se a Oeste dellas; e neste embaraço tratou de achar alguma Ilha, em que lhe dessem noticias do rumo, e distancia a que lhe ficavão.

foi cercado, e forçado a buscar o abrigo das lanchas, havendo-se acabado a polvora aos seus soldados. Nesta retirada, antes que os Hespanhoes se embarcassem morreo Magalhães, que cobria a retaguarda, pelejando bravamente, e outros seis ou sete homens, em que entrou o Astronomo André de S. Martin, e Christovão Rebello, Portuguez.

Os Hespanhoes que escapárão, reunidos em Zebut, elegêrão por General a Duarte Barbosa, e por seu immediato ao Piloto Mor João Serrano. Succedeo logo outro desastre, que foi contratarem pazes os dois Régulos inimigos, com condição de que o de Zebut trabalhasse pelos matar a todos; e porque não pôde mais, colheo vinte e quatro dos principaes, inclusos Duarte Barbosa, e João Serrano, e com simulação de lhes dar hum banquete, os assassinou á traição, ficando só vivo Serrano, que foi conduzido á praia para ser resgatado a troco de duas peças de artilheria, e alguma polvora; porêm occorrêrão taes circunstancias, que os Hespanhoes, temendo novas traições, por conselho de Gonçalo Gomes de Espinosa, se fizerão á véla no mesmo dia 1.º de Maio, e forão surgir na Ilha de Buhol, duas legoas desta, situada em 9° 30′, onde elegêrão por seu General ao Piloto João Lopes de Carvalho, que fazendo alardo da gente, achou por todos cento e quinze pessoas. Resolveo-se em concelho não ser possivel guarnecer os tres navios, e em consequencia queimou-se o chamado Conceição, repartindo a equipagem pelos outros dois.

Continuando a sua navegação, visitárão algumas Ilhas, em que comprárão mantimentos, e a 8 de Julho ancorárão na de Borneo. Aqui foi deposto do commando supremo João Lopes, e eleito em seu lugar Gonçalo Gomes de Espinosa, e por Commandante da Victoria João Sebastião de Elcano.

Finalmente correndo de Ilha em Ilha forão ter ás Malucas, conduzidos por Pilotos praticos, que obrigárão a isso, e a 8 de Novembro entrárão em Tidore, de cujo Rei forão bem recebidos, por estar descontente dos Portuguezes. Em hum mez, que se detiverão, carregárão de cravo, e por intervenção de hum máo Portuguez chamado João de Lourosa (degolado depois por traidor em Ternate), passárão á Ilha de Banda. Daqui sahírão para a Europa, mas o navio Trindade arribou duas vezes com agua aberta, e da segunda se entregou aos Portuguezes, tendo-lhe morrido trinta e sete homens de fome, e de doenças; e achando-se os outros em tal estado, que nem mover-se podião. Antonio de Brito, Governador das Malucas, e D. Garcia Henriques tratárão os Hespanhoes com a maior humanidade, e o seu Commandante Espinosa passou á India com alguns dos seus, e veio a Portugal em 1526.

Elcano levando na Victoria de guarnição quarenta e seis Hespanhoes, e treze Indios, começou a sua viagem para a Europa a 21 de Dezembro de 1521: tocou nas Ilhas de Maluá, e Timor, e nesta houve hum motim a bordo, que custou algumas vidas. Partio daqui a 11 de Fevereiro; navegou por grande altura a dobrar o Cabo de Boa Esperança, para evitar o encontro de navios Portuguezes, soffrendo máos tempos, e muita falta de víveres. A 8 de Maio vio a Costa d'Africa: a 30 de Junho estava a vinte e cinco legoas de Cabo Verde. Fez-se concelho para saber se nas Ilhas, ou na terra firme deverião remediar a penuria de mantimentos, em que se achavão, havendo-lhes morrido desde a passagem do Cabo vinte e huma pessoas: decidio-se ir ás Ilhas. A 9 de Julho ancorárão na de S. Tiago, e notárão com espanto, que estavão em quinta feira, cuidando estarem na quarta; o que attribuírão a engano seu, não o sendo.

Querendo os Hespanhoes comprar em terra alguns Negros, e pagallos em cravo, retiverão os Portuguezes hum escaler com treze homens; e Elcano receando maiores inconvenientes, dêo á véla só com dezoito pessoas. A 4 de Setembro de 1522 vio o Cabo de S. Vicente, e a 7 entrou em S. Lucar de Barrameda com quasi tres annos de viagem, e a gloria de ser o primeiro Navegante que deo volta ao Mundo, em que pela sua estima navegou quatorze mil legoas, cortando seis vezes a linha.

1520. — Neste anno mandou ElRei vir á Corte (1) Vasco Fernandes Cesar, que com grande reputação servia em Azamor o cargo de Adail, e lhe deo o commando de huma Caravela bem armada, para cruzar sobre as Costas de Barberia, para onde partio, e nas aguas de Alcacer encontrou duas Galeotas Mouriscas guarnecidas de gente, e artilheria, que o vierão buscar á voga arrancada, cuidando o tomarião tão facilmente, como pouco antes havião feito a duas embarcações Portuguezas carregadas de materiaes para as obras de Tanger.

Vasco Fernandes forçou de véla para lhes poupar o caminho; mas os Mouros conhecendo ter que tratar com hum navio de guerra, pozerão-se em fuga, e huma das Galeotas, que bolinava melhor do que a Caravela, escapou; a outra perseguida, e acossada a tiros de canhão, varou na terra. Vasco Fernandes desembarcou logo na lancha, que conduzia a reboque, e investindo com os Mouros, matou dezoito; e antes que o resto delles escapasse na serra, chegou Pedro Alvares de Carvalho, Governador de Alcaçar, avisado do conflicto pelo ruido da artilheria, o qual ainda colheo trinta prisioneiros, que se vendèrão em Alcacer, de cujo producto pertenceo metade á Caravela, e ElRei fez mercê deste

(1) Vede Goes, Parte 4. Cap. 57.

dinheiro a Vasco Fernandes Cesar, que havendo recolhido quanto pôde aproveitar da Galeota, e inutilisado o casco, continuou o seu cruzeiro.

1520. — A Esquadra que este anno foi á India, constava de dez Náos (1), de que era Chefe Jorge de Brito, e os outros Commandantes Pedro Lopes de Sampaio, Pedro Lourenço de Mello, Gaspar da Silva, Lopo de Azevedo, Pedro da Silva, Lopo de Brito, Pedro Annes Francez, Ruy Vaz Pereira, e André Dias, nomeado Feitor para dirigir na India a carga dos navios.

Jorge de Brito levava commissão secreta para ir fazer huma Fortaleza em alguma das Ilhas Malucas, e a esse fim enviou ElRei ordens particulares ao Governador da India, para lhe fornecer navios, e quinhentos soldados, com todos os Officiaes necessarios para a sua guarnição.

Partio a Esquadra de Lisboa a 6 de Abril de 1520, e ainda que navegou hum pouco espalhada, todos os navios chegárão a Goa no mez de Setembro.

1521. — Este anno mandou ElRei huma Esquadra composta de dez navios grandes, commandada por Simão da Cunha, a levar dinheiro para pagamento das Praças da Berberia (como costumava fazer todos os annos); commissão que cumprio; e gastando o resto da estação favoravel em cruzar no Estreito, e Costas de Africa, se recolheo a Lisboa no começo do Inverno (2).

1521. — A 5 de Abril de 1521 partio de Lisboa para Governador da India D. Duarte de Menezes, a quem ElRei concedeo maior ordenado, que até ali havia dado a Governador algum, pois com os emolumen-

(1) Barros, Decada 3. Liv. 4. Cap. 7. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Faria, Asia Portugueza. - Goes não falla nesta Esquadra, e entre os outros Escritores ha diversidade nos nomes dos Commandantes.

(2) Goes, Parte 4. Cap. 78. — Fr. Manoel Homem, Cap. 29.

tos chegava a trinta mil cruzados. Compunha-se a Esquadra de onze Náos, cujos Commandantes erão: D. Luiz de Menezes, irmão do Governador; D. João de Lima (1); D. Diogo de Lima; João de Mello da Silva; Francisco Pereira Pestana; D. João da Silveira; Diogo de Sepulveda; Gonçalo Correa de Almada, Armador da propria Náo; Vicente Gil, tambem Armador; e Antonio Pisco.

Com esta Esquadra sahio outra de quatro Náos destinada para a China, commandada por Martim Affonso de Mello, e os outros Commandantes Vasco Fernandes Coutinho, Diogo de Mello, e Pedro Homem. Ambas chegárão a salvamento á India nos fins de Agosto, ou principios de Setembro.

Após estas duas Esquadras partio Sebastião de Sousa por Commandante de duas Náos, e hum navio pequeno; os outros dois erão João de Faria, Cavalleiro da Casa d'ElRei, e Henrique Pereira. Levava elle ordens para construir huma Fortaleza no Porto de Matatana, em consequencia de haverem informado a ElRei, que seria conveniente acharem ali aguada, e mantimentos os navios que fossem á India por fóra da Ilha de S. Lourenço, o que acontecia a alguns, forçados do tempo; e para esse fim conduzia esta Esquadra os Artifices, e materiaes necessarios.

Sebastião de Sousa chegou só á Ilha de S. Lourenço, por se haverem apartado delle a outra Náo, e o navio, que se não tornou mais a ver. Tendo ali esperado muitos dias, e vendo que não apparecião, julgou ambos naufragados, e foi-se para Moçambique, onde invernou. No anno seguinte se fez á véla para Goa, e

(1) Castanheda, Liv. 5. Cap. 69. — Barros, Decada 3. Liv. 7. Cap. 1. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Goes, Parte 4. Cap. 65. — Fr. Manoel Homem, Cap. 29. — Faria, Asia Portugueza.

no caminho encontrou João de Faria, que lhe disse haver ancorado antes delle em Matatana, e que por cuidar seria perdido, se fôra para a India. Reunidas as duas Náos, chegárão a Goa, e estando a partir para S. Lourenço, vierão de Portugal ordens d'ElRei D. João III. ao Governador da India, para que se não construisse Fortaleza alguma de novo, e somente se concluissem as começadas.

1521. — Continuando Vasco Fernandes Cesar (1) a guardar o Estreito, teve aviso, que a Leste do Morro de Gibraltar estavão quatro navios artilhados, que no dia antecedente tinhão tomado huma Caravela mercante Portugueza, a qual a Capitanea trazia a reboque. Vasco Fernandes, que hia de caminho para Ceuta, voltou logo a busca-los, e vendo a Capitanea a barlavento, e mui afastada dos outros, passou-lhe á falla, e perguntou, que navio era? Ao que responderão içando bandeira Ingleza, e acenando-lhe que amainasse. Vasco Fernandes prolongou-se então pela sua alheta, e rompendo os Inglezes o fogo, sem descontinuarem de fazer signaes, que amainasse, respondeo vigorosamente com a sua artilheria, o que deo occasião á Caravela mercante de cortar o cabo do reboque, e fugir.

Depois de duas horas de combate, achava-se Vasco Fernandes com seis, ou sete homens mortos, e mais de vinte feridos, quando o seu Condestavel, que era hum Alemão chamado Hansfreis, mui corpulento, e valente, o qual a pezar de quinze feridas causadas pelos estilhaços da madeira, não queria curar-se dizendo, que ou havia morrer, ou fazer amainar aquelle navio, e todos os outros, se viessem; pegou em hum Falcão-pedreiro, cujo leme assentou no hombro, e apontando-o ás ostagas do navio Inglez, pedio a outro Artilheiro Alemão

(1) Goes, Parte 4. Cap. 78.

(todos os da Caravela erão desta Nação), que lhe pozesse fogo em elle o advertindo; e desta maneira fez tres tiros, com que lhe cortou as ostagas, e parte do mastareo: outra bala de hum grosso canhão, que a Caravela trazia na proa, entrando pela pôpa do navio, correo toda a coxia, e lhe levou parte da abita. E vendo-se os Inglezes álem destas avarias, com vinte homens mortos, e muitos feridos, arrearão o resto do panno: os tres navios da sua conserva, que lhe não podião acudir por estarem sotaventeados, fizerão o mesmo.

Vasco Fernandes Cesar, cessando o combate, ordenou-lhes que mandassem hum escaler a seu bordo, o que cumprirão; e dando algumas desculpas sobre o facto da Caravela Portugueza, que elles affirmarão trazerem comsigo para a livrar dos Corsarios Mouros, que por ali andavão, se forão reparar a Cadiz, e Vasco Fernandes a Ceuta.

1521. — Nesta Praça reparou as avarias do seu brilhante combate, e se refez de nova gente, e munições, e sahindo a cruzar, encontrou entre Marbella, e o Morro (1) seis Galeotas de Mouros, que dividindo-se em duas esquadras iguaes, a vierão buscar com grandes alaridos, como quem tinha por segura a victoria, disparando sobre a Caravela muitos tiros de canhão, e de mosquete; mas tiverão tal resposta, que não ousavão aproximar-se. Vasco Fernandes, conhecendo o seu receio, fez remar vigorosamente contra as tres Galeotas que lhe ficavão mais a geito, e estavão mui juntas, huma das quaes era a Capitanea; e esta foi a que recebeo todo o damno, porque as balas da Caravela lhe varrerão a chusma, e quebrarão os remos de hum lado, com que ficou desaparelhada, e adernada á banda. Acudirão-lhe todas as outras, que a recolherão entre si; e ten-

(1) Goes, Parte 4, Cap. 58.

tarão então abordar a Caravela, com o mesmo infeliz successo; porque Vasco Fernandes, manobrando habilmente, apresentava-lhes sempre a proa, e com tiros de coxia destroçou outra Galeota, matando-lhe a maior parte dos remeiros: o que causou tal terror nos Mouros, que só cuidarão em fugir, aproveitando o vento para a Costa de Barberia fronteira, seguidos algum espaço por Vasco Fernandes, que por ultimo entrou em Malaga, para enterrar alguns mortos, e curar os feridos, que erão poucos.

Voltando depois a Lisboa nos fins de Dezembro, ElRei D. João III. lhe mandou acrescentar ao escudo das suas Armas, as seis Galeotas, e por timbre outra.

1521. — Para transportar á Italia a Infanta D. Brites, desposada com o Duque de Saboia, mandou El-Rei preparar huma Esquadra, de que nomeou General (1) a D. Martinho de Castello Branco, Conde de Villa Nova de Portimão, com poderes para todos os casos civeis, e crimes, até morte natural. Constava de dez Náos, dous Galeões, quatro Galés Reaes, huma Caravela, huma Fusta, e hum transporte com objectos da Uxaria. Das quatro maiores Náos era Capitanea a Santa Catharina, de oitocentas toneladas, feita na India, as outras tres erão, huma de 650 toneladas, outra de 350, e outra de 300; e as seis restantes mais pequenas. Os Commandantes de que achei os nomes, erão D. Francisco de Castello Branco, filho primogenito do Conde General; D. Francisco da Gama, primogenito do Conde Almirante D. Vasco da Gama; o Marechal D. Alvaro Coutinho, Affonso Peres Pantoja, genro do General; Christovão de Brito; D. Fernando de Abranches, e D. Luiz Coutinho. Affonso de Albuquerque,

(1) Vedé Goes, Parte 4., Cap. 70. — Resende, Kida da Infanta D. Brites para Saboia. — Acenheiro, pag. 341.

filho do Grande Albuquerque, commandava hum Galeão de 230 toneladas, e Fernão Peres de Andrade outro de 300. Era Commandante em Chefe das Galés D. Pedro Mascarenhas, depois Vice-Rei da India; e os outros Francisco de Mello, Luiz Machado, e Gonsalo de Campos. Commandava a Caravela Ruy Mendes de Vasconcellos; e a Fusta Alvaro de Couto. O Conde General embarcou na Capitanea, de que era Mestre Pedro de Cavarca, e Patrão Mor Simão Vaz, habeis marinheiros. Destinou-se a melhor Náo, depois da Capitanea, para o Arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa (que falleceo na torna-viagem a 3 de Dezembro em Gibraltar), e outra para os Embaixadores de Saboia.

Prompta a Esquadra, embarcou a Infanta com huma numerosa comitiva de grandes Personagens, que devião acompanha-la, e servi-la na viagem; e he notavel, que o Conde General levava quatro filhos, tres genros, e tres netos. Surgio a Esquadra em Belem, onde ElRei foi visitar a Filha, com a Rainha, e toda a Familia Real, e no dia seguinte 9 de Agosto de 1521 sahio a barra, e sem outro acontecimento, mais do que soffrer hum golpe de vento defronte de Carthagena, em que desarvorou a Náo de Affonso Peres Pantoja, e se recolheo naquelle Porto; chegou a Villa Franca de Niza a 29 de Setembro, e no mesmo dia desembarcou a Infanta, por se achar ali o Duque seu esposo.

A 13 de Dezembro deste anno de 1521 morreo em Lisboa ElRei D. Manoel.

No seu feliz Reinado as Náos da carreira da India não excedião a 400 toneladas (1). Hum Escritor nosso (2) calcúla em duzentos e noventa e quatro os na-

(1) Severim, Discurso 7.

(2) Faria, Asia Portugueza, tomo 3. no fim.

vios que elle mandou ao Oriente, de que se perderão vinte e seis; mas eu só achei duzentos e cincoenta e oito, e naufragados dezenove á hida, e onze na torna-viagem. As arribadas forão tambem raras neste tempo, e communs nos subsequentes, em que tanto ellas, como os naufragios crescerão fóra de proporção com o que antes acontecia. Em lugar competente apontarei as causas desta differença.

TERCEIRA MEMORIA,

COMPREHENDENDO DESDE O ANNO DE 1522 ATE' A' MORTE DO CARDEAL REI D. HENRIQUE 1.° EM 1580.

ADVERTENCIA.

Ainda que eu tinha promettido abranger em tres Memorias a Primeira Parte desta pequena Obra, vendo comtudo que ficarião mui desiguaes em volume, resolvi-me a dividi-la em quatro Memorias; o que em nada altera o plano geral, que abracei na divisão das materias.

REINADO D'ELREI D. JOÃO III.

No reinado deste Sabio Monarcha, não só continuou a florecer, e prosperar o Commercio Maritimo na Africa, e na Asia, mas ampliou-se muito mais, e começou o do Brasil. As carregações das Náos da India, na sua torna-viagem, erão calculadas no valor de hum milhão cada huma, e outras vinhão mais importantes, como affirma hum Escritor Hollandez, que vi-

veo alguns annos em Goa (1), e he opinião corrente dos nossos.

Começárão porêm no mesmo tempo os Estrangeiros a infestar as Colonias, e Possessões Portuguezas do Ultramar, e a atacar os seus navios no mar, como já na vida do seu Grande Predecessor tinhão algumas vezes feito, e continuárão a fazer nos Reinados successivos. Em 1530, ou no seguinte hum navio Francez armado em Marseilha, foi a Pernambuco, desfez huma Feitoria, que os Portuguezes alli tinhão, carregou de Páo Brasil, e deixando setenta homens em terra para se fortificarem, voltava para o Mediterraneo, quando foi tomado (em 1532) pela Esquadra Portugueza (2), que guardava o Estreito.

Em 1534, e 1535 correo huma negociação entre as Cortes de Lisboa, e París, relativa ás nossas Colonias, com intervenção do Imperador Carlos V. a quem ElRei escreveo muitas Cartas, bem como á Imperatriz, e aos Ministros Imperiaes, sendo Embaixador em Madrid Alvaro Mendes de Vasconcellos, tudo a fim de se compor o negocio amigavelmente, e evitar hum rompimento (3).

A pezar de todas estas diligencias, e não bastando já para guardar as Costas de Portugal, e Açores as Esquadras ordinarias, que ElRei trazia sempre no mar, pela affluencia cada vez maior de Corsarios, e Piratas que concorrião a tomar, ou roubar os navios Portuguezes, e Hespanhoes, se fez huma Convenção no anno

(1) Historia da Navegação de João Hugues de Linschot ás Indias Orientaes.

(2) Assim o escreveo ElRei a Martim Affonso de Sousa, em data de 28 de Setembro de 1532. Vede o tomo 6. pag. 318, das Provas á Historia Genealogica da Casa Real.

(3) Esta transacção vem explicada no Nobiliario manuscrito das Familias de Portugal, no tomo 3. desde pag. 161 até pag. 193.

de 1552 entre ElRei D. João III. e o Imperador Carlos V. (1) na qual se estipulou por parte de Portugal:

Que ElRei mandaria armar vinte navios Latinos de 25 até 30 toneladas, que andassem sempre á vista de terra, para guarda da sua Costa, tres dos quaes havião de estar em Cascaes, quatro na Atouguia (não estava ainda este Porto entulhado, como hoje), quatro em Caminha, quatro em Lagos, dous em Villa Nova de Portimão, e tres em Cezimbra, ou Sines; por serem estes os lugares que os inimigos costumavão frequentar, e que os navios Portuguezes, e Hespanhoes forçadamente vinhão demandar. Que mandaria quatro Náos, ou Galeões para correrem a Costa de Portugal mais ao mar; e os vinte navios já declarados se reunirião quando cumprisse. Que além destas Esquadras, ordenaria outra para a Costa do Algarve de quatro embarcações de remo, hum navio grande, e tres Caravelas, que tambem se reunirião, cada vez que fosse necessario, com os outros navios Latinos, que havião andar de continuo no Algarve. Que todos estes navios se conservarião sempre no mar de Verão, e de Inverno, sem se recolherem a Porto algum, senão em caso de necessidade, exceptuando as embarcações de remo, que se recolherião de Inverno. Que para as Ilhas dos Açores mandaria cada anno no mez de Abril dez navios de guerra, tres Náos, ou Galeões, e sete Caravelas. Que os navios, que houvessem de navegar para Arguim, Cabo Verde, Costas de Guiné, Malagueta, Mina, Ilha de S. Thomé, e Brasil, fossem, e viessem em tres monções: huma em Janeiro, outra em Março na

(1) Vede a Chronica d'ElRei D. João III por Francisco Freire, na Parte 4., e tambem as Noticias de Portugal por Severim de Faria, no seu Discurso 2. §. 15.

conserva das Náos da India, e outra em Setembro. Que além dos navios de Guerra, que devião ir naquellas monções, ElRei ordenaria, que todos os navios de Commercio, ou a maior parte delles, fossem armados; e as embarcações, que navegassem para as Antilhas, se poderião tambem aproveitar destas monções; o que seria util ás Ilhas dos Açores, que todas aquellas Frotas deverião demandar na sua volta para a Europa (1).

Ajustou-se por parte do Imperador: Que elle mandaria guardar o Estreito, conforme as noticias que tivesse dos Turcos, e Francezes. Que cada anno enviaria no mez de Abril aos Açores dez navios bem armados, que andarião sobre aquellas Ilhas até ao fim de Agosto; e outra Esquadra, que deveria cruzar todo o anno ao mar do Cabo de S. Vicente, o qual vinhão demandar todos os navios das Antilhas, e Perú. Que teria na Costa da Galiza quatro, ou cinco navios de guerra para proteger aquelles Portos, e para segurança das embarcações, que em consequencia de tempos contrarios os fossem buscar. Que nas navegações dos Hespanhoes, Flamengos, e Portuguezes dos seus respectivos Portos para os da Flandes, fossem reunidos os navios; e em duas monções: huma em Abril, e outra em Setembro; e os da Flandes para aquelles Portos em outras duas monções, huma em Janeiro, outra em Junho. Que o Imperador daria ordem para que as Urcas que estavão retidas em Flandes, assim como outras muitas embarcações Hespanholas, e Portuguezas, vies-

(1) Esta distribuição das Forças Navaes, além de muito despendiosa, não parece a melhor possivel; e creio se poderião obter os mesmos resultados, que se buscavão, com menor despeza. Quem quer guardar todos os pontos de huma linha muito extensa, acha-se fraco em todos; mas este era o systema da Tactica Terrestre daquelle seculo, em que se não conhecia a Strategia; e a Tactica Naval toma sempre os principios da Terrestre.

sem logo na melhor ordem que ser podesse. Que as Armadas de Portugal, e de Hespanha darião auxilio, e favor reciprocamente aos navios destas duas Nações.

Para concluir de huma vez as contestações, que ainda continuavão com Hespanha desde o Reinado antecedente sobre as Ilhas Malucas, celebrou-se em Saragoça hum Contracto (1) a 22 de Abril de 1529 entre ElRei e o Imperador, pelo qual este vendeo a Portugal todos os seus direitos áquellas Ilhas pela somma de 350$000 ducados de ouro (outros tantos cruzados) que hoje valerião perto de quatro vezes esta quantia.

Neste Reinado floreceo o celebre Mathematico Pedro Nunes, Cosmografo do Reino, que illustrou a navegação com os seus escritos, inventou o anel graduado, para emendar alguns defeitos do Astrolabio; e lembrou importantes mudanças nos Instrumentos Astronomicos de sombras.

Occupárão o antigo cargo de *Capitão Mór da Frota* D. Antão de Abranches, por Carta de Confirmação passada em Evora a 16 de Abril de 1524; e seu filho D. Fernando de Almada, por outra Carta datada de Lisboa a 15 de Junho de 1538.

No anno de 1542 largarão-se as Praças de Azamor, e Çafim, e depois as de Alcacer, e Arzilla, ficando reduzidas as nossas possessões em Barberia a Ceuta, Tanger, e Mazagão. O motivo foi a economia das despezas, que custava a sua manutenção, por haverem crescido excessivamente as da Asia, e ser forçoso fazer outras muitas no Brasil, cuja colonização principiou, e continuou neste Reinado com louvavel actividade.

As Sciencias Nauticas, e as Artes de Construcção, e Aparelho parece que ficárão estacionarias neste Rei-

(1) Vede o Tomo 2. pag. 107 das Provas á Historia Genealogica.

nado. Augmentou-se a grandeza dos navios, levando-os de 400 toneladas a 800, e 900, sem que a força, e estabilidade dos cascos, e o seu panno, e mastreação correspondessem áquellas maiores dimensões; assim ficárão os navios menos capazes de resistir aos choques dos mares, e dos ventos, do que erão até alli. Accresceo ainda a desvairada cobiça com que se carregavão na India as Náos, que vinhão para a Europa, não se contentando com abarrotar as cobertas, mas entulhando o convéz com caixaria, e fardagem, que ao menor tempo se alijava ao mar. Desta mesma causa procedião as doenças, que de commum decimavão as Náos da India, tanto á ida, como á vinda. A' ida, sendo os vasos poucos, e a gente muita, levava cada Náo de 700 a 800 homens, todos mal accommodados; e á vinda, posto que os Portuguezes fossem poucos, erão muitos os escravos, e os lugares todos occupados com carga; de maneira que as equipagens estavão expostas ás injurias do tempo. (Vede Manoel Severim de Faria, Noticias de Portugal, Discurso 7.)

Eisaqui o quadro das perdas, que soffreo a Marinha, e o Commercio. Desde 1522 até 1557 sahírão de Lisboa para o Oriente 228 Náos, e 20 Caravelas, das quaes arribárão ao Porto da sahida 12 Náos, seguindo viagem 216, e todas as Caravelas. Perderão-se á ida 28 Náos (6 d'ellas com toda a gente), e 3 Caravelas. Na torna-viagem perderão-se 19 Náos, inclusas 11 com as suas guarnições. Cada huma destas Náos, que voltava da India, vinha importando em hum milhão de cruzados.

A 21 de Junho de 1557 falleceo nos Paços da Ribeira ElRei D. João III.

1522. — Neste anno partírão a 15 d'Abril (1) só-

(1) Vede Barros, Decada 3. Liv. 7. Cap. 7. — Chronica d'ElRei

mente tres Náos, de que erão Commandantes D. Pedro de Castello Branco, no S. Miguel; Diogo de Mello, na Conceição; e D. Pedro de Castro, na Nazareth, huma das maiores Náos daquelle tempo, mas já mui velha.

D. Pedro de Castello Branco chegou a Goa a 20 de Agosto, levando a primeira infausta noticia da morte d'ElRei D. Manoel. Os outros dois Commandantes invernárão em Moçambique, e sahindo para Goa no anno seguinte, perdeo-se ancorada na barra desta Cidade a Náo Nazareth, salvando-se toda a gente.

1523. — Mandou ElRei aprestar huma Esquadra de seis Náos da carreira, e dois Galeões (1), da qual deo o commando a Diogo da Silveira, que embarcou na Náo Salvador; e os outros Commandantes erão D. Antonio de Almeida, no Santo Espirito; Pedro da Fonceca, na Loba; Heitor da Silveira, na Burgaleza; Aires da Cunha, e Antonio de Abreu em outras duas Náos; Simão Sodré, no Galeão S. João, com destino a Ormuz; e Manoel de Macedo em outro Galeão, que devia ficar servindo na India.

Esta Esquadra sahio de Lisboa em duas divisões, a primeira de cinco navios a 9 de Abril; e a 3 de Maio a segunda composta do navio do Chefe, e os de Heitor da Silveira, e Antonio de Abreu. Estes dois ultimos Commandantes chegárão a Goa a salvamento. Dos ou-

D. João III., Parte 1. Cap. 34. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Fr. Manoel Homem, Memoria da Disposição das Armas Castelhanas Cap. 32. — Extracto das Armadas, etc. Folheto escrito (segundo se diz) pelo Doutor Jorge Coelho, Lisboa 1736.

(1) Fr. Manoel Homem, na obra já citada. — Barros, Decada 3. Liv. 7. Cap. 9. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Extracto das Armadas já citado. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto de Rezende, no Epilogo manuscrito dos Vice-Reis, etc. escrito em 1635. — Chronica d'ElRei D. João III. Parte 1. Cap. 46. — Castanheda, Liv. 6. Cap. 48. — Não achei o numero de Soldados que esta Esquadra levou.

tros, Simão Sodré foi a Ormuz; D. Antonio de Almeida, e Pedro da Fonceca a Chaul; e o resto invernou em Moçambique, em cuja entrada se perdeo Aires da Cunha, salvando-se a gente, e a carga da Náo.

1524. — Este anno partio para a India o seu Descubridor, com Titulo de Vice-Rei, o Almirante Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama (1). Constava a Esquadra de sete Náos grandes da carreira, tres Galeões, e cinco Caravelas, huma redonda (hum Patacho), e quatro Latinas, levando de guarnição, e transporte tres mil soldados (2), de que huma grande parte erão Fidalgos, ou Cavalleiros, e Moradores da Casa Real; além de hum reforço de Artilheiros, e marinheiros para guarnecer as embarcações daquelle Estado. Embarcou o Vice-Rei na Náo Santa Catharina, a mesma que conduzio a Saboia a Infanta D. Brites. Commandavão as Náos, D. Henrique de Menezes, o Roxo, Affonso Mexia, Pedro Mascarenhas, Lopo Vaz de S. Paio, Francisco de Sá, Francisco de Brito, e Antonio da Silveira de Menezes. Erão Commandantes dos Galeões, D. Fernando de Monroy, Fidalgo Hespanhol, no S. Jorge; D. Simão de Menezes, e D. Jorge de Menezes; e das Caravelas, Lopo Lobo, na Biscainha; Pedro Velho, Christovão Rosado, Ruy Gonsalves, e Mosem

(1) Barros, Decada 3. Liv. 9. Cap. 2. —— Faria e Sousa, na Europa, e Asia Portugueza. — Fr. Manoel Homem, no lugar acima citado. — Jorge Coelho, no Extracto já mencionado. — Chronica d'ElRei D. João III. Parte 1. Cap. 58. — Castanheda, Liv. 6. Cap. 71. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Estes Escritores varião nos nomes dos Commandantes, e numero dos navios.

(2) Antonio Vajena, na sua Chronica manuscrita d'ElRei D. Sebastião, diz que nesta Esquadra hião 2700 Soldados; e que se despenderão 200$ cruzados sobre o que custava huma Esquadra ordinaria. A Chronica do mesmo Rei, attribuida a D. Manoel de Menezes, concorda com elle na Parte 1. Cap. 12.

Gaspar, natural de Malhorca, nomeado Condestavel Mór dos Artilheiros da India.

A 9 de Abril sahio de Lisboa o Vice-Rei, e achando tempos favoraveis, ancorou com toda a Esquadra em Moçambique a 14 de Agosto. Depois de renovar a sua aguada, partio para Goa, em cuja travessa não foi tão feliz, porque Francisco de Brito desappareceo, sem saber-se como; e D. Fernando de Monroy naufragou nos baixos da Costa de Melinde, salvando-se toda a gente, bem como a Caravela de Christovão Rosado. O Malhorquim Gaspar teve mais tragico successo; porque escandalizados da sua aspera condição o Mestre, e o Piloto da Caravela, sublevárão contra elle a guarnição, e o assassinárão, cujo horroroso attentado pagárão depois com as vidas.

Em Setembro chegou o Vice-Rei á Costa da India, onde fez o que direi na segunda Parte destas Memorias.

1525. — A Esquadra, que este anno se aprestou para a India (1), constava de seis Nãos; commandava-a Filippe de Castro, embarcado na Não Corpo Santo; os outros Commandantes erão Diogo de Mello, no Paraizo; D. Lopo de Almeida, na Flor de la Mar; Antonio de Abreu, na Flor da Rosa; Francisco de Anaia, na Victoria; e Vicente Gil, Armador, na sua Não São Miguel.

A 25 de Abril se fez á véla Filippe de Castro, e na sahida da Barra naufragou a Não Victoria, de que se salvou toda a gente. As cinco seguírão espalhadas a sua viagem, e dobrárão o Cabo de Boa Esperança,

(1) Barros, Decada 3. Liv. 10. Cap. 1. — Epilogo de Barreto já citado. — Faria, na Asia Portugueza. — Fr. Manoel Homem, já mencionado. — Extracto das Armadas mencionado. — Castanheda, Liv. 6. Cap. 125. — Chronica de D. João III. por Francisco de Andrade, Parte 1. Cap. 88.

excepto Antonio de Abreu, e Vicente Gil, que achando-se a sotavento da Costa do Brasil, pela má navegação que fizerão, arribárão para Lisboa.

Filippe de Castro, correndo pela Costa da Africa Oriental com intento de ir a Ormuz, por não poder tomar Goa, foi encalhar de noite no Cabo de Rosalgate, tanto por erro do seu Piloto, como pela falta da boa vigia, que devêra ter. A Náo ficou inteira, e mandando elle afretar hum navio ao Porto de Calaiate, embarcou-se com a sua guarnição, e parte da carga, que salvou, e foi-se para a India. As outras Náos chegárão a salvamento.

1525. — Neste anno succedeo o caso lastimoso de D. Luiz de Menezes (1). Sahio este Fidalgo de Goa na Náo Santa Catharina, e seu irmão D. Duarte de Menezes na Náo S. Jorge, com destino para Portugal. Entrárão ambos em Moçambique, e depois de repararem os seus navios de algumas cousas, que necessitavão, sahírão, e navegárão separados. D. Luiz nunca mais appareceo.

Passados annos, morreo em França hum Piloto Portuguez, que lá residia, deixando ordenado em seu testamento, que se entregassem a ElRei de Portugal seis mil cruzados, que elle lhe devia das fazendas que lhe tocárão da Náo de D. Luiz de Menezes, a qual fôra tomada vindo da India.

No anno de 1536, andando Diogo da Silveira com huma Esquadra de guarda costa, aprisionou hum Corsario Francez, e huns homens da sua equipagem lhe descobrírão em segredo, que o seu Capitão era irmão do Pirata, que tinha tomado a Náo de D. Luiz de Menezes na Costa de Portugal, e assassinado toda a gente. Diogo da Silveira fez tratear o Capitão do Cor-

(1) Chronica de D. João III. Parte 1. Cap. 67.

sario, o qual confessou, que era verdade achar-se elle com seu irmão na tomada da Náo, dizendo que ella mesma se havia entregado, por fazer tanta agua, que se estava indo a pique; e que do melhor que achárão nella, carregárão o seu navio, que era pequeno, e depois deitárão fogo á Náo com toda a gente dentro.

Diogo da Silveira ficou tão encolerizado com esta narração, que sem querer conduzir a Lisboa os prisioneiros, como devia fazer, os punio de morte.

1526. — Sabendo ElRei da morte do Conde Vice-Rei, por hum expresso que lhe enviou por terra (1) D. Henrique de Menezes, seu successor, o qual chegou a Portugal em Outubro do anno antecedente, mandou apromptar huma Esquadra, sem lhe nomear Commandante em chefe. Compunha-se esta de cinco Náos, de que erão Commandantes Francisco de Anaia, Tristão Vaz da Veiga, na Flor da Rosa; Antonio Galvão, no Espinheiro; Vicente Gil, na sua Náo S. Miguel, e Antonio de Abreu.

Quatro destes navios sahírão de Lisboa a 26 de Março, e Antonio Galvão a 16 de Maio.

Tristão Vaz, e Francisco de Anaia passárão por fóra da Ilha de S. Lourenço, e chegárão a Cochim a salvamento: Antonio de Abreu, e Vicente Gil invernárão em Moçambique.

Antonio Galvão, chegando a Guiné, gastou perto de quarenta dias a bordejar pela Costa, fazendo bordos curtos, sem avançar quasi nada, a pezar das instancias que fez ao seu Piloto para que seguisse o bordo do mar, onde lhe alargaria o vento em se desabrigando da terra; mas o Piloto não queria ceder, e produzia

(1) Barros, Liv. 1. Cap. 6. —— Pedro Barreto na obra citada. — Faria, na Asia Portugueza. — Fr. Manoel Homem, na Relação já mencionada. — Extracto das Armadas. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 9. — Couto, Decada 4. Cap. 9. e Decada 10. Cap. 16.

algumas fracas razões, que Antonio Galvão lhe recebia pelo não depor do seu officio (1).

Andando neste inutil trabalho, fallou no fim de Junho a huma embarcação Portugueza, que vinha de S. Thomé para Lisboa; cujo Mestre, e Piloto, vindo a seu bordo, disserão que lhes parecia melhor arribar a Náo a Portugal, por ser tarde para passar á India, pois apenas se achava em Cabo do Monte. Com esta noticia se alvoroçou a gente, e ousou requerer a Antonio Galvão, que arribasse, a que elle não annuio. Então os dois Officiaes da embarcação de S. Thomé aconselhárão ao Piloto, que tomasse desde logo o bordo do S. O. para dobrar o Cabo de Santo Agostinho, o que elle fez, pedindo perdão do seu erro ao Commandante, e o vento lhe foi alargando á proporção que se amarava.

Antonio Galvão, que parece tinha melhores principios de Navegação do que elle, tomou d'ahi por diante o cuidado de observar o Sol, e cartear as milhas; e o seu ponto era tão exacto, que crendo o Piloto, e outras pessoas terem já passado as Ilhas de Tristão da Cunha, elle affirmou que não, e com effeito apparecêrão na mesma hora, em que tinha dito se havião ver.

Da altura de 39° a que chegárão, forão em demanda do Cabo de Boa Esperança, que dobrárão no mez de Setembro. Antonio Galvão queria emprehender a

(1) Naquelles tempos era quasi absoluta a authoridade dos Pilotos em tudo quanto dizia respeito á Navegação; o que se julgava assim necessario, por embarcarem muitas vezes de Commandantes pessoas de profissões mui alheas da Arte Nautica; tudo consequencia da falta de hum Corpo de Officiaes de Marinha (como já observei nestas Memorias), de que se tirassem os Commandantes, e Subalternos para guarnecer os navios da Real Coroa; falta que produzio funestos resultados, de que me proponho tratar em huma Dissertação, ou Memoria separada, por não caber em huma simples Nota o que tenho a dizer na materia.

viagem por fóra da Ilha de S. Lourenço, e o Piloto instava que fosse invernar a Moçambique, dizendo a todos, que por aquelle caminho encontrarião muitas calmarias, em que morrerião de fome, e sede, ou se perderião nos muitos baixos, que havião achar; o que amotinou quasi toda a gente contra o Commandante, querendo-o forçar a ir a Moçambique; e ainda que o Mestre da Náo Estevão Dias recusou entrar neste conloio, o Piloto teve a audacia de ordenar se seguisse o rumo para Moçambique; e quando vio que Antonio Galvão estava firme na sua resolução, lavrou hum Termo, em que lhe eincampava o navio, por lhe tirar o exercicio do seu cargo, e lhe requeria da parte d' ElRei fosse invernar a Moçambique.

Antonio Galvão, despresando todos estes protestos, sustentou a sua authoridade, e seguio a derrota por fóra da Ilha, em que teve alguns ventos contrarios, e outros favoraveis; e nos fins de Outubro se achou entre as Ilhas Maldivas. Como ellas são baixas, e se vião algumas restingas pela proa, assustou-se a guarnição, e o Piloto, que já havia reconhecido a sua culpa, desanimou outra vez. Antonio Galvão subio á gavia com o Mestre, para dalli descobrir melhor o canal, e foi rodeando os baixos, que erão de pedra viva, e davão indicios de haver fundo bastante ao pé delles; e ao pôr do Sol dêo alguns tiros de peça, aos quaes sahio de huma das Ilhas huma Almadia guarnecida de quinze homens, em que vinha hum velho, Chefe da mesma Ilha, que lhe disse hia bem navegando, e o acompanhou até pela manhã, que sahio d'entre as Ilhas.

Daqui seguio a sua viagem, e a 15 de Novembro ancorou em Cochim, onde achou as Náos de Tristão da Veiga, e Francisco de Anaia.

1527. — A Esquadra, que ElRei mandou este an-

no á India (1), constava de cinco Náos: era seu Chefe Manoel de Lacerda, embarcado na Náo Conceição; e os outros Commandantes erão Aleixo de Abreu, na Sebastiana; Balthasar da Silva, na Flor de la Mar; Gaspar de Paiva, no S. Roque; e Christovão de Mendonça, em outra Náo.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 26 de Março, e seguio a viagem mui derramada. Balthasar da Silva, e Gaspar de Paiva chegárão a Goa a 7 de Setembro; e Christovão de Mendonça a 15 do mesmo. Manoel de Lacerda, e Aleixo de Abreu, que navegava nas suas aguas, encalhárão de noite, por culpa do Piloto do Chefe, em hum baixo defronte da Bahia de S. Tiago, na Costa Occidental da Ilha de S. Lourenço, que situárão em 20° 30′ de Latitude (2).

As guarnições das duas Náos, ao favor das jangadas que construírão, pozerão-se em terra, e levantando hum entrincheiramento, em que recolhêrão as armas, munições, e mais effeitos que poderão salvar, começárão a negociar com os Negros, trocando generos por mantimentos, que erão escassos naquella parte da Ilha: e na esperança de vir algum navio Portuguez, que os recebesse a bordo, se conservárão hum anno, sofrendo muitas fomes, e miserias. No fim deste lapso de tempo appareceo hum dia a Náo de Antonio de Saldanha, desgarrada da Esquadra do Governador Nuno da Cunha, e os naufragados accendêrão essa noite grandes fogueiras, desenhando huma Cruz, para significarem que

(1) Fr. Manoel Homem, no lugar citado. — Couto, Decada 4. Liv. 3. Cap. 5. e Decada 4. Liv. 5. Cap. 2. — Pedro Barreto, no lugar citado. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 21. — Extracto das Armadas já citado. — Faria, Asia Portugueza. — Barros, Decada 4. Liv. 3. Cap. 3.

(2) Talvez o Rio chamado Sango pelos Inglezes, em 21° de latitude S.

estavão ali Christãos perdidos. Antonio de Saldanha, entendendo o signal, poz-se á capa, e logo que amanheceo, foi no bordo da terra, mas não ousou chegar-se, por não ser conhecida; e por oito dias repetio a mesma manobra, indo de noite no mar, e de dia na terra, esperando que viesse alguma embarcação de aviso. Parece que por fatalidade não lhe occorreo, que os naufragados podião não ter em que sahir ao mar, pois não o fizerão no primeiro dia da sua chegada; e que assim cumpria-lhe a elle mandar a sua lancha bem guarnecida a saber que gente era aquella, e a sondar juntamente a Bahia. Por ultimo succedeo o que se devia antever, sobreveio hum máo tempo, que o obrigou a seguir viagem.

Os miseros naufragados, vendo-se tão cruelmente abandonados, e julgando que não tornarião a ver aquelle anno outra Náo, por não ser frequentada aquella Costa, nem tendo meios de sustentar-se até ao anno seguinte, resolvêrão, por sua desgraça, atravessar a Ilha na sua largura, e irem estabelecer-se na contra-costa, por onde passavão as Náos, que por fóra da Ilha tomavão o seu caminho para a India. E formando dois corpos dos trezentos Portuguezes, que ainda existião, commettêrão o erro de marcharem divididos, e mui poucos delles apparecêrão depois, como em seu lugar notarei. Suppoz-se que os Negros do sertão, conhecidos por barbaros, os matárão, talvez por falta de disciplina, e boa ordem, que foi sempre a causa dos desastres acontecidos ás guarnições dos navios naufragados, de que citarei exemplos, assim como do que fizerão alguns Commandantes em casos similhantes.

Mez e meio depois de partidos dali os naufragados, chegou o Governador Nuno da Cunha com parte da sua Esquadra, e só achou hum grumete, que ficou por estar doente no momento em que os seus compa-

nheiros se pozerão em marcha, do qual soube o que deixo referido.

Neste mesmo anno mandou ElRei a Diogo Botelho Pereira (1) por Commandante de hum navio, com ordem de correr a Costa da Africa Oriental, desde o Cabo de Boa Esperança até ao das Correntes, para saber noticias de D. Luiz de Menezes, que desapparecêra vindo da India no anno de 1525; porque alguns navios chegados a Lisboa tinhão dito, que na paragem do Cabo das Correntes vírão de noite em terra fogueiras em cruz, que crião serem feitas por naufragados; porêm Diogo Botelho não achou, nem podia achar novas de D. Luiz, pelo que atraz deixo dito; e indo a Melinde, se encontrou com o Governador Nuno da Cunha.

1528. — Noticioso ElRei das desordens da India (2), procedidas da temeridade com que se tinha aberto a segunda Via das Successões daquelle Governo, o que deo causa ás contestações entre Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio; e sabendo ao mesmo tempo por cartas de Veneza, que os Turcos preparavão huma grande Armada em Suez para invadirem o Oriente, elegeo por Governador da India a Nuno da Cunha, Vedor da Fazenda, de quem fazia a maior confiança; e fez aprestar huma forte Esquadra, capaz de arrostar os perigosos inimigos que se esperavão na Asia.

Constava ella de nove Náos, hum Galeão, hum navio ligeiro para expedição de ordens, e duas Caravelas carregadas de víveres, e munições de sobrecellente,

(1) Couto, Decada 4. Liv. 6. Cap. 1.

(2) Fr. Manoel Homem, na obra já citada. — Extracto das Armadas mencionado. — Castanheda, Liv. 7. Cap. 85 e seguintes. — Couto, Decada 4. Liv. 6. Cap. 3. e Decada 5. Cap. 1. e seguintes. — Faria, Asia Portugueza Tomo 3. no fim. — Pedro Barreto no seu Epilogo. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 47.

Embarcárão-se duzentos mil cruzados em moeda de ouro para despezas da India. As tropas de transporte, que devião ficar ali servindo, excedião a tres mil homens, em que entravão muitos Fidalgos, e Moradores da Casa Real, que concorrêrão a alistar-se logo que souberão da guerra que se esperava com os Turcos. Hia tambem hum certo numero de marinheiros para guarnecerem os navios da India (1).

Em Março estava a Esquadra ancorada em Belem esperando tempo conveniente para sahir. Nuno da Cunha embarcou em a Náo Flor da Rosa; os demais Commandantes erão Simão da Cunha, seu irmão, na Náo Castello, que devia exercer na India o Posto de General do Mar; Pedro Vaz da Cunha, outro irmão seu, na Santa Catharina; Garcia de Sá, na Victoria; D. Fernando de Lima, no Espinheiro; D. Francisco de Éça, no S. Tiago; Francisco de Mendonça, no Monserrate; João de Freitas, na Biscainha; Antonio de Saldanha, na Ajuda (2); Bernardim da Silveira, no Galeão; e Affonso Vaz Zambujo no navio Ligeiro, de que era tambem Piloto. Commandavão as duas Caravelas Gaspar Moreira, e Luiz de Araujo.

ElRei foi assistir alguns dias em Belem para concluir os ultimos despachos, e deo hum longo Regimento a Nuno da Cunha, no qual lhe mandou, alêm de outras muitas cousas, que fizesse logo huma Fortaleza em Dio, por ser da maior importancia occupar aquelle

(1) Pedro Barreto, que teve boas informações das cousas do Oriente, diz que forão quatro mil homens; o mesmo diz Couto; Castanheda só falla em tres mil, e outros Escritores em menos.

(2) Nesta Náo hia embarcado Diogo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor da Cidade de Goa, que levava com sigo a Fernão Lopes de Castanheda, seu filho, ao qual ElRei mandava viajar na India, para depois escrever a Historia; e se demorou no Oriente perto de dez annos, correndo quasi todos aquelles Paizes até ás Molucas, como escreve Diogo de Couto.

posto, antes que os Turcos se apoderassem delle, por estar a barlavento da India; e construisse outra Fortaleza nos Estados do Çamorim, onde lhe parecesse melhor: E que no caso dos Turcos entrarem na India, reunisse em Goa todas as forças maritimas do Estado, e os fosse buscar onde estivessem, para lhes dar batalha. Igualmente lhe ordenava, que remettesse preso para Portugal a Lopo Vaz de Sampaio, pondo em deposito os seus bens.

A 18 de Abril sahio de Lisboa Nuno da Cunha, e navegando a Esquadra toda reunida, menos o Galeão, que se apartou em sahindo da barra, hum dia pelas dez horas da manhã, antes de chegar a Canarias, a Náo de Simão da Cunha, estando na esteira da Biscainha, Commandante João de Freitas, seguio tanto avante, que lhe deo duas fortes pancadas na popa, com que a abrio logo, por ser velha; e em cousa de huma hora foi a pique, sem dar mais tempo que a deitar fóra o escaler, em que se metteo João de Freitas com onze homens, abandonando fracamente a sua guarnição, que no espanto e consternação de tão subito desastre se poz em desordem, huns tentando desempachar a lancha para a deitarem fóra, outros alijando ao mar os páos, caixas, e capoeiras de que podião lançar mão; e como todos querião para si estas boias de salvação, travárão huns com outros, e houverão muitos mortos, e feridos. Simão da Cunha atravessou logo, e acudio com a sua lancha, e escaler: o mesmo fizerão os outros Commandantes quando vírão submergir-se a Náo, que só então conhecêrão o caso, e ainda salvárão muita gente, affogando-se comtudo cento e cincoenta pessoas, entre as quaes causou mais lastima hum homem casado, que levava sua mulher, e tres filhas meninas; e não querendo abandonallas, nem as podendo salvar, abraçados todos, entregues á Misericordia Divina, passárão á Eternidade!

O Piloto da Náo Biscainha (que escapou) não foi castigado, posto que se lhe attribuia toda a culpa, por não ceder o passo a Simão da Cunha, Official de mais representação do que João de Freitas (1).

Nuno da Cunha, seguindo a sua viagem, ancorou na Ilha de S. Tiago, onde fez agua, e descarregou as Caravelas, que remetteo para Lisboa, escrevendo a ElRei os successos occorridos. Cuidava elle achar nesta Ilha o Galeão, que sem motivo apparente se tinha separado da Esquadra; mas não aconteceo assim, porque o seu Commandante Bernardim da Silveira, seguindo o pernicioso exemplo de outros muitos, queria chegar primeiro á India; e continuando a sua derrota, dobrou o Cabo de Boa Esperança, e indo buscar Moçambique, o seu Piloto ignorante varou no parcel de Sofala, em que se affogou muita gente, e os Cafres assassinárão o resto.

Sahindo Nuno da Cunha da Ilha de S. Tiago, achou muitas calmarias na Costa de Guiné; e como a Náo de Antonio de Saldanha andava pouco, requerêrão-lhe os Pilotos que a deixasse, o que elle fez. Os Officiaes de Antonio de Saldanha, vendo-se abandonados, tanto andárão com a carga para avante, e para ré, que acertárão com o compasso da Náo, e começou a andar bem, ajudada com continuada força de véla; e encontrando-se depois com D. Francisco d' Eça, forão de conserva.

Nesta derrota achárão o Governador acompanhado das Náos de seu irmão Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima, e do navio de Affonso Vaz Zambujo.

(1) Ambos os Pilotos merecião o mais severo castigo; por quanto ainda que o Piloto da Biscainha, pela sua boçal ignorancia dos principios da subordinação militar-naval, fosse a causa primaria de tão funesto acontecimento, o seu erro não authorizava o Piloto de Simão da Cunha para abordar a outra Náo; por consequencia fez-se responsavel pelas mortes, e perigos que dalli se seguírão.

O Governador folgou muito com o encontro destas duas Náos, e indo na volta do Cabo de Boa Esperança, lhe deo hum temporal do Sul, que durou huma noite e hum dia, e espalhou a Esquadra. Acalmado o vento, reunio-se outra vez; e a 6 de Julho, estando na altura do Cabo, sobreveio outro tempo do Sul, que durou vinte e quatro horas, ficando as Náos á capa. No quarto d'alva, crescendo cada vez mais o mar, e o vento, arribárão todos, menos Antonio de Saldanha, por ser o seu navio novo; e passada a furia da tormenta, continuou a sua navegação. Dobrado o Cabo de Boa Esperança, achou tempos mui ruins, e foi avistar a Ilha de S. Lourenço na paragem do Rio de S. Tiago, onde estavão os naufragados das Náos de Manoel de Lacerda, e Aleixo de Abreu, que lhe fizerão os signaes, de que já fallei. Deste Rio continuou a derrota com tantos trabalhos, fomes, e sedes, que lhe adoeceo quasi toda a gente, e morrerão perto de sessenta pessoas: por ultimo chegou a Cochim nos fins de Outubro.

O mesmo aconteceo a Garcia de Sá, que se apartou do Governador depois da sua sahida de S. Tiago; e navegando só, esteve quasi perdido no Cabo de Boa Esperança com o temporal, que as outras Náos soffrerão. E tomando o seu caminho por fóra da Ilha de S. Lourenço, padeceo crueis fomes, e sedes, de que lhe morreo muita gente; e a 17 de Outubro chegou á Costa de Malabar, tendo a bordo huma unica pipa d'agua.

D. Francisco d'Eça, Francisco de Mendonça, e Affonso Vaz Zambujo chegárão juntos a Moçambique, e á entrada se perdeo no Ilheo de S. Jorge o navio do Zambujo, salvando-se toda a gente. Neste Porto estava Simão da Cunha, e nelle invernárão todos.

O Governador, quando amainou o temporal, achou-se com as Náos de Pedro Vaz da Cunha, e D. Fernando de Lima; e navegando com máos tempos, e calma-

rias, nos fins de Outubro vio a Ilha de S. Lourenço, e para fazer aguada, de que tinha necessidade, surgio na boca do Rio de S. Tiago, onde recolheo o grumete da Náo de Aleixo de Abreu, que lhe contou o seu naufragio, como deixo referido.

Passados quatro dias, estando as lanchas em terra, sobreveio hum vento de travessia, com o qual a Náo do Governador, que estava sobre huma ancora, começou a garrar, e ainda que largou seis ferros que tinha, de nada lhe aproveitárão, por ser o fundo mais para a terra cheio de ratos de pedra, que cortavão as amarras; e assim foi encalhar em huma restinga, e abrio pelo fundo, enchendo-se logo de agua até á coberta. As outras duas Náos aguentarão-se melhor, por estarem sobre fundo limpo, e terem boas amarras de cairo, que por muito elasticas tem vantagem sobre as de linho em certas occasiões.

As lanchas não poderão sahir do Rio, por haver muito mar, senão no dia seguinte que o vento abonançou: e o Governador passou a noite com toda a guarnição sobre a tolda e Castellos da Náo, onde fez depositar o cofre do dinheiro, e tudo quanto se pôde tirar da coberta; e em chegando as lanchas, e escaleres, passou para bordo de seu irmão com parte da gente, e o resto mandou para a Náo de D. Fernando de Lima. Salvarão-se tambem as antenas, aparelho, e artilheria da tolda, e convéz, e queimou-se a parte do casco a que o fogo pôde chegar.

Completada a aguada, partio deste funesto Rio a 10 de Novembro, resoluto a seguir o Canal de Moçambique, contra a sua primeira idéa de rodear por fóra de S. Lourenço; e huma noite, fazendo-se com a Ilha de Zanzibar, sentirão-se perto de terra, e surgírão logo. Ao amanhecer virão-se mettidos entre esta Ilha e muitos baixos, de maneira que não podião distinguir

por onde tinhão entrado, nem por onde poderião sahir, arrebentando em torno das Náos por toda a parte o mar em flor. Os Pilotos emmudecêrão, e nesta extremidade mandou o Governador á Ilha em hum escaler o Capitão da sua Guarda Manoel Machado, para diligenciar hum Pratico; mas os Negros o recebêrão ás pedradas, e frechadas, com que matárão hum grumete, e ferírão dois. O Governador enviou então na lancha a Pedro Vaz da Cunha com vinte e cinco homens, todos Fidalgos, e Cavalleiros, os quaes entrárão na Aldèa, sem acharem pessoa alguma, porque os Negros em os vendo fugírão para os matos. Pedro Vaz determinou armar-lhes huma cilada, para a qual se offerecêrão os dois irmãos Diogo de Mello, e Tristão de Mello, que com hum creado seu chamado João Rodrigues, se deixárão ficar emboscados proximos da Aldea, e Pedro Vaz retirou-se com a lancha para bordo, tendo ajustado com elles vir de noite buscallos.

Com effeito os Negros ao anoitecer, vendo que a lancha se retirára, vierão metter-se na Aldèa, e quiz a Providencia, que hum Mouro velho, o melhor Piloto daquella Costa, viesse esbarrar com os tres da emboscada, ao qual Diogo de Mello tomou nos braços, e tapando-lhe a boca, o levárão todos á praia, e se embarcárão na lancha, que já os esperava. O Governador, louvando a intrepidez de Diogo de Mello, e seus companheiros, e o relevante serviço que acabavão de fazer, amimou o Mouro, que no dia seguinte conduzio as Náos seguramente por hum estreito e tortuoso canal, e as foi ancorar no Porto de Zanzibar; recebendo por isso tantas dadivas do Governador, que se lhe offereceo para levar a Esquadra a Mombaça, onde queria invernar, por se assentar que era tarde para passar á India, e a invernada em Melinde ser muito arriscada, por falta de Porto.

Em Zanzibar, por ser terra abundante, e mais sádia, deixou o Governador duzentos doentes entregues a Aleixo de Sousa Chichorro, com todos os aprovisionamentos necessarios; e fazendo-se á véla com duas Náos, foi dar fundo em Melinde, cujo Monarcha o recebeo com o agazalho que costumava fazer a todos os Portuguezes; e aqui achou a Diogo Botelho Pereira, de quem atraz fallei.

Mandou o Governador pedir licença ao Rei de Mombaça para invernar no seu Porto, por não haver outro tão seguro em toda aquella Costa; de que elle se escusou, receando que fosse isto artificio para se apoderar da Cidade. O Governador, picado da desconfiança, determinou por conselho de todos, entrar em Mombaça por força; e participando a sua resolução ao Rei de Melinde, este lhe deo oitocentos Mouros para servirem naquella empreza, e huma Naveta para levar parte delles; embarcando os outros no navio de Diogo Botelho: os Soldados deste Official, e os das Náos erão oitocentos homens, tudo gente limpa, e bem disposta. Com esta Esquadra sahio de Melinde Nuno da Cunha, e no dia seguinte pela manhã surgio fóra da barra de Mombaça, a qual mandou sondar por seu irmão em huma lancha armada. Este entrando pelo canal, achou bom fundo, e no mais estreito delle estava hum Baluarte com oito canhões, que lhe fizerão fogo, sem lhe causar damno; e seguindo avante, ancorou diante da Cidade, e fez signal á Esquadra de ter bom ancoradouro.

O Governador em entrando a viração, levou ancora, e foi surgir onde estava a lancha, recebendo de passagem o fogo do Baluarte, sem lhe responder, para mostrar que vinha de paz. Por esta mesma causa esperou o resto do dia, e noite, na esperança de que lhe viesse alguma mensagem do Rei, com que ajustasse amigavelmente a sua invernada naquelle Porto. Mas o Rei,

longe desse pensamento, aproveitou-se da demora para despejar a Cidade, ficando nella só com a gente de guerra, recolhendo-se o resto dos moradores com o que puderão levar, para hum sitio distante huma legoa.

Desenganado o Governador de que lhe cumpria usar das armas para obter quarteis de Inverno seguros, tornou a mandar de noite seu irmão a reconhecer os lugares opportunos para o desembarque, o que elle fez; e ainda que sentido pelos Mouros, que lhe ferírão alguns homens de frechadas, correo toda a frontaria da Cidade, e nella achou huma praia, que lhe pareceo azada para o intento, posto que seria necessario desembarcar com agua pela cintura. Porêm o Governador teve logo outra melhor informação por hum Mouro, que veio a nado de terra, e indicou hum local abaixo da Cidade, em que as lanchas poderião pôr a barba em terra: além disso noticiou-lhe que estavão nella mais de tres mil homens com huma unica bateria de seis peças diante de huma das portas, commandada por hum Renegado Portuguez; e que era tal o terror nos Mouros, que em vendo os Portuguezes desembarcados, fugirião todos.

Sobre estas noticias resolveo o Governador desembarcar no dia seguinte onde o Mouro dizia, servindo elle de guia; e formando em dois corpos toda a tropa, o primeiro de seiscentos Portuguezes, em que entravão duzentos espingardeiros commandados por Fernão Coutinho, a que se aggregárão trezentos Mouros de Melinde; e o segundo do resto da gente, deo o commando daquelle a Pedro Vaz da Cunha, acompanhado de Manoel de Albuquerque, e dos dois irmãos Mellos, e tomou para si a direcção do outro, em que hião D. Fernando de Lima, e Diogo Botelho Pereira.

Ao amanhecer desembarcárão as tropas sem perigo, nem resistencia no ponto que o Mouro marcou, e ao som de pifanos, e tambores, e as bandeiras desenro-

ladas, marchárão para a Cidade, dirigindo-se á bateria avançada, onde estava o Renegado, que em disparando alguns tiros sem pontaria certa, fugio com todos os defensores para a Cidade, que ficou deserta, porque o Rei seguio o seu exemplo.

O Governador aposentou-se nos Paços, e cercou de entrincheiramentos com seu fosso aquella parte da Cidade, em que podião alojar-se commodamente as tropas, estabelecendo os postos avançados necessarios: e dando-se depois busca ás casas, se achou muito ouro, e dinheiro enterrado, de que alguns ficárão ricos. O Baluarte do mar foi tomado por assalto, e todos os seus defensores mortos, ou cativos, em cuja acção ficou mortalmente ferido de huma seta hervada D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando de Lima.

Concluido isto, que era já nos fins de Dezembro, o Governador escreveo a ElRei por Diogo Botelho Pereira, que expedio para Portugal, onde chegou em Junho do anno seguinte.

O Rei de Mombaça tinha tomado posição a meia legoa da Cidade, e d'ali fazia correrias para incommodar os quarteis dos Portuguezes, que não deixárão de lhe sahir ao encontro; e de huma destas escaramuças sahio ferido D. Fernando de Lima. Havia o Governador determinado atacar o campo dos Mouros, e para saber quaes erão as suas forças, encommendou a Diogo de Mello a tomada de algum prisioneiro; o qual acompanhado de Christovão de Mello, e de outros dois Soldados, sahio de noite da Cidade, e foi-se emboscar perto do alojamento dos inimigos, onde se encontrou com alguns; e querendo trazer vivo hum que tomou ás mãos, não lhe foi possivel, pelos grandes brados que dava, com que o campo se alvoroçou, e Diogo de Mello, matando o Mouro, trouxe hum braço ao Governador para testemunho do que fizera. Este rebate atemorizou

os Mouros de maneira, que não tornárão mais a inquietar os Portuguezes em quanto ali se demorárão, que foi até ao fim de Março de 1529, em cujo espaço de tempo morrêrão de febres trezentos e setenta Portuguezes, entrando neste numero Pedro Vaz da Cunha; o que seu irmão sentio por extremo.

As tres Náos da Esquadra, que invernárão em Moçambique, de que erão Commandantes Simão da Cunha, D. Francisco d'Eça, e Francisco de Mendonça, em entrando os Ponentes, fizerão-se á véla com intenção de correrem a Costa atê Mombaça, para saberem novas do Governador, deixando enterrados em Moçambique quatrocentos homens, que fallecêrão de enfermidades; e nos fins deste mez de Março surgírão fóra da barra de Mombaça, trazendo a seu bordo Aleixo de Sousa Chichorro, e a gente que com elle ficára em Zanzibar. O Governador folgou muito com a sua vinda, mas sentio a noticia que lhe derão da perda dos navios de Bernardim da Silveira, e de Affonso Vaz Zambujo; e chamando a concelho todos os Commandantes, e Pilotos da Esquadra, se assentou, que não convinha arriscar-se a atravessar o golfo da India no Inverno daquelle clima com tamanhos navios; e que era mais seguro passar aquelles mezes em Ormuz; e em Setembro, que começa o Verão, virem buscar Goa.

Estando o Governador para partir, recebeo cartas de Lopo Vaz de Sampaio, que lhe trouxe Sebastião Freire, Commandante de huma pequena embarcação; ao qual expedio logo com resposta; e sahindo de Mombaça com a Esquadra, chegou a Mascate, onde desembarcou os muitos enfermos que levava, e foi a Ormuz só com as Náos de Simão da Cunha (para a qual se havia mudado), e a de D. Fernando de Lima, deixando as outras naquelle Porto.

Para finalizar os acontecimentos desta infeliz via-

gem direi aqui em summa, que de Ormuz mandou o Governador a Simão da Cunha com alguns navios, em que levava trezentos homens, os mais delles Fidalgos, e Cavalleiros, para reduzir á obediencia do Rei de Ormuz a Ilha de Baharem, que estava rebellada, em cuja expedição morrêrão quasi todos os Portuguezes de enfermidades; e Simão da Cunha, ainda que escapou, falleceo em breves dias da paixão que lhe causou este máo successo. De maneira que esta Esquadra de Nuno da Cunha, antes de chegar a Goa, perdeo quatro navios, e mil e seiscentos homens.

1528. — Poucos dias depois de partir de Lisboa Nuno da Cunha, chegou Antonio Tenreiro, homem nobre, que o Governador de Ormuz Christovão de Mendonça mandou por terra com cartas a ElRei, participando-lhe não só haver desarmado em Suez a Esquadra Turca, mas tambem as desordens civís, que Raes Xarafo promovia em Ormuz. Antonio Tenreiro sahio daquella Ilha a 20 de Setembro do anno antecedente, e chegou a Lisboa em Maio deste anno de 1528 (1). Apresentado logo a ElRei com o mesmo vestido da jornada, se dilatou com elle largo espaço, por ser homem muito instruido nas cousas do Oriente; e sahindo do Paço já de noite, o atacárão no Rocio alguns homens desconhecidos, que o deixárão por morto com dezasete cutiladas, e estocadas. Sentio ElRei, como he de presumir, tão atroz attentado, e ordenou ao Cirurgião Mor o tratasse como a sua propria Pessoa. As maiores diligencias da Justiça nunca podérão descobrir os aggressores. Antonio Tenreiro escapou das feridas, posto que ficou sempre enfermo os annos que viveo, gozando das mercês, que ElRei lhe fez.

(1) Vede a Relação, que o mesmo Tenreiro publicou da sua famosa jornada.

Logo depois da sua chegada entrárão em Lisboa as Náos de torna-viagem da India, em que vinha Manoel de Macedo, que ElRei conhecia por homem valoroso, e determinado (adiante contarei o modo com que se comportou em hum naufragio), e mandando armar hum Galeão, lhe deo o commando, com ordem de se dirigir ao Estreito Persico, e logo que o embocasse, abrir huma Instrucção sellada, para executar o que nella se continha. Esta Instrucção era para prender Raes Xarafo, e o conduzir a Lisboa. Tristão da Cunha, pai de Nuno da Cunha, assustado do objecto da commissão de Manoel de Macedo, empregou todos os meios possiveis para penetrar o segredo; porêm vendo-os baldados, escreveo ao filho a notavel carta, que traz Diogo de Couto (1).

Manoel de Macedo sahio de Lisboa em Outubro, e sem lhe acontecer na viagem novidade alguma, entrou no Estreito da Persia, fez aguada dentro do Cabo Rosalgate, onde abrio a sua Instrucção, e ali soube estar Nuno da Cunha em Ormuz, para onde partio logo.

1529. — A Esquadra que este anno foi á India (2), constava de quatro Náos da carreira, com quinhentos soldados: era commandada por Diogo da Silveira, em a Náo S. José; e os outros Commandantes Ruy Gomes da Gran, na Flor de la Mar; Ruy Mendes de Mesquita, no S. Jorge; e Henrique Moniz Barreto, na Conceição.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 2 d'Abril. Nave-

(1) Filho Nuno, lá vai hum mancebo em huma Náo mui apressado por mandado d'ElRei: nunca pude saber ao que vai, deixa-lhe fazer tudo o que ElRei manda, sem lhe ires á mão a coisa alguma: manda pimenta, e deita-te a dormir. Couto, Decada 4. Liv. 5. Cap. 8.

(2) Fr. Manoel Homem, na obra já citada. — O Extracto das Armadas acima mencionado. — Castanheda, Liv. 8. — Faria, Asia Portugueza Tomo 3. no fim. — Pedro de Barreto no seu Epilogo já mencionado. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 52. — Couto, Decada 4. Liv. 6. Cap. 6.

gou sempre unida, e sem lhe acontecer desastre algum; nem lhe morrer ninguem, á excepção de Henrique Moniz Barreto; e ancorou em Goa a 24 de Agosto, com a gente tão bem disposta, como se levasse quinze dias de viagem.

1530. — Neste anno mandou ElRei á India cinco Náos (1) da carreira, sem nomear Chefe, que as governasse em corpo de Esquadra. Os Commandantes erão Fernão Camello, na Náo Ajuda; Francisco de Sousa Tavares, no S. Tiago; Luiz Alvares de Paiva, na Santa Barbara; Manoel de Brito, na Victoria; e Pedro Lopes de Sampaio, no S. Bartholomeu (2). Estas Náos partírão de Lisboa desde 15 de Março até 9 de Abril, e chegárão a Goa em Setembro (3).

Depois destas Náos sahio Duarte da Fonceca por Commandante de dois navios, o seu que era embarcação redonda, e huma Caravela Latina commandada por seu irmão Diogo da Fonceca. Levava a commissão de correr os Portos da Ilha de S. Lourenço, para buscar noticias da guarnição das duas Náos, que disse haverem ali naufragado.

(1) Couto, Decada 4. Liv. 7. Capitulos 1. e 2. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 28. — Barreto no Epilogo já citado. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 64. — Extracto das Armadas já mencionado. — Faria, no lugar citado. — Barros, Decada 4. Liv. 3. Cap. 2. e Liv. 5. Cap. 6.

(2) Por estas Náos mandou ElRei ordem ao Governador Nuno da Cunha para remetter preso a Portugal ao Vedor da Fazenda Affonso Mexia, principal motor das escandalosas contestações entre Pedro Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio. O inventario que se fez dos bens que se lhe aprehendêrão, constava *de muita pedraria, peças de ouro, e prata, alcatifas, e outras coisas ricas.* Vede Couto, Decada 4. Liv. 7. Cap. 2.

(3) Castanheda diz no lugar citado, que estas Náos tiverão mui ruim viagem; que tres chegárão a Goa em Outubro, e outra a Cananor em Novembro, com muita gente morta, e outra doente; mas Diogo de Couto, e Pedro Barreto de Rezende escrevem o contrario.

Duarte da Fonceca chegando á Ilha de S. Lourenço, entrou em huma grande Bahia (de que se não sabe o nome), e indo para terra na lancha, affogou-se com outros dez homens. Depois desta desgraça (a quasi todos os navios, que forão examinar os Portos desta Ilha, succedêrão desventuras), continuou Diogo da Fonceca a seguir a Costa, e ancorou em hum Porto, onde vio muitas fumaças. Aqui recolheo quatro Portuguezes, e hum Francez: dos primeiros pertencia hum á Náo de Aleixo de Abreu, e os tres á de Manoel de Lacerda; e o Francez (1) a hum navio daquella Nação, que naufragára na mesma Ilha.

Estes naufragados disserão, que no sertão existião outros muitos, que era impossivel sahirem dali. Diogo da Fonceca, passando-se ao navio de seu irmão, foi para Moçambique, deixando no Porto a sua Caravela por fazer muita agua, ou abandonando-a talvez por essa causa, pois não appareceo mais. Em Abril do anno seguinte de 1531, sahindo de Moçambique para a India, foi a pique na altura da Ilha de Socotorá, não se salvando pessoa alguma; e só por alguns papeis acha-

(1) No anno de 1529 partírão de Diepe tres navios Francezes para a India: hum naufragou na Ilha de S. Lourenço, a cuja equipagem pertencia este homem; outro, de que era Capitão, e Piloto hum Portuguez de appellido Rozado, perdeo-se na Ilha de Samatra; e o terceiro foi ter a Dio com quarenta homens. Era seu Capitão, e Piloto outro Portuguez chamado Estevão Dias Brigas, que por crimes fugíra de Portugal. O Governador Mouro de Dio prendeo por artificio todos os Francezes, e os remetteo á Corte do seu Soberano, onde quasi todos se fizerão Mahometanos, e acabárão mal.

Neste anno de 1530 partio de Inglaterra hum navio chamado Paulo de Plymouth, de 250 toneladas, de que era Capitão Guilherme Hawking, armado á sua propria custa, e fez a primeira viagem da sua Nação ao Brasil, para commerciar com os Indios. No anno seguinte fez outra; e dahi por diante continuárão os Inglezes a frequentar as Conquistas, e Colonias de Portugal. (Historia do Brasil de Roberto Southey, Tomo 1. Cap. 12.)

dos em caixas, que o mar lançou na Ilha, se conheceo o successo da sua viagem.

Em Maio do mesmo anno de 1530 partio de Lisboa Vicente Pegado, creado d'ElRei, nomeado Governador de Sofala e Moçambique, com hum navio, em que elle hia, e huma Caravela commandada por Balthasar Gonçalves; cujas embarcações erão destinadas a andar no trato de Melinde para Sofala. A Caravela arribou a Lisboa.

1530. — ElRei D. João III. deve considerar-se como o Povoador do Brasil, que até á época em que subio ao Throno, estava só em partes reconhecido, e em nenhuma povoado, porque as guerras da India, e as altas esperanças que dava o seu Commercio, attrahião toda a attenção dos Portuguezes para o Oriente. As especulações mercantís formavão então o espirito dominante do seculo, e cada seculo tem seu espirito particular, que o distingue dos outros. ElRei pensou sabiamente, que hum Paiz tão fertil, tão extenso, cheio de bons Portos, como o Brasil, cuja navegação era muito menos longa, e difficil que a da India, merecia toda a sua consideração, e o emprego das providencias mais convenientes para estabelecer nelle Colonias, que pouco e pouco domesticassem os seus selvagens habitantes, e praticando a agricultura, se utilizassem dos productos de huma terra virgem, e das preciosas madeiras de toda a especie, que offerecião os seus antiquissimos bosques, em muitas partes á beira d'agua.

Como era impossivel, que o Erario podesse fazer face a hum projecto gigantesco, que exigia enormes despezas, formou-se pelos annos de 1531, pouco mais ou menos, hum plano geral de Colonisação, que abrangia desde Pernambuco até ao Rio da Prata, demarcando, e dividindo toda aquella immensa Costa em Capitanias de cincoenta legoas de frente cada huma (houve

nisto algumas alterações), com hum fundo illimitado, por não ser ainda conhecido o Continente. Estas Capitanias deo ElRei em differentes épocas, desde 1532 em diante, debaixo de certas condições, e de juro, e herdade, ás pessoas que tinhão meios para estabelecerem ali Colonias á sua propria custa (1).

Para dar principio a este systema mandou ElRei neste anno de 1530 a Martim Affonso de Sousa, do seu Conselho, de cuja capacidade fazia grande estimação, por Commandante de huma Esquadra, com a qual parece que elle encorporou alguns navios afretados á sua custa, em que se embarcárão algumas pessoas offerecidas para povoarem o primeiro estabelecimento Colonial, que se hia crear no Brasil; attendendo a que Martim Affonso de Sousa levava Instrucções para examinar a Costa, que corre do Cabo Frio ao Rio da Prata, e erigir huma Colonia onde melhor lhe parecesse, com authoridade de conceder terras de Sesmaria aos que as quizessem cultivar (2).

A Esquadra sahio de Lisboa depois de 20 de Novembro, e na sua viagem encontrou alguns navios de Corsarios Francezes, de que tomou hum. No primeiro de Janeiro de 1531 chegou á boca de huma vasta Bahia, a que deo o nome de Rio de Janeiro; e Martim Affonso de Sousa, não ousando aventurar a Esquadra em hum Porto desconhecido, surgio fóra, e desembarcando em huma praia adjacente a hum notavel penhasco (o Pão de Assucar), explorou o Paiz, e fez por mar outro reconhecimento com lanchas armadas, em que

(1) Assim consta da Carta d'ElRei a Martim Affonso, datada de Lisboa a 28 de Setembro de 1532. Tomo 6. pag. 318 das Provas á Historia Genealogica.

(2) Vejão-se as Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, pelo Correspondente da Academia Real das Sciencias, Fr. Gaspar da Madre de Deos.

veio a conhecer, que lhe não convinha arriscar huma pequena Colonia em terra tão povoada de Indios ferozes, e guerreiros.

Deixando pois o ancoradouro, proseguio costeando para Oeste; vio as barras da Tijuca, e Guaratiba, descobrio a Ilha da Marambaia, e logo outra, a que chamou Ilha Grande; e avante desta entrou em huma grande Enseada, a que deo o nome de *Angra dos Reis*, por ser a 6 de Janeiro. Sahindo desta Enseada, continuou a examinar a Costa até chegar no dia 20 a huma Ilha, a que por essa causa chamou de *S. Sebastião*; e a 22 descobrio hum Porto, em que entrou, e o appellidou *Rio de S. Vicente*, por cuidar que o era; e desembarcando em huma Ilha, construio hum Forte para sua defensa. Este Porto he o que se chama hoje *Porto de Santos*, e a Capitania, que por muitos annos conservou a denominação de S. Vicente, tomou em 1710 o nome de S. Paulo.

Não pertencendo a estas Memorias a Historia formal das Colonias do Brasil, direi aqui somente, que Martim Affonso de Sousa teve a fortuna de achar estabelecido neste Paiz hum Portuguez chamado João Ramalho, que havia muitos annos habitava entre os Indios Guaianazes, e se achava casado com a filha de Tebyreça, poderoso Cacique dos Campos de Paratininga, com o favor do qual fez paz, e alliança com este Cacique, a qual foi extensiva aos Indios de outras Aldèas.

Ficando com este Tratado em segurança a Colonia (que se mudou depois para melhor local) expedio Martim Affonso de Sousa para Portugal o navio Francez, que aprezára, com todos os prisioneiros, escrevendo a ElRei o que lhe havia succedido; e sahio com a Esquadra a reconhecer a Costa do Sul, segundo lhe ordenavão as suas Instrucções, em cuja derrota descobrio todas as Ilhas, Cabos, e Bahias, pondo Padrões onde

melhor lhe pareceo, como signal da posse que tomava daquelles Paizes para a Coroa de Portugal. O primeiro Padrão foi collocado na pequena Ilha *do Cardoso*, defronte da Cananéa; e havendo-se perdido a lembrança delle, se descubrio em Janeiro de 1767. Em 30° de latitude Sul achou hum Rio, que se ficou chamando do seu nome; e na Ilha de Maldonado, situada na boca do Rio da Prata, assentou o ultimo Padrão; e entrando por este Rio, perdeo hum navio, que varou em hum baixo.

Concluido este reconhecimento, que se não sabe com certeza até onde se estendeo, voltou para S. Vicente, e por duas Caravelas chegadas de Lisboa soube que ElRei lhe havia dado huma Capitania de cem legoas de Costa, e outra de cincoenta a seu irmão Pedro Lopes de Sousa. Partio elle logo em pessoa a reconhecer o Paiz onde estava, e subio a grande serra de Paranapiacaba, em cujos campos se construio mais de vinte annos depois a Cidade de S. Paulo; e por ultimo deixando a Colonia bem guarnecida, regressou a Portugal em 1533.

1531. — A Esquadra destinada este anno para a India foi de seis Náos (1), e custou a aprestar pelos grandes terremotos que soffreo Portugal, os quaes causárão immensas perdas em Lisboa, e nas Povoações situadas pelas margens do Tejo até Santarem. Não nomeou ElRei quem a governasse em chefe. Embarcárão nella mil e quinhentos Soldados, e erão Commandantes dos navios Achilles Godinho, na Náo Castello; Manoel de Macedo, na Esperança; João Guedes, na Santa Cruz; Manoel Botelho, na Vera Cruz; Diogo Botelho Pereira, na

(1) Couto, Decada 4. Liv. 7. Cap. 9. — Fr. Manoel Homem, na obra já citada. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 75. — Pedro Barreto, no Epilogo citado. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 43. — Faria, Asia Tomo 3. no fim.

Trindade; e no S. Miguel o Doutor Pedro Vaz do Amaral, Corregedor da Corte, nomeado para Governador de Cochim, e Vedor da Fazenda Real.

Manoel Botelho, e Diogo Botelho Pereira levavão commissão para irem á China, cuja viagem se não verificou, por estarem então os Portos daquelle Imperio fechados aos Portuguezes; e voltando ambos no anno seguinte para Lisboa com carga de especiaria, desapparecêrão no caminho.

Sahindo a Esquadra de Lisboa em 20 d'Abril, arribou a ella o Doutor Pedro Vaz: as outras cinco Náos chegárão a Goa com prospera viagem, menos Manoel de Macedo, que por ignorancia do seu Piloto, foi varar em huma restinga da Ilha dos Jogues, dentro do Cabo Comorim, sem saber por onde hia. Porêm Manoel de Macedo, conhecendo onde estava, desembarcou na restinga, que era de arêa, e se fortificou com muita pressa com pipas, e madeira que tirou da Náo, e pôz a bom recado os mantimentos, e aguada, por saber que em Calecare, lugar na terra firme fronteira á Ilha, habitavão os Mouros Naiteas, desaforados ladrões; e preparando o seu escaler, escreveo ao Governador de Cochim, pedindo-lhe navios, em que se retirasse.

Corrêrão logo pela Costa as noticias deste naufragio, e todos os Mouros de Calecare, e mais Povoações circumvisinhas, reunindo as suas embarcações, vierão atacar os Portuguezes: e cercando a restinga, começárão a bater o campo com muita artilheria, tentando desembarcar para levarem de assalto as trincheiras. Manoel de Macedo, hum dos mais intrepidos Officiaes do seu tempo, defendeo-se por dez ou doze dias, em que se repetírão os ataques, até que chegou o soccorro de Cochim, composto de duas Caravelas, e outros vasos menores, á vista do qual desapparecêrão os Mouros; e Manoel de Macedo se embarcou com toda a gente, ar-

tilheria, munições, dinheiro, e mais effeitos da Náo, deixando ali só o casco queimado.

1532. — A pezar dos soccorros de dinheiro, que ElRei forneceo ao Imperador Carlos V. para resistir na Austria ao formidavel Exercito Othomano, sahio este anno para a India a 10 de Abril (1) huma Esquadra de cinco Náos, commandada por D. Estevão da Gama, filho do Conde D. Vasco da Gama, embarcado na Náo Ajuda. Os outros Commandantes erão D. Paulo da Gama, irmão de D. Estevão, no S. Tiago; o Doutor Pedro Vaz do Amaral, no S. Miguel; Antonio de Carvalho, no Reis Magos; e Vicente Gil, na Náo Graça, de que era Armador; hia nella embarcado D. Fr. Fernando Vaqueiro, como Bispo de Anel do Bispo de Angra, cuja jurisdicção comprehendia nesse tempo a India toda.

Navegou a Esquadra espalhada, como succedia quasi sempre. Quatro Náos tomárão Goa nos principios de Setembro, mas D. Estevão da Gama, varando Moçambique, foi a Melinde, que tambem não tomou; e como tinha urgente necessidade de agua, seguio para Socotorá. A força das correntes o afastou da Ilha, e por fortuna chegou a Xael, Cidade aberta, na Costa de Fartaque, cujo Regulo, amigo do Estado, lhe mandou quantidade de refrescos. Como a Náo estava a pouca distancia da terra, e a lancha havia de ir fazer agua, D. Estevão embarcou-se nella com D. Manoel, e D. Fernando de Lima, para ver a Povoação, ficando a Náo a bordejar. Em quanto porêm se enchião as vasilhas, saltou o vento ao Levante mui rijo, com que a Náo se vio forçada a correr com elle em pôpa; e o unico Porto que pôde afferrar, foi Moçambique, com infinito tra-

(1) Fr. Manoel Homem, na Relação já mencionada. — Pedro Barreto, no Epilogo citado. — Couto, Decada 4. Liv. 8. Cap. 2. — Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 77. — Faria, Asia Portugueza.

balho, e a maior parte da gente morta. D. Christovão da Gama, irmão de D. Estevão, que ficou a bordo, a pezar dos seos poucos annos, concorreo muito para salvar o navio, animando, e confortando a guarnição para soffrer com valor as necessidades que padecião todos.

D. Estevão da Gama, passados dois dias, determinou ir buscar a sua Náo, cuidando que a achasse pela Costa, e mettendo-se na lancha carregada de agua, e de refrescos, sahio de Xael; mas não a vendo, e dizendo-se-lhe que estaria em Socotorá, dirigio-se a esta Ilha, onde não a achou: e como os Levantes devião durar até ao Inverno, por parecer dos Officiaes de Nautica, que hião na lancha, seguio a Costa para Melinde, e foi fazer agua a Magadaxo, cujo Regulo, sabendo que elle era filho do Almirante Descubridor da India, lhe veio fallar, e fez grandes offerecimentos. D. Estevão lhe pedio huma embarcação maior, e amarinhada, com algum Piloto Pratico, que o levasse a Melinde, o que o Regulo lhe dêo logo, e muitos refrescos; e chegado a Melinde, soube que a sua Náo tinha sido vista em derrota para Moçambique. Nesta Cidade estava Nuno Fernandes, Official Portuguez, que lhe deo huma Fusta bem preparada, na qual em poucos dias chegou a Moçambique, e ficou na sua Náo esperando a monção para passar á India.

1533. — Sabendo ElRei pelas noticias da India, que o Governador Nuno da Cunha tinha dado principio á empreza de Dio, fez aprompt ar sete Náos para lhe mandar de reforço, as quaes dividio em duas Esquadras. Sahio a primeira (1) de Lisboa a 4 de Março de 1533, composta de quatro Náos, commandada por D. João Pereira, na Flor de la Mar; os outros Com-

(1) Vede Couto, Decada 4. Liv. 8. Capitulos 7 e 10. — Faria, na Asia, tomo 3. — Pedro Barreto no seu Epilogo. — Chronica d'ElRei D. João III. Parte 2. Cap. 87. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 65.

mandantes erão Vasco de Paiva, na Santa Barbara; Diogo Brandão, na Santa Clara; e D. Francisco, ou D. Diogo de Noronha (que de ambos os modos he nomeado) no S. João.

A segunda Esquadra partio em Abril: era seu Chefe D. Gonçalo Coutinho, na Náo Sirne; e os outros Commandantes Simão da Veiga, no S. Roque; e Nuno Furtado de Mendonça, no Bom Jesus. Estes tres navios chegárão em Setembro a Goa.

A Esquadra de D. João Pereira teve prospera viagem até ao Cabo de Boa Esperança, onde com hum furacão soçobrou a Náo de D. Francisco de Noronha, sem escapar ninguem, talvez por ignorancia, ou descuido do Official que naquelle momento critico se achava mandando; as outras Náos espalharão-se.

D. João Pereira, vencido o parcel de Sofala, e achando-se com as Ilhas, quiz esperar pelos outros navios: o Piloto, e o Mestre disserão-lhe, que arriasse todo o panno, e Antonio Galvão, que hia de passageiro, e entendia melhor a navegação, oppoz-se a este conselho, querendo que se aguentassem velejando, porque as aguas puxavão muito para a Costa; e assim se fez nessa noite. Mas rendido o quarto ás quatro horas, que o Chefe, e Antonio Galvão se recolhêrão, logo o Piloto, e o Mestre pozerão a Náo em arvore seca, e forão-se deitar a dormir nos seus camarotes. A's seis horas deo a Náo duas fortes pancadas com a quilha, e deitou o leme fóra, em consequencia das correntes a terem levado para terra. A este ruido acudírão todos acima, julgando-se perdidos; o Mestre, e o Piloto ficárão como pasmados; huns querião matallos, outros tomavão caixas, capoeiras, e páos para se botarem ao mar; e o Chefe, com a espada na mão, reservava a lancha para si. Nesta revolta, e confusão geral, Antonio Galvão com grande accordo mandou largar o

traquete, e como a Náo foi seguindo para o mar, deitou o prumo, e achou oito braças, e depois dez, em que surgio (1). Entretanto amanheceo, e chegárão as outras duas Náos. Examinada a bomba, vio-se que a Náo fazia agua; e como Moçambique distava quatorze legoas, e o tempo era favoravel, fizerão-se á véla, levando a lancha na proa com hum reboque, para melhor governo; e todas as tres Náos entrárão em Moçambique, onde o Chefe se reparou, e foi tomar a barra de Goa em Setembro com a sua Esquadra.

Depois de sahidas de Lisboa estas duas Esquadras, chegárão da India as Náos de torna-viagem do anno antecedente, e sabendo ElRei o máo successo do ataque de Dio, mandou immediatamente aprestar outra Esquadra, para a qual se recrutárão dois mil homens, e partio nos principios de Novembro (2) debaixo das ordens de D. Pedro de Castello Branco, composta de dois Galeões, o S. João em que elle embarcou, e outro commandado por André de Castro; e dez Caravelas Latinas, Commandantes Nicoláo Juzarte, no Santo Espirito; Balthasar Gonsalves, na Conceição; Antonio Lobo, na Santa Martha; Leonel de Lima, no S. Sebastião; Heitor de Sousa, na Esperança; Francisco Pereira, na Aguia; Gonçalo Fernandes, no S. João; Francisco Fernandes, na Graça; João de Sousa, na Rosa; e Antonio de Sousa em outra.

Esta Esquadra, ainda que achou algumas calmarias, e ventos contrarios, reunio-se toda em Moçambi-

(1) Eis-aqui outro facto, que demonstra as más consequencias de não haver hum Corpo de Officiaes da Marinha Real, a quem se conferissem os commandos das embarcações da Coroa; materia em que já fallei mais de huma vez, pela sua maxima importancia.

(2) O armamento desta Esquadra importou cem mil cruzados, segundo affirma Antonio Vajena na sua Chronica manuscrita d'ElRei D. Sebastião.

que em Fevereiro seguinte; e sahindo dali a 15 de Março, chegou á India no 1.° de Maio.

1533. — Neste mesmo anno cercárão os Mouros a Fortaleza do Cabo de Guer (1), e abrindo brecha, lhe derão varios assaltos, com que pozerão os defensores em aperto, cujas noticias sabendo na Ilha da Madeira Simão Gonsalves da Camara, seu Donatario, acudio logo a soccorrella em pessoa com seiscentos soldados em seis navios, tudo á sua custa, os quaes reunidos á guarnição, posto que já cançada, e enfraquecida do contínuo trabalho, rechaçárão constantemente os inimigos, e os forçárão a levantar o sitio.

Apôs este importante serviço, fez Simão Gonsalves da Camara outro não menor, empregando-se com toda a actividade em reparar o estrago das baterias, mandando buscar á Ilha da Madeira hum navio carregado de cal; e por ultimo deixando a Fortaleza reparada, e provida com as munições, e víveres que conduzíra, e nomeado hum Governador interino, por ser morto o proprietario, se recolheo a sua casa.

Passados tempos, achando-se este Fidalgo em Portugal, e sabendo que a mesma Praça estava outra vez necessitada de auxilio, escreveo a sua mulher D. Isabel de Mendonça, então residente na Madeira, que a mandasse soccorrer, o que ella fez com toda a brevidade, enviando-lhe gente, navios, e munições.

1534. — Este anno mandou ElRei á India (2) a Martim Affonso de Sousa para General (Capitão Mor) do Mar daquelle Estado, com huma Esquadra de cinco Náos, e dois mil homens de tropa. Embarcou elle em a

(1) Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 82.

(2) Extracto das Armadas já citado. — Couto, Decada 4. Liv. 9. Cap. 1. — Faria, na Asia Portugueza. — Pedro Barreto, no seu Epilogo. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 89. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 2.

Náo Rainha; os outros Commandantes erão Diogo Lopes de Sousa, seu irmão, na Santa Cruz; Tristão Gomes da Mina, ou da Gran, no Santo Antonio; Simão Guedes, na Graça; e Antonio de Brito, no S. Miguel.

Partio de Lisboa a 12 de Março, e acontecendo depois da sahida abalroarem-se as Náos de Simão Guedes, e Antonio de Brito, abrio a deste huma agua, com que arribou a Lisboa; mas reparada brevemente, tornou a sahir, e ainda chegou a Moçambique antes do seu General; e toda a Esquadra entrou em Goa no mez de Setembro.

No Verão deste anno (1) poz o Rei de Marrocos cerco a Çafim com hum Exercito, que se diz ser de noventa mil soldados, e vinte mil gastadores, com muita artilheria grossa, e miuda; e bateo furiosamente a Praça. O Governador tinha avisado com antecipação a ElRei, que em breve fez apromptar hum soccorro de gente, e navios com todas as munições necessarias, o qual encarregou a D. Garcia de Noronha; mas parece que não chegou a tempo de ser util aos cercados, porque o Principe Africano, vendo que perdia muita gente, levantou o sitio.

1535. — A pezar das grandes despezas exigidas para a expedição de Tunes, que então se preparava, mandou ElRei á India (2) este anno huma Esquadra de sete Náos commandada por Fernão Peres de Andrade, hum dos veteranos da guerreira, e briosa Escola Portugueza. Embarcou em a Náo Esperança; e erão Commandantes das outras Martim de Freitas (nome memoravel na Historia!), no S. Roque; Thomé de Sousa, na Gallega; Jorge Mascarenhas, na Santa Clara; Luiz Alvares

(1) Chronica de D. João III. Parte 2. Cap. 90.

(2) Couto, Decada 9. Liv. 9. Cap. 8. — Fr. Manoel Homem. — Pedro Barreto, Chronica de D. João III.

de Paiva, no Sirne; Fernão Camelo, no S. Bartholomeu; e Fernão de Moraes, na Santa Barbara.

A 8 de Março partio de Lisboa Fernão Peres, levando dois mil homens de luzida tropa, e muito dinheiro para despesas do Estado da India, e compra de generos do Commercio; e sem achar contratempo algum, chegou a Goa a 7 de Setembro.

1535. — Constituido Rei de Tunes o temido Barba Roxa (1) por ter expulsado do Throno a Moley Hassan, resolveo o Imperador Carlos V. ir em pessoa restabelecer este Principe nos seus Estados, a fim de desassombrar a Italia da visinhança de hum inimigo terrivel pela sua natural audacia, e pelos soccorros que a Porta lhe fornecia. Em consequencia começou a prevenir o necessario para a formidavel invasão, que meditava, fazendo armar quantos navios se achárão pelos portos de Hespanha, e de Italia, e todos os aprovisionamentos de víveres, munições de guerra, e navaes, de que se organizárão immensos depositos em Barcelona, Porto escolhido pelas vantagens da sua localidade para centro de reunião de todas as forças de mar, e terra da vasta Monarchia Hespanhola, e dos seus Alliados.

Era ElRei D. João III. o mais poderoso destes pelas suas riquezas, e forças maritimas, e o mais interessado no feliz resultado daquella empreza, pela posição topografica de Portugal, e extensão do seu Commercio. Desde o anno antecedente lhe pedio o Imperador o auxilio de huma Esquadra de vinte Caravelas, e alguns navios grandes, nomeando-lhe expressamente o

(1) Vede Anno Historico, tomo 2. pag. 348 e pag. 411. — Fr. Manoel Homem, Capitulos 35 até 37. — Chronica d'ElRei D. João III. Parte 3. Cap. 15. — Acenheiro, pag. 361. — Memoria do Galeão Bota-Fogo, por Jorge Coelho. — Historia de Carlos V. por Sandoval, tomo 2. Liv. 12. — Vida do Infante D. Luis, pelo Conde do Vimioso, de pag. 31 por diante.

Galeão S. João (1), ou Bota-Fogo, o maior navio que então se conhecia na Europa.

ElRei, annuindo aos rogos do Imperador, mandou armar huma Esquadra composta do Galeão S. João, duas Náos, e vinte das melhores Caravelas, com alguns Transportes de munições, tudo guarnecido de dois mil e quatrocentos Soldados (2), além de muitos Fidalgos principaes, que forão como Voluntarios, movidos da nobre ambição de ganhar honra em huma empreza, onde o maior Potentado do seculo arriscava a sua gloria.

Nomeou ElRei por General da expedição a Antonio de Saldanha, o Velho, Official de muita experiencia, e serviços, o qual embarcou no Galeão com seiscentos mosqueteiros, quatrocentos homens de espada, e rodela, e trezentos artilheiros. Erão Commandantes das embarcações de guerra Pedro Lopes de Sousa, D. João

(1) Fr. Manoel Homem no lugar citado diz, que este Galeão montava 366 peças de artilheria de bronze, inclusas as que guarnecião dois altos Castellos na pôpa, e na prôa; e ainda que cita outros Authores, que lhe dão menos, declara-se comtudo pelo maior numero de canhões mencionado. O Folheto attribuido ao Doutor Jorge Coelho, que parece ser escrito no Reinado de D. João o III. (menos o ultimo §) diz, que o Galeão fôra construido nas Portas do Mar, em Lisboa, pelo Mestre João Gallego, pai de Pedro Gallego (de quem adiante fallarei) que o começou a 29 de Agosto de 1533, e empregando na sua construcção 230 operarios, se deitou ao mar a 24 de Junho do anno seguinte: que a sua quilha tinha comprimento e meio da maior Náo da India; e que era de cinco baterias, com o mesmo numero de 366 bocas de fogo.

A pezar destas, e de outras authoridades, que provavelmente se reduzem a huma só, persuado-me que o Galeão não seria maior que a Náo Hespanhola Santissima Trindade, de 140 peças, tomada pelos Inglezes na batalha de Trafalgar. De resto o Galeão existia ainda no anno de 1580, e esteve ancorado com outros navios em Belem, para embaraçar que a Armada de D. Filippe II. chegasse a Lisboa.

(2) Acenheiro, pag. 361 diz, que em toda a Esquadra hião 618 canhões.

de Castro, Simão de Mello, Jorge Velho, Henrique de Macedo, Simão da Veiga, Francisco Rodrigues Barba, Ignacio de Bulhões, Antonio de Mansellos, Henrique de Sousa Chichorro, Francisco Mendes de Vasconcellos, Gaspar Tibáo, Manoel de Brito, Balthasar Lobo Teixeira, Manoel Brandão, Nuno Vaz de Castello Branco, Thomaz de Barros, Francisco Homem, Antonio de Azambuja, Francisco Chamorro Garcez, D. Henrique de Sá, e Balthasar Banha.

Deo-lhe ElRei grandes poderes no Criminal, e Civil sobre todos os individuos, que servissem na Esquadra; e ordenou, que no caso do seu fallecimento lhe succedesse Simão de Mello, de quem fazia grande estima.

Sahio a Esquadra de Lisboa em fins de Março, ou principios de Abril, e na noite de 28 deste mez chegou a Barcelona. Na manhã seguinte entrou no Porto em linha de marcha, muito embandeirada, e com longas salvas de artilheria, e mosquetaria, ao som de todos os instrumentos bellicos usados naquelle tempo, foi dar fundo; o que satisfez por extremo ao Imperador, que para a ver entrar se achava em casa de Alvaro Mendes de Vasconcellos, Embaixador de Portugal, cujas janellas cahião sobre o mar.

Antonio de Saldanha desembarcou logo accompanhado de todos os Commandantes, e pessoas mais distinctas, com ricos trajos, e adornos, levando huma guarda de trinta arcabuseiros fardados de verde e branco. Estavão á borda d'agua os Duques de Alva, e Cardona com outros Grandes da Hespanha, que o cumprimentárão, e levárão no meio até ao Palacio do Bispo, para onde passára o Imperador. Este Monarcha recebeo a Antonio de Saldanha, e a sua comitiva com muitas honras, e obsequios.

No 1.° de Maio entrou em Barcelona o Principe

André Doria com vinte e duas Galés bem preparadas, e ao passar pela Esquadra Portugueza, a salvou com toda a artilheria, e mosquetaria, a qual lhe respondeo com outra igual salva. Occorreo aqui huma etiqueta militar: o Principe Doria, como General em Chefe de todas as forças navaes empregadas naquella expedição, tinha só o privilegio de usar do Estandarte Real; e a mesma Insignia levava Antonio de Saldanha, que não era homem de ceder o campo. O Imperador decidio, que o Estandarte d'ElRei de Portugal, seu Irmão, ficasse tambem arvorado (1).

No dia 16 embarcou o Imperador na Galé de Doria, e seguido das outras Galés, deo volta por toda a Armada, em cuja occasião a Esquadra Portugueza lhe deo huma salva geral, a que respondêrão todos os navios surtos no Porto.

O Infante D. Luis, hum dos Principes mais completos do seu seculo, sempre desejoso de achar-se em grandes emprezas, para que nunca obteve licença d'ElRei seu Irmão, resolveo não perder esta occasião; e depois que a Esquadra sahio de Lisboa, partio em segredo a 13 de Maio da Cidade de Evora, onde estava então a Corte, accompanhado de André Telles de Menezes, Manoel de Sousa Chichorro, D. Fernando, Francisco Pereira, e Pedro Botelho, todos seus criados.

Divulgada a partida do Infante, expedio ElRei pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, que o alcançou, e lhe entregou a licença para continuar a jornada, e hum credito de cem mil cruzados. Deo ElRei igualmente faculdade, e fez muitas mercês para o acompanharem a D. Pedro Mascarenhas, Lou-

(1) O General da Armada trazia então Bandeira no tope grande, e o Estandarte Real içado na popa. Hoje largão-se nos topes todas as Insignias. Couto, Memorias Militares, tomo 2. pag. 154.

renço Pires de Tavora, Ruy Lourenço de Tavora, Luis Gonsalves de Ataide, D. João de Eça, Tristão Vaz da Veiga, D. Garcia de Castro, Antonio de Albuquerque, Fernando da Silveira, D. Diogo de Castro, D. Francisco Coutinho, Belchior de Brito, Pedro da Fonceca, D. Affonso de Portugal, filho do Conde do Vimioso, D. Affonso de Castello Branco, D. Antonio de Almeida, Ruy Mendes de Mesquita, e João de Sepulveda. Alguns Fidalgos forão sem licença, como outro filho do Conde do Vimioso, Luiz Alvares de Tavora, D. João Pereira, filho do Conde da Feira, Tristão de Mendonça, e João Freire de Andrade.

O Duque de Bragança D. Theodosio tinha tambem seguido ao Infante, e o achou em Arronches, porêm ElRei o chamou logo á Corte por huma Carta do seu punho em data de 15 de Maio, á qual o Duque se vio obrigado a ceder, ainda que com grande repugnancia; e começou a retirada com huma acção propria de similhante Principe, distribuindo por pessoas necessitadas toda a sua bagagem, armas, e cavallos (1), e quinze mil cruzados em dinheiro, que restavão ao seu Thesoureiro. ElRei escreveo a Antonio de Saldanha, que obedecesse ao Infante em tudo, como se elle mesmo estivesse presente.

A 23 de Maio chegou a Barcelona o Infante D. Luis, e o Imperador o esperou nas escadas do Paço, no qual o hospedou com as demonstrações, e festas devidas a tão alta Personagem.

A 30 embarcou o Imperador na Galé Bastarda, de tres mastros, e vinte e seis bancos de quatro remos, toda dourada; e soberbamente mobilada, e adornada, que o Principe Doria mandára fazer em Genova para este fim; e com elle embarcou o Infante, levando comsigo

(1) Historia Genealogica, tomo 6. pag. 9.

D. Pedro Mascarenhas, e André Telles de Menezes. A 31 sahio de Barcelona toda a Armada, e a pezar das ordens mais apertadas para se não receberem a bordo pessoas inuteis, nem mulheres, acharão-se destas ultimas ao desembarcar em Tunes mais de quatro mil. Hum vento, que sobreveio, espalhou os navios. As Galés tomárão guarida em Malhorca, e as embarcações grandes em Porto Mahom. Abonançando o tempo, seguio o Imperador a sua viagem, e a 11 de Junho ancorou na Bahia de Calhari, onde chegou da Italia o Marquez del Vasto, General da Infanteria, com hum reforço de navios, e tropas daquelle Paiz; e por alguns cativos fugidos de Tunes soube o Imperador o estado das fortificações da Goleta, e os preparativos de defensa de Barba Roxa.

Depois desta reunião constava a Armada de quarenta Galeões, cem navios redondos, sessenta Urcas, vinte e cinco Caravelas, e oitenta e duas Galés, além de muitas embarcações ligeiras, chegando o numero total a quatrocentas vélas. Era General das Galés de Hespanha D. Alvaro Baçan. O Exercito, que recebia soldo, subia a vinte e seis mil Infantes, e dois mil Cavallos, em que entravão oito mil Alemães, e cinco mil Italianos. Na Cavallaria havia 800 homens cobertos de completa armadura; o resto armado á ligeira de couraças, capacetes, lanças, e adagas. Os Voluntarios, ou Aventureiros (nome que se dava aos que não recebião soldo) chegavão a dezeseis mil homens, huns servindo a pé, outros a cavallo.

A 13 sahio a Armada de Calhari em duas Divisões, a primeira composta da Esquadra Portugueza, e das Galés de D. Alvaro Baçan; e na segunda, comprehendendo o resto dos navios de guerra, hia o Imperador, e o General em Chefe Principe Doria.

A 15 entrou na Bahia de Tunes, e no mesmo dia

surgio toda em Cabo Carthago, a cinco milhas da Goleta (1).

Não tinha escapado á suspicaz vigilancia de Barba Roxa o armamento do Imperador, nem o seu verdadeiro destino; e pedindo auxilio ao Sultão, que embaraçado com guerras na Asia, não pôde conceder-lho, obteve muita gente dos Governos da Barberia: e como a sua Armada não podia medir-se com a do Imperador, tomou a resolução de defender a todo o risco o Castello da Goleta, que fez fortificar o melhor que as circunstancias permittião. O seu Exercito compunha-se de oito mil Turcos, oitocentos Janizaros, oito mil Arabes de cavallo, e quatorze mil Mouros, huns lanceiros, ou-

(1) O Castello da Goleta tomou o nome do estreito Canal (em Hespanhol Goleta) em cuja entrada está situado; o qual se fechava todos os dias ao pôr do Sol, no tempo em que eu ali estive, com huma grande viga atravessada da ponta, em que elle está fundado, para outra ponta fronteira, onde se achão o Banho, ou Prisão dos Escravos, a fim de evitar de noite a passagem de embarcações pequenas. O Canal tem bom fundo na entrada, mas espraia-se logo em hum lagamar de doze milhas de comprido e nove de largo, que vai acabar na Cidade de Tunes, com tão pouca altura de agua, que só podem transitar por elle embarcações de remo, e ainda para isso he necessario ter alguma pratica das localidades, porque he cheio de alfaques.

No relatorio deste cerco não faço menção da cadêa que fechava a entrada da Goleta, e que foi rota á segunda investida do Galeão Bota-Fogo, cujo beque hia armado de hum talhamar de aço, segundo o testemunho de Fr. Manoel Homem, do Conde do Vimioso, do Padre Francisco de Santa Maria (Anno Historico), e de outros Escritores; porque me parece pesar mais o silencio de alguns sisudos Historiadores, que não fazem memoria de similhante facto, o qual não augmentaria a gloria da tomada do Castello, nem serviria de cousa alguma para a facilitar, pois que elle póde ser batido da parte do mar, de que está mui pouco distante, sem obra alguma que o cubra do fogo dos navios, a que apresenta huma grande superficie, pela sua elevação sobre o nivel da agua. Cumpre advertir, que huma cadêa não se corta com talhamar; mas rompe-se com o choque de hum navio correndo a hum largo, ou á pôpa com vento fresco. Por ultimo o modo de defender Canaes he com baterias cruzadas, e se atirarem com bala rôxa, tanto melhor.

tros frecheiros, sem disciplina: e querendo assegurar antes de tudo os seus thesouros, carregou vinte e seis Galés, em que os remetteo para Bona, e Argel. Ao famoso Sinan, Renegado Judeo, entregou o Governo da Goleta, com a flor dos Janizaros, e Turcos, e grande quantidade de munições; e elle estabeleceo-se em Tunes, para d'ali inquietar o Exercito Imperial, e enviar soccorros ao Castello, cuja communicação tinha franca, porque a sua Marinha occupava o Lago.

O Imperador, tendo mandado reconhecer o Castello pelo Marquez del Vasto com 22 Galés, fez desembarcar no dia 16 parte da Infanteria, e elle desembarcou no dia seguinte com o resto do Exercito. Ganhou-se facilmente huma Torre distante huma milha da Goleta; e o Exercito alojou-se junto ás ruinas de Carthago.

Não sendo do objecto destas Memorias a narração circunstanciada do cerco, relatarei em summa os principaes acontecimentos. Barba Roxa inquietava continuamente o Campo do Imperador, aproveitando-se das ventagens que lhe davão as localidades, por ser todo o Paiz coberto de ruinas dos antigos edificios de Carthago, e de muitas vinhas, olivaes, e valados, que offerecião mil posições favoraveis á pequena guerra, que elle sabia bem fazer, e Sinan não estava ocioso no Castello, d'onde fazia frequentes sortidas, o que dava occasião a huma multidão de combates, que causavão grandes perdas ao Exercito, sobre as que recebia das doenças procedidas do calor do clima, da ruindade, e falta de agua, da má qualidade dos víveres, e do continuo trabalho. O Imperador acudia frequentes vezes aos rebates, sempre acompanhado do Infante D. Luis, que era inseparavel do seu lado, e promovia a obra das trincheiras, que avançavão com difficuldade, por ser necessario acarretar de fóra nas Galés os materiaes para ellas.

A 25 chegou D. Francisco de Alarcão, General Veterano de grande reputação, a quem o Imperador chamava *Pai*, e logo começou a fazer mudanças na distribuição, e disciplina do Exercito, e a adiantar os aproxes, prohibindo ao mesmo tempo as sahidas, que fazião com frequencia alguns destacamentos para atacar os Mouros, que vinhão escaramuçar, as quaes custavão sangue, sem produzirem fructo algum.

Promptas a final tres baterias nos lugares mais ventajosos para bater em brecha o Castello com dezasete canhões de grosso calibre, rompêrão o fogo no dia 14 de Julho (1) ao amanhecer; e ao mesmo tempo os melhores navios da Armada, em que entravão as Caravelas Portuguezas, atacárão da banda do mar, onde attrahio a attenção de todos o Galeão S. João, pela actividade do seu fogo mui superior, e a cavalleiro dos outros navios. Os sitiados respondêrão com valor a esta espantosa bateria de fogos cruzados, em que da parte dos atacantes se dispárárão mais de quatro mil balas de artilheria. No fim de seis horas virão-se largas brechas em todos os lados batidos; e o Imperador, que esperava este momento á testa do Exercito debaixo de armas, mandou fazer o signal do assalto, ao qual marchárão na vanguarda as tropas Hespanholas, a que sempre dava a preferencia nas occasiões criticas, e erão sem contradição naquelle seculo as melhores da Europa: assim a Praça foi logo entrada sem grande perda, e desembarcando ao mesmo tempo D. Alvaro Baçan com os soldados da guarnição dos navios, penetrárão nella por outras brechas.

Sinan, depois de fazer os maiores esforços para

(1) Francisco de Andrade traz este assalto no dia 25 de Julho, a quem segue o Conde do Vimioso; Acenheiro diz, que foi a 21; e o Anno Historico a 12; eu segui a Sandoval, que parece bem informado dos particulares do cerco.

rechaçar os Christãos, vendo mortos duzentos Janizaros, cada hum no lugar que occupára vivo, se recolheo por mar a Tunes, tendo perdido ao todo mil e quatrocentos homens.

Acharão-se no Castello quarenta canhões; e tomarão-se no Lago todas as embarcações de Barba Roxa, cujas equipagens fugírão com tal desacordo, que se esquecêrão de lhes pôr fogo. Constava esta Armada de quarenta e duas Galés Reaes, muitas de 26 a 28 bancos; entre ellas a sua soberba Capitanea, quarenta e quatro Galeotas, Fustas, e Bergantins, e vinte e sete navios redondos, além de outros vasos mais pequenos, com setecentas peças de artilheria, em que se contavão trezentas de bronze.

Tomado o Castello, pôz o Imperador em Concelho no dia 17, se devia marchar sobre Tunes, para expulsar Barba Roxa daquelle Estado, ou voltar para Hespanha, deixando guarnição no Castello da Goleta? O Infante D. Luis, e o Duque de Alva forão pela conquista de Tunes, que era a opinião do Imperador; e esta se seguio, a pezar da opposição do maior numero dos votantes.

Em consequencia marchou o Exercito no dia seguinte para Tunes, e ainda que a distancia era de poucas milhas, o caminho offerecia terriveis obstaculos, tanto pela sua natureza, como pelo insupportavel calor da estação, e falta de agua. Além disto, Barba Roxa tinha reunido a seis mil Turcos, Janizaros, e Renegados, que lhe restavão, hum Exercito de Arabes, e Mouros de sessenta mil homens, em que se contavão vinte mil de cavallo, e treze mil arcabuzeiros, com alguma artilheria ligeira, e estava habilmente postado, ficando-lhe na retaguarda os unicos poços, que por ali havia: era por tanto forçoso, que o Exercito Imperial os ganhasse, ou morresse á sede, havendo-se-lhe já de todo acabado a agua.

No dia 20 o Imperador, depois de reconhecer a posição de Barba Roxa, parece que ficou perplexo, e perguntou a D. Fernando de Alarcão *o que faria? Accommetter já*, respondeo elle. Assim o fez o Imperador, e á primeira carga das suas tropas se debandou toda a multidão dos inimigos, quasi sem combater, e com pouca perda, porque os vencedores estavão tão abatidos de sede, e de calor, que mal podião mover-se, quanto mais seguir o alcance. Barba Roxa, desesperado da cobardia dos Africanos, sahio aquella noite de Tunes com os seus Turcos, e Renegados, e tratou de salvar-se em Bona.

No dia seguinte entrou o Imperador em Tunes sem resistencia, e pôz em liberdade perto de vinte mil cativos de differentes Nações, que ali existião; mas os seus soldados commettêrão os maiores horrores, saqueando a Cidade, e matando a sangue frio mais de dez mil habitantes de todos os sexos, e idades, que pedião misericordia.

A 4 de Agosto assignou-se hum Tratado entre o Imperador e Moley Hassan (que o havia acompanhado), pelo qual foi este Principe restabelecido no seu Throno, cedendo á Hespanha o Castello da Goleta, e outras Praças maritimas, com varias clausulas, que não fazem a meu proposito.

Convocou o Imperador o seu Concelho para saber se devia passar á conquista de Argel, empreza que parecia então da maior facilidade, e infelizmente foi reprovada. Assim se concluio esta brilhante campanha, e deixando na Goleta por Governador a D. Bernardino de Mendonça, com mil soldados Hespanhoes, despedio a Esquadra de Portugal. Mandou o Imperador dar dois mil cruzados a cada hum dos Commandantes Portuguezes, os quaes só D. João de Castro não quiz acceitar.

Partio Antonio de Saldanha para Lisboa a 10 de

Agosto, levando comsigo o Infante D. Luis. Ancorou em Calhari, onde se deteve cinco dias, e sahindo d'ali, sofreo huma tempestade no Golfo de Leão, que o forçou a arribar outra vez a Calhari. Socegado o tempo, seguio viagem, e no dia 30 teve outro máo tempo, com que entrou em Palamos com seis Caravelas. Aqui desembarcou o Infante, e proseguio por terra a sua jornada. Antonio de Saldanha, havendo reunido a Esquadra, veio entrar no mez de Outubro em Lisboa.

1535. — Neste anno emprehendeo Diogo Botelho (1) a sua viagem da India a Portugal; viagem que deve entrar em linha com as acções mais atrevidas do espirito humano.

Este Official, nascido na India (2), era filho natural de Antonio Real, Governador de Cochim no tempo do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e de Iria Pereira, que elle levára comsigo de Portugal; a qual ficando rica, o educou em grande mimo. A inclinação o levou ao estudo da Geografia, e Artes Nauticas, em que fez grandes progressos pelo seu raro talento, constituindo-se hum habil Piloto, e Artifice de Cartas Maritimas, emendando muitos erros dos antigos Mapas; sem que estes estudos o arredassem do uso das armas, a que o arrastava o seu genio audaz, e emprehendedor.

Tendo assim adquirido boa reputação, veio a Portugal, onde ElRei lhe deo o Foro de Fidalgo, e o tratou com distincção; mas não lhe deferindo a hum re-

(1) Esta Viagem de Diogo Botelho he contada diversamente pelos nossos melhores Escritores, huns accrescentando circunstancias, que outros omittem, e variando todos nas datas. Eu segui o que me pareceo mais provavel.

(2) Vede a Chronica de D. João III. por Francisco de Andrade, Parte 3. Capitulos 13, e 14. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 52. — Couto, Decada 5. Liv. 1. Cap. 2. — João de Barros, Decada 4. Liv. 6. Cap. 14.

requerimento em que pedia o Governo de Chaul, teve Diogo Botelho a imprudencia de soltar algumas palavras equivocas na presença de D. Antonio de Noronha, Escrivão da Puridade, dando a entender queria mudar de Reino; o que sabido por ElRei, lembrando-se do caso de Magalhães, a que Diogo Botelho não cedia em valor, e sobrepujava em conhecimentos, o mandou prender no Castello de Lisboa, e o conservou a bom recado até á epoca em que foi nomeado Vice-Rei da India o Conde Almirante D. Vasco da Gama, que importunado de alguns Fidalgos, pedio licença para o levar comsigo, e ElRei lha deo debaixo da condição de não tornar mais a Portugal sem expressa ordem sua.

Chegado Diogo Botelho a Goa, continuou a servir, e passava os Invernos em Cochim, por ter ali amigos, que lhe fazião pagar com exactidão os seus soldos. Andava elle espreitando alguma occasião opportuna de vir a Portugal, porêm de hum modo tão extraordinario, que claramente demonstrasse a ElRei a sua fidelidade, e desmentisse a quem lhe dissera queria deixar o Real Serviço. Com este intento obteve faculdade do Governador Nuno da Cunha para armar huma Fusta, em que servisse o Estado, e a construio em Cochim (1), munindo-a de tudo quanto julgou necessario para huma comprida viagem. Era isto no momento em que o Governador negociava com Sultão Badur a construcção de huma Fortaleza em Dio; e devendo tão importante novidade ser logo communicada a ElRei por expresso, intentava Diogo Botelho ser o mensageiro della. Com estas idéas foi a Baçaim, onde deixou a sua Fusta, e passou a Dio em outro navio.

Começada a Fortaleza, sahio Diogo Botelho occul-

(1) Castanheda diz, que esta embarcação tinha 22 palmos de quilha, 12 de boca, e 6 de pontal; dimensões que me parecem extraordinarias!

tamente de Dio, e chegando a Baçaim, espalhou voz de que o Governador o mandava a Chaul, e fez-se á véla nos primeiros dias de Novembro de 1535, levando de equipagem cinco Portuguezes, que erão tres criados seus, o Mestre, e hum Manoel Moreno, e oito escravos marinheiros; e de carga quarenta quintaes de cravo, e os víveres, e aguada que podia accommodar tão pequena embarcação. Partindo em monção favoravel, tomou a Costa de Melinde para se refazer de agua, e mantimento; e nesta travessa descobrio ao Mestre, e aos outros Portuguezes o verdadeiro objecto da sua viagem, distribuindo logo a cada hum certa porção de dinheiro, com promessa de ampla recompensa na sua chegada a Portugal; e como se não fiava dos escravos, trazia sempre vestida huma sáia de malha, e huma espada curta na cinta.

Os seus receios não erão vãos, porque temendo elles os perigos, e trabalhos da navegação, se conjurárão para o matar, e aos mais Portuguezes, de que alguns vinhão doentes; e hum dia, que sobreveio hum aguaceiro subito, com que arriando as vélas de pancada, estas cahírão no mar, acudio toda a equipagem para as recolher, e neste momento de confusão, e de embaraço se levantárão os escravos, armando-se de fisgas, espetos, e machados, e huma espada que tinhão furtado, e atacárão o Commandante, e os cinco Portuguezes, que, a pezar de surprehendidos, se defendêrão como leões, matando dois, e forçando o resto a deitar-se ao mar, em que se affogárão tres. Os outros recolherão-se a bordo com promessa de perdão. Morreo nesta briga hum Portuguez, e ficou ferido o Mestre; e mais do que elle Diogo Botelho, que recebeo hum golpe na cabeça, em consequencia do qual perdeo por muitos dias a falla, e só podia dar as suas ordens por acenos, ou por escrito.

Antes de dobrar o Cabo de Boa Esperança, o que

verificou em Janeiro de 1536, soffreo Diogo Botelho algumas borrascas, que duas vezes o fizerão arribar; e dirigindo a sua derrota para a Ilha de Santa Helena, não a vio pela escuridão do tempo; e padecendo por isso muitas fomes, e sedes, chegou á altura dos Açores. A necessidade o forçou a ancorar na Ilha do Faial, onde recebeo agua, e mantimentos, e enganando habilmente ao Commandante da Ilha (outros dizem ao Corregedor), que mostrava intenções sinistras a seu respeito, se fez á véla para Lisboa, em cujo Porto entrou a 21 de Maio; e passados muitos dias chegou da India Simão Ferreira, que sahíra depois delle com as Cartas do Governador Nuno da Cunha.

ElRei, ainda que estimou sobremaneira a noticia da Fortaleza de Dio, perdoou com difficuldade a Diogo Botelho a sua deserção, e falta de obediencia; e depois de examinar pessoalmente a Fusta, a mandou recolher em Sacavem, onde concorrião todos os Nacionaes, e Estrangeiros a verem, e admirarem hum pequeno barco, que atravessára tantas mil legoas de hum e outro Oceano.

1536 — A 10 de Março deste anno partio para a India huma Esquadra de cinco Náos, commandada por Jorge Cabral (1), embarcado em a Náo Grifo; e os outros Commandantes Vicente Gil, Armador, na Santa Cruz; Gaspar de Quevedo, na Santa Maria da Graça; Ambrosio do Rego, no Santo André; e Duarte Barreto, no S. Miguel.

Ambrosio do Rego, separando-se da Esquadra, chegou á Costa de Guiné, onde hum aguaceiro lhe quebrou o mastro grande, pelo que foi reparar-se a Ca-

(1) Vede o Extracto das Armadas já citado. — Fr. Manoel Homem. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 32. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 141. — Pedro Barreto, Epilogo &c.

narias: dali seguio viagem com tanta fortuna, que entrou em Goa a 4 de Setembro; e alguns dias depois chegou o resto da Esquadra.

1536. — Neste mesmo anno (1) sitiárão os Mouros o Castello do Cabo de Guer, de que era Governador D. Guterres de Monroy; e a pezar de sete Caravelas com tropas, e munições que recebeo de Portugal, foi tomado por assalto a 12 de Agosto do anno seguinte, ficando o Governador prisioneiro com os que escapárão da morte, acabando aqui sumido em hum montão de cadaveres de Mouros o valente João de Carvalho.

Nesta occasião tinha já Simão Gonsalves da Camara (de quem atraz fallei) preparado á sua custa na Ilha da Madeira hum soccorro de navios carregados de gente, e munições de guerra, e de boca, quando lhe derão a noticia infausta de estar o Castello ganhado; por cuja causa não chegou a sahir da Madeira.

1537. — Partio este anno para a India (2) a 12 de Março huma Esquadra de seis Náos, commandada por D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, embarcado em a Náo Rainha; e os outros Commandantes D. Fernando de Lima, no S. Roque; Jorge de Lima, na Santa Barbara; Lopo Vaz Vogado, na Flor de la Mar; Martim de Freitas, na Gallega; e Antonio de Lima, na Santa Cruz, que arribou a Lisboa (3).

D. Pedro da Silva, e Martim de Freitas levavão

(1) Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 26.

(2) Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 46. — Epilogo de Barreto. — Castanheda, Liv. 8. Cap. 174. — Couto, Decada 5. Liv. 2. Capitulos 3. e 8. — Faria, Asia Portugueza. — Extracto das Armadas.

(3) Os nossos Historiadores varião muito no numero de navios, e nomes dos Commandantes das duas Esquadras, que este anno partírão de Portugal para a India. Os dois, que mais concordão entre si, são Pedro Barreto de Rezende, e Diogo de Couto.

muitas armas, e petrechos para a nova Fortaleza de Dio, com ordem de se dirigirem directamente a esta Ilha, e dali passarem a Goa, como fizerão, ajuntando-se nesta Cidade a Esquadra pelo mez de Setembro, com a gente em boa saude.

Despachada esta Esquadra, soube ElRei por intelligencias secretas, que o Sultão Selim preparava em Suez huma poderosa Armada para enviar á India, da qual era General o velho Eunuco Soleimão-Bachá, Governador do Cairo (1). Logo ElRei fez armar outra Esquadra de cinco Náos, de que deo o commando a Diogo Lopes de Sousa, que embarcou em a Náo S. Paulo; e os outros Commandantes erão Fernão de Moraes, no S. Diniz; Fernão de Castro, no S. João; Aleixo de Sousa Chichorro, na Santa Catharina; e Henrique de Sousa Chichorro, seu irmão, na Sica.

Desta Esquadra, que sahio de Lisboa em Outubro, ou Novembro, devia ir a Ormuz Fernão de Castro, e a Dio Fernão de Moraes, para cujas Praças transportavão gente, e munições. Aleixo de Sousa, nomeado Governador de Moçambique, levava ordem para se dirigir com seu irmão Henrique de Sousa a esta ultima Fortaleza, a fim de tomar posse della, e prove-la do necessario, por se ter algum receio de que os Turcos a fossem atacar.

Fernão de Castro chegou a Ormuz nos fins de Maio; e Fernão de Moraes a Dio no mez de Abril. As outras Náos tiverão todas boa viagem para os seus respectivos destinos; ainda que os dois Chichorros entrárão em Moçambique com muitos doentes, por cuja causa

(1) Esta Esquadra partio de Suez a 27 de Março de 1538, e constava de dois Galeões, quatro Náos, seis Galeaças, dezesete Galés Bastardas, vinte e sete Galés menores, nove Fustas, e outras varias embarcações, ao todo setenta e seis vélas. Vede o Diario da sua viagem na Collecção de Ramuzio, tomo 1. pag. 303.

o novo Governador formou hum Hospital, que não havia, no qual forão curados com o maior cuidado, e muita despesa da sua propria fazenda, por ser Aleixo de Sousa homem caritativo, e amante do bem publico; e assim sahio daquelle Governo *em estado, que estava para se recolher no Hospital* (1).

1538. — Depois da partida da segunda Esquadra (2) soube ElRei com individuação a força da Armada Turca preparada em Suez para a invasão da India; e como era necessario enviar logo hum grande reforço áquelle Estado para o que se offerecêrão muitos Fidalgos, esteve inclinado a mandar o Infante D. Luis; e não tendo isto effeito, por motivos que não pertencem ao assumpto destas Memorias, nomeou para Vice-Rei a D. Garcia de Noronha, Fidalgo de muita idade, sobrinho do grande Albuquerque. O Conde da Castanheira empregou a maior actividade no aprestamento dos navios escolhidos (3) para formarem a Esquadra do Vice-Rei; e havendo falta de gente para preencher o numero de Soldados determinado em Concelho, publicou ElRei hum perdão para varias classes de criminosos, e commutou em degredo para a India as penas (inclusivè a ultima) a que outros estavão já sentenciados.

Constava a Esquadra de onze Náos bem armadas: o Vice-Rei embarcou em a Náo Santo Espirito, os outros Commandantes erão Bernardim da Silveira, na Gallega; João de Sepulveda, no Junco; D. João de Castro (4),

(1) Formaes palavras de Diogo de Couto. Decada 5. Liv. 2. Cap. 8.

(2) Vede Couto, Decada 5. Liv. 3. Capitulos 8, e 9. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, na Asia Portugueza. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 57.

(3) Gastarão-se nesta Esquadra trezentos mil cruzados sobre a despesa que custaria huma Esquadra ordinaria de cinco Náos. Chronica de D. Sebastião attribuida a D. Manoel de Menezes.

(4) D. João de Castro, hum dos Heroes de Portugal, era mui ver-

no Grifo; D. Francisco de Menezes, na Santa Cruz; D. Christovão da Gama, no Santo Antonio; D. Garcia de Castro, nos Fieis de Deos; Luis Falcão, na Graça; Ruy Lourenço de Tavora, na Santa Clara; D. João de Eça, no S. Bartholomeu; e Francisco Pereira de Berredo, no Sirne. Transportava esta Esquadra muitos petrechos, e munições de guerra, e quatro mil cento e cincoenta Soldados, oitocentos dos quaes erão Fidalgos, ou Cavalleiros, e Criados d'ElRei; o resto gente mal vestida, e muitos moços imberbes. Hião como Aventureiros os dois filhos do Vice-Rei D. Alvaro, e D. Bernardo de Noronha, D. Martinho de Sousa, D. João Manoel, D. Luis de Ataide, depois Conde da Atouguia; D. Antonio de Noronha, Fernão da Silva, Commendador, e Alcaide Mor de Alpalhão; D. João Mascarenhas, Francisco Lopes de Sousa, e seu irmão Pedro Lopes de Sousa, D. João Henriques, D. Duarte de Éça, os tres irmãos Manoel de Mendonça, João de Mendonça, e Diogo de Mendonça; D. Jorge de Menezes, e outros mais.

Embarcou tambem o primeiro Bispo de Goa D. Fr. João de Albuquerque, Hespanhol; e o Doutor Fernão Rodrigues para Vedor Geral da Fazenda.

Sahio o Vice-Rei de Lisboa em meado de Março, indo ElRei ao bota-fóra da Esquadra, e na viagem deappareceo a Náo Gallega, em que hião todos os criminosos, sem se saber como, nem onde, por se haver separado; as outras chegárão em Julho a Moçambique, d'onde o Vice-Rei expedio com cartas para Portugal a Henrique de Sousa Chichorro na Náo Santa Catharina,

sado nas Mathematicas. De huma carta, que escreveo de Moçambique ao Infante D. Luis, seu admirador, e amigo, em data de 5 de Agosto, cheia de observações sobre a Navegação, e da resposta do Infante, se infere que elle levava alguns novos instrumentos Nauticos, de que queria fazer o ensaio.

em que fôra seu irmão Aleixo de Sousa, e levou comsigo para Goa a Náo Sica (que ambas ali estavão), em que o primeiro viera do Reino. O motivo disto foi para o congraçar com ElRei, que estava escandalizado delle; e ao mesmo tempo para agradecer ao Governador Aleixo de Sousa os trabalhos que teve, e despesas que fez com os doentes da Esquadra, que erão muitos, e todos forão ali mui bem tratados. Com effeito esta lembrança do Vice-Rei aproveitou a Henrique de Sousa, porque sahindo de Moçambique em Novembro, chegou a Lisboa a salvamento, e ElRei satisfeito de não haver noticia alguma de Turcos por aquella Costa, o recebeo outra vez na sua graça, tendo-o já mandado riscar do Livro dos Moradores da Casa Real.

O Vice-Rei, partindo daquella Ilha em Agosto, chegou a Goa a 11 de Setembro com toda a Esquadra, excepto a Náo de João de Sepulveda, que por má navegação se encostou tanto á Costa da Africa, que se achou em Socotorá, e foi invernar a Ormuz.

1539. — A Esquadra (1) que ElRei mandou este anno á India, constava de seis Náos, commandada por Pedro Lopes de Sousa, embarcado em a Náo Gallega; os outros Commandantes erão D. Roque Tello, no S. Pedro (2); Henrique de Sousa Chichorro, no Salvador; Alvaro Barradas, na Esperança; Antonio de Abreu, no Santo Antonio; e Simão Sodré, na Rainha.

Sahio esta Esquadra de Lisboa a 24 de Março, e chegou a Goa a 10 de Setembro, menos Simão Sodré, que ficando mais atrazado, foi ancorar em Cochim.

(1) Vede Couto, Decada 5. Liv. 6. Cap. 6. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 70. — Faria, na Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende.

(2) Esta Náo foi construida em Cochim em 1537, e era tão forte, que durou continuamente na carreira da India vinte e hum annos, e acabou no Rio de Lisboa em 1559.

1539. — Havendo ElRei concedido a Capitania do Maranhão (1) de juro, e herdade ao celebre Historiador João de Barros, associou-se este com Aires da Cunha, e Fernão Alvares de Andrade, e armando á sua custa dez embarcações, em que se embarcárão novecentos homens, e cento e trinta cavallos, sahio Aires da Cunha de Lisboa com esta Esquadra em 1539, levando em sua companhia dois filhos de João de Barros.

Esta expedição foi infelicissima, porque chegando ao Maranhão, cuja Costa era então quasi desconhecida, naufragárão todos os navios nos seus baixos, salvando-se apenas algumas pessoas na Ilha do Medo, proxima á grande Ilha, a que se deo depois o nome de S. Luis. Os naufragados tomárão amizade com os Indios, mas como não tinhão meios para formar hum estabelecimento solido, regressárão por ultimo a Portugal a bordo dos navios aventureiros, que ás vezes apparecião naquellas Costas.

Antes desta expedição já o Hespanhol Diogo de Ordaz tinha em 1531 emprehendido outra, na qual perdeo hum dos seus navios, o que o obrigou a abandonar aquellas paragens. Cumpre advertir, que naquelles tempos se chamava Rio Maranhão ao das Amazonas, até que em 1542 o Capitão Francisco de Orelhana, fundado em huma historia fabulosa, lhe deo este ultimo nome, que ficou conservando.

1540. — A Esquadra, que este anno foi á India (2), constava de quatro Náos, commandada por Francisco de Sousa Tavares, embarcado no S. Filippe; e os outros Commandantes, Vicente Gil, na sua Náo Graça;

(1) Annaes Historicos do Maranhão Liv. 1.

(2) Couto, Decada 5. Liv. 7. Cap. 4. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 75. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, na Asia Portugueza.

Simão da Veiga, na Urca; e Vicente Lourenço Batavias, no Grifo.

Partio a Esquadra de Lisboa a 24 de Março, e com boa viagem chegou a Goa a 10 de Setembro.

1541. — Sabendo ElRei o fallecimento do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, nomeou para Governador da India a Martim Affonso de Sousa, que partio de Lisboa a 7 de Abril (1) com huma Esquadra de cinco Náos, indo elle no S. Tiago, que era da Coroa, e os Commandantes das outras (todas de Armadores), erão D. Alvaro de Ataide da Gama, no S. Pedro; Alvaro Barradas, no Santo Espirito; Francisco de Sousa, em Santa Cruz; e Luiz Caiado, na Flor de la Mar. Embarcárão nesta Esquadra muitos Fidalgos, e pessoas Nobres; e com o Governador hia S. Francisco Xavier, o primeiro Religioso da Companhia, que passou ao Oriente para gloria de Portugal, e da Igreja.

A viagem foi trabalhosa até Moçambique, onde ancorou a Esquadra no fim de Agosto, levando a Náo do Governador muitos doentes, que se tratárão com muito cuidado, e elle mesmo esteve quasi sem esperanças de vida; e como era tarde para passar á India, invernou ali.

A 15 de Março do anno seguinte sahio de Moçambique o Governador embarcado no Galeão Coulão, que viera de Goa, levando comsigo a S. Francisco Xavier, com a Náo S. Tiago, cujo commando confiou a D. Francisco de Noronha, Clerigo; e a Galeota de Diogo Soares de Mello; ordenando ás outras quatro Náos, que partissem na monção de Agosto.

(1) Couto, Decada 5. Liv. 7. Cap. 1. e Liv. 8. Capitulos 1. e 9. — Chronica de D. João III. Parte 3. Capitulos 81, e 83. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Vida de S. Francisco Xavier pelo Padre João de Lucena, Tomo 1. Liv. 1. Capitulos de 7 até 12; e Liv. 2. Cap. 1.

Navegando o Governador ao longo da Costa, surgio em Melinde, cujo Rei o veio visitar a bordo. No dia seguinte continuou a sua derrota, e pelas muitas calmarias aportou na Ilha de Socotorá; e recebendo agua, e refrescos, atravessou para a Costa da India, e chegou a Goa a 6 de Maio, havendo-se apartado delle nesta travessa a Náo S. Tiago, que correndo huma noite em pôpa com vento Sul, e tempo escuro, encalhou no Rio das Cabras na Ilha de Salcete de Baçaim. O terror proprio de similhantes acontecimentos fez com que muitos homens inconsideradamente se lançassem ao mar, onde se affogárão; os outros conservarão-se a bordo. D. Francisco de Menezes, Governador de Baçaim, accudio logo em pessoa com embarcações, nas quaes salvou o resto da guarnição, os cofres do dinheiro, artilheria, massame, antenas, e a maior parte do cobre do lastro.

As quatro Náos, partindo de Moçambique depois do Governador, chegárão a Goa em Setembro.

1542. — Neste anno (1) mandou ElRei á India cinco Náos, sem Chefe que as governasse: erão os seus Commandantes Henrique de Macedo, na Urca; Balthasar Jorge, no Grifo; Lopo Ferreira, em S. Salvador; Vicente Gil, na Graça; e Fernão Alvares da Cunha, no Zambuco.

Partírão de Lisboa a 18 de Abril; e arribou Fernão Alvares da Cunha, pela sua Náo não querer governar. As outras quatro seguírão viagem: Vicente Gil perdeo-se na Costa de Melinde, salvando-se toda a gente; e as tres restantes chegárão a Goa em Setembro.

Neste anno, por Alvará do 1.° de Dezembro, nomeou ElRei a D. João de Castro por *Capitão Mor da Armada de Guarda-Costa do Reino*; mas não achei

(1) Couto, Decada 5. Liv. 9. Cap. 1. — Epilogo de Pedro Barreto. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 84.

memoria do numero de navios, de que se compunha. He certo que sahio a cruzar nesse Inverno, e que no mez de Abril do anno seguinte se achava já em Lisboa (1).

Tambem neste mesmo anno o Capitão Hespanhol Francisco de Orelhana fez a descoberta do Rio, a que chamou das Amazonas, começando a descer por elle nos fins do anno antecedente, até sahir ao mar do Norte do Brasil em Agosto deste anno, em hum máo barco, que construio nas margens do mesmo Rio, para substituir outro ainda peior, em que viera de Quito. E chegando milagrosamente á Ilha Margarita, foi a Hespanha pedir ao Imperador Carlos V. a conquista dos Paizes, que tinha visitado na sua admiravel viagem. Adiante direi o funesto resultado que teve a sua segunda empresa.

1543. — A Esquadra este anno destinada para a India compunha-se de cinco Náos, e era commandada por Diogo da Silveira, embarcado em a Náo S. Thomé; e os outros Commandantes D. Roque Tello, na Santa Cruz; Fernão Alvares da Cunha, na Victoria; Simão Sodré, na Conceição; e Jacomo Tristão, Armador, no S. Filippe (2).

A 25 de Março sahio Diogo da Silveira de Lisboa, e navegou com a Esquadra reunida até á altura dos Abrolhos, onde com hum tempo se espalhárão os navios. Jacomo Tristão, abrindo agua a sua Náo, arribou para Portugal. Diogo da Silveira, D. Roque Tello,

(1) Neste mesmo Alvará de nomeação de Chefe da Esquadra se incluia huma Instrucção do que elle deveria praticar em varios casos, cheia de advertencias mui acertadas, e de principios de Direito Maritimo, que ainda hoje servem de base ás formalidades, que legalisão as Presas; ajuntando a isto hum breve Regimento de Signaes para de noite, o que parece dar a entender, que não se usavão antes dessa época.

(2) Couto, Decada 5. Liv. 9. Cap. 9. — Faria, na Asia Portugueza. — Barreto de Rezende. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 91.

e Simão Sodré tomárão Moçambique, e forão juntos a Goa em Outubro. Fernão Alvares chegou a esta Cidade depois d'elles.

Em Maio deste anno sahio de Lisboa D. João de Castro com huma Esquadra, para esperar, e comboiar as Náos de torna-viagem da India, e nesta digressão soffreo huma tormenta, e apresou hum navio Francez; cuja acção ElRei approvou por Carta de 16 de Junho; e nos principios de Agosto se recolheo a Lisboa.

A 9 deste mez o mandou ElRei comboiar a Ceuta alguns navios carregados de tropas, e munições para aquella Praça, e ao mesmo tempo o incumbio de examinar as suas fortificações, e as de Tanger, Arzilla, e Alcacer. Para cuja commissão sahio de Lisboa a 15 de Maio, d'onde, voltando a Portugal, encontrou em Dezembro sobre o Cabo de S. Vicente sete Corsarios, de que não achei mencionada a Nação, nem as circunstancias do encontro: mas he certo, que entrando no Tejo a 24, e communicando a ElRei o acontecimento por huma Carta de 16, e outra do dia da sua entrada, o Monarcha lhe respondeo de Almeirim no dia 27, approvando a sua conducta, e ordenando-lhe, que tornasse a sahir, logo que o tempo concertasse, dando-lhe grandes poderes no Militar, e Civil sobre todos os individuos da sua Esquadra por hum Alvará de 28 daquelle mez.

Sahio logo D. João de Castro, e nos principios de Fevereiro do anno seguinte se tornou a recolher, deixando a Costa limpa de Corsarios, o que ElRei lhe agradeceo por Carta de 8 deste mez. E era tão grande a estimação que fazia dos talentos deste excellente Varão, que por huma Carta Regia de 8 de Julho de 1544 o consultou sobre o systema, que cumpria seguir-se para defender as Costas do Reino, comprehendendo o numero necessario de navios, e o tempo que deverião em-

pregar nos seus cruzeiros, sem fazerem despezas inuteis; isto por ter noticia de haverem sahido dos Portos de França muitos Armadores.

1544. — A Esquadra (1), que este anno foi á India, constava de cinco Náos, commandadas por Fernão Peres de Andrade, embarcado em a Náo Esperança; e os outros Commandantes Simão Peres de Andrade, seu filho, na Burgaleza; Simão de Mello, na Graça; Jacomo Tristão, Armador, em S. Filippe; e Luis de Calataúde, em outra.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 7 de Abril, e teve má viagem. Simão Peres de Andrade arribou a Portugal, pelo máo governo do seu navio. Simão de Mello perdeo-se em Moçambique, salvando-se a gente, e parte da carga. Jacomo Tristão invernou em Zamzibar. Luis de Calataúde, passando por fóra da Ilha de S. Lourenço, foi a Cochim em Outubro. Unicamente Fernão Peres de Andrade tomou Goa em Setembro.

1545. — Movido ElRei (2) das instancias de Martim Affonso de Sousa, que pedia successor, determinou, por conselho do Infante D. Luis, mandar por Governador da India a D. João de Castro; e por Carta de 5 de Janeiro deste anno de 1545 o encarregou de aprestar a Esquadra de tudo quanto carecesse; e a 28 de Fevereiro declarou o seu despacho.

Constava esta Esquadra de seis Náos, que transportavão dois mil soldados. O Governador embarcou no S. Thomé; e os outros Commandantes D. Jeronymo de Menezes, no S. Pedro; Jorge Cabral, na Urca; D. Manoel da Silveira, no Zambuco; Simão Peres de An-

(1) Couto, Decada 5. Liv. 10. Cap. 6. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Chronica de D. João III. Parte 3. Cap. 98.

(2) Couto, Decada 6. Liv. 1. Cap. 1. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 1.

drade, na Burgaleza; e Diogo Rebello, Armador, no Santo Espirito.

Sahio o Governador de Lisboa a 24 de Março, e com boa viagem chegou a Moçambique com toda a sua Esquadra, menos a Náo de Diogo Rebello, que por se atrazar, foi invernar a Melinde, d'onde passou á India em Maio do anno seguinte.

Achou o Governador em Moçambique a Simão de Mello com a guarnição da sua Náo, que naufragára, como já disse, cuja gente se repartio pela Esquadra. D'aqui escreveo a ElRei, enviando-lhe a Planta das fortificações da Ilha, com o seu parecer sobre a construcção de huma nova Fortaleza; e lhe participou tambem a descoberta do Rio de Lourenço Marques (1).

Partindo de Moçambique, esteve a sua Náo em grande perigo sobre as Ilhas de Comoro, e ancorou em Goa a 10 de Setembro com a Esquadra.

1546. — Neste anno (2) mandou ElRei á India huma Esquadra de seis Náos, de que foi por Chefe Lourenço Pires de Tavora, embarcado em a Náo Esperança; os Commandantes das outras cinco erão D. Manoel de Lima, na Flor de la Mar; D. João Lobo, na

(1) A esta Carta respondeo ElRei na data de 8 de Março do anno seguinte de 1546, ordenando-lhe, que sem perda de tempo fizesse construir a Fortaleza, para a qual mandou huma Planta feita pelo Engenheiro Miguel da Arruda; o que parece não teve effeito, porque no anno de 1558 mandou D. Constantino de Bragança levantar huma Fortaleza nesta Ilha, e outra em Damão por hum Engenheiro, que levára de Portugal, segundo dizem as Memorias d'ElRei D. Sebastião, Tomo 1. pag. 151 e pag. 241.

Ordenou mais ElRei a D. João de Castro na mesma Carta, que fornecesse hum navio, e tudo quanto fosse necessario a Lourenço Marques, para concluir o reconhecimento começado dos Rios, e Bahia, que conservão ainda o seu nome.

(2) Couto, Decada 6. Liv. 3. Capitulos 7, e 9. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. Chronica de D. João III. Parte 4. Capitulos 14 e 15.

Gallega; João Rodrigues Paçanha, na Biscainha; Fernão Alvares da Cunha, na Victoria; e Alvaro Barradas, em Santo Espirito.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 8 de Abril, e teve ruim viagem. D. Manoel de Lima chegou a Goa a 15 de Setembro; mas os outros Commandantes, depois de perderem muito tempo no Canal de Moçambique, arribárão por fóra da Ilha de S. Lourenço, e tomárão Cochim em meado de Outubro, tendo-lhes morrido muita gente de enfermidades.

1546. — Neste mesmo anno (1), segundo dizem, se fez notavel Pedro Gallego, morador em Vianna do Minho, mancebo de vinte e tres annos, de pequena estatura, mas de fortes membros, e mui valente, insigne no jogo das armas, e em todos os exercicios do corpo, de modo que era reputado o chefe da mocidade daquella Villa. Animado de hum espirito activo, e emprehendedor, propoz aos seus numerosos amigos, que se comprasse, e armasse huma Caravela á custa de todos, e nella sahissem a cruzar contra Piratas, e Mouros, até encontrarem alguma boa fortuna, que lhes desse honra, e proveito. Abraçado este projecto, concorreo cada hum com o dinheiro que pôde haver, dando Pedro Gallego duzentos mil reis; e com o maior segredo comprou huma Caravela, em que metteo quatro peças de ferro, víveres, e munições, e huma madrugada sahio de Vianna com trinta companheiros, alêm da gente do mar.

A sua derrota era para as Ilhas dos Açores, n'aquelles tempos infestadas de Corsarios; e a poucos dias de viagem, debaixo de huma densa nevoa, achou-se proximo a hum navio de Mouros, e o abordou logo; e depois de huma furiosa peleja, o rendeo com morte de

(1) Memoria da Disposição das Armas Castelhanas, por Fr. Manoel Homem Cap. 8. — Anno Historico Tomo 1. pag. 382.

treze Mouros, e cativou vinte e quatro, custando-lhe a victoria dois mortos, e onze feridos: esta embarcação montava dezoito peças, em que entravão algumas de bronze. Arribou Pedro Gallego a Sagres com a sua presa, vendeo alli os Mouros, e a Caravela, e passou para o navio apresado, cuja equipagem augmentou com quinze mancebos voluntarios, que o quizerão accompanhar.

De Sagres partio para o Mediterraneo, e nos mares de Levante se demorou tres annos, em que deo muitos combates a Turcos, e Mouros, e fez muitas, e boas presas; e voltando rico para Portugal, entrou em Cadix a fazer agua, em occasião que estava surto naquella Bahia o Conde Pedro Navarro com huma Esquadra de Galés. Pedro Gallego, ignorando as cortezias navaes usadas naquella época, não abateo a Bandeira, nem salvou a Capitanea de Hespanha, de que sentido o Conde, mandou hum Official a reconhecer o navio. Este, chegando á falla, perguntou pelo Commandante, e vindo Pedro Gallego ao portaló, disse-lhe, que o seu General desejava saber a razão, porque entrando naquelle Porto, não abatera a Bandeira, nem salvára a Esquadra de Sua Magestade? Pedro Gallego respondeo, que o navio era Portuguez, e se empregava em destruir Piratas, e Corsarios, e que a Bandeira das Armas de Portugal só á Cruz de Christo se abatia. O Official retirou-se, dizendo que os Portuguezes estavão loucos; e dando conta ao Conde, mandou este dar hum tiro de peça sem bala, como advertindo que se lhe fizesse a continencia devida; mas Pedro Gallego em vez de obedecer, respondeo-lhe com dois tiros de bala.

Irritado o Conde desta temeridade, suspendeo ancora, e apôs elle as outras Galés, para o irem atacar, porêm Pedro Gallego, conhecendo por este movimento o seu projecto, picou a amarra, e ajudado de hum ven-

ro fresco, sahio da Bahia. As Galés Hespanholas forão-no seguindo; e adiantando-se muito a Capitanea, lhe deo Pedro Gallego huma descarga de artilheria, com que lhe cortou hum mastro, e huma bala de coxia matou alguma gente, e ferio gravemente em huma perna ao mesmo Conde, que se recolheo para Cadix.

Seguio Pedro Gallego a sua viagem para Vianna, onde foi muito festejado, porque todos o tinhão já por morto.

Queixou-se o Imperador Carlos V. a ElRei D. João III., e sendo chamado a Lisboa Pedro Gallego, escapou de outro maior castigo com huma reprehensão publica; ainda que por muitas pessoas foi estimada a sua ousadia.

1547. — Em Março deste anno (1) mandou ElRei seis Náos á India, sem nomear Chefe que as governasse. Sahírão primeiro a 23 de Março D. Francisco de Lima, no S. Filippe; Balthasar Lobo de Sousa, na Burgaleza; Francisco de Gouvea, no S. Boa Ventura; e Francisco da Cunha, no Zambuco. A 28 sahírão D. Pedro da Silva da Gama, no S. Thomé; e Messer Bernardo em outra Náo.

Estas Náos tiverão differentes successos: D. Pedro da Silva, por má navegação do seu Piloto, perdeo-se nas Ilhas de Angoxa, mas salvou-se toda a gente, que passou a Moçambique. Chegados a esta Ilha Balthasar Lobo, e Francisco de Gouvea, repartírão entre ambos aquelles naufragos; e sahindo dali para a India, ancorárão em Goa a 10 de Setembro, como fizerão a 23 do mesmo D. Francisco de Lima, e Francisco da Cunha.

(1) Couto, Decada 6. Liv. 5. Cap. 3., e Liv. 6. Cap. 7. — Pedro Barreto. — Lucena, Tomo 2. Liv. 6. Cap. 4. — Chronica de D. João III Parte 4. Capitulos 19 e 28.

Messer Bernardo chegou tarde a Socotorá, onde invernou, e em Maio do anno seguinte entrou em Goa.

Depois de expedidos estes navios, teve ElRei noticias da Victoria de Dio, que encheo de alvoroço o Reino todo, e de admiração a Europa; e logo fez trabalhar no preparativo de quatro Náos, e duas Caravelas com oitocentos Soldados, as quaes para maior commodidade dividio em duas Esquadras. Commandou a primeira Martim Correa da Silva, embarcado na Urca; e os outros Commandantes erão Christovão de Sá, da Caravela Rosario; e Antonio Pereira de outra Caravela. Por estes navios escreveo ElRei a D. João de Castro, mandando-lhe a Patente de Vice-Rei, e prorogação de mais tres annos de Governo, e fazendo-lhe mercê de dez mil cruzados para pagar as suas dividas (Tão pobre estava hum Governador da India! Que tempos!); e a seu filho D. Alvaro de Castro nomeou General do Mar daquelle Estado, com dois mil cruzados de ajuda de custo.

Sahio de Lisboa Martim Correa da Silva no 1.º de Novembro, e espalhando-se os navios no começo da viagem, se tornárão a ajuntar em Moçambique. Partírão daqui a 15 de Março do anno seguinte de 1548, e achando calmarias na Linha, se dilatárão muito. Antonio Pereira, levado pelas correntes á Ilha de Socotorá, e vendo-se já nos fins de Abril, tomou Ormuz no mez de Maio, onde invernou. Martim Correa da Silva chegou a Anchediva a 28 do mesmo mez, e ficou invernando, remettendo os doentes, e os officios para Goa. Christovão de Sá seguio melhor navegação, e entrou em Goa a 22 de Maio.

A segunda Esquadra sahio no principio de Dezembro, commandada por Francisco Barreto, embarcado em a Náo S. Salvador; e os outros Commandantes erão D. Heitor Aranha, no S. Diniz; e Pedro de Mesquita, na

Santa Catharina. Esta Esquadra invernou em Moçambique, por haver chegado tarde; e em Agosto do anno seguinte entrou em Goa.

1548. — A pesar dos reforços (1) mandados á India no anno antecedente, determinou ElRei enviar neste outro armamento, que constava de onze Náos, com mil soldados, divididos em tres Esquadras; a primeira de seis, e as outras de tres cada huma.

Commandava a primeira Esquadra, que sahio nos principios de Março, Manoel de Mendonça, embarcado em a Náo Trindade; os outros Commandantes erão Jorge de Mendonça, na Santa Catharina; Alvaro de Mendonça, na Ajuda; Manoel Rodrigues Coutinho, em Santa Maria a Nova; e Sebastião de Ataide, no S. Sebastião.

Da segunda Esquadra era Commandante João Henrique, na Esperança; e os outros Commandantes Aires Moniz Barreto, na Gallega; e Antonio da Azambuja, na Flor de la Mar.

Governava a terceira Esquadra João de Mendonça, no S. Pedro; e os dois outros Commandantes erão Fernão Alvares da Cunha, na Victoria; e Rodrigo Rebello, no Santo Espirito. Estas duas ultimas Esquadras sahírão de Lisboa até 20 de Março.

Todos estes navios tomárão Goa em Setembro com feliz viagem, á excepção da Náo Gallega, que na travessa de Moçambique para a India abrio tanta agua, que não a podendo vencer, tratavão já de deitar a lancha fóra para se salvarem nella os que coubessem; mas parando subitamente a agua, seguio sua viagem, e chegou a Goa no fim de Outubro.

(1) Faria, na Asia Portugueza. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 30. — Couto, Decada 6. Liv. 7. Cap. 2. — Barreto de Rezende.

1549. — Constava de cinco Náos (1) a Esquadra, que a 20 de Março deste anno partio para a India, commandada por D. Alvaro de Noronha, embarcado no São Boa Ventura; e os outros Commandantes Diogo Botelho Pereira, no S. Bento (estas duas Náos erão da Coroa, e levavão oitocentos e cincoenta soldados, as outras pertencião a Armadores); Jacomo Tristão, no São Filippe; João Figueira de Barros, na Burgaleza (ou Salvado): e Diogo de Mendonça, no Zambuco.

Desta Esquadra perdeo-se João Figueira nas Ilhas do Comoro: Diogo Botelho Pereira tomou Cochim no mez de Outubro; e as outras Náos chegárão a Goa em Setembro.

1549. — Conhecendo ElRei por experiencia (2), que o systema estabelecido para colonisar o Brasil carecia de reforma, pelas mudanças accontecidas no estado politico do Paiz, achando se fundadas varias Colonias, mais ou menos prosperas, em S. Vicente (Santos), Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheos, e Pernambuco, alêm de outras, determinou crear naquelle Continente hum Governo central, de que dependessem todos os Donatarios, que por si, ou seus Procuradores região as suas particulares Capitanias.

Para obter este importantissimo fim, revogou ElRei as authoridades Criminal, e Civil de que gozavão, e ás vezes abusavão os Donatarios, e as reunio todas na pessoa do Governador Geral, com amplos Regimentos, e Instrucções para a direcção, e manejo dos negocios publicos. Cumpria tambem escolher-se o ponto mais vantajoso para formar a nova Capital, e julgou-se com

(1) Couto, Decada 6. Liv. 8. Cap. 1. — Faria, na Asia Portugueza. — Barreto de Rezende. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 44.

(2) Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 42. — Noticias do Brasil pag. 40. — Rocha Pita, Historia da America Liv. 2.

razão dever-se dar a preferencia á Bahia de Todos os Santos, em que Francisco Pereira Coutinho, primeiro Donatario daquella Capitania, tinha muito antes organizado huma Colonia dentro da Ponta do Padrão (nome que se dava á Ponta de Santo Antonio), a que se chamou depois a Villa Velha, onde sustentou crueis guerras com os Tupinambas, e por fim acabou tragicamente, sendo por elles devorado.

Escolheo ElRei a Thomé de Sousa, Fidalgo de grandes talentos, para occupar o cargo de Governador Geral do Brasil, e lhe deo huma pequena Esquadra composta de tres Náos, duas Caravelas, e hum Bergantim, com trezentos e vinte soldados, e muitos Artifices de todas as classes. Embarcou o Governador em a Náo Conceição; e os outros Commandantes Antonio Cardoso de Barros, no Salvador; Duarte de Lemos, na Ajuda; Francisco da Silva, e Pedro de Goes, nas Caravelas; e hum Piloto no Bergantim. Nomeou ElRei para Ouvidor Geral Pedro Borges; para Chefe da Marinha Pedro de Goes, e Vedor da Fazenda Antonio Cardoso de Barros, com outros Officiaes Civís necessarios para o bom regimen da Cidade.

Partio o Governador Geral de Lisboa no 1.° de Fevereiro de 1549, e com prospera viagem chegou a 28 de Março á Bahia, onde já havião noticias da sua ida por outras duas Caravelas, que ElRei mandára adiante. Foi recebido com alvoroço dos poucos Portuguezes, que ali existião; por quanto, ainda que vivião em paz com os Indios, receavão muito as consequencias da inconstancia no seu caracter.

Ao terceiro dia desembarcou o Governador com toda a gente armada, e em ordem, cuja vista imprimio terror nos Indios, que sem arcos se ajuntárão em multidão para verem o desembarque. O Governador, depois que examinou o local da Villa Velha, em que

o seu Regimento lhe ordenava edificasse a Cidade, conheceo quão differente juizo faz das coizas a vista propria, que as informações alheias; e que era necessario edificalla em outro sitio, por não ser aquelle accommodado para preencher as intenções d'ElRei, como o tinhão informado em Portugal. Para não tomar sobre si a responsabilidade desta contravenção de ordens, pôz o negocio em conselho, e a todos pareceo, que a Cidade se deveria construir meia legoa ao Norte d'aquella Povoação, em hum lugar que todos houverão por conveniente para defensa propria, e offensa dos inimigos, ou estes viessem por mar, ou por terra. Com esta determinação se pozerão logo as mãos á obra com tanto ardor, que no ultimo dia de Abril estava construido hum Forte de madeira, e terra, guarnecido de artilheria, e a Cidade quasi toda cercada em roda de paliçadas, e levantadas as officinas necessarias. Tal foi o principio da Cidade de S. Salvador, nome que por ordem d'ElRei se lhe deo.

1549. — Neste anno (1), depois de muitos Conselhos, determinou ElRei diminuir o numero das Praças, que os Portuguezes occupavão na Costa da Barberia, tanto a fim de economisar despezas, como porque algumas dellas já não preenchião os objectos para que forão adquiridas; e erão hoje mais difficeis de conservar, por haver o Xarife Muley Hamet, Principe guerreiro, conquistado proximamente o Reino de Fez, creando assim huma Potencia formidavel, que ameaçava invadir todos os Estados circumvisinhos.

Para obstar aos seus projectos contra a Fortaleza de Alcacer, de que era Governador Alvaro de Carvalho, a qual, por pouco fortificada, se achava mais ex-

(1) Chronica d'ElRei D. João III. Parte 4. Capitulos 34, 39, 41, e 44.

posta, se lhe accrescentou hum Forte de madeira, e terra construido sobre hum monte que a dominava, obra que ElRei encarregou a D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, com grandes poderes, a quem enviou hum reforço de quatro mil soldados, parte Portuguezes, e parte Hespanhoes, alistados na Andaluzia, com mil e trezentos Artifices, e trabalhadores, e muitos navios de guerra, e de transporte, que sahírão de Lisboa em Abril de 1549. E após elle partio D. Pedro Mascarenhas com tres navios de guerra, sendo Commandantes de dois Thomé de Sousa, e Manoel Jaques; e com elle forão embarcados seu sobrinho D. João Mascarenhas (que com tanta gloria defendeo a Praça de Dio), e os Engenheiros Manoel da Arruda, e Diogo Telles. Levava D. Pedro Mascarenhas ordem para examinar de novo o estado das Praças de Africa, sem exceptuar Alcacer, porque ElRei não queria resolver-se a final, sem pleno conhecimento de causa, sendo mui natural, que houvesse divergencia de opiniões sobre a escolha das Fortalezas, que seria conveniente conservar.

Por ultimo decidio-se abandonar Arzilla, pela ruindade do seu Porto, e em consequencia mandou ElRei a Luis do Loureiro, Official de grande merecimento, com huma Náo, e vinte e cinco navios de guerra, e de transporte, com ordem de reunir ao seu commando a Esquadra, que cruzava no Estreito de Gibraltar commandada por Luis Coutinho, constando de seis Caravelas bem armadas, cujos Commandantes erão Antonio Pessoa, Rui Gonsalves, Francisco Lopes, Jorge Gomes, e Francisco de Madureira; e que afretando mais embarcações até completar o numero de sessenta, passasse a Arzilla, e recolhesse todos os Militares, e moradores (que devião ir estabelecer-se em Tanger), munições, artilheria, e mantimentos; e arruinasse com minas a

Castello, e muralhas da Villa, e derribasse as Igrejas. Esta resolução communicou ElRei ao Imperador Carlos V., como costumava praticar em todos os negocios de Africa.

No mez de Junho partio Luis do Loureiro a executar esta delicada commissão; mas chegando logo noticia a ElRei de que Dragut intentava passar o Estreito com huma numerosa Armada de Galés, mandou apressadas Ordens a D. Pedro Mascarenhas, para que reunindo em huma só Esquadra todos os navios de guerra do seu particular commando aos de Luis do Loureiro (suspendendo-se entre tanto a evacuação de Arzilla), se dirigisse ao Porto de Santa Maria, e ajuntando-se com D. Bernardino de Mendonça, General das Galés do Imperador, buscassem ambos o Almirante Othomano, e lhe dessem batalha. Ao mesmo tempo enviou-lhe huma Náo grande, e bem guarnecida, advertindo-o, que se carecesse de maiores forças, o avisasse, porque em breve o reforçaria com outras embarcações. Achando-se porêm falsa a noticia da Armada Turca, proseguio-se o negocio de Arzilla.

1549. — A 11 de Maio (1) deste anno (outros dizem que em 1544) sahio de S. Lucar o Capitão Francisco de Orelhassa com tres navios, e quinhentos homens, para emprehender a conquista do Rio das Amazonas. Tocou nas Ilhas Canarias, e nas de Cabo Verde, onde os seus soldados contrahírão molestias, que diminuírão o seu numero, e chegado ao Amazonas, e intentando subir por elle, perdeo gente, e navios; e por fim acabou de trabalhos, e desgostos, e os que escapárão se recolhêrão á Margarita.

Depois deste acontecimento, vagando pela Costa de Pernambuco Luiz de Mello da Silva, Fidalgo de

(1) Annaes Historicos do Maranhão Liv. 1.

espirito ousado, e aventureiro, em hum navio armado á sua custa, com o projecto de fazer descubrimentos, foi levado dos ventos, e correntes á Margarita, onde as noticias, que alguns soldados de Orelhana lhe derão do Rio das Amazonas, o persuadírão a vir a Portugal pedir licença a ElRei para fazer aquelle reconhecimento, e conquista; e obtendo a Capitania, de que João de Barros fizera desistencia, sahio de Lisboa com tres navios redondos, e duas Caravelas, e foi-se perder nos mesmos baixos, em que naufragára a expedição enviada por aquelle grande Historiador, escapando das cinco embarcações huma só Caravela, onde elle se recolheo a nado, e nella voltou para o Reino.

1550. — Tendo ElRei noticia (1) pelas Náos de torna-viagem do fallecimento do Vice-Rei D. João de Castro, e de que ficava inteiramente governando Garcia de Sá, Fidalgo de muita idade, nomeou logo para Vice-Rei a D. Affonso de Noronha, filho segundo do Marquez de Villa Real, a quem deo hum longo Regimento com varias providencias, para se evitarem abusos, que o tempo havia introduzido no manejo dos negocios publicos.

Constava a Esquadra de cinco Náos com dois mil soldados, entre os quaes se embarcárão D. Fernando de Menezes, sobrinho do Vice-Rei; os dois irmãos D. Garcia, e D. Luis Tello de Menezes; Gonsalo Pereira Marramaque; D. Filippe de Castro; Gaspar de Mello de Sampaio; D. Martinho Rolim; D. Francisco Mascarenhas; D. Rodrigo Lobo, que falleceo na viagem; D. Manoel Mascarenhas; Jeronymo Barreto Rolim; D. Francisco da Costa; D. Antonio Pereira; Filippe Carneiro, D. Braz de Almeida; Pedro da Silva de Me-

(1) Couto, Decada 6. Liv. 9. Capitulos 1. e 4. — Faria, na Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Chronica de D. João III. Parte 4. Capitulos 69 até 75.

nezes, D. Affonso de Moraes, Francisco Lopes de Sousa; D. Braz da Silva; Luis de Sousa, e outros Fidalgos, e Cavalleiros; assim como para Vedor da Fazenda da India, João da Fonceca; e para Secretario Simão Ferreira.

Embarcou o Vice-Rei no Galeão S. João; e os outros Commandantes D. Alvaro de Ataide da Gama, no S. Pedro; D. Jorge de Menezes, na Santa Cruz; D. Diogo de Noronha, na Flor de la Mar; e Lopo de Sousa, no Galeão Biscainho.

No fim de Março se fez a Esquadra á véla, e indo o Galeão S. João só com o traquete, começou a deitar-se tanto á banda, que foi obrigado a dar fundo. Convocou-se huma vistoria de Mestres, e Pilotos, á qual assistírão o Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda, o Vice-Rei, e o Provedor dos Armazens Fernão Peres de Andrade. Concordou-se em que o defeito procedia de ter o navio pouco lastro, e muita carga nos altos. Em consequencia, tirou-se-lhe parte da carregação da coberta; e ElRei ordenou ao Vice-Rei, que se até á Ilha da Madeira se conhecesse que o Galeão corria algum risco, se passasse para a Náo S. Pedro, e o Commandante desta ficasse com o Galeão naquella Ilha, para o reparar, e seguir depois viagem.

Arranjado assim este negocio, começou a ventar do mar, e só a 15 de Abril se pôde mover a Esquadra; mas antes de sahir a barra, tornou o vento ao mar, e o Vice-Rei veio surgir na Enseada de Santa Catharina. Nesta breve digressão se conheceo, que o Galeão estava incapaz de seguir viagem, sem se descarregar, e alastrar de novo; por cujo motivo passou o Vice-Rei para o S. Pedro, e elle ficou em Lisboa para se lhe fazer a obra necessaria. O vento mareiro durou até 3 de Maio, que a Esquadra pôde sahir, e o Galeão sahio a 27 do mesmo.

Como era muito duvidoso, que a Esquadra passasse este anno á India, mandou ElRei dois avisos ao Governador daquelle Estado, hum por mar, que levou Fernão Peres de Andrade, filho do outro do mesmo nome, em hum navio com setenta soldados de guarnição, e outro por terra, de que se encarregou Luis Garcez.

As Náos de D. Jorge de Menezes, e de Lopo de Sousa arribárão a Lisboa. O Vice-Rei, navegando só, passou por fóra da Ilha de S. Lourenço, e com bastante trabalho, e doenças, de que morrêrão algumas pessoas, foi buscar a Costa da India em Outubro; e dando-lhe os levantes, não pôde dobrar o Cabo Comorim, e já no fim do mez vio terra a sotavento, que o seu Piloto affirmou ser a Costa da India; porêm João Rebello de Lima, Piloto de grande reputação, que hia de passageiro, disse que era Columbo, na Ilha de Ceilão. Durou a porfia entre elles por largo espaço, sendo que Columbo está hum grão ao Sul do Cabo Comorim, e entretanto chegou huma embarcação de terra, que declarou ser aquelle o Porto de Columbo, de que tomou tanta paixão o Piloto da Náo, que se recolheo no camarote, e acabou em tres dias. Deteve-se o Vice-Rei pouco tempo neste Porto, e d'elle passou a Cochim em Novembro.

A mesma viagem do Vice-Rei seguio D. Alvaro de Ataide no Galeão S. Julião, que era mui veleiro, com a differença, que não podendo tomar Ceilão, foi a Pegú refazer-se de agua, e mantimentos, e pondo-se em derrota para a Costa da India, tomou a Ponta de Gale, onde passou ancorado todo o mez de Novembro, curando em terra os doentes, e partindo daqui para Cochim, ancorou nelle a 13 de Dezembro.

D. Diogo de Noronha invernou em Moçambique, e sahindo em Março do anno seguinte para Goa, achou

muitas calmarias, em que gastou até ao ultimo d'Abril; e vindo em Maio buscar a Costa da India, o Piloto foi encalhar a Náo no Rio de Mazagão, quarenta legoas de Goa. D. Diogo desembarcou em terra com toda a gente, e se fortificou em hum morro sobranceiro ao mar, levantando trincheiras de pipas, e madeira, guarnecidas da artilheria, que tirou da Náo, e ali recolheo as munições, e cofre do dinheiro, com muitos generos que salvou, e mandou avisos ao Vice-Rei, e ao Governador de Chaul, para que lhe enviassem navios em que se retirasse, por se achar cercado de cinco mil Mouros das Comarcas visinhas. De Chaul partírão logo doze embarcações bem armadas, com a chegada das quaes desapparecêrão os Mouros, e o Vice-Rei mandou quatro navios, commandados por João Peixoto, e por terra Gaspar Pires de Matos com muita gente, e gado para trazer o fato, escrevendo a D. Diogo de Noronha, que viesse por mar, o que elle fez, embarcando-se com algumas pessoas a bordo dos navios de João Peixoto; e formando do resto da sua guarnição hum corpo de quatrocentos homens, o entregou a Gaspar Pires, que o conduzio seguramente a Goa.

1550. — Depois da sahida da Esquadra (1) da India, mandou ElRei a Jeronymo Ferreira, e Francisco Machado por Commandantes de duas boas Caravelas, que levavão cem soldados, para andarem de guarda-Costa de Cabo Verde para Guiné.

Para o Algarve partio D. Pedro da Cunha com huma Esquadra de cinco Caravelas, e quatro Bergantins, guarnecida de quatrocentos soldados; os Commandantes das outras Caravelas erão Filippe Rodrigues, Fernão Lopes, João Lobo, e Balthasar Rebello.

Apôs esta Esquadra sahírão a 3 de Junho duas

(1) Chronica de D. João III.

Caravelas commandadas por Simão Rodrigues, e Ruy Fernandes, com instrucções para se reunirem na Ilha Terceira a outras tres Caravelas, que estava armando Pedro Annes de Castro, e a hum Galeão que ali se reparava; e o commando desta Esquadra deo ElRei a João da Silva do Couto, filho daquelle Pedro Annes, tendo de guarnição nos seis navios mais de quinhentos soldados. O seu destino era cruzar sobre os Açores até chegarem as Náos de torna-viagem da India, para as escoltar a Lisboa, como se fazia todos os annos.

Lisuarte Peres de Andrade foi nomeado para commandar a Esquadra, que devia guardar a Costa de Portugal, e constava de hum Galeão, tres Caravelas, e duas Zabras, as primeiras que os Portuguezes construírão, as quaes por terem remos, e serem mais alterosas do que as Galés, soffrião melhor o mar, e podião chegar-se a terra com calmaria; porque os Corsarios muitas vezes se acolhião á sombra da terra, onde os navios redondos não ousavão arriscar-se. Esta Esquadra levou quatrocentos soldados, entre elles muitos homens nobres. Quasi todo o Verão gastou Lisuarte Peres em alimpar a Costa de Corsarios, de que tomou alguns, em que achou generos conhecidos, por serem de propriedade Portugueza.

1550. — Achando-se em Lisboa o Soberano de Belez (1), e querendo retirar-se, mandou ElRei tres navios bem armados para o transportar, cujo commando deo a Ignacio Nunes Gato, o qual se devia reforçar no caminho com duas Caravelas, que cruzavão no Estreito de Gibraltar.

Chegada esta pequena Esquadra ao Porto de Belez, e salvando com toda a artilheria no desembarque do Rei, acconteceo achar-se nas Lagunas, perto de Belez,

(1) Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 66.

o Rei de Argel Arde-Arrais acabando de espalmar vinte e quatro Galés, e ouvindo o ruido da salva, se embarcou a toda a pressa; e chegando a Belez, vio a Esquadra Portugueza ancorada. Ignacio Nunes, que não podia fazer-se á véla por estar calmaria podre, metteo á espia, e reboque os seus navios em linha o melhor que lhe foi possivel; e como as Galés tinhão a vantagem do remo, que lhes facilitava tomarem todas as posições, cercárão os cinco navios, e os atacárão por todas as partes ao mesmo tempo. Era impossivel resistir a forças tão superiores, mas os Portuguezes oppozerão huma resistencia tão obstinada, que a victoria custou muito sangue aos inimigos. Por ultimo forão os cinco navios tomados, e conduzidos a Argel, onde ElRei mandou depois resgatar todos os cativos.

1551. — A Esquadra da India (1) foi este anno de oito Náos, commandada por Diogo Lopes de Sousa, embarcado em a Náo Esperança; e os outros Commandantes Lopo de Sousa, no Galeão S. Jeronymo; Jacomo de Mello, no Rosario; Francisco Lopes de Sousa, na Algarvia; Messer Bernardo, na Santa Cruz; D. Diogo de Almeida, no Espadarte; Aires Moniz Barreto, na Serveira; e D. Jorge de Menezes, na Barrileira.

Sahio a Esquadra a 10 de Março. D. Jorge de Menezes arribou a Portugal. D. Diogo de Almeida, indo por fóra da Ilha de S. Lourenço, chegou a Cochim a 20 de Outubro. Aires Moniz foi ter a Ormuz; os outros cinco Commandantes entrárão juntos em Goa a 10 de Setembro.

1552. — A 24 de Março partio de Lisboa (2) para a India huma Esquadra de seis Náos, commandada por

(1) Faria, Asia Portugueza. — Couto, Decada 6. Liv. 9. Cap. 16. — Pedro Barreto. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 88.

(2) Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Couto, Decada 6. Liv. 10. Cap. 6. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 94.

Fernão Soares de Albergaria, embarcado em a Náo São Boa Ventura; e os outros Commandantes Francisco da Cunha, no S. Pedro; Braz da Silva, no S. Filippe; D. Jorge de Menezes (que arribára o anno passado), na Barrileira; Antonio de Figueiredo, no S. Tiago; e Antonio Moniz Barreto, no Zambuco.

Esta Esquadra, como quasi todas as outras, navegou espalhada. O Chefe Francisco da Cunha, e Braz da Silva entrárão em Goa a 8 de Setembro. D. Jorge de Menezes, e Antonio de Figueiredo invernárão em Moçambique, por chegarem tarde. Antonio Moniz Barreto foi encalhar no Rio de Seitapor, a trinta legoas de Goa, onde se salvou toda a gente, e a maior parte da carga.

1552. — A 3 de Fevereiro deste anno de 1552 (1) sahírão de Cochim para Portugal seis Náos, de que chegárão quatro a salvamento. As outras duas erão o S. Jeronymo, Commandante Lopo de Sousa, que nunca mais appareceo, e o Galeão S. João, que commandava Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo que havia feito grandes serviços na India, e levava comsigo a sua mulher D. Leonor de Sá, com dois filhos de peito. Esta Náo, cuja carga excedia o valor de hum milhão, vinha mui mal fabricada, com huma unica andaina de panno (coisa incrivel!), e essa em tal estado, que de contínuo se arriavão as vélas para se remendarem, e cozerem, perdendo assim as occasiões de aproveitar os bons ventos, que teve para adiantar caminho, e dobrar o Cabo de Boa Esperança em monção favoravel.

Tendo visto a Costa de Africa, seguírão ao longo della prumando com tempo bonançoso até ao Cabo das Agulhas, e a 12 de Abril estavão vinte e cinco legoas

(1) Couto, Decada 6. Liv. 9. Capitulos 21, e 22. — Historia Tragico-Maritima tomo 1.

ao mar d'ella N. E., S. O.; e no dia seguinte ao anoitecer passou o vento a O., e O. N. O. com cerração, e fuzís, dando signaes de Inverno; por cuja causa arribárão, e corrêrão cento e trinta legoas, onde o vento saltou ao N. E. com tanta furia, que os forçou a voltar para o Sul. O mar, combatido então de dois ventos oppostos, cresceo tanto, que o Galeão, a pesar de ser o maior navio da carreira da India, quando se achava entre duas vagas cruzadas, mettia agua por ambos os bordos. Tres dias corrêrão assim com as bombas na mão, e no fim do quarto dia acalmou o vento, ficando o mar mui grosso, e banzeiro, com que o Galeão jogou tanto de popa a proa, e de bombordo a estibordo, que se lhe partírão tres machos do leme, dois dos quaes erão os da cabeça.

Neste momento saltou o vento a Leste mui rijo, e querendo arribar em pôpa, não deo o Galeão pelo leme, antes veio todo de ló, e huma rajada levou pelos ares a véla grande: correndo os Officiaes a carregar o traquete, pelo não perderem, ficou o Galeão atravessado (1) sem seguimento, e recebeo tres mares tão fortes, que com os balanços que deo, lhe rebentárão os ovens, e costaneiras do mastro grande da banda de bombordo, ficando-lhe só tres ovens. Cortou-se o mastro, por evitar as avarias que poderia causar a sua quéda; e depois com huma antenna, e huma verga armárão huma guindola, em que largárão huma véla feita de pedaços de lona velha; e por fim conseguírão arribar, posto que o Galeão não governava pelo máo estado do

(1) Deve-se ter presente, que os navios Portuguezes ainda não tinhão mais panno, que mezena, gavias, papafigos, e cevadeira; e que os castellos de popa e proa erão excessivamente altos, bem como as obras mortas; o que tornava os navios mui ventosos, e expostos aos golpes do mar, e de máo governo com vento forte, e mar cavado. Prova, de que a Construcção não tinha feito progressos.

leme. Deste modo corrêrão com o tempo; mas tornando o vento a crescer, lhe destruio a guindola, e levou o velacho; e atravessando-se o Galeão, deitou o leme fóra, ficando-lhe os machos mettidos nas femeas; desarvorou do gorupés, e começou a fazer agua.

Neste estado critico, julgando-se os Navegantes a vinte legoas de terra, trabalhárão com actividade em armar outra guindola, aproveitando hum intervallo de bonança, e em fazer outro leme, em que gastárão dez dias, porêm o Galeão não pôde governar com elle, por sahir curto, e sem porta sufficiente; e ficou por tanto o navio anhoto, e á mercê das ondas.

Finalmente a 8 de Junho houverão vista da Costa: Manoel de Sousa de Sepulveda chamou a conselho os Officiaes, e resolveo-se por voto unanime encalhar no lugar mais azado para salvar as vidas. Mandou-se em consequencia hum escaler a examinar a terra, e entretanto o Galeão hia rolando para ella com quinze palmos de agua no purão. Estando a menos de meia legoa da Costa, voltou o escaler, e disse, que defronte da paragem onde estavão, havia huma boa praia, e tudo o mais era penedia. Assim forão governando com a guindola até acharem sete braças, em que derão fundo, e arriando a amarra, largárão outra ancora a tiro de mosquete da praia, tendo o vento abonançado. Deitou-se a lancha fóra, e assentou-se em conselho, que se fortificassem ali, e das madeiras, e mais coisas do Galeão construissem hum Caravelão, em que podessem ir para Moçambique, ou Sofala, ou mandarem pedir auxilio a qualquer d'aquellas Praças.

Feito este accordo, e reunidos na tolda, e tombadilho os mantimentos, armas, polvora, e roupas que se podérão tirar das cobertas, embarcou-se primeiro na lancha Manoel de Sousa com sua mulher, e filhos, e trinta pessoas das principaes, ficando a bordo o Mestre

Christovão Fernandes, o Piloto André Vaz, o Contra-Mestre Duarte Fernandes, e o Guardião. Desembarcados em terra os primeiros, voltou a lancha, e o escaler a buscar mais gente, e fizerão tres, ou quatro caminhos, em hum dos quaes se virou o escaler, afogando-se algumas pessoas. Durou esta faina tres dias, que parecia tempo sufficiente para salvar toda a guarnição, e munições necessarias; mas não acconteceo assim, porque passados estes dias, crescendo o vento, faltou a amarra do mar; e o Mestre, e o Piloto se embarcárão na lancha, a qual chegou a terra espedaçada, ficando ainda a bordo do Galeão duzentos Portuguezes, e trezentos escravos. O Galeão continuou a cahir sobre a outra ancora até tocar, e logo se partio ao meio, e em breve tempo abrio todo, e se desfez, cobrindo-se o mar de fardos, caixotes, e madeira; e nesta occasião se afogárão quarenta Portuguezes, e setenta escravos.

Manoel de Sousa de Sepulveda convocou os Officiaes, e pessoas principaes para deliberarem sobre o que convinha fazer, pois que o navio se havia inteiramente desfeito (tão podre estava!), e não era possivel construir das suas reliquias embarcação alguma, nem tão pouco tinhão lancha. Convierão todos, que se devia marchar por terra a buscar a Bahia de Lourenço Marques (1), a que vinha todos os annos hum navio de

(1) Nas terras do Inhaia (ou Unhaia) faz o mar huma Bahia de perto de vinte legoas de fundo, e em partes com pouco menos de largo, na qual desembocão quatro grandes Rios, pelos quaes sobe a maré mais de dez legoas. O primeiro do Sul chama-se Melengana, ou Zembe, e divide o territorio de hum Regulo deste nome, das terras do Inhaca. O segundo Rio chama-se Anzete, ou de Lourenço Marques, que primeiro o reconheceo, e nelle estabeleceo o trafico do marfim; chamando-se antes Rio do Espirito Santo. O terceiro chama-se do Fumo, por atravessar as terras deste Regulo. O quarto, que he o mais do Norte, chama-se do Manhiça, ao longo do qual foi a derrota de Manoel de Sousa de Sepulveda, e a morte de D. Leonor de Sá.

Moçambique a negociar marfim; e que como os feridos, e doentes erão bastantes, se dilatassem naquella praia até se restabelecerem. O Piloto, observando o Sol, achou que estavão em 31° de latitude Sul. Passados tres dias, apparecêrão de longe alguns Cafres, que não quizerão chegar á falla; e mandando Manoel de Sousa de Sepulveda dois homens a reconhecer o Paiz, andárão dois dias sem acharem mais do que algumas cabanas abandonadas.

Tornárão depois disto sete Cafres com huma vacca, os quaes estando já em preço para a vender, surdírão outros de hum monte, que os fizerão retirar; o que se consentio, pelos não escandalizar. Dez dias se demorárão os Portuguezes neste lugar, e convalescidos os enfermos, pozerão-se em marcha ao longo da praia, por lhes parecer acharião melhor caminho.

Hião na vanguarda o Mestre, o Piloto, e todos os marinheiros, levando huma bandeira, e hum Crucifixo arvorado. Seguia-se o Commandante Manoel de Sousa com sua mulher, e filhos, oitenta Portuguezes, e cem escravos. Cobria a retaguarda Pantaleão de Sá com o resto dos Portuguezes, e escravos, em numero de quasi duzentas pessoas (1).

Na boca desta Bahia, que em muitas partes tem 14, e 15 braças de fundo, está huma Ilha de tres legoas de circumferencia proxima á ponta do Sul, a que se deo o nome de Ilha do Inhaca, e outros lhe chamão dos Portuguezes, pelos muitos que ali fallecêrão, escapados do naufragio da Náo S. Thomé no anno de 1589. Está a Ilha em 25° 40', e a ella he que vinha aportar o Pangaio de Moçambique. O mar separou huma porção desta Ilha, e formou huma Ilhota; porém na baixa mar passa-se de huma á outra com agua pelo joelho.

(1) Este Galeão trazia coiza de duzentos Portuguezes, inclusos os passageiros, e mais de trezentos escravos de hum e outro sexo; e o mesmo acontecia em todas as Náos da India na torna-viagem para Portugal. As pinturas que fazem os Escritores estrangeiros das *Carracas Portuguezas* (nome que davão ás Náos da carreira da India), atulhadas de canhões, e de soldados, são miseraveis patranhas inventadas a

A 7 de Julho começárão os naufragados a caminhar, indo D. Leonor em humas andas aos hombros de Cafres; e em todo este mez não houve outro mantimento, senão arroz, e algumas frutas do mato, e por ser grande a fraqueza em todos, ficavão pelos caminhos muitas pessoas, que já não podião andar, entre ellas hum filho natural de Manoel de Sousa, de idade de doze annos, que vinha ás costas de hum Cafre: ambos cahírão de fraqueza, e ainda que o triste pai offerecia quinhentos cruzados a quem lhe fosse buscar o filho, ninguem ousou fazello, com receio dos tigres, que rondavão por aquelles màtos. Ali ficou tambem Antonio de Sampaio, sobrinho do Governador, que foi da India, Lopo Vaz de Sampaio; e cada dia ficavão dois, e tres homens, que logo erão pasto dos animaes ferozes. Em todo o lapso de tempo referido caminhárão cem legoas, ganhando apenas trinta na direcção da Costa para o Norte, por serem obrigados a rodear montanhas inaccessiveis, e rios caudalosos, que não podião vadear. Não faltárão tambem assaltos dos Cafres naturaes do Paiz, e posto que sempre rechaçados, morreo em hum delles Diogo Mendes Dourado, hum dos mais valentes dos naufragados.

As praias lhes forneciáo ás vezes alguns peixes, ou mariscos, mas não achavão agua, o que induzia alguns homens ávidos, d'aquelles que especulão sobre as maiores desgraças a aventurarem as vidas, mettendo-se ao

fim de realçarem as custosas victorias, que algumas vezes d'ellas obtiverão. O que ha de certo nesta materia, he voltarem estas Náos da India tão abarrotadas de fardos, e caixotes, que totalmente empachavão as poucas peças de artilheria, que montavão; e o numero de Portuguezes capazes de combaterem, era sempre mui diminuto, assim como era grande a quantidade de escravos boçaes, que trazião para Commercio. Nestas Memorias se acharáõ exemplos sufficientes para convencer os mais incredulos.

mato, d'onde trazião pequenas porções d'ella, que vendião a dez cruzados o quartilho, e Manoel de Sousa de Sepulveda assim a comprava, para a repartir igualmente aos seus companheiros de infortunio, sem exceptuar a sua mulher, e os dois filhinhos; e ainda folgava muito de haver quem se empregasse neste trafico.

Depois de dois mezes e meio de tão desastrosa jornada, resolveo-se deixar o caminho da praia, e atravessar o sertão, onde a fome foi extrema, e houverão individuos que torrárão ossos, e reduzidos a pó, fizerão d'elles papas para alimentar-se.

Finalmente chegárão com tres mezes de marcha ao territorio de hum Potentado chamado Inhaca, proximo á Bahia de Lourenço Marques, o qual era amigo dos Portuguezes. Este foi buscar os naufragados para a sua Povoação, e deo a Manoel de Sousa de Sepulveda o prudente conselho de ficar ali até chegar o navio de Moçambique, que vinha todos os annos a comprar marfim a troco de roupas, e de outros generos, advertindo-o, que alêm das suas terras se seguião as do Regulo Fumó (nome commum a muitos Chefes de pequenos districtos) homem de máo caracter, e que de certo serião por elle os Portuguezes roubados, e maltratados. Sepulveda, atacado já da loucura que pouco depois se declarou, regeitou os conselhos do Inhaca, determinado a rodear a Bahia de Lourenço Marques, para atravessar mais acima os grandes Rios, que ali vem desaguar; projecto insensato no estado miseravel em que se achavão os seus. Entretanto, por satisfazer ao Inhaca, que lhe pedia auxilio contra hum visinho revoltado, mandou Pantaleão de Sá com vinte Portuguezes, que reunidos a alguns Cafres do Paiz, queimárão, e saqueárão a Aldea d'aquelle Negro, recolhendo-se com algum gado.

Esta expedição durou cinco dias, e proseguindo Manoel de Sousa a sua marcha, alcançou ainda com

dia a margem do Rio Zembe, hum dos quatro que entrão na Bahia de Lourenço Marques, o qual passárão nas Almadias que o Inhaca lhes forneceo: e continuando a jornada por espaço de cinco dias, em que andárão vinte legoas, chegárão ao Rio de Anzete já de noite, e se alojárão em hum areal sem agua, a qual Sepulveda mandou buscar mui longe, pagando a cem cruzados cada vasilha de quatro canadas. Pela manhã vierão da margem opposta tres Almadias, cujos Negros disserão, que poucos dias antes tinha d'ali partido o navio de Moçambique. Nestas Almadias passárão os naufragados á outra banda; e aqui descobrio Manoel de Sousa os primeiros symptomas da mania, que não o deixou mais, e pôz em contingencia aquella passagem, porque no meio do Rio quiz matar os Negros da sua Almadia: felizmente o socegou D. Leonor.

Chegados á margem do Norte, já reduzidos a cento e vinte pessoas, tomárão alguns Cafres por guias para os conduzirem ao barbaro Fumo. No transito para a Aldea deste Selvagem, hia D. Leonor a pé, e descalça, levando humas vezes ao collo os seus dois filhinhos, outras vezes dando-os a algumas escravas, que ainda lhe restavão; mas sempre com tal constancia, que sendo ella pela sua delicadeza, e habitos de vida a que mais soffria, era com tudo a que consolava, e animava a todos; tendo de mais que elles o desgosto, e compaixão que lhe causava o lastimoso estado de seu marido.

A pouca distancia da Aldea, que servia de Corte ao Fumo, lhes mandou este dizer, que se alojassem debaixo do arvoredo, e ali os proveria do necessario. Assim o executou por cinco dias, comprando-se-lhe os mantimentos a troco de pregos, quando Manoel de Sousa, alienado de maneira, que já os seus não o consultavão em cousa alguma, posto que por hum resto de decencia lhe participavão tudo, pedio ao Regulo lhe désse

cabanas, em que se accommodasse com a sua gente, porque estava resoluto a esperar ali o navio de Moçambique. O Negro astuto, vendo a occasião opportuna para a traição que meditava, e não ousava commetter com receio das armas de fogo, respondeo, que o Paiz era tão pouco abundante de víveres, que se lhe tornava impossivel sustentar tanta gente reunida em hum só ponto: que ficasse elle naquella Aldea com as pessoas, que escolhesse, e as outras se repartirião pelas Povoações visinhas, onde lhes mandaria dar casas, e mantimentos. Mas que para evitar a desconfiança dos naturaes, cumpria se recolhessem todas as armas em huma casa, para lhe serem restituidas quando chegasse o navio de Moçambique.

Nesta insidiosa proposta consentio Sepulveda, e tentou persuadir os seus a entregarem as armas, declarando ao mesmo tempo, que elle ficava com a sua familia; e os que quizessem passar adiante, o podião fazer. Alguns dos circunstantes votárão pela entrega das armas; outros não; e D. Leonor disse a seu marido: *Que nas armas estava todo seu remedio, e que lhe pedia pelo amor de Deos, que tal não fizesse.* Porêm como as suas faculdades intellectuaes estavão alteradas, entregou as armas, e por fatalidade fizerão todos o mesmo, conhecendo o seu estado de demencia. Concluida esta transacção, repartio Fumo os Portuguezes desarmados pelos Ancoses, ou Chefes das Povoações, os quaes antes de chegarem a ellas, os despojárão de tudo no caminho, e ás pancadas os expulsárão para longe. Manoel de Sousa, e os da sua companhia ficárão na Aldea do Regulo, que lhes fez logo o mesmo tratamento (excepto as pancadas), e dizia-se, que lhes tirou mais de cem mil cruzados de joias; e após isto ordenou, que sahissem logo da sua Aldea.

Este desastre acabou de enlouquecer a Manoel de

Sousa, a quem D. Leonor, com hum filhinho ao collo, levou pela mão, animando-o a submetter-se aos altos juizos da Providencia. Hião tambem com elles o Piloto, Contra-Mestre, e Guardião, e alguns outros homens; e a pouco espaço se reunírão Pantaleão de Sá, e outros Fidalgos, e Cavalleiros expulsos das Aldeas, que todos juntos fazião noventa pessoas. E como nem tinhão armas para se defender, nem generos com que comprar mantimentos, e pelos matos somente achavão frutas bravas, e raizes, começárão a espalhar-se em differentes direcções, como homens aborrecidos de tão pesada existencia; e com effeito cada dia morrião alguns de fome, e de cançaço.

Os do ranxo de Sepulveda seguírão o caminho do Rio do Manhiça, determinados a ficarem ali, se aquelle Regulo o permittisse. Mas antes de lá chegarem, os assaltárão os Cafres, e os despírão do pouco que levavão. D. Leonor, tendo ao pé de si deitados no chão os dois innocentes filhinhos, que choravão com fome, resistio aos barbaros que a querião despir, e que a matarião logo, se Manoel de Sousa, como despertando de hum lethargo (que huma dor pungente tudo póde fazer), não a tomasse nos braços, e lhe dissesse: *Senhora, deixai-vos despir, e lembre-vos que todos nascemos nús; e pois disto he Deos servido, sede vós contente, que elle haverá por bem, que seja em penitencia dos nossos peccados.* Com estas palavras se deixou D. Leonor despir, e fazendo com as mãos huma cova na arêa, se escondeo nella até á cintura, cobrindo-se por diante com os seus longos cabellos, unica cobertura que lhe restava; e não quiz mais levantar-se. O Piloto, e os outros que a accompanhavão, não tendo com que lhe valer, se apartárão chorando. Seu marido entrou pelo mato, e voltando com algumas frutas, achou morto hum dos filhos, e D. Leonor com os olhos fitos

nelle, e o outro ao collo. Abrindo elle então huma cova, em que sepultou o filho, foi ao mato buscar mais frutas, e quando tornou, vio morta a mulher, e o filho, e cinco escravas á roda dos cadaveres chorando amargamente. Este funesto espectaculo lhe suffocou a voz, e sem dizer palavra, cobrindo de piedosa arêa aquelles dois corpos inanimados, que tanto amára vivos, se metteo ao mato, e nunca mais appareceo.

Concluida esta tragedia, que a Musa de Camões relatou com melancolica eloquencia, partírão as escravas em busca do Piloto, que alcançárão; e aos da companhia de Pantaleão de Sá; e caminhando com grandes fomes, e trabalhos, de que só escapárão Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Balthasar de Siqueira, Manoel de Castro, Feitor do Galeão, o Piloto André Vaz, e outros tres Portuguezes, com quatorze escravos de ambos os sexos, os guiou a Providencia ao territorio de outros Cafres mais humanos, que lhes derão algum milho, de que vivêrão muito tempo, até que chegou ao Rio de Inhambane hum Pangaio de Moçambique, commandado por hum parente de Diogo de Mesquita, Governador desta Ilha, que vinha comprar marfim; e sabendo pelos naturaes, que no sertão andavão alguns naufragos Portuguezes, destacou pessoas intelligentes com missangas, e outros generos, que os resgatárão.

Em Inhambane os recebeo o Commandante do Pangaio com o maior affecto, e caridade, vestindo-os, e curando-os a todos, e provídos do necessario, os transportou a Moçambique, onde chegárão a 25 de Maio de 1553; e o Governador, não menos humano, e generoso, os veio receber á praia, e hospedando em sua casa a Pantaleão de Sá (que já havia governado aquella Praça), e a Tristão de Sousa, entregou os outros aos moradores mais abastados, cujo bom trato os restabeleceo em breve das fadigas passadas. Pantaleão de Sá, e

Tristão de Sousa passárão á India; e corrêrão depois as coisas de modo, que fallecendo Diogo de Mesquita, casou Pantaleão de Sá com a sua viuva D. Luiza de Vasconcellos, e foi segunda vez Governador de Moçambique.

1553. — A Esquadra (1) este anno destinada para a India constava de cinco Náos, commandada por Fernão Alvares Cabral, embarcado em a Náo S. Bento, huma das maiores d'aquelle tempo, e com elle hia Luis de Camões: era Piloto Diogo Garcia, Castelhano, Mestre Antonio Ledo, e Contra-Mestre Francisco Pires, Officiaes muito estimados. Os outros Commandantes erão D. Manoel Tello, no Santo Antonio; Belchior de Sousa, na Santa Cruz; D. Paio de Noronha, em Santa Maria do Loreto; e Ruy Pereira da Camara, em Santa Maria da Barca.

Antes da Esquadra sahir queimou-se por desastre no Rio de Lisboa a Náo Santo Antonio, estando á carga; e a 24 de Março partio Fernão Alvares Cabral com as quatro restantes, das quaes arribou huma a Santa Cruz. As tres separarão-se a poucos dias de viagem. O Chefe, dobrando tarde o Cabo de Boa Esperança, e parecendo-lhe não poderia tomar Moçambique, deitou por fóra da Ilha de S. Lourenço, e foi a Goa a salvamento. D. Paio de Noronha invernou em Moçambique; e Ruy Pereira da Camara chegou em Novembro a Cochim.

1554. — Querendo ElRei mandar (2) para Vice-Rei da India algum Fidalgo de grande authoridade, e respeito, e ao mesmo tempo muito rico, nomeou D. Pedro Mascarenhas, que se escusou, allegando a sua avançada

(1) Couto, Decada 6. Liv. 1. Cap. 14. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 103. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto de Rezende.

(2) Couto, Decada 7. Liv. 1. Cap. 3. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 111. — Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza.

idade de mais de setenta annos, e as poucas forças com que se achava para resistir aos trabalhos da viagem, e do Governo; e nisto insistio de maneira, que foi necessario, que o Infante D. Luiz se servisse da grande amizade, que tinha com elle, para o resolver a cumprir com a vontade d' ElRei; e satisfeito o Monarcha da obediencia de D. Pedro Mascarenhas, lhe concedeo quanto este lhe pedio, excepto nomear seu sobrinho Fernando Martins Freire para General do Mar da India; ordenando porêm, que se os Officiaes antigos d'aquelle Estado, reunidos em Conselho, julgassem conveniente o Posto, nomeasse para elle quem melhor lhe parecesse.

Constava a Esquadra de seis Náos, com dois mil soldados, em que entravão mais de quatrocentos Fidalgos, e Moradores da Casa Real; de que erão os principaes Fernão Martins Freire, e D. Francisco Mascarenhas, sobrinho do Vice-Rei; D. Pedro Mascarenhas, Ruy Barreto Mascarenhas de Ludo; D. Rodrigo Coutinho; João Lopes Leitão; Lourenço de Sousa; Christovão Pereira Homem; D. João de Bellez, primo do Rei de Bellez; e D. Antonio de Noronha.

Embarcou o Vice-Rei em a Náo S. Boa Ventura; e os outros Commandantes, Manoel de Castanhoso, na Conceição; Belchior de Sousa, na Santa Cruz; Fernão Gomes de Sousa, no Espadarte; D. Manoel Tello, na Flamenga; e Francisco de Gouvea, no S. Francisco.

Partio a Esquadra a 2 de Abril, indo ElRei ao bota-fóra. A viagem não foi feliz. D. Manoel Tello arribou destroçado a Lisboa: Fernão Gomes de Sousa, chegando tarde à Moçambique, passou a invernar a Ormuz: Manoel de Castanhoso, e Belchior de Sousa navegárão por fóra da Ilha de S. Lourenço, e tomárão Cochim nos fins de Novembro. O Vice-Rei entrou em Moçambique no começo de Agosto, e refazendo-se de víveres, e aguada, ancorou na barra de Goa a 23 de Se-

tembro; e desembarcando logo, veio a bordo o Vedor da Fazenda Simão Botelho para levar o cofre do dinheiro, que hia no porão; e para satisfazer a sua impaciencia, foi necessario revolver a carga, e pôr em cima boa parte d'ella. Tirado o cofre, e não tratando os Officiaes de arrumar de novo o porão, sobreveio hum aguaceiro rijo; estava a Náo atravessada, e engorjando na amarra, soçobrou, perdendo-se quanto tinha a bordo, de que o Vedor tomou tal sentimento, que entrou na Ordem de S. Domingos.

Neste anno succedêrão alguns naufragios. A Náo S. Bento, sahindo de Cochim no principio de Fevereiro tão carregada, que as cobertas vinhão macissas, e no convez setenta e duas caixas de marca, e tanta quantidade de fardos, e caixotes a cavalete, que igualavão o convez com os Castellos, abrio huma agua tão grossa, que não a podendo vencer, foi-se perder no Rio do Infante. A Náo Barribeira, já mui velha, e arruinada, desappareceo na torna-viagem. A Náo S. Tiago, Commandante Antonio Dias Figueira, tambem desappareceo vindo dos Açores para Lisboa.

1554. — No Verão deste anno partio de Lisboa D. Pedro da Cunha com quatro Galés (1), tres Patachos, e duas Caravelas: erão Commandantes das Galés (alêm d'elle), D. Vasco da Cunha, seu irmão, no S. João; D. Nuno da Cunha, na Santa Catharina; e Diogo Vaz da Veiga, na Victoria. Commandavão os Patachos Gramatão Telles, Izidro de Almeida, e Manoel Gonsalves; e as Caravelas, Balthasar Rebello, e hum seu irmão. Correo D. Pedro a Costa do Algarve, e em Agosto se recolheo a Tavira.

Nesta mesma quadra sahio de Argel o famoso Corsario Turco Xaramet-Arraes, com oito Galés bem pro-

(1) Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 110.

vidas de chusma, e de soldados da sua Nação, de artilheria, e munições, e no mez de Agosto chegou ao Algarve, buscando a Esquadra Portugueza para pelejar com ella, e com este projecto seguio a Costa de Oeste para Leste, dirigindo-se a Tavira.

D. Pedro da Cunha em o vendo fez a grão pressa embarcar a sua gente, e partio a cortar-lhe o caminho; mas como alguns soldados andavão afastados da Cidade, ficárão em terra, posto que a boa vontade era tal, que dois irmãos naturaes da Beira vierão a nado metter-se na Capitanea, onde tinhão a sua praça, e alguns mancebos honrados de Tavira se embarcárão por voluntarios.

Ajuntarão-se as duas Esquadras já sobre a tarde na Enseada da Carvoeira, hum pouco a Leste do Cabo, de que ella tomou o nome: as duas Capitaneas pozerão as proas huma na outra, disparando os seus canhões de coxia, e os mais que lhes servião, e o mesmo fizerão as outras tres Galés Portuguezas, cada qual áquella das inimigas que lhe ficava mais a geito, com tamanha fumaça, que se não enxergavão humas ás outras. Os Patachos, e Caravelas não poderão chegar-se a distancia conveniente, pela calmaria podre que as colheo, e apenas derão alguns tiros de longe, que não produzírão muito effeito.

Era neste tempo furiosa, e desigual a batalha, que com esforço, e audacia se disputava de parte a parte, por serem as Galés Turcas em numero dobrado. A Capitanea de D. Pedro da Cunha, matando-lhe as balas do inimigo muitos dos melhores soldados, esteve em perigo eminente, porêm elle se houve de maneira, que rechaçando os Turcos que saltárão dentro da sua Galé em huma abordagem, tomou a Capitanea de Xaremet, ficando este prisioneiro. As outras Galés Portuguezas se comportárão com igual animo, e habilidade; e de-

pois de aturar o combate até pela noite dentro, se acháráo rendidas quatro Galés Turcas, com immensa perda sua, e o resto d'ellas buscou salvação na fugida. Huma d'aquellas quatro Galés estava tão furada de balas, que no acto de render-se foi subitamente ao fundo com quantos tinha a bordo.

As tres Galés tomadas forão conduzidas a Tavira, e Xaramet remettido para Lisboa. Morrêrão dos Portuguezes quarenta soldados, em que entrárão os dois irmãos naturaes da Beira, e alguns marinheiros, e remeiros; e ficárão feridos cento e sessenta homens. Dos Turcos pertencentes ás Galés rendidas, morrêrão cento e cincoenta, forão cativos mais de noventa, e libertarão-se duzentos e vinte Christãos, que elles trazião a remo.

Xaramet-Arraes esteve no Limoeiro, onde D. Pedro da Cunha lhe mandava presentes, e dinheiro para seu sustento; e no anno de 1561 foi trocado por Pedro Paulo, que, sendo Turco, veio a Portugal fazer-se Christão, e commandou huma Galeota Portugueza; e sendo tomado no mar, e levado a Argel, conseguio ser trocado por Xaramet.

1555. — A Esquadra este anno destinada (1) para o Oriente, constava de cinco Náos, commandada por D. Leonardo de Sousa, embarcado em a Náo Senhora da Barca; e os outros Commandantes Francisco Figueira de Azevedo, em S. Filippe; Vasco Lourenço de Barbuda, em S. Pedro; Jacomo de Mello, na Algarvia Velha (que na torna-viagem se perdeo surta na Terceira); e Francisco Nobre, na Algarvia Nova.

Partio a Esquadra a 10 de Abril: as primeiras quatro Náos chegárão a Goa a 10 de Setembro; porêm Francisco Nobre ensacou-se na Costa de Guiné, e an-

(2) Couto, Decada 7. Liv. 2. Cap. 7. e Liv. 3. Cap. 2. — Barreto de Rezende. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 118. — Historia Tragico-Maritima Tomo 1. pag. 171.

dòu quarenta e tres dias em calma, sem diminuir de tres gráos Norte. Finalmente vio o Cabo de Boa Esperança a 18 de Julho, e dirigio a sua derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço. O seu Piloto era hum Affonso Peres, homem ignorante naquella navegação, que nos fins de Agosto se foi perder nos baixos de Pero de Banhos, que constão de huma pequena Ilha de trezentos passos de comprido, e de muitas restingas que a rodeão, nas quaes o mar quebra muito.

A Providencia permittio, que a Náo ficasse direita, e não abrisse logo, de maneira que toda a gente desembarcou na Ilha, com armas, mantimentos, munições, tonelame, e muita fazenda. O Commandante partio na lancha com alguns marinheiros para Cochim, donde passou a Goa; e o Governador Francisco Barreto lhe deo duas embarcações capazes de receberem todos os naufragados, que erão perto de quatrocentas pessoas. Sahio elle de Goa em busca do baixo; mas não pôde achallo, e tornou a recolher-se áquella Cidade.

Entretanto os naufragantes começavão a fazer jangadas para se salvarem; porém D. Alvaro de Ataide, que ali se achava, apoiando-se na authoridade de tres Padres Jesuitas, os persuadio a que tentassem antes construir hum Caravelão, em que todos coubessem, visto terem á sua disposição as madeiras, ferragem, e massame da Náo; e ainda que esta construcção havia durar muito tempo, a Ilha era abundante de agua, côcos, peixe, e marisco de que viverião, guardando os mantimentos salvos do naufragio para a viagem. Persuadidos destas, e de outras razões, tratou-se logo de desfazer a Náo, lavrar madeira, e forjar a pregadura, e cavilhame para a nova embarcação, em que todos trabalhárão com o maior esforço, e boa vontade, supprindo o talento, filho da necessidade, a instrucção que faltava das Artes mechanicas.

Nos fins de Março do anno seguinte pozerão os naufragantes no mar hum navio bem acabado, e apparelhado, em que embarcárão os mantimentos de reserva, fizerão agua da que nascia na Ilha, e recolherão huma grande parte dos artigos de Commercio; e fazendo-se á véla, chegárão a Cochim com prospera viagem nos ultimos dias de Abril. Exemplo notavel do que póde a industria, e boa disciplina!

De tres Náos (1), que em Janeiro deste anno sahírão de Goa para Portugal, duas chegárão a Lisboa a salvamento; mas a Santa Cruz, commandada por Belchior de Sousa, desappareceo no caminho. Esta Náo já tinha aberto muita agua pela prôa á ida para a India, e a pesar disso os Officiaes d'aquelle Arsenal a achárão capaz de voltar á Europa, e bem sobrecarregada. Nella morrêrão alguns Fidalgos de grande prestimo, e serviços.

1556. — Este anno (2) mandou ElRei á India huma Esquadra de cinco Náos, commandada por D. João de Menezes de Siqueira, embarcado em a Náo Garça; e os outros Commandantes Jorge de Brito, na Flor de la Mar; Pedro de Goes, no Galeão S. Vicente; Martim Affonso de Sousa, em S. Julião; e Antonio Fernandes, no S. Paulo, de cuja Náo era proprietario.

Sahio a Esquadra a 15 de Março, levando á India a infausta noticia da morte do Infante D. Luiz, incançavel Protector dos homens que servírão bem a Patria. As quatro primeiras Náos chegárão a Goa em Setembro.

A Náo S. Paulo, havendo-se atrazado, dobrou tarde o Cabo de Santo Agostinho, e nesta occasião se espalhou a bordo hum rumor de que não havia agua pa-

(1) Couto, Decada 7. Liv. 1. Cap. 6.

(2) Couto, Decada 7. Liv. 3. Cap. 6., e Liv. 4. Cap. 1. — Pedro Barreto de Rezende. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 120.

ra tão comprida viagem, e que era preciso arribar; e insistindo o Commandante em continuar a derrota, a guarnição recusou-se ao trabalho. D. Antonio de Noronha, que hia de passagem, e era Fidalgo de grande respeito, socegou o motim, e fez com que o Commandante mandasse examinar a aguada, como devia ter praticado em tempo opportuno. Com effeito, achou-se tão pequena porção de agua, que arribárão á Bahia, de que era Governador D. Duarte da Costa, o qual deo todas as providencias necessarias para o apresto da Náo.

Cinco mezes se demorou aqui Antonio Fernandes, e sahindo no principio de Outubro com determinação de passar por fóra da Ilha de S. Lourenço, foi buscar a altura de 41°, onde soffreo grandes frios, e d'ali veio dobrar o Cabo de Boa Esperança, de cujo ponto dirigio a sua derrota por fóra de S. Lourenço, e de todos os baixos, a fim de ir ver a ponta da Ilha de Sumatra: e como os ventos o favorecêrão, logo que chegou áquella altura, voltou no outro bordo com os Levantes, e foi avistar a ponta de Gale na Ilha de Ceilão, e depois o Cabo Comorim. Deste Cabo seguio navegando ao longo da Costa, e ancorou em Cochim a 30 de Janeiro do anno seguinte, encontrando ainda neste Porto ao seu Chefe D. João de Menezes de Siqueira, que no dia seguinte se fez á véla para Portugal.

1557. — A Esquadra da India (1) foi este anno de cinco Náos, de que ElRei nomeou por Chefe a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, embarcado em a Náo Santa Maria da Barca; e os outros Commandantes Cide de Sousa, em Santo Antonio; Braz da Silva, na Assumpção; Antonio Mendes de Castro, na Flamenga; e João Rodrigues Salema de Carvalho, na Aguia.

(1) Couto, Decada 7. Liv. 5. Cap. 2., e Liv. 6. Cap. 1. — Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Chronica de D. João III. Parte 4. Cap. 124.

Estando para sahir, abrio a Capitanea huma agua tão grossa, que esteve em perigo de ir a pique, e foi necessario descarregalla: a final achou-se o furo de hum prego, ou cavilha, que na carena tinha ficado tapado com breu, e por elle fazia a agua; mas antes desta descoberta mandou ElRei partir as outras quatro Náos a 5 de Abril, e a Capitanea sahio a 2 de Maio.

As Náos Assumpção, e Santo Antonio chegárão a Goa nos fins de Setembro. A Flamenga invernou em Melinde, e a 11 de Agosto do anno seguinte partio para Goa, porêm fez logo tanta agua, que foi buscar Mombaça, em cuja barra encalhou, e se desfez toda, salvando-se a gente, e a carga. A Aguia invernou em Moçambique, e em Maio passou á India.

D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, seguindo sua derrota, metteo-se na Costa de Guiné, onde andou setenta dias em calmaria, e a final assentárão os Officiaes em irem invernar ao Brasil, como fizerão, ancorando na Bahia a 14 de Agosto. D. Duarte da Costa, Governador Geral daquelle Estado, foi receber ao desembarque a D. Luiz Fernandes, e a outros Fidalgos que com elle hião, os quaes erão Luiz de Mello da Silva, D. Pedro de Almeida, D. Filippe de Menezes, D. Pedro de Lima, Nuno de Mendonça, e seu irmão Henrique de Mendonça, Jeronymo Correa Barreto, e Henrique Moniz Barreto, e a todos deo casas, e tratou com grande magnificencia.

Em tempo proprio sahio D. Luiz Fernandes da Bahia, e a 2 de Maio do anno seguinte chegou a Moçambique, e d'ali passou á India em companhia do Vice-Rei D. Constantino de Bragança.

Reinado d'ElRei D. Sebastião.

Havendo fallecido ElRei D. João III. na noite de 11 de Junho de 1557, ficou successor da poderosa Monarchia Portugueza o Principe D. Sebastião, seu Neto, na idade de tres annos, e quasi cinco mezes. No dia 14 foi a Rainha D. Catharina, sua Avó, jurada, e reconhecida como Regente do Reino, e Tutora, e Curadora de seu Neto, a qual associou a Regencia ao Cardeal Infante D. Henrique, lavrando-se de tudo hum Auto solemne na mesma data; e a 16 foi o Principe acclamado Rei.

No anno de 1564, tendo a Regente noticia que nos Portos de Inglaterra se carregavão dez navios de mercadorias para as Costas da Mina, e Guiné, cujo Commercio não só era vedado aos Estrangeiros, mas aos mesmos Portuguezes, por andar arrendado a certos Negociantes de Lisboa, mandou áquella Corte Aires Cardoso para representar á Rainha Izabel a injustiça de similhante especulação; o que elle fez com tanto successo, que Izabel prohibio com graves penas aos seus Vassallos todo o trafico nas Conquistas de Portugal (1).

A pesar desta prohibição, e provavelmente com o consentimento tacito de Izabel, continuárão os seus Vassallos o Commercio clandestino em Guiné; e passando a maior excesso, roubárão algumas embarcações Portuguezas por aquelles mares, causando-lhes hum prejuizo

(1) Memorias d'ElRei D. Sebastião tomo 2. Liv. 2. Cap. 3.

de quatrocentos mil cruzados; de que se seguio mandar a Regente em 1567 alguns navios de guerra a castigar aquella insolencia, os quaes apresárão alguns navios. Prenderão-se igualmente no Castello da Mina os Inglezes, que por ali se achavão, medida que se estendeo aos que estavão em Lisboa, cuja soltura Izabel pedio; e parece serem elles cumplices naquellas piratarias, pois na Carta, que a Regente escreveo á mesma Izabel em data de 23 de Outubro deste anno, dizia: *Mandei soltar os Inglezes, que aqui* (em Lisboa) *estavão prezos por delictos graves, e atrozes.*

Este negocio azedou-se de parte a parte; Izabel deo Cartas de Marca aos seus subditos contra os Portuguezes, e a Regente fez reprezar todos os navios Inglezes, que se achavão nos Portos de Portugal. Ajustou-se porêm amigavelmente a questão.

A 20 de Janeiro de 1568, em que ElRei D. Sebastião completava quatorze annos, se celebrou a ceremonia da sua Coroação, em cujo acto recebeo o Governo das mãos do Cardeal Infante, na presença da Regente.

Este Monarcha presou muito a Marinha. No anno de 1567 appareceo huma Provisão Real, mandando estabelecer na Casa da India hum livro, em que se registassem todos os navios da Coroa, e os de Commercio existentes no Reino; prohibindo vendellos a Estrangeiros, e concedendo certos premios aos que em Portugal, e seus Dominios mandassem construir navios de 130 toneladas para cima.

Determinou tambem, á vista do grande numero de Piratas, e Corsarios que naquelles tempos infestavão o Commercio Portuguez, que os navios mercantes de 200, ou mais toneladas, montassem quatorze peças, e onze os de 150 até 200 toneladas; compondo-se as suas equipagens na razão de hum homem por duas toneladas;

e que não sahissem dos Portos em numero menor de quatro navios, cujos Capitães devião eleger hum, que os governasse, ao qual serião obrigados a obedecer, sob certas penas. Este regulamento, posto que pesado ao Commercio, produzio o beneficio de navegarem as embarcações Portuguezas com toda a segurança. A's pessoas, que quizessem armar em corso, concedeo ElRei todo o producto das presas; mas, em consequencia de alguns excessos commettidos por estes Armados, prohibio-se depois o corso (1).

Pelo Regimento da Casa da India de 1570 se prohibio, que as Náos da India fossem de menos de 300 toneladas, ou de mais de 450 (2); o que parece não chegou a ter execução.

O cargo de Capitão Mor da Frota foi occupado por D. Fernando de Almada, em consequencia de huma Carta de Confirmação passada em Evora a 25 de Agosto de 1573.

No Reinado deste Monarcha sahírão de Lisboa para o Oriente noventa e sete Náos, e duas Caravelas. Perderão-se á ida tres Náos, huma d'ellas ancorada na barra de Goa. Na torna-viagem perderão-se nove Náos, sendo duas em Moçambique. Total doze Náos perdidas, de que só quatro o forão com toda a guarnição; de seis salvou-se toda a gente; e de duas morreo parte d'ella. De todos aquelles noventa e nove navios, arribárão dois a Lisboa.

1558. — Como o Governador da India Francisco Barreto (3) tinha acabado o seu triennio, determinou a Regente de Portugal nomear-lhe successor, em que se

(1) Noticias de Portugal, Discurso 2. §. 16.

(2) O mesmo Severim de Faria, Discurso 7.

(3) Couto, Decada 7. Liv. 6. Capitulos 1. e 3. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza. — Memorias de ElRei D. Sebastião, tomo 1. pag. 150.

vio assaz embaraçada, porque dois Fidalgos, que para isso escolheo, se escusárão, porêm cortou a difficuldade D. Constantino de Bragança, irmão do Duque D. Theodosio, offerecendo-se para aquelle Cargo: e a 3 de Março se lhe passou Carta-Patente de Vice-Rei.

Preparou-se huma Esquadra de quatro Náos com dois mil soldados, cujos Commandantes erão D. Paio de Noronha, na Garça; Aleixo de Sousa Chichorro, na Rainha, o qual hia nomeado por Vedor Geral da Fazenda da India; Pedro Peixoto da Silva, no Tigre; e Jacomo de Mello, no Castello. Embarcou D. Constantino em a Náo Garça (1), e com elle muitos Fidalgos, que hião servir á India, taes como D. Diniz, filho do Marechal do Reino, Francisco de Mello, Aires de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz de Almeida, D. Francisco de Almeida, Fernão de Castro, Pedro de Mendonça, João Gomes de Castro, Pedro da Silva de Menezes, Jeronymo Dias de Menezes, João Lopes Leitão, Gil de Goes, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

A 7 de Abril sahio de Lisboa a Esquadra, e com prospera viagem ancorou nos principios de Julho em Moçambique, onde achou invernando as Náos de D. Luiz de Vasconcellos, e de João Rodrigues Salema de Carvalho. Desembarcou o Vice-Rei, e ordenou logo a hum Engenheiro, que para isso levava de Portugal, désse principio a huma nova Fortaleza, que se mandava construir na ponta da Ilha, que domina a entrada do Porto, e no seu alicerce deitou a primeira pedra com as ceremonias costumadas.

Partio o Vice-Rei de Moçambique a 5 de Agosto com seis Náos, e a 3 de Setembro chegou a Goa; e

(1) Eis-aqui o primeiro exemplo de levar Commandante particular a Náo do Vice-Rei; e este mesmo foi quem o nomeou.

recebeo o Governo das mãos de Francisco Barreto, cuja espantosa viagem de volta a Portugal agora relatarei.

1559. — A Esquadra destinada este anno (1) para a India constava de seis Náos, e era commandada por Pedro Vaz de Siqueira, embarcado na Flor de la Mar, com quem hia o Bispo de Cochim D. Fr. Jorge Themudo, e o celebre Escritor Diogo de Couto, de idade então de quinze annos, Moço da Camara d'ElRei D. João III. Os Commandantes das outras Náos erão Francisco de Sousa, da Algarvia, que levava o Bispo de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia; Pedro de Goes, do Santo Antonio; Luiz Alvares de Sousa, do S. Julião; Lisuarte Peres de Andrade, da Conceição, e Ruy de Mello da Camara, do S. Paulo.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 28 de Março, transportando perto de tres mil soldados, em que se incluião muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e outra gente limpa, e mui lustrosa. Destas seis Náos invernou em Moçambique a Conceição, por chegar tarde; e o S. Paulo, indo avistar a Costa do Brasil, e não a podendo dobrar, arribou a Lisboa. As outras quatro entrárão em Goa no mez de Setembro.

1559. — Havendo Francisco Barreto entregue o Governo da India ao Vice-Rei (2) D. Constantino de Bragança, e achando-se unicamente em Goa duas Náos á carga, que erão a Garça, de mil toneladas, e a Aguia, navio pequeno, e já velho, commandado por João Rodrigues Salema de Carvalho, pedio Francisco Barreto ao Vice-Rei lhe désse esta ultima Náo, e mudasse o seu Commandante para a Garça, a fim de ir carregar a

(1) Couto, Decada 7. Liv. 8. Cap. 1. — Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

(2) Couto, Decada 7. Liv. 6. Cap. 3. — Dito Livro 8. Capitulos 1, 12, e 13. — Memorias d'ElRei D. Sebastião, Tomo 1. Cap. 4.

Cochim, visto que em Goa não havia carga para ambas, e elle desejava partir breve desta Cidade; no que o Vice-Rei conveio pelo obrigar.

Concertada, e carregada a Náo Aguia, sahio de Goa Francisco Barreto a 20 de Janeiro de 1559, levando a seu bordo muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e Creados d'ElRei, como Ruy Barreto Rolim, seu primo, D. Diogo Lobo, D. Affonso Henriques, D. Francisco de Moura, D. Filippe de Castro, Manoel de Brito, Pedro Alvares de Mancellos, e Manoel de Anaia Coutinho, ambos seus parentes, Sebastião de Rezende, Diogo de Vasconcellos, e Francisco de Gouvea, a todos os quaes deo sempre meza.

D. Luiz Fernandes de Vasconcellos partio de Cochim com a sua Náo Santa Maria da Barca, e as outras de torna-viagem dez dias depois de Francisco Barreto; e com bom tempo chegárão á altura da ponta do Sul da Terra do Natal, onde lhe sobreveio hum temporal, que alcançou a todas, ainda que espalhadas; soffrendo porêm menos damno as Náos Rainha, Tigre, e Castello da Esquadra do Vice-Rei, as quaes podérão dobrar o Cabo [de Boa Esperança, e forão a Lisboa a salvamento, todas as outras Náos se achárão derrotadas, porque passada a tormenta, ficárão os mares mui grossos, e cruzados, e os ventos variárão, mas sempre mui rijos, obrigando as Náos a bordejar, e a capear frequentes vezes, o que as abrio, e desconjuntou, de maneira que gastárão até ao fim do mez de Março em chegar á altura do Cabo, que Antonio Mendes de Castro, Commandante da Flamenga, conseguio dobrar, para se ir perder na Ilha de S. Thomé.

D. Luiz Fernandes soffreo toda a furia desta tormenta, e com os pairos que fez, começou a Náo, que jogava muito, a abrir agua por tantas partes, que a despeito das bombas, e gamotes com que se trabalhava

de continuo de noite, e de dia, sendo elle o primeiro em todas as fainas, chegou a agua a cobrir os bailéos do porão, esperando-se de momento a momento que fosse a pique. Nesta extremidade assentárão uniformemente os Officiaes em buscar a terra mais proxima para encalhar; e assim deitárão a pôpa em demanda da Ilha de S. Lourenço. Achava-se já a Náo com vinte palmos de agua dentro em si, quasi adernada, e sem dar pelo leme, quando os Officiaes disserão em segredo a D. Luiz, que elles se fazião de doze a quinze legoas da ponta Occidental da Ilha, mas que a Náo já não podia lá chegar; e que por tanto seria melhor salvarem-se na lancha os que nella coubessem.

Logo D. Luiz fez deitar a lancha fóra, e á pressa se metteo nella com seis homens, levando hum barril d'agua, hum sacco de biscouto, e duas caixas de marmelada; e afastando-se da Náo, chamou por seus nomes varias pessoas, que foi recolhendo, até que os Officiaes lhe requerêrão, que não acceitasse mais, por estar a lancha já carregada. E vendo que faltava o Padre Fr. Francisco de Castro, Religioso de nobre nascimento, e grande virtude, se aproximou da Náo para o receber, mas elle respondeo lhe: *que se fosse na paz de Deos, porque ficava confessando, e consolando mais de duzentas pessoas, que ali estavão, o que importava mais do que a sua propria vida.*

Com este desengano deo D. Luiz á véla, deixando a gente da Náo em prantos e gritos, que ferião os ares; e antes de a perder de vista, a sorveo o mar com quantos nella estavão.

No dia seguinte virão terra da Ilha de S. Lourenço em quasi 20° 30′ de latitude avante da Ilha de São Tiago, e forão navegando ao longo da Costa, em que tomárão varios Portos, e Bahias, sem desembarcar pessoa alguma, comprando algumas gallinhas, que D. Luiz

fazia guardar para os doentes, sem querer para si mais do que a escassa porção de mantimento, que se dava aos outros. Este mantimento consistia pela maior parte em algum peixe, ou marisco das praias a que aportavão.

Chegárão finalmente por esta maneira ao Cabo, que faz a Ilha da banda do Levante, e em huma grande Enseada na altura de 13° achárão huma embarcação, que vindo da India para Moçambique, fôra obrigada a tomar aquelle abrigo. O Commandante deste navio, que era hum homem Fidalgo, conhecendo a D. Luiz, o recebeo com muito alvoroço, e aos outros naufragados. E como era forçoso esperar os Ponentes para irem a Moçambique, comprou D. Luiz varias fazendas das que levava o navio, com que vestio a sua gente, e houve dos Negros do Paiz todo o mantimento necessario para a sustentar.

Logo que entrárão os ventos Ponentes, sahio D. Luiz na embarcação da India, e foi a Moçambique, onde achou as Náos que vinhão de Portugal; embarcando-se em huma d'ellas, passou a Goa, e ali encontrou Francisco Barreto, com quem agora continuarei.

Francisco Barreto andou dezoito dias em arvore seca com tanto mar, e vento, que do muito jogar da Náo lhe rebentárão trinta e seis curvas, por cuja causa, e por ser velha, e podre, abrio muitas aguas, que bastarião para a metter no fundo, se não fosse a grande actividade com que laboravão incessantemente as bombas, e gamotes, sendo Francisco Barreto quem dava o exemplo do trabalho, ajudado das pessoas nobres que o acompanhavão. Accresceo a este outro embaraço: foi preciso mudar a pimenta de huns paiões para outros, a fim de se tomarem por dentro algumas aguas, e de evitar que se entupissem as bombas; porque era tanta a quantidade de agua que a Náo fazia, que não só se não

podia conseguir esgotalla, mas em suspendendo algum espaço de tempo o manejo das bombas, e gamotes, crescia tres e quatro palmos no porão. Quatro dias durou este insano trabalho, sem se poder cosinhar em razão do fumo que sahia do fogão, e suffocava os homens que davão á bomba, de maneira que só comião biscouto, e algumas conservas.

Cincoenta e quatro forão as aguas que se achárão, e era força tomallas todas por dentro, não permittindo o estado do mar fazer por fóra embalsos nesta obra: tomou-se com effeito o maior numero dellas, á custa de algumas curvas, e enchimentos que se cortárão, e enfraquecêrão a Náo de modo, que quando jogava, movia-se como se todas as peças da sua construcção estivessem desligadas, por cujo motivo foi necessario arroxalla de pôpa a proa, e de bombordo a estibordo com bons virados atezados a cabrestante, unico recurso em casos similhantes. Como a Náo, a pesar de tudo isto, não deixava de fazer agua, que duas bombas effectivas não podião esgotar, mandou Francisco Barreto, com parecer dos Officiaes, alijar muita fazenda ao mar, e succedeo, que achando os que trabalhavão nisso huns fardos de anil pertencentes a huma esmola que vinha para o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, e perguntando se os havião deitar ao mar? disse Francisco Barreto: *Que primeiro se alijasse a sua propria fazenda, se não houvesse outro remedio; porque ás costas havia de salvar a de Nossa Senhora, de cujo favor pendia a segurança, e salvação d'aquella Náo.*

Continuava a agua a ganhar sobre as bombas, o que vendo o primeiro Piloto André Lopes, julgou acertado ir buscar a terra mais proxima, que era a ponta do Natal, em que se perdêra Manoel de Sousa de Sepulveda, e distava cincoenta legoas, para varar nella, por temer a cada instante que a Náo fosse a pique.

Francisco Barreto, convocando logo todos os Officiaes, propôz o caso, com juramento de cada hum dar livremente o seu parecer, e André Lopes disse: *Que elle navegava desde cincoenta annos, e tinha feito muitas vezes aquella viagem, achando-se em grandes perigos, porêm nunca se vira com nenhum igual a este, pelo estado de podridão, e ruina em que estava a Náo; e que assim a maior misericordia, que podião esperar de Deos, era que os levasse a avistar terra.* O mesmo foi o voto do Mestre, do Sota-Piloto, do Contra-Mestre, e dos mais Officiaes.

Então Francisco Barreto, com semblante alegre, e mui seguro fez huma falla a toda a guarnição, animando-a a arrostar todos os perigos, na confiança do auxilio Divino, com que influio nos homens novo espirito para continuarem no trabalho das bombas, e gamotes, em quanto hião buscando a terra. Neste momento quiz a Providencia, que o vento, e o mar abenançassem, com que a Náo começou a fazer menos agua, e os Officiaes forão de opinião de seguir viagem para Moçambique, como se fez, posto que sempre tocando ambas as bombas, emprego em que se empregavão exclusivamente os Fidalgos, e passageiros. Os ventos erão largos, e bonançosos, e nos principios de Abril entrárão em Moçambique, onde achárão a Náo Garça, que no dia antecedente havia entrado destroçada para ali invernar.

Tratou logo Francisco Barreto do concerto destas duas Náos, em que gastou muito dinheiro, e em remediar as necessidades dos passageiros, e guarnições de ambas, no espaço de mais de sete mezes que se demorou naquella Ilha. O Governador de Sofala Sebastião de Sá, que se achava ali, tambem o auxiliou com todos os meios de gente, e de madeiras que o Paiz pôde fornecer; e assim forão as Náos reparadas do melhor

modo possivel ; e a 17 de Novembro deste anno de 1559, com bom vento Levante se fizerão á véla para Portugal, ajustando Francisco Barreto com João Rodrigues Salema de Carvalho navegarem sempre unidos, para se poderem mutuamente soccorrer em qualquer incidente que occorresse.

Aos tres dias de viagem, em que terião navegado cincoenta legoas, começou a Náo Aguia a fazer muita agua, a qual foi crescendo de modo, que no dia seguinte já não a vencião as duas bombas. Mandou Francisco Barreto fazer signal com tiros de peça á Náo Garça para vir á falla, e chegando perto lhe disse: *Que a sua Náo fazia muita agua, e lhe pedia o não desamparasse, porque elle hia arribando para as Ilhas de Bazaruto, visto não poder tornar para Moçambique, por haver começado a monção dos Levantes.* Succedendo porêm diminuir logo a agua, mudárão a derrota para o Cabo de Boa Esperança.

Poucos dias depois, achando-se na latitude de 25°, fazia a Aguia tanta agua, que levava quatro palmos d'ella no porão, sem ser possivel esgotalla. Nesta situação critica repetio Francisco Barreto o mesmo signal á Garça, e tomou o rumo para as Ilhas de Bazaruto. João Rodrigues, ouvindo o signal, ordenou ao Piloto, e ao Mestre, que seguissem a pôpa do seu Chefe, que mostrava ir em grande perigo, pois aos oito dias de viagem arribava segunda vez. O Piloto, o Mestre, e os mais Officiaes da guarnição não quizerão obedecer ao seu Commandante, e lhe fizerão protestos, e requerimentos para que seguisse viagem, e deixasse a outra Náo, que hia perdida sem remedio. João Rodrigues, vendo esta combinação insolente dos seus Officiaes, cedeo á força, e continuou a derrota.

No dia seguinte tornou a Aguia a fazer menos agua, de modo que a vencião as bombas, e animados

todos com este favor da Providencia, concordárão em proseguir a viagem para o Cabo de Boa Esperança, e deste para a Ilha de Santa Helena, onde podião esperar as Náos de torna-viagem da India, e virem nellas para Portugal.

Com este intento tomárão o mesmo rumo, que levava a Garça, e chegárão a alcançalla; a qual, conhecendo a Aguia, diminuio de panno. Chegando a ella Francisco Barreto, mandou a seu bordo hum Protesto dirigido ao Commandante, e mais Officiaes, no qual lhes *requeria da parte d' ElRei, que seguissem a sua Náo, e não a desamparassem, sob pena de os haver por traidores, e levantados contra ElRei, e lhes encampava toda a fazenda, que hia nella, para ElRei haver a sua pela do Commandante, e de todos os mais Officiaes*; e deste Protesto se lavrou hum termo. Os Officiaes da Garça respondêrão, que seguirião a Náo.

Navegando as duas de conserva, na tarde do dia seguinte atirou a Garça hum tiro, pedindo soccorro, a que Francisco Barreto mandou logo em hum bote Jeronymo Barreto Rolim com todos os seus poderes (não indo elle em pessoa, por se haver sangrado aquella manhã), para remediar qualquer novidade que tivesse occorrido, julgando que seria alguma nova contestação entre João Rodrigues e os seus Officiaes. Jeronymo Barreto achou todos em grande confusão, revolvendo os paioes da pimenta para descobrir huma agua perigosa, que a Náo fazia, e que muito receavão se não podesse tomar; com cuja noticia se retirou. Ao amanhecer veio o Escrivão da Garça com hum bilhete de João Rodrigues para Francisco Barreto, assim concebido: *Senhor, cumpre muito ao serviço de Deos, e d' ElRei Nosso Senhor, chegar V. S. cá; e pela brevidade deste veja o que cá vai. Beijo as mãos de V. S.*

Francisco Barreto foi logo a bordo da Garça com

alguns Fidalgos, e ali ficou todo o dia trabalhando quanto era possivel por descobrir a agua, que não podia vencer-se; e retirando-se á noite para a sua Náo, communicou a todos o perigo em que a deixára, o que augmentou o seu susto, porque tambem a Aguia fazia muita agua, apezar de haverem alijado grande quantidade de pimenta, e drogas, e dois mil quintaes de évano, que imprudentemente embarcárão em Moçambique.

Ao amanhecer já Francisco Barreto hia para a Garça com gente para ajudar os trabalhos, quando ella fez signal de pedir soccorro, porque a agua crescia, e tinha-se descoberto que entrava pelos delgados da pôpa, onde era impossivel tomalla. Francisco Barreto, com unanime parecer de João Rodrigues, e mais Officiaes, determinou que passassem para a Aguia, primeiro as mulheres, meninos, e pessoas inuteis, e depois os mantimentos que possivel fosse tirar dos paioes, e porão; o que se começou logo a fazer com summa actividade nas lanchas, e escaleres. Esta faina durou tres dias, que a Providencia permittio serem de perfeita bonança de mar, e vento, conservando-se Francisco Barreto todo este tempo no convez com a espada na mão, para manter a disciplina, e boa ordem, tanto no embarque da gente, e mantimentos, como na continuação do trabalho das bombas, a fim de evitar que a Náo fosse a pique. Finalmente achando-se esta já com agua até á coberta, fez Francisco Barreto sahir a tropa, e pelas tres horas da tarde sahio elle na ultima conducção com a marinhagem, que serião oitenta homens, ficando só a bordo hum macaco; e ainda desejou elle ir buscallo, mas cedeo ás representações que se lhe fizerão.

Recolhido á sua Náo com toda a guarnição da Garça, achou na revista que se passou, mil cento e trinta e sete pessoas, e mandou fazer hum escrito do theor seguinte: *A Náo Garça se perdeo tanto avante, como*

o Cabo das Correntes, na altura de 25° da banda do Sul, e foi-se ao fundo por fazer muita agua. Eu, com os Fidalgos, e mais gente que levava na minha Náo, lhe salvei a sua toda, e himos fazendo nossa viagem para Portugal com o mesmo trabalho. Pedimos pelo amor de Deos a todos os Fieis Christãos, que disto tiverem noticia, indo ter este batel onde houver Portuguezes, que nos encommendem a Nosso Senhor em suas orações, que nos dê boa viagem, e nos leve a salvamento a Portugal.

Este escrito, mettido em hum canudo bem tapado, e breado, foi posto em huma cruzeta armada na lancha da Garça, que se abandonou ás ondas, a qual foi ter a Sofala, como depois se veio a saber. Ao anoitecer ainda se avistava a Garça.

Seguindo Francisco Barreto sua derrota para o Cabo de Boa Esperança com vento largo, e bonançoso, proprio d'aquella estação, saltou de repente o vento ao Ponente, e tão rijo, que fez em pedaços a véla grande, e ficando a Náo á capa, cuidando-se que passaria logo aquelle tempo, durou mais dois dias, por cuja razão todos os Officiaes das duas guarnições, dirigidos por Aires Fernandes, Piloto da Garça, que trinta e quatro vezes tinha passado o Cabo de Boa Esperança, representárão a Francisco Barreto, *que no estado em que hia a Náo, era permissão Divina aquelle vento Ponente, que nunca na monção dos Levantes durava tres dias, como agora; e assim lhe requerião quizesse arribar a Moçambique para salvar as vidas de tantas pessoas.* Francisco Barreto, mandando lavrar hum termo, arribou, sempre com as bombas na mão, pela muita agua que a Náo fazia.

Cincoenta legoas antes de Moçambique, indo costeando a terra com todo o panno largo, afastado d'ella dez ou doze legoas, hum filho do Piloto, que estava

pescando na grinalda, bradou duas vezes: *Pai, braça e meia, braça e meia!* Francisco Barreto, que se achava no jardim, correo á tolda, e achou todos em confusão, e revolta, quando neste momento deo a Náo huma pancada com que estremeceo toda, ficando a gente no mais profundo silencio. O Piloto subio á gavia, e mandou ir de ló para o mar até perder a terra de vista. Conjecturou-se que ella roçára pela fralda de algum alfaque, e por isso escapou, aliás acabarião ali todos.

A 17 de Dezembro entrou Francisco Barreto em Moçambique, havendo pouco mais de hum mez que partíra desta Ilha; e por se não demorar muitos mezes, resolveo-se a ir invernar a Goa. Como porêm achou apenas huma Fusta velha, mandou comprar outra a Melinde, e concertadas, e providas ambas do necessario, tomou o commando de huma, e deo o da outra a Jeronymo Barreto Rolim.

No principio de Março de 1560 partírão as duas Fustas, levando Francisco Barreto comsigo a Manoel de Anaia Coutinho, Pedro Alvares de Mancellos, Francisco Alvares, Francisco de Gouvea, e outras pessoas da sua dependencia, ficando em Moçambique a maior parte dos Fidalgos para irem na Náo Aguia na monção de Agosto. Pela Costa da Africa foi elle fazendo escala por varios Portos, a fim de refazer-se de agua, e mantimentos. O primeiro que tomou foi Quiloa, e depois Mombaça, em que se demorou oito dias, alimpando as Fustas, sendo visitado do Rei com hum grande refresco, ao qual correspondeo com peças de muito valor. Desta Cidade passou a outros Portos, e em Melinde desembarcou para visitar o Rei, a quem mandou hum magnifico regalo. Por ultimo chegou a Pate, onde fretou hum navio, que estava carregando para Chaul, e passando-se a elle com a maior parte da gente, que levava na Fusta, se fez á véla para Goa. Mas sendo a

viagem ordinaria de vinte e cinco dias, gastou quarenta, pelas grandes calmarias que achou; e assim padecêrão todos tanta necessidade de agua, que nem a havia para cozer o arroz, e chegárão a ter menos de hum almude d'ella, e só comião tamaras, e cocos.

Nesta situação critica estavão, quando a 16 de Maio pela manhã descobrírão a Costa da India; e de tarde chegou a elles Roque Pinheiro, Commandante de hum Catur, que vinha do Estreito da Arabia, e por curiosidade passou á falla. Este Official, sabendo que vinha ali Francisco Barreto, correo logo a seu bordo, e se lhe lançou aos pés, chorando de magoa de o ver outra vez na India em similhante estado; e dando-lhe quanta agua trazia, voltou a terra a buscar mais, com que a gente se restabeleceo, e animou, porque já não tinha que beber. No dia seguinte entrou Francisco Barreto em Goa, e foi visitar o Vice-Rei acompanhado de toda a Nobreza da Cidade, que acodio a cumprimentallo ao desembarque. D. Constantino de Bragança o recebeo com grandes obsequios, e em nome d'ElRei lhe mandou dar quatro mil pardáos para suas despezas.

Como Francisco Barreto não tinha Náo, em que viesse de Commandante para Portugal, lhe deo o Vice-Rei a Náo S. Julião, que ali invernára, de que era Commandante Antonio de Sousa, satisfazendo a este o prejuizo. Concertada esta Náo, e estando á carga, chegou a Esquadra do Reino, e em huma das Náos vinha de passageiro D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que Francisco Barreto recolheo na sua Náo, na qual se fez á véla a 20 de Dezembro, levando mais comsigo a D. João Pereira, D. Duarte de Menezes, e outros Fidalgos; e com prospera viagem chegou a Lisboa a 13 de Junho de 1561.

1560. — A Esquadra da India (1) foi este anno de

(1) Couto, Decada 7. Liv. 9. Capitulos 5 e 16. — Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende.

seis Náos, commandada por D. Jorge de Sousa, em a Náo Castello; e os outros Commandantes Vasco Lourenço de Barbuda, no S. Vicente; Jorge de Macedo, na Rainha; Lourenço de Carvalho, no Galeão Drago; Ruy de Mello da Camara, no S. Paulo; e Francisco Figueira de Azevedo, no Galeão Cedro. Hião nesta Esquadra o Arcebispo de Goa D. Gaspar, e os dois Inquisidores Aleixo Dias Falcão, e Francisco Marques Botelho, os primeiros que passárão ao Oriente.

Sahio a Esquadra a 20 de Abril, e arribou logo para Lisboa o Galeão Cedro, e a Náo S. Paulo foi invernar á Bahia. As outras quatro Náos dobrárão o Cabo de Boa Esperança já tão tarde, que fizerão derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, em que lhes morreo muita gente de enfermidades. A Náo Rainha entrou em Cochim no começo de Novembro. O S. Vicente vio terra de Panane a 15 deste mez; e surgindo proximo da Costa, mandou o seu Commandante a lancha a Cochim pedir soccorro, que lhe veio logo em seis embarcações de remo, as quaes levárão a Náo ao Porto.

O Drago, e o Castello vírão a Costa do Cabo de Comorim para dentro nos fins de Novembro; e cuidando estarem muito mais ao Norte, forão navegando terra a terra para o Sul, indo adiante o Drago sondando, por ser navio mais pequeno; e como se achava mui visinho aos baixos de Manar, vendo-se em cinco braças, arriou de subito as vélas, e deo fundo quasi na ponta do baixo, cuja manobra imitou bem a tempo a Náo Castello, aliàs se perderião ambas. O Vice-Rei D. Constantino de Bragança, que por acaso estava naquellas visinhanças com huma Armada, mandou soccorrer as duas Náos por algumas embarcações, que as tirárão d'ali a reboque, e levárão a Cochim.

Ruy de Mello da Camara, depois que se refez de agua, e mantimentos na Bahia, sahio a 15 de Setembro,

por assentarem os seus Officiaes, e os Pilotos da terra para isso convocados, que poderia ir por muita altura demandar a Ilha de Sumatra, e d'ali passar á India em Fevereiro na conserva dos navios da China, e de Malaca. Com ventos prosperos avistou no fim de Novembro o Cabo de Boa Esperança; e puchando para o Sul, chegou a 42°, onde achou ventos frescos, com que navegou mais de hum mez, e depois foi diminuindo em latitude a buscar a Sumatra. Finalmente com tempos brandos chegou á Linha, e a 20 de Janeiro ao anoitecer se achou tão abordado com a terra, e com vento travessia tão rijo, que havendo feito alguns bordos, lhe faltou mar para correr, e por ultimo encalhou.

No dia seguinte deitárão a lancha fóra, e desembarcárão com armas em numero de quasi setecentas pessoas; acudindo os naturaes, que parecião gentes pacificas, a vender-lhes algumas coisas. Resolvêrão os naufragantes formar hum arraial, em que se entrincheirárão, e tirando da Náo madeiras, pregadura, e tudo quanto lhes conveio, construírão duas grandes barcaças, e alteárão a borda da lancha, correndo-lhe coberta, no que gastárão pouco mais de mez e meio. Postas no mar as tres embarcações, e guarnecidas com alguns pedreiros, víveres, e munições, commandou huma Ruy de Mello da Camara, outra Antonio de Refoios, e outra Diogo Pereira de Vasconcellos, que trazia comsigo a sua esposa D. Francisca Sardinha, huma das formosas mulheres do seu tempo, e huma filha que tinha de outra mulher. Estas tres embarcações levavão quinhentas e dez pessoas, e ficavão ainda cento e setenta para accommodar. Concordou-se que as embarcações navegarião terra a terra, á vista do destacamento que marcharia ao longo da Costa; e para este effeito se lhe derão as armas necessarias, e se nomeou hum Official para seu Commandante. Assim começárão a sua jornada, e todos os

dias ao pôr do Sol ancoravão as embarcações junto á terra, e o destacamento buscava algum sitio abrigado, em que passar a noite.

A poucos dias de viagem avistárão quatro embarcações pequenas, a que derão cassa, e atirando-lhes hum tiro, a gente d'ellas as abandonou, salvando-se a nado em terra. Estas embarcações vinhão carregadas de farinha de sagum, e servírão para recolher o destacamento. Constava agora a esquadrilha de sete vasos, que continuárão a navegar unidos; e chegando a 3° de latitude Sul, hum dia antes da Lua nova se recolhêrão em hum Rio caudaloso, que achárão, para deixarem passar a conjuncção, e esta foi tão tempestuosa, que por espaço de doze dias não podérão sahir. Este territorio pertencia ao Rei de Menamcabo, amigo do Estado, a cujo Porto hião todos os annos navios de Malaca negociar ouro, de que havia abundancia no Paiz.

Confiados os Portuguezes nesta amizade, andavão affoutamente por toda a parte, e Diogo Pereira se estabeleceo em terra com sua mulher, de cuja belleza, e ricos ornatos se maravilhavão os habitantes. Estes, cubiçosos de levarem ao seu Rei tão formosa creatura, e animados com o descuido dos Portuguezes, assaltárão huma noite as suas casas, e na revolta morrêrão perto de sessenta Portuguezes, ficando cativa D. Francisca, em cuja defensa fez o Mestre da Náo acções admiraveis, até perder a vida. Diogo Pereira salvou a filha, e o resto da sua familia, e todos se recolhêrão ás embarcações.

Sahindo deste funesto Rio, navegárão ao longo da Costa, e entrados no Estreito de Sunda, forão tomar a Cidade de Bantam, onde achárão Pedro Barreto Rolim, Commandante de quatro navios da India, que estava carregando pimenta para a China, com o qual ficárão (1).

(1) Outros Escritores accrescentão circunstancias horriveis a este

1560. — Havia muitos annos (1) que os Francezes, e os Inglezes frequentavão as Costas do Brasil, sobre tudo do Cabo de Santo Agostinho para o Norte, em que fazião hum trafico vantajoso, comprando a troco de bagatellas aos Indios o páo Brasil, que era de grande preço na Europa.

De todos os aventureiros, que a cubiça attrahio áquelles Paizes, de que ainda se não conhecião as riquezas, o mais capaz de organizar huma Colonia era o Francez Nicoláo Durand de Villegagnon, Cavalleiro da Ordem de Malta, soldado valoroso, e habil marinheiro; de que deo brilhantes provas quando os Tscocezes querião, e não ousavão mandar para França a sua infeliz Rainha Maria Stuart, por temerem que a Esquadra Ingleza a interceptasse no caminho. Achava-se elle em Leith com algumas Galés, e sahindo com todas as apparencias de ir buscar a Costa de França, mudou de rumo, e animou-se a dobrar a Escocia pela banda de Oeste, viagem reputada naquella época impossivel a embarcações similhantes, enganando assim os Inglezes, que o esperavão em outra paragem, e desembarcou a Rainha a salvo na Bretanha.

Em huma viagem ao Rio de Janeiro procurou Vilegagnon ligar correspondencias com os Indios Famoios, que habitavão o Paiz, e tambem escolher local para lançar os fundamentos de huma Colonia. Voltando a França, obteve de Henrique II., pela protecção de Co-

naufragio, principalmente Henrique Dias, que nelle se achou, e escreveo huma longa Relação, a qual se encontra no 1.° tomo da Historia Tragico-Maritima. Eu segui a Diogo de Couto, que diz conhecêra em Goa algumas das pessoas, que escapárão.

(1) Vede Francisco de Brito Freire, Guerra Brasilica Liv. 1. n. 60 até 61. — Rocha Pita, Historia da America Liv. 1. — Noticia do Brasil Parte 1. Cap. 53. — Historia do Brasil de Roberto Southey tomo 1. Capitulos 9 e 12. — Memorias d'ElRei D. Sebastião tomo 1. Cap. 8.

ligny, dois navios de duzentas toneladas, e hum transporte de cem, em que se embarcárão muitos aventureiros bem nascidos, e alguns Artifices, e soldados. Estas tres embarcações partírão do Havre de Grace em 1556, mas abrindo agua o navio de Villegagnon, arribou a Dieppe, e em quanto se reparava, desertárão muitos dos seus, já descontentes da viagem. Sahio finalmente d'aquelle Porto, e chegou ao Rio de Janeiro, onde projectou primeiro estabelecer-se em huma Ilhota de pedra (a lage), que está na entrada d'aquella magnifica Bahia, porêm mudou-se depois para outra Ilha situada mais dentro do canal (a Ilha de Villegagnon), com quasi huma milha de circumferencia, huma praia de arêa pouco extensa, cercada em roda de penedos, e sem agua. Fortificou Villegagnon dois morros, que dominavão o resto da Ilha, e formou no centro d'ella em huma rocha mais alta hum armazem cavado na pedra. Esta fortificação tornou-se respeitavel, e se chamou Forte de Coligny.

Expedio Villegagnon huma embarcação de aviso áquelle Almirante, expondo-lhe as riquezas do Brasil, e as boas disposições que mostravão os Indios, pedindo-lhe reforços, e alguns Theologos de Genebra, para os doutrinarem; o que lisongeava as vistas de Coligny, tão bom General, como Politico, e mui zeloso pelo Calvinismo, cujo projecto parece que era crear huma boa Colonia no Brasil, que fosse vantajosa ao Commercio da França, e servisse de refugio aos Calvinistas perseguidos na sua patria.

Em consequencia destas communicações, fez Coligny aprestar hum soccorro á custa da Coroa, composto de tres navios com trezentos homens, quasi todos aventureiros, em que entrava o Historiador João de Lery. Commandava a expedição Bois le Conte, sobrinho de Villegagnon, que levava comsigo dois Mi-

nistros Calvinistas, e na sua viagem roubou todas as embarcações que encontrou, sem distincção de bandeira.

Com este reforço se acharia Villegagnon em estado de conservar a Colonia, se as suas idéas não estivessem mudadas; ou antes se coincidissem na realidade com as de Coligny, como até ali tinha figurado; mas agora começou a exercer taes tyrannias sobre os seus companheiros, que hum grande numero destes voltou para França.

Quatro annos se conservou Villegagnon na posse da sua Ilha, d'onde não se aventurava a alargar-se muito pelo Continente, com receio dos Tamoios anthropófagos, ainda que vivia com elles em boa harmonia; e por ultimo partio para França com o fim de obter huma Esquadra para commetter novas emprezas, e na sua auzencia mudou inteiramente o estado das coisas.

A Regente de Portugal, conhecendo o perigo que ameaçava o Brasil, se deixasse estabelecer no Rio de Janeiro huma Colonia Franceza, mandou ordem a Mendo de Sá, Governador Geral d'aquellas vastas Regiões, para que destruisse o estabelecimento nascente, e lhe remetteo para esse effeito huma pequena Esquadra commandada por Bartholomeu de Vasconcellos, que chegou á Bahia a 30 de Novembro de 1559.

Poz o Governador em Conselho o modo de executar as Ordens da Regente, e a 16 de Janeiro de 1560 sahio da Bahia com as embarcações de guerra vindas de Portugal, e alguns navios, e Caravelas da Cidade, em que se embarcárão os soldados disponiveis, e muitos moradores nobres, e foi correndo os Portos do Sul, dos quaes tirou alguma gente voluntaria, e mantimentos, até chegar á barra do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro, onde foi obrigado a esperar algum tempo o soccorro, que com antecipação mandára pedir a S. Vicente, o qual recebeo com effeito.

Conservavão os Francezes na Ilha setenta e quatro homens da sua Nação, e quarenta guarnecendo hum navio, que desampararão logo que foi atacado de huma Galé Portugueza, recolhendo-se ao Forte, como fizerão alguns outros, que andavão por terra: alêm desta gente, tinhão recolhido no mesmo Forte mil Indios frecheiros, e alguns espingardeiros.

Reconhecida a Ilha pelo Governador, Commandante da Esquadra, e mais Officiaes maiores, achárão todos mui difficultosa a empresa, e pareceo mais prudente offerecer aos Francezes huma honrada capitulação, a qual regeitárão com desdem.

A 15 de Março começou o ataque, batendo os navios as fortificações de hum lado, e jogando do outro contra ellas huma bateria construida na pequena praia, que lhe servia de Porto. A este fogo respondêrão com vantagem os defensores, e depois de dois dias de inutil dispendio de vidas, e munições, por serem as obras abertas na rocha viva, mandou o Governador dar hum assalto, no qual se comportárão os Portuguezes com tal valor, favorecidos do casual incendio do armazem da polvora, que os Francezes abandonárão o Forte, fugindo de noite nas suas canoas todos os que escapárão das chammas, e do ferro.

Tomada a Ilha, mandou o Governador arrazar as fortificações, e voltou para a Bahia, fazendo antes huma digressão á Villa de S. Vicente.

1561. — Neste anno nomeou a Regente para Vice-Rei da India ao Conde do Redondo D. Francisco Coutinho (1), e se lhe aprestou huma Esquadra de cinco Náos, indo elle embarcado no S. Tiago; e os outros

(1) Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto de Rezende. — Couto, Decada 7. Liv. 10. Cap. 1. — O Livro intitulado = Discurso sobre los Commercios de las Indias, &c. = por Duarte Gomes, Madrid 1622.

Commandantes Gonçalo Correa, na Flor de la Mar; Manoel Jaques, no Santo Antonio; Francisco Figueira de Azevedo, na Garça; e Pedro Alvares Vogado, na Algarvia.

A 9 de Março sahio de Lisboa o Vice-Rei, e com prospera viagem ancorou em Moçambique a 15 de Julho com toda a Esquadra. Sahio d'ali a 6 d'Agosto, e ancorou com ella em Goa a 7 de Setembro.

1562. — A Esquadra da India (1) foi este anno de seis Náos, commandada por D. Jorge Manoel, embarcado em a Náo S. Martinho, feita em Damão (que desappareceo á vinda); e os outros Commandantes Fernão Martins Freire, na Esperança; Antonio Mendes de Castro, em S. Vicente; Fernão Coutinho, no Tigre; Luiz Mendes de Vasconcellos, na Rainha; e D. Rodrigo de Castro, no Cedro.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 15 de Março, levando tres mil soldados, gente escolhida; e com boa viagem ancorou toda junta em Goa nos principios de Setembro.

1562. — Neste anno aconteceo o memoravel cerco de Mazagão (2), que governava Ruy de Sousa de Carvalho, na ausencia do Governador Alvaro de Carvalho, seu irmão; e se achava unicamente com dois mil e quatrocentos homens de pé, mui poucos de cavallo, e grande penuria de víveres, e munições.

A 4 de Março se apresentou diante da Praça Muley Hamet, filho de Muley Abdalá, Rei de Féz, e Marrocos, com hum Exercito formidavel, que se diz chegar a cento e cincoenta mil homens.

A Regente de Portugal tratou com a maior activi-

(1) Couto, Decada 7. Liv. 10. Cap. 7. — Faria, Asia Portugueza. — Barreto de Rezende. — Discursos sobre los Commercios, &c.

(2) Memorias d'ElRei D. Sebastião tomo 2. Liv. 1. Capitulos 4, 6, e 7.

dade de prevenir os soccorros necessarios: mandou comprar munições de guerra a Flandes, e fez conduzir outras da Ilha da Madeira, e da Andaluzia. Alvaro de Carvalho embarcou logo para Mazagão com muitos Fidalgos, e pessoas distinctas, e sessenta Cavalleiros da sua Praça, que sè achavão na Corte. Francisco Portocarreiro partio com cem homens; Jorge Mendes de Faria com sessenta; Francisco da Cunha com alguns seus parentes, e outra muita gente. Os Mareantes de Lagos, e Tavira mandárão quarenta homens; Luiz de Castro, rico Negociante, levou cem; Jorge da Silva enviou oitenta; João Cabral, e João Rodrigues de Torres conduzírão cem; e Vasco Fernandes Homem maior numero; assim como D. Antonio Lobo, e Luiz de Faria; e João de Teive levou vinte e cinco. Toda esta gente foi á custa dos que a conduzião, e era tal o ardor, e boa vontade com que todos se offerecião por soldados, que moços de quatorze annos se embarcavão furtivamente, e o mesmo praticou Simão Sodré, Fidalgo de oitenta annos, a quem a Regente ordenára que não fosse. Os Officiaes mecanicos de Lisboa concorrêrão com mil homens pagos á sua custa; e os Moedeiros com oitenta. Este primeiro Comboi, que partio a 20 de Março, e chegou a 28, levava grande quantidade de víveres, munições, boticas, e quanto pareceo seria necessario a huma Praça sitiada.

No principio de Abril expedio a Regente a Antonio Moniz Barreto, Pedro de Goes, e Gaspar de Magalhães, Official de reputação nas guerras de Italia, e França, com duzentos e cincoenta bons soldados, e algumas munições de guerra; e nomeou Vasco da Cunha, e seu irmão Christovão da Cunha para servirem de Conselheiros a Alvaro de Carvalho; e para Engenheiros Izidoro de Almeida, e Francisco da Silva.

Entre os que forão soccorrer Mazagão, soffreo

Sebastião de Brito de Menezes a desgraça de ver naufragar o navio do seu commando, carregado de polvora, e munições; porque surgindo naquella Bahia, mui desabrigado dos ventos do mar, que então sopravão furiosos, deo á costa, salvando-se milagrosamente toda a gente. Melhor fortuna teve Manoel Rodrigues, Commandante de hum Bergantim do Algarve, tambem carregado de munições, por quanto, ainda que o colheo o temporal, em que deitou ao mar os mantimentos (não querendo por nenhum caso alijar as munições), pôde desembarcar a salvo no mesmo lugar, em que Sebastião de Brito se acabava de perder.

Apôs estes soccorros expedio a Regente logo outro de dois mil homens, em que se contavão muitos Fidalgos, o qual chegou pouco antes do primeiro assalto, que os Mouros derão á Praça a 24 de Abril; e a 30 do mesmo entrou outro reforço de sete navios carregados de munições, e com duzentos e cincoenta soldados commandados por Francisco Henriques, que desembarcou na occasião em que elles davão outro furioso assalto, de maneira que estes novos hospedes ainda entrárão em acção. Nos dias seguintes chegárão mais navios com alguns Fidalgos, e em hum d'elles o Capitão Agostinho Ferraz com duzentos e cincoenta soldados escolhidos. Mas a 7 de Maio levantárão os Mouros o cerco com perda de vinte mil homens.

1562. — Neste anno (1) mandou o Governador Geral do Brasil Mendo de Sá hum soccorro de navios, e soldados da Cidade da Bahia á Capitania do Espirito Santo, que assolavão os Indios Goainezes, e Tupiniquins, de que deo o commando a seu filho Fernando de Sá, moço de grandes esperanças. Chegando este

(1) Memorias d'ElRei D. Sebastião, no tomo citado, Cap. 17. — Noticia do Brasil Cap. 42.

ao Rio Quiricaré, desembarcou, e encorporado com os Portuguezes que lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho, atacou os Indios, que facilmente rompeo na primeira carga. Porêm crescendo em demasia o numero dos inimigos, se poz Fernando de Sá em retirada para os navios, a qual se fez com tal desordem, que o matárão a elle com muitos dos seus.

1562. — Contarei aqui hum exemplo notavel dos costumes, e disciplina militar d'aquelle seculo.

D. Constantino de Bragança (1), havendo entregue o Governo da India ao Conde do Redondo, partio para Portugal, embarcado em a Náo Chagas, que mandára construir á sua custa, e foi o mais celebre navio d'aquelles tempos, porque conduzio á India quatro Vice-Reis, e dobrou dezesete vezes o Cabo de Boa Esperança. Sahírão de Cochim com D. Constantino outras cinco Náos, de huma das quaes, chamada o Castello, era Commandante D. Jorge de Sousa, que fôra Chefe da Esquadra do anno de 1560, o qual, por não arriar a bandeira a D. Constantino (2), separou-se logo d'elle. No decurso da viagem apartárão-se igualmente os outros navios, e D. Constantino veio por acaso encontrar-se na Ilha de Santa Helena com D. Jorge de Sousa. Vendo que este conservava içada a bandeira, poz a sua Náo prompta para combate, e deo huma espia para se aproximar á Náo Castello, com intenção de a metter no fundo, ou abordalla, e prender a D. Jorge; mas antes de chegar a esta extremidade, mandou a seu bordo notificar aos Officiaes, Fidalgos, e pessoas nobres que ali vinhão, que desembarcassem, *sob pena de caso maior*; o que todos logo cumprírão.

(1) Vede Couto no lugar acima citado.

(2) Hum Chefe da Esquadra da India trazia bandeira no tope grande, desde que sahia de Lisboa até que voltava, ainda que na torna-viagem viesse commandando o seu unico navio.

D. Jorge, mudando de parecer, arriou a bandeira do tope, e foi a bordo da Náo Chagas dar satisfação a D. Constantino, que se deo por contente; e d'ali até Portugal sempre D. Jorge seguio a sua esteira, e o salvava todos os dias. Porêm chegando a Cascaes, e tendo a Regente noticia antecipada deste acontecimento, por huma Náo que entrou primeiro, e communicára com estas duas nas Ilhas dos Açores, o mandou desembarcar preso para o Castello de Lisboa, onde esteve alguns tempos, e por ultimo obteve perdão da Regente.

1563. — A Esquadra da India (1) foi este anno de quatro Náos, commandada por D. Jorge de Sousa, embarcado em a Náo Castello; e os outros Commandantes Diogo Lopes de Lima, na Garça; Vasco Lourenço de Barbuda, em S. Filippe; e Vasco Fernandes Pimentel, na Algarvia.

Partio a Esquadra de Lisboa a 16 de Março, e arribou a Náo Algarvia. As outras chegárão a Goa nos primeiros dias de Setembro; e estando surtas ainda com a maior parte da carga, soçobrou com hum aguaceiro o S. Filippe, perdendo-se quanto tinha a bordo.

1564. — Havendo a Regente nomeado D. Antão de Noronha para Vice-Rei da India, sahio de Lisboa a 19 de Março com huma Esquadra de quatro Náos, embarcado no Santo Antonio; e os outros Commandantes Damião de Sousa, na Flor de la Mar, que á vinda se perdeo em Moçambique; Francisco Portocarreiro, em S. Vicente; e Antonio Mendes de Castro, na Rainha (2).

Esta Esquadra chegou a Goa a 3 de Setembro.

(1) Couto, Decada 7. Liv. 10. Cap. 16. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios, &c.

(2) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discurso sobre los Commercios, &c.

1564. — Resoluto ElRei de Hespanha Filippe II. (1) a reconquistar o Penhão de Velez de la Gomara, Praça forte, que os Mouros havião tomado por traição (2), reunio huma poderosa Armada, e hum Exercito proporcionado á empreza; e pedindo auxilio á Regente de Portugal, se preparou huma Esquadra composta do famoso Galeão Bota-Fogo, oito Galés, e quatro Fustas, tudo guarnecido de mil e quinhentos soldados, e trezentos Cavalleiros, cujo commando confiou a Regente a Francisco Barreto, levando ás suas ordens, como Commandante das Galés, a seu sobrinho Ruy Barreto.

Passou esta Esquadra a Cadiz, em cujo Porto se achava com quinze Galés D. Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, General em Chefe d'aquella expedição; e depois de conferirem ambos, sahio D. Garcia de Toledo para Malaga, ponto de reunião de todas as forças navaes, e terrestres; e Francisco Barreto dirigio-se a Tanger, e embarcando duzentos dos melhores soldados, e alguns Cavalleiros, partio para Malaga.

Compunha-se o total da Armada de hum Galeão, quatorze Galés d'Hespanha do Commando particular de D. Garcia de Toledo (por ter o titulo de General das Galés); oito de Portugal; cinco da Ordem de Malta, commandadas por D. Fr. João Egio; tres de Napoles, de que era General D. Sancho Martines de Leiva; dez da Sicilia, ás ordens de D. Fradique de Carvajal; sete governadas por D. Alvaro Razan; sete por Marco Antonio Colona; doze por André Doria; dez do Duque de Florença; tres do Duque de Saboia, Commandante

(1) Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 2. Livro 1. Capitulos 1. e 2.

(2) Este Castello he construido em hum Ilhote, separado da Costa da Africa no Mediterraneo por hum estreito braço de mar, situado na latitude 35° 11′ 45″, longitude 13° 55′. O seu Porto he pequeno, e com tão pouco fundo, que só póde admittir barcos.

o Conde de Sofrasco; e quatro do Marquez de Estepa, ao todo oitenta e tres Galés. As Galeotas, Fustas, e outras embarcações pequenas excedião o numero de sessenta.

Sahio a Armada de Malaga a 31 de Agosto, e em tres dias de facil navegação chegou á vista do Penhão; e fazendo D. Garcia de Toledo conselho com os principaes Officiaes, destacou o Marquez de Estepa a reconhecer o Castello de Alcalá, situado em hum penhasco sobre o mar (1), o qual se achou deserto, de que avisado D. Garcia, foi surgir em huma Enseada já reconhecida, e começando logo a desembarcar as tropas, fez occupar o Castello por huma Companhia de arcabuzeiros, e tratou de guarnecer outros postos importantes. Neste tempo chegou Francisco Barreto, e o General Egio, que se havião atrazado, e se mostrárão sentidos de se ter effeituado o desembarque na sua ausencia, aos quaes satisfez D. Garcia com boas razões.

Governava o Penhão Ferred-Arraes, intrepido Renegado, que além da guarnição ordinaria, tinha cem Turcos escolhidos, e víveres, e munições para seis mezes.

Resolveo-se no Conselho de D. Garcia de Toledo, que para facilitar as operações contra o Penhão, cumpria ganhar a Cidade de Velez, sitiada a tiro de canhão d'aquella Praça, e em consequencia marchou para ella o Exercito a 3 de Setembro em duas divisões, levando a primeira na vanguarda toda a Cavallaria, commandada por D. João de Villa Real, para explorar o Paiz, que era coberto, e difficil. D. Sancho de Leiva tinha o commando desta divisão, e Francisco Barreto o da segunda, cuja retaguarda cobria o Conde Annibal de Altemps com os seus Alemães.

(1) Construído pelos Portuguezes no tempo d'ElRei D. Manoel, e abandonado havia muitos annos, por se julgar inutil a sua conservação.

Quando a vanguarda subio ao alto da montanha de Valez, apparecêrão alguns Mouros, que forão rechaçados; e pouco depois sobreveio hum corpo d'elles mais numeroso, que carregou com tanto valor a retaguarda, que o Conde de Altemps poz em bateria doze canhões para lhe resistir; e reforçado com algumas tropas Portuguezas, e Hespanholas, os expulsou do campo com grande perda; de maneira que não voltárão mais. Occupada a Cidade, já abandonada dos seus moradores, mandou D. Garcia hum pequeno destacamento a guarnecer huma Torre edificada sobre a montanha de Baba, o qual desalojou d'ella alguns Mouros. E finalmente, occupados todos os postos necessarios para cobrir o Exercito, e cortar as communicações aos sitiados, levantou huma bateria de doze peças para fazer brecha no Castello, que era batido ao mesmo tempo da banda do mar pelo Galeão Portuguez, e muitas Galés, que fazião hum fogo terrivel, e continuo, com que desmontárão algumas peças do Castello; e derribárão duas Torres com hum lanço de muralha.

D. Garcia de Toledo propoz então a Ferred huma Capitulação vantajosa, que elle não acceitou; e continuando as baterias o seu fogo, tentárão os sitiados huma sortida, em que forão repellidos, deixando trinta mortos no campo, e levando muitos feridos. Para abbreviar o cerco, construio-se outra bateria em hum penhasco a tiro de mosquete do Castello; e vendo os Turcos o damno que recebião, e o pouco effeito que produzião os seus tiros contra os navios, e obras dos sitiantes, abandonárão quasi todos a Praça na noite de cinco de Setembro, passando a nado para a terra firme, cujo exemplo seguio forçadamente o seu Governador; e os poucos defensores, que restárão por não saberem nadar, abrírão as portas aos Hespanhoes, que achárão no Castello vinte e cinco canhões, e muitos víveres, e munições de guerra.

A conquista do Penhão encheo de gosto a ElRei de Hespanha, que escreveo a Francisco Barreto, agradecendo-lhe os serviços relevantes que fizera, e enviando-lhe o seu retrato em huma medalha de ouro pendente de huma grossa cadêa do mesmo metal.

1564. — Continuando os Francezes a infestar a Costa do Brasil; e a ampliar o seu estabelecimento no Rio de Janeiro (1), escreveo a Regente de Portugal a Mendo de Sá, que fizesse todo o esforço para os expulsar d'aquelle Porto, e construisse nelle huma Cidade. Para esta expedição lhe mandou dois Galeões bem armados ás ordens de Estacio de Sá, seu sobrinho, o qual chegando á Bahia, recebeo ordens do Governador para se dirigir ao Rio de Janeiro, em quanto elle não hia em pessoa, aggregando-lhe aos dois Galeões todas as embarcações do Paiz, que pôde armar, e a gente de guerra disponivel que existia na Bahia.

Sahio Estacio de Sá com o titulo de General do Mar, e chegando á barra do Rio de Janeiro, soube por hum prisioneiro Francez, que estavão dentro alguns navios Francezes, e que os Tamaios havião quebrado as pazes, e fazião guerra aos Portuguezes; de que teve logo as provas, porque indo algumas lanchas da Esquadra fazer aguada em huma ribeira, foi huma d'ellas salteada por sete canoas, que lhe ferírão, e matárão alguns marinheiros. Alêm d'isso era grande a multidão de Indios armados, que apparecia nas praias, e canoas de guerra que bordejavão pela Bahia, como para darem mostras da sua ousadia. Estacio de Sá, que era tão prudente, como valoroso, julgou mais acertado prorogar a vingança, para a qual não trazia forças; e suspendendo as ancoras, navegou para a Villa de S. Vicente, e

(1) Rocha Pita, Liv. 3. — Brito Freire, Liv. 1. — Memorias de ElRei D. Sebastião, tomo 2. Liv. 2. Cap. 12.

mandou tambem pedir auxilio á Capitania do Espirito Santo, d'onde lhe vierão alguns soccorros de Portuguezes, e Indios: e reforçado igualmente com algumas canoas guarnecidas de Mamelucos, e Indios Christãos de S. Vicente, que conduzia o Veneravel Padre Anchieta, sahio desta Villa a 20 de Janeiro de 1565.

No principio de Março tomou a barra do Rio de Janeiro, e desembarcou as suas tropas em huma praia visinha ao Pão de Assucar, onde se fortificou, por lhe parecer o sitio defensavel, e apto para se conservar nelle até á vinda do Governador Geral. Aqui o vierão atacar os Tamoios; e a pesar do seu grande numero, forão derrotados. A mesma sorte experimentárão em hum combate de vinte e sete canoas suas, contra dez canoas Portuguezas. Por ultimo voltárão os Tamoios com cento e trinta canoas cheias dos seus mais intrepidos guerreiros, apoiadas por tres navios Francezes bem artilhados, e accommettendo com furia os entrincheiramentos, e embarcações Portuguezas, recebêrão tal damno da artilheria, e mosqueteria, que voltárão as costas com grande perda de gente, e canoas; e os Francezes, abandonados por elles, fizerão o mesmo.

Esta victoria foi por então decisiva, e Estacio de Sá pôde enviar alguns destacamentos, que reduzírão á sua obediencia as Aldeas visinhas. Em outro combate naval, quatorze canoas Portuguezas derrotárão setenta e quatro dos inimigos. Depois destes felizes acontecimentos conservou-se Estacio de Sá no seu campo fortificado até á chegada do Governador, que o Padre Anchieta foi solicitar á Bahia, para que viesse concluir aquella importantissima empreza.

1565. — A Esquadra da India (1) foi de quatro Náos,

(1) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discurso sobre los Commercios, &c.

commandada por Francisco de Sá de Menezes, em a Náo Chagas; e os outros Commandantes Bartholomeu de Vasconcellos, no Tigre (que na torna-viagem se perdeo em Moçambique); Martim Queimado de Villalobos, em S. Rafael; e Pedro Peixoto da Silva, na Esperança.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 25 de Março, e chegou junto a Goa nos principios de Setembro.

1566. — Este anno (1) mandou a Regente á India huma Esquadra de quatro Náos, commandada por Ruy Gomes da Cunha, embarcado em a Náo Santa Clara; e os outros Commandantes D. Diogo Lobo, na Rainha; André Bugalho, no Reis Magos; e Francisco Ferreira, no S. Francisco.

Partio de Lisboa a Esquadra a 16 de Março, e ancorou toda em Goa a 15 de Setembro.

1566. — A 3 de Outubro deste anno (2) foi invadida a Ilha da Madeira por huma Esquadra Franceza de sete navios grandes, e bem armados, commandada por Mr. de Moluc, conduzido pelo traidor Gaspar Caldeira, Moço da Camara do Cardeal Infante D. Henrique, o qual andava fugido de Portugal. Desembarcou Moluc na Praia Formosa com novecentos soldados, e desbaratando sem combate alguns habitantes, que tentárão fazer-lhe opposição, marchou para a Cidade do Funchal, levando por prático ao mesmo Caldeira. Mui fraca foi a resistencia, que se lhe fez, e só a elle se tornou fatal, porque huma bala de artilheria disparada de huma Caravela surta no Porto, o ferio de modo, que falleceo poucos dias depois, sem que entretanto deixas-

(1) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios, &c.

(2) Memorias de D. Sebastião, tomo 2. Liv. 2. Capitulos 24 e 25. — Chronica do dito Rei, attribuida a D. Manoel de Menezes, Cap. 124.

se de exercer as funcções de General com o mesmo valor, e habilidade.

Na entrada da Cidade, e de hum Forte, que lhe servia de Cidadella, morrêrão muitas pessoas, por não darem quartel os Francezes. O Governador interino da Ilha Francisco Gonsalves da Camara (achavão-se nesta occasião em Lisboa seu tio Simão Gonsalves da Camara, Governador proprietario, e o Bispo) ficou prisioneiro no Forte com sua mulher, e muitas Senhoras nobres, que se havião ali recolhido: e no saque geral, que derão os invasores, commettêrão estes atrocidades mais proprias de barbaros, que de homens civilizados.

Chegou a Lisboa a noticia desta escandalosa invasão, e em quatro dias se aprestou huma Esquadra de oito Galeões, e quatorze Caravelas, commandada por Sebastião de Sá, em que se embarcárão muitas pessoas illustres; mas chegando á Ilha da Madeira no dia 26 de Outubro, achou terem os Francezes abandonado a Ilha dez dias antes, levando em dinheiro, e generos commerciaes o valor de mais de milhão e meio, e dois navios que se achavão no Porto.

Soube logo Sebastião de Sá, que os Francezes se havião dirigido a Canarias para venderem os roubos; e em vez de sahir no mesmo instante em seu seguimento, deteve-se tantos dias na Madeira, que quando chegou áquellas Ilhas, tinhão-se elles retirado dois dias antes.

Não escapou Gaspar Caldeira á justiça Divina; trazido a Lisboa a 16 de Fevereiro de 1568, foi executado dois dias depois por sentença da Relação, juntamente com Antonio Luiz, e Belchior de Contreiras, Pilotos Portuguezes complices do mesmo attentado.

1567. — A Esquadra da India (1) foi este anno de

(1) Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto de Rezende. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Discursos sobre los Commercios, &c.

quatro Náos, commandada por João Gomes da Silva, embarcado em a Náo Reis Magos; e os outros Commandantes Pedro Leite, na Belem; Lourenço da Veiga, na Annunciada; e Vicente Trigueiros, no S. Rafael.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 18 de Março, e chegou a Goa nos principios de Setembro.

1567. — Para concluir a conquista do Rio de Janeiro (1), sahio da Bahia Mendo de Sá com cinco navios de guerra, e seis Caravelões, em que embarcou a tropa disponivel, e muitos moradores que voluntariamente o quizerão accompanhar em huma empreza tão util ao Estado, como a elles proprios; e nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Santo recebeo alguns reforços. A 18 de Janeiro de 1567 chegou a Esquadra ao Rio de Janeiro, e reunido o Governador com seu sobrinho Estacio de Sá, resolveo atacar os Indios no dia de S. Sebastião.

Estavão os Tamoios bem fortificados em Urassumurí com entrincheiramentos guarnecidos de artilheria, e munidos de armas de fogo, tendo comsigo alguns Francezes. O assalto foi tão impetuoso, que as tropas penetrárão por todas as partes no campo, e passárão á espada todos os defensores. Mas esta victoria custou a vida a Estacio de Sá, ferido de huma seta envenenada, de que falleceo: os outros mortos não passárão de doze, incluso o Capitão Gaspar Barbosa.

Ganhado este campo, passou o Governador a atacar outro, que os inimigos tinhão fortificado em Paranapucuy, onde o successo foi igual, não escapando de mortos, ou prisioneiros todos os que o defendião.

Estas duas victorias fizerão os Portuguezes senhores do terreno, e o Governador pôde começar a fundação

(1) Brito Freire, Liv. 1. —— Rocha Pita, Liv. 1. —— Noticia do Brasil, Parte 1. Cap. 54. — Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 2. Liv. 2. Cap. 35.

da Cidade, a que deo o nome de S. Sebastião, na qual deixou de Commandante a seu sobrinho Salvador Correa de Sá, e se retirou para a Bahia.

1568. — Apenas ElRei D. Sebastião tomou o Governo do Reino (1), nomeou para Vice-Rei da India a D. Luiz de Menezes, herdeiro da Casa da Atouguia, que havia feito grandes serviços no Oriente, onde a relaxação dos costumes, companheira inseparavel da opulencia, tinha offuscado a gloria dos Portuguezes. Desejava ElRei ardentemente restabelecer a severa disciplina, e desinteressado zelo dos primeiros Conquistadores d'aquelle vastissimo Paiz, e julgou que hum bom Vice-Rei seria capaz de operar essa reforma. Eis-aqui a laconica, e energica Instrucção escrita do seu punho, que elle entregou a D. Luiz de Menezes: *Fazei muita Christandade. Fazei justiça. Conquistai tudo quanto poderdes. Tirai a cubiça dos homens. Favorecei aos que pelejarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo isto vos dou o meu poder. Se o fizerdes assim muito bem, far-vos-hei mercê. Se o fizerdes mal, mandar-vos-hei castigar. Se alguns Regimentos forem em contrario destas coisas, supponde que me enganárão, e por isso não haja quem vos estorve isto.*

Constava a Esquadra de cinco Náos: o Vice-Rei embarcou em a Náo Chagas, e os outros Commandantes erão Pedro Cesar, na Fé; Antonio Sanches de Gamboa, em Santa Catharina; Damião de Sousa Falcão, nos Remedios; e Manoel Jaques, em Santa Clara. Esta Esquadra levava muita gente nobre.

Sahio de Lisboa o Vice-Rei a 6 de Abril, soffreo huma tempestade no Cabo de Boa Esperança, em que a Náo Remedios desarvorou, e por isso foi invernar a

(1) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios, &c. — Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 3. Capitulos 4, e 8.

Moçambique. A Náo Chagas tambem desarvorou, e perdeo o leme, mas chegou a Goa com o resto da Esquadra a 10 de Setembro.

1569. — A Esquadra da India foi este anno de quatro Náos, seu Commandante Filippe Carneiro, embarcado em a Náo Reis Magos; e os outros Belchior Rebello, na Belem; Francisco Ferreira, no S. Francisco; e João de Barros, no Santo Espirito (1).

Sahio de Lisboa a 25 de Março, e chegou a Goa a 3 de Setembro.

1569. — Tendo ElRei formado o projecto de mandar descobrir as riquissimas Minas de Monomotapa, e de fazer ali hum estabelecimento permanente (2), nomeou para esta espinhosa commissão a Francisco Barreto, General das Galés, com o titulo de Capitão General, e Conquistador dos Reinos situados entre os Cabos das Correntes, e Guardafui, assignando-lhe para esta empreza tres Náos, e mil soldados, cem mil cruzados cada anno para as despezas do Governo, e hum reforço annual de quinhentos homens.

A fama de huma expedição em que se tratava de Minas de ouro, e prata, attrahio tanta gente a alistarse, que ainda sobejou; e na que embarcou se contavão trezentos homens nobres, e duzentos criados d'ElRei.

Commandou Francisco Barreto a Náo Rainha, que levava seiscentos soldados; e os outros dois Commandantes erão Vasco Fernandes Homem, na Assumpção, e Lourenço Carvalho, na Santa Clara: cada huma destas Náos conduzia duzentos homens de tropa; alêm destes, embarcárão mais cem Africanos, porque o General projectava mandar buscar cavallos á India, para os mon-

(1) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Faria, Asia Portugueza. — Barreto de Rezende. — Discursos sobre los Commercios, &c.

(2) Couto, Decada 9. Cap. 20. — Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 3. Liv. 1. Cap. 21.

tar, e servir-se d'elles na sua marcha por terra a Monomotapa.

Francisco Barreto era infeliz nas viagens maritimas. Sahio de Lisboa a 18 de Abril, e estando já fóra da Barra, saltou o vento a Oeste, que o obrigou a entrar, e veio dar fundo em Belem. Durou o máo tempo dezoito dias; a 8 de Maio tornou a sahir, e com outra tempestade desarvorou a Náo de Lourenço de Carvalho, que arribou a Lisboa.

Proseguírão as duas a sua derrota, e achárão na Linha setenta e dois dias de calmarias, por cuja causa arribárão á Bahia, onde entrárão a 4 de Agosto. Providas de agua, e mantimento, partírão desta Cidade, soffrerão trinta e seis dias de capa no Cabo de Boa Esperança, e ancorárão em Moçambique a 16 de Maio do anno seguinte. Do resto desta expedição, em que Francisco Barreto acabou a vida, tratarei nas Memorias do Oriente.

1570. — A Esquadra da India (1) constou este anno de quatro Náos, commandada por Jorge de Mendonça, na Santa Catharina; e os outros Commandantes D. João de Castello Branco, na Annunciada; Nuno de Mendonça, no S. Gabriel; e Lourenço de Carvalho, no S. Luiz.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 7 de Março, e chegou a Goa a 7 de Setembro.

A 10 de Novembro partio para a India Manoel de Mesquita, commandando o Galeão S. Leão, que invernou em Moçambique.

1570. — Nomeado D. Luiz Fernandes de Vasconcellos (2) para Governador do Brasil, sahio de Lisboa

(1) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Discursos sobre los Commercios de las Indias. — Pedro Barreto de Rezende.

(2) Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 3. Liv. 1. Cap. 27; e Liv. 2. Cap. 5.

a 5 de Junho deste anno com sete navios, e huma caravela, em que levava muitas familias, e Sacerdotes, e outras pessoas que hião estabelecer-se naquelle Paiz. Chegando á Ilha da Madeira, como alli se devesse dilatar, talvez para receber algumas familias, pedio-lhe licença o Capitão do navio S. Tiago (que era mercante) para deixar o Comboi, e seguir viagem á Ilha da Palma, em razão de levar muitos generos para ella, e querer carregar outros; o que D. Luiz lhe concedeo.

Sahio o S. Tiago da Madeira no dia 30, e depois de varios contrastes do tempo, que o obrigou a perder alguns dias, achou-se a 15 de Julho ao amanhecer defronte do Porto da Palma, e á vista de cinco navios de Corsarios da Rochella, de que era Chefe Jaques Soria, Almirante da Rainha de Navarra. Este, com o seu navio grande, bem guarnecido, e artilhado, abordou o S. Tiago, cujo Capitão, e equipagem se defendêrão valorosamente, animados pelas exhortações do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, da Companhia de Jesus, e dos seus quarenta companheiros, que hião para as Missões do Brasil; mas como era tão desigual a contenda, foi o navio entrado, e todos os Religiosos feitos em pedaços, ou arrojados vivos ao mar: tanta era a raiva dos Hugonotes! Depois desta barbara victoria, conduzio Soria para França a sua presa, coberto de vergonha, e de infamia. Parece que a Rainha de Navarra lhe extranhou asperamente esta selvagem deshumanidade.

D. Luiz Fernandes, sabendo na Madeira a desgraça acontecida ao navio S. Tiago, e não a podendo vingar, sahio com outro navio do Comboi para o Brasil; e empenhando-se na Costa de Guiné, soffreo longas calmarias, e lhe adoeceo quasi toda a gente. Por ultimo avistou terra do Brasil ao Norte de Pernambuco, e não podendo dobrar o Cabo de Santo Agostinho, arribou á Ilha de S. Domingos, e o outro navio á de Cuba.

Reparado do modo possivel, tentou D. Luiz Fernandes montar bordejando a Costa do Brasil, o que não pôde conseguir, como era natural, e arribou segunda vez ás Antilhas, d'onde seguio a sua viagem até ver as Ilhas dos Açores. Ancorou na Terceira, e como o seu navio não estava capaz de navegar, afretou hum mercante, e fez-se á véla para o Brasil a 6 de Setembro de 1571.

Chegando á altura das Canarias, foi atacado no dia 12 por quatro navios Francezes sahidos da Rochella, cuja Esquadra commandava João de Cadaville, embarcado no mesmo navio, que fôra de Jaques Soria; e elle não era menos barbaro, do que este. D. Luiz, ainda que não duvidava do resultado de huma acção entre forças tão desiguaes, determinou vender cara a sua vida. As abordagens de Cadaville forão tres vezes rechaçadas, e mesmo depois de entrado o seu navio, fizerão os Portuguezes desesperada resistencia. D. Luiz, atravessado já de huma bala, e com as pernas quebradas de outra, mas sem render-se, acabou de huma lançada. Os Francezes matárão na peleja, ou deitárão dois dias depois ao mar treze Religiosos da Companhia, que hião de passagem para as Missões, como os outros companheiros do Padre Ignacio de Azevedo.

1571. — Tendo ElRei dividido os Estados da India em tres Governos, nomeou para Vice-Rei a D. Antonio de Noronha, cuja authoridade devia comprehender desde o Cabo Guardafui, em que finalizava a de Francisco Barreto, até Ceilão (1); e elegeo Antonio Moniz Barreto para Governador desde Pegú até á China, estabelecendo a sua Capital em Malaca. Nas Memorias da India analysarei este systema, que expunha aquelles ricos Dominios ao perigo mais eminente.

(1) Couto, Decada 9. Capitulos 1. e 11. — Pedro Barreto — Asia, Europa Portugueza. — Discursos sobre los Commercios, &c.

A Esquadra do Vice-Rei era de cinco Náos, indo elle embarcado na Chagas; e os outros Commandantes Antonio Moniz Barreto, na Belem; Ruy Dias Pereira, na Santa Clara; Antonio de Valladares, na Fé; e Francisco Figueira de Azevedo, no Santo Espirito. Embarcárão nesta Esquadra quatro mil soldados, de que a Náo Chagas (em que regressava Diogo de Couto) conduzia novecentos.

A 17 de Março partio de Lisboa o Vice-Rei, e ainda que chegou a Goa com a sua Esquadra a 7 de Setembro, houve tal epidemia em toda ella, que perdeo metade da gente: só na sua propria Náo morrêrão quatrocentos e cincoenta homens; consequencia forçosa de se amontoarem tantos homens em cinco navios, por huma falsa economia.

1572. — A Esquadra da India (1) foi este anno de quatro Náos, commandada por Duarte de Mello, embarcado em a Náo Reis Magos (que se perdeo na tornaviagem); e os outros Commandantes Gaspar Henriques, na Santa Clara; Alvaro Barreto, na Annunciada; e Pedro Leitão, no S. Francisco, que desappareceo á vinda.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 18 de Março, e chegou a Goa em Setembro.

No mez de Setembro deste mesmo anno partio para Moçambique Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha; commandando o Galeão S. Lourenço, carregado de tropa para aquella Praça, aonde chegou a salvamento.

Tinha ElRei aprestado em Lisboa (2) com immensa despeza huma poderosa Esquadra de trinta navios grandes, de que nomeou General ao Infante D. Duarte, dando-lhe por Conselheiros Lourenço Pires de Tavora, e D. Alvaro de Castro. O Duque de Bragança forneceo

(1) Faria, Europa Portugueza. — Pedro Barreto de Rezende. — Discursos sobre los Commercios, &c. — Couto, Decada 10. Cap. 16.

(2) Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 9. Liv. 2. Cap. 13.

para esta expedição seiscentos soldados fardados, e armados á sua custa.

Ignorava-se o motivo de tão grandes preparativos, quando na noite de 13 de Setembro hum temporal de vento Sul destroçou os navios, e deo com quasi todos em terra.

1573. — A Esquadra deste anno (1) foi de quatro Náos, commandada por Francisco de Sousa, embarcado em a Náo Santo Espirito; e os outros Commandantes Antonio Rebello, em S. Gregorio; Quintino de Vasconcellos, na Belem; e Luiz de Alter, em Santa Clara.

Partio a Esquadra de Lisboa a 10 de Abril, e só D. Francisco de Sousa chegou a Cochim nos fins de Outubro; as outras Náos invernárão em Moçambique.

1574. — Commandou este anno (2) a Esquadra da India Ambrosio de Aguiar, embarcado em a Náo Chagas; e os outros Commandantes D. Diogo Rolim, na Fé; Pedro Alvares Corrêa, na Santa Catharina; Diogo Vaz Rodovalho, na Annunciada; e Manoel Pinto, na Santa Barbara.

Sahio de Lisboa a Esquadra a 21 de Março, e entrou em Goa nos fins de Setembro.

1574. — Ardia ElRei em desejos de passar á Africa (3), onde o seu impetuoso valor, que degenerava em temeridade, lhe figurava gloriosas, e importantes Conquistas; mas querendo esconder as suas intenções, por evitar a opposição, que antevia, da Rainha sua Avó, do

(1) Couto, Decada 9. Cap. 14., e Decada 10. Cap. 16. — Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Europa Portugueza.

(2) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Discurso sobre los Commercios de las Indias. — Faria, Europa Portugueza.

(3) Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 3. Liv. 2. Capitulos 26, 27, e 29. — Chronica manuscrita d'ElRei D. Sebastião, por Antonio Vajena, Cap. 9.

Cardeal Infante D. Henrique, e dos mais sabios Conselheiros, nomeou o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, para Governador de Tanger, por Carta Regia de 14 de Julho deste anno, tendo já prompta huma Esquadra de Galeões, e Galés com cem mil e duzentos soldados de Infanteria, e alguma Cavallaria; com a qual sahio de Lisboa o Prior do Crato no dia 19 daquelle mez, e com facil viagem ancorou em Tanger.

ElRei, que se havia retirado a Cintra com pretexto de passar ali os maiores calores, mandou a D. Fernando Alvares de Noronha, General das Galés, que fosse a Cascaes com a Galé Real, e outras duas, de que erão Commandantes Jorge de Albuquerque, e Bernardim Ribeiro, e ali esperasse ordens ulteriores. Assim o cumprio o General, e na noite de 17 de Agosto embarcou ElRei acompanhado de poucas pessoas, e partio para o Algarve, onde reunio a Esquadra de guarda-costa, commandada por Simão da Veiga, composta de hum Galeão, e cinco Caravelas; e de Lagos participou a resolução em que estava de passar a Ceuta, nomeando o Cardeal Infante para governar o Reino, durante a sua ausencia, de que tomou posse a 3 de Setembro.

Expedidas estas, e outras ordens, foi ElRei visitar a Cidade de Tavira, d'onde atravessou para Ceuta, de que era Governador o Marquez de Villa Real, e nesta Praça se demorou até ao fim de Setembro, occupando-se no exercicio da caça, sem que os Mouros, assustados de similhante visita, ousassem apparecer na campanha a perturbar a sua segurança.

O Duque de Bragança, chamado por ElRei, tinha sahido de Lisboa a 18 de Setembro em huma Náo Veneziana, com muitos navios de transporte, nos quaes embarcou seiscentos cavallos e dois mil homens de pé, armados á sua custa, levando comsigo o Galeão S. Martinho, que transportava o Thesouro, e Capella Real, e

muitos Grandes, e Fidalgos, que com summa brevidade se apromptárão para irem servir na Africa a ElRei, o qual descontente de não achar em Ceuta occasião alguma de medir as armas com os Mouros, passou a Tanger com todas as suas tropas, e pouco satisfeito da inacção em que estivera o Prior do Crato, lhe tirou o Governo, e o conferio a D. Duarte de Menezes.

Sahírão finalmente os Mouros ao campo com grande numero de gente, e ElRei marchou em pessoa a recebellos; porêm o combate reduzio-se a huma escaramuça, que acabou com o dia, sem perda consideravel de parte a parte.

Conhecendo agora, ainda que tarde, que não tinha forças para fazer Conquistas naquelle Paiz, sahio de Tanger nos principios de Outubro para Portugal, embarcado no Galeão S. Martinho; e em outros navios, e Galés se accommodárão as Personagens, e pessoas distinctas. Hum rijo Levante, que lhe deo á sahida do Estreito, espalhou toda a Esquadra: o Galeão S. Martinho correo em pôpa até o vento abonançar, e depois veio buscar o Cabo de S. Vicente. Desembarcou ElRei em Sagres, e buscando logo outro perigo, partio em huma Galé com vento Sudoeste, que a pôz no risco mais eminente; e a final entrou em Lisboa a 2 de Novembro (1)

1574. — Ainda que os Portuguezes introduzírão o Christianismo no Reino de Congo (2) desde o tempo d'ElRei D. João II., e continuárão sempre a traficar em todos os Rios, e Portos d'aquella Costa, não tinhão nella Colonia alguma; até que o Rei de Angola, invejoso das vantagens que o de Congo recolhia da commu-

(1) O Padre Amador Rebello, na Vida (manuscrita) deste Principe, conta o caso com alguma differença.

(2) Vede o tomo 3. da Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas. — Anno Historico, tomo 2. pag. 224.

nicação dos Portuguezes, mandou huma Embaixada a ElRei D. Sebastião, pedindo-lhe amizade, e correspondencia mercantil. A Rainha D. Catharina, então Regente, enviou a Angola Paulo Dias de Novaes, neto do celebre Descobridor do Cabo de Boa Esperança, o qual partio de Lisboa no mez de Setembro de 1559, com tres Caravelas armadas, levando instrucções para estabelecer o Commercio, e procurar attrahir aquelle Principe ao Christianismo.

Em Maio do anno seguinte chegou Paulo Dias ao Rio Quanza, e achou fallecido o Rei, com quem hia tratar; e como o seu successor fez grandes protestos de querer concluir a negociação, foi Paulo Dias visitallo á sua Corte, acompanhado de vinte Portuguezes. O Principe o recebeo com gasalhado, posto que o reteve muitos tempos comsigo, a fim de se aproveitar do seu auxilio nas guerras, que sustentava com outros Regulos seus confinantes; e por ultimo o mandou a Portugal a pedir maiores soccorros.

ElRei D. Sebastião, querendo aproveitar-se da boa occasião, que se offerecia para a conversão daquelle Povo barbaro, onde parecia haver já penetrado a Religião Catholica, porque Paulo Dias tinha por aqui, e por ali achado nas mãos dos Negros alguns Missaes, pedras de Ara, e vestimentas Sacerdotaes mui antigas, o nomeou Governador, Conquistador, e Povoador daquelles Paizes.

Com este titulo sahio de Lisboa Paulo Dias a 23 de Outubro de 1574, commandando sete navios, cuja guarnição chegava a setecentos homens, de que erão principaes Officiaes Pedro da Fonceca, seu parente, Luiz Serrão, André Ferreira Pereira, Garcia Mendes de Castello Branco, e Manoel João. Aos tres mezes e meio de viagem descobrio Paulo Dias a terra de Africa, passou avante do Quanza, e correndo a Costa, surgio na Ilha

de Loanda. Aqui foi bem recebido de quarenta Portuguezes, e muitos Negros de Congo, que a habitavão; mas não lhe parecendo o local apropriado para edificar, passou ao Continente visinho, e levantou huma Igreja no monte, em que está hoje o Forte de S. Miguel.

Esta foi a origem da Cidade de S. Paulo de Loanda, nome que o seu fundador lhe deo. No morro chamado de Benguella mandou elle construir outro Forte, que os Negros depois destruírão (1), e se ficou chamando Benguella a Velha.

Paulo Dias sustentou longas, e profiadas guerras com os Regulos do Paiz, e falleceo no anno de 1588, ou no seguinte.

1575. — A Esquadra da India foi este anno de quatro Náos, commandada por D. João de Castello Branco, em a Náo S. Pedro; e os outros Commandantes Antonio Rebello, no S. Gregorio; Fernão Boto Machado, no S. Sebastião; e Alvaro Paes, no S. João (2).

Sahio a Esquadra de Lisboa a 14 de Março, e ancorou em Goa no mez de Setembro.

1576. — Nomeando ElRei (3) para Vice-Rei da India a Lourenço Pires de Tavora, constava a sua Esquadra de quatro Náos, hindo elle embarcado na Chagas; e os outros Commandantes D. Jorge de Menezes Baroche, na Fé; Simão Vaz Tello, no Santo Espirito; e Martim Pereira d' Eça, no S. Luiz.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 7 de Março, e chegando á altura de Moçambique, falleceo o Vice-Rei, que foi sepultado naquella Ilha; e em Setembro ancorárão as quatro Náos em Goa.

(1) A Cidade de S. Filippe de Benguella foi edificada em 1617.

(2) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Pedro Barreto de Rezende. — Discursos sobre los Commercios. — Faria, Asia Portugueza.

(3) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios de las Indias.

No mesmo dia da sahida do Vice-Rei partio de Lisboa para Malaca Mathias de Albuquerque, nomeado Governador d'aquelle Estado, com duas Náos, elle na Santa Catharina; e Balthasar Paçanha, no S. Jorge, que se perdeo á entrada de Moçambique.

Neste anno cedeo Cide Albecherim a ElRei D. Sebastião a Praça de Arzilla, de que foi primeiro Governador Pedro da Silva.

1577. — A Esquadra ordinaria da India (1), composta de quatro Náos, foi este anno commandada por Pantaleão de Sá de Menezes, embarcado em a Náo Boa Viagem; e os outros Commandantes Lourenço Soares de Mello, na Annunciada; Miguel de Carnide, no São João, que se perdeo á vinda no baixo de Pero de Banhos; e Manoel de Medeiros, no S. Pedro.

Sahio esta Esquadra de Lisboa a 27 de Março, e ancorou em Goa no mez de Setembro.

Descontente ElRei de lhe haver o Conde da Atouguia D. Luiz de Ataide recusado o commando do Exercito, que reunia para a jornada de Africa, o nomeou Vice-Rei da India, cargo que elle acceitou; e a 16 de Outubro sahio de Lisboa embarcado em a Náo Santo Antonio, levando mais duas Caravelas, a Trindade commandada por Nuno Vaz Pereira, e a Andorinha por João Alvares Soares. Pobre Esquadra para hum Vice-Rei! Mas a pesar da má estação, tomou Moçambique, onde invernou, e a 20 de Agosto do anno seguinte entrou em Goa.

1578. — A Esquadra da India (2) foi este anno de tres Náos, o Chefe Jorge da Silva, embarcado em a Náo

(1) Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios. — Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 4. Liv. 1. Cap. 21.

(2) Couto, Decada 10. Cap. 16. — Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios de las Indias.

S. Francisco; e os outros dois Commandantes Aleixo da Mota, em S. Gregorio; e Estevão Cavalleiro, na Caranja.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 24 de Março, e chegou a Goa em Setembro.

1578. — Determinado o Rei á jornada de Africa, a pesar dos conselhos dos homens mais sabios, e mais zelosos do bem publico, vendo reunidas em Lisboa as tropas estrangeiras, que tomára a seu soldo, e completas as levas do Reino, resolveo partir quanto antes, impaciente de ver-se em campo com Muley Maluco, Principe Guerreiro, e Politico, a quem esperava conquistar em huma só batalha os vastos Estados, que possuia, habitados de Nações ferozes, inimigas irreconciliaveis do nome Christão (1).

Constava a Armada de oitocentas vélas, entre navios de guerra, e embarcações de transporte de todas as dimensões, porque devendo ser breve a viagem, e a estação favoravel, entrárão na expedição até as lanchas dos Pescadores do mar alto, das quaes fornecêrão oitenta os de Lisboa. Foi nomeado seu General em Chefe D. Diogo de Sousa, levando ás suas ordens, como Officiaes Generaes, a Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello, Manoel de Mello da Cunha, e Manoel de Mesquita, Commandante do Galeão S. Martinho, destinado para ElRei passar para elle no mar; o que não fez. O General das Galés era Diogo Lopes de Siqueira, tendo por seus Officiaes Generaes a Pedro Peixoto da Silva, Commandante da Galé Real, em que ElRei hia embarcado; Antonio de Abreu, Joanne Mendes de Menezes, e Antonio de Mello.

A 14 de Junho foi ElRei á Sé, onde o Arcebispo

(1) Memorias d'ElRei D. Sebastião, tomo 4., em varios lugares. — Chronica manuscrita do mesmo Rei, por Antonio Vajena, Cap. 53.

de Lisboa D. Jorge de Almeida benzeo o Estandarte Real, e d'ali passou a embarcar-se na Galé Real, da qual não sahio mais.

Como o Cardeal Infante D. Henrique se escusou de acceitar a Regencia, nomeou ElRei para Governadores do Reino o Arcebispo D. Jorge de Almeida, Francisco de Sá, D. João Mascarenhas, e Pedro de Alcaçova Carneiro, todos quatro do Conselho de Estado; e para Secretario Miguel de Moura.

No dia 25 sahio a Armada de Lisboa, e a 29 ancorou em Cadix, e se lhe reunírão varias embarcações atrazadas, e outras que conduzião as tropas do Algarve. O Duque de Medina Sidonia obsequiou a ElRei com brilhantes festas, e publicos divertimentos. A 7 de Julho sahio a Armada de Cadix, e avistando Tanger nessa mesma tarde, se adiantou ElRei com as Galés, e dois Galeões, e na manhã seguinte deo fundo naquella Bahia. Achava-se em Tanger o Xarife expulso do Throno por Muley Maluco, com hum filho, e poucos Vassallos, que o seguião. Desembarcou ElRei, e detendo-se tres dias, partio para Arzilla, levando comsigo ao Xarife, e ao Governador D. Duarte de Menezes.

Reunida em Arzilla toda a Armada, mandou ElRei desembarcar as tropas, que se abarracárão fóra da Praça; e aqui declarou a D. Duarte de Menezes por Mestre de Campo General.

Constava o Exercito de pouco mais de vinte mil Infantes, e mil e quinhentos Cavallos. A Infanteria Portugueza, em numero de quasi doze mil homens, dividia-se em quatro Terços, de que erão Coroneis D. Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, e Diogo Lopes de Siqueira. Alêm destes Terços havia outro chamado dos Aventureiros, composto de mil homens escolhidos, e praticos nas guerras do Oriente, commandado por Christovão de Tavora. A Cavallaria, to-

da armada á ligeira, não tinha General particular, por haver ElRei tomado o seu commando. A Infanteria estrangeira formava tres Terços: hum de quatro mil Alemães, de que era Coronel Mr. de Tamberg; outro de tres mil Hespanhoes ás ordens do seu Coronel D. Affonso de Aguilar; e o terceiro de seiscentos Italianos commandado pelo Coronel Inglez Thomaz Stukeley. O Xarife capitaneava quatrocentos Mouros de pé, e duzentos e cincoenta de cavallo. Governavão a Artilheria, composta de trinta peças de campanha, o Balio de Lessa Pedro de Mesquita, e Jeronymo da Cunha. Erão Quarteis-Mestres Filippe Estévio, Italiano, e Nicoláo de Frias, habeis Engenheiros. Este pequeno Exercito hia acompanhado de tantos gastadores, criados, e outra gente inutil, que quasi o igualavão em numero, e só lhe servião de embaraço.

Convocou ElRei por formalidade hum grande Conselho de Guerra, e contra o voto das pessoas mais intelligentes, e zelosas do bem do Estado, determinou marchar por terra a Larache, em cujas visinhanças se achava Muley Maluco com hum Exercito de mais de cem mil homens, a maior parte Cavallaria, e com muita artilheria, para lhe disputar a passagem.

Ordenou ElRei aos Coroneis dos Terços Portuguezes, que escolhendo dois mil homens de cada hum delles, remettessem para bordo dos navios os que restassem; diminuindo assim de perto de quatro mil homens o numero do seu Exercito. Tão cegamente se persuadia que lhe sobejavão as forças para conquistar a Africa! D. Diogo de Sousa teve ordem para se apresentar com toda a Armada defronte de Larache, mas não entrar no Rio até novas ordens, que nunca se lhe expedírão; perdendo-se desta maneira a occasião opportuna de ganhar aquella Praça, verdadeira base de operações do Exercito, e ponto unico para a sua retirada; porque

quando D. Diogo de Sousa ali chegou, ainda ella não tinha guarnição, e podia ser facilmente occupada. O Exercito começou a marchar de Arzilla para Larache a 29 de Julho, quasi sem víveres, e com poucos meios de transporte.

Não entra no plano destas Memorias descrever a funesta batalha de Alcacer Quibir, dada no dia 4 de Agosto, na qual desappareceo D. Sebastião, Monarcha intrepido, e magnanimo, porêm dominado de paixões impetuosas; e o seu Exercito foi desfeito de maneira, que quasi não houve em Portugal familia nobre, que não chorasse hum parente morto, ou cativo.

D. Diogo de Sousa, sabendo da derrota, voltou com a Armada para Lisboa.

Reinado d'ElRei D. Henrique I.

Chegando a Lisboa a infausta noticia da morte de ElRei D. Sebastião, foi acclamado a 28 de Agosto do anno de 1578 seu Tio o Cardeal Infante D. Henrique, cujo Reinado de quasi anno e meio foi só assignalado por criminosas intrigas politicas sobre a successão da Monarchia, as quaes atemorizando o Monarcha enfraquecido pelos annos, e molestias, obstárão a que declarasse por sua successora a Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, Princeza de animo varonil, em quem todos os verdadeiros Portuguezes reconhecião indisputavel direito á Coroa.

Falleceo ElRei em Almeirim a 31 de Janeiro de 1580.

1578. — A 2 de Outubro (1) partírão de Lisboa duas Caravelas com os avisos da morte d'ElRei D. Sebastião. Commandava huma D. Estevão de Menezes, com destino a Goa, aonde chegou em Maio do anno seguinte; e a outra João de Mello, que foi a Malaca.

1579. — A Esquadra da India (2) foi este anno de cinco Náos, commandada por João de Saldanha, embarcado em a Náo Chagas; e os outros Commandantes Diogo Vaz Rodovalho, na Boa Viagem; Pedro de Paiva, em S. Lourenço; Rodrigo Meirelles de Mesquita, na Annunciada; e Estevão Alvo, em S. João.

(1) Faria, Asia Portugueza. — Couto, Decada 10. Cap. 16. — Pedro Barreto.

(2) Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios de las Indias. — Faria, Asia Portugueza.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 4 de Abril, e chegou á India nos principios de Outubro.

Interregno.

Por morte d'ElRei D. Henrique I. ficárão nomeados Governadores do Reino o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, Diogo Lopes de Sousa, e D. João Tello de Menezes, os quaes começárão logo a entender nas coisas do Governo, de que a principal era julgar a quem pertencia a Coroa; objecto mais facil de discutir, que de resolver, tanto pela divergencia de opiniões entre os Governadores, e confusão geral em que se achava Portugal, como pelo armamento formidavel, que por mar, e terra fazia Filippe II. Mas como esta materia pertence exclusivamente á Historia do Reino, me cingirei ás transacções maritimas acontecidas neste Interregno.

1580. — A Esquadra (1), que os Governadores do Reino mandárão este anno á India, constava de quatro Náos, e era commandada por Manoel de Mello da Cunha, no S. Francisco; e os outros Commandantes Gonçalo Coelho Castello, em S. Luiz; Manoel Marques de Mello, em S. Salvador; e João de Betancor, em S. Gregorio.

Partio a Esquadra a 3 de Abril, e arribou a Náo S. Salvador; as outras tres chegárão á India no mez de Setembro.

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Couto, Decada 10 Cap. 16.

Fim da Terceira Memoria.